

Uma obra-prima da fantasia épica. GEORGE R.R. MARTIN

ROBIN HOBB



O ASSASSINO DO BOBO

SAGA ASSASSINO E O BOBO - LIVRO UM





FICHA TÉCNICA



TÍTULO: *O Assassino do Bobo*

AUTORIA: *Robin Hobb*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Saída de Emergência

Título original Fool's Assassin © 2014 Robin Hobb.

Publicado originalmente nos EUA por Del Rey, uma chancela Random House, uma divisão da Random House LLC, uma Penguin Random House Company

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

DESIGN DA CAPA: *Luís Morcela*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: © *Alejandro Colucci*

MAPA E PLANTA: © 2014 by *Nicolette Caven*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Abril, 2020*

ISBN: 978-989-773-247-8

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

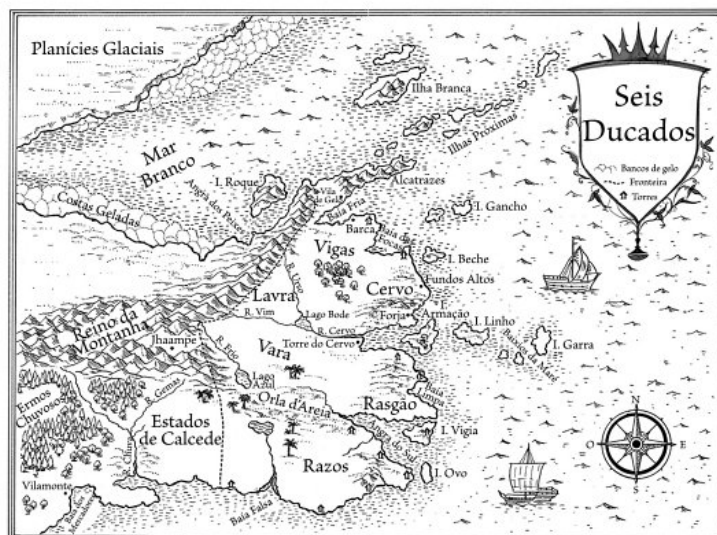
ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

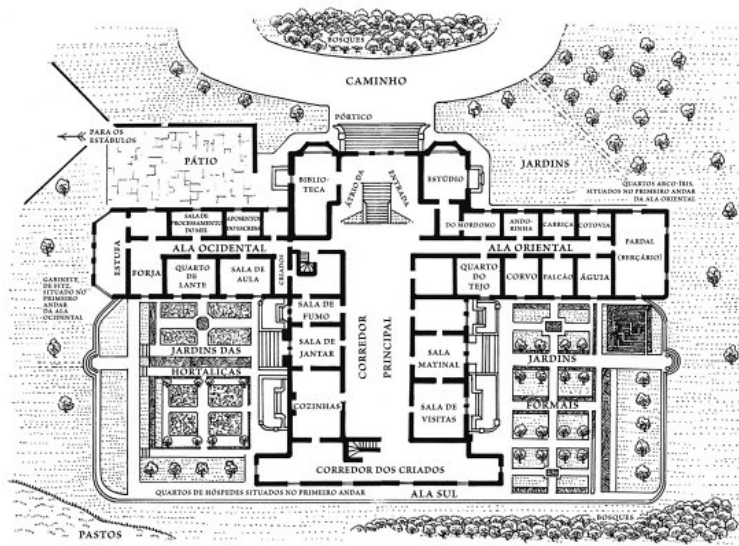
WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

MAPA

MAPA

PRÓLOGO

Minha cara Dama Fenise,

Somos amigas há demasiado tempo para me mostrar discreta. Como tão delicadamente sugeriu, sim, fui informada de novidades dilacerantes. O meu sobrinho, o Príncipe Cavalaria, mostrou-se como o indivíduo tosco que eu sempre soube que era. O seu filho bastardo, gerado duma rameira das Montanhas, foi revelado.

Por mais vergonhoso que isso seja, as coisas poderiam ter sido geridas de uma forma muito mais discreta se o seu irmão, o Príncipe Veracidade, inteligente como um calhau, tivesse agido rápida e decididamente para eliminar a desonra. Em vez disso, anunciou a criança numa mensagem indiscreta dirigida ao meu marido.

Depois, em face deste comportamento ignóbil, o que faz o meu senhor? Ora, não só insiste que o bastardo seja trazido para o Castelo de Torre do Cervo como atribui a Cavalaria o título de Floresta Mirrada e manda-o pastorear para lá acompanhado pela respetiva esposa desajeitada e estéril. Floresta Mirrada! Uma bela propriedade que qualquer um dos meus amigos ficaria feliz por ocupar, e ele recompensa com ela o filho por gerar um bastardo duma plebeia estrangeira! E o Rei Sagaz não vê mau gosto em trazer o dito bastardo aqui para o Castelo de Torre do Cervo, onde qualquer membro da minha corte poderá ver o selvagenzinho da montanha.

E o derradeiro insulto a mim e ao meu filho? Decretou que o Príncipe Veracidade irá agora adotar o título de Rei Expectante e será o príncipe herdeiro do trono. Quando Cavalaria teve a decência de abdicar da sucessão em face da desonra, eu rejubilei em segredo, crendo que Majestoso seria imediatamente reconhecido como o rei seguinte. Embora possa ser mais novo do que ambos os meios-irmãos, ninguém pode contestar que a sua linhagem é mais nobre e que o seu porte é tão senhorial como o nome.

Eu, aqui, sou deveras malbaratada. Tanto como o meu filho

Majestoso. Quando abri mão do meu reino e títulos para ser a rainha de Sagaz, fi-lo crendo que qualquer filho que lhe desse seria visto como alguém de muito melhor linhagem do que os dois rapazes imprudentes que a sua antiga rainha lhe deu, e que reinaria depois de Sagaz. Mas será que ele agora olha para Cavalaria e admite o erro em nomeá-lo herdeiro? Não. Em vez disso, só o põe de parte para elevar o apalermado irmão mais novo a rei expectante. Veracidade. O maljeitoso Veracidade da cara quadrada, dotado de toda a elegância de um boi. É demasiado, minha cara. É demasiado para eu suportar. Abandonaria a corte, se Majestoso não ficasse assim sem nenhum defensor aqui.

Uma missiva da Rainha Desejo à Dama Fenise de Lavra

Eu odiava-a em rapaz. Lembro-me de quando encontrei pela primeira vez aquela missiva, inacabada e nunca enviada. Li-a, confirmando a mim mesmo que a rainha que nunca conhecera formalmente realmente me odiara desde o momento em que soubera da minha existência. Tornei o ódio mútuo. Nunca perguntei a Breu como tinha arranjado aquela carta. Também ele bastardo, meio-irmão do Rei Sagaz, Breu nunca hesitara em agir em prol dos interesses do trono Visionário. Talvez tivesse surripiado a carta de cima da mesa da Rainha Desejo. Talvez o seu plano tivesse sido fazer com que a rainha parecesse desprezar a Dama Fenise por esta não responder à sua carta. Importará, agora? Não sei, pois não sei que efeito o meu antigo mentor obteve com aquele roubo.

Mas às vezes interrogo-me sobre se terá sido por acidente que encontrei e li a carta da Rainha Desejo à Dama Fenise, ou se teria sido uma revelação voluntária por parte de Breu. Nesses tempos ele era meu mentor e ensinava-me as artes do assassino. Breu serviu implacavelmente o seu rei, como assassino, espião e manipulador da corte no Castelo de Torre do Cervo, e ensinou-me a fazer o mesmo. Um bastardo real, disse-me ele, só está seguro numa corte enquanto for útil. Eu, ostensivamente, era um modesto bastardo, ignorado ou injuriado enquanto navegava pelas perigosas correntes da

política no castelo. Mas tanto o Rei Sagaz como eu sabíamos que era protegido pelo ajudante e assassino do rei. Não foram só venenos, manipulação de facas e subterfúgios que ele me ensinou, mas o que é preciso fazer para se sobreviver como bastardo de linhagem régia. Teria tentado avisar-me ou ensinar-me a odiar para poder ser mais firmemente seu? Mesmo estas questões me ocorrem demasiado tarde.

Ao longo dos anos, vi a Rainha Desejo de tantas formas. A princípio, era a horrenda mulher que odiava o meu pai e me odiava ainda mais, a mulher com o poder de arrancar a coroa da cabeça do meu pai e me condenar a uma vida onde até o meu nome era marca de bastardia. Lembro-me de uma época na minha vida em que temia que me visse.

Anos depois de eu chegar a Torre do Cervo, quando o meu pai foi assassinado em Floresta Mirrada, foi dela a mão que mais provavelmente esteve por detrás do crime. E no entanto, nada houve que eu ou Breu pudéssemos fazer, não havia justiça que pudéssemos exigir. Lembro-me de perguntar a mim mesmo se o Rei Sagaz não sabia ou se não se importava. Lembro-me de saber com absoluta certeza que se a Rainha Desejo quisesse a minha morte, podia pedi-la. Até me interroguei, nessa época, sobre se Breu conseguiria proteger-me ou cederia ao dever e deixaria que acontecesse. Que interrogações para uma criança.

Floresta Mirrada era para mim uma ideia, um duro local de banimento e humilhação. Quando era rapaz e vivia em Torre do Cervo, fui informado de que fora para aí que o meu pai partira, para se esconder da vergonha que eu constituía. Abdicara do trono e da coroa; vergara a cabeça perante a dor e a ira da sua mulher legítima, Paciência; pedira desculpa ao rei e à corte pelo seu falhanço de virtude e discernimento; e fugira do bastardo a que dera vida.

Assim, eu imaginava aquele lugar com base nos únicos lugares em que vivera até então, como um castelo fortificado numa colina. Pensara nele como um lugar semelhante à fortaleza de paliçada em Olho de Lua, no Reino da Montanha, ou às íngremes muralhas do Castelo de Torre do Cervo, empoleirado no topo das abruptas e ameaçadoras falésias negras viradas para o mar. Imaginara o meu pai, a matutar sozinho num salão

gélido de pedra, com as paredes cheias de estandartes de batalha e antigas armas. Imaginara campos pedregosos que davam lugar a pântanos cobertos por nevoeiros cinzentos.

Mais tarde haveria de descobrir que Floresta Mirrada era um grandioso solar, uma casa grande e confortável construída num vale largo e generoso. As suas paredes não eram de pedra, mas de carvalho dourado e rico ácer e, embora o chão dos salões fosse lajeado com seixos planos, as paredes tinham painéis de calorosa madeira. A suave luz do sol do vale cultivado entrava nas salas, em grandes faixas, pelas janelas altas e estreitas. O caminho que levava à porta da frente era largo, e graciosas bétulas ladeavam-no. No outono deixavam cair um tapete de ouro sobre a estrada e no inverno, ajoujadas de neve, arqueavam por cima dela, um túnel gelado e branco, intercalado com vislumbres de céu azul.

Floresta Mirrada não era nem fortaleza para banimento, nem exílio, mas um tolerante afastamento pastoril para o meu pai e a sua esposa estéril. Julgo que o meu avô amava tanto o meu pai como a madrasta o odiava. O Rei Sagaz enviara-o para aquela propriedade distante para o manter a salvo.

E quando chegara o meu momento de ir para lá, com a mulher que amava e os seus rapazes cheios de vida e a mulher que sempre quisera ser minha mãe, transformara-se durante algum tempo num refúgio de descanso e paz para nós.

O tempo é um professor pouco gentil, dando-nos lições que aprendemos muito depois de nos poderem ser úteis. Anos depois de eu ter podido beneficiar dela, a compreensão chegou. Agora olho para o “velho” Rei Sagaz do passado e vejo-o como um homem atormentado por uma longa e debilitante doença que lhe roubou o conforto do corpo e a agudeza da mente. Mas, pior, vejo a Rainha Desejo como era: não uma mulher maligna decidida a tornar infeliz a minha pequena vida, mas uma mãe cheia de implacável amor pelo único filho, decidida a que ele nunca fosse desfeitoado de nenhuma forma. Não se deteria perante nada para o colocar num trono.

O que teria eu feito para proteger a minha filhinha? Que ato teria sido

demasiado extremo? Se eu disser “tê-los-ia matado a todos, sem arrependimentos,” transformar-me-á isso num monstro?

Ou só num pai?

Mas é tudo retrospecto. Todas essas lições, aprendidas demasiado tarde. Quando eu ainda era um homem novo, sentia a minha carne como um velhote corcovado, cheio de dores e suspiros. Oh, como tinha pena de mim próprio e justificava todas as decisões insensatas que tinha tomado! E depois, quando chegou a minha altura de ser o ancião sábio da minha casa, vi-me encurralado no corpo de um homem de meia-idade, ainda sujeito a essas paixões e impulsos, ainda a contar com a força do meu braço direito quando teria sido mais sensato se parasse e empregasse os meus poderes de raciocínio.

Lições aprendidas demasiado tarde. Revelações descobertas décadas depois.

E tantas coisas perdidas em resultado disso.

CAPÍTULO 1

FLORESTA MIRRADA

Castro, velho amigo,

Bem, aqui estamos instalados, suponho. Não foi uma época agradável para mim, e nem para ti, se a tua mensagem algo seca esconde tanto quanto eu suspeito que esconde. A casa é imensa, muito maior do que seria necessário para nós dois. É tão teu perguntares pelas nossas montadas antes de inquirires sobre a minha saúde. Vou responder primeiro a essa questão. Fico feliz por te dizer que Seda acolheu a mudança de estábulo com muita calma, como a palafrém bem comportada que sempre foi. Altipo, por contraste, transformou num novo passatempo intimidar o garanhão residente, mas tomámos medidas para nos assegurarmos de que as cocheiras e cercados dos dois estão agora bem separados. Reduzi-lhe a ração e há aqui um jovem palafrenero, chamado, estranhamente, Altomem, que ficou absolutamente em êxtase quando recebeu o meu pedido para levar o cavalo para o exterior e o exercitar duramente pelo menos uma vez por dia. Com um regime destes, tenho a certeza de que depressa se irá acalmar.

A senhora minha esposa. Não perguntaste por ela, mas conheço-te bem, meu amigo. Portanto, dir-te-ei que Paciência tem estado furiosa, magoada, melancólica, histérica e com uma centena de opiniões diferentes sobre a situação. Enfurece-se comigo por lhe ter sido infiel antes de nos conhecermos, e no instante seguinte perdoa-me e culpa-se por não me ter fornecido um herdeiro, dado que “é evidente que o problema é inteiramente meu”. Haveremos de arranjar maneira de ultrapassar isto.

Aprecio que te tenhas encarregado das outras responsabilidades que eu aí tinha. O meu irmão falou-me o suficiente do temperamento de quem tens a cargo para eu vos enviar solidariedade a ambos e os mais profundos agradecimentos. Com quem mais poderia contar,

numa altura como esta, para um favor tão extremo?

Confio que compreendas por que motivo me mantenho discreto a este respeito. Dá por mim a Raposa uma festa, um abraço e um grande osso. Confio dever tanto à vigilância dela como à tua. A minha esposa está a chamar-me dos corredores. Tenho de acabar e enviar isto. O meu irmão poderá ter alguma mensagem minha para ti da próxima vez que os vossos caminhos se cruzarem.

Carta não assinada de Cavalaria para
o palafrenero-mor Castro

Neve fresca empoleirava-se em ameias brancas, nos troncos nus de bétula negra que ladeavam a estrada. Branco reluzia em fundo preto, como o fato invernal de um bobo. A neve caía em aglomerados soltos de flocos, acrescentando uma nova camada ao branco reluzente da neve acumulada no pátio. Suavizava as arestas duras de rastos frescos de rodas no caminho, apagando as pegadas dos rapazes na neve e alisando os caminhos rasgados, transformando-os em meras sugestões de si próprios. Enquanto eu observava, outra carruagem chegou, puxada por uma parelha de cavalos cinzentos e pintalgados. Os ombros do condutor, cobertos por um manto vermelho, estavam salpicados de neve. Um pajem vestido de verde e amarelo saiu a correr dos degraus de Floresta Mirrada para abrir a porta da carruagem e fazer gestos de boas-vindas aos nossos convidados. De onde eu estava, não consegui perceber quem eram, só que os trajes sugeriam mercadores de Mirra em vez dos pequenos nobres de uma das propriedades vizinhas. Quando saíram da minha vista e o condutor levou a carruagem para os estábulos, ergui o olhar para o céu vespertino. Vinha aí mais, de certeza. Suspeitei que nevaria a noite inteira. Bem, era adequado. Deixei a cortina cair e virei-me quando Moli entrou no nosso quarto.

“Fitz! Ainda não estás pronto?”

Baixei o olhar para mim.

“Julguei que estava...”

A minha mulher fez estalar a língua. “Oh, Fitz. É o Festival de Inverno.

Os salões estão engrinaldados com folhagem, Paciência disse a Tempero para criar um banquete que provavelmente vai sustentar toda a casa durante três dias, todos os três conjuntos de menestréis que convidou estão a afinar os instrumentos e metade dos convidados já chegou. Devias estar lá em baixo a cumprimentá-los enquanto vão entrando. E ainda nem sequer estás vestido.”

Pensei em perguntar-lhe o que havia de errado com o que tinha vestido, mas ela já estava a esgravatar na arca da minha roupa, erguendo trajés, avaliando-os e pondo-os de parte. Esperei. “Isto,” disse, puxando uma camisa de linho branco com fitas de renda ao longo das mangas. “E este justilho por cima. Toda a gente sabe que usar verde no Festival de Inverno dá sorte. Com o teu fio de prata para combinar com os botões. Estas bragas. Estão fora de moda o suficiente para te fazer parecer um velho, mas pelo menos não estão tão deformadas como as que tens vestidas. Não sou insensata ao ponto de te pedir para usares as calças novas.”

“Eu *sou* um velho. Aos quarenta e sete anos, decerto que me é permitido vestir-me como me apeteça.”

Ela baixou as sobancelhas e dirigiu-me um olhar de fúria fingida. Pôs as mãos nas ancas. “Está a chamar-me velha, cavalheiro? É que julgo recordar que sou três anos mais velha.”

Emendei apressadamente as minhas palavras. “Claro que não!” Mas não consegui resistir a resmungar. “Mas não faço a mínima ideia do motivo por que toda a gente quer vestir-se como se pertencesse à nobreza jamailiana. O tecido daquelas calças é tão fino que o mais pequeno espinheiro o rasgaria, e...”

Ela ergueu o olhar para mim com um suspiro exasperado. “Sim. Já ouvi essa tua conversa cem vezes. Vamos ignorar que há poucos espinheiros dentro de Floresta Mirrada, sim? Bom. Leva estas bragas limpas. As que tens vestidas são uma vergonha; não as tinhas vestidas ontem quando ajudaste a tratar o cavalo que tinha o casco rachado? E calça estes sapatos de casa, não essas botas gastas. Espera-se que dances, sabias?”

Ergueu-se da escavação na arca das minhas roupas. Cedendo ao inevitável, eu já tinha começado a livrar-me de peças de vestuário.

Enquanto puxava a camisa pela cabeça, o meu olhar encontrou o dela. Estava a sorrir de uma forma que eu bem conhecia e, enquanto lhe examinava a coroa de azevinho, a cascata de renda na blusa e o manto bordado em cores alegres, encontrei um sorriso para responder ao dela. O seu sorriso dilatou-se ao mesmo tempo que se afastava um passo de mim. “Vá lá, Fitz. Temos convidados lá em baixo à nossa espera.”

“Já esperaram todo este tempo, podem esperar um pouco mais. A nossa filha pode cuidar deles.”

Avancei um passo. Ela recuou para a porta e pousou a mão na maçaneta enquanto abanava a cabeça fazendo os caracóis negros dançar sobre a testa e os ombros. Baixou a cabeça e ergueu o olhar para mim por entre as pestanas, e de súbito voltou a parecer-me uma rapariguinha. Uma selvagem rapariguinha da Cidade de Torre do Cervo, para ser perseguida ao longo de uma praia arenosa. Lembrar-se-ia? Talvez, pois capturou o lábio inferior entre os dentes e eu vi a sua determinação a quase enfraquecer. Mas depois: “Não. Os nossos convidados não podem esperar e, embora Urtiga lhes possa dar as boas-vindas, uma saudação da filha da casa não é igual a um cumprimento vindo de ti ou de mim. O Enigma pode estar junto dela na condição de nosso mordomo e ajudá-la, mas até que o rei dê autorização para eles se casarem não os devíamos apresentar como um casal. Portanto quem deve recebê-los somos tu e eu. Porque esta noite não vou contentar-me com ‘um bocado’ do teu tempo. Espero de ti um esforço maior do que esse.”

“A sério?”, desafiei-a. Dei dois rápidos passos na sua direção mas, com um guinchinho de menina, ela saiu porta fora. Enquanto quase a fechava, acrescentou pela abertura: “Despacha-te! Sabes como as festas de Paciência podem sair depressa do controlo. Eu deixei a Urtiga encarregada das coisas, mas sabes como é, o Enigma é quase tão mau como Paciência.” Uma pausa. “E nem te atrevas a atrasar-te deixando-me sem par para dançar!”

Fechou a porta no preciso momento em que eu a alcançava. Parei e depois, com um pequeno suspiro, regresssei para junto das bragas limpas e dos sapatos moles. Ela contaria que eu dançasse, e eu faria o meu melhor. Sabia que Enigma era capaz de se divertir em qualquer espécie de

festividade em Floresta Mirrada, com um abandono que o tornava muito diferente do tipo reservado que mostrava ser em Torre do Cervo e talvez não fosse exatamente correto para um homem que, ostensivamente, não passava do antigo mordomo da nossa casa. Dei por mim a sorrir. Quando ele liderava, por vezes Urtiga seguia-o, mostrando um lado alegre de si que também ela raramente revelava na corte do rei. Cadinho e Justo, os únicos dos seis filhos crescidos de Moli que ainda estavam em casa, precisariam de muito pouco encorajamento para se lhes juntarem. Como Paciência convidara metade de Mirra e muito mais músicos do que os que podiam atuar numa só noite, eu esperava que a festança do nosso Festival de Inverno durasse pelo menos três dias.

Com certa relutância, despi as bragas e vesti as calças. Eram de um verde escuro quase negro, de linho fino, e quase tão volumosas como uma saia. Eram presas à cintura com fitas. Uma faixa larga de seda completava o ridículo traje. Disse a mim próprio que ao usar aquilo agradaria a Moli. Suspeitei que Enigma teria sido atormentado até usar um traje semelhante. Voltei a suspirar, perguntando a mim próprio por que motivo teríamos nós de imitar as modas jamailianas, e depois resignei-me a fazê-lo. Acabei de me vestir, dominei o cabelo num rabo de cavalo de guerreiro e saí do nosso quarto. Fiz uma pausa no topo da grandiosa escadaria de carvalho; o ruído dos divertimentos subia até mim. Inspirei como se estivesse prestes a mergulhar em água funda. Nada tinha a temer, nenhuma razão havia para hesitar, e no entanto os hábitos entranhados da minha distante juventude ainda puxavam por mim. Eu tinha todo o direito de descer aquela escada, de deambular por entre as pessoas contentes que estavam lá em baixo na condição de senhor da casa e marido da dama que a possuía. Agora era conhecido como Depositário Tomé Texugo, de nascimento plebeu, talvez, mas elevado ao lado da Dama Moli ao estatuto de pequeno nobre. O bastardo FitzCavalaria Visionário — neto, sobrinho e primo de reis — tinha sido sepultado quarenta anos antes. Para as pessoas que estavam lá em baixo, eu era o Depositário Tomé e o financiador do banquete de que queriam desfrutar.

Mesmo se estivesse a usar umas tolas calças jamailianas.

Fiquei mais um momento parado, à escuta. Conseguia ouvir dois grupos diferentes de menestréis a competir para afinar os instrumentos. A gargalhada de Enigma ressoou de súbito, límpida e sonora, fazendo-me sorrir. O zumbido das vozes que vinha do Grande Salão aumentou de volume e depois voltou a diminuir. Um conjunto de menestréis ganhou ascendência, pois um vivo ritmo de tambor intrometeu-se de súbito entre as vozes para dominar tudo. As danças começariam em breve. Eu estava realmente atrasado e era melhor descer. Mas havia uma doçura em estar parado ali, acima de tudo, a imaginar os rápidos pés e olhos cintilantes de Urtiga enquanto Enigma a guiava pelos passos da dança. Oh, e Moli! Ela devia estar à minha espera! Com os anos, eu acabara por me tornar um dançarino razoável, por ela, e Moli adorava que assim fosse. Não me perdoaria facilmente se a deixasse desamparada.

Apressei-me a descer os degraus de carvalho polido, aos dois de cada vez, cheguei ao vestíbulo do salão e aí fui subitamente emboscado por Pândego. O nosso novo e jovem mordomo estava realmente com um ótimo aspeto, de camisa branca, casaco preto e calças pretas, à moda jamailiana. Os sapatos de casa verdes impressionavam, e o mesmo fazia o lenço amarelo que trazia ao pescoço. Verde e amarelo eram as cores de Floresta Mirrada, e suspeitei que aqueles aprestos teriam sido ideia de Paciência. Não deixei que o sorriso me encurvasse a boca, mas acho que ele mo leu nos olhos. Endireitou-se ainda mais e baixou o olhar para mim enquanto me informava num tom sóbrio: “Senhor, há menestréis à porta.”

Deitei-lhe um olhar confundido. “Bem, deixa-os entrar, homem. É o Festival de Inverno.”

Ele ficou parado, com os lábios contraídos em desaprovação. “Senhor, não me parece que tenham sido convidados.”

“É o Festival de Inverno,” repeti, começando a ficar aborrecido. Moli não ficaria contente por ser deixada à espera. “Paciência convida todos os menestréis, bonecreiros, malabaristas, remendões e ferreiros que encontra para virem passar uns tempos connosco. Provavelmente convidou-os há meses e esqueceu-se por completo.”

Não julgava que as costas dele pudessem ficar mais hirtas, mas ficaram.

“Senhor, eles estavam à porta dos estábulos, a tentar espreitar lá para dentro por uma fenda entre as tábuas. Altomem ouviu os cães ladrar, foi ver o que se passava e encontrou-os. Foi nessa altura que disseram que eram menestréis, convidados para o Festival de Inverno.”

“E?”

Ele inspirou rapidamente. “Senhor, não me parece que sejam menestréis. Não têm instrumentos. E, apesar de um ter dito que eram menestréis, outro disse que não, que eram malabaristas. Mas quando Altomem disse que não os podia levar até à porta da frente, eles disseram que não tinha de o fazer, que só queriam suplicar abrigo para a noite e os estábulos seriam ótimos.” Abanou a cabeça. “Altomem falou-me em privado quando os trouxe. Acha que eles não são nada do que dizem ser. E eu também acho.”

Deitei-lhe um olhar. Pândego cruzou os braços. Não me olhou nos olhos, mas a boca mostrava obstinação. Encontrei um pouco de paciência para ele. Era jovem e bastante novo no pessoal. Cravite Mansuaves, o nosso antigo mordomo, morrera no ano anterior. Enigma encarregara-se de muitos dos deveres do velho, mas insistira que Floresta Mirrada precisava de mandar educar um novo mordomo. Eu respondera descontraidamente que não tinha tempo para ir à procura de um mordomo e três dias depois Enigma trouxera-nos Pândego. Disse a mim mesmo que, dois meses passados, Pândego ainda estava a aprender onde era o seu lugar e pensei que talvez Enigma o tivesse enchido com demasiada cautela. Enigma era, afinal de contas, um homem de Breu, introduzido no pessoal da nossa casa para me proteger e provavelmente espiar. Apesar da sua atual alegria e devoção pela minha filha, era um homem impregnado de cautelas. Se o deixassem fazer o que queria, teria um contingente de guardas em Floresta Mirrada capaz de rivalizar com os Homens da Rainha. Puxei as rédeas à minha mente, fazendo-a regressar à questão presente.

“Pândego, aprecio o teu cuidado. Mas estamos no Festival de Inverno. E, quer eles sejam menestréis quer sejam mendigos ambulantes, a nossa porta não deve fechar-se a nenhum homem num dia de festa como este ou numa noite tão nevada. Enquanto houver espaço na casa, eles não precisam de dormir nos estábulos. Trá-los para dentro. Tenho a certeza de que tudo vai

ficar bem.”

“Senhor.” Ele não estava a concordar, mas estava a obedecer. Reprimi um suspiro. Por agora, serviria. Virei-me para me ir juntar à multidão no Grande Salão.

“Senhor?”

Voltei a virar-me para ele. A minha voz soou severa quando lhe perguntei: “Há mais alguma coisa, Pândego? Alguma coisa urgente?” Já ouvia as notas hesitantes de músicos a pôr os instrumentos em harmonia, e depois a música subitamente desabrochou. Tinha perdido o início da primeira dança. Fiz ranger os dentes ao pensar em Moli sozinha, a ver os dançarinos a rodopiar.

Vi os dentes dele prenderem-se por um instante no lábio inferior. “Senhor, quem trouxe a mensagem ainda está à vossa espera no gabinete.”

“Mensagem?”

Pândego soltou um suspiro atormentado. “Há horas, mandei um dos vossos pajens temporários à vossa procura com um recado. Ele disse que vo-lo gritou pela porta dos banhos. Tenho de vos informar, senhor, que é isto que acontece quando usamos rapazes e raparigas não educados como pajens. Devíamos ter alguns aqui em permanência, nem que fosse para os educar para futuras necessidades.”

Perante a minha expressão fatigada, Pândego pigarreou e mudou de tática. “Peço perdão, senhor. Devia tê-lo mandado de volta para confirmar que o tínheis ouvido.”

“Não ouvi. Pândego, importas-te de tratar disso por mim?” Dei um passo hesitante na direção do salão. A música estava a aumentar de volume.

Pândego deu um minúsculo abanão à cabeça. “Lamento imenso, senhor. Mas quem trouxe a mensagem diz que ela é especificamente para vós. Já perguntei por duas vezes se podia ajudar, e ofereci-me para escrever a mensagem para vo-la levar.” Abanou a cabeça. “Quem a trouxe insiste que só vós podeis receber as palavras.”

Nessa altura adivinhei de que mensagem se tratava. O Depositário Barito andava a tentar levar-me a concordar com a ideia de ele pôr parte dos seus rebanhos a pastar com as nossas ovelhas. O nosso pastor insistia

categoricamente que assim os animais seriam demasiados para o nosso pasto de inverno. Eu tencionava dar ouvidos ao pastor Lino, mesmo estando Barito agora disposto a oferecer-me uma quantidade decente de dinheiro. O Festival de Inverno não era altura para tratar de negócios. Aquilo ia esperar. “Está bem, Pândego. E não sejas demasiado severo com os nossos pajens. Tens razão. Devíamos ter um ou dois no pessoal. Mas a maior parte, quando crescer, vai trabalhar nos pomares ou seguir os ofícios das mães. É raro precisarmos deles aqui em Mirra.” Não queria pensar naquilo naquele momento. Moli estava à espera. Respirei fundo e tomei a minha decisão. “Por maior que seja a falta de consideração que mostro ao deixar um mensageiro à espera durante tanto tempo, a má educação seria muito maior se deixasse a minha senhora sem par durante não só a primeira dança, mas a segunda. Por favor, transmite as minhas desculpas ao mensageiro pelo meu infeliz atraso e assegura-te de que está confortável e tem comida e bebida. Diz-lhe que eu irei ao gabinete imediatamente a seguir à segunda dança.” Não tinha qualquer desejo de o fazer. As festividades chamavam-me naquela noite. Ocorreu-me uma ideia melhor. “Não! Convida-o para vir para a festa. Diz-lhe para ele se divertir e que nós conversamos amanhã antes do meio-dia.” Não conseguia imaginar nada, na minha vida, que pudesse ser tão urgente que exigisse a minha atenção naquela noite.

“Ela, senhor.”

“Como?”

“É uma ela. A mensageira é uma rapariga, senhor. Dificilmente lhe podemos chamar mulher, pelo aspeto. Claro que já lhe ofereci comida e bebida. Não negligenciaria dessa forma alguém que venha bater-nos à porta. Muito menos alguém que parece ter percorrido um caminho longo e cansativo.”

A música estava a tocar e Moli estava à espera. Era melhor ser a mensageira a esperar do que Moli. “Então oferece-lhe um quarto e pergunta se gostaria que lhe preparemos um banho quente ou uma refeição calma antes de nos encontrarmos amanhã. Faz os possíveis por assegurar-te de que está confortável, Pândego, e eu amanhã dou-lhe todo o tempo que ela desejar.”

“Fá-lo-ei, senhor.”

Ele virou-se para regressar para o átrio e eu apressei-me a seguir para o Grande Salão de Floresta Mirrada. As duas grandes portas estavam abertas, as tábuas de carvalho dourado reluziam com a luz de lareiras e de velas. Música e o som de pés dançantes derramavam-se pelo corredor, refletindo-se nos painéis de madeira, mas, quando me aproximei, os músicos tocaram o último refrão e, com um grito, a primeira dança terminou. Revirei os olhos perante o meu azar.

No entanto, ao entrar no salão, enfrentando a vaga de aplausos aos menestréis, vi que o parceiro de dança de Moli estava a fazer-lhe uma vénia solene. O meu enteado salvara a mãe e levava-a para a pista. O jovem Cadinho passara o último ano a crescer como uma erva daninha. Tinha uma beleza sombria como a do pai, Castro, mas a testa e a boca sorridente eram de Moli. Aos dezassete anos podia mirar de cima o cocuruto da mãe. Tinha as bochechas coradas da dança viva e Moli não parecia ter-me sentido a falta nem um bocadinho. Ao erguer o olhar, quando os seus olhos encontraram os meus do outro lado do salão, sorriu. Abençoei Cadinho e decidi arranjar alguma forma substancial de lhe transmitir os meus agradecimentos. Do outro lado da sala, o irmão mais velho, Justo, estava encostado à lareira. Urtiga e Enigma encontravam-se por perto; as bochechas de Urtiga estavam rosadas e eu percebi que Justo arrelia a irmã mais velha e que Enigma também participava.

Abri caminho pela sala fora até Moli, parando frequentemente para fazer vénias e corresponder aos cumprimentos dos muitos convidados que me saudaram. Estavam ali refletidos todos os estatutos e modos de vida. Os proprietários e os pequenos nobres da região encontravam-se presentes, finalmente vestidos de rendas e calças de linho; o Latoeiro João e a costureira da aldeia e um produtor de queijos da zona também lá se encontravam. Os seus trajes festivos podiam ser um pouco mais datados, e alguns estavam muito gastos, mas tinham sido escovados para a ocasião e as brilhantes coroas e guirlandas de azevinho que muitos usavam tinham sido colhidas de fresco. Moli acendera as suas melhores velas aromáticas e as fragrâncias a lavanda e madressilva enchiam o ar enquanto as chamas

dançarinas pintavam as paredes de ouro e mel. Grandiosos fogos ardiam em todas as quatro lareiras, com carnes no espeto vigiadas por rapazes da aldeia, de caras vermelhas, contratados para a ocasião. Várias criadas estavam ocupadas com o barril de cerveja ao canto, empilhando canecas nas bandejas que ofereciam aos dançarinos esbaforidos quando a música fazia uma pausa.

Numa das pontas da sala, mesas estavam carregadas de pães, maçãs, pratos de passas e frutos secos, bolos e pastéis, bandejas de carne e peixe fumados e muitos outros pratos que não reconheci. Fatias de carne assada no espeto, acabadas de cortar e a pingar de gordura, forneciam tudo o que qualquer homem poderia pedir, e acrescentavam a sua rica fragrância ao ar festivo. Bancos estavam cheios de convidados que já se refastelavam com a comida e a bebida, pois também havia cerveja e vinho com fartura.

Na outra ponta da sala, os primeiros menestrelis estavam a ceder o palco ao segundo grupo. Tinha sido espalhada areia pelo chão para os dançarinos. Não havia dúvida de que esta fora varrida de modo a formar elegantes padrões quando os convidados começaram a chegar, mas agora mostrava os atarefados passos dos foliões. Cheguei junto de Moli mesmo na altura em que os músicos soltavam as notas de abertura. Aquela música era tão serena como a primeira fora alegre, portanto quando Moli me pegou na mão e me levou para a pista de dança, eu consegui manter a posse de ambas as mãos dela e ouvir a sua voz por entre a melodia. “Estás com um aspeto muito fino hoje, Depositário Texugo.” E pôs-me a par dos outros homens.

Eu fiz uma vénia solene por cima das nossas mãos unidas. “Se estás satisfeita, eu estou contente,” respondi. Ignorei o esvoaçar do tecido em volta das barrigas das minhas pernas enquanto girávamos, nos separávamos brevemente e voltávamos a dar as mãos. Captei um vislumbre de Enigma e Urtiga. Sim, Enigma estava a usar o mesmo tipo de calças esvoaçantes, azuis, e segurava a minha filha não pelas pontas dos dedos, mas pelas mãos. Urtiga estava a sorrir. Quando deitei um olhar a Moli, ela também sorria. Reparara na direção que o meu olhar seguira.

“Alguma vez fomos assim tão novos?”, perguntou-me.

Abanei a cabeça. “Penso que não,” disse. “A vida era mais dura para nós

quando éramos daquela idade.”

Vi-a deitar os pensamentos para trás ao longo dos anos. “Quando eu era da idade da Urtiga, já era mãe de três filhos e estava grávida do quarto. E tu estavas...” Deixou o pensamento no ar e eu não falei. Eu estava a viver numa pequena cabana perto de Forja com o meu lobo. Teria sido esse o ano em que acolhera Zar? O órfão ficara contente por ter uma casa e *Olhos-de-Noite* ficara contente por ter companhia mais alegre. Eu nessa altura julgara-me resignado a perdê-la para Castro. Havia dezanove longos anos. Afastei a longa sombra daqueles tempos. Aproximei-me mais, pus-lhe as mãos na cintura e levantei-a no ar enquanto girávamos. Ela pôs-me as mãos nos ombros, de boca aberta em surpresa e deleite. À nossa volta, os outros dançarinos ficaram brevemente a fitar-nos de boca aberta. Quando a voltei a pôr no chão, observei: “E é por isso que devíamos ser novos agora.”

“Tu, talvez.” A cara dela estava rosada, e pareceu um pouco esbaforida enquanto dávamos mais uma volta e nos virávamos, separávamos e voltávamos a juntar-nos. Ou quase voltávamos a juntar-nos. Não, eu devia ter-me virado mais uma vez e depois... tinha-me confundido por completo, precisamente na altura em que me sentia muito orgulhoso de me ter lembrado de todos os passos da última vez que tínhamos dançado aquilo. Os outros dançarinos evitavam-me, separando-se para passar por onde eu estava especado como se fosse uma obstinada pedra num riacho. Girei em círculo, à procura de Moli, e fui descobri-la atrás de mim, com as mãos erguidas numa tentativa infrutífera de conter o riso. Estendi as mãos para ela, tencionando voltar a inserir-nos na dança, mas ela pegou-me em ambas as mãos e puxou-me para longe da pista, sem fôlego de tanto rir. Revirei os olhos e tentei pedir desculpa, mas, “Não há problema, querido. Um pouco de repouso e qualquer coisa para beber vão ser bem-vindos. O Cadinho cansou-me há bocado com as suas cabriolas. Tenho de me sentar.” Susteve de súbito a respiração e cambaleou de encontro a mim. A testa reluzia de transpiração. Levou a mão à nuca e esfregou-a, como que para aliviar um espasmo.

“E eu também,” menti. Ela corou, fez-me um débil sorriso enquanto comprimia o peito com uma mão, como que para acalmar um coração aos

saltos. Eu devolvi-lhe o sorriso e levei-a para a sua cadeira ao lado da lareira. Mal a sentara, um pajem apareceu-me junto do cotovelo, oferecendo-se para lhe trazer vinho. Ela aceitou com a cabeça e ele desapareceu a correr.

“O que era aquilo que estava cosido à volta do barrete dele?”, perguntei num tom distraído.

“Penas. E madeixas de pelo das caudas de cavalos.” Continuava sem fôlego.

Olhei para ela de soslaio.

“Foi o capricho de Paciência este ano. Todos os rapazes que contratou em Mirra para atuarem como pajens durante a festa estão assim vestidos. Penas para pedir a todas as nossas dificuldades para levantarem voo e fios de cauda de cavalo, que é o que vamos mostrar aos nossos problemas ao fugirmos deles.”

“Eu... entendo.” A minha segunda mentira naquela noite.

“Bom, ainda bem que sim, porque eu certamente não entendo. Mas há qualquer coisa em todos os Festivais de Inverno, não há? Lembras-te do ano em que Paciência distribuiu varas verdes a todos os homens solteiros que vieram ao festival? Com um comprimento baseado na avaliação que fez da masculinidade de cada um?”

Reprimi a gargalhada que ameaçou escapar. “Lembro. Aparentemente, achou que as jovens damas precisavam de uma indicação clara sobre que homens dariam melhores parceiros.”

Moli ergueu as sobrancelhas. “E talvez precisassem. Houve seis casamentos no Festival de Primavera nesse ano.”

A minha mulher observou a sala em volta. Paciência, a minha madrastra, trazia um grandioso e antigo vestido de veludo azul-claro debruado de renda preta nos punhos e na gola. Os seus longos cabelos grisalhos tinham sido entrançados e presos à cabeça para formar uma grinalda. Tinha no cabelo um único botão de azevinho e várias dúzias de penas de um azul vivo espetavam-se em todas as direções. Um leque pendia de uma pulseira que levava ao pulso; era azul para combinar com o vestido e tinha penas, e também estava debruada de renda negra engomada. Paciência parecia-me

ao mesmo tempo adorável e excêntrica, como sempre parecera. Estava a sacudir um dedo à frente do filho mais novo de Moli, avisando-o sobre alguma coisa. Cadinho erguia-se muito direito, baixando um olhar solene para ela, mas os seus dedos entrelaçados não paravam quietos atrás das costas. O irmão, Justo, estava a alguma distância, a esconder o sorriso e à espera que ela o libertasse. Apiedei-me de ambos. Paciência parecia pensar que eles ainda tinham dez e doze anos, apesar de se erguerem como erguiam acima dela. Justo estava prestes a fazer vinte anos e Cadinho era o filho mais novo de Moli, com dezassete. Contudo, ali se mantinha como um rapaz repreendido e aceitava com tolerância a censura de Paciência.

“Quero informar a Dama Paciência de que chegaram mais dos seus menestréis. Espero que este seja o último grupo. Se chegarem mais, suspeito que acabarão à pancada para decidir quem atua e durante quanto tempo.” Todos os menestréis convidados a atuar em Floresta Mirrada tinham asseguradas refeições, um sítio quente para dormir e uma pequena bolsa pelo trabalho. O resto das recompensas era obtido junto dos convidados e era frequente os músicos que atuavam mais colherem os maiores lucros. Três conjuntos de músicos eram mais que os suficientes para um Festival de Inverno na nossa propriedade. Quatro seriam um desafio.

Moli concordou com a cabeça. Levou as mãos às bochechas rosadas. “Acho que vou ficar só aqui sentada mais algum tempo. Oh, ali está o moço com o meu vinho!”

Houve uma pausa na música e eu aproveitei a oportunidade para atravessar depressa a pista de dança. Paciência viu-me a aproximar-me e primeiro sorriu e logo depois franziu-me o sobrolho. Quando cheguei junto dela, já esquecera por completo Cadinho e ele escapara com o irmão. Ela fechou o leque com um movimento rápido, apontou-o a mim e perguntou-me com ar acusador: “O que aconteceu às tuas bragas? Essas saias esvoaçam em volta das tuas pernas como um navio com velas rasgadas pela tempestade!”

Eu baixei os olhos para as calças e ergui-os para ela. “É a nova moda de Jamaília.” Quando a desaprovação dela se aprofundou, acrescentei: “Foi a

Moli que as escolheu.”

A Dama Paciência fitou as calças como se eu tivesse uma ninhada de gatinhos lá escondida. Depois levantou os olhos para os meus, sorriu e disse: “Uma cor encantadora. E tenho a certeza de que ela está contente por as estares a usar.”

“Está.”

Paciência ergueu a mão, eu estendi o braço, ela pôs-me a mão no antebraço e demos início a uma lenta perambulação pelo Grande Salão. As pessoas abriam-lhe alas, fazendo vénias e cortesias. A Dama Paciência, pois era isso que ela era naquela noite, inclinava gravemente a cabeça ou cumprimentava ou abraçava calorosamente, consoante os méritos de cada pessoa. Eu contentei-me com ser simplesmente a sua escolta, vê-la divertir-se, e procurar manter cara séria perante os seus apartes murmurados sobre o hálito de Dom Durdém ou a pena que sentia pela rapidez com que o Latoeiro Dane estava a perder o cabelo. Alguns dos convidados mais velhos lembravam-se de quando ela não era apenas a senhora de Floresta Mirrada, mas a esposa do Príncipe Cavalaria. Sob muitos aspetos, ela ainda reinava ali, pois Urtiga passava uma boa porção do seu tempo no Castelo de Torre do Cervo como Mestra do Talento do Rei Respeitador, e Moli contentava-se em deixar Paciência levar a sua avante na maior parte dos casos.

“Há alturas na vida de uma mulher em que só a companhia de outras mulheres pode ser suficiente,” explicara-me Paciência quando se mudara sumariamente para junto de nós em Floresta Mirrada, cinco anos antes. “As raparigas precisam de uma mulher mais velha em casa na altura em que se tornam mulheres, para lhes explicar essas mudanças. E quando a outra mudança chega cedo às mulheres, especialmente a mulheres que esperavam dar à luz mais filhos, é bom ter a orientação de uma mulher que também tenha conhecido essa desilusão. Os homens, pura e simplesmente, não são úteis nessa altura.” E, embora eu tivesse sentido alguma ansiedade com o plano, quando Paciência chegara, com a sua bagagem cheia de animais, sementes e plantas, demonstrara a sabedoria das suas palavras. Eu sabia que era raro duas mulheres coexistirem tão harmoniosamente sob o mesmo teto e abençoei a minha sorte.

Quando chegámos à sua cadeira favorita junto à lareira, depusitei-a lá, fui-lhe buscar um copo de sidra temperada e depois confidenciei-lhe: “Os últimos dos vossos músicos chegaram quando eu vinha a descer a escada. Ainda não os vi entrar, mas achei que quereríeis saber que eles estão cá.”

Ela levantou as sobrancelhas na minha direção e depois virou-se para examinar o outro lado da sala. O terceiro conjunto de músicos estava a avançar para ocupar o estrado que aí se encontrava. Ela voltou a olhar para mim. “Não, estão todos cá. Tive o maior cuidado na minha seleção este ano. Para o Festival de Inverno, pensei eu com os meus botões, temos de ter gente de temperamento quente para manter o frio afastado. Por isso, se olhares bem, há um ruivo em cada grupo que eu convidei. Olha ali, vês a mulher que está a aquecer a voz? Olha para aquela cascata de cabelo ruivo. Não me digas que não basta o seu espírito para ela aquecer esta festa.” A mulher realmente parecia ter uma natureza calorosa. Deixou os dançarinos descansar, lançando-se numa longa canção-história, mais adequada a ouvir do que a dançar, cantada numa voz rica e gutural. O público, tanto jovem como idoso, aproximou-se dela enquanto cantava a velha história da donzela seduzida pelo Velho do Inverno e levada para a sua distante fortaleza de gelo no longínquo Sul.

Todos estavam arrebatados pela história, e foi assim que o meu olho captou o movimento quando dois homens e uma mulher entraram no salão. Olharam em volta, como que ofuscados, e talvez o estivessem após a sua longa caminhada por uma noite de nevão. Era óbvio que tinham vindo a pé, pois as suas calças toscas de couro estavam ensopadas até aos joelhos. O vestuário era estranho, como os menestrelis costumavam usar, mas diferente de qualquer outro que eu tivesse visto. As botas, que chegavam aos joelhos, eram de um amarelo pintalgado de castanho pela humidade, as calças de couro eram curtas, mal ultrapassando o topo das botas. Os casacos eram do mesmo couro, tingido do mesmo castanho-claro, com camisas de pesada lã por baixo. Pareciam desconfortáveis, como se a lã estivesse demasiado apertada sob os couros. “Ali estão eles agora,” disse eu a Paciência.

Paciência fitou-os do outro lado da sala. “Não os contratei,” declarou com uma fungadela ofendida. “Olha para aquela mulher, pálida como um

fantasma. Não há nela calor absolutamente nenhum. E os homens são igualmente invernais, com o cabelo da cor da pelagem de um urso do gelo. Brr. Enregelam-me só de olhar para eles.” Depois, as rugas alisaram-se-lhe na testa. “Portanto, não vou deixar que cantem esta noite. Mas vamos convidá-los para voltar no pino do verão, quando uma história arrepiante ou um vento fresco seriam bem-vindos numa noite sufocante.”

Mas antes de eu ter tempo de ir fazer o que ela pedira, ouvi um rugido de “Tomé! Aí estás tu! Que bom é ver-te, velho amigo!”

Virei-me com aquela mistura de júbilo e consternação que visitas de surpresa de amigos inconventionais e queridos despertam numa pessoa. Teio estava a atravessar a sala em longas passadas, com Veloz apenas um passo ou dois atrás dele. Abri muito os braços e fui ao encontro deles. O corpulento Mestre de Manha crescera em perímetro ao longo dos últimos anos. Como sempre, tinha as bochechas tão vermelhas como se tivesse acabado de sair do vento. O filho de Moli, Veloz, estava um par de passos atrás dele mas, enquanto eu o observava, Urtiga emergiu da multidão de convidados e emboscou o irmão num abraço. Ele inclinou-se para a erguer e fazer rodopiar num círculo jubiloso. Depois, Teio engoliu-me num abraço de partir a espinha, seguido por várias sólidas pancadas nas minhas costas. “Tens bom aspeto!”, disse-me, enquanto eu tentava recuperar o fôlego. “Estás quase inteiro outra vez, não estás? Ah, e a Dama Paciência!” Tendo-me libertado do seu exuberante cumprimento, fez uma vénia elegante por cima da mão que Paciência lhe estendera. “Que luxuoso vestido azul! Fazeis-me lembrar as penas brilhantes de um gaio! Mas, disse-me, por favor, que as penas que tendes no cabelo não vieram de uma ave viva!”

“Claro que não!” Paciência pareceu devidamente horrorizada com a ideia. “Encontrei-o morto no caminho do jardim no verão passado. E pensei: ora aqui está uma altura para eu ver exatamente o que existe por baixo destas maravilhosas penas azuis. Mas guardei as penas, claro, arrancando-as cuidadosamente antes de o ferver até deixar só os ossos. E depois de deitar fora o caldo de gaio, tinha a tarefa delineada: montar um esqueleto com os seus ossinhos. Sabíeis que uma asa de ave é tão semelhante à mão de um homem como uma barbatana de rã? Todos aqueles

ossos minúsculos! Bem, sem dúvida que sabeis que essa tarefa está algures na minha bancada de trabalho, meio feita, como tantos dos meus projetos. Mas ontem, quando estava a pensar em penas para levantarem voo com os nossos problemas, lembrei-me de que tinha uma caixa inteira delas! E, felizmente para mim, os escaravelhos não as tinham encontrado e comido até ao cálam, como fizeram quando tentei guardar as penas de gaivota. Oh! Gaivota! Foi falta de consideração minha? Peço perdão!”

Era óbvio que ela se lembrara de súbito que ele estava vinculado a uma gaivota. Mas Teio sorriu-lhe gentilmente e disse: “Nós, os da Manha, sabemos que quando a vida acaba, o que resta está vazio. Ninguém, julgo eu, o sabe melhor do que nós. Detetamos a presença de toda a vida, alguma da qual arde mais vivamente do que outra. Uma planta pequena não é tão vital perante os nossos sentidos como uma árvore. E, claro, um veado é mais brilhante do que ambas, e uma ave é a mais brilhante de todas.”

Eu abri a boca para objetar àquela ideia. Com a minha Manha, conseguia detetar aves, mas nunca as achara particularmente cheias de vida. Lembrei-me de uma coisa que Castro — o homem que praticamente me criara — me dissera, muitos anos antes, quando declarara que eu não trabalharia com os falcões no Castelo de Torre do Cervo. “Eles não gostam de ti; és demasiado quente.” E eu julgara que se referia à minha carne, mas agora perguntava a mim próprio se teria detetado alguma coisa na minha Manha que nessa altura não me podia ter explicado. Pois a Manha fora então uma magia desprezada e, se algum de nós tivesse admitido possuí-la, teríamos sido enforcados, esquartejados e queimados por cima de água.

“Porque suspiras tu?”, perguntou-me Paciência de repente.

“Peço perdão. Não tive consciência de o ter feito.”

“Bem, mas fizeste! O Mestre de Manha Teio estava agora mesmo a contar-me as coisas mais fascinantes que já ouvi sobre a asa de um morcego e tu suspiras de repente como se nos achasses as velharias mais aborrecidas do mundo!” E pontuou as palavras com uma pancada com o seu leque no meu ombro.

Teio riu-se. “Dama Paciência, com certeza que os pensamentos dele estavam longe. Eu conheço o Tomé há muito tempo, e lembro-me bem dos

seus laivos de melancolia! Ah, mas tenho estado a guardar-vos para mim e há outros dos vossos convidados que vêm reclamar-vos!”

Ter-se-ia Paciência deixado enganar? Julgo que não, mas agradou-lhe deixar-se levar para longe de nós pelo jovem encantador certamente despachado por Urtiga para deixar Teio falar comigo em privado. Quase desejei que não o tivesse feito; Teio enviara-me várias cartas e eu tinha a certeza de que sabia para que corrente de conversa ele desejava atrair-me. Passara-se muito tempo desde que eu me vinculara a um animal através da Manha. Mas aquilo que Teio parecia fazer equivaler ao amuo de uma criança, eu sentia ser mais a solidão de um homem há muito casado que fica de súbito viúvo. Ninguém poderia substituir *Olhos-de-Noite* no meu coração; e eu não conseguia imaginar uma ligação semelhante com qualquer outra criatura. O que partira, partira, como ele acabara de dizer. Agora, os ecos do meu lobo em mim eram suficientes para me sustentar. Essas memórias vívidas, tão fortes que por vezes sentia ainda ouvir os seus pensamentos na minha mente, sempre seriam preferíveis a outra união.

E por isso, nesta altura, quando Teio se aventurou a ultrapassar as banalidades sobre como eu tinha passado e se Moli se havia mantido bem e se as colheitas tinham sido boas naquele ano, eu desviei de forma deliberada a conversa que nos levaria, inevitavelmente, à importância que ele dava a eu aprender mais sobre a Manha e à discussão sobre o meu estado solitário. A minha opinião ponderada era que, como não tinha parceiro e pretendia assim permanecer para o resto da vida, não precisava de mais do que os conhecimentos que tinha agora sobre a magia da Manha.

Portanto inclinei a cabeça na direção dos “músicos” que ainda estavam junto da porta e disse-lhe: “Temo que eles tenham feito uma longa viagem para nada. Paciência disse-me que os cantores ruivos são para o Festival de Inverno e quer deixar os louros para o verão.” Esperava que Teio partilhasse do meu divertimento com as excentricidades da Dama Paciência. Os forasteiros não tinham vindo até ao salão para se juntarem à diversão, mas permaneciam à porta, conversando só uns com os outros. As suas posições eram as de velhos companheiros, mais próximas do que as que adotamos com meros conhecidos. O homem mais alto tinha uma cara gasta e

escarpada. A mulher a seu lado, que tinha a cara virada para ele, possuía malares largos e uma testa alta e enrugada. “Louros?”, perguntou-me Teio, olhando em volta.

Eu sorri. “Aquele trio, vestido de forma estranha, perto da porta. Estás a vê-los? Com botas e casacos amarelos?”

Ele passou os olhos pelos outros duas vezes e depois, com um sobressalto, fitou-os. Os olhos esbugalharam-se-lhe.

“Conhece-los?”, perguntei, ao ver a sua expressão de temor.

“São Forjados?”, perguntou ele num murmúrio rouco.

“Forjados? Como podem ser Forjados?” Fitei-os, perguntando a mim próprio o que teria alarmado Teio. O Forjamento despia um homem da sua humanidade, arrancava-o da teia de vida e interligação que nos permitia a todos ser fonte e alvo de sentimentos. Os Forjados só se amavam a si próprios. Em tempos houvera muitos nos Seis Ducados, depredando as próprias famílias e vizinhos, dilacerando o reino por dentro, quando os Salteadores dos Navios Vermelhos libertaram a nossa própria gente, como inimigos, entre nós. O Forjamento fora a magia negra da Mulher Pálida e do seu capitão, Quebal Pancru. Mas nós tínhamos vencido e expulsado os salteadores das nossas costas. Anos depois de terem terminado as Guerras dos Navios Vermelhos, tínhamos levado navios até ao seu último baluarte na Ilha de Aslevjal, onde lhes pusemos fim para sempre. Os Forjados que eles tinham criado haviam há muito partido para as respetivas sepulturas. Ninguém praticava essa maligna magia há anos.

“Sinto-os como Forjados. A minha Manha não consegue encontrá-los. Mal os deteto, exceto com os olhos. De onde vieram?”

Como Mestre de Manha, Teio dependia muito mais profundamente do que eu dessa magia dos animais. Talvez se tivesse tornado o seu sentido dominante, pois a Manha fornece-nos um formigueiro de consciência de todas as criaturas vivas. Então, alertado por Teio, estendi deliberadamente a minha Manha para os recém-chegados. Não tinha o nível de consciência dele, e a sala repleta atenuava-me ainda mais os sentidos. Não consegui sentir quase nada vindo deles. Ignorei o facto com um encolher de ombros.

“Não são Forjados,” declarei. “Juntam-se com demasiado

companheirismo. Se fossem Forjados, cada um se poria imediatamente à procura do que mais precisava, comida, bebida ou calor. Eles hesitam, sem quererem ser vistos aqui como intrusos, mas estão desconfortáveis por não conhecerem os nossos costumes. Portanto, não são Forjados. Os Forjados nunca se importam com essas delicadezas.”

De súbito apercebi-me de que soava demasiado como o aprendiz de assassino de Breu no modo como os analisava. Aquelas pessoas eram convidados, não alvos. Pigarreei. “Não sei de onde vieram. Pândego disse-me que apareceram como sendo músicos para a festa. Ou talvez malabaristas.”

Teio continuava a fitá-los. “Não são nem uma coisa nem outra,” disse num tom que não admitia dúvidas. A curiosidade brotou na sua voz quando anunciou: “Bom, vamos falar com eles e descobrir quem e o que são.”

Eu observei os três a conferenciarem uns com os outros. A mulher e o homem mais novo concordaram bruscamente com as cabeças com o que o mais alto estava a dizer. Depois, como se fossem cães-pastores enviados para recolher ovelhas, abandonaram-no abruptamente e começaram a movimentar-se decididamente por entre a multidão. A mulher manteve a mão na coxa, como se os seus dedos procurassem uma espada que não estava lá. As cabeças viravam e os olhos moviam-se sem destino enquanto avançavam. À procura de alguma coisa? Não. De alguém. A mulher pôs-se em bicos de pés, tentando espreitar por cima das cabeças das pessoas que estavam a assistir à mudança de músicos. O líder recuou para a porta. Estaria a guardá-la para que a presa não escapasse? Ou estaria eu a imaginar coisas? Ouvi-me perguntar em voz baixa: “Quem andam a caçar?”

Teio não respondeu. Já tinha começado a deslocar-se para onde eles haviam estado. Porém, na altura em que se afastou de mim, uma batida viva foi de súbito acompanhada por vozes alegres e uma flauta trinada, e os dançarinos correram de volta à pista. Casais rodopiaram e saltaram como piões ao ritmo da animada melodia e bloquearam-nos o caminho e a visão. Pousei a mão no ombro largo de Teio e puxei-o para trás, afastando-o dos perigos da pista de dança. “Vamos dar a volta,” disse-lhe, e segui à frente. Mas mesmo esse caminho estava repleto de demoras, pois havia convidados

para cumprimentar e não era possível apressar as conversas sem parecer mal-educado. Teio, sempre interessado e palrador, pareceu perder interesse nos estranhos forasteiros. Concentrava fortemente a atenção em cada pessoa a quem era apresentado e convencia-as do seu encanto através apenas do intenso interesse que mostrava em quem eram e no que faziam na vida e em estarem ou não a passar uma noite agradável. Eu observava a sala mas já não conseguia localizar os forasteiros.

Não estavam a aquecer-se junto da lareira grande quando passámos por ela. Nem os vi a apreciar a comida ou a bebida, ou a dançar, ou a observar a festa sentados nos bancos. Quando a música terminou e a maré de dançarinos refluíu, pedi firmemente perdão por me afastar da conversa entre Teio e a Dama Essência e atravessei a passos largos a sala até onde os vi pela última vez. Estava agora convencido de que não eram músicos e aquela não era para eles uma paragem casual. Tentei não deixar que as suspeitas escalassem; o meu treino inicial nem sempre me servia bem em ocasiões sociais.

Não encontrei nenhum dos três. Esgueirei-me para fora do Grande Salão, penetrando na relativa calma do corredor, e procurei-os em vão. Desaparecidos. Respirei fundo e abri resolutamente mão da curiosidade. Sem dúvida estariam algures em Floresta Mirrada, a vestir roupa seca ou a beber um copo de vinho ou talvez perdidos na multidão de dançarinos. Voltaria a vê-los. Por agora, era o anfitrião da festa e a minha Moli já tinha sido deixada sozinha durante demasiado tempo. Tinha convidados de que cuidar e uma mulher bonita com quem dançar e uma festa maravilhosa. Se eles fossem músicos ou malabaristas, esperariam conquistar os favores e a generosidade dos convidados. Era até possível que fosse eu a pessoa que procuravam, visto que era eu quem controlava a bolsa que pagava aos artistas. Se esperasse tempo suficiente, eles haveriam de me abordar. E se fossem pedintes ou viajantes, continuariam a ser bem-vindos. Porque teria eu de imaginar sempre perigos para os meus entes queridos?

Voltei a mergulhar no turbilhão de divertimento, voltei a dançar com Moli, convidei Urtiga para me fazer companhia numa jiga mas perdi-a para Enigma, interrompi Cadinho quando este estava a ver quantos bolos de mel

conseguia empilhar numa só bandeja para divertimento de uma bonita donzela de Mirra, comi demasiadas bolachas de gengibre e acabei por ser encurralado por Teio junto do barril de cerveja. Ele encheu a caneca depois de mim e a seguir empurrou-nos para um banco não muito distante da lareira. Procurei Moli com o olhar, mas ela e Urtiga estavam de cabeças juntas e, enquanto as observava, puseram-se em movimento em uníssono para irem despertar Paciência, que dormitava numa cadeira. Esta protestou debilmente enquanto as outras a seguravam para a levar para os seus aposentos.

Teio falou sem preâmbulos. “Não é natural, Tomé,” repreendeu-me, sem se importar com quem pudesse ouvir-nos. “Estás tão sozinho que és um eco para a minha Manha. Devias abrir-te à possibilidade de te voltares a vincular. Alguém do Sangue Antigo passar tanto tempo sem parceiro não é saudável.”

“Não sinto a necessidade,” disse-lhe com honestidade. “Tenho aqui uma vida boa, com Moli, Paciência e os rapazes. Há trabalho honesto para me manter ocupado e o meu tempo livre é bem passado com aqueles que amo. Teio, não duvido da tua sabedoria e experiência, mas também não duvido do meu coração. Não preciso de nada mais do que tenho neste momento.”

Ele olhou-me nos olhos. Eu devolvi-lhe o olhar. A última coisa que dissera era quase verdadeira. Se pudesse voltar a ter o meu lobo, então, sim, a vida seria muito mais agradável. Se pudesse abrir a porta e descobrir o Bobo a sorrir na soleira, então a minha vida estaria realmente cheia. Mas não valia a pena andar a suspirar por aquilo que não podia ter. Isso só me distraía do que tinha, e o que tinha era mais do que alguma vez tivera na vida. Um lar, a minha senhora, jovens a crescer até serem homens sob o meu telhado e o conforto da minha própria cama à noite. Só as consultas suficientes vindas do Castelo de Torre do Cervo para eu sentir que ainda era necessário no grande mundo, mas poucas o bastante para saber, realmente, que eles podiam passar sem mim e deixar-me ter alguma paz. Tinha aniversários de que me podia orgulhar. Havia quase oito anos que Moli era minha mulher. Tinham-se passado quase dez desde que matara alguém.

Quase dez anos desde que eu vira o Bobo pela última vez.

E ali estava ele, aquele mergulho de pedra num poço do meu coração. Evitei mostrá-lo no rosto ou nos olhos. Esse fosso, afinal, nada tinha a ver com o tempo que eu passara sem companheiro animal. Essa era uma espécie completamente diferente de solidão. Não era?

Talvez não. A solidão que não pode nunca ser preenchida por ninguém exceto aquele cuja perda criou a ausência; bem, nesse caso talvez fosse a mesma coisa.

Teio continuava a observar-me. Apercebi-me de que estivera a fitar os dançarinos atrás do seu ombro, mas agora a pista estava vazia. Virei o olhar para o cruzar com o dele. “Eu estou bem assim, velho amigo. Satisfeito. Porque haveria de interferir nisso? Preferias que ansiasse por mais, tendo já tantas coisas?”

Era a pergunta perfeita para deter a intromissão bem-intencionada de Teio. Vi-o refletir sobre as minhas palavras e depois um profundo sorriso nasceu na sua cara, um sorriso que vinha do coração. “Não, Tomé, não desejaria isso para ti, a sério. Sou um homem que é capaz de admitir que está errado e talvez tenha andado a medir o teu trigo com a minha fanga.”

A discussão virou-se de repente de pernas para o ar para mim. As palavras jorraram da minha boca. “A tua gaivota, *Risca*, ainda está bem?”

Ele fez um sorriso torto. “Tão bem como se poderia esperar. É velha, Fitz. Está comigo há vinte e três anos e provavelmente já tinha uns dois ou três quando nos conhecemos.”

Eu fiquei em silêncio; nunca parara para pensar em quanto tempo uma gaivota poderia viver, e não lhe fiz essa pergunta naquele momento. Todas as perguntas que eram demasiado cruéis para serem feitas deixavam-me em silêncio. Ele abanou a cabeça e afastou de mim o olhar. “Acabarei por perdê-la, a menos que algum acidente ou doença me leve primeiro. E vou chorar por ela. Ou ela chorará por mim. Mas também sei que, se for deixado sozinho, acabarei por começar a procurar outro parceiro. Não por *Risca* e eu não termos uma coisa maravilhosa juntos, mas porque sou de Sangue Antigo. E nós não fomos feitos para sermos almas solitárias.”

“Vou pensar bem no que me disseste,” prometi. Teio merecia essa cortesia da minha parte. Estava na altura de abandonar aquele tema.

“Chegaste a conseguir falar com os nossos estranhos convidados?”

Ele acenou lentamente com a cabeça. “Cheguei. Mas não durante muito tempo e só com a mulher. Tomé, ela perturbou-me. Ressoava estranhamente aos meus sentidos, tão atenuada como sinos abafados. Disse que eram malabaristas viajantes e que esperavam divertir-nos mais tarde. Foi avara de palavras sobre si, mas cheia de perguntas para mim. Andava à procura de um amigo que talvez também tivesse vindo para esta zona recentemente. Tinha eu ouvido falar de outros viajantes ou visitantes na área? E quando lhe disse que, embora fosse amigo da casa, também só tinha chegado esta noite, perguntou-me se tinha encontrado algum outro forasteiro na estrada.”

“Será que um membro do grupo deles se separou dos outros?”

Teio abanou a cabeça. “Acho que não.” Franziu levemente as sobrancelhas. “Foi mais que estranho, Tomé. Quando perguntei quem...”

E nesse momento Justo tocou-me no cotovelo. “A mãe precisa da tua ajuda,” disse em voz baixa. Um pedido simples, mas houve algo na forma como ele o fez que me alarmou.

“Onde é que ela está?”

“Ela e Urtiga estão nos aposentos da Dama Paciência.”

“Imediatamente,” disse, e Teio fez-me um aceno com a cabeça quando me pus a caminho.

CAPÍTULO 2

SANGUE DERRAMADO

De todas as magias que os homens se sabe possuírem, a mais elevada e nobre é a coleção de aptidões conhecida como Talento. Decerto não é coincidência que, ao longo de gerações de governo Visionário, se manifeste frequentemente naqueles destinados a se tornarem os nossos reis e rainhas. A força de caráter e a generosidade de espírito, as bênçãos de El e Eda, acompanham com frequência esta magia hereditária da linhagem Visionário. Ela confere ao utilizador a capacidade de enviar os pensamentos para longe, de influenciar suavemente o pensamento dos seus duques e duquesas, ou de incutir o medo no coração dos inimigos. A tradição diz-nos que muitos governantes Visionário, com a sua força suplementada pela coragem e aptidão do seu Círculo de Talento, eram capazes de levar a cabo curas maravilhosas tanto sobre o corpo como sobre a mente, bem como de comandar tanto os seus navios no mar como os nossos defensores em terra. A Rainha Eficaz estabeleceu seis círculos para si, colocando em cada um dos ducados um grupo apto no Talento, tornando assim a magia do Talento disponível para todos os duques e duquesas de sua confiança durante o seu esclarecido reinado, para grande benefício de todo o povo.

Na outra extremidade do espectro mágico encontra-se a Manha, uma magia vil e corruptiva que afeta mais comumente os plebeus que vivem e se reproduzem junto dos animais de que tanto gostam. Esta magia, em tempos vista como útil para as guardadoras de gansos, os pastores e os palafreneiros, é, sabe-se agora, perigosa não só para aqueles que sucumbem à sua influência mas também para todos os que os rodeiam. A contaminação da comunicação mente-a-mente com animais leva a comportamentos e apetites animais. Embora este escritor lamente que mesmo jovens de

nascimento nobre tenham sido presas da atração da magia dos animais, não posso comiserar mais do que desejando que eles sejam rapidamente descobertos e eliminados antes de poderem infectar os inocentes com os seus repugnantes apetites.

Sobre as Magias Naturais dos Seis Ducados, um tratado pelo Escriba
Língua-Doce

Praticamente esqueci os nossos estranhos visitantes ao apressar-me pelos corredores de Floresta Mirrada. O meu temor imediato foi por Paciência. Ela caíra duas vezes no último mês, mas culpava pelas quedas a sala, por “se pôr de repente a girar à minha volta”. Não corri, mas o meu passo era tão longo quanto me foi possível e, quando cheguei aos seus aposentos, em vez de bater à porta, precipitei-me de imediato lá para dentro.

Moli estava sentada no chão. Urtiga ajoelhava a seu lado e Paciência estava em pé, a abanar um pano à frente dela. Havia no quarto um cheiro pungente a ervas vivificantes e um pequeno frasco de vidro rolara pelo chão, caído de lado. A um canto estavam duas criadas, claramente mandadas afastar pela língua afiada de Paciência. “O que aconteceu?”, perguntei.

“Desmaiei.” Moli soou ao mesmo tempo aborrecida e envergonhada. “Que tolíce a minha. Ajuda-me a levantar, Tomé.”

“Claro,” disse eu, tentando esconder a minha consternação. Estendi-lhe a mão e ela apoiou-se pesadamente em mim enquanto a puxava para a pôr em pé. Ela cambaleou levemente, mas escondeu-o agarrando-se ao meu braço.

“Já estou bem. Rodopios um pouco em demasia na pista de dança e talvez demasiados copos.”

Paciência e Urtiga trocaram olhares, sem se deixarem enganar.

“Tu e eu talvez devêssemos deixar a nossa noite chegar ao fim. A Urtiga e os rapazes podem cumprir os deveres da casa.”

“Disparate!”, exclamou Moli. Depois ergueu o olhar para mim, ainda com os olhos um pouco desfocados, e acrescentou: “A não ser que estejas cansado. Estás?”

“Estou,” menti com perícia, escondendo o meu crescente alarme. “Tantas pessoas no mesmo sítio! E temos mais três dias disto, pelo menos. Vai haver tempo com fartura para conversas, comida e música.”

“Bem. Se estás cansado, então, meu amor, eu vou fazer-te a vontade.”

Paciência dirigiu-me o mais minúsculo dos acenos e acrescentou: “Eu vou fazer o mesmo, queridos. Cama para estes velhos ossos, mas amanhã vou usar os chinelos de dança!”

“Nesse caso estou avisado!”, concordei, e submeti-me a uma pancada do leque dela. Enquanto eu virava a mãe para a porta, Urtiga deitou-me um olhar de gratidão. Soube que ela me puxaria de parte no dia seguinte para uma conversa discreta, e também soube que não tinha respostas para lhe dar, além de tanto a mãe dela como eu estarmos a envelhecer.

Moli apoiou-se no meu braço enquanto caminhávamos calmamente pelos corredores. O nosso caminho levava-nos a passar pela festa, onde convidados nos atrasaram com breves fragmentos de conversa, elogios pela comida e a música e desejos de uma boa noite. Eu sentia a exaustão de Moli nos seus pés arrastados e respostas lentas mas, como sempre, foi a Dama Moli para os nossos convidados. Por fim consegui libertá-la deles. Coxeámos lentamente pela escada acima, com Moli apoiada em mim e, quando chegámos à porta do nosso quarto, ela soltou um suspiro audível de alívio. “Não sei porque estou tão cansada,” queixou-se. “Não bebi assim tanto. E agora estraguei tudo.”

“Não estragaste nada,” contestei e abri a porta, descobrindo que o nosso quarto fora transformado. Cortinas de hera confinavam a nossa cama e galhos de perenifólias agraciavam a prateleira da lareira e perfumavam o ar. As grossas velas amarelas que ardiam por todo o quarto soltavam odores a gaultéria e baga de loureiro. Havia uma colcha nova na cama e cortinados a combinar, tudo feito com os verdes e amarelos-dourados de Floresta Mirrada, com folhas de salgueiro entrelaçadas como motivos. Fiquei espantado. “Quando foi que encontraste tempo para arranjar tudo isto?”

“O nosso novo mordomo é um homem de muitos talentos,” respondeu ela, sorrindo, mas depois suspirou e disse: “Julguei que vínhamos para aqui depois da meia-noite, bêbados de dança, música e vinho. Planeei seduzir-

te.”

Antes de eu ter tempo para responder, acrescentou: “Sei que nos últimos tempos não tenho sido tão ardente como já fui. Às vezes sinto-me o casco seco de uma mulher, agora que não há qualquer hipótese de alguma vez te dar outro filho. Achei que esta noite podíamos recuperar, durante algum tempo... Mas agora sinto a cabeça oca e não de uma forma agradável. Fitz, acho que esta noite não vou fazer nada na cama além de dormir a teu lado.” Largou-me e deu alguns passos cambaleantes até se afundar à beirinha da cama. Os dedos atarefaram-se desajeitadamente com as fitas da túnica.

“Deixa-me ajudar-te com isso,” ofereci. Ela ergueu uma sobancelha para mim. “Sem pensar em mais nada!”, assegurei-lhe. “Moli, só ter-te a dormir a meu lado todas as noites é o cumprir de um sonho meu de muitos anos. Há tempo bastante para mais quando não estiveres exausta.” Desatei as fitas que a confinavam e ela suspirou enquanto eu lhe despia aquela peça de roupa. Os botões da blusa eram umas coisinhas minúsculas feitas de madrepérola. Ela afastou com uma sapatada os meus dedos desajeitados para os abrir e depois pôs-se em pé. Mostrou muito pouco da sua natureza arrumada quando deixou as saias caírem simplesmente em cima da roupa despida. Eu tinha encontrado e trazido uma camisa de dormir suave. Ela enfiou-a pela cabeça e a camisa prendeu-se na coroa de azevinho que trazia no cabelo. Eu desprendi-a suavemente e sorri ao contemplar a mulher em que a minha querida Moli Saia-Vermelha se transformara. Um Festival de Inverno de muito tempo atrás veio-me à mente, como tenho a certeza veio à dela. Mas ela voltou a deixar-se cair para se sentar à beirinha da cama. Vi os sulcos na sua testa. Ergueu a mão para a esfregar. “Fitz, tenho tanta pena. Estraguei tudo o que tinha planeado.”

“Tolice. Vá. Deixa-me aconchegar-te.”

Ela agarrou-me no ombro para se levantar e cambaleou enquanto eu abria a cama para a receber. “Para dentro,” disse-lhe, e ela não deu nenhuma resposta atrevida, limitando-se a soltar um grande suspiro ao sentar-se, a estender-se na cama e a erguer os pés do chão. Fechou os olhos. “O quarto anda às voltas. E não é vinho.”

Eu sentei-me à beira da cama e peguei-lhe na mão. Ela franziu o

sobrolho. “Fica quieto. Qualquer movimento faz o quarto girar mais depressa.”

“Passará,” disse-lhe, esperando que fosse verdade, e fiquei muito imóvel. Observei-a. As velas ardiam firmemente, libertando as fragrâncias que ela imbuíra nelas durante o verão anterior. O fogo na lareira crepitava, as chamas consumiam a lenha cuidadosamente empilhada. Lentamente, as rugas de desconforto na sua cara foram-se atenuando. A sua respiração tornou-se mais firme. O caráter furtivo e a paciência do meu treino de juventude sustentaram-me. Fui muito gradualmente aliviando o peso que estava a colocar sobre a beira da cama e, quando finalmente me levantei da cama, duvidei que ela tivesse chegado a sentir algum movimento, pois continuou a dormir.

Percorri o quarto como um fantasma, extinguindo todas as velas à exceção de duas. Espevitei o fogo, acrescentei outro lenho e pus o guarda-fogo à frente da lareira. Não tinha sono, nem sequer me sentia cansado. Não tinha qualquer desejo de regressar à festa ou de explicar por que motivo eu lá estava e Moli não. Fiquei mais algum tempo parado, com o fogo a aquecer-me as costas. Moli era uma silhueta por detrás das cortinas quase fechadas da cama. As chamas crepitavam e os meus ouvidos quase foram capazes de distinguir o beijo da neve soprada pelo vento a bater nas janelas dos ruídos dos divertimentos que prosseguiam lá em baixo. Despi lentamente a roupa festiva e recuperei o conforto das bragas e túnica que me eram familiares. Depois saí do quarto em silêncio, fechando lentamente a porta atrás de mim.

Não desci pela escada principal. Em vez disso segui um caminho indireto, por uma das escadas para criados que havia nas traseiras e por um corredor praticamente deserto, até chegar finalmente ao meu covil privativo. Destranquei as portas altas e esgueirei-me para dentro. Os restos do fogo na lareira eram uns quantos carvões pestanejantes. Despertei-os com umas quantas bolas de papel que tirei da secretária, queimando as inúteis reflexões daquela manhã e acrescentando depois mais combustível. Dirigi-me para a secretária, sentei-me e puxei para mim uma folha de papel em branco. Fitei-a e perguntei a mim mesmo: Por que não queimá-la

simplesmente já? Para quê escrever nela, fitar as palavras e depois queimá-la? Restaria mesmo alguma coisa em mim que só pudesse confiar ao papel? Tinha a vida que sonhara: o lar, a mulher que amava, os filhos crescidos. O Castelo de Torre do Cervo respeitava-me. Aquele era o refúgio calmo com que sempre sonhara. Passara-se mais de uma década desde que eu sequer pensara em matar alguém. Pousei a pena e recostei-me na cadeira.

Uma batida na porta sobressaltou-me. Endireitei-me na cabeça e olhei instintivamente para a sala em volta, perguntando a mim mesmo se haveria alguma coisa que devesse esconder à pressa. Tolice. “Quem é?” Quem, além de Moli, Urtiga ou Enigma, saberia que eu estava ali? E nenhum deles teria batido primeiro.

“É o Pândego, senhor!” A voz dele parecia abalada.

Levantei-me. “Entra! Que se passa?”

Ele estava sem fôlego e pálido quando abriu a porta e parou enquadrado nela. “Não sei. O Enigma mandou-me a correr. Disse: ‘Vinde, vinde imediatamente ao gabinete da propriedade.’ Onde eu deixei a mensageira. Oh, senhor. Há lá sangue no chão e não há sinal dela.” Encheu, trémulo e ruidoso, os pulmões de ar. “Oh, senhor, lamento tanto. Ofereci-lhe um quarto mas ela disse que não, e...”

“Comigo, Pândego”, disse eu, como se ele fosse um guarda e estivesse às minhas ordens. A ordem brusca tornou-o mais pálido, mas endireitou-se um pouco mais, contente por me ceder todas as decisões. As minhas mãos moveram-se por instinto, confirmando algumas pequenas armas ocultas que nunca tinham deixado de andar comigo. Depois partimos a correr pelos corredores de Floresta Mirrada. Sangue derramado na minha casa. Sangue derramado por alguém que não eu... e não Enigma, caso contrário ele tê-lo-ia limpado discretamente em vez de me chamar. Violência na minha casa, contra um convidado. Combati a fúria cega que cresceu em mim, sufoquei-a com ira gelada. Eles iam morrer. Quem quer que tivesse feito aquilo ia morrer.

Levei-o por um caminho indireto que evitava passagens onde poderíamos encontrar convivas e cheguei ao gabinete da propriedade depois de só interromper um jovem casal indiscreto e de assustar um jovem bêbado que

procurava um lugar para dormir. Censurei-me pela quantidade de pessoas que deixara entrar em minha casa, pela quantidade de pessoas sobre as quais só conhecia o rosto ou o nome.

E Moli estava a dormir sozinha e desprotegida.

Derrapei até parar à porta do gabinete. A minha voz soou rouca de ira quando peguei numa faca perigosa que estivera atada ao meu antebraço e a empurrei para as mãos de Pândego. Ele cambaleou um passo para trás, assustado. “Pega nela,” bradei. “Vai para o meu quarto. Vigia a minha senhora, assegura-te de que dorme sem ser perturbada. Depois põe-te à porta e mata qualquer um que tente entrar. Compreendes-me?”

“Senhor.” Ele tossiu e depois engoliu em seco. “Eu já tenho uma faca, senhor. O Enigma obrigou-me a levá-la.” Tirou-a desajeitadamente de dentro do imaculado casaco. Tinha o dobro do comprimento daquela que lhe oferecera, uma arma honrosa em vez de uma amiguinha de assassino.

“Então vai,” disse-lhe e ele obedeceu.

Tamborilei na porta com as pontas dos dedos, sabendo que Enigma me reconheceria assim, e depois esgueirei-me para dentro. Enigma endireitou-se lentamente onde se agachara. “Urtiga mandou-me vir buscar uma garrafa do brande bom que, segundo ela, tinhas aqui. Queria oferecer um pouco a Dom Galopino. Quando vi os papéis no chão, e depois o sangue, mandei Pândego à tua procura. Olha para aqui.”

Pândego tinha trazido comida e vinho à mensageira e servira-os sobre a minha secretária. Porque teria ela declinado ir para um quarto de hóspedes ou juntar-se a nós no Grande Salão? Saberia que estava em perigo? Estimei que pelo menos tinha comido parte da comida, antes de a bandeja ter sido atirada ao chão com alguns papéis que estavam na secretária. O copo de vinho caído não se partira, mas deixara uma meia-lua de vinho derramado na pedra escura polida do chão. E em volta dessa lua estava uma constelação de estrelas de sangue. Fora uma lâmina brandida a espalhar essas gotas vermelhas.

Levantei-me e passei o olhar pelo estúdio. Era tudo. Nada de gavetas pilhadas, nada deslocado nem roubado. Não havia nem uma coisa fora do lugar. O sangue não era suficiente para ela ter morrido ali, mas não havia

sinal de mais luta. Trocámos um olhar em silêncio e, como um só, deslocámo-nos até às portadas cobertas por pesados cortinados. Durante o verão, eu por vezes abria-as de par em par para observar um jardim cheio de urzes para as abelhas de Moli. Enigma começou a afastar o cortinado para um lado, mas ele prendeu-se. “Uma dobra do cortinado está presa na porta. Saíram por aqui.”

De facas em punho, abrimos as portadas e olhámos para a neve e a escuridão. Metade de uma pegada permanecia onde a caleira a havia abrigado parcialmente. Os outros rastos mal chegavam a ser covinhas na neve soprada pelo vento. Enquanto ali estávamos, outra rajada passou por nós, como se o próprio vento tentasse ajudá-los a escapar-se-nos. Eu e Enigma fitámos a tempestade. “Dois ou mais,” disse ele, examinando o que restava do rasto.

“Vamos, antes que desapareça por completo,” sugeri.

Ele deitou um olhar tristonho às finas e esvoaçantes saias-calças que tinha vestidas. “Muito bem.”

“Não. Espera. Dá uma volta pela festa. Vê o que consegues ver e pede a Urtiga e aos rapazes para terem cautela.” Fiz uma pausa. “Umas pessoas estranhas vieram bater-nos à porta esta noite, dizendo ser menestréis. Mas Paciência disse que não as tinha contratado. O Teio falou brevemente com um elemento dos forasteiros. Começou a dizer-me o que ela tinha dito, mas eu fui chamado. Andavam à procura de alguém, pelo menos isso era óbvio.”

A expressão dele ensombrou-se. Virou-se para se ir embora e depois voltou a virar-se. “Moli?”

“Pus o Pândego à porta dela.”

Ele fez uma careta. “Vou primeiro ver como eles estão. O Pândego tem potencial, mas por agora é só potencial.” Deu um passo para a porta.

“Enigma.” A minha voz fê-lo parar. Tirei a garrafa de brande da prateleira e entreguei-lha. “Que ninguém pense que há alguma coisa errada. Conta a Urtiga, se achares que é sensato.”

Ele concordou com a cabeça. Eu respondi ao aceno e, enquanto ele saía, peguei numa espada que pendurara da prateleira da lareira. Agora era decoração, mas em tempos fora uma arma e voltaria a sê-lo. Tinha um bom

peso. Não havia tempo para manto ou botas. Não havia tempo para ir buscar uma lanterna ou archote. Saí para a neve, de espada na mão, com a luz das portas abertas atrás de mim. Bastaram vinte passos para saber tudo o que precisava de saber. O vento apagara por completo os rastos deles. Parei, fitando as trevas, atirando-me de Manha aberta para a noite. Nenhum ser humano. Duas criaturas pequenas, provavelmente coelhos, tinham-se encolhido ao abrigo de uns arbustos envoltos em neve. Mas era tudo. Nada de rastos, e quem quer que tivesse feito aquilo já estava longe da minha vista e fora do alcance da minha Manha. E se fossem os forasteiros, parecia que a minha Manha não os poderia ter encontrado mesmo se estivessem por perto.

Voltei para o refúgio, sacudindo a neve dos sapatos húmidos antes de entrar. Fechei a portada atrás de mim e deixei o cortinado cair. A minha mensageira e a sua mensagem tinham desaparecido. Morta? Ou em fuga? Teria alguém saído pela porta ou teria sido ela a deixar alguém entrar? O sangue no chão seria dela ou de mais alguém? A fúria que a ideia de alguém poder exercer violência sobre uma convidada em minha casa me fizera sentir antes voltou a incendiar-se em mim. Suprimi-a. Mais tarde talvez lhe cedesse. Quando tivesse um alvo.

Encontra o alvo.

Abandonei o gabinete, fechando a porta atrás de mim. Desloquei-me rápida e silenciosamente, com os anos, a dignidade e a atual posição social postos de parte e apagados. Não fiz qualquer som e não levei nenhuma luz comigo. Mantive a espada à ilharga. Primeiro até ao meu quarto. Construí castelos de pensamentos enquanto corria. A mensageira procurara-me. Independentemente de ser atacante ou atacada, poderia ser eu o alvo para a violência. Fluí pela escada acima como um gato à caça, com todos os sentidos a arder e em estado puro. Tomei consciência de que Pândego mantinha a sua vigília à porta muito antes de ele saber que eu me aproximava. Levei um dedo aos lábios ao aproximar-me. Ele sobressaltou-se quando me viu, mas conservou o silêncio. Aproximei-me mais. “Está tudo bem aqui?” Sussurrei a pergunta.

Ele confirmou com a cabeça e respondeu igualmente baixo: “O Enigma

esteve aqui não há muito tempo, senhor, e insisti que o deixasse entrar para se assegurar de que estava tudo bem com a senhora.” E fitou a espada.

“E estava?”

O olhar dele voltou a saltar para mim. “Claro, senhor! Estaria eu tão calmamente aqui se não estivesse?”

“Claro que não. Perdoa-me a pergunta. Pândego, por favor, fica aqui até eu voltar para te mandar embora, ou enviar Enigma ou um dos filhos de Moli.” Ofereci-lhe a espada. Ele aceitou-a, pegando nela como se fosse um atizador. Afastou os olhos da espada e olhou para mim.

“Mas os nossos convidados...”, começou, debilmente.

“Nunca são tão importantes como a nossa senhora. Guarda esta porta, Pândego.”

“Guardarei, senhor.”

Refleti que ele merecia mais do que uma ordem. “Ainda não sabemos de quem era o sangue derramado. Alguém usou as portadas do gabinete que dão para o jardim. Não sei se para entrar ou para sair. Fala-me mais um pouco da aparência da mensageira.”

Ele mordeu o lábio superior, arrancando a informação à memória. “Era uma rapariga, senhor. Quer dizer, mais rapariga que mulher. Pequena e magra. O cabelo era louro e usava-o solto. A roupa parecia ter sido de boa qualidade, mas tinha sido muito usada. Tinha um corte estrangeiro, a capa afunilava à cintura e depois enfunava, com mangas que também enfunavam. Era verde e parecia pesada mas não parecia ser lã. Havia pele na bainha do capuz, de uma espécie que eu não conheço. Ofereci-me para guardar o manto e o capuz, mas ela não mos quis dar. Usava calças largas, talvez do mesmo tecido, mas pretas com flores brancas nelas desenhadas. As botas não lhe chegavam ao joelho e pareciam estreitas e estavam atadas mesmo até cima.”

Tanto detalhe sobre vestuário! “Mas qual era o aspeto que ela tinha?”

“Era nova. Parecia branca de frio e pareceu grata quando espevitei o fogo e lhe ofereci chá quente. Os dedos eram brancos como gelo em comparação com a caneca, quando ma tirou da mão...” A sua voz silenciou-se. Ergueu de súbito o olhar para mim. “Ela não quis sair do gabinete, senhor. Nem

entregar o manto. Eu devia ter percebido que estava assustada?”

Teria Enigma realmente pensado que conseguiria fazer daquele homem mais do que um criado doméstico? Havia lágrimas nos seus olhos castanhos. “Pândego, fizeste tudo o que devias ter feito. Se alguém tem culpas, sou eu. Eu devia ter ido ao gabinete assim que ouvi dizer que havia uma mensageira. Por favor, mantém-te aqui de guarda um pouco mais até eu mandar alguém para te substituir. Depois deverás voltar para o que fazes melhor. Cuidar dos nossos convidados. Que ninguém suspeite de que há alguma coisa errada.”

“Eu posso fazer isso, senhor.” Falava em voz baixa. A censura nos seus olhos de cachorro seria dirigida a mim ou a si próprio? Não havia tempo para pensar nisso.

“Obrigado, Pândego,” disse-lhe e deixei-o com uma palmada no ombro. Percorri rapidamente o corredor, já em busca de Urtiga com a magia do Talento. No momento em que os nossos pensamentos se tocaram, a indignação da minha filha entrou-me de rompão na mente. *O Enigma contou-me. Como é que alguém se atreve a fazer isto em nossa casa? A mãe está em segurança?*

Está. Eu vou para baixo. Pândego está de guarda à porta dela, mas eu gostava que tu ou um dos rapazes tomassem o lugar dele.

Eu. Vou oferecer as minhas desculpas e subo já. Um segundo de pausa, e depois, com ferocidade: *Descobre quem fez isto!*

Tenciono descobrir.

Julgo que ela acolheu com satisfação a minha fria garantia.

Avancei rapidamente pelos corredores de Floresta Mirrada, com todos os sentidos alerta. Não me surpreendi quando virei uma esquina e encontrei Enigma à minha espera. “Alguma coisa?”, perguntei-lhe.

“Urtiga subiu para o quarto da mãe.” Olhou para trás de mim. “Sabes que provavelmente eras tu o alvo, de alguma forma?”

“Talvez. Ou então era a própria mensageira, ou a mensagem que trazia, ou foi alguém a tentar causar dano a quem enviou a mensagem, atrasando-a ou destruindo-a.”

Estávamos a caminhar rapidamente juntos, trotando lado a lado como

lobos a seguir um rasto.

Eu adorava aquilo.

Aquele pensamento montou-me uma emboscada e eu quase tropecei. Eu adorava aquilo? Caçar alguém que tinha atacado outra pessoa no santuário da minha casa? Porque haveria eu de adorar tal coisa?

Nós sempre adorámos a caçada. Um antigo eco do lobo que eu fora e do lobo que ainda estava comigo. *A caçada por carne é melhor, mas qualquer caçada é sempre a caçada, e nunca estamos tão vivos como durante a caçada.*

“E eu estou vivo.”

Enigma deitou-me um olhar de interrogação, mas em vez de fazer uma pergunta, forneceu-me informação. “Foi o próprio Pândego que levou a comida e o chá à mensageira. Os dois pajens que estavam à porta da frente lembram-se de a terem deixado entrar. Chegou a pé e um diz que pareceu vir de trás do estábulo e não pelo caminho da entrada. Ninguém mais a viu, embora o pessoal da cozinha se lembre de fazer uma bandeja para ela, claro. Não tive oportunidade de ir aos estábulos e ver o que sabem lá.”

Baixei o olhar para mim. Não estava propriamente vestido para aparecer em frente dos nossos convidados. “Eu faço isso agora,” disse. “Alerta os rapazes.”

“Tens a certeza?”

“A casa é deles, Enigma. E já não são realmente rapazes. Nos últimos três meses têm andado a falar em irem-se embora. Acho que vão levantar voo na primavera.”

“E tu vais deixar de ter alguém em quem confiar. Tomé, quando isto acabar, vamos voltar a conversar. Precisas de uns quantos soldados domésticos, de alguns homens que possam ser brutos quando a situação o exigir, mas sejam também capazes de abrir uma porta e servir vinho a um convidado.”

“Conversamos mais tarde,” concordei, mas de mau grado. Não era a primeira vez que ele me fazia notar que eu devia ter alguma espécie de guarda doméstica para Floresta Mirrada. Eu resistia à ideia. Já não era um assassino, já não vivia para proteger o meu rei e executar o seu trabalho

discreto. Agora era um proprietário respeitável, um homem de uvas e ovelhas, um homem de arados e tesouras de tosquiar, não de facas e espadas. E havia, tinha de o admitir, a minha presunção de que conseguiria sempre proteger a minha casa contra todas as limitadas ameaças que conseguissem encontrar o caminho até à minha porta.

Mas naquela noite não conseguira.

Deixei Enigma e trotei pelos corredores a caminho dos estábulos. Não havia, disse a mim mesmo, nenhuma indicação real de que o derramamento de sangue que tinha ocorrido fosse mortal. E também não tinha de estar relacionado comigo ou com os meus. Era possível que a mensageira tivesse inimigos seus que a tivessem seguido. Cheguei a uma entrada de criados, abri a pesada porta e atravessei o pátio coberto de neve, numa correria até à porta do estábulo. Mesmo naquela breve corrida fiquei com neve na nuca e na boca. Fiz deslizar a tranca das portas do estábulo e abri-as só o suficiente para me esgueirar para dentro.

No interior havia o calor dos animais, o cheiro agradável dos cavalos e uma luz suave vinda de uma lanterna protegida pendurada de um gancho. Em resposta à minha entrada, Altomem já vinha a coxear na minha direção. O filho, Maisaltomem, supervisionava agora a maior parte do trabalho nos estábulos, mas Altomem ainda se considerava o responsável. Em dias em que havia muitas idas e vindas, como naquela noite, ele controlava rigorosamente que animais estavam alojados onde. Tinha sentimentos fortes sobre juntas que eram deixadas a noite inteira aparelhadas. Espreitou-me à luz sombria do estábulo e depois sobressaltou-se ao reconhecer-me. “Depositário Tomé!”, gritou na sua voz de cana rachada. “O senhor não devia estar a dançar com a gente fina no Grande Salão?”

Como acontecia com muitos outros anciões, os anos tinham diminuído a sua consideração pelas diferenças entre os nossos estatutos sociais. Ou talvez fosse por ter visto que eu era capaz de limpar uma baia à pazada com os melhores dos homens e em consequência me respeitava como um igual. “Em breve,” respondi. “A dança vai continuar até nascer o dia, sabes? Mas achei que podia dar uma volta até aqui e assegurar-me de que tudo está bem nos estábulos apesar desta tempestade.”

“Aqui está tudo bem. Este estábulo foi construído de forma robusta há duas décadas, e calculo que vá ficar em pé mais uma dúzia.”

Acenei com a cabeça. “O mordomo Pândego disse-me que tiveram aqui visitantes esta noite, uns visitantes que te deixaram perturbado.”

O olhar interrogador dele transformou-se numa carranca. “Sim. Quando alguém age como um ladrão de cavalos, eu falo-lhe como se fosse um ladrão de cavalos. Não venham espreitar e meter o nariz nos meus estábulos para depois me dizerem que são menestréis. Eles eram tão menestréis como ali o *Cobre* é um pônei. Não me cheiraram bem e levei-os diretamente para a porta.” Olhou para mim. “Aquele tipo, o Pândego, devia tê-lo avisado. Não os deixou entrar, pois não?”

Era difícil admiti-lo. Confirmei com um aceno de cabeça. “Estamos no Festival de Inverno. Deixei entrar toda a gente.” Pigarreei ao vê-lo baixar o olhar. “Mas antes disso. Reparaste em mais alguém aqui nos estábulos, alguém estranho?”

“O senhor está a falar da estrangeira?”

Confirmei com a cabeça.

“Só ela. Entrou aqui como se achasse que isto era a casa. ‘Tenho de falar com o amo,’ disse ela a um dos cavaleiros, portanto ele trouxe-a a mim julgando que era comigo que queria falar. Mas ela olhou para mim e disse: ‘Não, o amo com o nariz torto e o cabelo de texugo.’ Portanto, se o senhor nos perdoar, percebemos que falava de si e mandámo-la para a casa.”

Deixei cair a mão depois de tocar a cana do nariz e a velha quebra que aí tinha. Aquilo estava a tornar-se cada vez mais estranho. Uma mensageira desaparecida que tinha vindo à minha procura só com uma descrição em vez do meu nome. “E é tudo?”, perguntei.

Ele franziu o sobrolho, pensativo. “Sim. A menos que queria ouvir falar de o Mercador Algodes tentar levar-me a pôr os cavalos dele aqui no estábulo, quando os dois mostram sinais de rabugem. Pobres criaturas. Abriguei-as no barracão da lenha, e não vão chegar nem perto dos nossos animais. E se o condutor dele quiser queixar-se, digo-lhe o que penso da maneira como cuida dos cavalos.” Olhou ferozmente para mim, como se eu fosse desafiar a sua sabedoria.

Sorri-lhe. “Uma pequena bondade, Altomem, a bem dos cavalos. Faz-lhes um embrulho com um pouco daquele linimento que sabes fazer.”

Ele fitou-me um momento, após o que fez um curto aceno. “Posso fazer isso. Não é culpa dos bichos serem maltratados.”

Comecei a ir-me embora, depois voltei para trás. “Altomem. Quanto tempo passou entre a chegada da rapariga e dos três que tomaste por ladrões de cavalos?”

Ele ergueu os ombros magros e depois deixou-os cair. “Ela apareceu antes de o Coife Biqueiro chegar. Depois chegou aquele tipo, o alfaiate, e as irmãs Salgueiro com os seus póneis iguais. Aquelas damas nunca andam de carruagem, pois não? Depois os moços Tanoeiro com a mãe e...”

Atrevi-me a interrompê-lo. “Altomem. Achas que eles vinham a segui-la?”

Ele parou. Esperei impacientemente enquanto o homem sopesava o que sabia. Depois anuiu, de boca apertada. “Eu devia ter percebido isso sozinho. Tinham a mesma espécie de botas, e vieram diretamente para o estábulo e estavam a tentar espreitar para dentro. Não vinham à procura de cavalos para roubar, mas seguiam aquela rapariga.” Os seus olhos encontraram os meus, zangados. “Fizeram-lhe mal?”

“Não sei, Altomem. Ela desapareceu. Vou ver se aqueles três ainda cá estão.”

“Faça isso, senhor. Se não estiverem cá, não podem estar longe, com um tempo destes. Quer que eu mande um moço à Quinta do Coronhal e peça emprestados os cães pisteiros deles?” Abanou a cabeça e acrescentou com amargura: “Já disse montes de vezes que não nos fazia mal nenhum termos a nossa própria matilha de caça.”

“Obrigado, Altomem, mas nada de cães. Com a maneira como a neve está a cair, duvido que haja algum trilho para seguir.”

“Se mudar de ideias, Tomé, informe-me. Posso mandar o meu filho ir buscar aqueles cães num segundo. E”, e agora estava a gritar enquanto eu batia em retirada, “se ganhar juízo quanto a manter cães seus, informe-me! Conheço uma cadela fantástica, podemos ter os cachorros dela na primavera! Informe-me!”

“Mais tarde, Altomem!”, gritei-lhe e fiquei com a boca cheia de neve por me ter dado a esse trabalho. A neve continuava a cair e o vento estava a aumentar. De súbito tive a certeza de que aqueles que procurava estavam ainda em Floresta Mirrada. Ninguém estaria desesperado o suficiente para tentar fugir durante aquela tempestade. Estendi-me para Urtiga. *Continua tudo bem com a tua mãe?*

Deixei-a a dormir, com o Cadinho sentado numa cadeira ao lado da lareira dela. Disse-lhe para trancar a porta atrás de mim e ouvi-o a obedecer. Estou com Enigma, Justo e os nossos convidados. Não descobrimos nada fora do comum. Não há sinal da mensageira.

Morta? Em fuga? Escondida em Floresta Mirrada? Tinha de ser uma destas três possibilidades. *Houve três menestrelis que chegaram tarde. Dois homens e uma mulher. O Teio pareceu perturbado por eles. Ainda estão entre os convidados?* Criei uma imagem mental dos três.

Vi-os há algum tempo. Mas não me pareceram músicos e não se comportaram como tal. Não deram nenhuma indicação de querer a sua vez no estrado.

Manda-me o Justo, por favor. Vamos passar uma busca rápida pelas alas desocupadas. E informa-me se tu e o Enigma encontrarem esses desconhecidos.

Eu e Justo dividimos Floresta Mirrada e fomos procurar sala a sala por algum sinal de intrusão nas áreas desocupadas do solar. Não era uma tarefa fácil no velho casarão cheio de recantos, e eu contei tanto com a Manha como com os olhos para me informar de que uma sala estava realmente vazia. Urtiga e Enigma não encontraram sinal dos três forasteiros e, quando ela perguntou aos outros convidados se os tinham visto, as respostas foram tão desencontradas que se tornaram inúteis. Até os criados, que por vezes me irritavam com a grande atenção que prestavam ao que a família ia fazendo, nada tinham a relatar. Os três e a mensageira tinham desaparecido tão completamente como se nem tivessem chegado a visitar-nos.

Já a madrugada ia avançada, já os nossos convidados estavam saciados de comida e música e partiam para as respetivas casas ou procuravam os aposentos que lhes tínhamos oferecido, quando pus fim à busca. Enigma e

os rapazes juntaram-se a Pândego para se assegurarem de que todas as portas exteriores estavam bem fechadas para o resto da noite e depois fizeram uma discreta patrulha da ala sul, onde tínhamos alojado os convidados. Enquanto estavam a fazê-lo, decidi escapulir-me para o meu covil privativo na ala ocidental. Aí podia ter acesso a uma rede de espionagem cuja existência só Paciência, Moli e eu conhecíamos. Era a minha vil intenção vaguear por lá naquela noite e espreitar os nossos convidados adormecidos, para ver se alguém oferecera aos forasteiros abrigo no seu quarto.

Era essa a minha intenção. Mas quando cheguei à porta do meu gabinete, os pelos da nuca puseram-se-me em pé. Mesmo antes de tocar na maçaneta, soube que não estava propriamente trancada. Contudo, lembrava-me claramente de ter fechado a porta atrás de mim antes de ter seguido Pândego para me ir juntar a Enigma. Alguém estivera ali desde a última vez que eu de lá saíra.

Puxei pela faca antes de abrir a porta. O interior da sala estava mal iluminado por velas prestes a apagarem-se e por um fogo fraco na lareira. Fiquei algum tempo parado, a explorar a sala com os sentidos. Não estava ninguém lá dentro, disse-me a Manha, mas lembrei-me de que, horas antes, os forasteiros tinham sido quase transparentes para Teio, um homem com uma magia muito melhor sintonizada do que a que eu possuía. Por isso fiquei parado, de orelhas arrebitadas, e esperei. Contudo, foi o que cheirei que me enfureceu. Sangue. No meu covil.

A faca seguiu à frente quando avancei. Com a mão livre, acendi uma nova vela e espevitei o fogo. Depois fiquei imóvel, olhando para a sala em volta. Eles tinham estado ali. Tinha vindo até ali, ao meu covil, ainda com o sangue de alguém húmido neles.

Se Breu não me tivesse treinado com mil exercícios para recordar uma sala exatamente como a tinha deixado, a passagem deles poderia ter-me passado despercebida. Senti o cheiro de uma pincelada de sangue no canto da secretária e havia uma pequena mancha de um vermelho que já ia acastanhando onde os meus papéis tinham sido remexidos. Mas mesmo sem o odor do sangue e os seus minúsculos vestígios, saberia que eles tinham

estado ali, a tocar os meus papéis, a deslocar o rolo que eu estivera a traduzir. Tinham tentado abrir a gaveta da secretária mas não haviam descoberto a lingueta oculta. Alguém pegara na estatueta de pedra da memória que o Bobo fizera para mim décadas antes e voltara a pousá-la na prateleira da lareira com a face que mostrava a minha cara a fitar a sala. Quando lhe peguei para corrigir a posição, o meu lábio contraiu-se num rosnido. Na imagem do Bobo, um polegar desajeitado tinha deixado uma mancha de sangue na bochecha. A onda de fúria que senti não foi racional.

Quando ergui a pedra, senti a maré de memórias nela armazenadas. As últimas palavras que o Bobo me dissera, guardadas na pedra, puxaram-me pelas recordações. “Nunca fui sensato,” dissera ele. Um lembrete da temeridade das nossas juventudes ou uma promessa de que um dia ele ignoraria a cautela e regressaria? Fechei a mente a essa mensagem. Agora não.

E, de forma insensata, tentei limpar o sangue da cara dele com o polegar.

A pedra da memória é um material peculiar. Antigamente, os círculos de Talento viajavam até uma distante pedreira no Reino da Montanha, onde esculpiam com ela dragões, imbuindo a pedra com as suas memórias antes de serem absorvidos nas suas criações para lhes fornecer uma aparência de vida. Eu vira isso acontecer, uma vez. Veracidade, o meu rei, oferecera-se a um dragão de pedra e depois levantara voo, sob essa forma, para ir levar terror e guerra aos inimigos dos Seis Ducados. Na Ilha de Aslevjal, eu descobrira que pequenos cubos desse reluzente material negro tinham sido usados pelos Antigos para armazenar canções e poesia.

Eu próprio despertara os dragões adormecidos de gerações anteriores com uma oferenda de sangue e um chamado às armas que fora envolto ao mesmo tempo em Manha e Talento para formar uma só magia.

Sangue sobre pedra de memória e o meu toque. O Talento e a Manha a ferver dentro de mim. A mancha de sangue afundou-se na pedra.

O Bobo escancarou a boca e gritou. Vi os seus lábios esticar-se, os dentes descobertos, a língua hirta. Vi um guincho de irremível agonia.

Nenhum som me chegou aos ouvidos. Foi mais íntimo do que isso. Sem fonte e prolongada, a infindável, inevitável, implacável agonia da tortura

sistemática submergiu-me. Encheu-me por completo o corpo e queimou-me a pele como se eu fosse um copo a transbordar de negro desespero. Era demasiado familiar, pois não se tratava da dor aguda de um tormento físico, mas sim do esmagador afogamento da mente e da alma ao saber-se que nada podia evitar aquela agonia. As minhas próprias recordações surgiram num coro de berros. Uma vez mais me vi estendido no chão frio de pedra das masmorras do Príncipe Majestoso, com o corpo espancado a sufocar a mente atormentada. Arranquei a consciência a essa memória, negando o vínculo. Os olhos esculpidos do Bobo fitaram-me cegamente. Por um momento os nossos olhares encontraram-se, e depois tudo ficou escuro e os meus olhos queimaram. As minhas mãos trementes atrapalharam-se com a estatueta, quase a deixando cair mas apertando-a em vez disso contra o corpo enquanto tombava de joelhos. Segurei-a contra o peito, sentindo um lobo distante a erguer o focinho e a rosnar de fúria. “Desculpa, desculpa, desculpa!”, balbuciei, cegamente, como se tivesse ferido o próprio Bobo. Suor jorrou de cada poro do meu corpo, deixando-me ensopado. Ainda a apertar a estatueta contra mim, caí de lado. Lentamente, a visão regressou aos meus olhos abertos e lacrimejantes. Fitei o fogo quase apagado, perseguido por imagens de instrumentos em brasa banhados de chamas, cheirando sangue novo e antigo misturado com o acre fedor do terror. Lembrei-me de como se fechavam os olhos. Senti o lobo mover-se para se vir pôr em cima de mim, ameaçando dilacerar qualquer um que se aproximasse. Lentamente, os ecos da dor foram passando. Inspirei.

O sangue tinha o poder de despertar a pedra da memória, quer esta fosse um dragão esculpido pelos Antigos ou o busto a que o Bobo dera forma. E, nessa breve conexão, eu soube que a rapariga estava morta. Sentira o seu terror por ser caçada e encurralada, a sua memória de tormentos passados e a agonia da morte. Dessa forma soube que se tratava da jovem mensageira de Pândego e não da mulher com treino militar que vira acompanhada pelos dois homens. Estes tinham-na seguido, tinham-na caçado pela minha casa e tinham-na matado. Não sabia porquê nem que mensagem haviam feito perder-se, mas ia encontrá-los e descobrir.

Rolei sobre a barriga, ainda a apertar a estatueta contra o peito. Tinha a

cabeça às voltas. Pus os joelhos sob o corpo, ajoelhei-me e consegui pôr-me em pé agarrando-me ao tampo da secretária. Cambaleei até à cadeira e sentei-me. Pousei a estatueta na secretária à minha frente e olhei para ela. Não mudara. Teria eu imaginado aquele movimento, o grito sem som e os olhos fitos do Bobo? Teria partilhado alguma experiência distante do Bobo, ou teria a estatueta exprimido o terror e a dor que a mensageira sentira com a morte?

Pensei erguer a estatueta, levá-la à testa para voltar a ver as memórias simples que ele lá armazenara para mim. Mas tinha as mãos a tremer e voltei a pousá-la na mesa. Agora não. Se, de alguma forma, fundira a dor da rapariga na pedra, não queria sabê-lo agora nem voltar a experimentar essa agonia. Naquele momento precisava de caçar.

Puxei as mangas para me cobrirem as mãos e devolvi a estatueta ao seu lugar na prateleira da lareira. Ainda um pouco trémulo, explorei o meu covil, em busca de outros sinais da presença dela, mas nada encontrei.

Alguém tinha vindo até ali, até ao meu refúgio privado, forçara as portas e mexera em alguns objetos muito pessoais. Havia poucas coisas que tocavam o coração de quem eu era como aquela estatueta, havia poucas e preciosas coisas que me amarravam a um passado em que servira o meu rei com os dois mais queridos amigos que conhecera na vida. Que alguém, um desconhecido, se tivesse atrevido a mexer nela e a tivesse profanado com sangue que derramara pôs-me à beira de uma fúria assassina, e quando pensei que a estatueta podia facilmente ter sido roubada, fiquei a ver vermelho por um momento.

Abanei furiosamente a cabeça, forçando-me à frieza. *Pensa*. Como tinham eles encontrado aquele lugar? Era óbvio. Quando Pândego fora enviado à minha procura, tinham-no seguido. Mas se encontrar-me fosse o verdadeiro objetivo, porque não teriam atacado nessa altura? E como tinha eu falhado em estar consciente deles? Seriam Forjados, como Teio suspeitara a princípio, seres humanos a quem fora arrancada toda a ligação à humanidade? Duvidava; no salão de baile eles tinham-se movido como um grupo, com uma agitação e um autocontrolo que eu nunca vira nos Forjados. Teriam, então, alguma forma de mascarar os sinais vitais? Não

conhecia nenhuma magia que pudesse fazer isso. Quando o meu lobo estava vivo, tínhamos, com dificuldade, aprendido a manter as nossas comunicações privadas. Mas isso não era propriamente o mesmo que sermos capazes de nos escondermos completamente da consciência de outros Manhosos.

Pus essa preocupação de parte por um momento. Tentei alcançar Urtiga com o Talento e depressa partilhei com ela a maior parte do que ficara a saber. Não fiz qualquer menção ao sangue ou à estatueta. Isso era privado.

Estou com a mãe. Enigma levou o Cadinho e o Justo consigo. Disse ao Justo que tinha de guardar a porta de Paciência enquanto Enigma e Cadinho verificavam todas as salas desocupadas do solar.

Excelente. Como está a tua mãe?

Ainda dorme. Tem o aspeto de sempre e eu não consigo detetar nada de errado com ela. Mas fiquei muito alarmada quando desmaiou, há bocado. Muito mais preocupada do que quis que ela visse. Quando o pai dela morreu, tinha só mais dois anos do que ela tem agora.

Ele tinha arruinado a saúde com a bebida e as rixas e os acidentes estúpidos que as acompanham.

A mãe morreu muito nova.

Pressionei os olhos com as palmas das mãos e empurrei a testa com os dedos. Era demasiado assustador, não era capaz de pensar naquilo. *Fica aí com ela, por favor. Só tenho mais alguns sítios em que quero procurar e depois vou render-te.*

Eu estou bem aqui. Não precisas de te apressar.

Suspeitaria ela do que eu me preparava para fazer? Duvidava. Só eu, Paciência e Moli conhecíamos o labirinto oculto de passagens secretas em Floresta Mirrada. Embora os furos de vigia nas passagens não me permitissem examinar todos os quartos, permitir-me-iam olhar para muitos deles, para ver se algum abrigava mais hóspedes do que os que tínhamos convidado.

A alvorada estava mais próxima do que a meia-noite quando saí das passagens. Estava engrinaldado de teias de aranha, enregelado até aos ossos e fatigado. Nada descobrira, exceto que duas das criadas estavam dispostas,

por sorte, capricho ou talvez algum dinheiro, a passar a noite em camas que não eram as suas. Vira uma jovem esposa a chorar para as mãos enquanto o marido ressonava ebriamente meio enfiado na cama, e um velho casal a entregar-se a um Fumo tão potente que a leve porção que foi soprada para dentro das passagens me entonteceu.

Mas dos peculiares menestréis ou do corpo da mensageira não havia nem sinal.

Regressei ao meu quarto e libertei Urtiga para ir para o dela. Não dormi nessa noite, nem sequer me deitei; sentei-me numa cadeira junto da lareira a vigiar Moli e a refletir. Teriam os intrusos sido loucos o suficiente para fugir para dentro da tempestade de neve, levando consigo o corpo da mensageira? Pelo menos um permanecera em Floresta Mirrada tempo suficiente para seguir Pândego e entrar no meu covil. Porquê? Para que fim? Nada fora levado de lá, nenhum membro do meu pessoal fora ferido. Estava determinado a chegar ao fundo da questão.

Mas, ao longo dos dias seguintes, foi como se tivéssemos sonhado os menestréis extraviados e a mensageira. Moli recuperou para festejar, dançar e rir com os nossos convidados durante o resto do Festival de Inverno, sem sinal de doença ou fraqueza. Eu senti-me sujo por manter a informação sangrenta oculta dela, e ainda pior por ter vinculado os seus filhos ao silêncio, mas tanto Urtiga como Enigma concordaram comigo. Ela não precisava daquela preocupação adicional naquele momento.

Continuou a nevar ao longo de mais um dia e uma noite, tapando todos os sinais de alguém que pudesse ter surgido ou partido. Depois de o sangue ter sido limpo do chão, nenhum sinal restou dos nossos visitantes estrangeiros. Pândego surpreendeu-me por ser capaz de manter a língua quieta a respeito dos peculiares acontecimentos, pois Enigma, Urtiga e eu tínhamos decidido que investigações discretas poderiam render mais informação do que andar por aí a anunciar o que nos preocupava. Porém, além de alguns convidados que comentaram sobre os estrangeiros que tinham chegado à festa e partido sem partilharem nenhuma da alegria, não descobrimos nada. Teio pouco tinha a dizer que não me tivesse dito já. Achava estranho que a mulher não lhe dissesse o nome do “amigo” de que

andava à procura. E era tudo.

Urtiga, Enigma e eu debatemos a possibilidade de informar Breu do incidente. Eu não queria, mas eles acabaram por me convencer. Na primeira noite calma após o Festival de Inverno, depois de os nossos convidados partirem e Floresta Mirrada ficar comparativamente sossegada, fui para o meu escritório. Urtiga acompanhou-me e Enigma veio com ela. Sentámo-nos, ela uniu os pensamentos aos meus e, juntos, contámos a nossa história a Breu através do Talento. Urtiga foi uma presença silenciosa enquanto eu apresentava o meu relatório detalhado. Julgara que ela talvez fornecesse mais detalhes, mas tudo o que senti vindo dela foi uma calma confirmação do meu relato. Breu fez poucas perguntas, mas eu senti-o a armazenar todos os detalhes. Sabia que ele recolheria toda a informação que conseguisse com a sua extensa rede de espões e a partilharia comigo. Mesmo assim, fiquei surpreendido quando ele disse: “Aconselho-te a esperar. Alguém enviou a mensageira e esse alguém poderá voltar a tentar contactar-te quando a mensageira não regressar. O Enigma que vá a Mirra e passe algum tempo e algumas noites nas tabernas de lá. Se houver alguma coisa para ouvir, ele ouvi-la-á. E eu vou fazer umas investigações discretas. Para além disso, penso que fizeste tudo o que podias fazer. Além, claro, e tal como antes, de te aconselhar a pensares em acrescentar alguns soldados domésticos ao teu pessoal. Soldados capazes de servir uma chávena de chá ou de cortar uma goela com igual perícia.”

“Não me parece que isso seja necessário,” disse eu com firmeza, e detetei o seu suspiro distante.

“Como achares melhor,” concluiu ele e retirou a sua mente de junto das nossas.

Eu fiz o que ele sugerira, enviando Enigma às tabernas, mas ele não ouviu nada. Não chegou nenhuma mensagem a perguntar o que acontecera a uma mensageira. Durante algum tempo, eu andei de pelos eriçados, alerta a tudo o que pudesse ser nem que fosse um pouco fora do comum. Mas à medida que os dias, e depois os meses, se foram passando, o incidente apagou-se do primeiro plano da minha mente. A suposição de Enigma de que nenhum deles era o que afirmava ser e que tínhamos sido testemunhas

casuais de alguém a ajustar velhas contas era tão válida como qualquer outra coisa que eu conseguisse imaginar.

Anos mais tarde, eu acabaria por me espantar com a minha estupidez. Como podia não ter percebido? Esperava e ansiava há anos por uma mensagem do Bobo. E quando ela finalmente chegara, eu não a recebera.

CAPÍTULO 3

A QUEDA DE TOMBASTELA

Um segredo só é teu enquanto não o partilhares. Di-lo a uma pessoa e deixa de ser segredo.

Breu Tombastela

Galinhas cacarejavam, bezerros baliavam e o cheiro saboroso da carne a pingar de gordura flutuava no ar de verão. O céu azul do estio arqueava por cima das barracas do mercado em Margem de Carvalhos, a maior vila franca a uma viagem fácil de distância do Solar de Floresta Mirrada. Margem de Carvalhos era uma vila que se erguia numa encruzilhada, com bons acessos às quintas circundantes do vale e a uma bem cuidada Estrada do Rei que levava a um porto no Rio Cervo. Chegavam bens de montante e de jusante do rio, bem como das aldeias em redor. Os mercados do décimo dia eram os mais concorridos; carroças de agricultores enchiam o círculo do mercado, enquanto vendedores menos importantes tinham espalhado os produtos por mantas estendidas no relvado da vila sob os vastos carvalhos na margem do ribeiro que lhe davam o nome. Os mercadores mais humildes não tinham mais do que legumes frescos ou artesanato feito em casa disposto em esteiras no chão, ao passo que os agricultores com maiores propriedades instalavam bancadas temporárias onde colocavam cestos de lã tingidas, rodas de queijo ou fatias de porco fumado.

Atrás das vendas do mercado do décimo dia ficavam os mercadores residentes de Margem de Carvalhos. Havia uma loja de sapatos, o estabelecimento de um tecelão, um latoeiro e um grande ferreiro. A Estalagem dos Cães do Rei dispusera bancos e mesas no exterior, à sombra. O vendedor de panos exhibia para venda fileiras de tecidos e retorcidas meadas de fio tingido, a loja do ferreiro oferecia artigos de estanho, ferro e cobre e o sapateiro trouxera o banco para o exterior da loja e estava nele sentado a coser um suave chinelo vermelho de senhora. O ruído agradável

das pessoas a regatear e a tagarelar fluía e refluía em vagas contra os meus ouvidos.

Estava sentado num dos bancos da taberna, debaixo do carvalho, com uma caneca de sidra junto do cotovelo. As minhas incumbências estavam concluídas. Tínhamos recebido uma mensagem de Justo, a primeira a chegar-nos em muitos meses. Ele e Cadinho tinham saído de casa quase três anos antes. Com a bela indiferença da juventude pelas preocupações dos pais, só enviavam mensagens esporadicamente. Justo concluíra o primeiro ano de aprendizagem com um fabricante de carroças em Fundos Altos, e o mestre estava mesmo muito contente com ele. Escrevia que Cadinho arranjava trabalho num barco de transbordo fluvial e parecia satisfeito com essa ocupação. Eu e Moli rejubiláramos com a notícia de que ele finalmente assentara e se estava a sair bem. Mas Justo acrescentara que perdera a sua faca preferida de trazer à cinta, uma faca com uma lâmina estreita e levemente encurvada que o ferreiro de Margem de Carvalhos lhe fizera quando ele tinha treze anos. Eu encomendara duas semanas antes uma faca que a substituísse e viera buscá-la hoje. Esse pequeno embrulho estava aos meus pés, ao lado de um monte de compras de Moli.

Estava a observar o sapateiro e a perguntar a mim mesmo se Moli gostaria de ter um par de chinelos vermelhos. Mas claro que aquele par já estava apalavrado; enquanto eu observava, uma jovem esguia com uma rebelde cabeleira castanha e encaracolada saiu a pavonear-se da multidão do mercado e foi parar à frente do sapateiro. Não consegui ouvir as palavras que trocaram, mas o homem deu mais três pontos e fez um nó, cortou o fio com os dentes e ofereceu o chinelo e o respetivo par à rapariga. A cara dela iluminou-se com um sorriso atrevido, pousou uma pilha de moedas de cobre no banco dele e sentou-se imediatamente para experimentar os sapatos novos. Acabada de calçar, levantou-se, ergueu as saias quase até aos joelhos, e experimentou uns passos de dança ali mesmo, na rua empoeirada.

Eu sorri e olhei em volta em busca de alguém com quem partilhar o divertimento com o imperturbável prazer da rapariga. Mas os dois velhos lavradores sentados na outra extremidade do meu banco estavam a trocar queixas sobre a possibilidade de chuva ou da sua falta, e a minha Moli

andava entre os outros compradores a desfrutar de um dia de regateio com mercadores. No passado, quando os rapazes eram mais novos e Paciência estava viva, os dias de mercado eram viagens muito mais complicadas. Mas no espaço de pouco mais de um ano tínhamos perdido a minha madrastra e víramos os rapazes partir à aventura. Durante a maior parte de um ano, creio que estivemos ambos atordoados pela abrupta mudança nas nossas vidas. Ao longo dos quase dois anos que decorreram depois disso, tínhamo-nos debatido com uma casa que de repente parecia demasiado grande. Só recentemente havíamos começado a explorar cautelosamente a nossa nova liberdade. Hoje tínhamos escapado ao confinamento das nossas vidas como senhora e depositário da propriedade para ter um dia para nós. Tínhamo-lo planeado bem. Moli trouxera uma pequena lista de coisas que desejava comprar. Eu não precisava de lista para me lembrar que aquele era o meu dia destinado ao ócio. Estava a contar com música durante uma refeição noturna na estalagem. Se nos deixássemos ficar até demasiado tarde, poderíamos até passar lá a noite e começar a viagem de volta a Floresta Mirrada na manhã seguinte. Perguntei despreocupadamente a mim próprio por que motivo a imagem de Moli e eu sozinhos numa estalagem durante a noite despertava pensamentos mais dignos de um rapaz de quinze anos do que de um homem de cinquenta. Isso fez-me sorrir.

FitzCavalaria!

O contacto pelo Talento foi um berro na minha mente, um grito ansioso que era inaudível para todas as outras pessoas no mercado. Soube num instante que se tratava de Urtiga e que ela estava cheia de preocupação. O Talento era assim: tanta informação transmitida num instante. Uma parte da minha mente reparou que ela me chamara FitzCavalaria, não Tomé Texugo, Tomé ou até Lobo Sombrio. Ela nunca me chamava pai ou papá. Eu perdera há anos o direito a esses títulos. Mas “FitzCavalaria” falava de assuntos que tinham mais a ver com a coroa Visionário do que com os nossos laços familiares.

Que se passa? Instalei-me no banco e afixei no rosto um sorriso vazio enquanto estendia o Talento pela distância que me separava do Castelo de Torre do Cervo, na costa. Via os ramos erguidos do carvalho com o céu azul

em fundo, mas também estava consciente de uma sala obscurecida em volta de Urtiga.

É Breu. Pensamos que ele deu uma queda e talvez tenha batido com a cabeça. Foi encontrado esta manhã estatelado nas escadas que levam ao Jardim da Rainha. Não sabemos quanto tempo esteve lá e fomos incapazes de o despertar. O Rei Respeitador deseja que venhas imediatamente.

Estou aqui, assegurei-lhe. Deixa-me vê-lo.

Estou a tocar-lhe agora. Não o consegues sentir? Eu não consegui, Respeitador não conseguiu e o Obtuso ficou completamente desconcertado. “Vejo-o mas ele não está lá,” disse-nos.

O medo enviou ramificações frias da minha barriga até ao coração. Uma velha recordação da rainha de Veracidade, Kettricken, a cair por essas mesmas escadas — vítima de uma conspiração para matar, com a queda, o filho por nascer — encheu-me a mente. Perguntei imediatamente a mim próprio se a queda de Breu teria sido mesmo um acidente. Tentei esconder esse pensamento de Urtiga enquanto estendia a mente através dela para procurar Breu às apalpadelas. Nada. *Não consigo detetá-lo. Está vivo?*, perguntei, procurando alcançar alguma aparência de calma. Forcei o meu Talento e fiquei mais consciente da sala onde Urtiga estava sentada ao lado de uma cama de dossel. As janelas tapadas com cortinas tornavam a iluminação fraca. Havia um pequeno braseiro a arder, algures; senti o cheiro penetrante de ervas reconstituíntes. Estava sentado ao ar livre mas senti a toda a minha volta o ar abafado da sala fechada. Urtiga encheu os pulmões de ar e mostrou-me Breu através dos seus olhos. O meu velho mentor fora estendido sob as mantas, tão direito como se estivesse deitado numa pira funerária. Tinha a cara pálida, os olhos encovados e uma nódoa negra enegrecia uma têmpora e inchava-lhe a testa desse lado. Vi o conselheiro do Rei Respeitador através dos olhos da minha filha, mas não obtive dele nenhuma sensação mais completa.

Ele respira. Mas não acorda e nenhum de nós tem qualquer sensação de que está lá. É como se eu estivesse a tocar...

Terra. Concluí o pensamento por ela. Fora assim que o Obtuso o exprimira anos antes, quando eu lhe suplicara e a Respeitador para

estenderem o Talento e me ajudarem a curar o Bobo. O Bobo estivera morto para eles. Morto e já a transformar-se em terra. *Mas respira?*

Já te disse que sim! Impaciência frenética a rasar a ira tingiu-lhe as palavras. Fitz, não te teríamos contactado se isto fosse uma cura simples. E eu ter-te-ia dito se ele estivesse morto. Respeitador quer que venhas imediatamente, assim que possível. Mesmo com o Obtuso a emprestar-lhes força, o Círculo de Talento não foi capaz de o alcançar. Se não conseguirmos alcançá-lo, não conseguiremos curá-lo. És a nossa última esperança.

Eu estou no mercado de Margem de Carvalhos. Vou ter de voltar a Floresta Mirrada, embrulhar algumas coisas e ir buscar um cavalo de sela. Chego aí dentro de três dias, ou menos.

Não serve. Respeitador sabe que não vais gostar da ideia, mas quer que venhas pelos portais de pedra.

Eu não faço isso. Asseverei-o de forma taxativa, já sabendo que por Breu correria esse risco, algo que não fizera durante todos os anos transcorridos desde que me perdera nas pedras. A ideia de entrar naquele reluzente negrume pôs-me em pé os pelos da nuca e dos braços. Só de pensar nisso, fiquei aterrorizado ao ponto de me sentir doente. Aterrorizado. E tentado.

Fitz. Tem de ser. É a única esperança que temos. Os curandeiros que chamámos são completamente inúteis, mas numa coisa concordam. Breu está a afundar-se. Não conseguimos alcançá-lo com o Talento e eles dizem que toda a sua experiência lhes diz que dentro de alguns dias vai morrer, com os olhos a projetar-se da cara por causa do golpe na cabeça. Se cá chegares dentro de três dias, será para o veres arder numa pira.

Eu vou. Formei sombriamente o pensamento. Conseguiria levar-me a fazê-lo? Tinha de conseguir.

Pelas pedras, insistiu ela. Se estás em Margem de Carvalhos não estás longe da Pedra de Julgamento que eles têm na Colina da Força. Os mapas que temos mostram que tem o glifo das nossas Pedras Testemunha. Facilmente consegues chegar cá antes do pôr do sol.

Pelas pedras. Tentei afastar do pensamento tanto a amargura como o medo. A tua mãe está aqui no mercado comigo. Viemos na carroça de rodas

altas. Vou ter de a mandar sozinha para casa. Uma vez mais separados por assuntos Visionário, roubados do simples prazer de uma refeição partilhada e das canções de menestrel de uma noite numa taberna.

Ela vai compreender, disse Urtiga, tentando reconfortar-me.

Vai. Mas não vai ficar contente. Libertei os meus pensamentos de Urtiga. Não tinha fechado os olhos, mas senti-me como se os abrisse. O ar puro e o clamor do mercado de verão, a luz brilhante do sol que passava por entre as folhas do carvalho, até a rapariga com os chinelos vermelhos, pareceram intrusões súbitas na minha realidade mais sombria. Apercebi-me de que, enquanto usara o Talento, o meu olhar que nada via estivera pousado nela. A rapariga estava agora a devolver-me o olhar com um sorriso interrogador. Baixei apressadamente os olhos. Era tempo de partir.

Emborquei o resto da sidra, bati com a caneca vazia na tábua e levantei-me, procurando Moli na agitação do mercado. Localizei-a ao mesmo tempo que ela me viu. Em tempos fora tão magra como a rapariga dos chinelos vermelhos. Agora, Moli era uma mulher que ia passando dos anos intermédios da vida. Deslocava-se pela multidão firmemente, ainda que não com rapidez, uma mulher pequena e robusta com olhos escuros e brilhantes e uma expressão determinada na boca. Trazia sobre o braço um corte de tecido suave e cinzento, como se fosse um troféu de guerra duramente conquistado. Por um momento, vê-la expulsou-me da mente todas as outras considerações. Fiquei simplesmente a observá-la enquanto vinha na minha direção. Sorriu-me e deu palmadinhas na mercadoria. Apiedei-me do mercador que fora vítima do seu regateio. Ela sempre fora uma mulher poupada; transformar-se na Dama Moli de Floresta Mirrada não alterara isso em nada. A luz do sol reluzia na prata que se entrelaçava nos seus caracóis outrora escuros.

Baixei-me para recuperar o que ela comprara antes. Havia um painel de um queijo mole específico de que ela gostava, uma bolsa de folhas de cálquia para aromatizar velas e um pacote cuidadosamente embrulhado de pimentos vermelhos vivos, que ela me avisara para não tocar com as mãos nuas. Eram para a avó da nossa jardineira: ela dizia conhecer a fórmula de uma poção capaz de aliviar o inchaço nos nós de dedos velhos. Moli queria

experimental. Nos últimos tempos vinha a sofrer de dores nas cruzes. Ao lado desse pacote estava um pote tapado que continha um chá fortalecedor do sangue.

Carreguei os braços e, ao virar-me, choquei com a rapariga dos chinelos vermelhos. “Perdão,” disse, afastando-me dela, mas ela ergueu o olhar para mim com um sorriso alegre.

“Não há mal,” assegurou-me, inclinando a cabeça. Depois a curva do sorriso acentuou-se quando acrescentou: “Mas se o senhor me quiser compensar por quase ter pisado os meus chinelos acabados de comprar, pode comprar uma caneca de sidra para partilhar comigo.”

Fitei-a, assarapantado. Ela julgara que eu estivera a observá-la enquanto usava o Talento. Bem, na verdade sim, estivera a fitá-la, mas ela confundira esse olhar com um interesse de homem numa rapariga bonita. Coisa que ela era. Bonita e jovem, muito mais jovem do que eu percebera quando reparara nela pela primeira vez. Tal como eu era muito mais velho do que o seu olhar interessado supunha. O pedido dela lisonjeou-me ao mesmo tempo que me enervava. “Vais ter de te contentar com aceitar as minhas desculpas. Vou ao encontro da senhora minha esposa.” E virei-me para Moli.

A rapariga virou-se, olhou diretamente para Moli e voltou a virar-se para mim. “A senhora sua esposa? Ou será que queria dizer a sua mãe?”

Fitei a rapariga. Qualquer encanto que a sua juventude e beleza pudessem ter tido para mim tinha-me desaparecido do coração. “Com licença,” disse, friamente, e afastei-me dela para me dirigir à minha Moli. Uma dor conhecida apertou-me o coração. Era um medo que eu combatia quase todos os dias. Moli estava a envelhecer, os anos levavam-na cada vez para mais longe de mim numa corrente lenta e inexorável. Eu aproximava-me dos cinquenta anos, mas o corpo insistia teimosamente em conservar as características de um homem de trinta e cinco. Uma cura amplificada pelo Talento, anos antes, ainda tinha o poder de despertar e me atravessar numa fúria sempre que me feria. Sob o seu controlo, eu raramente adoecia e cortes ou nódoas negras saravam depressa. Na primavera anterior, eu caíra de um palheiro e partira o antebraço. Adormecera nessa noite com o braço

firmemente preso numa tala e despertara absolutamente esfomeado e magro como um lobo no inverno. O braço estava dorido mas conseguia usá-lo. A magia indesejada mantivera-me em forma e jovem, uma terrível bênção enquanto via Moli ir-se vergando lentamente ao peso da pilha de anos que carregava consigo. A impiedosa corrente do tempo levava-a firmemente para longe de mim. Desde que desmaiara, naquele Festival de Inverno, o envelhecimento parecera acelerar. Cansava-se mais facilmente e tinha por vezes ataques de tontura e de visão desfocada. Isso entristecia-me, pois ela preferia ignorar tais coisas e recusar-se a discuti-las depois de passarem.

Quando avancei na direção de Moli, reparei que o sorriso dela se tornara fixo. Não lhe escapara a interação entre mim e a rapariga. Falei antes de ela ter oportunidade de o fazer, colocando a voz para que só ela pudesse ouvir as minhas palavras no meio do ruído do mercado. “Urtiga contactou-me pelo Talento. É Breu. Está gravemente ferido. Querem que eu vá ao Castelo de Torre do Cervo.”

“Tens de partir esta noite?”

“Não. Imediatamente.”

Ela olhou para mim. Emoções transpareceram na sua cara. Aborrecimento. Ira. E depois, terrivelmente, resignação. “Tens de ir,” disse-me.

“Temo bem que sim.”

Ela fez um aceno tenso e tirou-me dos braços carregados várias das suas compras. Atravessámos juntos o mercado na direção da estalagem. A nossa pequena carroça de duas rodas estava estacionada à porta. Eu acomodara o cavalo no estábulo, esperando que passássemos a noite ali. Quando enfiei o resto das nossas compras debaixo do banco, disse: “Não tens de correr de volta para casa, sabes? Podes ficar e desfrutar do resto do dia de mercado.”

Ela suspirou. “Não. Vou chamar o moço de estrebaria para trazer o nosso cavalo. Eu não vim por causa do mercado, Fitz. Vim para passar um dia contigo. E isso acabou. Se formos agora para casa, podes estar a caminho antes da noite.”

Pigarreei e dei-lhe a notícia. “É demasiado urgente para isso. Vou ter de usar a pedra na Colina da Forca.”

Ela fitou-me, de boca entreaberta. Eu enfrentei esse olhar, tentando esconder o meu medo. “Gostava que não fizesses isso,” disse ela, sem fôlego.

“E eu gostava de não ter de o fazer.”

Os seus olhos gastaram um pouco mais de tempo a perscrutar o meu rosto. Por um instante apertou os lábios descorados e eu pensei que ia discutir comigo. Depois disse numa voz tensa: “Vai buscar o cavalo. Eu levo-te lá.”

Era uma caminhada fácil mas não discuti. Ela queria estar lá. Queria ver-me entrar na pedra e desaparecer-lhe da vista. Nunca me vira fazê-lo e nunca quisera ver-me a fazê-lo. Mas se eu tinha de o fazer, ela queria ver-me partir. Eu sabia o que estava a pensar. Podia ser a última vez que me veria, se o meu Talento me traísse. Reconfortei-a da única maneira que pude: “Mando a Urtiga enviar uma ave de Torre do Cervo assim que chegar lá em segurança. Portanto, não precisas de te preocupar.”

“Oh, eu vou preocupar-me. Durante dia e meio, até que a ave me alcance. É o que eu faço melhor.”

As sombras tinham começado a alongar-se quando a ajudei a descer da carroça no topo da Colina da Força. Ela segurou-me na mão enquanto percorríamos o íngreme caminho até ao cume. Margem de Carvalhos não possuía um círculo de pedras verticais, como Torre do Cervo. Só havia o velho cadafalso, com a madeira cinzenta e lascada a cozer à luz do sol estival enquanto margaridas cresciam incongruente e alegremente à volta da sua base. E por trás, mesmo no cume da colina, uma única pedra vertical, a reluzir, negra e com veios de prata: pedra da memória. Atingia facilmente a altura de três homens. Tinha quatro faces, e cada uma destas possuía um único glifo lá esculpido. Desde que descobríamos a verdadeira utilidade das pedras verticais, o Rei Respeitador enviara equipas de homens a todas as pedras para as limpar e registar os glifos que possuíam e a orientação destes. Cada glifo indicava um destino. Alguns eram agora por nós conhecidos; a maioria não era. Mesmo após uma década a estudar pergaminhos sobre a magia esquecida do Talento, a maior parte dos praticantes considerava a viagem pelos portais de pedra perigosa e

debilitante.

Eu e Moli demos juntos a volta à pedra, a olhar para ela. O sol estava a brilhar-me nos olhos quando vi o glifo que me levaria até às Pedras Testemunha perto de Torre do Cervo. Fitei-o, sentindo o medo a formar-se-me, frio, na barriga. Não queria fazer aquilo. Tinha de o fazer.

A pedra erguia-se, negra e imóvel, chamando por mim como uma lagoa num dia quente de verão. E, como uma lagoa profunda, podia puxar-me para as suas profundezas e afogar-me para sempre.

“Volta para mim assim que puderes,” sussurrou Moli. E depois atirou os braços à minha volta e apertou-me num abraço feroz. Falou para o meu peito. “Detesto os dias que temos de passar separados. Detesto os deveres que continuam a puxar por ti, e detesto como eles parecem andar sempre a separar-nos. Detesto que desapareças quase sem aviso para os cumprires.” Proferiu as palavras com violência, e cada uma delas foi uma pequena faca mergulhada em mim. Depois acrescentou: “Mas adoro que sejas o tipo de homem que ainda faz o que tem de fazer. A nossa filha chama e tu vais ter com ela. Como ambos sabemos que tens de ir.” Respirou fundo e abanou a cabeça perante o seu ataque de mau génio. “Fitz, Fitz, continuo tão ciosa de cada minuto do teu tempo. E à medida que envelheço, parece que quero agarrar-me mais a ti, não menos. Mas vai. Vai fazer o que tens de fazer e volta para mim o mais depressa que puderes. Mas não pelas pedras. Volta para mim em segurança, querido.”

Palavras simples e até ao dia de hoje não sei por que motivo me espevitaram a coragem como fizeram. Apertei-a mais a mim e endireitei as costas. “Eu vou ficar bem,” assegurei-lhe. “Quando fiquei perdido nas pedras, foi só por as ter usado com tanta frequência nos dias anteriores. Isto vai ser fácil. Entro aqui e saio aos tropeções das Pedras Testemunha acima da Cidade de Torre do Cervo. E a primeira coisa que faço é pedir que enviem uma ave para Floresta Mirrada para te dizer que estou lá.”

“E a ave vai levar pelo menos um dia a chegar cá. Mas eu vou ficar à espera dela.”

Voltei a beijá-la e depois soltei-a. Tinha os joelhos a tremer e de súbito desejei ter urinado antes. Enfrentar um perigo súbito e desconhecido é

diferente de mergulharmos deliberadamente numa tarefa que já antes experimentámos e que sabemos pôr a vida em risco. Imaginem entrar deliberadamente numa fogueira. Ou ultrapassar a amurada de um navio numa tempestade. Eu podia morrer. Ou pior, não morrer; para sempre, naquela fria quietude negra.

Estava só a quatro passos de distância. Não podia desmaiar. Não podia deixar que o meu terror se revelasse. Tinha de fazer aquilo. A pedra estava só a dois passos. Ergui uma mão e dirigi um último aceno a Moli, mas não me atrevi a fitá-la. A minha boca secara com o mais puro dos medos. Com a mesma mão, pousei a palma na face da pedra vertical, mesmo por baixo do glifo que me transportaria para Torre do Cervo.

A face da pedra estava fresca. O Talento preencheu-me de uma forma indescritível. Não penetrei na pedra; ela envolveu-me. Um momento de um nada negro e cintilante. Uma indefinível sensação de bem-estar acariciou-me e tentou-me. Estava à beira de discernir algo de maravilhoso; dentro de um momento entendê-lo-ia por completo. Não o compreenderia apenas. *Sê-lo-ia*. Completo. Não mais voltaria a precisar de algo ou alguém. Realizado.

E então saí aos tropeções. O primeiro pensamento coerente que tive ao cair da pedra para a vertente húmida e relvada da colina acima de Torre do Cervo foi idêntico ao último pensamento antes de entrar. Perguntei a mim mesmo o que Moli vira quando a abandonara.

Deixara-me cair sobre os joelhos trémulos quando emergira. Não tentei mexer-me. Olhei para a frente, inspirando ar que trazia da Baía de Torre do Cervo um vestígio de salitre. Ali estava mais frio e o ar era mais húmido. Chovera recentemente. Ovelhas pastavam na vertente da colina a meu lado. Uma tinha erguido a cabeça para me fitar; agora voltava a baixá-la para a erva. Vi as muralhas negras do Castelo de Torre do Cervo do outro lado de uma extensão desordenada de pasto pedregoso e árvores entortadas pelo vento. A fortaleza de pedra negra erguia-se como parecia ter-se erguido desde sempre, com torres que lhe davam vista sobre uma vasta extensão de mar. Não conseguia vê-la, mas sabia que a Cidade de Torre do Cervo se agarrava às falésias íngremes por baixo do castelo como se fosse um líquen de gente e edifícios. Casa. Eu estava em casa.

Lentamente, o bater do meu coração foi voltando ao normal. Uma carroça rangente ultrapassou o cume da colina e foi abrindo caminho na direção das portas do castelo. Com olho crítico, aprovei o passo lento de uma sentinela que percorria as muralhas do castelo acima da porta. Estávamos agora em paz, mas Respeitador mantinha a vigilância. Muito bem. Calcede podia parecer estar ocupado com a sua guerra civil, mas os rumores diziam que a duquesa já controlava a maior parte das suas caprichosas províncias. E, assim que estivesse em paz consigo mesmo, não havia dúvida de que Calcede voltaria uma vez mais a procurar a guerra com os vizinhos.

Olhei para o pilar de Talento atrás de mim. Capturou-me um súbito desejo de voltar a entrar nele, de me voltar a banhar naquele prazer perturbador de negrume cintilante. Havia lá qualquer coisa que era imensa e maravilhosa, uma coisa a que eu ansiava por me juntar. Podia voltar a penetrar no pilar e ir à sua procura. Ela esperava por mim.

Enchi os pulmões de ar e estendi o Talento para Urtiga. *Envia uma ave para Floresta Mirrada. Informa Moli de que estou aqui e em segurança. Escolhe a ave mais rápida que possa ir lá ter.*

Feito. E porque foi que não me informaste antes de entrares na pedra? Ouvi-a falar com alguém na sala. “*Ele está aqui. Manda-lhe imediatamente um rapaz com um cavalo para ele.*” Depois voltou a concentrar-se em mim. *E se tivesses emergido sem sentidos e sem falar, como aconteceu há tantos anos?*

Deixei a reprimenda passar por mim. Ela tinha razão, claro, e Breu ficaria furioso comigo. Não. O pensamento chegou com uma consternação gelada. Breu podia nunca mais ficar furioso comigo. Comecei a caminhar para a fortaleza e depois não consegui impedir-me de passar a uma marcha. Voltei a contactar Urtiga pelo Talento. *Os guardas à porta sabem que eu vou a caminho?*

O Rei Respeitador em pessoa ordenou-lhes para esperarem a chegada do Depositário Texugo com uma mensagem importante da minha mãe para mim. Ninguém te vai reter. Vou mandar um rapaz com um cavalo.

Eu estou aí antes de ele sair dos estábulos. E larguei a correr.

O quarto de Breu era grandioso. E silencioso como a morte. Ficava no mesmo piso dos aposentos régios de Respeitador e eu duvidei que estes fossem tão indulgentes como os do velho assassino transformado em conselheiro. Os meus pés afundaram-se em espessos tapetes de um verde musguento. As pesadas cortinas que tapavam as janelas não deixavam entrar nem um raio de luz do dia. Em vez disso, velas tremeluzentes enchiam a sala com o odor de cera a derreter. Vindo de um reluzente braseiro de latão ao lado da cama dele, um fumo de ervas reconstituíntes carregava o ar. Tossi e fui até junto da cama às apalpadelas. Havia aí um jarro e um copo cheio. “É só água?”, perguntei aos curandeiros que rodeavam o doente e alguém assentiu. Esvaziei o copo e voltei a tossir. Ainda estava a recuperar o fôlego da correria pelas vastas escadarias do castelo acima.

O Rei Respeitador estava a aproximar-se por trás de mim e Urtiga também. Obtuso encontrava-se sentado num banco, ao canto, com a ponta da língua pousada no lábio inferior e a sua cara de simplório a desfazer-se em tristeza e lágrimas. A sua música de Talento era um hino fúnebre amortecido. Deitou-me um longo olhar de soslaio e depois a sua boca de sapo abriu-se num sorriso de boas-vindas. “Eu conheço-te”, disse-me.

E eu conheço-te a ti, velho amigo, transmiti-lhe pelo Talento. Afastei dos pensamentos que ele não envelhecera bem; os da sua espécie raramente o faziam. E ele já vivera mais tempo do que qualquer um dos curandeiros de Torre do Cervo esperara.

Faremos o que pudermos para o despertar, assegurei ao homenzinho.

Firme, meio-irmão da minha Urtiga e agora membro do círculo de Talento do rei, estava ao lado de Obtuso. Cumprimentei-o rapidamente com um aceno. Abrira caminho por entre os curandeiros e os seus vários assistentes para chegar à beira da cama de Breu. O quarto estava carregado com os cheiros de pessoas ansiosas. Elas comprimiam-me o sentido da Manhã como se eu estivesse a tentar atravessar um cercado cheio de animais para abate.

Não hesitei. “Abri essas cortinas e as janelas também. Deixai entrar aqui alguma luz e ar!”

Um dos curandeiros falou. “Determinámos que a escuridão e o silêncio podem encorajar melhor...”

“Abri-as!”, exclamei, pois uma súbita vaga de memórias do meu primeiro rei, o Rei Sagaz, num quarto abafado cheio de tónicos e remédios e do fumo de drogas, encheu-me de medo.

Os curandeiros fitaram-me, hostis e imóveis. Quem era este desconhecido para entrar no quarto de Dom Breu, beber do seu copo e depois dar-lhes ordens? O ressentimento fervilhou.

“Abri-as,” disse Respeitador como um eco, ao entrar no aposento, e os curandeiros e os respetivos assistentes correram a obedecer.

Virei-me para ele e perguntei: “Podes tirá-los todos daqui?”

Alguém susteve audivelmente a respiração. “Meu rei, por obséquio,” acrescentei apressadamente. Na pressão do momento, esquecera que eles me viam meramente como Tomé Texugo, Depositário de Floresta Mirrada. Muito possivelmente não faziam a mais pequena ideia do motivo por que eu podia ter sido chamado para consulta a propósito da saúde de Breu. Tentei compor-me e vi um sorriso sardónico e fatigado torcer o canto da boca de Respeitador enquanto dava as ordens que iriam esvaziar o quarto dos curandeiros ali reunidos. Quando a luz e o ar refrescaram o quarto e o número de pessoas diminuiu, a pressão sobre os meus sentidos acalmou. Não pedi autorização para abrir por completo o dossel da cama. Urtiga ajudou-me. A última luz do poente caiu sobre a cama e sobre as feições do meu antigo mentor, do meu velho amigo, do meu tio-avô Breu Tombastela. O desespero cresceu em mim.

Ele parecia cadavérico. A boca abrira-se-lhe e o queixo estava descaído para um lado. Os olhos fechados estavam encovados. A nódoa negra que eu vislumbrara na sessão de Talento com Urtiga alastrara e escurecera-lhe metade da cara. Peguei-lhe na mão e fui recompensado com uma sensação de Manhã da sua vida. Não era forte, mas estava lá. Estivera obscurecida pelo aglomerado de fúnebres curandeiros quando eu entrara. Os seus lábios pareciam secos, a língua era uma almofada acinzentada na sua boca. Descobri um pano limpo à cabeceira, humedeci-o com água tirada do jarro e levei-lho aos lábios, fechando-lhe a boca enquanto o fazia. Passei o pano

pela sua cara enrugada. Ele usara o Talento para abrandar a erosão dos anos, mas nenhuma magia era capaz de inverter o fio do tempo ou os trilhos que ele deixara no seu corpo. Tentei adivinhar a sua verdadeira idade. Achara-o velho quando ele me acolhera como aprendiz, uns quarenta anos antes. Decidi que não queria saber e virei a mente para tarefas mais úteis. Ao humedecer outra vez o pano e pousá-lo suavemente sobre a nódoa negra, perguntei: “Já tentaram curar isto? Mesmo se não conseguirmos alcançá-lo com o Talento, sarar o corpo pode libertar-lhe a mente para regressar para junto de nós.”

“Claro que tentámos.” Perdoei a Respeitador a irritação na voz. Era uma pergunta óbvia e ele deu-me a resposta óbvia. “Tentámos entrar nele com o Talento, mas sem resultado.”

Pus o pano de parte e sentei-me à beira da cama. A mão de Breu na minha estava quente. Fechei os olhos. Com os dedos, tateei os ossos, os músculos e a pele. Tentei ultrapassar a minha consciência física dele para alcançar sensações de Talento que não sentia havia anos. Tentei penetrar no seu corpo com o pensamento, tentei ter consciência do que estava certo no fluxo do seu sangue e nas correntes da respiração. Não consegui. Empurrei, mas as barreiras não cederam.

Barreiras. Afastei-me delas e abri os olhos. Exprimi em voz alta a minha consternação.

“Ele está selado. Deliberadamente isolado do Talento. Como Cavalaria fez a Castro.”

Obtuso estava a balançar no canto. Fitei-o e ele espetou a cabeça franca para a frente, entre os ombros. Os seus pequenos olhos encontraram os meus. “Pois. Pois. Fechado como uma caixa. Não se pode entrar.” Abanou a cabeça, muito sério, com a ponta da língua enrolada sobre o lábio superior.

Olhei para a sala em volta. O rei estava em silêncio junto à cama de Breu, com o seu jovem cão-lobo encostado ao joelho de forma reconfortante. Do Círculo do Rei só Urtiga e Firme se encontravam presentes. Isso disse-me que o grupo formal de Talento já juntara as forças e tentara abrir caminho para o interior de Breu. E falhara. Que Urtiga tivesse recorrido a chamar-me e a trazer Obtuso era mais que eloquente. Como Mestra do Talento, decidira

que todos os usos convencionais da magia tinham sido ineficazes. Os que ali estávamos agora reunidos eram os que poderiam, se lhes fosse ordenado, aventurar-se em aplicações do Talento perigosas e desconhecidas.

Obtuso, o nosso querido atrasado, era prodigiosamente forte na magia, embora não fosse criativo com ela. O próprio rei possuía uma quantidade considerável de capacidade para a usar, ao passo que o aspeto mais forte de Urtiga era a manipulação de sonhos pelo Talento. O meio-irmão, Firme, era para ela um reservatório de força, alguém a quem podia confiar completamente qualquer segredo. Mas estavam todos a olhar para mim, o Solo, o Visionário bastardo com um Talento selvagem e errático, como se fosse eu quem saberia o que fazer.

Mas não sabia. Não sabia mais sobre aquilo do que da última vez que tínhamos tentado usar o Talento para sarar um homem selado. Não tínhamos tido sucesso. Castro morreria. Na juventude de Castro, ele fora o braço-direito de Cavalaria e uma fonte de força para o rei expectante. Por isso, Castro fora selado pelo seu rei, para que os inimigos dos Visionários não pudessem usá-lo como conduta para descobrir os segredos de Cavalaria. Em vez disso, esse muro mantivera no exterior a magia que poderia tê-lo salvado.

“Quem fez isto?” Tentei conservar a acusação fora da voz e falhei. “Quem o selou desta forma contra o Talento?” Traição dentro do círculo era a explicação mais provável. Gelei ao pensar nisso. A minha mente de assassino já ligara a selagem à sua queda. Traição dupla para matar o velho. Isolá-lo da sua magia para não poder gritar por ajuda e depois assegurar-se de que ficaria gravemente ferido. Se Breu fora alvo de tal traição, seria o rei o próximo?

O Rei Respeitador projetou os lábios numa exclamação de surpresa e consternação. “É a primeira vez que ouço falar disso, se tiveres razão. Mas não podes ter. Há dias, ele e eu conduzimos uma pequena experiência com o Talento. Contactei-o sem esforço. Certamente não estava selado nessa altura! Mesmo com toda a prática, nunca se tornou exceccionalmente forte com o Talento, apesar de ser muito competente com as capacidades que tem. Mas forte o suficiente para nos isolar no exterior? Duvido que...” Vi

as minhas suspeitas ganharem raízes na sua mente. Respeitador puxou uma cadeira para o outro lado da cama de Breu. Sentou-se e fitou-me por cima da cama. “Alguém lhe fez isto?”

“O que foi a ‘pequena experiência’?”, quis eu saber. Todos os olhos estavam postos no nosso rei.

“Nada de sombrio! Ele mandou vir um pequeno bloco da pedra negra, a pedra da memória, do forte dos Antigos na Ilha de Aslevjal. Introduziu nele um pensamento e depois deu-o a um mensageiro que mo trouxe. Eu consegui recuperar a mensagem. Era só uma rimazinha simples, qualquer coisa sobre onde encontrar violetas no Castelo de Torre do Cervo. Usei o Talento para confirmar com ele que estava correto. Ele certamente era capaz de usar o Talento bem o suficiente para introduzir a rima em pedra da memória e para receber a minha resposta. Portanto nesse dia não estava selado.”

Um minúsculo movimento captou-me o olhar. Não foi muito. Firme abriu a boca e depois voltara a fechá-la. Não era grande trilha, mas eu segui-o. Olhei para ele de repente, apontando-lhe o dedo, e perguntando: “O que foi que Breu te disse para não dizeres a ninguém?”

E de novo, a boca abriu-se-lhe durante esse momento denunciador e depois voltou a fechar-se. Abanou a cabeça, mudo, e retesou o maxilar. Era filho de Castro. Não sabia mentir. Respirei fundo para o pressionar, mas a meia-irmã foi mais rápida. Urtiga atravessou o quarto em duas passadas, estendeu as mãos para agarrar o irmão mais novo pelos ombros e tentou sacudi-lo. Foi como ver um gatinho atacar um touro. Firme não se moveu sob a investida dela; limitou-se a encolher a cabeça entre os ombros largos. “Conta o segredo!”, exigiu ela. “Eu conheço essa cara. Conta imediatamente, Firme!” Ele baixou a cabeça e fechou os olhos.

Estava preso numa ponte com ambas as extremidades longe das margens. Não podia mentir e não podia quebrar a promessa que fizera. Acalmei a voz e falei lentamente, mais com Urtiga do que com ele. “O Firme não vai quebrar a promessa. Não lhe peças para o fazer. Mas deixa-me adivinhar. A principal capacidade de Firme é emprestar força a alguém capaz de usar o Talento. Servir como Homem do Rei se o rei precisar de força adicional

numa altura de grande necessidade da magia do Talento.”

Firme baixou a cabeça, uma clara concordância com aquilo que já sabíamos sobre ele. Em tempos eu servira o Rei Veracidade nessa capacidade. Na necessidade dele e na minha inexperiência, eu deixara-o esvaziar-me e ele zangara-se por ter chegado tão perto de me causar danos permanentes. Mas Firme não era como eu; fora treinado especificamente para aquela tarefa.

Laboriosamente, construí o meu castelo de lógica a partir do que sabia sobre Breu. “Portanto, Breu mandou-te chamar. E serviu-se da tua força para... para quê? Fazer qualquer coisa que lhe queimou o Talento?”

Firme ficou muito imóvel. Não era isso. E eu, de súbito, soube. “Breu serviu-se da tua força para colocar um bloqueio em si?”

Firme não teve consciência do minúsculo aceno com a cabeça que era assentimento. Respeitador interrompeu, indignado com a minha sugestão. “Isso não faz nenhum sentido. Breu sempre quis mais Talento, não ficar bloqueado contra o seu uso.”

Eu soltei um grande suspiro. “Breu adora os seus segredos. Vive a vida num castelo de segredos. O Talento é uma forma de penetrar na mente de um homem. Se um utilizador forte de Talento apanhar um homem desprevenido, pode sugerir-lhe o que quiser e o homem acreditará. Se lhe disser que o navio que comanda enfrenta uma grande tempestade, ele voltará para trás em busca de porto seguro. Se persuadir um líder militar de que o seu exército está em inferioridade numérica, ele alterará a sua tática. O teu pai, o Rei Veracidade, passou muitos dos seus dias a usar o Talento precisamente dessa forma, a fim de afastar os Navios Vermelhos das nossas costas. Pensa em todas as formas em que usámos o Talento ao longo dos anos. Todos sabemos como erguer muros contra outros utilizadores do Talento, para termos privacidade nas nossas vidas. Mas quando sabemos que os outros são mais fortes do que nós no Talento...” Deixei as palavras suspensas no ar.

Respeitador gemeu. “Nesse caso procuramos ajuda para erguer uma muralha mais poderosa. Uma muralha que não possa ser derrubada sem o nosso consentimento, uma muralha que possamos baixar sempre que

quisermos.”

“Se estivermos suficientemente acordados e conscientes para o fazer.” Proferi as últimas palavras baixinho. Havia lágrimas a rolar pela cara de Firme abaixo. Estava tão parecido com o pai que fiquei com a respiração presa na garganta. Urtiga deixara de tentar atormentar o irmão mais novo. Em vez disso, pousara a testa no seu peito. A música de Talento de Obtuso cresceu até uma tempestade de desespero. Eu abri caminho por essa tempestade, organizei os pensamentos e fiz a Firme uma pergunta.

“Sabemos o que aconteceu. Não quebraste a promessa de não contar. Mas esta é uma pergunta diferente. Se ajudaste um utilizador do Talento a bloquear-se, sabes como ultrapassar o bloqueio?”

Ele apertou os lábios com força e abanou a cabeça.

“O homem que é forte o suficiente para construir uma muralha devia ser forte o suficiente para a quebrar”, sugeriu severamente Respeitador.

Firme abanou a cabeça. Quando falou, a sua voz estava profundamente carregada de dor. Agora que conhecíamos o segredo, sentia que podia divulgar os detalhes. “Dom Breu leu sobre isto num dos velhos pergaminhos. Era uma defesa sugerida para o círculo mais próximo do rei ou da rainha, para que o círculo não pudesse nunca ser corrompido. O método cria uma muralha que só o próprio utilizador do Talento pode abrir. Ou o rei ou rainha, ou quem quer que conheça a senha.”

O meu olhar saltou para Respeitador. Ele falou imediatamente. “Eu não a conheço! Breu nunca me falou de tal coisa!” Pousou o cotovelo no joelho e a testa na mão, parecendo de súbito voltar a ser um rapaz ansioso. Não era animador.

Urtiga interveio. “Se ele não disse a senha a Respeitador, tu tens de a conhecer, Fitz. Sempre foste o mais chegado a ele. Tem de ser um de vocês os dois. A quem mais a confiaria?”

“A mim não,” disse eu com brusquidão. Não acrescentei que já não falávamos um com o outro há vários meses, nem mesmo através do Talento. Era uma separação causada não pela ira, só pelo tempo. Tínhamo-nos vindo a separar lentamente ao longo dos últimos anos. Oh, em alturas de extrema convulsão ele não hesitava em penetrar na minha mente e exigir-me uma

opinião ou até mesmo ajuda. Mas, ao longo dos anos, tivera de aceitar que eu não me deixaria puxar de volta à intrincada dança que era a vida no Castelo de Torre do Cervo. Agora arrependia-me do nosso distanciamento.

Esfreguei a testa e virei-me para Obtuso. “Dom Breu disse-te alguma palavra especial, Obtuso? Alguma palavra de que te devesses lembrar?” Concentrei-me nele, tentando sorrir de forma tranquilizadora. Atrás de mim, ouvi a porta do quarto abrir-se, mas mantive a atenção focada em Obtuso.

Ele coçou uma das minúsculas orelhas. A língua projetou-se-lhe da boca enquanto refletia. Forcei-me a ser paciente. Então, ele sorriu e endireitou-se. Inclinou-se para a frente e sorriu-me. “Por favor. Disse-me para me lembrar de ‘por favor.’ E de ‘obrigado.’ Palavras para que as pessoas nos deem o que queremos. Não se pega só nas coisas. Diz-se ‘por favor’ antes de se pegar em qualquer coisa.”

“Poderá ser assim tão simples?”, perguntou Urtiga, assombrada.

Kettricken falou atrás de mim. “Tem a ver com Breu? Se sim, simples? De forma alguma. Esse homem nunca torna nada simples.” Virei-me e olhei para a minha antiga rainha e, apesar da gravidade da situação, não consegui evitar sorrir-lhe. Ela estava tão direita e régia como sempre. E, como sempre, a mãe do rei estava vestida com uma simplicidade que teria parecido mais apropriada numa criada se não usasse a roupa com tanta dignidade. E poder. O cabelo claro, que prateara precocemente, fluía-lhe solto pelas costas abaixo, ultrapassando os ombros da sua túnica do azul de Torre do Cervo. Outra anomalia. Ela encorajara os Seis Ducados a contactar o estrangeiro para promover o comércio e eu vira ao longo da vida o nosso reino acolher tudo o que o mundo exterior tinha para oferecer. Alimentos e temperos exóticos vindos das Ilhas das Especiarias, peculiares formas de vestir oriundas de Jamaília e de terras mais distantes, e técnicas estrangeiras para trabalhar o vidro, o ferro e a cerâmica tinham alterado todos os aspetos da vida no Castelo de Torre do Cervo. Os Seis Ducados expediam trigo e aveia, minério e lingotes de ferro, brande de Orla d’Areia e bons vinhos dos ducados interiores. Madeira do Reino da Montanha transformava-se em tábuas, que nós enviávamos depois para Jamaília. Prosperáramos e

aderíramos à mudança. E, contudo, ali estava a minha antiga rainha, imune às mudanças que encorajara, vestida de forma tão simples e fora de moda como uma criada da minha infância, sem sequer um diadema no cabelo para assinalar o seu estatuto como mãe do rei.

Atravessou o quarto na minha direção e eu levantei-me para aceitar o seu firme abraço. “Fitz,” disse-me ao ouvido. “Obrigada. Obrigada por teres vindo e por teres corrido um risco tão grande ao vires tão depressa. Quando ouvi dizer que Respeitador tinha transmitido a Urtiga que tinhas de vir imediatamente, fiquei horrorizada. E cheia de esperança. Que egoístas somos por te arrancarmos à tua muito merecida paz e exigirmos que viesses mais uma vez em nosso auxílio.”

“Será sempre com prazer que vos presto todo o auxílio que possa prestar.” Qualquer resto de irritação que eu pudesse sentir pelo modo como fora pressionado a usar o pilar de pedra desapareceu ao ouvir as palavras dela. Era o seu dom. A Rainha Kettricken sempre reconhecera os sacrifícios que as pessoas faziam ao serviço do trono Visionário. Em troca, sempre estivera disposta a abdicar do conforto e da segurança em prol daqueles que lhe eram leais. Naquele momento, a sua gratidão pareceu-me uma troca justa pelo perigo que eu enfrentara.

Ela soltou-me e deu um passo atrás. “Então? Achas que podes ajudá-lo?”

Abanei a cabeça, com pena. “Breu pôs um bloqueio em si mesmo, semelhante ao modo como Cavalaria isolou Castro do Talento. Usou a força de Talento de Firme para o fazer. Se conseguíssemos ultrapassar o bloqueio, talvez pudéssemos usar o nosso Talento conjunto para ajudar o seu corpo a sarar. Mas ele trancou-nos do lado de fora e falta-lhe a consciência para nos deixar entrar ou para se sarar a si mesmo.”

“Compreendo. E como está?”

“A perder força. Mesmo no pouco tempo que aqui passei, já senti uma redução na sua vitalidade.”

Ela estremeceu perante as minhas palavras, mas eu sabia que apreciava a honestidade. Abriu as mãos e dirigiu-nos a todos um gesto. “O que podemos fazer?”

O Rei Respeitador interveio. “Praticamente nada. Podemos chamar os

curandeiros de volta, mas eles só parecem discutir uns com os outros. Um diz para o refrescarmos com panos húmidos, outro para espevitarmos a lareira e tapá-lo com mantas. Um queria sangrá-lo. Não me parece que nenhum deles tenha realmente remédio para este tipo de ferimento. Se não fizermos nada, suspeito que ele morrerá antes de se passarem mais duas noites.” Ergueu a coroa, passou as mãos pelo cabelo e voltou a pô-la na cabeça, ligeiramente torta. “Oh, Breu,” disse, com uma combinação de censura e súplica na voz. Virou-se para mim. “Fitz, tens a certeza de que não recebeste nenhuma mensagem dele, fosse em papel, fosse pelo Talento, que pudesse sugerir que chave o abriria a nós?”

“Nada. Não contactamos há meses.”

Kettricken olhou para a sala em volta. “Um de nós sabe.” Falou lentamente e com precisão. Avaliou-nos um a um com outro olhar lento e abarcante e depois disse: “Creio que o mais provável é seres tu, Fitz.”

Provavelmente tinha razão. Olhei para Firme. “Como é que se usa essa palavra-chave, se a conhecermos?”

O jovem pareceu hesitar. “Ele não me deu instruções a esse respeito, mas suspeito que é alguma coisa que se lhe transmite pelo Talento, e que é isso que irá permitir entrar.”

O coração afundou-se-me no peito. Teria Castro tido uma senha, algo que me teria permitido alcançá-lo? Uma chave que Cavalaria tivesse carregado para a sepultura depois do seu “acidente” a cavalo? De súbito senti-me doente por saber que talvez tivesse podido salvar Castro da morte se conhecesse a sua senha. Bem, isso não ia voltar a acontecer. Kettricken tinha razão. Breu era um homem demasiado inteligente para ter trancado uma porta sem ter confiado uma chave a um de nós.

Tomei a mão de Breu nas minhas. Olhei para a sua cara descarnada, para os lábios, que se dilatavam levemente a cada expiração. Concentrei-me nele e voltei a tentar agarrá-lo com o Talento. O apertão mental deslizava e escorregava, como se eu estivesse a tentar agarrar uma orbe de vidro com mãos ensaboadas. Cerrei os dentes e fiz uma coisa que ele sempre depreciara. Encontrei-o com a Manha, concentrando-me na vida animal que sentia a enfraquecer no seu corpo, e depois espicacei-o com o Talento.

Comecei com uma lista de nomes. *Cavalaria. Veracidade. Sagaz. Tombastela. Visionário. Castro. Kettricken*. Mencionei todos os que nos eram queridos, esperando obter um espasmo de resposta. Não obtive nada. Concluí com *Dama Timo. Dom Dourado. Sorrateiro*.

Desisti dessa lista e abri os olhos. O quarto, à minha volta, estava em silêncio. O Rei Respeitador continuava sentado do outro lado da cama. Na janela, atrás dele, o sol submergia no horizonte. “Mande os outros embora,” disse ele em voz baixa.

“Não tive sorte.”

“Eu sei. Estava à escuta.”

Estudei o meu rei naquele momento de descontração. Ele e Urtiga eram quase da mesma idade e assemelhavam-se em pequenas coisas, se se soubesse procurá-las. Tinham o cabelo escuro e encaracolado típico da linhagem Visionário. Ela tinha um nariz direito e uma boca determinada, e ele também. Mas Respeitador tornara-se mais alto do que eu, ao passo que Urtiga não era muito mais alta do que a mãe. Respeitador estava agora sentado de mãos juntas, a tocar a boca com as pontas dos dedos e os olhos sérios. O meu rei. O terceiro rei Visionário que eu servira.

Respeitador ergueu-se, gemendo ao esticar as costas. O cão imitou-o, levantando-se e depois esticando-se até quase tocar no chão. Respeitador dirigiu-se à porta, abriu-a e disse: “Comida, por favor. E um prato de água para o *Corcel*. E um pouco do brande bom. Dois copos. Informai a senhora minha mãe de que por enquanto não tivemos sucesso.” Fechou a porta e voltou a virar-se para mim. “Que foi? Porque estás a sorrir?”

“Em que belo rei te transformaste, Respeitador! Veracidade ficaria orgulhoso de ti. Ele também era assim, capaz de dizer ‘por favor’ ao mais baixo criado sem vestígio de ironia. Bom. Não conversamos há meses. Como te assenta a coroa?”

Em resposta ele tirou-a e sacudiu a cabeça, após o que passou os dedos pelo cabelo. Pousou-a na mesa de cabeceira de Breu e disse: “Às vezes é pesada. Mesmo esta, e a coroa formal que tenho de usar durante os julgamentos é pior. Mas há que aguentar.”

Eu sabia que ele não estava a falar do verdadeiro peso das coroas. “E a

tua rainha, e os príncipes?”

“Estão bem.” Suspirou. “Ela tem saudades de casa e da liberdade de ser a Narcheska em vez da Rainha dos Seis Ducados. Levou mais uma vez os rapazes de visita à casa de sua mãe. Eu sei que é costume do seu povo que a linhagem materna seja aquela que conta. Mas tanto a minha mãe como Breu pensam que sou tolo por arriscar tão frequentemente ambos os filhos no mar.” Fez um sorriso tristonho. “Mas continua a ser difícil para mim negar-lhe qualquer coisa que ela queira. E, como ela faz notar, eles são tão filhos dela como meus. Depois de Próspero ter dado uma grande queda numa caçada, no inverno passado, comparei as minhas caçadas com eles com as viagens marítimas dela. E preocupa-se por ainda não ter dado à luz uma filha para a casa de sua mãe. Ao passo que para mim foi quase um alívio só termos filhos. Contarei como uma bênção se nunca tiver de enfrentar a questão de onde a minha filha será criada. Mas ela preocupa-se por já se terem passado quatro anos sem nenhuma gravidez. Enfim...” E suspirou.

“Ainda é nova,” disse eu com ousadia. “Tu tens, quê?, pouco mais de trinta anos? E ela é ainda mais nova. Têm tempo.”

“Mas houve dois abortos...” As palavras sumiram-se-lhe e ele fitou uma sombra, a um canto. O cão, aos seus pés, ganiu e olhou para mim com um ar acusador. Respeitador baixou-se para pousar uma mão sobre ele. Por um momento, ficámos todos em silêncio. Depois, mudando claramente a direção da nossa conversa, ele inclinou a cabeça para Breu. “Ele está a afundar-se, Fitz. O que fazemos agora?”

Uma batida à porta interrompeu-nos. Desta vez fui eu que me levantei e fui abri-la. Um pajem entrou, trazendo uma bandeja com comida. Outros três seguiram-no, um com um jarro de água aquecida, uma bacia e panos, e o outro com o brande e os copos. A rapariga foi a última a entrar, transportando uma pequena mesa e a ofegar ligeiramente com o esforço. Eu e Respeitador permanecemos em silêncio enquanto o repasto e a água para lavagens eram preparados. Os pajens alinharam-se, fizeram uma vénia simultânea e esperaram para receber os agradecimentos de Respeitador antes de se retirarem. Quando a porta foi fechada, indiquei a mesa com um gesto. *Corcel* já estava à sua tigela de água, a beber ruidosamente.

“Comemos. Bebemos. E voltamos a tentar,” disse-lhe.

E foi o que fizemos.

Já alta noite, à luz das velas, eu humedeci um pano e levei com ele água aos lábios de Breu. Sentia-me agora como se estivesse a velar um moribundo. Já desistira há muito de palavras específicas, e dera simplesmente início a uma longa conversa com ele sobre todas as coisas que recordava termos feito juntos durante o aprendizado para ser um assassino. Deambulava entre uma época em que ele me ensinava a mistura de venenos até à nossa furiosa cavalgada até Forja. Recitara vários poemas didáticos sobre as qualidades curativas das ervas. Recordara as nossas discussões, bem como os momentos em que estivéramos mais próximos, tudo na esperança de que uma palavra à sorte pudesse ser a chave. Nada resultara. Respeitador acompanhara-me na vigília. Os outros tinham ido e vindo durante a noite, entrando e saindo do quarto como sombras que se moviam com a passagem do sol. Obtuso estivera connosco durante algum tempo, sugerindo de forma improdutiva palavras que já experimentáramos. Urtiga visitara o antigo estúdio de Breu e vasculhara os pergaminhos e outros objetos deixados sobre a sua mesa. Trouxera-os para baixo, para os inspecionarmos. Nenhum nos dera qualquer pista. A esperança foi-nos arrancada como uma ligadura ensopada a tapar um ferimento infetado. Eu passara de um débil otimismo a desejar que tudo estivesse acabado.

“Experimentámos nomes de ervas?”

“Sim. Lembras-te?”

“Não,” admitiu Respeitador. “Estou demasiado cansado. Não consigo pensar no que já tentámos ou ainda não.”

Pousei a mão de Breu no seu peito, que subia e baixava lentamente, e fui até à mesa, que agora continha a confusão de coisas trazidas da sua bancada de trabalho. As velas meio gastas mostraram-me o pergaminho de Talento sobre embeber a pedra com uma mensagem, um pergaminho sobre o fabrico de queijo e um velho velo sobre a adivinhação do futuro numa tigela de água. Além disso, havia um bloco de pedra da memória sem nada lá armazenado, uma lâmina de faca partida e um copo de vinho com umas

quantas flores secas lá dentro. Respeitador veio juntar-se a mim. “A lâmina partida?”, perguntou.

Eu abanei a cabeça. “Não é significativa. Ele andava sempre a apressar-se e a tentar abrir coisas com uma faca.” Dei um toque no bloco de pedra da memória. “De onde veio isto? Aslevjal?”

Respeitador confirmou com a cabeça. “Ele fez algumas viagens até lá ao longo dos últimos cinco anos. Tinha uma curiosidade intensa por tudo o que lhe tinhas contado sobre o forte de Quebal Pancru e os Antigos que o tinham criado e ocupado há séculos. Nenhum de nós aprovava as suas aventuras, mas conheces o Breu. Não precisa da aprovação de ninguém além da sua. Depois, de repente, deixou de lá ir. Suspeito que aconteceu alguma coisa que o assustou o suficiente para ganhar juízo, mas nunca falou disso. Demasiado orgulhoso, acho eu, e não queria que nenhum de nós tivesse a satisfação de dizer: *Nós avisámos*. Na viagem até à ilha encontrou uma sala com blocos de memória espalhados por todo o lado e trouxe de volta um pequeno saco cheio de cubos desse material. Alguns continham memórias, principalmente poesia e canções. Outros estavam vazios.”

“E ele pôs alguma coisa num deles e enviou-to recentemente.”

“Sim.”

Fitei Respeitador. Ele endireitou-se lentamente, com a consternação a competir com o alívio.

“Oh. É a chave, não é?”

“Lembras-te do que dizia?”

“Com certeza.” Foi para junto de Breu, sentou-se e pegou-lhe na mão para facilitar o contacto pelo Talento. Falou em voz alta. “Quando violetas florescem no regaço duma dama, a velha aranha sábia da sua teia faz cama.”

Estávamos ambos a sorrir. Mas quando o sorriso se apagou da cara de Respeitador, perguntei-lhe: “Que se passa?”

“Não há resposta. Ele está tão invisível para o meu Talento como estive o dia inteiro.”

Atravessei rapidamente o quarto, sentei-me e peguei na mão de Breu. Concentrei-me nele e usei a voz e o Talento. “*Quando violetas florescem no*

regação duma dama, a velha aranha sábia da sua teia faz cama.”

Não senti nada. Só a mão de Breu, flácida na minha.

“Talvez esteja demasiado fraco para responder,” sugeriu Respeitador.

“Chiu.” Encostei-me para trás, sem falar. Violetas no colo duma dama. Havia qualquer coisa, qualquer coisa de muito tempo antes. Então percebi. Uma estátua no Jardim das Mulheres. Ficava no canto traseiro do jardim, coberta por um matagal de ameixeiras. Aí, onde as sombras eram profundas e frias mesmo no pino do verão, havia uma estátua de Eda. Estava sentada com as mãos pousadas no regaço. Estava lá há muito tempo. Eu recordava minúsculos fetos que cresciam nas dobras cobertas de musgo do seu vestido. E, sim, violetas no seu regaço.

“Preciso de um archote. Sei onde ele escondeu a chave. Tenho de ir ao Jardim das Mulheres e à estátua de Eda.”

Breu encheu subitamente os pulmões de ar. Por um instante temi que fosse o seu último suspiro. Depois, Respeitador disse com entusiasmo: “Era essa a chave. A velha aranha é Breu. Eda, no Jardim das Mulheres.”

Quando ele disse o nome da deusa, foi como se pesados cortinados fossem afastados e Breu abriu-se para o Talento. Respeitador enviou pelo Talento uma convocatória a Urtiga, Obtuso e Firme, mas não esperou pela chegada do resto do Círculo do Rei.

“Ele tem a força necessária para isto?”, perguntei, bem sabendo que uma cura forçada queima sem misericórdia as reservas do corpo de um homem. A magia propriamente dita não cura; limita-se a forçar o corpo a apressar o processo.

“Podemos deixar que o que resta da sua força seja lentamente consumido pelo processo da morte ou podemos queimá-lo numa tentativa de o sarar. Se fosses o Breu, o que preferias?”

Cerrei os dentes contra a resposta que ia dar. Não sabia. Sabia que Breu e Respeitador tinham um dia tomado essa decisão por mim e que ainda vivia com as consequências: um corpo que reparava agressivamente tudo o que de mau lhe era feito, quer eu quisesse quer não. Mas certamente que podia impedir que esse destino caísse sobre Breu; eu saberia quando parar a cura. Tomei essa decisão e recusei-me a pensar se seria essa a escolha que Breu

faria para si.

Reforcei a ligação de Talento com Respeitador e, juntos, mergulhámos em Breu. Tomei tenuemente consciência de Urtiga se ter vindo juntar a nós, e depois Obtuso, desorientado com a falta de dormir mas obediente à chamada, e por fim Firme a aparecer para acrescentar a sua força ao nosso esforço conjunto.

Eu liderei. Não era o mais forte dos Talentosos que ali estavam. O mais forte era Obtuso, cujas capacidades naturais eram disfarçadas pela fachada da sua mente simples. Firme vinha a seguir, um poço de força para um utilizador de Talento, mesmo que parecesse ser incapaz de procurar dentro de si e usar a magia sozinho. Respeitador estava mais bem instruído do que eu nos vários usos do Talento e Urtiga, a minha filha, era mais intuitiva na forma como o manuseava. Mas eu liderava em virtude dos meus anos e dos conhecimentos duramente obtidos sobre a forma como o corpo de um homem é construído. Fora o próprio Breu a ensinar-me essas coisas — não como curandeiro, mas como aprendiz de assassino, para saber onde a pressão de um dedo pode sufocar um homem ou uma pequena lâmina pode fazer saltar um jorro de sangue a cada batida do seu coração.

Mesmo assim, não “vi” o interior do corpo de Breu com o Talento. Em vez disso, escudei o seu corpo e senti onde ele lutava por se reparar. Emprestei força e propósito a esse esforço e usei os meus conhecimentos para aplicar essa força e propósito onde a necessidade era maior. A dor nem sempre é o melhor indicador de estrago. Uma dor maior pode confundir a mente, levando-a a pensar que é nesse local que os estragos são maiores. Por isso, ligados por Talento a Breu, como estávamos, nadámos contra as suas marés de dor e medo para ver os danos ocultos por trás do osso do crânio, um lugar de constrição onde em tempos o sangue correria livremente, e uma bolsa de sangue aglomerado que se tornara tóxico.

Eu tinha atrás de mim a força reunida de um círculo treinado, algo que nunca antes experimentara. Era uma sensação inebriante. Chamava a atenção deles para o que queria ver reparado, e eles uniam as forças para convencer o corpo de Breu a focar lá a sua energia. Era tão fácil. As tentadoras possibilidades do que poderia fazer desdobravam-se perante mim

numa exuberante tapeçaria. O que poderia fazer! Poderia refazer o homem, devolvê-lo à juventude! Mas não era a mim que cabia gastar as moedas da carne de Breu. Nós tínhamos energia de sobra para a nossa tarefa, mas Breu não. Assim, quando senti que havíamos emprestado ao seu corpo toda a força que ele seria capaz de usar e a dirigíramos com eficácia, fiz recuar o círculo, pastoreando-os para fora da carne de Breu como se fossem um bem-intencionado bando de galinhas a passear por um jardim sem autorização.

Abri os olhos para a sala escurecida e um círculo de caras ansiosas à luz das velas. Fios de transpiração riscavam a cara de Firme; o colarinho da camisa estava molhado. Ele respirava como um mensageiro que tivesse acabado de passar o testemunho. O queixo de Urtiga estava apoiado em ambas as mãos, os dedos abertos sobre as bochechas. A boca de Obtuso estava entreaberta e o cabelo do meu rei colado à testa pelo suor. Pestanejei e senti o tambor distante de uma dor de cabeça que se aproximava. Sorri-lhes. “Fizemos todos os possíveis. Agora temos de o deixar em paz e permitir que o seu corpo faça o que tem a fazer.” Levantei-me devagar. “Ide-vos embora. Vá. Não há mais a fazer aqui neste momento.” Enxotei-os para fora do quarto, ignorando a sua relutância em partir.

Firme seguia agora apoiado no braço da irmã. “Alimenta-o,” sussurrei quando eles passaram. A minha filha acenou com a cabeça. “Pois,” concordou o Obtuso de todo o coração, e seguiu-os. Só Respeitador se atreveu a desafiar-me, recuperando o seu lugar ao lado da cama de Breu. O cão suspirou e deixou-se cair no chão aos seus pés. Fitei-os, abanando a cabeça, ocupei o meu lugar e ignorei as ordens que lhes dera ao tentar contactar a consciência de Breu.

Breu?

Que aconteceu? Que foi que me aconteceu? O toque da sua mente estava aturdido e confuso.

Caíste e bateste com a cabeça. Ficaste inconsciente. E porque te tinhas selado contra o Talento, tivemos dificuldade em te alcançar e sarar.

Senti o seu instante de pânico. Estendeu a mente para o corpo como um homem a apalpar os bolsos para se assegurar de que um carteirista não o

tinha assaltado. Soube que encontrou os rastos que deixáramos e que estes eram vastos. *Estou tão fraco. Quase morri, não foi? Dá-me água, por favor. Porque foi que me deixaste afundar tanto?*

Perante aquela censura, senti um relâmpago de fúria. Aconselhei a mim mesmo que agora não era altura para tal. Levei-lhe o copo aos lábios, segurando-lhe na cabeça enquanto o fazia. De olhos fechados, ele encostou lábios débeis à borda do copo e sugou a água ruidosamente. Voltei a encher o copo e desta vez ele bebeu mais devagar. Quando virou a cabeça, em sinal de que já bebera o suficiente, eu pus o copo de parte e perguntei-lhe: “Porque foste tão obtuso? Nem sequer informaste nenhum de nós de que te tinhas selado contra o Talento. E para quê fazê-lo?”

Ele continuava demasiado fraco para falar. Voltei a pegar-lhe na mão e os seus pensamentos alcançaram os meus.

Proteger o rei. Conheço demasiados dos segredos dele. Demasiados segredos Visionário. Não podemos deixar essa fenda na armadura. Todos os círculos deviam ser selados.

Assim, como é que nos conseguíamos contactar uns aos outros?

Protegidos só a dormir. Acordado, eu conseguia detetar quem estava a tentar contactar-me.

Tu não estavas a dormir. Estavas inconsciente e precisavas de nós.

Improvável. Só... um bocado de azar. E mesmo que acontecesse... tu vieste. Compreendeste a adivinha.

Os pensamentos estavam a perder força. Eu sabia quão fatigado ele se encontrava. Mesmo o meu corpo tinha começado a clamar por repouso. Usar o Talento era trabalho sério. Tão esgotante como caçar. Ou lutar. Tinha sido uma luta, não tinha? Uma invasão do território privado de Breu...

Acordei com um sobressalto. Ainda tinha a mão de Breu na minha, mas ele estava agora profundamente adormecido. Respeitador estava esparramado na cadeira do outro lado da cama, a ressonar baixinho. O cão ergueu a cabeça para me fitar por um momento, após o que voltou a deixá-la cair sobre as patas da frente. Estávamos todos exaustos. À luz das últimas chamas dos tocos das velas, estudei a face devastada de Breu. Parecia ter jejuado durante vários dias. As almofadas de carne nas suas bochechas

tinham desaparecido e vi a forma do seu crânio. A mão que ainda segurava era um feixe de ossos num saco de pele. Ele agora sobreviveria, mas levaria dias a reconstituir o corpo e as forças. Amanhã estaria faminto.

Recostei-me com um suspiro. Doíam-me as costas de dormir na cadeira. Os tapetes no chão do quarto eram grossos e convidativos. Estendi-me no chão ao lado da cama dele como um cão fiel. Adormeci.

Acordei com Obtuso a pisar-me a mão. Sentei-me com uma praga, quase fazendo cair a bandeja que ele trazia nas mãos. “Não devias dormir no chão!”, repreendeu-me ele.

Endireitei-me, enfiando os dedos magoados debaixo do braço. Era difícil contestar o comentário de Obtuso. Pus-me em pé atrapalhadamente e depois voltei a deixar-me cair na cadeira que ocupara antes. Na cama, Breu encontrava-se parcialmente sentado. O velho estava esquelético e o sorriso que dirigiu ao meu desconforto era assustador naquela cara devastada. A cadeira de Respeitador estava vazia. Obtuso colocou a bandeja sobre as pernas de Breu. Cheirou-me a chá, biscoitos e compota aquecida. Uma tigela, na bandeja, continha ovos mexidos com um pouco de manteiga, sal e pimenta ao lado de uma fileira de grossas fatias de bacon. Apeteceu-me cair sobre aquilo e devorar tudo. Acho que devo tê-lo revelado na cara, pois o sorriso ossudo de Breu dilatou-se. Ele não falou, limitou-se a agitar uma mão, mandando-me embora.

Em tempos, eu teria ido diretamente para as cozinhas. Em rapaz, fora o animalzinho de estimação da cozinheira Tempero. Durante a adolescência, e depois na juventude, comera com os guardas na sua sala de jantar ruidosa e desarrumada. Então, contactei o Rei Respeitador pelo Talento, perguntando se ele já tinha comido. Fui imediatamente convidado a juntar-me a ele e à mãe num aposento privado. Fui, esperando encontrar comida e a boa conversa que a acompanharia.

Kettricken e Respeitador estavam ambos à minha espera. Kettricken, fiel aos seus costumes das Montanhas, levantara-se cedo e tomara uma refeição ligeira. Mesmo assim, partilhou connosco uma mesa, com uma delicada chávena de chá claro a fumegar na sua frente. Respeitador estava tão

faminto como eu e ainda mais fatigado, pois levantara-se cedo para partilhar com ela os detalhes da cura de Breu. Uma pequena caravana de pajens chegou com comida e dispô-la para nós sobre a mesa. Respeitador mandou-os embora e a porta fechou-se para nos deixar numa privacidade relativa. Além de um cumprimento matinal, Kettricken conservou o silêncio enquanto nós enchíamos os pratos e depois as barrigas.

Depois de termos esvaziado os primeiros pratos, Respeitador falou, por vezes com a boca cheia, enquanto eu comia. Os curandeiros tinham visitado Dom Breu enquanto eu dormia. Tinham ficado horrorizados com o aspeto devastado que ele tinha, mas o seu apetite e mau génio haviam-nos convencido de que ficaria bom. Firme fora proibido pelo rei de emprestar forças a Breu para qualquer tentativa de se voltar a selar. Respeitador esperava que isso bastasse para impedir futuros azares. Em privado, eu suspeitava que Breu poderia sempre arranjar maneira de subornar ou enganar Obtuso para que o ajudasse.

Depois de abrandarmos a deglutição e Kettricken nos ter enchido as chávenas com chá pela terceira vez, ela falou em voz baixa. “E mais uma vez, FitzCavalaria, respondeste ao nosso apelo desesperado. Consegues ver quanto continuamos a precisar de ti. Eu sei que gostas da vida sossegada que tens agora, e não contesto que a ganhaste. Mas vou pedir-te para pensares em passar talvez um mês de cada estação connosco aqui no Castelo de Torre do Cervo. Tenho a certeza de que a Dama Moli gostaria de estar mais perto de Urtiga e Firme durante esses períodos. Veloz também aparece frequentemente por cá. Ela deve ter saudades dos filhos, e eu sei que adorávamos ter-vos aqui.”

Era uma discussão antiga. Fora-me feito aquele convite variadíssimas vezes, sob todas as formas imagináveis. Tinham-nos sido oferecidos aposentos no castelo, uma casa adorável no topo das falésias com uma vista espantosa sobre as águas, em baixo, uma acolhedora casa de campo à beira das pastagens para as ovelhas, e agora a oferta de irmos e irmos como hóspedes quatro vezes por ano. Sorri a ambos. Eles leram a resposta nos meus olhos.

Para mim, a questão não era onde vivia. Era não desejar uma intimidade

diária com a política de ser um Visionário. Respeitador opinara anteriormente que já passara tempo suficiente para poucas pessoas quererem sequer saber se FitzCavalaria Visionário fora miraculosamente ressuscitado, por maior que tivesse sido a desonra em tempos ligada a mim. Eu duvidava. Mas mesmo como o mais humilde Depositário Tomé Texugo, ou até Dom Texugo, como eles tinham proporcionado, eu não desejava voltar a navegar por essas águas. Era inevitável que as correntes me arrastassem para longe de Moli e me afogassem na política Visionário. Eles sabiam-no com tanta clareza como eu.

Portanto, limitei-me a dizer: “Se tiverdes uma necessidade urgente de mim, virei sempre. Acho que já o demonstrei, uma e outra vez. E, tendo usado uma vez as pedras para cá chegar depressa, se a necessidade for muito grande, provavelmente voltarei a fazê-lo. Mas não me parece que volte algum dia a viver entre as paredes do castelo ou a ser conselheiro do trono.”

Kettricken inspirou como quem se prepara para falar e Respeitador disse em voz baixa: “Mãe.” Não era uma censura. Era talvez um lembrete de que já antes tínhamos percorrido aquele caminho. Kettricken olhou para mim e sorriu.

“É gentileza da vossa parte convidar-me,” disse-lhe. “A sério que é. Se não o fizésseis, eu temeria que me achásseis inútil.”

Ela devolveu-me o sorriso e concluímos a refeição. Enquanto nos levantávamos, eu disse: “Vou visitar Breu e, se ele parecer forte o suficiente para não temer por ele, vou querer regressar hoje para Floresta Mirrada.”

“Através das pedras?”, perguntou-me Kettricken.

Eu desejava, e muito, estar em casa. Teria sido por isso que a ideia me tentou? Ou seria a atração da corrente de Talento que fluía tão rápida e profunda por baixo daquelas superfícies esculpidas? Ambos me observavam com atenção. Respeitador falou em voz baixa. “Lembra-te do que o Homem Negro te disse. Usar as pedras com demasiada frequência e em sucessão rápida é perigoso.”

Eu não precisava que mo lembrassem. A memória de perder semanas dentro de um pilar arrepiava-me. Dei um pequeno abanão à cabeça, quase

incapaz de acreditar que tivesse chegado a pensar em usar os portais de Talento para a viagem de regresso. “Posso levar um cavalo emprestado?”

Respeitador sorriu. “Podes ficar com qualquer cavalo que encontres nos estábulos, Fitz. Sabes disso. Escolhe um bom para acrescentar aos teus.”

Eu sabia. Mas não era coisa que alguma vez tomasse por adquirida.

A tarde ia a meio quando fui ver o velho. Breu estava recostado a uma multidão de almofadas de todos os tons de veludo verde. As cortinas da cama tinham sido puxadas para trás e presas com pesados cordões de seda torcida. A corda da campainha fora posta ao seu alcance, bem como uma mesa de cabeceira com uma tigela de frutos de estufa. Havia frutos e nozes que não reconheci, sinal do nosso comércio intenso com os novos parceiros do Sul. O cabelo dele estava bem penteado e preso atrás num rabo de cavalo de guerreiro. Quando eu o conhecera, estava riscado de grisalho, e agora reluzia num prateado uniforme. O inchaço e a coloração púrpura da nódoa negra tinham desaparecido, deixando apenas no local uma sombra de um castanho-amarelado. Os seus olhos verdes estavam tão brilhantes como jade polido. Mas esses sinais de saúde não podiam restaurar a carne que perdera para a nossa cura forçada. Ele era, pensei, um esqueleto cheio de vitalidade. Quando entrei no quarto, pôs de parte um pergaminho que estivera a ler.

“Que é isso que tens vestido?”, perguntei com curiosidade.

Ele olhou-se sem a mais pequena sombra de constrangimento. “Um casaco de cama, acho que é assim que se chama. Um presente de uma nobre jamailiana que chegou há uns meses com um emissário comercial.” Passou os dedos pela manga muito carregada de bordados. “É bastante confortável. Destina-se a manter os ombros e as costas quentes se decidirmos ficar na cama a ler.”

Puxei um banco para junto da sua cama e sentei-me. “Parece ser uma peça de roupa muito especializada.”

“Nisso é muito jamailiana. Sabias que eles têm uma túnica especial para usar quando estão a rezar ao seu deus de duas caras? Veste-se de um lado se se está a suplicar alguma coisa ao aspeto masculino ou vira-se ao contrário se se está a rezar ao aspeto feminino. E...” Endireitou-se mais na cama, com a cara a animar-se como acontecia sempre que agarrava uma das coisas

que o fascinavam. “Se uma mulher está grávida, usa uma espécie de traje para assegurar que o filho é rapaz e outro para uma filha.”

“E resulta?” Eu estava incrédulo.

“Pretende ajudar, mas não é absoluto. Porquê? Tu e a Moli continuam a tentar ter um filho?”

Breu nunca considerara nenhuma parte da minha vida privada desde que soubera da minha existência. E nunca o faria. Era mais fácil responder-lhe do que censurá-lo por meter o nariz. “Não. Já não nos resta nenhuma esperança há algum tempo. Ela já passou há muito dos anos férteis. Urtiga será a nossa única filha.”

A cara dele suavizou-se. “Lamento, Fitz. Ouvi dizer que nada completa a vida de um homem como os filhos. Sei que querias...”

Interrompi. “Tive a educação do Zar. Tendo a achar que me saí bastante bem, para um homem a quem é entregue um órfão de oito anos quase sem aviso prévio. Ele ainda se mantém em contacto comigo, quando as viagens e os deveres de menestrel o permitem. E Urtiga saiu-se bem, e Moli partilhou comigo todos os seus filhos mais novos. Vi Cadinho e Justo crescerem até serem homens e vimo-los juntos partir. Foram anos bons, Breu. Não se obtém nada de bom lamentando oportunidades perdidas. Tenho a Moli. E ela basta-me, a sério. É o meu lar.”

E pronto, tinha tido sucesso em cortar-lhe o fio das ideias antes de me poder importunar para ficar durante algum tempo, ou mudar-me para o Castelo de Torre do Cervo só por uma estação ou um ano ou dois. A sua litanía era tão familiar como a de Kettricken, mas mais temperada de culpa do que de dever. Ele era um velho e tinha tanto para me ensinar. Eu sempre fora o seu aluno mais promissor. Respeitador ainda tinha necessidade de um assassino talentoso e eu era uma arma única por o jovem rei poder conversar silenciosamente comigo através do Talento. E havia o próprio Talento. Havia ainda tantos mistérios a desvendar. Havia tantas traduções a fazer, tantos segredos e técnicas a serem arrancados ao tesouro de pergaminhos que tínhamos recuperado em Aslevjal.

Eu conhecia todos os argumentos e técnicas de persuasão. Ao longo dos anos, tinha-os ouvido a todos. E resistira a todos. Repetidamente. Contudo,

o jogo tinha de ser jogado. Transformara-se no nosso ritual de despedida. Tal como a atribuição de tarefas por parte dele.

“Bem, se não queres ficar e fazer o trabalho comigo,” disse, como se já tivéssemos discutido tudo, “então não queres pelo menos levar contigo algum do fardo?”

“Como sempre,” assegurei-lhe.

Ele sorriu. “A Dama Rosamaria empacotou uma seleção de pergaminhos para lewares, e arranjou uma mula nos estábulos para os carregar. Ia pô-los numa mochila mas eu disse-lhe que tu ias viajar a cavalo.”

Acenei silenciosamente com a cabeça. Anos antes, Rosamaria ocupara o meu lugar como sua aprendiz. Ela já o servia há uma vintena de anos, executando o “trabalho discreto” de assassina e espia para a família real. Não. Há mais tempo do que isso. Perguntei ociosamente a mim mesmo se ela já teria arranjado um aprendiz para si.

Mas a voz de Breu chamou-me de volta ao presente enquanto listava algumas das ervas e raízes que desejava que eu obtivesse discretamente para lhe mandar. Voltou a mencionar a sua ideia de que a coroa devia colocar em Floresta Mirrada um utilizador de Talento aprendiz para fornecer comunicação rápida com o Castelo de Torre do Cervo. Eu fiz-lhe lembrar que, sendo utilizador de Talento, podia fornecer eu próprio essa comunicação sem acolher mais um dos seus espiões em minha casa. Ele respondeu com um sorriso e desviou-me para uma discussão sobre a frequência e a segurança com que as pedras poderiam ser usadas. Enquanto única pessoa viva que se tinha perdido nas pedras e sobrevivido, eu tendia a ser mais conservador do que Breu, o experimentalista. Desta vez, pelo menos, ele não desafiou a minha opinião.

Pigarreei. “A senha secreta é má ideia, Breu. Se tens de ter uma senha, que ela seja escrita e posta ao cuidado do rei.”

“Qualquer coisa escrita pode ser lida. Qualquer coisa escondida pode ser descoberta.”

“Isso é verdade. E olha outra coisa que é verdade: morto é morto.”

“Eu fui a vida inteira leal aos Visionário, Fitz. A minha morte é preferível a ser usado como arma contra o rei.”

Era doloroso compreender que concordava. Mas mesmo assim... “Então, segundo a tua lógica, todos os membros do círculo dele deviam ter o Talento trancado. Cada um com a sua senha própria que só pudesse ser descoberta desvendando um enigma.”

As mãos dele, grandes e ainda ágeis, remexeram a bainha da colcha como aranhas ossudas. “Provavelmente seria melhor, sim. Mas até que eu consiga convencer o resto do círculo de que é necessário, quero dar passos para proteger o mais valioso membro do círculo contra a corrupção.”

A sua opinião sobre si mesmo nunca fora baixa. “E esse és tu.”

“Claro.”

Encarei-o. Ele irritou-se. “Que foi? Não concordas com essa avaliação? Sabes quantos segredos da nossa família eu guardo? Quanta história e linhagem familiar, quanto conhecimento sobre o Talento reside agora só na minha mente e num punhado de pergaminhos bolorentos, a maior parte dos quais quase ilegíveis? Imagina-me a cair sob o controlo de outra pessoa qualquer. Imagina alguém a saquear esses segredos nos meus pensamentos e a usá-los contra o reinado Visionário.”

Arrepiou-me descobrir que ele tinha absoluta razão. Apoiei-me nos joelhos e refleti. “Não podes simplesmente dizer-me a palavra que vais usar como chave e confiar que eu a mantenha secreta?” Já aceitara que ele arranjará maneira de o voltar a fazer.

Ele inclinou-se ligeiramente para a frente. “Tu consentirias em trancares a mente ao Talento?”

Hesitei. Não queria fazê-lo. Lembrava-me demasiado bem de como Castro morrera, isolado da ajuda que o poderia ter salvado. E agora Breu quase morrera. Eu sempre acreditara que se me fosse dado a escolher entre uma cura pelo Talento e a morte, agora escolheria a morte. A pergunta dele fez-me enfrentar a verdade. Não. Queria ter a opção à disposição. E estaria mais à disposição se a minha mente não estivesse trancada contra aqueles que poderiam ajudar-me.

Breu pigarreou. “Bem, até estares pronto, eu farei o que achar melhor. Tal como tu, certamente.”

Concordei com a cabeça. “Breu, eu...”

Ele acenou-me com uma mão indiferente. A sua voz soou impaciente. “Eu já sei o que me vais dizer, rapaz. E vou ser um pouco mais cuidadoso. Põe-te a trabalhar nesses pergaminhos assim que possas, sim? As traduções vão ser complicadas, mas não estão para lá das tuas capacidades. E agora preciso de descansar. Ou de comer. Não consigo decidir se tenho mais fome ou cansaço. Aquela cura pelo Talento...” E abanou a cabeça.

“Eu sei,” fiz-lhe lembrar. “Vou devolvendo os pergaminhos assim que estejam traduzidos. E vou manter uma cópia escondida em Floresta Mirrada. Devias descansar.”

“Descansarei,” prometeu ele.

Recostou-se na multidão de almofadas e fechou os olhos, exausto. Eu escapuli-me em silêncio do quarto. E antes de o sol se pôr já ia longe, a caminho de casa.

CAPÍTULO 4

PRESERVAÇÃO

Eu não soube quem era o meu pai até chegar ao Castelo de Torre do Cervo. A minha mãe foi soldado raso no exército Visionário durante os dois anos que as forças dos Seis Ducados passaram concentradas na fronteira entre Vara e Calcede. Chamava-se Jacinta Tombastela. Os pais tinham sido agricultores. No ano da doença sufocante tinham ambos morrido. A minha mãe era incapaz de manter a quinta sozinha, portanto arrendou a terra aos primos e foi para Pantaneira, em busca de fortuna. Aí, tornou-se soldado da Duquesa Capaz de Vara. Recebeu instrução em esgrima e mostrou afinidade pela arte. Quando a guerra rebentou ao longo da fronteira e o próprio Rei dos Seis Ducados veio liderar as suas tropas em batalha, ela estava lá. Permaneceu com as forças na fronteira de Calcede até que o exército invasor foi expulso para o seu território e uma nova fronteira foi estabelecida.

Regressou à sua quinta em Vara e foi aí que me deu à luz. Um homem chamado Patífio Manduras seguiu-a até à quinta e ela tomou-o como marido. Fora soldado a seu lado. Amava-a. Para comigo, o filho bastardo dela e sem nada de seu, não tinha sentimentos tão gentis, e eu respondia-lhe na mesma moeda com vigor. Mas ambos amávamos a minha mãe e éramos amados por ela, portanto irei falar dele com justiça. Ele nada sabia sobre agricultura, mas esforçava-se. Foi o pai que eu conheci até ao dia em que a minha mãe morreu e, embora fosse um homem insensível que me achava um aborrecimento indesejável, vi pais muito piores do que ele. Fez o que achou que um pai devia fazer com um rapaz: ensinou-me a obedecer, a trabalhar no duro e a não questionar a autoridade. Além disso, labutou ao lado da minha mãe para arranjar dinheiro para eu ir aprender a ler e a fazer contas com um escriba local, conhecimentos que ele não possuía mas a minha mãe

achava vitais. Não me parece que alguma vez tenha pensado sobre se me amava ou não. Tratou-me bem. E eu odiava-o, claro.

Mas naqueles derradeiros dias da vida da minha mãe, estivemos unidos no luto. A sua morte chocou-nos a ambos, por ter sido tão inútil e tolo o destino que coube a uma mulher forte. Ao subir ao sótão da vacaria, escorregou na velha escada e espetou profundamente uma pua no pulso. Puxou-a para fora e mal sangrou. Mas no dia seguinte tinha o braço todo inchado e no terceiro dia morreu. Foi tão rápido assim. Enterrámo-la juntos. Na manhã seguinte ele pôs-me na mula com uma pasta que continha maçãs de fim de época, biscoitos e doze fatias de carne seca. Também me deu duas moedas de prata e disse-me para não abandonar a Estrada do Rei, que acabaria por chegar ao Castelo de Torre do Cervo. Enfiou-me nas mãos um rolo, muito maltratado, para eu entregar ao Rei dos Seis Ducados. Nunca mais vi esse rolo desde o dia em que o entreguei pessoalmente ao rei. Sei que Patífilo Manduras não sabia ler nem escrever. Devia ter sido escrito pela minha mãe. Só li a única linha que estava escrita no exterior: “Para ser aberto apenas pelo Rei dos Seis Ducados.”

Os Meus Primeiros Dias, Breu Tombastela

A intrusão de Breu foi como um murmúrio ao meu ouvido. Só que eu poderia ter continuado a dormir com um murmúrio. Uma intrusão de Talento não pode ser ignorada.

Alguma vez te arrependes de escrever tudo, Fitz?

Breu nunca dormia. Não dormia quando eu era rapaz e parecia-me que quanto mais envelhecia, de menos sono precisava. Em resultado, partia do princípio de que eu nunca dormia e, se me deixasse dormir após um dia duro de trabalho físico sem que as minhas proteções estivessem bem postas no lugar em torno da mente, ele costumava intrometer-se-me nos pensamentos adormecidos sem mais consideração pela minha intimidade do que a que tivera quanto a entrar no meu quarto quando eu vivia no Castelo de Torre do Cervo. Quando eu era rapaz, limitara-se a destrancar a porta

secreta que dava para o meu quarto e a descer a escada oculta que vinha dos seus aposentos escondidos na torre até ao meu quarto na fortaleza. Agora, uma vida mais tarde e a dias de distância, era capaz de me entrar nos pensamentos. *O Talento*, pensei de mim para mim, *é realmente uma magia maravilhosa e um incrível aborrecimento nas mãos de um velho.*

Rolei na cama, desorientado. A voz dele ecoava-me sempre na mente com o mesmo ar de comando e urgência que tivera quando eu era rapaz e ele um homem muito mais novo e meu mentor. Mas não era só a força das suas palavras. Era o que o seu contacto por Talento com a minha mente trazia consigo: o cunho da impressão que ele tinha de mim. Tal como Urtiga me vira em tempos como mais lobo do que homem, e a sua sensação de que eu era um animal selvagem e cauteloso ainda tingia as nossas conversas pelo Talento, com Breu eu seria sempre um rapaz de doze anos e um aprendiz completamente à sua disposição.

Reuni a força de Talento de que dispunha e contactei-o em resposta. *Eu estava a dormir.*

Com certeza que não é assim tão tarde! Tomei consciência do que o rodeava. Uma sala confortável. Estava sentado numa cadeira almofadada, a fitar um pequeno fogo numa lareira. Tinha uma mesa junto do cotovelo e senti os cheiros do vinho tinto que erguia num copo delicado e da madeira de macieira que estava a queimar na lareira. Tudo tão diferente da sua sala de trabalho de assassino acima do meu quarto no Castelo de Torre do Cervo. O espião secreto que servira a família real Visionário era agora um reverenciado e idoso estadista, conselheiro do Rei Respeitador. Por vezes interrogava-me sobre se aquela sua nova respeitabilidade o aborrecia. Certamente não parecia cansá-lo!

Não é muito tarde para ti, velho. Mas eu esta noite passei horas a trabalhar nas contas de Floresta Mirrada e amanhã tenho de estar a pé de madrugada para ir ao mercado de Margem de Carvalhos para falar com um comprador de lã.

Ridículo. Que sabes tu sobre lã e ovelhas? Manda um dos teus tratadores de ovelhas falar com ele.

Não posso. A tarefa é minha, não deles. E a verdade é que aprendi

bastante sobre lâ e ovelhas no tempo que passei aqui. Afastei cautelosamente o corpo do de Moli antes de sair de baixo das nossas mantas e tateei com o pé à procura da túnica que deixara cair no chão. Encontrei-a, fi-la voar com um pontapé, apanhei-a e enfiei-a pela cabeça. Atravessei o quarto escurecido sobre pés que não produziram um som.

Mesmo não estando a falar em voz alta, não queria correr o risco de incomodar Moli. Ela não andava a dormir bem nos últimos tempos e eu apanhara-a a observar-me com um sorriso reflexivo no rosto. Havia qualquer coisa a ocupar-lhe os pensamentos durante o dia e a deixá-la desassossegada durante a noite. Eu ansiava por conhecer o segredo, mas sabia que não era boa ideia pressioná-la. Quando estivesse pronta, partilhá-lo-ia comigo. Naquela noite, pelo menos, estava profundamente adormecida e eu sentia-me grato por isso. A vida era mais dura para a minha Moli do que para mim; as dores do envelhecimento cobravam-lhe um preço que eu não tinha de pagar. *Injusto*, pensei para comigo e depois, enquanto me esgueirava do nosso quarto para o corredor, bani esse pensamento.

Tarde de mais.

A Moli não está bem?

Não está doente. É só a idade a apanhar-nos.

Breu pareceu surpreendido. *Ela não tem de sentir essas dores. O círculo ficaria feliz por ajudar com um pequeno reordenamento do seu corpo. Não uma mudança de monta, só...*

Ela não gostaria desse tipo de interferência, Breu. Já falámos sobre isso, e foi essa a sua decisão. Lida com a idade nos seus próprios termos.

Como queiras. Consegui sentir que ele pensava ser uma tolice não intervirmos.

Não. É como ela quer. O Talento poderia realmente ter banido muitas das dores dela. Eu sabia que eu ia para a cama com pontadas que tinham desaparecido pela manhã. O preço que pagava por essas minúsculas curas era comer como um remador, impunemente. Não era preço nenhum, na verdade. *Mas não foi por causa da saúde de Moli que me despertaste de um sono profundo. Estás bem?*

Suficientemente bem. Ainda a recuperar carne desde a minha cura pelo

Talento. Mas como essa cura parece ter corrigido uma quantidade de outros pequenos padecimentos, parece-me que foi um bom negócio.

Percorri no escuro os corredores ladeados por painéis de madeira, deixando para trás os aposentos confortáveis na parte principal da casa e abrindo caminho até à pouco usada ala ocidental. Com a redução da família, eu e Moli achávamos que a casa principal e a ala norte eram espaço mais do que amplo para nós os dois e os raros hóspedes que acolhíamos. A ala ocidental era a parte mais antiga da casa, gelada no inverno e fresca no verão. Desde que tínhamos fechado a maior parte dela, tornara-se o último refúgio para cadeiras rangentes e mesas desengonçadas e tudo o mais que Pândego achasse demasiado gasto para o uso diário mas ainda demasiado bom para deitar fora. Estremeci enquanto me apressava a atravessar um corredor escuro. Abri uma porta estreita e, nas trevas, descí um lanço de escadas de criados. Depois segui por um corredor muito mais estreito, roçando levemente na parede com as pontas dos dedos, e em seguida abri a porta do meu gabinete privativo. Algumas brasas ainda tremeluziam na lareira. Abri caminho por entre as prateleiras cheias de pergaminhos e ajoelhei junto ao lume para acender nele uma vela. Levei a chama para a minha secretária e acendi, uma após outra, várias velas meio gastas metidas em castiçais. A tradução da noite anterior ainda estava aberta sobre a secretária. Sentei-me na cadeira e soltei um imenso bocejo. *Vai direto ao assunto, velho!*

Não, não te acordei para falar da Moli, embora me preocupe com a saúde dela, uma vez que afeta a tua felicidade e a concentração de Urtiga. Acordei-te para te fazer uma pergunta. Todas as tuas agendas e diários, escritos ao longo dos anos... alguma vez te arrependeste de teres escrito tudo o que escreveste?

Refleti muito brevemente na resposta. A luz das velas tremeluzentes dançava de forma provocadora pela beira da estante de pergaminhos atrás de mim. Muitos dos rolos que ali estavam enfiados nos seus eixos eram velhos, alguns chegavam quase à condição de antiguidades. Tinham as bordas esfarrapadas, o velo manchado. Por aqueles dias, as minhas cópias eram feitas em papel de boa qualidade, frequentemente encadernadas em

conjunto com as minhas traduções. Preservar o que estava escrito nos velos a desfazer-se era um trabalho que eu apreciava e, de acordo com Breu, continuava a ser um dever que tinha para com ele.

Mas não eram esses os escritos a que Breu se referia. Ele falava das minhas numerosas tentativas de criar crónicas dos dias da minha vida. Eu vira muitas mudanças nos Seis Ducados desde que fora para o Castelo de Torre do Cervo na condição de bastardo real. Vira a nossa transformação de um reino isolado e, segundo alguns diriam, atrasado, num poderoso destino comercial. Nos anos intermédios, eu testemunhara traições geradas pelo mal e lealdade paga com sangue. Vira o assassinio de um rei e, como assassino, procurara a minha vingança. Sacrificara a vida e a morte pela minha família, por mais de uma vez. Vira amigos morrer.

De quando em quando, ao longo da minha vida, tentara registar tudo o que vira e fizera. E, com bastante frequência, tivera de destruir esses relatos quando temera que pudessem cair nas mãos erradas. Estremeci ao pensar nisso. *Só me arrependo do tempo que passei a escrevê-los quando tive de os queimar. Estou a pensar em todo o tempo que gastei a escrever cuidadosamente, só para tudo se fazer em cinzas em minutos.*

Mas recomeçaste sempre. A escrever.

Quase soltei uma gargalhada. *Recomecei. E de todas as vezes que o fiz, descobri que a história mudou quando a minha perspetiva sobre a vida mudou. Houve alguns anos em que me achei um verdadeiro herói, e outras alturas em que me vi como perseguido pelo azar e injustamente oprimido pela minha vida.* Os meus pensamentos deambularam por um momento. Perseguiu os assassinos do meu rei pelo Castelo de Torre do Cervo, perante toda a corte. Bravo. Tolo. Estúpido. Necessário. Não conseguia contar os dias em que pensara naquele incidente ao longo dos anos.

Jovem, sugeriu Breu. Jovem e cheio de uma fúria justificada.

Magoado e de coração partido, sugeri. Tão farto de ser contrariado. Farto de ser limitado por regras que ninguém mais tinha de seguir.

Isso também, concordou ele.

De repente não quis pensar naquele dia, nem em quem eu fora ou no que fizera, nem, acima de tudo, no motivo porque fizera o que fizera. Pertencia

a uma vida diferente, uma vida que já não me podia tocar. Velhas dores não me podiam magoar agora. Pois não? Voltei a pergunta contra ele. *Porque é que perguntas? Estás a pensar escrever as memórias da tua vida?*

Talvez. É algo para fazer durante a minha convalescença. Acho que compreendo agora um pouco melhor por que motivo nos avisaste sobre o uso judicioso das curas pelo Talento. Pelos tomates de El, tenho levado um tempo absurdo para me voltar a sentir como era. A minha roupa anda pendurada em mim de tal maneira que quase tenho vergonha de ser visto. Cambaleio por aí como se fosse um homem feito de palitos. Senti-o a afastar subitamente a conversa de si, quase como se me tivesse virado as costas. Nunca gostara de admitir nenhuma fraqueza. Quando escreveste as coisas, porque foi que começaste? Andavas sempre a escrever qualquer coisa.

Uma pergunta fácil de responder. *Foi o Penacarriço. E a Dama Paciência.* O escriba que me ensinara e a mulher que ansiara por ser minha mãe. *Ambos diziam frequentemente que alguém devia escrever uma história ordenada dos Seis Ducados. Eu entendi as palavras deles como querendo dizer que devia ser eu a fazê-lo. Mas sempre que tentei escrever sobre o reino, acabei a escrever sobre mim.*

Quem julgaste tu que a leria? A tua filha?

Outra velha mágoa. Respondi com honestidade. *A princípio não pensei em quem poderia lê-la. Escrevi para mim mesmo, como se, ao fazê-lo assim, pudesse compreender as coisas. Todas as velhas histórias que já tinha ouvido faziam sentido; o bem triunfava, ou então o herói talvez morresse tragicamente mas alcançava alguma coisa com a sua morte. Portanto, escrevi a minha vida como se fosse uma história e procurei o final feliz. Ou a sensação de um final feliz.*

A minha mente vagueou por algum tempo. E lá fui pelos anos fora, até ao rapaz que fora posto como aprendiz de um assassino para poder servir a família que nunca o reconheceria como filho. Até ao guerreiro que combatia com um machado contra navios cheios de invasores. Até ao espião, um homem que servia o seu rei desaparecido enquanto à sua volta tudo caía no caos. Interroguei-me: seria eu? Tantas vidas vividas. Tantos

nomes que usara. E sempre, sempre, ansiara por uma vida diferente.

Voltei a estender a mente para Breu. *Durante todos os anos em que não pude falar com Urtiga ou Moli, por vezes dizia a mim mesmo que um dia elas poderiam ler o que eu escrevia e compreender por que motivo não tinha estado com elas. Mesmo se nunca voltasse para elas, talvez um dia soubessem que sempre tinha querido voltar. Portanto, a princípio, sim, foi como uma longa carta dirigida a elas, a explicar tudo o que me tinha afastado.* Apertei melhor as minhas muralhas, pois não queria que Breu detetasse o meu pensamento privado de que talvez não tivesse sido tão honesto nessas primeiras tentativas como poderia ter sido. Era jovem, desculpei-me, e quem não se mostra à melhor luz possível quando apresenta a sua história a alguém que ama? Ou as suas desculpas a alguém que desfeiteou? Afastei essa ideia e empurrei uma pergunta na direção de Breu.

Para quem escreverias tu as tuas memórias?

A resposta dele chocou-me. *Talvez seja igual para mim.* Fez uma pausa e, quando voltou a falar, senti que tinha mudado de ideias sobre dizer-me alguma coisa. *Talvez escreva para ti. Estás tão perto de ser meu filho que para mim não faz nenhuma diferença. Talvez queira que saibas quem eu era quando era novo. Talvez queira explicar-te por que motivo dei à tua vida a forma que dei. Talvez queira justificar decisões que tomei.*

A ideia chocou-me, e não me refiro a ele falar de mim como um filho. Acreditaria sinceramente que eu não sabia e não compreendia os seus motivos para aquilo que me ensinara, para tudo o que me pedira? Queria eu que ele se explicasse? Julgava que não. Protegi os meus pensamentos, tentando pensar numa resposta. Depois senti o seu divertimento. Um divertimento gentil. Teria aquilo sido uma lição?

Tu julgas que eu subestimo Urtiga. Que ela não precisaria nem queria que me lhe revelasse por completo.

Julgo. Mas também compreendo a necessidade de te explicares. O que para mim é mais difícil compreender é porque te obrigas a sentar-te e a escrever. Eu tentei, porque acho que é uma coisa que preciso de fazer, mais por mim do que por qualquer outra pessoa que possa vir depois de mim. Talvez, como dizes, para impor ao meu passado alguma espécie de ordem

ou sentido. Mas é difícil. O que é que incluo, o que é que deixo de fora? Onde começa a minha história? O que deve vir primeiro?

Sorri e recostei-me na cadeira. *Eu normalmente começo por tentar escrever sobre qualquer outra coisa e acabo a escrever sobre mim.* E subitamente compreendi uma coisa. *Breu, eu gostaria que tu escrevesse. Não para explicar, mas só porque houve tantas coisas que sempre tive curiosidade de saber a teu respeito. Contaste-me alguns bocados da tua vida. Mas... quem decidiu que te tornarias assassino real? Quem te ensinou?*

Um vento frio soprou por dentro de mim e, por um momento, senti-me como se estivesse a ser estrangulado sem misericórdia. Tão abruptamente como começara, a sensação parou, mas eu senti a muralha que Breu erguera apressadamente. Havia ali memórias duras e sombrias. Seria possível que ele tivesse tido um tutor que o aterrorizara tanto como Galeno a mim? Galeno estivera mais interessado em tentar matar-me discretamente do que em ensinar-me a usar o Talento. E aquele pseudo Mestre do Talento quase tivera sucesso. Sob o disfarce de criar um novo círculo de Talento para ajudar o Rei Veracidade nos seus esforços contra os Salteadores dos Navios Vermelhos, Galeno espancara-me e humilhara-me e quase extinguiu a minha capacidade para a magia. E corrompera a lealdade do círculo para com o verdadeiro monarca Visionário. Galeno fora uma ferramenta da Rainha Desejo e depois do Príncipe Majestoso quando tentaram livrar-se do bastardo Visionário e colocar Majestoso no trono. Dias sombrios. Soube que Breu conseguiu perceber para onde os meus pensamentos tinham ido. Admiti que assim era, na esperança de o levar a sair um pouco da toca. *Bem. Aqui temos um “velho amigo” em quem eu não pensava há anos.*

Difícilmente seria um amigo. Mas por falar em velhos amigos, recebeste alguma mensagem nos últimos tempos do teu velho companheiro? O Bobo?

Teria ele mudado de assunto tão abruptamente de forma deliberada para me apanhar desprevenido? Resultou. Quando o isolei da minha reação, soube que o impulso defensivo lhe disse tanto como tudo o que tentei esconder dele. O Bobo. Havia anos que nada recebia do Bobo.

Descobri que estava a fitar o último presente que o Bobo me dera, a

escultura de nós os três, ele, eu e o meu lobo, *Olhos-de-Noite*. Ergui uma mão para ela mas depois puxei-a de volta. Nunca mais queria ver a sua expressão mudar, aquele sorriso meio sarcástico que ostentava. Queria recordá-lo assim. Tínhamos viajado juntos pela vida durante muitos anos, tínhamos suportado juntos dificuldades e quase a morte. Mais do que uma morte, pensei de mim para mim. O meu lobo morrera e o meu amigo separara-se de mim sem um adeus e sem nunca me enviar uma mensagem desde então. Perguntei a mim mesmo se julgaria que eu estava morto. Recusei-me a perguntar a mim mesmo se ele estaria morto. Não podia estar. Dissera-me com frequência que era muito mais velho do que eu pensava e que contava viver muito mais tempo do que eu. Citara isso como um motivo para partir. Avisara-me de que ia partir antes de nos separarmos pela última vez. Acreditara que me estava a libertar de vínculos e obrigações, libertando-me por fim para me dedicar às minhas próprias inclinações. Mas a despedida inacabada fora uma ferida e, ao longo dos anos, essa ferida transformara-se numa espécie de cicatriz que doía ao mudarem as estações. Onde estaria ele agora? Por que motivo nunca me enviara sequer uma missiva? Se me julgara morto, por que motivo me deixara um presente? Se julgara que eu reapareceria, porque nunca me contactara? Afastei o olhar da estatueta.

Não o vejo nem recebo nenhuma mensagem dele desde que parti de Aslevjal. Foi há, quê, catorze anos? Quinze? Porque é que perguntas agora?

Era o que eu pensava. Deves lembrar-te de que eu estava interessado nas histórias sobre o Profeta Branco muito antes de o Bobo se declarar como um.

Lembro. Foi de ti que ouvi o termo pela primeira vez. Mantive a curiosidade sob controlo apertado, recusando-me a fazer mais perguntas. Quando Breu começara a mostrar-me escritos sobre o Profeta Branco, eu vira-os como mais uma estranha religião de um lugar distante. Compreendia bastante bem Eda e El. El, o deus do mar, era um deus que era melhor deixar em paz, implacável e exigente. Eda, a deusa das terras de cultivo e das pastagens, era generosa e maternal. Mas mesmo por esses deuses dos

Seis Ducados, Breu pouca reverência me ensinara e ainda menos por Sa, o deus de duas caras e dois géneros de Jamaília. Por isso, o seu fascínio com as lendas do Profeta Branco baralhara-me. Os pergaminhos previam que em cada geração nascia uma criança sem cor que receberia o dom da presciência e a capacidade de influenciar o rumo do mundo através da manipulação de acontecimentos, quer grandes quer pequenos. Breu ficara intrigado pela ideia e com os relatos legendários dos Profetas Brancos que tinham evitado guerras ou derrubado reis, desencadeando minúsculos acontecimentos que geravam uma cascata de consequências até se tornarem acontecimentos grandiosos. Um relato afirmava que um Profeta Branco vivera trinta anos nas margens de um rio simplesmente para poder avisar um único viajante, numa certa noite, de que a ponte cederia se ele tentasse atravessá-la durante uma tempestade. O viajante, revelava a história, viria a sobreviver para ser pai de um grande general que fora determinante para a vitória numa batalha num país distante qualquer. Eu julgara que tudo aquilo não passava de encantadores disparates até conhecer o Bobo.

Quando ele se declarara Profeta Branco, eu fora cético e ainda o fora mais quando ele declarara que eu seria o seu Catalisador, aquele que iria mudar o rumo da História. E no entanto, sem dúvida que o fizéramos. Se ele não tivesse estado em Torre do Cervo durante o meu tempo de vida, eu teria morrido. Por mais de uma vez, alguma intervenção sua preservara a minha vida. Nas Montanhas, quando eu jazera febril e moribundo na neve, ele transportara-me para a cabana que aí tinha e cuidara de mim até eu recuperar a saúde. Mantivera-me vivo para os dragões poderem ser devolvidos ao lugar a que tinham direito no mundo. Eu ainda não sabia bem se isso era benéfico para a humanidade, mas não era possível negar que, sem ele, tal não teria acontecido.

Só me apercebi de quão profundamente me retirara para o interior das minhas memórias quando os pensamentos de Breu me sobressaltaram, devolvendo-me a consciência da sua presença.

Bem, houve umas pessoas estranhas que passaram pela Cidade da Torre do Cervo recentemente. Há coisa de uns vinte dias. Só ouvi falar delas depois de terem partido, caso contrário teria arranjado maneira de

arranjar mais informação. O tipo que me falou delas disse que afirmavam ser mercadores ambulantes, mas a única mercadoria que tinham eram bagatelas baratas e material muito comum, joias de vidro, pulseiras de latão, esse tipo de coisa. Nada de real valor e, embora afirmassem que tinham vindo de muito longe, o meu amigo disse que tudo aquilo lhe parecia ser o tipo de mercadoria que um mercador da cidade poderia levar para uma feira de aldeia, para se assegurar de que tinha alguma coisa para um rapaz ou rapariga que só tivessem meio cobre para gastar. Nada de especiarias de uma terra distante nem de pedras preciosas únicas. Só quinquilharia.

Portanto o teu espião achou que só estavam a fingir ser mercadores. Tentei não ser impaciente. Breu acreditava em relatórios minuciosos, pois a verdade só podia encontrar-se nos detalhes. Eu sabia que tinha razão, mas desejei que saltasse para o cerne da questão e a ornamentasse mais tarde.

Achou que na verdade vinham com esperança de comprar em vez de vender ou, melhor ainda, de receber informação gratuitamente. Perguntavam se alguém tinha visto um amigo deles, uma pessoa muito pálida. Mas a parte estranha era haver várias descrições do “amigo pálido.” Um falou num jovem, a viajar sozinho. Outro disse que era uma mulher adulta, de cara e cabelo claros, que viajava com um jovem de cabelo ruivo e sardas. Outro ainda perguntava por dois homens novos, um muito louro e o outro de cabelo escuro mas pele branca. Como se a única descrição que tinham fosse andarem à procura de um viajante incommummente pálido, que podia viajar sozinho ou com um companheiro.

Ou então andavam à procura de pessoas que pudessem andar a viajar disfarçadas. Parece que procuravam um Profeta Branco. Mas porquê em Torre do Cervo?

Eles nunca usaram o termo “Profeta Branco”, e não pareciam devotos peregrinos numa demanda. Fez uma pausa. O meu homem parecia pensar que tinham sido contratados e enviados numa missão, ou talvez fossem caçadores mercenários, a quem tivesse sido prometida uma recompensa pela sua presa. Um deles embebedou-se uma noite e quando os companheiros vieram buscá-lo à taberna, ele amaldiçoou-os. Em calcedês.

Interessante. Julgava que as Profecias Brancas não tinham seguidores em Calcede. Em qualquer caso, o Bobo não vive em Torre do Cervo há décadas. E da última vez que aí esteve, era mais moreno do que pálido. Mascarava-se de Dom Dourado.

Claro! Eu sei tudo isso! Tomou o meu matutar por um espicaçar da sua memória envelhecida e irritou-se. Mas poucos mais o sabem. Mesmo assim, as perguntas deles trouxeram à tona algumas histórias antigas sobre o bobo pálido do Rei Sagaz. Mas os mercadores não estavam interessados em notícias tão antigas. Procuravam informação sobre alguém que tivesse passado por Torre do Cervo recentemente.

E tu pensaste que o Bobo talvez tivesse regressado?

Ocorreu-me a ideia. E pensei que, se ele tivesse regressado, te teria procurado primeiro. Mas se não ouviste dizer nada sobre ele, bem, é um mistério com poucas pistas.

Para onde foram esses mercadores?

Detetei a frustração dele. O relatório chegou-me tarde. O meu homem não percebeu quanto interesse ele me despertaria. O boato diz que seguiram a Estrada do Rio para o interior.

Na direção de Mirra. Há vinte dias, disseste. E não houve mais notícias deles?

Parecem ter desaparecido com bastante eficiência.

Então não são mercadores.

Pois não.

Ambos ficámos em silêncio por algum tempo, refletindo sobre os poucos fragmentos de informação de que dispúnhamos. Se o destino deles tivesse sido Floresta Mirrada, já deviam ter chegado. E talvez o tivessem feito, passando depois pela vila na direção de um destino mais distante. Não havia factos suficientes para construir sequer um quebra-cabeças, quanto mais uma solução.

Eis mais uma informação interessante para ti. Quando os meus espiões me relataram que não tinham nenhuma notícia sobre um viajante pálido ou aqueles mercadores, um perguntou se eu tinha interesse em histórias sobre outras pessoas estranhamente pálidas. Quando eu respondi que sim, falou-

me de um assassinio na Estrada do Rei há quatro anos. Foram encontrados dois corpos, ambos vestidos com trajes estrangeiros. Foram descobertos pela Guarda Real durante uma patrulha rotineira. Um tipo tinha sido morto à mocada. A seu lado foi encontrado outro corpo, descrito como uma rapariga jovem, pálida como a barriga de um peixe e com cabelo da cor de um pingente. Também ela estava morta, mas não havia sinal de ter sofrido alguma violência. Parecia em vez disso ter morrido de alguma doença debilitante. Estava quase esquelética, mas tinha morrido depois do homem, porque rasgara tiras ao manto para tentar ligar o ferimento dele. É possível que o companheiro estivesse a tratá-la e, quando foi morto, ela também tivesse morrido. Foi encontrada a curta distância do cadáver dele, perto de uma pequena fogueira. Se tinham provisões ou montadas, foram roubadas. Ninguém apareceu a perguntar por eles. Pareceu um estranho assassinio ao meu espião. Mataram o homem mas deixaram a mulher doente viva e intocada. Que espécie de salteador de estrada faria tal coisa?

Senti-me estranhamente arrepiado pela história. Ela talvez estivesse escondida quando foram atacados. Pode não ser nada.

Ou pode ser alguma coisa. O tom reflexivo de Breu convidava-me a especular. Um detalhezinho. Ela usava botas amarelas. Tal como a tua mensageira.

O desconforto aguilhoou-me o crânio. Aquela noite de Festival de Inverno voltou-me à mente num jorro de memórias. Como tinha Pândego descrito a mensageira? Mãos brancas como gelo. Eu julgara-as exangues de frio. E se ela tivesse sido uma Branca? Mas as novidades de Breu sobre um assassinio tinham quatro anos de idade. A minha mensageira viera havia três invernos. E os espiões dele tinham trazido notícias de outro mensageiro, ou talvez dois, só há vinte dias. Portanto, possivelmente, uma sucessão de mensageiros, possivelmente Brancos. Possivelmente da parte do Bobo? Queria pensar nisso sozinho. Queria que nada daquilo fosse verdade. A ideia de uma mensagem dele não me ter chegado dilacerava-me o coração. Neguei-a. *E pode ser alguma coisa que não tem rigorosamente nada a ver com nenhum de nós.*

Não sei porquê, duvido. Mas agora vou deixar-te voltar para a cama. A

falta de sono sempre te deixou irritável.

E tu asseguraste-te disso com bastante frequência, retorqui, e ele aborreceu-me ainda mais por rir. Desapareceu-me da mente.

Uma das velas começou a queimar mal e eu apaguei-a com os dedos. A manhã já não vinha longe; já agora, podia perfeitamente acender outra vela, pois não haveria mais sono para mim. Porque me teria Breu contactado pelo Talento? Para me fazer perguntas sobre a escrita ou para me arreliar com algumas notícias sobre viajantes estrangeiros que podiam, ou não, ter relação com o Bobo? Não possuía informação suficiente para pensar no assunto, só a bastante para me manter acordado. Talvez devesse permanecer à secretária e reatar aquela tradução; era seguro que não iria voltar a encontrar paz naquela noite, graças a Breu. Levantei-me devagar e olhei em volta. A sala estava desarrumada. Em cima da secretária estava um copo vazio de brande e as duas penas que eu cortara mal na noite anterior. Devia arrumar aquilo. Não deixava os criados entrar ali; na verdade teria ficado surpreendido se descobrisse que algum dos criados, além de Pândego, estivesse ciente de quanto uso eu dava àquela sala. Raramente ali vinha durante as horas em que havia luz do dia ou nos longos serões que eu e Moli partilhávamos. Não. Aquele lugar era o meu refúgio para as noites inquietas, para as alturas em que o sono me abandonava ou os pesadelos me assaltavam implacavelmente. E eu vinha sempre para ali sozinho. Breu inculcara em mim um hábito de ação furtiva que nunca me abandonara. Eu era o único conservador daquele aposento numa ala pouco usada da casa. Trazia a lenha e levava as cinzas. Varria e arrumava... bem, varria e arrumava às vezes. A sala tinha agora uma grande necessidade desse tipo de atenção, mas eu não conseguia reunir esse tipo de energia.

Em vez disso, espreguicei-me e depois parei, com as mãos esticadas por cima da cabeça e os olhos fitos na espada de Veracidade por cima da prateleira da lareira. Fora Hode quem lha fizera, e ela fora a melhor fabricante de espadas que Torre do Cervo alguma vez conhecera. Morrera a defender o Rei Veracidade. Depois Veracidade abdicara da vida humana, pelo seu povo, ao entrar no seu dragão. Agora dormia em pedra, eternamente fora do meu alcance. A súbita ferroadade de perda que senti foi

quase física. De repente tive de sair da sala. Havia demasiadas coisas, dentro daquelas paredes, que me ligavam ao passado. Permiti-me mais um olhar demorado pelo espaço. Sim. Era ali que eu armazenava o meu passado e todas as emoções confusas que ele engendrava em mim. Era para ali que vinha para tentar encontrar um sentido para a minha história. E também era ali que eu podia barricá-la por detrás de uma porta trancada, e regressar para a minha vida com Moli.

E pela primeira vez ocorreu-me perguntar a mim mesmo porquê. Porque tinha eu reunido tudo ali, a imitar os velhos aposentos de Breu no Castelo de Torre do Cervo, e por que motivo vinha para ali, sozinho e sem sono, matutar em tragédias e desastres que nunca poderiam ser desfeitos? Porque não saía daquela sala, fechava a porta atrás de mim e nunca mais regressava? Senti a culpa a apunhalar-me e agarrei esse punhal para o estudar. Porquê? Porque seria meu dever recordar aqueles que perdera e continuar ainda a chorá-los? Lutara tão duramente para conquistar uma vida própria, e triunfara. Ela era agora minha; estava nas minhas mãos. E ali estava eu, numa sala repleta de pergaminhos poeirentos, penas estragadas e lembretes do passado, enquanto lá em cima uma mulher quentinha, que me amava, dormia sozinha.

O meu olhar caiu sobre o último presente que o Bobo me dera. A estatueta de três caras esculpida em pedra da memória estava pousada na prateleira da lareira. Sempre que eu erguia o olhar do trabalho, à secretária, o olhar do Bobo cruzava-se com o meu. Desafiei-me; devagar, peguei nela. Não lhe mexera desde aquela noite do Festival de Inverno, três invernos antes, quando ouvira o grito. Aninhei-a nas mãos e fitei os olhos esculpidos do Bobo. Um tremor de medo atravessou-me, mas pousei-lhe o polegar na testa. “Ouvi” as palavras que ele sempre me dizia. “*Eu nunca fui sensato.*” E foi tudo. Só aquelas palavras de despedida, na voz dele. Cura e dilaceramento no mesmo momento. Voltei a pousar a estatueta na prateleira.

Dirigi-me a uma das duas janelas, altas e estreitas, afastei o pesado cortinado e baixei o olhar para o jardim das hortaliças de Floresta Mirrada. Era uma vista humilde, adequada para a sala de um escriba, mas, apesar disso, adorável. Havia luar, e a luz perlada cobria de renda as folhas e

botões dos vegetais em crescimento. Caminhos de pedras brancas corriam entre os canteiros e chamavam a luz para si. Ergui o olhar e mirei para lá dos jardins. Atrás do grandioso solar que era Floresta Mirrada, ficavam prados ondulados e, à distância, os flancos arborizados de montanhas.

Naquela bela noite de verão, e naquele vale domado, as ovelhas tinham sido deixadas na pastagem. As mães eram manchas maiores, com os cordeiros meio crescidos aglomerados a seu lado. Por cima de tudo, no céu negro, as estrelas cintilavam como uma espécie diferente de rebanho disperso. Não conseguia ver os vinhedos nas colinas atrás da pastagem das ovelhas, nem o Rio Mirra que serpenteava pelas propriedades até acabar por se ir juntar ao Rio Cervo. Chamar-lhe rio era algo presunçoso, pois na maior parte dos sítios um cavalo poderia facilmente atravessá-lo a vau, e no entanto nunca secava no verão. O seu caudal generoso e ruidoso alimentava o fértil valezinho. Floresta Mirrada era uma propriedade plácida e suave, um lugar onde até um assassino podia dulcificar-se se aí fosse deixado a pastar. Eu podia dizer a Breu que tinha de ir à vila para discutir os preços da lã, mas na verdade ele tinha razão. O velho pastor Lino e os três filhos toleravam-me mais do que confiavam em mim; eu aprendera muito com eles mas a minha insistência em visitar Mirra para falar com o comprador de lã tinha a ver principalmente com o meu orgulho. Lino acompanhar-me-ia com dois dos filhos e, embora o meu aperto de mão pudesse selar qualquer acordo a que chegássemos, o aceno de Lino dir-me-ia quando estender essa mão.

A vida que eu tinha era muito boa. Quando a melancolia me dominava, sabia que não era por nada no meu presente, mas só a escuridão vinda do passado. E esses sombrios pesares eram só memórias, impotentes para me magoar. Pensei nisso e de repente bocejei. Decidi que agora podia dormir.

Deixei a cortina voltar a cair para o seu lugar e dei um espirro por causa da nuvem de poeira que ela libertou. A sala precisava mesmo de uma boa limpeza. Mas não naquela noite. Talvez não em noite alguma. Talvez devesse sair da sala naquela noite, deixar a porta fechar-se atrás de mim e deixar que o passado fizesse companhia a si próprio. Brinquei com essa ideia como alguns homens brincam com a ambição de abdicar da bebida.

Seria bom para mim. Podia ser melhor para a relação com Moli. Mas sabia que não o faria. Não poderia explicar porquê. Devagar, apaguei com os dedos as chamas que restavam nas velas. *Um dia*, prometi a mim mesmo, e soube que mentia.

Quando fechei a porta atrás de mim, a fresca escuridão do corredor engoliu-me. O chão estava frio. Uma corrente de ar errante vagueava pelos corredores. Suspirei. Floresta Mirrada era um edifício desconexo que exigia constantemente manutenção e reparações. Havia sempre qualquer coisa a fazer, havia sempre qualquer coisa para manter ocupado o Depositário Texugo. Sorri com os meus botões. Quê, desejaria eu que a convocatória de Breu a meio da noite tivesse sido uma ordem para assassinar alguém? Era muito melhor que o projeto para amanhã fosse conversar com Pândego sobre uma chaminé entupida na sala de estar.

Caminhei apressadamente sobre os meus próprios passos pela casa adormecida. Quando cheguei ao meu quarto, abri a porta sem fazer ruído e fechei-a atrás de mim de forma igualmente silenciosa. A túnica voltou a cair ao chão quando me enfiei sob os lençóis. A pele quente e o cheiro doce de Moli chamavam-me. Estremeci, esperando que as mantas levassem o frio para fora do meu corpo e tentando não a acordar. Mas ela rolou para me encarar e puxou-me para o seu abraço. Os seus pezinhos quentes empoleiraram-se em cima dos meus pés gelados e aninhou a cabeça sobre o meu peito, sob o queixo.

“Não te queria acordar,” sussurrei.

“Não acordaste. Acordei e não estavas cá. Estava à tua espera.” Ela falava baixo, mas não num sussurro.

“Desculpa,” disse. Ela esperou. “Foi Breu que me contactou pelo Talento.”

Senti-a suspirar, mas não o ouvi. “Está tudo bem?”, perguntou-me baixinho.

“Não está nada mal,” assegurei-lhe. “Foi só um velho sem sono à procura de companhia.”

“Mmm.” Ela soltou um pequeno som de acordo. “Consigo compreender isso bem. Não durmo tão bem como dormia quando era nova.”

“Também é verdade para mim. Estamos todos a ficar mais velhos.”

Ela suspirou e fundiu-se comigo. Eu pus os braços à sua volta e fechei os olhos.

Ela pigarreou baixinho. “Já que não estás a dormir... se não estiveres demasiado cansado.” Moveu-se sugestivamente contra mim e, como sempre, fiquei com a respiração presa na garganta. Dirigi um sorriso à escuridão. Aquela era a minha Moli, como a conhecia de antigamente. Nos últimos tempos tinha andado tão pensativa e calada que temera que lhe tivesse de alguma forma ferido os sentimentos. Mas quando lho perguntara, ela abanara a cabeça, baixando o olhar e sorrindo de si para si. “Ainda não estou pronta para te dizer,” dissera, provocadora. Horas antes, eu entrara na sala onde ela processava o mel e fazia as velas que criava para nosso uso pessoal. Apanhara-a em pé e imóvel, com o longo pavio que estivera a embeber pendurado dos dedos, esquecido, enquanto ela fitava a distância.

Ela pigarreou e eu apercebi-me de que era eu quem estava agora a devanear. Beije-i-lhe o pescoço e ela soltou um som que era quase um ronronar.

Puxei-a mais para mim. “Não estou demasiado cansado. E espero nunca ser assim tão velho.”

Durante algum tempo, naquele quarto, fomos tão jovens como nunca, exceto já não haver qualquer embaraço, qualquer hesitação, dados os nossos anos de experiência um do outro. Um dia conheci um menestrel que se gabava de ter tido mil mulheres, uma vez cada uma. Nunca saberia o que eu sabia, que ter uma mulher mil vezes e de cada vez encontrar nela uma diferente delícia é muito melhor. Eu sabia agora o que reluzia nos olhos de velhos casais quando se viam um ao outro do outro lado de uma sala. Por mais de uma vez cruzara o olhar com Moli numa reunião de família agitada e soubera, pela curva do seu sorriso e pelos dedos a tocar a boca, precisamente o que ela tinha em mente para nós assim que ficássemos sozinhos. A minha familiaridade com ela era um elixir de amor mais potente do que qualquer poção vendida por uma bruxa ambulante no mercado.

O nosso amor foi simples e bom e muito íntimo. Quando acabou, o

cabelo dela ficou emaranhado no meu peito e os seios encostaram-se, tépidos, ao meu flanco. Eu divaguei, quente e contente. Ela falou-me baixinho ao ouvido, fazendo-me cócegas com o sopro das palavras.

“Amor?”

“Hum?”

“Vamos ter um bebé.”

Os meus olhos abriram-se de rompante. Não com a alegria que em tempos esperara sentir, mas com o choque da consternação. Respirei três vezes, lentamente, tentando encontrar palavras, tentando encontrar ideias. Senti-me como se tivesse saído da água tépida da margem de um rio para a fria corrente profunda. Às cambalhotas e a afogar-me. Não disse nada.

“Estás acordado?”, insistiu ela.

“Estou. E tu, estás? Estás a falar no sono, querida?” Perguntei a mim mesmo se ela teria deslizado para um sonho e estivesse talvez a recordar outro homem e outro tempo em que sussurrara palavras portentosas como aquelas, que tinham sido verdadeiras.

“Estou acordada.” E, parecendo levemente irritada comigo, acrescentou: “Ouviste o que te disse?”

“Ouvi.” Endureci o coração. “Moli. Sabes que isso não pode ser verdade. Tu mesma me disseste que os teus anos férteis já tinham acabado. Passaram-se anos desde que...”

“E estava errada!” Não havia dúvida quanto ao aborrecimento que agora trazia na voz. Pegou-me no pulso e pôs-me a mão sobre a sua barriga. “Deves ter visto que eu estou a ficar maior. Senti o bebé a mexer-se, Fitz. Não quis dizer nada até ter a certeza absoluta. E agora tenho. Eu sei que é peculiar. Sei que deve parecer impossível que eu esteja grávida tantos anos depois de as minhas regras deixarem de fluir. Mas agora sei que não estou enganada. Senti os primeiros movimentos. Estou grávida do teu filho, Fitz. Antes de o inverno acabar, vamos ter um bebé.

“Oh, Moli,” disse eu. A minha voz estremeceu e, quando a puxei mais para mim, tinha as mãos a tremer. Abracei-a, beijei-lhe a testa e os olhos.

Ela envolveu-me nos braços. “Eu sabia que ias ficar contente. E espantado,” disse, com uma voz feliz. Aconchegou-se a mim. “Vou mandar

os criados trazer o berço do sótão. Fui à procura dele há dias. Ainda lá está. É carvalho velho de boa qualidade, e nem uma junta está solta. Finalmente será preenchido! Paciência ficaria tão entusiasmada por saber que finalmente vai haver uma criança Visionário em Floresta Mirrada. Mas eu não vou usar o berçário dela. Fica demasiado longe do nosso quarto. Acho que vou transformar uma das salas do piso térreo num berçário especial para mim e para o nosso filho. Talvez o Quarto da Andorinha. Sei que à medida que for ficando mais pesada, não vou querer subir as escadas demasiadas vezes...”

E prosseguiu, detalhando os planos sem parar, falando dos biombos que queria trazer da antiga sala de costura de Paciência e de como as tapeçarias e tapetes tinham de ser bem limpos, e da lã de cordeiro que queria que fosse tecida fina e tingida especialmente para o nosso filho. E eu escutei-a, deixado sem fala pelo terror. Ela estava a vaguear para longe de mim, a sua mente fora para um lugar para onde a minha não a podia seguir. Eu vira-a envelhecer nos últimos anos. Reparara no inchaço nas articulações e no modo como por vezes parava na escada para recuperar o fôlego. Ouvira-a, por mais de uma vez, chamar Tavia, a ajudante de cozinha, pelo nome da mãe. Nos últimos tempos, Moli começava uma tarefa e depois perdia-se, deixando-a meio feita. Ou então entrava numa sala, olhava em volta e perguntava-me: “Ora esta, o que vim eu aqui buscar?”

Nós ríamos desses lapsos. Mas nada havia de engraçado naquela loucura. Abracei-a com força enquanto ela continuava a tagarelar sobre os planos que era óbvio que andavam a ser feitos há meses. Os meus braços envolviam-na e seguravam-na, mas eu sentia-me a perdê-la.

E então ficaria sozinho.

CAPÍTULO 5

CHEGADA

É conhecimento comum que, depois de uma mulher passar dos seus anos férteis, se torna mais vulnerável a todos os tipos de padecimentos do corpo. Quando as suas regras mensais se reduzem e depois cessam, muitas mulheres passam por súbitos ataques de calor ou por grandes suores, frequentemente à noite. O sono pode fugir-lhes e podem ficar possuídas por um cansaço generalizado. A pele das mãos e dos pés fica mais fina, tornando os cortes e ferimentos nessas extremidades mais frequentes. É comum que o desejo se atenua, e algumas mulheres podem mesmo chegar a assumir um porte mais masculino, com seios menores e um aumento nos pelos faciais. Mesmo a mais forte das mulheres das quintas irá ficar menos capaz do que era nas tarefas pesadas que antes realizava com facilidade. Os ossos passam a quebrar-se mais facilmente, bastando uma simples escorregadela na cozinha. Ela pode também perder dentes. Algumas começam a desenvolver uma corcova e a caminhar com um olhar perscrutador. Tudo isto são fenómenos comuns no envelhecimento de uma mulher.

Menos bem sabido é que as mulheres podem ficar mais sujeitas a ataques de melancolia, de ira ou a impulsos tolos. Numa vã tentativa de segurar a juventude perdida, até a mais firme das mulheres pode ceder a futilidades e a práticas de esbanjamento. Normalmente, essas tempestades passam em menos de um ano, e a mulher recuperará a dignidade e a calma ao aceitar o envelhecimento.

Por vezes, contudo, esses sintomas podem preceder a queda da mente. Se se torna esquecida, se chama as pessoas pelos nomes errados, se deixa tarefas comuns incompletas e, em casos extremos, se deixa de reconhecer os membros da sua própria família, esta deve reconhecer que a mulher já não pode ser vista como fiável. Crianças pequenas não devem ser confiadas aos seus cuidados. Cozinhados

esquecidos podem levar a um incêndio na cozinha, ou o gado pode ficar sem água e alimentos num dia quente. Admoestações e censuras não irão alterar esses comportamentos. A piedade é uma resposta mais apropriada do que a fúria.

Que a uma mulher assim seja dado trabalho menos importante. Que ela fique sentada junto da lareira a enovelar lã ou a fazer alguma tarefa semelhante, que não ponha ninguém em perigo. Não demorará muito até que o declínio do corpo siga a ausência mental. A família sentirá menos desgosto pela sua morte se ela tiver sido tratada com paciência e gentileza durante o seu declínio.

Se a mulher se tornar excessivamente problemática, abrindo portas durante a noite, saindo para vaguear durante tempestades ou exibindo ataques de fúria quando já não é capaz de compreender o que a rodeia, administrai-lhe um chá forte de valeriana que a ponha num estado tratável. Este remédio pode trazer a paz tanto à idosa como à família cansada de cuidar dela.

Do Envelhecimento da Carne, Curandeiro Molingal

A loucura de Moli era ainda mais difícil de suportar por ela permanecer tão pragmática e sensata em todas as outras partes da vida. As regras tinham deixado de fluir alguns anos antes. Nessa altura, ela dissera-me que nunca mais conceberia. Eu tentara reconfortá-la, e a mim próprio, fazendo notar que partilhávamos uma filha, mesmo que eu tivesse perdido a infância dela. Era tolice pedir ao destino mais do que aquilo que ele já nos oferecera. Dissera-lhe que aceitava que não houvesse para nós nenhum último filho e realmente julgara que ela também o aceitara. Tínhamos em Floresta Mirrada uma vida plena e confortável. As dificuldades que tinham complicado a parte inicial da vida dela eram coisas do passado, e eu desligara-me da política e maquinações da corte no Castelo de Torre do Cervo. Finalmente, tínhamos tempo suficiente um para o outro. Podíamos receber menestréis viajantes, podíamos pagar tudo o que desejássemos e podíamos celebrar os dias de festa com toda a prodigalidade que quiséssemos. Saíamos juntos a cavalo para examinar os rebanhos de

ovelhas, o pomar em flor, os campos de feno e os vinhedos, num prazer ocioso em paisagem tão serena. Regressávamos quando nos fatigávamos, jantávamos como nos apetecesse e deixávamo-nos dormir até tarde se bem entendêssemos.

O mordomo da nossa casa, Pândego, tornara-se tão competente que me deixara quase irrelevante. Enigma escolhera-o bem, mesmo que nunca se tivesse transformado no soldado porteiro que ele esperara. O mordomo reunia-se semanalmente com Moli para conversar sobre refeições e provisões e aborrecia-me sempre que se atrevia com listas de coisas que achava necessitarem de reparação ou atualização ou, juro por Eda, simplesmente porque o homem se deliciava com mudanças. Eu dava-lhe ouvidos, atribuía fundos e deixava as coisas quase inteiramente nas suas mãos capazes. A propriedade gerava rendimentos suficientes para mais do que compensar a sua manutenção. Mesmo assim, eu vigiava as contas com atenção e punha de parte o máximo possível para as necessidades futuras de Urtiga. Por várias vezes Moli me censurara por gastar os meus próprios fundos em reparações que a propriedade podia ter saldado. Mas a coroa concedera-me um soldo generoso em troca dos meus anos de serviço ao Príncipe Respeitador. Possuíamos, realmente, mais que o suficiente. Eu julgara que estávamos no sossegado remanso dos nossos dias, uma época de paz para ambos. O colapso de Moli naquele Festival de Inverno alarmara-me, mas recusara-me a aceitar que fosse um prenúncio do que se aproximava.

No ano que se seguira à morte de Paciência, Moli tornara-se mais pensativa. Parecia frequentemente distraída e ausente. Tivera por duas vezes ataques de tonturas, e uma vez passara três dias na cama até se sentir plenamente recuperada. Perdera carnes e abrandara. Quando os últimos dos filhos decidiram que estava na altura de seguirem os seus próprios caminhos no mundo, ela deixara-os partir com um sorriso para eles e lágrimas silenciosas comigo, à noite. “Estou feliz por eles. É o tempo do seu começo. Mas para mim é um final, e um final difícil.” Começara a passar mais tempo em ocupações calmas, tornara-se muito solícita comigo e mostrara mais do seu lado gentil do que em anos anteriores.

No ano seguinte, recuperara um pouco. Quando a primavera chegara, limpou as colmeias que negligenciara e até saiu para capturar um novo enxame. Os filhos adultos iam e vinham, sempre cheios de notícias sobre as suas vidas movimentadas, trazendo-lhe netos de visita. Ficavam felizes por ver que a mãe recapturara alguma da sua antiga energia e espírito. O desejo regressou, para meu deleite. Foi um bom ano para ambos. Eu atrevi-me a ter esperança de que o que quer que tivesse causado os ataques de desmaios tivesse passado. Tornámo-nos mais próximos, como duas árvores plantadas a certa distância uma da outra que tivessem finalmente descoberto que os seus ramos se alcançavam e entrelaçavam. Não que os filhos tivessem sido uma barreira entre nós, mas ela sempre lhes concedera os primeiros pensamentos e tempo. Posso admitir, sem vergonha, que gostei de me tornar o centro do seu mundo, e que fiz tudo o que pude para lhe mostrar, de todas as formas, que ela sempre ocupara esse lugar na minha vida.

Mais recentemente, recomeçara a ganhar carne. O apetite parecia não ter fim e, enquanto a barriga se lhe arredondava, eu arreliava-a um pouco. Parei de o fazer no dia em que ela olhou para mim e disse, quase com tristeza: “Não consigo não ter idade como tu pareces não ter, amor. Vou envelhecer e talvez engordar e tornar-me mais lenta. Os meus anos de rapariga já se foram há muito, tal como os anos férteis. Tornei-me uma velha, Fitz. Só espero que o meu corpo ceda antes da mente. Não tenho desejo nenhum de me demorar por cá depois de deixar de me lembrar de quem tu ou eu somos.”

Por isso, quando ela me anunciou a “gravidez,” eu comecei a temer que os seus, e meus, piores temores estivessem a concretizar-se.

Quando passaram algumas semanas e ela insistiu em acreditar que estava grávida, eu voltei a tentar levá-la a ver a razão. Tínhamo-nos retirado para a cama e ela estava nos meus braços. Falara, outra vez, da criança vindoura. “Moli. Como é que isso pode ser? Tu mesma me disseste...”

E, com uma explosão do seu antigo génio, ela ergueu a mão e tapou-me a boca. “Eu sei o que disse. E agora sei que não era verdade. Fitz, estou à espera de um filho teu. Sei como isso te deve parecer estranho, pois eu mesma o acho estranhíssimo. Suspeitei durante meses e guardei o silêncio,

sem querer que me julgasses tola. Mas é verdade. Senti o bebé a mexer dentro de mim. Com todos os filhos que tive, não é coisa que possa confundir. Vou ter um bebé.”

“Moli,” disse eu. Continuava com ela nos braços, mas perguntei a mim mesmo se ela estaria realmente comigo. Não consegui arranjar mais nada para lhe dizer. Cobarde como sou, não quis desafiá-la. Mas ela apercebeu-se da minha dúvida. Senti-a ficar hirta nos meus braços e julguei que se iria afastar de mim.

Depois senti a ira morrer. Solto a profunda inspiração que inalara para me repreender, apoiou a cabeça no meu ombro e falou. “Pensas que estou louca e suponho que não te posso propriamente censurar. Levei anos a pensar que estava seca, que nunca mais geraria uma criança. Fiz os possíveis por aceitar esse facto. Mas não estou. Este é o bebé por que esperávamos, o nosso bebé, teu e meu, para o criarmos juntos. E não me importo realmente como aconteceu ou se neste momento pensas que estou louca. Porque bem depressa, quando a criança nascer, saberás que eu tinha razão. E até lá podes achar-me tão louca ou mentalmente débil quanto quiseses, que eu tenciono ser feliz.”

Descontraiu-se nos meus braços e, na escuridão, vi-a a sorrir-me. Tentei sorrir de volta. Ela falou suavemente ao aconchegar-se na cama a meu lado. “Sempre foste um homem tão teimoso, sempre com a certeza de que sabes muito melhor do que todos os outros o que está realmente a acontecer. E talvez, de uma ou duas vezes, isso tenha sido verdade. Mas isto de que estou a falar agora são conhecimentos de mulher, e sobre isto eu sei muito mais do que tu.”

Tentei uma última vez. “Quando se quer tanto uma coisa durante tanto tempo, e depois chega o momento de enfrentar o facto de que não se pode ter essa coisa, por vezes...”

“Por vezes não consegues acreditar quando essa coisa vem ter contigo. Por vezes tens medo de acreditar. Eu entendo a tua hesitação.” Sorriu para as trevas, contente por ter virado as minhas palavras contra mim.

“Por vezes queremos o que não podemos ter pode dar-nos a volta à cabeça,” disse eu, com a voz rouca, porque me senti compelido a dizer em

voz alta aquelas terríveis palavras.

Ela soltou um pequeno suspiro, mas sorriu ao fazê-lo. “Nesse caso, amar-te devia ter-me dado a volta à cabeça há muito tempo. Mas não deu. Portanto podes ser tão teimoso quanto queiras. Podes até achar-me louca. Mas eis o que é verdade: eu vou ter o teu bebé, Fitz. Antes do fim do inverno vai haver um bebé nesta casa. Portanto, amanhã é bom que mandes os criados trazer o berço do sótão. Quero preparar o quarto dele antes de ficar demasiado pesada.”

E assim Moli ficou na minha casa e na minha cama, e no entanto abandonou-me, partindo por um caminho onde eu não a podia seguir.

No dia seguinte, anunciou o seu estado a várias das criadas. Ordenou que o Quarto da Andorinha fosse transformado num berçário e numa sala de estar para si e para a sua criança imaginária. Eu não a contradisse, mas vi as caras das mulheres ao saírem da sala. Mais tarde, vi duas delas, com as cabeças juntas e as línguas a cacarejar. Mas quando ergueram o olhar e me viram, silenciaram a conversa e desejaram-me bons-dias, muito sérias, sem me olharem nos olhos.

Moli dedicou-se à sua ilusão com uma energia que eu julgara estar há muito perdida para ela. Fez pequenos vestidinhos e toucas. Supervisionou a limpeza do Quarto da Andorinha, de cima a baixo. A chaminé foi varrida e novas cortinas foram encomendadas para as janelas. Insistiu que eu enviasse a novidade a Urtiga, pelo Talento, e lhe pedisse para passar os meses escuros de inverno connosco, para nos ajudar a receber o nosso filho.

Assim, Urtiga veio, apesar de termos concordado nas nossas discussões de Talento que Moli estava a enganar-se a si mesma. Celebrou o Festival de Inverno connosco e ficou até a neve começar a derreter e começarem a ver-se caminhos nus. Não chegou nenhum bebé. Eu pensei que Moli seria forçada nessa altura a admitir a sua ilusão, mas ela insistiu inabalavelmente que se tinha limitado a confundir quão avançada estava a gravidez.

A primavera rebentou em pleno. Nas noites que passávamos juntos, ela por vezes deixava cair a malha que estava a fazer e exclamava: “Olha! Vem cá, ele está-se a mexer, vem sentir!” Mas sempre que eu lhe punha obedientemente a mão na barriga, nada sentia. “Parou,” insistia ela, e eu

acenava gravemente com a cabeça. O que mais poderia fazer?

“O verão há de trazê-lo” assegurou-nos ela a ambos, e as pequenas peças de roupa que fazia agora eram leves em vez de quentes e lanudas. Enquanto os dias quentes tiquetaqueavam ao som estrídulo dos gafanhotos, transformaram-se em mais uma camada na arca da roupa que fizera para o seu filho imaginário.

O outono passou num glorioso incêndio. Era a estação em que Floresta Mirrada era mais adorável, com os salpicos escarlates dos amieiros e as folhas das bétulas, douradas como moedas, e as finas folhas amarelas dos salgueiros, encaracoladas, a cair para serem empurradas pelo vento para grandes montes nos limites dos campos cuidadosamente tratados. Já não saíamos a cavalo juntos, pois Moli insistia que poderia perder a criança se o fizesse, mas íamos passear. Eu colhia nozes com ela e ouvia os seus planos de deslocar biombos para o berçário, a fim de criar uma área fechada para o berço. À medida que os dias passavam, o rio que percorria o vale foi-se tornando rápido devido à chuva. A neve chegou e Moli voltou a costurar coisas mais quentes para o nosso bebé fantasmagórico, agora com a certeza de que seria uma criança de inverno com necessidade de suaves mantas e de botas e barretes de lã. E, tal como o gelo cobria e escondia o rio, eu tentava esconder dela o crescente desespero que sentia.

Mas tenho a certeza que ela o conhecia.

Tinha coragem. Contra a corrente de dúvida que todos os outros empurravam contra ela, nadava. Estava ciente das conversas dos criados. Julgavam-na pateta ou senil, e interrogavam-se sobre como uma mulher tão sensata como ela fora podia construir de uma forma tão disparatada um berçário para uma criança imaginária. Ela conservava a dignidade e contenção em frente deles e, assim, forçava-os a tratá-la com respeito. Mas também se afastava deles. Outrora socializara com a pequena nobreza local. Agora não planeava jantares e nunca ia ao mercado da encruzilhada. Não pedia a ninguém para fazer malha ou costurar para o seu bebé.

O filho imaginário consumia-a. Tinha pouco tempo para mim ou para outras coisas que antes lhe interessavam. Passava os serões e por vezes as noites no berçário-sala de estar. Eu tinha saudades de a ter na minha cama

mas não a pressionava a subir as escadas e vir ter comigo aí. Por vezes, à noite, ia ter com ela ao seu quarto acolhedor, levando a tradução em que estivesse a trabalhar. Ela dava-me sempre as boas-vindas. Tavia trazia-nos uma bandeja com copos e ervas, punha uma chaleira a ferver na lareira e deixava-nos em paz. Moli sentava-se numa cadeira almofadada, apoiando os pés inchados num pequeno banquinho. Eu tinha uma mesa pequena a um canto para o meu trabalho e Moli mantinha as mãos ocupadas fazendo costura ou renda. Por vezes, eu ouvia o estalejar das suas agulhas parar. Então erguia o olhar e via-a a fitar o fogo, de mãos na barriga e uma expressão melancólica no rosto. Nessas alturas, desejava de todo o coração que a ilusão dela fosse verdadeira. Apesar das nossas idades, julgava que ela e eu conseguiríamos lidar com uma criança. Até lhe perguntei, uma vez, o que pensava de acolhermos um órfão. Ela suspirou baixinho e disse: “Tem paciência, Fitz. O teu filho cresce dentro de mim.” Portanto, não lhe voltei a falar disso. Disse a mim próprio que aquele capricho lhe trazia felicidade e, na verdade, que mal fazia? Deixei-a em paz.

No pino do verão desse ano, recebi a notícia de que o Rei Eyod das Montanhas tinha morrido. Não era inesperado, mas criava uma situação delicada. Kettricken, a antiga Rainha dos Seis Ducados, era herdeira de Eyod; o filho, o Rei Respeitador, seguia-a na linha de sucessão. Havia quem, nas Montanhas, tivesse a esperança de que Kettricken regressasse, para aí reinar, mesmo apesar de ela ter afirmado frequente e claramente que esperava que Respeitador reunisse as Montanhas aos seus domínios como uma espécie de sétimo ducado na nossa monarquia. A morte de Eyod assinalava uma transição que os Seis Ducados deviam observar com gravidade e respeito. Kettricken, claro, viajaria até lá, mas o Rei Respeitador e a Rainha Eliânia, os príncipes Próspero e Integridade, a Mestra do Talento Urtiga e vários membros do círculo, Dom Breu, Dom Cortês... a lista dos que tinham de estar presentes parecia não ter fim, e muitos nobres menos importantes agregaram-se à comitiva como forma de obter favores. E o meu nome foi acrescentado. Lá teria de ir, como Depositário Texugo, um oficial de baixa patente na guarda de Kettricken. Breu insistiu, Kettricken pediu, Respeitador praticamente ordenou e Urtiga

suplicou. Eu embalei o equipamento e escolhi uma montada.

Ao longo do ano, a obsessão de Moli tinha-me desgastado até uma aceitação fatigada. Não me surpreendeu quando ela declinou acompanhar-me por sentir que “o parto estava agora muito próximo.” Uma parte de mim não queria abandoná-la quando a sua mente estava tão insegura e outra parte de mim ansiava por uma folga na satisfação do seu delírio. Chamei Pândego de parte e pedi-lhe para prestar atenção especial aos pedidos dela enquanto eu andasse por longe. Ele pareceu quase ofendido por eu julgar necessária uma ordem daquelas. “Como sempre, senhor,” disse, e acrescentou a veniazinha hirta que queria dizer: *Seu idiota*.

E assim a deixei e parti de Floresta Mirrada sozinho, indo-me juntar discretamente à procissão de nobres dos Seis Ducados que seguiam para as Montanhas, a norte, para os ritos funerários. Era mais do que estranho para mim reviver uma viagem que fizera em tempos, quando ainda nem vinte anos tinha, e viajara até ao Reino da Montanha para reclamar Kettricken como noiva do Rei Expectante Veracidade. Na minha segunda viagem às Montanhas, evitara frequentemente as estradas e viajara a corta-mato com o meu lobo.

Eu sabia que Cervo tinha mudado. Agora via que as mudanças tinham acontecido por todos os Seis Ducados. As estradas eram mais largas do que as recordava e as terras estavam mais habitadas. Searas cresciam agora onde em tempos houvera pastagens abertas. Vilas brotavam ao longo da estrada, de tal forma que por vezes parecia que uma mal tinha terminado antes de a seguinte começar. Havia mais estalagens e vilas ao longo do caminho, embora o tamanho da nossa comitiva por vezes as levasse a não conseguir dar resposta às necessidades. As terras selvagens estavam a ser domadas, a ser postas sob o arado e a ser vedadas para pastos. Perguntei a mim mesmo onde caçariam agora os lobos.

Na qualidade de um dos guardas de Kettricken, vestido com o branco e púrpura dela, eu cavalgava perto do grupo régio. Kettricken nunca fora pessoa para se deixar constranger pela formalidade e o seu pedido para eu cavalgar a seu lado foi simplesmente aceite pelos que a conheciam. Conversámos em voz baixa, com o tilintar e os passos dos cavalos dos

outros viajantes a garantir-nos uma estranha privacidade. Eu contei-lhe histórias sobre a minha última viagem às Montanhas. Ela falou da infância e de Eyod, não como rei mas como um pai que a amava. Nada disse a Kettricken sobre os problemas de Moli. A mágoa pela morte do pai já era peso suficiente para ela suportar.

A minha posição enquanto membro da sua guarda significava que era instalado nas mesmas estalagens em que Kettricken ficava. Isso queria dizer com frequência que Urtiga também lá estava, e por vezes conseguíamos encontrar um sítio sossegado e tempo para uma conversa. Era bom vê-la e um alívio discutir francamente com ela o modo como a ilusão da mãe persistia. Quando Firme se nos juntava, não éramos tão francos, mas essa reticência era escolha de Urtiga. Eu não conseguia decidir se ela pensava que o irmão mais novo seria demasiado jovem para tais notícias, se as julgava questões demasiado femininas. Castro dera bem o nome ao filho. De todos os seus rapazes, Firme era o que mostrava mais dos traços de Castro e da sua constituição robusta e também partilhava o modo deliberado como se movia e uma devoção inabalável tanto à honra como ao dever. Quando ele estava connosco, era como se o seu pai estivesse sentado à mesa. Eu reparei na tranquila dependência de Urtiga da força do irmão, e não só para o Talento. Senti-me contente por ele estar tão frequentemente ao lado dela e no entanto também me senti melancólico. Desejei que ele pudesse ter sido meu filho, mesmo estando contente por ver o pai continuar a viver nele. Creio que ele compreendia o que eu sentia. Mostrava-me deferência, mas havia alturas em que os seus olhos negros trespassavam os meus como se fosse capaz de ver a minha alma. E nessas alturas, eu sentia saudades de Castro com uma cortante mágoa.

Em momentos mais privados, Urtiga partilhava comigo as cartas mensais da mãe, que detalhavam os progressos de uma gravidez que agora, aparentemente, se prolongava há dois anos. Quebrou-me o coração ouvir as palavras de Moli quando Urtiga leu em voz alta as suas reflexões sobre nomes ou os progressos nos seus projetos de costura para um bebé que nunca existiria. Mas nenhum de nós tinha qualquer solução, além de obtermos algum conforto com a partilha da nossa preocupação.

Quando chegámos às Montanhas, fomos acolhidos calorosamente. As construções de cores vivas que compunham Jhaampe, a capital do Reino da Montanha, ainda me faziam lembrar as campânulas de flores. As estruturas mais antigas eram como as recordava, incorporando as árvores em volta das quais eram construídas. Mas até às Montanhas a mudança chegara, e os arredores daquela cidade pareciam-se mais com as vilas de Vara e Lavra, com edifícios de pedra e tábuas. Isso entristeceu-me, pois senti que essa mudança não era boa, como se tais estruturas fossem uma úlcera a crescer pela floresta.

Chorámos durante três dias um rei que eu respeitara profundamente, não com choros descontrolados e oceanos de lágrimas, mas com histórias calmamente partilhadas sobre quem ele fora e quão bem governara. O seu povo chorava pelo rei caído mas em igual medida davam à sua filha as boas-vindas a casa. Estavam felizes por ver o Rei Respeitador e a Narcheska e os dois príncipes. Por várias vezes ouvi as pessoas a mencionar com um orgulho calmo como o jovem Integridade se assemelhava ao irmão de Kettricken e seu tio, o falecido Príncipe Rurisk. Eu não vira essa semelhança até ouvir mencioná-la, e depois disso não consegui esquecê-la.

No fim do período de luto, Kettricken apresentou-se-lhes e fez-lhes lembrar que o pai e o Rei Expectante Cavalaria tinham dado início ao processo de paz entre os Seis Ducados e as Montanhas. Falou da sabedoria com que eles tinham assegurado essa paz através do seu casamento com Veracidade. Pediu-lhes para verem o filho, Respeitador, como o seu futuro monarca e para se lembrarem de que a paz de que agora desfrutavam seria vista como o maior triunfo do Rei Eyod.

Com as formalidades do funeral do Rei Eyod terminadas, começou o verdadeiro trabalho da visita. Havia reuniões diárias com os conselheiros de Eyod, e demoradas discussões sobre a transmissão ordeira do governo das Montanhas. Eu estive presente em algumas, por vezes em sentido a um lado da sala, agindo como olhos e ouvidos adicionais de Breu e Respeitador, por vezes sentado no exterior, ao sol, de olhos fechados mas ligado pelo Talento a ambos durante as reuniões de nível mais elevado. Ao serão, porém, era por vezes dispensado para ter tempo para mim.

E foi assim que dei por mim parado à frente de uma porta elaboradamente esculpida e pintada, a olhar com melancolia para o trabalho das mãos do Bobo. Ali estava a casa onde ele vivera quando julgara ter falhado no cumprimento do seu destino de Profeta Branco. Na noite em que o Rei Sagaz morrera, Kettricken fugira de Torre do Cervo e o Bobo fora com ela. Juntos, tinham feito a árdua viagem até ao Reino da Montanha, onde ela julgava que tanto ela como o filho por nascer estariam em segurança na casa do pai. Mas aí, o destino dera dois golpes ao Bobo. O filho de Kettricken não sobrevivera e chegaram-lhe as notícias da minha morte nas masmorras de Majestoso. Ele falhara na sua demanda por assegurar que haveria um herdeiro para a linhagem Visionário. Falhara na demanda por dar corpo à sua profecia. A sua vida como Profeta Branco terminara.

Quando me julgara morto, ficara nas Montanhas com Kettricken, vivera naquela pequena casa e tentara ganhar modestamente a vida como escultor em madeira e fabricante de brinquedos. E então encontrara-me, quebrado e moribundo, e trouxera-me para ali, para a habitação que partilhava com Jofron. Quando ele me acolhera, ela saíra daquela casa. Depois de eu recuperar, eu e o Bobo acompanhámos Kettricken numa desesperada tentativa para seguir o rasto frio do marido pelas montanhas. O Bobo deixara a casinha e todas as ferramentas a Jofron. Pelas coloridas marionetas pintadas que estavam penduradas à janela, suspeitei que ela vivia ali e ainda fazia brinquedos.

Não bati à porta, limitando-me a ficar parado naquele longo início de noite de verão a estudar os diabretes e bicuendes que se divertiam no rebordo das portadas. Como muitas das habitações antiquadas das Montanhas, aquele edifício estava pintado com cores e detalhes vivos, como se fosse a caixa de tesouro de uma criança. Uma caixa de tesouro vazia, pois o meu amigo há muito partira de lá.

A porta abriu-se e a luz amarela de uma candeia derramou-se para o exterior. Um rapaz alto e pálido com cerca de quinze anos, cujo cabelo claro lhe caía até aos ombros, ficou aí enquadrado. “Forasteiro, se procuras abrigo, basta-te bater à porta e pedir. Estás agora nas Montanhas.” Sorriu

enquanto falava e escancarou a porta, afastando-se para me indicar com um gesto que entrasse.

Aproximei-me lentamente dele. As suas feições eram vagamente conhecidas. “Jofron ainda aqui mora?”

O sorriso dele alargou-se. “Mora e trabalha. Avó, tens uma visita!”

Entrei lentamente na sala. Ela estava sentada a uma bancada de trabalho junto da janela, com uma candeia ao lado do cotovelo. Estava a pintar qualquer coisa com um pequeno pincel, com pinceladas regulares de amarelo de virga-áurea. “Um momento,” pediu, sem tirar os olhos do trabalho. “Se eu deixar isto secar entre pinceladas, a cor vai ficar irregular.”

Eu não disse nada, limitando-me a ficar à espera. O longo cabelo louro de Jofron estava agora salpicado de prata. Quatro tranças prendiam-no longe da cara dela. As mangas de uma blusa bordada de cores brilhantes encontravam-se arregaçadas até aos cotovelos. Os braços dela estavam descarnados e salpicados de tinta, amarela, azul e verde-clara. Passou-se muito mais de um momento até ela pousar o pincel, se recostar e se virar para mim. Os seus olhos eram tão azuis como eu os recordava. Dirigiu-me um sorriso fácil. “Bem-vindo, hóspede. Um homem de Cervo, pelo aspeto. Vieste honrar o descanso final do nosso rei, presumo.”

“É verdade,” disse eu.

Quando falei, o reconhecimento cintilou e depois pegou fogo nos olhos dela. Suspirou e abanou lentamente a cabeça. “Tu. O Catalisador dele. Ele roubou-me o coração e elevou-me o espírito para procurar a sabedoria. Depois tu chegaste e roubaste-mo. Como devia ser.” Pegou num pano salpicado que tinha na bancada de trabalho e limpou os dedos, em vão. “Nunca pensei voltar a ver-te sob este teto.” Não havia inimizade na voz dela, mas havia perda. Uma perda antiga.

Eu proferi palavras que talvez a reconfortassem. “Quando ele pensou que o nosso tempo juntos tinha acabado, também me deixou, Jofron. Já nos separámos há perto de dezassete anos, e não recebi dele nem uma palavra, nem uma visita.”

Ela inclinou a cabeça ao ouvir aquilo. O neto fechou suavemente a porta. Aventurou-se a vir à beira da nossa conversa e pigarreou: “Forasteiro,

podemos oferecer-te chá? Pão? Uma cadeira onde te sentares ou uma cama para passares a noite?” Era claro que ele ansiava por saber que ligação eu tinha com a avó e esperava levar-me a ficar.

“Traz-lhe uma cadeira e chá, por favor,” disse-lhe Jofron sem me consultar. O rapaz afastou-se apressadamente e regressou com uma cadeira de costas direitas para mim. Quando os olhos azuis dela regressaram ao meu rosto, estavam cheios de comiseração. “A sério? Nem uma palavra, nem uma visita?”

Abanei a cabeça. Falei-lhe, pensando que ali estava uma das poucas pessoas na minha vida que poderiam compreender as minhas palavras. “Disse que tinha perdido a visão do futuro. Que as nossas tarefas conjuntas estavam feitas e que, se ficássemos juntos, podíamos desfazer, sem o saber, algumas das coisas que tínhamos realizado.”

Ela recebeu a informação sem pestanejar. Depois, muito devagar, acenou com a cabeça.

Eu levantei-me, inseguro de mim. Ocorreram-me velhas recordações da voz de Jofron quando eu jazia no chão à frente daquela lareira. “Não creio que alguma vez te tenha agradecido por me ajudares quando o Bobo me trouxe para aqui, há todos estes anos.”

Ela voltou a acenar, gravemente, mas corrigiu-me dizendo: “Eu ajudei o Profeta Branco. Fui chamada para o fazer e nunca me arrependi.”

E de novo o silêncio se estendeu entre nós. Era como tentar conversar com um gato. Recorri à banalidade. “Espero que tu e a tua família estejam bem.”

E, como os de um gato, os olhos dela estreitaram-se só por um instante. Depois disse: “O meu filho não está cá.”

“Ah.”

Voltou a pegar no trapo, limpou os dedos com grande cuidado. O neto regressou com uma pequena bandeja. Uma chavenazinha, mais pequena do que o meu punho cerrado, continha uma das tisanas aromáticas das Montanhas. Senti-me grato pela distração. Agradei-lhe e depois beberriquei, saboreando groselha brava e uma certa especiaria obtida da casca de uma árvore das Montanhas que eu não provava há anos. Era

delicioso. Disse-o.

Jofron levantou-se da sua bancada de trabalho. Atravessou a sala, com as costas muito direitas. Uma parede da sala fora esculpida com um baixo-relevo que representava uma árvore. Devia ter sido trabalho dela, pois não era assim da última vez que eu estivera ali. Folhas e frutos de todas as espécies projetavam-se dos ramos esculpidos. Ela ergueu a mão acima da cabeça até uma grande folha e afastou-a suavemente para revelar um pequeno cubículo, de onde tirou uma caixinha.

Regressou e mostrou-ma. Não era trabalho do Bobo, mas eu reconheci as mãos, curvadas de forma protetora para formar uma tampa por cima do conteúdo da caixa. Jofron esculpira as mãos dele como tampa para a sua caixa. Acenei-lhe para lhe dizer que compreendia. Ela moveu os dedos e eu ouvi um distinto *snic*, como se uma tranca oculta tivesse cedido. Quando abriu a caixinha, saiu dela uma fragrância, desconhecida mas encantadora. Ela não estava a esconder de mim o conteúdo da caixa. Vi pequenos rolos, pelo menos quatro e talvez mais escondidos por baixo dos primeiros. Tirou um lá de dentro e fechou a tampa.

“Esta foi a mensagem mais recente que ele me enviou,” disse.

A mais recente. Experimentei um momento da mais aguda e verde inveja que sentira na vida. Ele não me enviara sequer uma mensagem por ave, mas Jofron tinha um pequeno cofre cheio de rolos! O papel suave e castanho estava muito bem atado com uma estreita fita cor de laranja. Ela puxou pela fita e esta cedeu. Com muito cuidado, desenrolou-o. Os seus olhos moveram-se pela mensagem. Julguei que ma leria em voz alta. Mas em vez disso ergueu o olhar azul e cruzou-o com o meu com uma expressão inflexível. “Esta é curta. Não há notícias sobre a vida dele. Não há saudações carinhosas, não há desejos de boa saúde para mim. Só há um aviso.”

“Um aviso?”

Não havia hostilidade na cara dela, só determinação. “Um aviso de que eu devia proteger o meu filho. Que não devia dizer nada sobre ele a desconhecidos que pudessem perguntar.”

“Não compreendo.”

Ela ergueu um ombro. “Nem eu. Mas compreender por completo não é necessário para eu dar ouvidos ao aviso dele. E por isso te digo: o meu filho não está aqui. E é tudo o que direi sobre ele.”

Julgaria ela que eu era perigoso? “Eu nem sequer sabia que tinhas um filho. Ou um neto.” Os meus pensamentos chocalharam como sementes numa vagem seca. “E não perguntei por ele. Tampouco sou desconhecido para ti.”

Ela fez acenos de concordância para cada uma das minhas afirmações. Depois perguntou: “Gostaste do chá?”

“Sim. Obrigado.”

“Os meus olhos cansam-se facilmente nos dias que correm. Descobri que dormir ajuda, quando acordo repousada, a fazer o meu melhor trabalho à primeira luz da alvorada.” Enrolou o papelinho castanho e atou a fita laranja à sua volta. Enquanto a observava, voltou a pô-lo na caixa. E fechou a tampa.

O povo das Montanhas era tão cortês. Ela não me diria para sair da sua casa. Mas eu teria mostrado as piores maneiras se tentasse ficar. Levantei-me imediatamente. Se saísse logo, talvez pudesse regressar no dia seguinte e voltar a tentar fazer mais perguntas sobre o Bobo. Devia ir-me já embora, discretamente. Sabia que não devia perguntar. Perguntei. “Por favor, como te chegaram as mensagens?”

“Através de muitas mãos e de uma longa distância.” Ela quase sorriu. “Aquele que pôs esta última mensagem nas minhas mãos partiu há muito daqui.”

Eu olhei para a cara dela e soube que aquela seria a minha última hipótese de trocar palavras com ela. Amanhã não me receberia. “Jofron, eu não sou um perigo para ti ou para a tua família. Vim dizer adeus a um rei sábio que me tratou bem. Agradeço-te por me teres informado de que o Bobo te enviou mensagens. Pelo menos sei que ele ainda está vivo. Vou guardar esse conforto como uma gentileza que me fizeste.” Levantei-me e fiz-lhe uma profunda vénia.

Julgo que vi uma minúscula fenda na fachada dela, a mais pequena das ofertas de solidariedade quando ela disse: “A última mensagem chegou há

dois anos. E tinha levado pelo menos um ano a chegar até mim. Portanto nenhum de nós pode estar seguro do destino do Profeta Branco.”

As palavras dela trouxeram-me frio ao coração. O neto fora para a porta e abriu-a, segurando-a para eu sair. “Agradeço-vos a hospitalidade,” disse a ambos. Pousei a minúscula chávena no canto da bancada de trabalho, fiz outra vénia e saí. Não tentei regressar no dia seguinte.

Dois dias mais tarde, o Rei Respeitador e a comitiva partiram das Montanhas. Kettricken ficou para trás, para passar mais tempo com a família alargada e o seu povo e para lhes assegurar que viria mais frequentemente de visita quando comessem a longa transição para se tornarem o sétimo ducado sob o reinado do Rei Respeitador.

Sem dar nas vistas, eu também me deixei ficar para trás, demorando-me até perder de vista o último membro da comitiva do rei, e depois esperando pelo fim da tarde antes de partir. Queria cavalgar sozinho e pensar. Abandonei Jhaampe sem preocupações e sem pensar onde ou quando dormiria naquela noite.

Julgara que encontraria alguma espécie de serenidade nas Montanhas. Testemunhara a elegância com que eles entregaram o seu rei à morte e abriram caminho para que a vida prosseguisse. Mas quando parti, levei comigo mais inveja do que serenidade. Eles tinham perdido o rei após uma vida inteira a desfrutar da sua sabedoria. Ele morrera com a dignidade e a mente intactas. Eu estava a perder a minha adorada Moli e sabia, com terror, que as coisas só ficariam piores, muito piores, antes do fim. Anos antes, perdera o Bobo, o melhor amigo que tivera na vida. Julgara que o tinha aceitado, que me tornara imune às saudades. Mas quanto mais profundamente Moli mergulhava na loucura, mais saudades eu tinha dele. Sempre fora a ele que recorrera em busca de conselhos. Breu fazia o que podia, mas sempre fora mais velho e meu mentor. Quando visitara a antiga casa do Bobo, só tencionara vê-la durante algum tempo e tocar o âmago de ter tido em tempos um amigo que me conhecera tão bem e mesmo assim me amara.

Em vez disso, descobrira que talvez não o tivesse conhecido tão bem como julgara. Teria a sua amizade com Jofron tido um significado tão maior

para ele do que aquilo que nós partilháramos? Um pensamento surpreendente aguilhoou-me. Teria ela sido mais para ele do que uma amiga ou seguidora do Profeta Branco?

E tu levar-lhe-ias isso a mal? Que durante algum tempo tivesse vivido no agora e tivesse algo de bom quando toda a esperança o tinha abandonado?

Ergui o olhar. Desejei de todo o coração ver uma silhueta cinzenta a saltar por entre as árvores e os arbustos ao lado da estrada. Mas claro que não vi. O meu lobo já partira há muitos anos, já partira há mais tempo até do que o Bobo. Agora, ele vivia apenas em mim, no modo como a sua condição lupina era por vezes capaz de se intrometer nos meus pensamentos. Pelo menos ainda tinha isso dele. Era muito pouco.

“Eu não lhe teria levado isso a mal,” disse em voz alta, e perguntei a mim mesmo se mentiria para não ficar envergonhado de mim próprio. Abanei a cabeça e tentei colocar a mente no agora. Estava um belo dia, a estrada era boa e, embora problemas pudessem estar à minha espera quando regressasse a casa, não estavam ali comigo naquele momento. E, na verdade, as saudades que tinha hoje do Bobo não eram diferentes de como sentira a sua falta em todos os dias anteriores que passara sem ele. Então ele enviara mensagens a Jofron e não a mim? E isso fora assim durante anos, aparentemente. Agora sabia-o. Era essa a única diferença.

Estava a tentar convencer-me de que saber esse pequeno facto não fazia diferença nenhuma quando ouvi o ruído de cascos na estrada atrás de mim. Alguém se aproximava a galope. Talvez um mensageiro. Bem, a estrada era larga o suficiente para ele poder ultrapassar-me sem esforço. Apesar disso, fiz o cavalo desviar-se mais para um lado e olhei para trás, para o ver aproximar-se.

Um cavalo negro. Um cavaleiro. E, em três passos, eu soube que era Urtiga montada em *Tinta*. Julgava que ela tinha seguido viagem com os outros e depois apercebi-me de que devia estar a apressar-se para os apanhar após ter sido atrasada por algum motivo. Fiz parar o cavalo e esperei por ela, contando vê-la passar por mim com um aceno de mão.

Mas assim que ela viu que eu tinha parado, fez abrandar a montada; quando chegou onde eu estava, *Tinta* reduzira a cavalgada até um trote.

“Oh!”, gritou-lhe Urtiga, e *Tinta* parou elegantemente ao nosso lado.

“Julgava que ias ficar mais uma noite e depois, quando percebi que te tinhas ido embora, tive de correr para te apanhar,” anunciou ela sem fôlego.

“Porque não estás com o rei? Onde estão os teus guardas?”

Ela deitou-me um olhar. “Eu disse a Respeitador que ia estar contigo e não precisava de mais nenhum guarda. Tanto ele como Breu concordaram.”

“Porquê?”

Ela fitou-me. “Bem, entre eles, tu tens uma certa reputação de seres um assassino muito competente.”

Aquilo silenciou-me por um momento. Ainda pensavam em mim daquela forma quando eu já não pensava? Pus as ideias em ordem. “Não, o que eu quis perguntar foi porque ficaste para viajar comigo. Não que não esteja contente por te ver, só estou surpreendido.” Acrescentei esta última frase quando o olhar dela escureceu. “Nem me tinha apercebido de que alguém tinha reparado que não ficara com a comitiva principal.”

Ela inclinou a cabeça. “Tu terias reparado se eu não estivesse lá?”

“Ora, claro que sim!”

“Toda a gente reparou quando te afastaste discretamente. Respeitador falou comigo há vários dias, dizendo que parecias ainda mais taciturno do que se poderia esperar de estares num funeral e talvez fosse melhor se não fosses deixado sozinho. Kettricken concordou com ele e acrescentou que aquela visita podia ter despertado velhas recordações em ti. Recordações tristes. Portanto, aqui estou eu.”

E, de facto, ali estava ela. Fiquei quase aborrecido com ela por me ter estragado um amuo perfeitamente bom. E foi então que compreendi que era isso que estava a fazer. Estava amuado porque o Bobo mandara cartas a Jofron e não a mim. E, como uma criança, andara a testar as pessoas que me amavam, afastando-me delas quase pela única razão de ver se alguém viria atrás de mim.

E ela viera. Senti-me contrariado na minha impertinência e, por mais que soubesse que era tolice, ainda me senti aguilhoado quando Urtiga se riu de mim. “Devias poder ver a tua cara!”, exclamou. “Vamos. Será assim tão terrível que, depois de todos estes anos, eu e tu tenhamos finalmente uns

quantos dias e noites para conseguirmos conversar um com o outro sem desastres nem rapazes pequenos a interromper-nos?”

“Seria bom,” concedi, e foi com essa simplicidade que o meu humor melhorou. E que começou a nossa viagem conjunta para casa.

Eu nunca tinha viajado com tanta complacência. Trouxera poucas provisões, pensando que iria viver rústicamente a caminho de casa. Urtiga também viajava com pouco, à parte uma carteira cheia de moedas de prata. Da primeira vez que propus que, se íamos passar a noite acampados, era melhor começarmos a procurar um local promissor, ela ergueu-se nos estribos, olhou a toda a volta e depois apontou para um fumo que subia. “Aquilo ali é no mínimo uma casa, e o mais certo é ser uma aldeia com uma estalagem, por humilde que seja. E é aí que tenciono parar esta noite e, se se puder arranjar um banho quente, ele vai ser meu. E uma boa refeição!”

E tinha razão. De facto havia todas essas coisas, todas as três, e ela avançou para mim dizendo: “O Breu disse-me para não te deixar fazer nada para te punires por estares triste.”

Gastei alguns momentos de silêncio a lidar com as palavras dela, tentando perceber se se aplicariam realmente a mim. Fiquei com a certeza de que não, mas não consegui arranjar nenhuma defesa. Ela pigarreou. “Falemos sobre o Zar, está bem? Sabias que há um boato que diz que, apesar de ser um menestrel, e ainda por cima um menestrel errante, ele tem uma namorada em Torre de Darate, a quem é fiel? É tecelã lá na vila.”

Eu não o soubera, nem a maior parte dos outros mexericos que ela partilhou comigo. Naquela noite, embora houvesse vários outros pequenos nobres a ocupar a mesma estalagem, Urtiga fez-me companhia. E nós deixámo-nos ficar por muito tempo perto da lareira na sala central, depois de os outros terem ido em busca das respetivas camas. Por ela soube que a política de Torre do Cervo estava tão confusa e os mexericos dos íntimos do rei tão espinhosos como sempre. Ela discutira com o Rei Respeitador, pois temia pela segurança dos príncipes adolescentes, que viajavam com demasiada frequência para as Ilhas Exteriores com a mãe. Respeitador atrevera-se a dizer-lhe que isso não lhe dizia respeito, e ela respondera que se lhe dizia respeito a ele que ela não pudesse casar porque ele expunha

constantemente os herdeiros ao perigo, então Urtiga tinha o direito de dizer o que pensava sobre esse facto. A Rainha Eliânia sofrera recentemente um aborto: fora uma rapariga, a filha com que sonhava; era uma perda terrível, bem como mau presságio para a casa da sua mãe. O motivo por que tinham partido tão apressadamente para Torre do Cervo fora Eliânia poder levar os príncipes para mais uma longa visita à sua terra natal. Alguns dos duques tinham começado a resmungar sobre a frequência com que os rapazes andavam por longe. O Rei Respeitador estava encurralado entre os duques e a rainha e não parecia capaz de encontrar um compromisso.

Quando perguntei por Enigma, Urtiga disse que estava bem da última vez que o vira e depois conduziu de forma decidida a conversa para longe desse assunto. Pareceu ter perdido toda a esperança de alguma vez conquistar a autorização do Rei Respeitador para casar, e no entanto eu nunca a vira evidenciar interesse por outro homem. Ansiava por saber o que ela tinha no coração e desejei que se sentisse mais inclinada a fazer-me confidências como outrora fazia à mãe.

Mas ela conduziu a conversa para outros problemas que estavam a fervilhar ao longo das nossas fronteiras.

Havia dragões a patrulhar por cima de Calcede, caçando onde lhes apetecia, e tinham começado a atravessar ocasionalmente a fronteira e a devastar as manadas de Razos e até de Vara. As pessoas dos Seis Ducados esperavam que o Círculo de Talento do rei repelisse os dragões ou pelo menos negociasse com eles. Mas os conceitos de diplomacia e compromisso eram risíveis para dragões. Se é que os dragões riam, coisa de que tanto Urtiga como eu duidávamos.

Matutámos sobre se seria possível negociar-se com dragões, e que repercussões matar um dragão teria, e se pagar tributo a dragões com manadas para abate seria uma cobardia ou apenas pragmatismo.

Algumas das notícias dela não eram políticas, mas familiares. Veloz e Teio tinham visitado recentemente Torre do Cervo. A parceira avícola de Veloz estava saudável e forte, mas a gaivota de Teio estava tão mal que Teio alugara um quarto na Cidade de Torre do Cervo com vista para o mar. A ave praticamente vivia no peitoril da sua janela; ele alimentava-a, pois ela já

pouco voava. O fim aproximava-se e ambos o esperavam. Embora Urtiga não fosse Manhosa, compreendia o que era perder um parceiro de Manha através de mim e do irmão, Veloz.

Mas não partilhámos só mexericos. Falámos da comida e da música de que gostávamos e de quais as velhas histórias eram as nossas preferidas. Ela contou-me histórias sobre a sua infância, falando principalmente das traquinices perpetradas por ela e pelos irmãos. Em troca, eu falei dos meus dias de rapaz em Torre do Cervo e de como tanto o castelo como a cidade eram diferentes nessa época. Castro era uma presença muito frequente em todas as nossas histórias.

Na última noite que passámos juntos, antes de abandonarmos a Estrada do Rio para seguirmos a estrada mais estreita que levava a Floresta Mirrada, ela perguntou-me por Dom Dourado. Tinha ele sido realmente bobo do Rei Sagaz? Sim, tinha. E ele e eu tínhamos sido... muito chegados? “Urtiga,” disse eu enquanto ela cavalgava a olhar em frente. Esperei até se virar para me fitar. O seu rosto bronzeado estava um pouco mais corado do que de costume. “Eu amei esse homem como nunca amei mais ninguém. Não digo que o amei mais do que amo a tua mãe. Mas que a forma como o amei foi diferente. Se ouviste dizer que havia alguma coisa pouco própria na nossa ligação, pois não houve. Não era isso que éramos um para o outro. O que tínhamos ultrapassava isso.”

Ela não me olhou nos olhos, mas acenou com a cabeça. “E o que foi feito dele?”, perguntou com uma voz mais suave.

“Não sei. Partiu de Torre do Cervo quando eu ainda estava perdido nas pedras. Nunca mais voltei a ouvir falar dele.”

Acho que a minha voz lhe disse muito mais do que as palavras. “Lamento tanto, papi,” disse em voz baixa.

Saberia ela que era a primeira vez que me honrava com aquele título? Guardei um silêncio muito cauteloso, saboreando o momento. E então ultrapassámos uma leve ladeira e a aldeia de Mirra estava à nossa frente, aninhada num vale suave ao lado de um rio. E eu soube que chegaríamos a Floresta Mirrada antes de a tarde avançar. Descobri-me de súbito com pena de a nossa viagem conjunta estar tão próxima de terminar. Ainda mais do

que isso, temi o que ela pensaria da mãe e do quanto as ilusões desta a tinham afastado de nós.

E no entanto, a visita começou bem. Quando chegámos, Moli abraçou-me calorosamente e depois virou-se, deliciada, para a filha mais velha. Não esperara que eu regressasse tão depressa e não esperara ver Urtiga de todo. Nós tínhamos chegado pouco depois do meio-dia e estávamos ambos esfaimados. Retirámo-nos os três para a cozinha, onde assustámos alegremente o pessoal da casa por insistirmos em saquear a despensa em busca de um banquete simples de pão, queijo, salsichas e cerveja em vez de esperarmos que preparassem algo mais elaborado para nos dar. Quando a cozinheira Nozmoscada bateu o pé e correu connosco da cozinha, piquenicámos numa ponta da grande mesa de jantar. Contámos a Moli tudo sobre a nossa viagem, as cerimónias simples mas comoventes que tinham antecedido o enterro do rei, e a decisão de Kettricken de permanecer algum tempo nas Montanhas. E, como acontece com todas as viagens, por mais solene que seja o destino, houve histórias humorísticas para contar que nos puseram a todos às gargalhadas.

Moli tinha histórias suas para partilhar connosco. Umas cabras tinham conseguido chegar aos vinhedos e haviam danificado algumas das mais antigas vinhas que lá tínhamos. Estas recuperariam, mas a maior parte das uvas do ano naquela secção das vinhas estava perdida. Tínhamos tido várias incursões importantes de javalis no campo de feno; o principal dano feito por eles consistira em espezinhar o feno até ser quase impossível colhê-lo. Lozum, da aldeia, trouxera os cães e perseguira-os. Matara um grande javali mas, ao fazê-lo, um dos cães ficara gravemente ferido. Suspirei de mim para mim. Tinha a certeza de que esse seria um dos primeiros problemas com que teria de lidar. Nunca gostara de caçadas ao javali, mas agora seria necessário fazer uma. E Altomem iria mais uma vez renovar a súplica por cães de caça nossos.

E sem que eu soubesse como, enquanto estava silenciosamente absorto com javalis, cães e caça, o tema da conversa mudou e de repente dei por Moli a puxar-me pela manga e a perguntar: “Não queres ver o que fizemos?”

“Claro,” respondi e levantei-me, deixando para trás os lamentáveis restos da nossa refeição improvisada, para seguir a minha mulher e a minha filha.

O coração caiu-me aos pés quando me apercebi de que ela nos levava para o berçário. Urtiga deitou-me um relance por sobre o ombro mas eu mantive a expressão branda. Urtiga ainda não vira o quarto desde que Moli lançara mãos à obra. E quando ela abriu a porta, apercebi-me de que eu também não.

A divisão fora originalmente uma sala de estar destinada a receber visitas importantes. Na minha ausência transformara-se num berçário cuidadosamente equipado, repleto de todos os luxos de que uma mulher grávida podia desejar para a criança que aí vinha.

O berço no centro de tudo era de bom carvalho amadurecido, astuciosamente concebido por forma a embalar suavemente a criança se se pisasse uma alavanca. O entalhe de um cervo Visionário vigiava a cabeceira do berço. Creio que a Dama Paciência o mandara fazer nos primeiros tempos em que habitara Floresta Mirrada, quando ainda tinha a esperança de conceber uma criança. Esperara, vazio, durante décadas. Agora, o berço estava cheio com pilhas de roupa suave e coberto de rendas para que nenhum inseto pudesse picar o ocupante. O sofá baixo ostentava agora gordas almofadas onde uma mãe poderia reclinar-se para dar de mamar ao filho, e havia espessos tapetes no chão. As profundas janelas davam para um jardim envolto na primeira queda de folhas de outono. O vidro grosso estava escondido por cortinas primeiro de renda, depois de seda translúcida e por fim por um cortinado de malha apertada que manteria afastados tanto a luz brilhante do sol como o frio. Havia uma cobertura de vidro pintado que Moli podia colocar em volta da candeia para também atenuar a luz desta. Por trás de uma extravagante grelha de flores e abelhas trabalhadas em ferro, o fogo baixo dançava para ela na grande lareira.

O nosso espanto fê-la sorrir. “Não é maravilhoso?”, perguntou em voz baixa.

“É... lindo. Que quarto tão pacífico,” conseguiu Urtiga dizer.

Tentei encontrar a língua. Tinha estado a manter a fantasia de Moli à distância; agora entrara na sua ilusão. O estúpido desejo que julgara ter

abafado explodiu como um fogo em gravetos chamuscados. Um bebê. Como teria sido bom ter o nosso bebezinho aqui, onde eu pudesse vê-lo crescer, onde pudesse ver Moli ser mãe de um filho nosso! Fingi uma tosse e esfreguei a cara. Fui até à candeia e examinei as flores pintadas na cobertura com uma atenção que elas não mereciam.

Moli continuava a falar com Urtiga. “Quando Paciência estava viva, mostrou-me este berço. Estava lá em cima no sótão. Ela tinha-o mandado fazer nos tempos em que vivia aqui com Cavalaria, quando sonhava que ainda seria possível conceber. Esperou todos estes anos. Era muito mais pesado do que eu poderia ter deslocado sozinha, mas chamei o Pândego e mostrei-lho. E ele mandou trazê-lo aqui para baixo e, depois de se polir a madeira, tornou-se uma coisa tão maravilhosa que decidimos que precisávamos mesmo de transformar toda a sala num berçário tão bom como o berço merecia.

“Ah, e vem cá, olha-me só estes baús. Pândego encontrou-os noutra sótão, mas não é uma maravilha como as madeiras combinam bem? Ele pensa que o carvalho talvez tenha crescido aqui mesmo em Floresta Mirrada, o que podia explicar por que motivo a cor é tão parecida com a do berço. Este tem mantas, algumas de lã para os meses de inverno e outras mais leves, para a primavera. E todo este baú, choca-me dizê-lo, é roupa para o bebê. Não tinha percebido quanta fiz para ele até Pândego sugerir que a puséssemos toda no mesmo lugar. Há tamanhos diferentes, claro. Não fui assim tão tola para fazer todos os vestidinhos para um recém-nascido.”

E por aí fora. As palavras jorravam de dentro de Moli como se ela tivesse passado meses a ansiar por poder falar abertamente das suas esperanças para a criança. E Urtiga olhava para a mãe e sorria e acenava. Sentaram-se no sofá e tiraram roupa do baú e espalharam-na para a examinar. Eu fiquei em pé a observá-las. Acho que, por um momento, Urtiga foi apanhada pelo sonho da mãe. Ou talvez, pensei com os meus botões, o que partilhavam fosse a mesma ânsia, Moli por uma criança que há muito não podia ter e Urtiga por uma criança que estava proibida de ter. Vi Urtiga pegar num vestidinho e encostá-lo ao peito enquanto exclamava: “Tão pequenino! Tinha-me esquecido de como os bebés são pequenos; já passaram muitos

anos desde que Cadinho nasceu. Oh, o Cadinho, ele foi quase o maior dos meus bebês. Só Justo foi maior. As coisas que eu tinha feito para o Cadinho deixaram de lhe servir passados poucos meses.”

“Eu lembro-me disso!”, exclamou Urtiga. “Os pezinhos saíam-lhe do fundo do vestidinho e nós tapávamo-los e momentos depois ele livrava-se das mantas ao pontapé.”

A mais pura das invejas sufocou-me. Elas tinham partido, as duas, de regresso a um tempo em que eu não existia nas vidas de nenhuma, de volta a uma casa acolhedora e ruidosa, cheia de crianças. Não levava a mal a Moli os anos de casamento com Castro. Ele fora um bom homem para ela. Mas aquilo, vê-las a recordar uma experiência que eu nunca teria, era como uma faca lenta a girar em mim. Fitei-as, de novo o estranho. E então, como se uma cortina se tivesse erguido ou uma porta aberto, apercebi-me de que era eu a excluir-me. Aproximei-me e sentei-me ao lado delas. Moli tirou do baú um minúsculo par de botas em tricô. Sorriu e ofereceu-mo. Sem uma palavra, aceitei-as. Mal me cobriam a palma da mão. Tentei imaginar o pezinho minúsculo que se enfiaria numa daquelas botinhas e não consegui.

Olhei para Moli. Havia rugas nos cantos dos seus olhos e havia rugas a rodear-lhe a boca. Os seus lábios cheios e rosados tinham-se desvanecido, transformando-se em arcos de rosa-claro. De súbito vi-a não como Moli mas como uma mulher de cinquenta e tal anos. O seu viçoso cabelo escuro tornara-se mais fino e estava riscado de cinzento. Mas fitou-me com tal esperança e amor, virando a cabeça só ligeiramente para um lado! E vi mais uma coisa nos seus olhos, algo que não estava lá dez anos antes. Confiança no meu amor. A cautela que maculara a nossa relação tinha desaparecido, gasta até ao nada pela última década que passáramos juntos. Finalmente sabia que eu a amava, que sempre a poria em primeiro lugar. Eu tinha finalmente conquistado a sua confiança.

Baixei o olhar para as minúsculas botinhas que tinha na mão e enfiei dois dedos nelas. Pu-las em pé na palma da mão. Fi-las descrever alguns passos de dança. Ela estendeu a mão para me imobilizar os dedos e descalçou-me as botinhas. “Muito em breve,” disse-me, e encostou-se a mim. Urtiga ergueu o olhar para mim e uma tão grande gratidão brilhou nos seus olhos

que de repente senti ter conquistado uma batalha que nem soubera que estava a travar.

Pigarreei e consegui falar sem rouquidão. “Quero uma chávena de chá quente,” disse-lhes e Moli endireitou-se no sofá, exclamando: “Sabes, isso era exatamente o que eu queria agora mesmo.”

E, apesar do nosso cansaço da viagem, a tarde passou de forma agradável. Muito mais tarde, nessa noite, partilhámos um jantar que obedecia aos padrões da cozinheira Nozmoscada, e um bocadinho de brande que ultrapassava os meus. Tínhamo-nos retirado para o gabinete da propriedade, onde Urtiga se recusara a examinar a minha cuidadosa contabilidade, dizendo que tinha a certeza de que estava tudo bem. Urtiga insistia que tinha de partir de manhã. Moli tentava dissuadi-la, sem sucesso. Eu estava quase a deixar-me dormir numa cadeira junto da lareira quando Urtiga falou baixinho no seu canto de um canapé. “Ver é muito pior do que ouvir falar.” Soltou um pesado suspiro. “É real. Estamos a perdê-la.”

Abri os olhos. Moli deixara-nos sós, dizendo que queria ver se ainda havia na despensa algum resto daquele queijo azedo branco, que de repente lhe apetecera. Atribuíra o desejo à gravidez e, à boa maneira de Moli, desdenhara a ideia de chamar uma criada a uma hora tão tardia. Era adorada pelos nossos criados pelo simples motivo de os poupar a tal abuso indiferente.

Eu olhei para o lugar onde Moli estivera sentada. A marca do seu corpo ainda se via nas almofadas e o seu odor pairava no ar. Falei baixinho. “Ela está a deslizar lentamente para longe de mim. O dia de hoje não foi muito mau. Há alguns em que está tão concentrada neste seu ‘bebé’ que não fala de mais nada.”

“Faz com que pareça tão real,” disse Urtiga, com as palavras a perderem-se entre a melancolia e o temor.

“Eu sei. É difícil. Eu tentei dizer-lhe que é impossível. E quando digo, sinto que estou a ser cruel. Mas hoje, a fazer-lhe a vontade... agora parece-me mais cruel. Como se tivesse desistido dela.” Fitei o fogo que se ia apagando. “Tive de pedir às criadas para não a contrariarem. Já as vi a revirar os olhos depois de ela passar. Censurei-as por isso, mas penso que se

ao menos...”

Centelhas de ira britaram nos olhos de Urtiga. Sentou-se direita. “Não quero saber se a minha mãe está doida varrida! Eles têm de ser obrigados a tratá-la com respeito. Não podes deixá-los entrar numa ‘tolerância’ trocista! Ela é minha mãe e tua mulher! A Dama Moli!”

“Eu não sei bem como lidar com isso sem piorar as coisas,” confidenciei-lhe. “Sempre foi Moli quem teve a cargo o governo da casa. Se eu me meter e começar a disciplinar os criados, ela pode ressentir-se de eu lhe usurpar a autoridade. E que posso dizer-lhes? Ambos sabemos que a tua mãe não está grávida! Quanto tempo devo eu ordenar-lhes que mantenham este fingimento? Onde termina? Com o nascimento de uma criança imaginária?”

Urtiga empalideceu ao ouvir as minhas palavras. Por um momento, os planos da sua cara ficaram brancos e nítidos como os flancos gelados de uma montanha sob a neve. Depois deixou abruptamente cair a cara nas mãos. Eu olhei para a risca clara no seu reluzente cabelo escuro. Ela falou por entre os dedos. “Estamos a perdê-la. Só vai piorar. Sabemos disso. O que vais fazer quando ela deixar de te reconhecer? Quando já não conseguir tomar conta de si? O que será feito dela?”

Ergueu a cara. Lágrimas silenciosas cintilavam em ribeiros pelas bochechas abaixo.

Atravessei a sala e peguei-lhe na mão. “Isto prometo: vou cuidar dela. Sempre. Vou amá-la. Sempre.” Reforcei a minha determinação. “E vou falar em privado com os criados e dizer-lhes que, independentemente do tempo de trabalho que aqui tenham, se dão valor aos empregos, vão tratar a Dama Moli como cabe à dona desta casa. Pensem o que pensarem dos seus pedidos.”

Urtiga fungou e libertou as mãos das minhas, para passar os pulsos pelos olhos. “Eu sei que já não sou uma criança. Mas só a ideia de a perder...”

Deixou as palavras no ar, silenciando a voz antes de proferir as palavras que ambos sabíamos que cresciam em si. Ainda chorava Castro, o único verdadeiro pai que conhecera. Não queria perder também a mãe, e ainda pior seria se Moli olhasse para ela e não a reconhecesse.

“Eu cuido dela,” voltei a prometer. *E de ti*, pensei de mim para mim. E

perguntei a mim próprio se ela algum dia me deixaria desempenhar esse papel. “Mesmo se isso significar fingir que acredito que tem uma criança a crescer dentro de si. Apesar de fazê-lo me deixar a sentir-me falso para com ela. Hoje...” E vacilei, com a culpa a crescer em mim. Comportara-me como se Moli estivesse realmente grávida, fazendo-lhe as vontades como se ela fosse uma criança caprichosa. Ou uma louca.

“Estavas a ser gentil,” disse Urtiga em voz baixa. “Eu conheço a minha mãe. Não a vais convencer a desistir desta ilusão. Tem a mente perturbada. Mais valia seres...”

Moli pousou a bandeja na mesa com uma pancada sólida. Ambos saltámos, sentindo-nos culpados. Moli fitou-me, de olhos negros. Encurvou os lábios rigidamente e a princípio eu pensei que voltaria mais uma vez a ignorar o nosso desacordo. Mas Urtiga tinha razão. Ela manteve-se firme e falou com clareza. “Ambos me julgam louca. Bem. Assim sendo, tudo bem. Mas vou dizer-vos com clareza que sinto a criança a mexer dentro de mim e que o peito começou a inchar com leite. O momento em que terão os dois de me pedir perdão não vem longe.”

Urtiga e eu, apanhados na nossa preocupação secreta, ficámos mudos. Urtiga não tinha resposta para a mãe e Moli virou-se e saiu da sala a passos largos. Olhámos um para o outro, cheios de culpa. Mas nenhum de nós foi atrás dela; depressa procurámos as respetivas camas. Eu ansiara, na cavalgada até casa, por uma reunião agradável com a minha mulher e por uma noite passada juntos. Em vez disso, Moli fora para o sofá no seu berçário. E eu fui sozinho para o nosso quarto, que me pareceu um lugar frio e vazio.

No dia seguinte, Urtiga partiu antes do meio-dia para regressar ao Castelo de Torre do Cervo. Disse que já estava longe dos aprendizes de Talento há muito tempo e que haveria toda a espécie de trabalho negligenciado à sua espera. Não duvidei dela. Mas também não acreditei que fosse esse o seu principal motivo para partir. Moli deu-lhe um abraço de despedida, e um desconhecido poderia ter pensado que estava tudo bem entre a mãe e a filha. Mas Moli não mencionara o bebé nem por uma vez desde que nos abandonara na noite anterior, nem perguntara se Urtiga

regressaria para o parto.

E nos dias que se seguiram, deixou de falar comigo da sua criança fantasmagórica. Pequeno-almoçávamos juntos; conversávamos sobre os assuntos da propriedade e, ao jantar, partilhávamos os acontecimentos dos nossos dias. E cada um dormia sozinho. Ou, no meu caso, não dormia. Fiz mais trabalhos de tradução para Breu nas horas avançadas da noite do que fizera nos seis meses anteriores. Dez dias após o incidente, já tarde ao serão, tive a coragem de a procurar no berçário. A porta estava fechada. Fiquei parado à sua frente durante vários longos momentos antes de decidir que devia bater em vez de entrar. Bati, esperei, e depois bati com mais força.

“Quem é?” A voz de Moli pareceu surpreendida.

“Sou eu.” Abri a porta um tudo-nada. “Posso entrar?”

“Nunca disse que não podias,” respondeu ela com acrimónia. As palavras magoaram e, contudo, um sorriso puxou-me pela cara. Virei-me ligeiramente de lado para que ela não o visse. Ora ali estava a Moli Saias-Vermelhas que eu conhecia.

“Lá isso é verdade,” disse eu em voz baixa. “Mas eu sei que te magoei, e muito, e se querias evitar-me durante algum tempo, achei que não te devia incomodar.”

““Que não me devias incomodar”,” disse ela em voz baixa. “Fitz, tens a certeza de que não és tu quem me anda a evitar? Há quantos anos acordo eu à noite para descobrir o teu lado da cama frio e vazio? Contigo a esgueirares-te para fora da nossa cama noite cerrada para te ires esconder no teu buraco poeirento cheio de pergaminhos, a escrevinhar até ficares com os dedos cobertos de tinta?”

Eu verguei a cabeça ao ouvir aquilo. Não me apercebera de que ela estava consciente desses momentos. Senti-me tentado a fazer notar que ela trocara a nossa cama por aquele berçário. Guardei essa farpa. Não era altura de dar início a uma batalha. Eu estava agora dentro da porta dela e sentia-me como o lobo da primeira vez que se aventura a entrar numa casa. Não sabia bem se devia ficar em pé ou me podia sentar. Ela suspirou e sentou-se no divã onde estivera reclinada. Tinha vestida a camisa de dormir, mas

afastou um bordado semiacabado para fazer espaço para mim. “Suponho que passo demasiadas horas lá,” disse eu, como quem pede desculpa. Sentei-me ao lado dela. O seu cheiro veio-me ao nariz e eu disse de súbito: “Sempre que te cheiro, apetece-me beijar-te.”

Ela fitou-me, espantada, riu, e depois disse com tristeza: “Nos últimos tempos tenho-me interrogado sobre se ainda queres sequer estar perto de mim. Velha e enrugada, e agora julgas-me louca...”

Puxei-a para mim antes de ela poder dizer mais alguma coisa. Beije-a, no topo da cabeça, na cara e depois na boca. “Eu sempre querei beijar-te,” disse para o seu cabelo.

“Não acreditas que estou grávida.”

Não a larguei. “Tu andas a dizer-me que estás grávida há mais de dois anos. Que queres que eu pense, Moli?”

“Eu própria não compreendo,” disse ela. “Mas tudo o que posso dizer-te é que devo-me ter enganado a princípio. Devo ter julgado estar grávida antes de estar. Talvez soubesse, de alguma forma, que ia ficar grávida.” Encostou a testa ao meu ombro. “Tem sido duro para mim ficar longe de ti durante dias de cada vez. Eu sei que as criadas se escondem atrás das mãos para soltarem risinhos sobre mim. Elas sabem tão pouco sobre nós. Achem que é escandaloso que um homem tão novo e bonito como tu esteja casado com uma velha como eu. Mexericam que casaste comigo por causa do meu dinheiro e posição! Fazem-me sentir uma velha tola. Quem tenho que compreenda quem nós somos e o que temos sido um para o outro? Só te tenho a ti. E quando me abandonas, quando me achas tão tolinha como elas... Oh, Fitz, eu sei que é difícil para ti acreditar. Mas por ti acreditei em coisas muito mais difíceis e sem nada em que me apoiar além da tua palavra.”

Senti-me como se o mundo inteiro tivesse parado à minha volta. Sim. Era verdade. Eu nunca parara para ver as coisas daquela perspectiva. Baixei a cabeça e beijei-lhe a cara húmida de sal. “É verdade.” Respirei fundo. “Eu vou acreditar em ti, Moli.”

Ela engasgou-se com uma gargalhada. “Oh, Fitz. Por favor. Não, não vais. Mas eu vou pedir-te para fingires que acreditas. Só quando estivermos

aqui, juntos. E em troca, quando não estiver neste quarto, vou fingir o melhor que possa que não estou grávida.” Abanou a cabeça, roçando-me com o cabelo na cara. “Tenho a certeza de que será muito mais fácil para os criados. Exceto Pândego. O nosso mordomo pareceu absolutamente deliciado em ajudar-me a construir este ninho.”

Pensei em Pândego, alto, quase escanzelado na sua magreza, sempre grave e correto comigo. “Ah, foi?” Não parecia credível.

“Oh, sim. Foi ele que encontrou os resguardos com as florzinhas e mandou limpá-los antes mesmo de me dizer. Cheguei cá um dia e ali estavam eles, instalados em volta do berço. E a renda por cima, para manter os insetos afastados.”

Florzinhas. Amores-perfeitos. Através de Paciência, sabia que lhes chamavam por vezes sossego do coração. Devia uma a Pândego.

Ela levantou-se, libertando-se dos meus braços. Afastou-se de mim e eu fitei-a. A longa camisa de dormir não era propriamente reveladora, e ela sempre fora uma mulher cheia de curvas. Foi até à lareira e eu vi que havia aí uma bandeja pousada numa mesinha, cheia de coisas para chá. Estudei-lhe o perfil. Pouco diferente me parecia em relação ao que era cinco anos antes. Com certeza que, se estivesse grávida, eu conseguiria perceber. Medi o ligeiro inchaço na barriga, as ancas amplas e os seios generosos, e de súbito vi-me a pensar em nada que se parecesse com bebés.

Ela virou-se para mim, perguntando, de chaleira na mão: “Queres um bocadinho?” Depois, enquanto eu a fitava, os seus olhos dilataram-se, devagar, e um sorriso maroto encurvou-lhe a boca. Era um sorriso digno de uma rapariga completamente nua à exceção da coroa de azevinho que trazia na cabeça.

“Oh, com certeza que quero,” respondi. Ao levantar-me e ir ter com ela, ela veio ao meu encontro. Fomos gentis e lentos um com o outro, e nessa noite dormimos os dois na cama dela no berçário.

O inverno encontrou Floresta Mirrada no dia seguinte, com uma queda de neve húmida que fez tombar as folhas que restavam nas bétulas e lhes cobriu de branco os graciosos ramos. A quietude que o primeiro nevão

sempre traz instalou-se como um manto sobre a terra. Dentro do Solar de Floresta Mirrada, de súbito pareceu chegada a época de fogueiras e sopa quente e pão fresco ao meio-dia. Eu regressara ao gabinete do solar e um fogo de macieira, com as suas chamas claras, crepitava na lareira, quando ouvi uma batida na porta.

“Sim,” disse, erguendo o olhar de uma missiva de Teio.

A porta abriu-se lentamente e Pândego entrou. O casaco apertado abraçava-lhe os ombros largos e a cintura estreita. Andava sempre impecavelmente trajado e era sempre correto nas suas maneiras. Décadas mais novo do que eu, tinha um porte que me fazia sentir-me como um rapaz com mãos sujas e a túnica manchada quando me fitava do alto. “Mandastes-me chamar, Depositário Texugo?”

“Mandei.” Pousei a carta de Teio a um lado. “Queria falar contigo sobre o aposento da senhora Moli. Os resguardos com os amores-perfeitos...”

A expectativa da minha reprovação tremeluziu nos seus olhos. Endireitou-se em toda a sua altura e baixou os olhos para mim com a dignidade que um mordomo realmente bom sempre irradia. “Senhor. Se vos aprouver. Os resguardos não são usados há décadas, mas são umas coisas maravilhosas que merecem ser exibidas. Eu sei que agi sem autorização direta, mas a Dama Moli tem parecido... desanimada nos últimos tempos. Antes de partirdes, tínheis-me ordenado que cuidasse das necessidades dela. Foi o que fiz. E quanto ao berço, fui dar com ela sentada no topo das escadas, sem fôlego e quase a chorar. É um berço pesado, senhor, e mesmo assim tinha conseguido deslocá-lo até ali sozinha. Senti-me envergonhado por não ter vindo ter comigo e simplesmente dito o que queria que eu fizesse. Por isso, com os resguardos, tentei antecipar o que ela desejaria. Sempre foi boa para mim.”

Parou de falar. Era claro que sentia haver muito mais que poderia ter dito a alguém tão obtuso e insensível como eu aparentava ser. Olhei-o nos olhos e depois falei calmamente.

“Tal como foi para mim. Estou grato pelo serviço que lhe prestaste a ela e à propriedade. Obrigado.” Chamara-o para lhe dizer que decidira duplicar-lhe o salário. Embora o gesto continuasse a parecer correto, exprimi-lo em

voz alta pareceu-me de súbito mercenário. Ele não fizera aquilo por dinheiro. Pagara com gentileza uma gentileza. Descobriria a nossa generosidade quando recebesse o salário do mês e compreenderia qual a sua origem. Mas para aquele homem não era o dinheiro que importava. Falei em voz baixa. “És um excelente mordomo, Pândego, e nós apreciamos-te muito. Quero ter a certeza de que sabes disso.”

Ele inclinou ligeiramente a cabeça. Não era uma vénia, era uma aceitação. “Eu sei, senhor.”

“Obrigado, Pândego.”

“Não tendes de quê, senhor.”

E saiu da sala tão silenciosamente como entrara.

O inverno acentuou-se em volta de Floresta Mirrada. Os dias encurtaram, a neve acumulou-se e as noites tornaram-se negras e gélidas. Eu e Moli tínhamos celebrado a nossa trégua e ambos a cumprimos. A vida tornou-se mais simples para ambos. Eu penso realmente que o que mais desejávamos era paz. Passava a maior parte dos serões na sala que acabara por encarar como o estúdio de Moli. Ela tendia a adormecer aí, e eu tapava-a bem e depois escapulia-me para a minha toca desordenada e para o trabalho que aí tinha. E assim, era muito tarde, numa certa noite, já perto do meio do inverno. Breu enviara-me um conjunto de rolos muito curioso, numa língua que era quase ilhéu exterior. Havia neles três ilustrações, que pareciam ser de pedras verticais, com pequenas anotações ao lado que podiam ter sido glifos. Aquilo era a espécie de quebra-cabeças que eu temia, pois não dispunha de pistas suficientes para o resolver mas também não conseguia pô-lo de lado. Estava a trabalhar nos pergaminhos, criando ao lado do primeiro uma página que duplicava as ilustrações desbotadas, substituindo as palavras que conseguia traduzir e deixando espaço para as outras. Tentava obter uma ideia geral do tema do pergaminho, mas estava completamente confundido pelo aparente uso da palavra “papas” no seu título.

Era tarde e eu julgava ser a única pessoa acordada na casa. Uma neve húmida caía, densa, no exterior, e eu isolara-me da noite fechando as

cortinas poeirentas. Quando o vento soprava, a neve salpicava o vidro. Sentia uma vaga preocupação com as possibilidades de ficarmos isolados pela neve quando a manhã chegasse e de a neve húmida poder cobrir de gelo as uvas. Ergui abruptamente o olhar, com o sentido da Manhã despertado, e um momento mais tarde a porta entreabriu-se. Moli olhou em volta.

“Que é?”, perguntei, com a súbita ansiedade a tornar a interrogação mais penetrante do que pretendia. Não me lembrava da última vez que ela me procurara no meu gabinete.

Ela agarrou-se à soleira da porta. Ficou calada por um instante e eu temi ter-lhe ferido os sentimentos. Depois falou com a respiração presa. “Estou aqui para violar a palavra dada.”

“O quê?”

“Já não posso fingir que não estou grávida. Fitz, estou em trabalho de parto. O bebé vai chegar esta noite.” Um ténue sorriso enquadrava-lhe os dentes cerrados. Um instante mais tarde, inspirou súbita e profundamente.

Eu fiquei a fitá-la.

“Tenho a certeza,” disse ela, em resposta à pergunta que eu não fizera. “Senti as primeiras contrações há horas. Esperei até serem fortes e se seguirem com maior frequência, para não haver dúvidas. O bebé está a chegar, Fitz.” E esperou.

“Poderá ser comida estragada?”, perguntei-lhe. “O molho do carneiro do jantar pareceu-me muito temperado e talvez...”

“Não estou doente. E não jantei, não que tu tenhas reparado. Estou em trabalho de parto. Que Eda nos abençoe, Fitz. Tive na vida sete filhos que nasceram vivos e dois abortos. Não te parece que ia reconhecer o que estou a sentir agora?”

Levantei-me devagar. Havia uma ténue pátina de suor na face dela. Uma febre, que levava a ilusão a aprofundar-se? “Vou mandar chamar a Tavia. Pode ir buscar a curandeira enquanto te ajudo a deitar.”

“Não.” Proferiu a palavra sem dar margem para discussões. “Não estou doente. Portanto não preciso de curandeiros. E a parteira não virá. Ela e Tavia julgam-me tão pateta como tu.” Respirou fundo e susteve o fôlego.

Fechou os olhos, retesou os lábios e as mãos que agarravam a borda da porta ficaram com os nós dos dedos brancos. Passado um longo momento, falou. “Eu consigo fazer isto sozinha. Castro sempre me ajudou com os outros partos, mas posso fazer isto sozinha se tiver de ser.”

Pretenderia ela que aquilo magoasse tanto como magoou? “Deixa-me ajudar-te a chegar ao berçário,” disse. Quase esperava que ela me enxotasse quando lhe peguei no braço, mas, em vez de o fazer, apoiou-se pesadamente em mim. Percorremos lentamente os corredores escurecidos, com três pausas pelo caminho, e eu julguei que talvez tivesse de a levar ao colo. Passava-se algo de profundamente errado com ela. O lobo em mim, há tanto tempo adormecido, ficou alarmado com o seu odor. “Vomitaste?”, perguntei-lhe. E: “Tens febre?” Ela não respondeu a nenhuma destas perguntas.

Levámos uma eternidade a chegar ao seu aposento. Lá dentro, um fogo ardia na lareira. A sala estava quase demasiado tépida. Quando se sentou no sofá e gemeu com a câibra que a assaltou, eu disse em voz baixa: “Posso trazer-te um chá para te purgar. Acho mesmo...”

“Eu estou a dar à luz um filho teu. Se não queres ajudar, deixa-me sozinha,” disse-me ela com violência.

Não consegui suportar. Levantei-me de onde estava sentado a seu lado, virei-me e cheguei mesmo a ir até à porta. Aí, parei. Nunca saberei porquê. Talvez tenha sentido que unir-me a ela na loucura fosse melhor do que deixá-la ir até lá sozinha. Ou talvez que unir-me a ela seria melhor do que permanecer num mundo racional sem ela. Alterei a voz, deixando o amor governá-la. “Moli. Diz-me o que precisas. Eu nunca fiz isto. O que devo trazer, o que devo fazer? Devo chamar algumas das mulheres para te servirem?”

Os músculos dela estavam retesados quando fiz a pergunta; passou-se um momento até responder. “Não. Não quero nenhuma delas. Iam só pôr-se aos sorrisinhos e aos risinhos por causa da velha pateta. Portanto, só te quero a ti aqui. Se conseguires encontrar a vontade de acreditar em mim. Pelo menos dentro deste quarto, Fitz, respeita a promessa que me fizeste. Finge acreditar em mim.” A respiração voltou a prender-se-lhe e ela enrolou-se

por cima da barriga. Passou-se algum tempo e depois ela disse-me: “Traz uma bacia de água aquecida para dar banho à criança quando ela chegar. E um pano limpo para a secar. Um bocadinho de fio para apertar bem o cordão. Um jarro de água fresca e um copo para mim.” E depois voltou a enrolar-se para a frente e soltou um gemido, longo e grave.

E eu fui. Na cozinha, enchi um jarro com água quente tirada da chaleira que era sempre deixada perto da lareira. À minha volta estava a confusão confortável e familiar da cozinha à noite. O fogo resmungava de si para si, painéis de massa iam lentamente levedando para o pão do dia seguinte; uma panela de caldo de carne castanho exalava o seu odorífero aroma ao fundo da lareira. Encontrei uma bacia e enchi uma grande caneca com água fria. Tirei um pano limpo de uma pilha que aí havia, encontrei uma grande bandeja onde pôr tudo e carreguei-a. Fiquei um longo momento parado, a inspirar a serenidade, a sanidade de uma cozinha organizada num momento de sossego. “Oh, Moli,” disse às paredes silenciosas. Depois desembainhei a coragem como se fosse uma lâmina pesada, icei a bandeja, equilibrei-a e parti pelos corredores silenciosos de Floresta Mirrada.

Abri a porta destrancada com o ombro, pousei a bandeja numa mesa e dei a volta até ao divã perto da lareira. A sala cheirava a suor. Moli estava em silêncio, com a cabeça caída sobre o peito. Depois de tudo aquilo, ela adormecera sentada à frente do fogo?

Estava sentada de pernas abertas na beira do sofá, com a camisa de dormir subida até às coxas. Tinha as mãos em taça entre os joelhos e a criança mais minúscula que eu vira na vida repousava-lhe nas mãos. Eu cambaleei, quase me estatelei, e depois deixei-me cair sobre os joelhos, de boca aberta. Uma criatura tão pequena, manchada de sangue e secreções. Os olhos do bebé estavam abertos. A minha voz tremeu quando perguntei: “É um bebé?”

Ela ergueu o olhar e fitou-me com a tolerância dos anos. *Que estúpido, querido homem.* Mesmo na sua exaustão, sorriu-me. Havia triunfo naquele olhar e um amor que eu não merecia. Nenhuma censura pelas minhas dúvidas. Falou em voz baixa. “Sim. É o nosso bebé. Finalmente chegou.” Aquela coisinha minúscula estava muito vermelha, com um grosso e pálido

cordão umbilical que ligava a sua barriga às secundinas caídas no chão aos pés de Moli.

Engasguei-me ao tentar encher os pulmões de ar. Um júbilo absoluto colidiu com uma profunda vergonha. Eu duvidara dela. Não merecia aquele milagre. A vida iria punir-me, com toda a certeza. A minha voz soou-me infantil quando supliquei, contra todas as probabilidades: “Ela está viva?”

Moli soou exausta. “Está, mas é tão pequena. Tem metade do tamanho de um gato de celeiro. Oh, Fitz, como pode isto ser? Uma gravidez tão longa e uma criança tão pequena.” Fez uma inspiração trémula, recusando as lágrimas em prol do sentido prático. “Traz-me a bacia de água quente e as toalhas suaves. E qualquer coisa para cortar o cordão.”

“Imediatamente!”

Levei-lhe o que ela pedira e pousei as coisas aos seus pés. O bebé ainda estava deitado nas mãos da mãe, fitando-a. Moli passou a ponta do dedo pela boquinha do bebé e deu-lhe pancadinhas na bochecha. “Estás tão calada,” disse, e os seus dedos desceram para o peito da criança. Vi-a a fazer pressão, em busca de um coração a bater aí. Moli ergueu o olhar para mim. “É como o coração de uma ave,” disse.

O bebé mexeu-se um pouco e inspirou um pouco mais profundamente. De súbito estremeceu e Moli encostou-o ao peito. Olhou para a carinha ao dizer: “Tão minúscula. Esperámos tanto tempo por ti, esperámos anos. E agora chegaste e eu duvido que fiques um dia.”

Quis sossegá-la, mas sabia que tinha razão. Moli começara a tremer com a fadiga do parto. Mesmo assim, foi ela a atar o cordão umbilical e a cortá-lo. Baixou-se para testar a água quente e depois para introduzir o bebé na bacia. Suavemente, as suas mãos afastaram o sangue. O minúsculo crânio estava coberto de aveludado cabelo claro.

“Os olhos dela são azuis!”

“Todos os bebés nascem com olhos azuis. Hão de mudar.” Moli ergueu o bebé e, com uma habilidade fácil que eu invejei, transferiu-o da toalha para a manta suave e branca e fez com ela uma pequena trouxa, tão lisa como o casulo de uma traça. Moli ergueu os olhos para mim e, perante o meu espanto mudo, abanou a cabeça. “Leva-a, por favor. Agora preciso de tratar

de mim.”

“Posso deixá-la cair!” Estava aterrorizado.

O olhar sério de Moli cruzou-se com o meu. “Pega nela. Não a pouses. Não sei quanto tempo poderemos tê-la. Segura nela enquanto puderes. Se nos deixar, vai deixar-nos ao nosso colo, não sozinha no berço.”

As lágrimas dela fizeram lágrimas minhas correr pela cara abaixo. Mas obedeci-lhe, agora completamente dócil por saber quão errado estivera. Fui até à beira do sofá, sentei-me, peguei na minha filhinha e olhei para a sua cara. Os olhos azuis dela fixaram-se nos meus com firmeza. Não chorou, como eu sempre julgara que os recém-nascidos faziam. Estava absolutamente calma. E tão quieta.

Eu respondi ao seu olhar; ela olhava para mim como se conhecesse a resposta para todos os mistérios. Aproximei-me mais, inspirando o seu odor, e o lobo em mim deu um grande salto. *Minha*. De súbito, ela tornou-se obviamente minha, de todas as maneiras. Uma cria minha, para a proteger. Minha. A partir daquele momento, eu morreria antes de permitir que lhe acontecesse algum mal. Minha. A Manha disse-me que aquela pequena centelha de vida ardia com vigor. Por mais minúscula que fosse, nunca seria uma presa.

Deitei uma olhadela a Moli. Estava a lavar-se. Levei um dedo à testa da minha filha e, com grande cuidado, estendi o Talento na sua direção. Não estava muito seguro da moralidade do que fazia, mas afastei todo o constrangimento a esse respeito. Ela era demasiado nova para lhe pedir autorização. E eu sabia com clareza o que pretendia fazer. Se encontrasse algo de errado com o bebé, algo de físico, faria o que pudesse para o reparar, mesmo que isso levasse as minhas capacidades ao limite e pudesse usar por completo a pequena reserva de força que ela tinha. A criança estava calma e os seus olhos azuis presos nos meus quando a sondei. Que corpo tão minúsculo. Senti o coração dela a bombear o sangue, os pulmões a inspirar ar. Ela era minúscula mas, se havia com ela algo de errado, não o consegui encontrar. Ela torceu-se debilmente, fazendo beicinho com a minúscula boquinha como se fosse chorar, mas eu mantive-me firme.

Uma sombra caiu entre nós. Ergui um olhar culpado. Moli estava junto a

nós, vestida com um roupão limpo e fofo, já de mão estendida para voltar a pegar na criança. Ao entregá-la, eu disse em voz baixa: “Ela é perfeita, Moli. Por dentro e por fora.” A bebé instalou-se nos seus braços, descontraindo-se visivelmente. Ter-se-ia ressentido da minha sondagem com o Talento? Afastei o olhar de Moli, envergonhado com a minha ignorância, enquanto perguntava: “É realmente assim tão pequena para um recém-nascido?”

As palavras dela atingiram-me como setas. “Meu amor, nunca vi um bebé tão pequeno sobreviver mais de uma hora.” Moli abriu os agasalhos da bebé e observava-a. Desenrolou a minúscula mão e examinou-lhe os dedos, afagou o pequeno crânio e depois olhou para os pequenos pés vermelhos. Contou os dedos dos pés. “Mas talvez... ela não chegou cedo, isso é certo! E tudo nela está bem formado; até tem cabelo, apesar de ser tão louro que mal se vê. Todos os meus outros filhos foram morenos. Até a Urtiga.”

Acrescentou esta última frase como se precisasse de me fazer lembrar que fora eu o pai da primeira filha, apesar de não ter estado lá para a ver nascer ou crescer. Eu não precisava de tal lembrete. Acenei com a cabeça e estendi a mão para tocar o punho do bebé. Ela afastou-o para junto do peito e fechou os olhos. Eu falei em voz baixa. “A minha mãe nasceu nas Montanhas,” disse baixinho. “Tanto ela como a minha avó tinham cabelo claro e olhos azuis. Muitas pessoas daquela região são assim. Talvez tenha transmitido isso à nossa filha.”

Moli pareceu surpreendida. Julguei que fosse porque eu raramente falava da mãe que me entregara quando eu era uma criança pequena. Já não negava a mim mesmo que conseguia lembrar-me dela. Mantivera o cabelo claro preso numa única trança comprida que lhe descia pelas costas. Os olhos eram azuis, as maçãs do rosto elevadas e o queixo estreito. Nunca houvera quaisquer anéis nas suas mãos. Chamara-me “Keppet.” Quando pensava nessa distante infância nas Montanhas, parecia mais uma história que tivesse ouvido contar do que alguma coisa que me pertencesse.

Moli intrometeu-se no meu devaneio. “Dizes que ela é perfeita ‘por dentro e por fora.’ Usaste a magia do Talento para saber?”

Fitei-a, culpadamente consciente de como essa magia a deixava

incomodada. Baixei os olhos e admiti: “Não só o Talento, mas também a Manha, dizem-me que temos aqui uma criança muito pequena mas, à parte isso, saudável, meu amor. A Manha diz-me que a centelha de vida nela é forte e brilhante. Por minúscula que seja, não encontro nenhuma razão para não poder sobreviver e vicejar. E crescer.” Uma luz acendeu-se na cara de Moli como se lhe tivesse dado um tesouro de valor inestimável. Estendi a mão e tracei um suave círculo na bochecha do bebé. Ela surpreendeu-me ao virar a cara na direção do meu toque, fazendo beicinho com os pequenos lábios.

“Ela está com fome,” disse Moli e soltou uma gargalhada, fraca mas grata. Instalou-se numa cadeira, abriu o roupão e levou o bebé ao peito nu. Fitei o que nunca antes tinha visto, comovido muito para lá das lágrimas. Aproximei-me mais dela, ajoelhei ao lado delas no chão, passei cautelosamente o braço em volta da minha mulher e baixei o olhar para a criança que mamava.

“Fui um idiota tão grande,” disse. “Devia ter acreditado em ti desde o início.”

“Sim. Devias,” concordou ela e depois sossegou-me: “Não faz mal,” e aconchegou-se ao meu abraço. E aquela querela ficou para sempre enterrada entre nós.

CAPÍTULO 6

A CRIANÇA SECRETA

A fome pelo uso do Talento não diminui com o uso ou com a idade. A curiosidade disfarça-se de um desejo legítimo por sabedoria e acrescenta-lhe a sua tentação. Só a disciplina pode mantê-la controlada. Por este motivo, é melhor que os membros de um círculo sejam mantidos na proximidade uns dos outros durante todas as suas vidas, a fim de que possam reforçar uns nos outros a utilização apropriada do Talento. Também é vital que círculos de utilizadores formados monitorem os aprendizes e que os mestres monitorem tanto os círculos de formados quanto os de aprendizes. É com os vossos Solos que há que estar mais vigilante. É frequente os Solos exibirem uma natureza aventureira e arrogante, e é isso que os impede de se unirem com sucesso a um círculo. É absolutamente essencial que o Mestre do Talento seja vigilante na supervisão de todos os Solos. Se um Solo se começar a dar a segredos e adotar hábitos excessivamente privados, pode ser necessário que todos os Mestres do Talento se reúnam e discutam a contenção da sua magia, a fim de evitarem que ela ganhe controlo sobre o Solo e ele acabe por causar dano a si mesmo ou a outros.

Mas quem vigiará o pastor?

Esta questão apresenta bem o problema. O Mestre do Talento, no seu nível elevado, só pode ser disciplinado por si próprio. É por esse motivo que a posição nunca deve ser política nem concedida como honraria, mas só deve ser entregue ao mais sábio, ao mais poderoso e ao mais disciplinado dos utilizadores de Talento. Quando nos reunimos para discutir o abuso do Talento, o horrível mal infligido à Aldeia de Casco de Vacas e a queda do Mestre do Talento Claridade, tivemos de enfrentar aquilo que a politização deste título nos tinha feito a todos. O Mestre do Talento Claridade entrou em sonhos, influenciou o pensamento, julgou aqueles que considerava malignos,

recompensou os seus “bons” com vantagens no comércio e casamentos combinados naquela pequena comunidade, tudo numa tentativa mal planeada de “criar uma vila harmoniosa onde o ciúme, a inveja e a ambição excessiva fossem controlados para o bem de todos.” Contudo, nós testemunhámos o que estes grandiosos objetivos realmente criaram: uma aldeia onde as pessoas eram compelidas a agir contra as suas naturezas, onde as suas emoções não podiam exprimir-se e onde, em última análise, numa única estação, suicídios e assassínios levaram as vidas de mais de metade da população.

Ao refletirmos sobre a magnitude do sofrimento que foi criado, só conseguimos culpar-nos a nós próprios por o nível de Mestre dos utilizadores de Talento se ter mantido na ignorância daquilo que o Mestre do Talento Claridade estava a fazer até o mal estar feito. A fim de evitar um uso tão desastroso do Talento no futuro, foram tomadas as seguintes medidas:

O Mestre do Talento Claridade será selado contra o uso futuro do Talento sob qualquer forma. A seleção de um novo Mestre do Talento será feita através de um processo no qual o rei ou a rainha sugerem três candidatos entre os mestres e um voto dos mestres escolhe o novo Mestre do Talento. A votação será realizada em segredo, os votos serão contados publicamente e os resultados serão anunciados por três menestrelis escolhidos aleatoriamente e dedicados à verdade.

Esta reunião dos mestres conclui que nenhum Solo poderá algum dia voltar a deter a patente de Mestre do Talento. Se Claridade tivesse um círculo seu, teria sido incapaz de esconder os seus atos.

De hoje em diante, o Mestre do Talento submeter-se-á pelo menos uma vez por ano a uma análise por todos os mestres. Se for declarado incompetente por uma votação entre os mestres, será substituído. Em casos extremos de abuso ou falta de discernimento, será selado.

Aos sobreviventes da Tragédia da Aldeia de Casco de Vacas serão

fornecidas compensações e cuidados. Embora não possa ser revelado a nenhum deles que o Talento foi a fonte da loucura que dominou a sua aldeia naquela noite, todas as reparações que lhes possam ser prestadas deverão sê-lo, com liberal generosidade e sem cessação da indemnização até às suas mortes naturais.

Resolução dos Mestres após a tragédia da aldeia de Casco de Vacas

Passei essa primeira noite em que a criança existiu fora do corpo de Moli siderado pela bebé. Muito depois de Moli adormecer com a bebé aninhada contra o seu corpo, eu fiquei sentado junto da lareira a observá-las a ambas. Inventei uma centena de futuros para a minha filha, todos brilhantes de promessas. Moli dissera-me que ela era pequena; eu afastei tal preocupação. Todos os bebés eram pequenos! Ela ficaria bem, e mais que bem. Seria inteligente, esta minha menininha, e seria adorável. Dançaria como a lanugem do cardo ao vento, e cavalgaria como se fizesse parte da sua montada. Moli ensinar-lhe-ia a lidar com abelhas e a conhecer os nomes e propriedades de cada planta do jardim; eu ensinar-lhe-ia a ler e a fazer contas. Ela seria um prodígio. Imaginei as suas mãozinhas manchadas de tinta enquanto me ajudava com uma transcrição ou copiava as ilustrações que comigo nunca saíam certas. Imaginei-a na pista do salão de baile do Castelo de Torre do Cervo, a rodopiar num vestido escarlate. O meu coração estava cheio dela e eu queria que o mundo celebrasse comigo.

Soltei uma gargalhada melancólica ao pensar no assombro de todos quando ouvissem falar dela. Eu e Urtiga não tínhamos divulgado que Moli afirmava estar grávida. Acháramos que se tratava de uma mágoa que devíamos guardar connosco. E agora, como pareceríamos ambos tolos quando se espalhasse a notícia de que eu tivera uma criança, uma filhinha, bela como uma margarida. Imaginei uma reunião para lhe dar as boas-vindas ao mundo. Os irmãos viriam, com as respetivas famílias, e Zar também. Oh, se pudesse de alguma forma enviar ao Bobo novas da alegria que chegara à minha vida! Sorri ao pensar nisso e ansiei por poder ser verdade. Haveria música e um banquete no dia do seu batismo. Kettricken e Respeitador e a sua rainha, e os príncipes, até mesmo Breu fariam a viagem

até Floresta Mirrada.

E com essa ideia, o meu júbilo começou a desfazer-se. Uma criança imaginada não é a mesma coisa que uma criança a dormir nos braços da mãe. O que veriam Kettricken e Breu quando olhassem para ela? Consequia imaginar o ceticismo de Breu sobre uma criança de cabelo tão claro poder pertencer à linhagem Visionário. E Kettricken? Se ela reconhecesse que a minha mãe das Montanhas fora provavelmente loura, e reconhecesse a bebé como filha de FitzCavalaria Visionário, o que aconteceria? O que pensaria ela que estava no seu direito pedir à minha filha? Seria aquela bebé, como Urtiga, vista como uma reserva secreta de sangue Visionário, uma herdeira que poderia ser apresentada se a linhagem reconhecida falhasse de alguma forma?

Uma ansiedade nasceu em mim, uma maré fria que me submergiu o coração em medo. Como podia eu ter ansiado por esta criança sem nunca pensar nos perigos que a rodeariam simplesmente em virtude de ser minha filha? Breu queria testá-la no Talento. Kettricken acreditaria que o trono Visionário tinha o direito de escolher um marido para ela.

Levantei-me e deambulei em silêncio pela sala, um lobo a guardar o seu covil. Moli continuava a dormir o sono da exaustão. A bebé entrouxada a seu lado agitou-se suavemente e depois aquietou-se. Tinha de as proteger, tinha de dar à criança um futuro que ela pudesse determinar por si. A minha mente era um turbilhão de ideias. Fugir. Podíamos fazer amanhã as malas e fugir; viajaríamos até onde pudessemos instalar-nos como simplesmente Moli e Tomé e a nossa bebé... não. Moli nunca consentiria em quebrar o contacto com os outros filhos; e eu tampouco podia simplesmente afastar-me daqueles que amava, por maior que fosse a ameaça que eles pudessem representar naquele momento.

Então o que poderíamos fazer? Observei-as, tão pacificamente adormecidas, tão vulneráveis. Jurei a mim mesmo que as manteria. De súbito ocorreu-me que o cabelo claro e olhos azuis da criança podiam operar em nosso favor. Ninguém olharia para ela e partiria do princípio que era filha natural de Moli e de mim. Podíamos dizer que era uma órfã que acolhêramos. A falsidade brotou-me na mente. Era tão fácil dizê-lo! Nem

Urtiga precisava de saber; depois de eu mostrar a Moli a ameaça que pendia sobre a criança, ela talvez concordasse com o engano. Urtiga acreditaria que tínhamos adotado a bebé para aplacar a ânsia da mãe por um filho. Ninguém precisava de saber que ela era realmente uma Visionário. Uma simples mentira poderia mantê-la em segurança.

Se eu conseguisse levar Moli a concordar com ela.

Naquela noite fui até ao nosso quarto buscar mantas e levei-as para o berçário. Dormi no chão, à frente da porta, como um lobo a guardar o covil e a cria. Pareceu-me a coisa certa a fazer.

O dia seguinte foi cheio de doçura e ansiedade. À luz da aurora, vi os meus planos de negar a minha filha como a tolice que eram. Os criados numa grande casa sabiam de tudo e Pândego saberia imediatamente que nenhum órfão nos tinha sido entregue na noite anterior. Não tinha qualquer hipótese de esconder do pessoal que Moli dera à luz a criança, portanto avisei-os de que a bebé era pequena e a mãe estava cansada. Tenho a certeza que me consideraram tão louco como julgavam Moli quando insisti que lhe levaria pessoalmente as refeições e que ela não podia ser perturbada por motivo nenhum. Não só a minha veracidade quanto a haver um bebé na casa como a minha autoridade enquanto homem numa área tão feminina foram imediatamente menosprezadas. Sozinhas, aos pares ou em trios, todas as mulheres do pessoal de Floresta Mirrada arranjaram alguma tarefa urgente que exigia entrar no berçário. Primeiro foi a cozinheira Nozmoscada a insistir que tinha de falar com Moli para saber ao certo o que a ama queria comer ao almoço e ao jantar num dia tão importante. A filha, Amena, esgueirou-se para dentro da sala atrás dela, uma sombra esguia para a generosa silhueta da mãe. Moli não estava ciente do meu esforço para evitar que a perturbassem. Não podia censurá-la por um certo enfatuamento empertigado ao apresentar a bebé à cozinheira e à filha desta.

Moli, julgo eu, só estava consciente de estar a provar o engano delas: estivera grávida e toda a rejeição trocista com que se deparara ao insistir que um berçário devia ser preparado tinha agora resposta. Mostrou-se régia como uma rainha enquanto elas avançavam para olhar para a minúscula

trouxa que ela abraçava de forma tão protetora. A cozinheira manteve-se controlada, sorrindo à “coisinha linda” que a nossa bebê era. Amena estava menos instruída no decoro. “Ela é tão minúscula!”, exclamou a rapariga. “Como uma boneca! E branca como o leite! E que olhos tão azuis! É cega?”

“Claro que não,” respondeu Moli, olhando para a filha com uma expressão adoradora. A cozinheira deu uma palmada na filha e silvou: “Maneiras!”

“A minha mãe era clara. Com olhos azuis,” asseverei.

“Ora bem, isso explica tudo,” afirmou a cozinheira Nozmoscada com um alívio pouco natural. Fez uma vénia a Moli. “Senhora, vai ser então o peixe do rio ou o bacalhau salgado? É que todos sabem que o peixe é o melhor para uma mulher que acabou de dar à luz uma criança.”

“Peixe do rio, por favor,” respondeu Moli e, com essa vasta decisão tomada, a cozinheira sumiu-se do quarto, levando a filha consigo.

Mal passara tempo suficiente para a cozinheira regressar aos seus deveres quando duas criadas se apresentaram, perguntando se a bebê ou a mãe precisavam de lençóis lavados. Traziam uma braçada cada uma e praticamente me atropelaram para ultrapassarem a posição que eu ocupava à porta, ao mesmo tempo que insistiam: “Bem, se não precisam já, então não tarda, que toda a gente sabe como um bebé suja depressa o berço.”

E de novo fui testemunha do enervante espetáculo de mulheres a mal conseguirem controlar o choque e depois a expressarem admiração pela minha filha. Moli parecia cega àquilo, mas todos os meus instintos me alarmaram. Bem sabia eu como eram tratadas as criaturas pequenas que fossem demasiado diferentes. Vira pintos aleijados a serem bicados até à morte, vira vacas a empurrarem para longe um bezerro fraco ou o leitão mais pequeno a ser afastado de um mamilo. Não tinha nenhum motivo para pensar que as pessoas fossem nisso melhores do que os animais. Teria de me manter vigilante.

Até Pândego se apresentou, trazendo uma bandeja com vasos rasos de flores. “Amores-perfeitos de inverno. Tão resistentes que florescem durante a maior parte do inverno nas estufas da Dama Paciência. Não que elas continuem propriamente a ser quentes. Não estão tão bem cuidadas como já

estiveram.” Revirou um olhar na minha direção, um olhar que eu ignorei com firmeza. E depois Moli honrou-o como não fizera com nenhuma das outras. Depositou a minúscula trouxa da minha filha nos seus braços desengonçados. Eu vi-o sustar a respiração ao recebê-la. A sua mão de dedos longos cobriu-lhe o peito e um sorriso babado apatetou a sua cara, normalmente grave. Ergueu o olhar para Moli, os olhos de ambos encontraram-se e eu fiquei tão perto de sentir ciúme como um homem podia estar, ao vê-los a partilhar o deleite mútuo que a criança lhes causava. Ele não proferiu palavra enquanto a teve ao colo, e só a devolveu quando uma criada bateu à porta e requereu a sua competência. Antes de sair, arranjou cuidadosamente cada um dos vasos de florinhas, de modo a que as flores e os resguardos se ecoassem uns aos outros de uma forma encantadora. Isso fez Moli sorrir.

Naquele primeiro dia da vida dela, eu dediquei o mínimo indispensável de tempo à supervisão da propriedade e ao trabalho na sua gestão. Passei no berçário todos os momentos que pude dispensar. Observei Moli e a nossa filha e, ao fazê-lo, a ansiedade que sentira transformou-se em assombro. A criança era uma entidade tão minúscula. Cada vislumbre que dela tinha parecia uma maravilha. Os seus minúsculos dedos, o rodopio de cabelo claro na nuca, o delicado rosado das orelhas: a mim parecia um espanto que uma tal coleção de maravilhosas partes pudesse simplesmente ter crescido tão secretamente dentro da senhora minha esposa. Com certeza que ela seria o trabalho dedicado de algum artista mágico em vez do produto casual do amor. Quando Moli saiu para ir tomar banho, eu fiquei ao lado do berço dela. Fiquei a vê-la respirar.

Não tinha nenhum desejo de pegar nela. Parecia uma criatura demasiado delicada para a ter nas minhas mãos. *Como uma borboleta*, pensei. Temia que, com um toque, pudesse danificar a chamazinha de vida que a mantinha em movimento. Em vez disso, vi-a dormir, observei as minúsculas subidas e descidas do cobertor que a cobria. Os seus lábios rosados projetavam-se e recolhiam-se numa imitação adormecida de mamar. Quando a mãe regressou, observei-as com mais atenção do que se ela e Moli fossem atrizes a representar uma lenda. Moli estava como nunca a tinha visto, tão

calma, competente e concentrada como uma mãe. Isso curou algo em mim, um poço cuja existência ignorara até que ela o encheu. Então uma mãe era isto! A minha filha estava tão segura e cuidada no seu abraço. Que ela tivesse sido mãe sete vezes antes não fazia com que me parecesse menos maravilhoso. Interroguei-me, como talvez fosse inevitável, sobre a mulher que me teria segurado e observado assim. Uma mágoa melancólica cresceu em mim quando perguntei a mim mesmo se essa mulher ainda estaria viva, se saberia o que acontecera comigo. Seriam de alguma forma os traços da minha filhinha um espelho dos dela? Mas quando olhei para o perfil adormecido da criança, só vi como era única.

Nessa noite, Moli subiu comigo a escada até ao nosso quarto. Deitou-se, colocando a criança entrouxada no centro da cama e, quando me fui juntar a elas, senti-me como se formasse a outra metade de uma casca que revestia uma semente preciosa. Moli deixou-se dormir imediatamente, com uma das mãos levemente pousada na nossa bebé adormecida. Eu fiquei absolutamente imóvel, deitado à beira da cama, sobrenaturalmente consciente da minúscula vida que repousava entre nós. Devagar, estendi a mão até poder estender um dos dedos e tocar na mão de Moli. Depois fechei os olhos e passei pelo sono. Despertei quando a bebé se mexeu e choramingou. Mesmo sem luz no quarto, senti como Moli lhe pegou para a levar ao peito. Fiquei a escutar os pequenos ruídos que a bebé fazia ao mamar e a lenta e profunda respiração de Moli. E de novo mergulhei no sono.

Sonhei.

Era de novo rapaz, no Castelo de Torre do Cervo, e caminhava pelo topo de um muro de pedra perto dos jardins das hortaliças. Era um dia quente e soalheiro de primavera. Abelhas atarefavam-se nas flores perfumadas de uma cerejeira muito florida que se inclinava por cima do muro. Abrandei o número de equilíbrios ao passar pelo abraço dos ramos repletos de pétalas cor-de-rosa. Meio escondido aí, imobilizei-me ao ouvir vozes. Crianças estavam a gritar com excitação, obviamente concentradas em algum jogo competitivo. Uma ânsia de me ir juntar a elas preencheu-me.

Mas, mesmo preso no sonho, soube que era impossível. No Castelo de

Torre do Cervo eu não era carne nem peixe. Era demasiado plebeu para procurar amigos entre os bem-nascidos e o meu sangue ilegítimo era demasiado nobre para me permitir brincar com os filhos dos criados. Portanto, fiquei à escuta, agudamente invejoso, e um momento depois uma pequena silhueta flexível apareceu e deslizou pelo portão do jardim das hortaliças, quase o fechando atrás de si. Era uma criança magricela, toda vestida de negro, à exceção das mangas brancas. Um boné preto e apertado confinava todo o seu cabelo claro menos as pontas. Ele atravessou o jardim aos saltinhos, precipitando-se por cima dos canteiros sem quebrar uma só folha até ir pousar num caminho de pedra com uma aterragem quase silenciosa, antes de saltar por cima do canteiro seguinte. Deslocava-se quase em silêncio, mas os ruidosos perseguidores não vinham muito atrás. Abriram o portão, de rompante e com um grito, no momento em que ele se esgueirava para trás de uma roseira que trepava por uma latada.

Sustive a respiração por ele. O esconderijo não era perfeito. A primavera era jovem e ele era uma sombra negra por detrás dos ramos magros e das folhas verdes da roseira em espaldeira que se iam desenrolando. Um sorriso encurvou-me a boca quando perguntei a mim próprio quem venceria aquele jogo. Outras crianças continuavam a derramar-se pelo jardim, meia dúzia delas. Duas raparigas e quatro rapazes, nenhum dos quais, provavelmente, teria uma idade que diferisse mais de três anos da minha. O vestuário denunciava-os como filhos dos criados. Dois dos rapazes mais velhos já vinham vestidos com as túnicas e meias do azul de Torre do Cervo e provavelmente estavam a escapar-se a trabalhos menores no castelo.

“Ele veio para aqui?”, gritou uma das raparigas numa voz estridente.

“Teve de vir!”, gritou um rapaz, mas havia uma nota de incerteza na sua voz. Os perseguidores espalharam-se depressa, todos a competir para ver quem seria o primeiro a localizar a presa. Eu fiquei muito quieto, com o coração a bater depressa, perguntando a mim mesmo se me veriam e me incluíam subitamente na brincadeira. Mesmo sabendo onde o rapaz estava escondido, só conseguia vislumbrar a sua silhueta. Os dedos pálidos agarravam-se à latada. Via o muito ligeiro subir e descer do seu peito, que denunciava há quanto tempo ele estava em fuga.

“Ele passou pelo portão! Venham daí!”, decidiu um dos rapazes mais velhos e, como uma matilha de cães afastados à chicotada de uma raposa, as crianças correram para trás, andando em volta dele enquanto as levava para o portão. Entretanto, a presa virara-se e já estava à procura de apoios para a mão no muro de pedra aquecida pelo sol que ficava por trás da latada. Vi-o começar a escalar e então um grito de um dos que o procuravam revelou que alguém olhara para trás e captara esse movimento.

“Está ali!”, gritou uma rapariga, e a matilha correu de volta para o jardim. Enquanto o rapaz vestido de negro trepava o grande muro, as crianças baixaram-se apressadamente. Num instante o ar ficou cheio de pedras e torrões de terra arremessados. Os projéteis atingiram a roseira, a latada, o muro, e eu ouvi os sons cavos que fizeram ao martelarem nas costas do jovem magro. Ouvi o seu arquejo rouco de dor, mas ele manteve-se agarrado ao muro e trepou.

A brincadeira deixou de súbito de ter fosse o que fosse a ver com uma brincadeira, transformando-se numa cruel caçada. Colado ao muro, ele não podia procurar abrigo e, enquanto trepava, os caçadores baixaram-se para apanhar mais pedras e torrões. Eu devia ter-lhes gritado para pararem. Mas sabia que, se o fizesse, isso não o salvaria. Eu transformar-me-ia apenas num alvo adicional para os outros.

Uma das pedras atingiu-lhe a nuca com força suficiente para lhe atirar a cabeça para a frente contra o muro. Ouvi o ruído da carne a bater em pedra e vi como ele parou, meio atordoado, com os dedos a escorregar. Mas não gritou. Estremeceu e depois começou a deslocar-se mais depressa. Os pés escorregaram, ganharam apoio, escorregaram e depois ele chegou com uma mão ao topo do muro. Como se o facto de atingir esse objetivo tivesse mudado o jogo, as outras crianças correram em frente. Ele chegou ao topo do muro, ficou aí agarrado durante o mais breve instante que os seus olhos levaram a cruzar-se com os meus, e depois inclinou-se para o outro lado. O sangue que lhe escorria pelo queixo era escandalosamente vermelho em contraste com a sua cara macilenta.

“Deem a volta, deem a volta!”, estava uma das raparigas a guinchar e, a latir como cães de caça, as outras crianças viraram-se e jorraram para fora

do jardim. Eu ouvi o forte clangor do portão quando o fecharam com força atrás de si e o troar dos seus passos no caminho. Iam rindo enquanto corriam. Um momento mais tarde, ouvi um grito estridente e desesperado.

Despertei. Estava a arquejar tanto como se tivesse acabado de travar um combate. Tinha a camisa de dormir encharcada até ao peito e torcida à minha volta. Desorientado, sentei-me na cama e lutei para me livrar da manta.

“Fitz!”, repreendeu-me Moli ao pôr um braço protetor em volta da criança. “O que tens tu na cabeça?”

Abruptamente era de novo eu, um homem crescido, não uma criança horrorizada. Dobrei-me sobre mim próprio na cama, ao lado de Moli, ao lado da minúscula bebé que podia ter esmagado ao debater-me. “Magoei-a?”, gritei, apavorado, e em resposta a bebé começou a chorar um choro agudo.

Moli estendeu a mão e pegou-me no pulso. “Fitz. Está tudo bem. Só a acordaste, nada mais. Deita-te. Foi só um sonho.”

Após todos os anos que passáramos juntos, ela estava familiarizada com os meus pesadelos. Sabia, para meu desgosto, que podia ser perigoso despertar-me de um. Agora sentia-me envergonhado como um cão chicoteado. Julgar-me-ia ela um perigo para a nossa filha? “Acho que é melhor que eu durma noutro sítio,” sugeri.

Moli não me largou o pulso. Deitou-se de lado, aconchegando a bebé para mais perto de si. Em resposta, a criança soltou um pequeno soluço e começou imediatamente a procurar um mamilo. “Vais dormir aqui mesmo ao nosso lado,” declarou Moli. Antes de eu conseguir dizer mais alguma coisa, soltou uma gargalhada suave e disse: “Ela pensa que está outra vez com fome.” Soltou-me para libertar o peito para a criança. Eu fiquei muito imóvel enquanto ela se arranjava e depois a escutar os pequenos sons de contentamento de uma pequena criatura a encher a barriga. Ambas cheiravam tão bem, a bebé com o seu cheiro infantil e o odor feminino de Moli. Senti-me de repente grande, brutal e macho, um intruso na segurança e paz da domesticidade.

Comecei a afastar-me delas. “Eu devia...”

“Tu devias ficar precisamente onde estás.” Moli voltou a pegar-me no pulso e puxou-o, fazendo-me aproximar das duas. Não ficou satisfeita até eu estar perto o suficiente para poder erguer a mão e me passar os dedos pelo cabelo. O seu toque era leve, calmante, ao afastar-me os caracóis suados da testa. Fechei os olhos sob o seu toque e, passados alguns momentos, a minha consciência partiu à deriva.

O sonho que se tinha desvanecido na obscuridade quando despertara voltou a pintar-se na minha mente. Tive de me forçar a respirar suave e lentamente apesar do modo como o peito se me apertou. Um sonho, disse a mim mesmo. Não uma memória. Eu nunca estivera escondido a ver as outras crianças da fortaleza atormentarem o Bobo. Nunca.

Mas podia ter estado, insistiu a minha consciência. *Se me tivesse visto num lugar e momento como aquele, podia ter estado. Qualquer criança podia ter estado.* Como se faz a uma hora como aquela e após um sonho como aquele, peneirei a memória em busca de conexões, tentando descobrir por que motivo um sonho tão perturbador me teria invadido o sono. Não havia nenhum.

Nenhum exceto as memórias de como as crianças da fortaleza falavam do bobo pálido do Rei Sagaz. O Bobo esteve presente nas minhas memórias de infância desde o dia em que eu chegara a Torre do Cervo. Ele estava lá antes de mim e, se era possível acreditar-se no que dizia, tinha estado todo esse tempo à minha espera. Contudo, passaram-se anos até que os nossos encontros no Castelo de Torre do Cervo progredissem para lá de um gesto malcriado feito por ele num átrio ou imitações trocistas enquanto me seguia por um corredor. Eu evitara-o tão dedicadamente como as outras crianças. Não o tratara com crueldade, pensei, ao conceder-me uma isenção de culpa. Nunca troçara dele e nem sequer expressara de nenhuma forma repugnância por ele. Não, simplesmente evitara-o. Julgara-o um tipo ágil e pateta, um malabarista que deliciava o rei com as suas brincadeiras, mas que era, apesar de tudo isso, bastante simplório. Se sentira alguma coisa mais forte por ele, disse a mim mesmo, fora piedade. Porque ele era tão diferente.

Tal como a minha filha seria tão diferente de todos os companheiros de

brincadeira.

Nem todas as crianças em Cervo tinham olhos e cabelos escuros e uma pele morena, mas a preponderância de companheiros de brincadeira que iria encontrar seria assim. E se ela não crescesse depressa para igualar os seus tamanhos, se permanecesse minúscula e pálida, o que aconteceria? Que espécie de infância teria?

O frio nasceu-me na barriga e radiou até ao coração. Aproximei-me ainda mais de Moli e da minha filha. Ambas estavam agora a dormir, mas eu não dormi. Zeloso como um lobo de vigia, passei o braço calmamente em volta de ambas. Prometi a mim mesmo e a Moli que a protegeria. Ninguém troçaria dela nem a atormentaria de nenhuma forma. Mesmo que tivesse de guardar segredo sobre ela de todo o mundo exterior, iria mantê-la a salvo.

CAPÍTULO 7

A APRESENTAÇÃO

Era uma vez um homem bom e a sua mulher. Ambos tinham trabalhado duramente a vida inteira, e a fortuna fora-os lentamente favorecendo com tudo aquilo que desejavam, exceto uma coisa. Não tinham filhos.

Um dia em que a mulher estava a passear pelo jardim e a chorar por não ter filhos, um bicuende saiu dos arbustos de alfazema e disse-lhe: “Mulher, porque choras tu?”

“Choro por não ter um bebé meu,” disse a mulher.

“Oh, se é isso, que tola és,” disse o bicuende. “Basta que digas uma palavra, e eu digo-te como podes ter um bebé nos braços antes de o ano acabar.”

“Então diz-me!”, implorou a mulher.

O bicuende sorriu. “Se é assim, faz-se facilmente. Esta noite, quando o sol beijar o horizonte, abre no chão um quadrado de seda, cuidando que ele fique liso no chão, sem uma só prega. E amanhã, o que estiver debaixo da seda é teu.”

A mulher apressou-se a fazer o que lhe fora dito. Quando o sol tocou o horizonte, ela abriu a seda no chão, sem sequer uma prega. Mas quando o jardim escureceu e ela se apressou a regressar para casa, um rato curioso veio até à seda, farejou-a e correu por cima dela, deixando uma minúscula prega na borda.

À primeira luz da aurora, a mulher correu para o jardim. Ouviu pequenos sons e viu a seda a mexer. E quando levantou o quadrado de seda, descobriu uma criança perfeita com brilhantes olhos negros. Mas o bebé não era maior que a palma da sua mão.

Antiga lenda de Torre do Cervo

ez dias após o nascimento da nossa bebé, finalmente decidi que tinha de me confessar a Moli. Temia essa confissão, mas não havia forma de a evitar e

atrasá-la mais não ia torná-la mais fácil.

D Uma vez que tanto Urtiga como eu tínhamos duvidado da gravidez de Moli, não partilháramos as novidades com ninguém fora da família imediata. Urtiga informara os irmãos, mas só no contexto de que a mãe estava a envelhecer e a sua mente tinha começado a fraquejar. Todos os rapazes tinham vidas próprias ocupadas e, no caso de Cavalaria, isso queria dizer ter de cuidar de três crianças além de uma mulher e de uma propriedade. Estavam demasiado presos às suas vidas e mulheres e filhos para sentirem mais que uma preocupação passageira com a possibilidade de a mãe estar a enlouquecer. Urtiga e Tomé, com certeza, lidariam com qualquer crise que acontecesse e, de qualquer forma, o que poderiam fazer a respeito da crescente senilidade da mãe? É característica dos jovens aceitar com grande elegância em nome dos pais idosos as debilidades da idade avançada. E agora havia que lhes explicar um bebé. E não só a eles, mas a todo o resto do mundo.

Eu enfrentara esta dificuldade ignorando-a. Ninguém fora de Floresta Mirrada fora informado. Não transmitira a novidade nem mesmo a Urtiga.

Mas agora tinha de o admitir perante Moli.

Armei-me para essa tarefa. Pedira que me trouxessem da cozinha uma bandeja com os biscoitinhos doces que Moli adorava e um prato de espesso creme adoçado e compota de framboesa. Um grande bule de chá negro acabado de fazer foi-se-lhe juntar na bandeja. Assegurei Tavia de que era perfeitamente capaz de levar uma bandeja e parti na direção do berçário de Moli. De caminho, organizei os meus motivos como se enfrentasse uma batalha e estivesse a dispor as armas ao meu alcance. Primeiro, Moli estivera cansada e eu não quisera que nenhuns hóspedes a perturbassem. Segundo, havia a bebé propriamente dita, tão minúscula e possivelmente débil. A própria Moli me tinha dito que julgava que a bebé poderia não sobreviver, e certamente que não a perturbar fora melhor. Terceiro, eu nunca quisera que ninguém impusesse alguma obrigação à nossa bebé além da sua necessidade de ser ela própria... Não. Essa não era uma razão a partilhar com Moli. Pelo menos por enquanto.

Consegui abrir a porta do quarto sem deixar cair a bandeja. Pousei-a

cuidadosamente numa mesa baixa e depois logrei puxar a mesinha com a bandeja em cima para junto da cadeira de Moli sem fazer cair nada. Ela tinha a bebé ao ombro e estava a cantarolar enquanto lhe dava palmadinhas nas costas. O fofo vestidinho pendia para lá dos pés da nossa filha e os seus braços e mãos estavam perdidos nas mangas.

Moli tinha acendido uma vela de madressilva; esta dava ao quarto um penetrante odor doce. Havia um fogo de macieira a arder na pequena lareira e não havia mais nenhuma luz; isso tornava o quarto tão acolhedor como uma casa de campo. Ela apreciava o luxo de não estar sempre preocupada com dinheiro, mas nunca ficara completamente confortável com a vida de uma dama nobre. “Gosto de ser eu a fazer o que é preciso,” dissera-me por mais de uma vez quando eu sugeria que uma criada pessoal era inteiramente apropriada para o seu novo estatuto social. O trabalho mais lato do solar, as limpezas e lavagens, cozinhar e lavar a roupa — isso podia ser feito pelos criados. Mas era Moli quem varria e limpava o pó ao nosso quarto, quem fazia a nossa cama com lençóis lavados e secados ao sol ou aquecia o colchão de penas à frente da lareira numa noite fria. Naquele quarto, pelo menos, nós continuávamos a ser Moli e Fitz.

Os resguardos de amores-perfeitos tinham sido movidos para capturar e conservar o calor do fogo. A lenha a arder crepitava suavemente e sombras dançavam no quarto. A bebé estava quase a adormecer nos braços da mãe quando eu pousei a mesa e a bandeja.

“O que é isto?”, perguntou Moli com um sorriso surpreendido.

“Só achei que podíamos passar um bocado sossegado e talvez comer qualquer coisa doce.”

O sorriso dela alargou-se. “Não consigo imaginar nada que me desse mais prazer!”

“O que também é verdade para mim.” Sentei-me ao lado delas, com cuidado para não a empurrar. Inclinei-me em torno dela para ver a minúscula cara da minha filha. Estava vermelha, com as sobrancelhas claras unidas em concentração. O cabelo era finíssimo, as unhas eram mais pequenas que as escamas de um peixe e igualmente delicadas. Durante algum tempo, limitei-me a fitá-la.

Moli pegara num biscoito e mergulhara-o na compota de framboesa, pondo depois uma pequena quantidade de creme por cima. “Cheira e sabe a verão,” disse passado um momento. Eu servi chá para ambos, e a fragrância da bebida misturou-se com o odor das framboesas. Peguei num biscoito para mim e fui mais generoso do que ela tinha sido, tanto com a compota como com o creme.

“É verdade,” concordei. Durante algum tempo, limitámo-nos a partilhar a comida e o chã e o calor da lareira. Lá fora estava a cair uma neve ligeira. E nós ali estávamos, no interior seguro e quente como um covil. Talvez amanhã fosse melhor altura para lhe dizer.

“O que é?”

Virei para ela olhos surpreendidos. Ela fitou-me enquanto abanava a cabeça. “Já suspiraste duas vezes e não paras quieto, como se tivesses pulgas que não te deixam coçar. Deita cá para fora.”

Era como arrancar uma ligadura a um ferimento. Fá-lo depressa. “Eu não disse a Urtiga que a bebé tinha nascido. Nem enviei as tuas cartas aos rapazes.”

Ela pôs-se ligeiramente hirta e a bebé abriu os olhos. Senti o esforço que Moli fez para se descontrair e ficar calma, a bem da criança. “Fitz. Por que raios não?”

Hesitei. Não queria enfurecê-la, mas desejava desesperadamente levar a melhor naquilo. Finalmente falei, com palavras desajeitadas. “Julguei que podia mantê-la em segredo durante algum tempo. Até ser maior.”

Moli moveu a mão pelo corpo da bebé. Vi como mediu o minúsculo peito, mais pequeno do que a largura dos seus dedos. “Compreendeste como ela é diferente,” disse em voz baixa. “Como é pequena.” Tinha a voz enrouquecida.

Eu confirmei com a cabeça. “Ouvi as criadas a falar. Gostaria que não a tivessem visto. Moli, estavam assustadas com ela. ‘É como uma boneca que ganhou vida, tão minúscula e com aqueles olhos azuis-claros sempre fixos. Como se devesse ser cega, mas em vez disso está a trespassar-nos com o olhar.’ Foi isto que Tavia disse a Amena. E Amena disse que ‘não era natural.’ Que nenhuma criança tão minúscula e nova devia parecer tão

alerta como ela parece.”

Foi como se tivesse silvado a um gato. Os olhos de Moli estreitaram-se e os ombros ficaram tensos. “Elas vieram cá ontem arrumar. Tinha-lhes dito que não precisava de ajuda, mas tenho a certeza que foi por isso que vieram. Para a ver. Porque ontem a levei comigo à cozinha e a cozinheira Nozmoscada a viu. E disse: ‘A criaturinha ainda não cresceu nem um bocadinho, pois não?’ Cresceu, claro. Mas não o suficiente para a cozinheira notar.” Cerrou os dentes. “Manda-as embora. A todas. As criadas e a cozinheira. Manda-as todas embora.” Havia tanto dor como ira na voz dela.

“Moli.” Mantive a voz calma quando a chamei de volta à razão. “Elas estão cá há anos. O berço de Amena foi aquela cozinha e foi só no ano passado que passou a nossa empregada como copeira. É pouco mais que uma criança e esta sempre foi a sua casa. Foi Paciência quem contratou a cozinheira Nozmoscada, há todos estes anos. Tavia está connosco há dezasseis anos e a mãe, Salina, já estava connosco antes dela. O marido trabalha nas vinhas. Causaria maus sentimentos em todo o pessoal se as mandássemos embora! E causaria falatório. E boatos de que havia alguma coisa na nossa bebé que precisávamos de esconder. E nós não saberíamos nada sobre quem contratássemos para as substituir.” Esfreguei a cara e acrescentei em voz mais baixa: “Elas têm de ficar. E talvez tenhamos de lhes pagar bem para nos assegurarmos da sua lealdade.”

“Já lhes pagamos bem,” cortou Moli. “Sempre fomos generosos com eles. Sempre lhes contratámos os filhos assim que chegaram à idade de serem úteis. Quando o marido de Tavia partiu a perna e teve de faltar às colheitas desse ano, mantivemo-lo connosco. E a cozinheira Nozmoscada, nos dias que correm, passa mais tempo sentada do que a cozinhar, mas nunca falámos de a mandar embora. Limitámo-nos a contratar mais pessoal. Fitz, estás seriamente a dizer que tenho de os subornar para não pensarem mal da minha bebé? Achas que são um perigo para ela? É que, se forem, eu mato-as.”

“Se eu pensasse que eram um perigo, já as teria matado,” retorqui. As palavras horrorizaram-me ao saírem-me da boca, porque reconheci que

eram absolutamente verdadeiras.

Qualquer outra mulher poderia ter ficado alarmada por aquilo que eu dissera. Mas eu vi Moli descontrair-se, reconfortada. “Então ama-la?”, perguntou em voz baixa. “Não ficaste envergonhado com ela? Não ficaste horrorizado por te ter dado uma filha tão peculiar?”

“Claro que a amo!” A pergunta abalou-me. Como podia ela duvidar de mim? “É minha filha, a criança por que esperámos durante todos estes anos! Como podes pensar que eu não a amaria?”

“Porque há alguns homens que não o fariam,” disse simplesmente ela. Virou a criança e pousou-a nos joelhos para que a inspecionasse. Isso despertou-a mas ela não chorou. Ergueu para nós os seus grandes olhos azuis. Estava quase perdida no meio do fofo vestido. Até a gola era demasiado grande para ela, deixando a descoberto um pequeno ombro. Moli fechou-a. “Fitz, vamos dizer em voz alta o que ambos sabemos. Ela é uma coisinha estranha. Eu estive tanto tempo grávida; eu sei que duvidas, mas confia no que te digo. Trouxe-a dentro de mim durante mais de dois anos. Talvez até mais do que isso. E no entanto, nasceu tão minúscula. Olha para ela agora. Raramente chora, mas observa, como Tavia disse. Ainda é demasiado nova até para segurar a cabeça, mas tem um ar tão sabedor. Observa e os seus olhos vão de ti para mim quando conversamos, como se estivesse à escuta e já conhecesse todas as palavras que dizemos.”

“E talvez conheça,” disse eu com um sorriso, mas não dei nenhum crédito às suas palavras. Moli voltou a recolhê-la nos braços e forçou palavras a sair. Não olhou para mim enquanto as proferia. “Qualquer outro homem olharia para ela e chamar-me-ia prostituta. Cabelo claro como a lã de um cordeiro de inverno e uns olhos tão azuis. Qualquer outro homem duvidaria de que ela fosse sua filha.”

Eu soltei uma gargalhada. “Bem, eu não duvido. É minha. Minha e tua. Concebida miraculosamente, como qualquer criança oferecida pelos bicusos de uma velha história. Moli, sabes que eu tenho a Manha. E digo-te claramente que desde a primeira vez que a cheirei, soube que era minha. E tua. Nossa. Nunca duvidei disso.” Libertei uma das mãos de Moli da bebé, desdobrei os seus dedos cerrados e beijei-lhe a palma da mão. “E

nunca duvidei de ti.”

Puxei-a suavemente para se encostar a mim. Encontrei uma madeixa do seu cabelo e enrolei-a em volta do meu dedo. Foi necessário esperar um pouco, mas senti os músculos tensos dela a descontraírem-se. Ela acalmou-se. Por um breve período houve paz. O fogo murmurava baixinho consigo próprio e, lá fora, o vento serpenteava pelos velhos salgueiros que davam o nome ao lugar. Fomos uma simples família durante alguns segundos. Mas depois, reforcei a coragem e voltei a falar.

“Mas gostaria de a manter em segredo durante um pouco mais de tempo. Não por duvidar de que é minha ou temer a sua estranheza.”

Moli abanou a cabeça, um minúsculo movimento. A sua opinião sobre a minha completa estupidez radiou dela. Senti-a mas não a libertei do meu abraço; e ela também não se afastou de mim. Falou com a testa pousada no meu peito, perguntando numa voz alegre: “Durante quanto tempo, querido? Um ano? Dois? Talvez a possamos revelar ao mundo no seu décimo sexto aniversário, como uma princesa numa história antiga?”

“Eu sei que parece uma patetice, mas...”

“É uma patetice. É por isso que parece sê-lo. É demasiado tarde para a manter em segredo. Os criados sabem que temos uma filha, portanto a aldeia sabe e sem dúvida que todos os primos deles ao longo do rio também sabem. Fitz, meu querido, devias ter enviado essas cartas. Agora, Urtiga e os rapazes vão interrogar-se sobre o motivo por que foram atrasadas. Manter isto secreto vai pôr o velho Dom Breu a farejar por aí como um cão de caça com uma raposa na copa de uma árvore. Já para não falar do que a antiga rainha vai pensar. E quanto mais tempo esperarmos para a anunciar, mais perguntas sobre ela as pessoas vão fazer a si próprias. Será realmente nossa? Será filha de alguma pobre rapariga que tivesse sido obrigada a entregá-la? Tê-la-emos encontrado numa árvore oca na floresta, ou será que é alguma criança roubada que os bicuendes deixaram à nossa porta?”

“Isso é ridículo! Ninguém acreditaria numa coisa dessas!”

“Podem achar mais fácil acreditar nisso do que na ideia de que um pai escondeu até dos irmãos e irmã uma criança de nascimento legítimo. Acreditar nisso já é difícil até para mim.”

“Muito bem.” Estava derrotado. “Mando as cartas amanhã.”

Ela não me deixou levar a minha avante. Afastou-se ligeiramente para me fitar. “Devias informar a Urtiga imediatamente. Já. Ela está mais perto dos irmãos e pode enviar mensageiros mais depressa. Oh, Fitz.” Fechou os olhos e abanou a cabeça.

Derrota total. “Muito bem.” Levantei-me e afastei-me um pouco dela.

Em tempos tinha sido segredo que Urtiga partilhava comigo a magia do Talento. Mas agora era a líder do Círculo do Rei, os utilizadores de Talento que eram a linha mágica de defesa dos Seis Ducados contra todos os perigos. Todos teriam de supor que ela era uma Visionário bastarda, embora a maior parte possuísse o bom senso político para não dizer tais palavras em voz alta. Moli nem sempre se sentira confortável com a ligação mágica que Urtiga partilhava comigo, mas acabara por aceitá-la. Tal como aceitara que Veloz possuía a Manha. Fora ainda mais estranho quando descobríamos que Firme também possuía aptidão para o Talento. Não verbalizei o que nos levava a ambos a interrogar-nos agora. A criança que ela tinha nos braços teria herdado de mim alguma dessas magias?

“Olha. Ela quase parece estar a sorrir,” sussurrou a mãe da bebé.

Abri os olhos. Tinha contactado Urtiga e transmitido as notícias. Tinha agora erguida uma meia muralha, que quase bloqueava a resposta indignada dela por não ter sido informada mais cedo e a sua inundação de perguntas sobre como era possível que a mãe tivesse dado à luz uma criança e a sua frenética reorganização da agenda para nos vir visitar assim que fosse praticável. A inundação de informação vinda de Urtiga ameaçava submergir-me os pensamentos. Fechei os olhos, transmiti-lhe que ficaríamos deliciados por a receber em qualquer altura em que pudesse vir, tal como a qualquer um dos irmãos que decidisse visitar-nos, e perguntei-lhe se podia fazer o favor de enviar essas mensagens por nós. Depois retirei-me apressadamente da sua mente, voltando a murar-me dentro dos meus próprios pensamentos.

Sabia que pagaria por isso quando eu e a minha filha mais velha estivéssemos na mesma sala e não conseguisse retirar tão facilmente perante as suas chicotadas verbais. Contentei-me em esperar por tal

experiência. Endireitei os ombros. “A Urtiga já sabe e vai transmitir a notícia aos rapazes. Vem de visita em breve,” disse a Moli. Regressei para junto dela, mas sentei-me no chão a seus pés. Apoiei-me levemente nas suas pernas e peguei na minha chávena de chá.

“Vai viajar através das pedras?” A pergunta trazia o seu temor.

“Não. Eu aí prevaleci, e os pilares só serão usados em questões de grande urgência, e em segredo. Ela virá assim que conseguir vir, a cavalo, e com uma escolta.”

Moli estivera ocupada com pensamentos seus. “É a rainha que tu temes?”, perguntou em voz baixa.

Ergui os sobrolhos e fitei-a. “Nem por isso. Ela não presta nenhuma atenção à minha existência. Ela e Respeitador pegaram nos dois príncipes e foram fazer uma visita de dez dias ao Ducado de Vigas. Ele está finalmente a dar ouvidos a Breu, parece-me. O plano é que a família real visite todos os Seis Ducados e o Reino da Montanha, ficando pelo menos dez dias com cada duque. Confesso que estou curioso para saber se os duques já estão a mostrar as filhas aos príncipes na esperança de conseguirem fazer os primeiros arranjos para...”

“Não tentes distrair-me. Sabes muito bem de que rainha estou a falar.”

Tinha tentado e sabia. Baixei os olhos perante a carranca dela. “Kettricken está neste momento a caminho de casa, vinda das Montanhas. Respeitador transmitiu-me a notícia pelo Talento há alguns dias. Ela chegou a um acordo com o povo das Montanhas e com os duques dos Seis Ducados. Vai passar agora muito mais tempo lá, talvez até metade de cada ano. Não será lá chamada rainha, mas fará consultas frequentes com Respeitador. Quando chegar a Torre do Cervo, planeiam escolher um dos aprendizes de Talento para ser seu companheiro sempre que ela viaje para lá, para tornar a comunicação entre as Montanhas e os Seis Ducados muito mais rápida. Acho que tanto ela como Respeitador vão ficar aliviados. Lá, ela continua a ser rainha, mesmo se não lhe derem esse título. E a Rainha Eliânia terá muito mais espaço de manobra para ajustar a corte e o castelo às suas preferências. Parece-me que chegaram a um compromisso sensato.”

Moli abanou a cabeça. “Será, se Respeitador estiver à altura da sua parte

e resistir à Narcheska. Os rapazes deviam ter sido enviados para as Montanhas durante dois meses de cada ano, para melhor aprenderem a língua e costumes daquele ducado. Se ele não se encarregar disso, quando a Rainha Kettricken morrer, pode descobrir que o seu querido sétimo ducado se vai revoltar contra a ideia de se tornar parte integral dos Seis Ducados.”

Eu concordei com a cabeça, aliviado pela mudança de tema. “Puseste o dedo precisamente no que me preocupa. As duas rainhas já colidiram uma com a outra e...”

Moli estava implacável. “Mas isso não responde à *minha* pergunta. Relativamente à nossa pequenina e à tua ideia ridícula de a criar em segredo, de quem esperavas tu escondê-la? Eu interrogo-me sobre isto e a única resposta em que consigo pensar é a Rainha Kettricken. E talvez Dom Breu?”

Remexi-me desconfortavelmente e depois encostei a cabeça ao seu joelho. Ela moveu a mão e passou-me os dedos pelo cabelo. Falou com suavidade. “Eu nunca fui estúpida, sabes?”

“Longe disso. Eu sei que foste montando todo o quebra-cabeças ao longo dos anos, mesmo que só raramente tenhamos conversado sobre ele em voz alta. Mas quando falamos nisto, a memória de como te menti e enganei durante tantos anos é como uma espada no meu peito. Moli, eu sou tão...”

“Evasivo,” concluiu ela por mim numa voz deliberadamente ligeira. “Fitz, já pediste mil vezes desculpa por esses dias e eu perdoei-te. Portanto, por favor, não me zangues tentando distrair-me agora. O quê e quem temes tu?”

O silêncio pairou sobre nós. Depois: “Temo toda a gente,” admiti em voz baixa. Reconheci-o tanto perante mim próprio, como perante ela. “Tu e eu vemos um bebé por que ansiávamos e uma criança que é tão diferente que os outros podem desprezá-la por nenhum motivo além desse. Mas outros podem vê-la como uma princesa secreta ou como uma potencial utilizadora do Talento ou como peão político, uma futura mulher a ser casada com quem seja mais útil para o trono. Eu sei que eles têm de a ver assim. Tal como me viram como bastardo real e uma ferramenta muito útil. Um assassino ou um diplomata dispensável. Tal como viram Urtiga como uma

potencial égua de criação para um herdeiro real, se a semente de Respeitador de alguma forma falhasse em vicejar. Quando Breu e Kettricken bloquearam o noivado de Urtiga com Enigma...”

“Por favor, Fitz. Outra vez não! O que está feito está feito e não vale a pena remexer em velhas dores.”

“Como é que eu posso considerá-lo ‘feito’ quando Urtiga ainda passa a vida sozinha?” A velha indignação que sentira em nome da minha filha rugiu em mim. Nunca, nunca compreenderia como ela aceitara aquele edito secreto do trono e ainda continuava a servi-los. Eu estivera muito perto de quebrar os laços com Torre do Cervo por causa dele. Só o pedido de Urtiga para permanecer calmo e a deixar “lidar com as decisões sobre a minha vida” me tinha impedido de o fazer. Sempre que pensava naquilo...

“Oh, Fitz.” Moli suspirou. Apercebeu-se do meu estado de espírito e a sua mão moveu-se de forma calmante pela minha nuca. Massajou os músculos tensos com as mãos ainda fortes e falou em voz baixa. “Urtiga sempre foi uma pessoa reservada. Parece estar sozinha e ter-se resignado à proibição do casamento com Enigma por parte do trono. Mas as aparências podem ser enganadoras.”

Eu endireitei-me e torci-me para a fitar. “Urtiga era capaz de desafiar o trono Visionário?”

Ela abanou a cabeça. “Desafiar? Provavelmente não. Ignorar? Sim. Tal como nós ignorámos o que a Dama Paciência e o Rei Sagaz tinham decretado para nós. A tua filha é muito parecida contigo, Fitz. Aconselha-se consigo mesma e segue a sua própria vontade. Tenho a certeza de que, se ainda quiser estar com Enigma, então está.”

“Querida Eda, e se engravida?” A ansiedade apertou-me a voz.

Moli soltou uma gargalhada estaladiça. “Fitz! Mas será que tu tens sempre de saltar de um desastre imaginado para o seguinte? Ouve o que te estou mesmo a dizer, ou seja, que não sei que caminho Urtiga escolheu para si. Mas se ela agora estiver sozinha, é porque decidiu estar sozinha, não porque alguém o decretou por ela. A vida é dela para que a viva, não tua para que a repares.”

“Então achas que ela e Enigma não estão juntos?”

Ela voltou a suspirar. “Não acho nada sobre esse assunto. Deliberadamente. Mas faço-te notar que Enigma abandonou o emprego que tinha aqui para arranjar trabalho na Cidade de Torre do Cervo, e que Urtiga não mostra nenhum sinal de encorajar alguém a cortejá-la. Seja como for, ela já é uma mulher feita há muitos anos. Não me cabe a mim ter as preocupações dela, tal como não te cabe a ti tomares as decisões dela. Meu amor, temos dentro destas quatro paredes tudo aquilo com que podemos lidar. As outras crianças cresceram e prosseguiram com as suas vidas. Até Cadinho tem agora uma namorada e um aprendizado para servir em Vila Rio. Deixa Urtiga e Enigma viverem as suas vidas para podermos ter um pouco de paz. Se estás tão ansioso por teres um filho com quem te possas preocupar, bem, está esta mesmo aqui. Olha. Pega nela por um bocado.”

Baixou-se e pôs-me a bebé nas mãos. Como sempre, recebi-a com relutância. Isso nada tinha a ver com o que sentia por ela e muito com o terror de poder de alguma forma pegar-lhe erradamente e magoá-la. Os cachorros e os potros não me enchiam com esse medo, mas ela enchia. Era tão minúscula e nua, tão fraca quando comparada com qualquer outra criatura bebé de que eu já tivesse cuidado. Um potro era capaz de se pôr em pé um dia depois do nascimento. Os cachorros conseguiam ganir e rastejar até às tetas da mãe. A minha bebé nem de manter a cabeça erguida era capaz. Contudo, ao instalá-la ao meu colo, a centelha de vida ardia nela de forma incrivelmente brilhante para a minha Manha. E para o Talento? Toquei a sua mãozinha, pele contra pele, e senti lá qualquer coisa.

Moli levantou-se, gemendo um pouco enquanto endireitava as costas. “Estou sentada e parada há demasiado tempo. Vou buscar mais chá quente. Levo o bule e só demoro um momento.”

“Queres que chame um criado?”

“Oh, não. Um passeio até à cozinha e de volta até aqui faz-me bem. Só demoro um momento.” Estava à porta quando disse aquilo.

“Está bem,” respondi, distraído. Olhei para a cara da minha filha, mas ela olhou para trás do meu ombro. Ouvi os chinelos de Moli a afastarem-se, suavemente arrastados pelo chão. Estava sozinho com a minha filha. Não havia motivo para ficar nervoso. De quantas coisas novas tinha eu cuidado

durante os dias passados nos estábulos de Torre do Cervo? Um bebé não podia ser assim tão diferente. Eu conseguira conquistar potros assustadiços e cachorros cautelosos.

“Eh. Bebé. Olha para mim. Olha o papi.” Desloquei a cara para o campo de visão dela. Ela virou os olhos e a mão sacudiu-se para longe do meu toque. Voltei a tentar.

“Então, bebé, vais viver e ficar connosco algum tempo, vais?” Falei não no tom agudo que tantas pessoas usariam ao abordar um bebé, mas numa cadência grave e deliberada. Como se fala com um cachorro ou com um cavalo. Calmante. Dei um estalido com a língua. “Eh. Aqui. Olha para mim.”

Ela não olhou. Eu não esperara realmente que o fizesse.

Paciência. Continua simplesmente a falar. “És uma coisinha tão minúscula. Espero que comeces a crescer em breve. Como vamos chamar-te? Está na altura de te darmos um nome. Um bom nome, um nome que seja forte. Vamos lá pensar num nome forte para ti. Mas bonito. Renda? Gostas desse nome? Renda?”

Absolutamente nenhuma resposta. Parecia-me que a centelha que eu sentira ficara mais mortíça, como se ela afastasse a atenção de mim. Seria possível?

O meu dedo traçou uma figura no seu peito. “Talvez um nome de flor? A tua irmã chama-se Urtiga. E... Samambaia?” Não podia estar enganado. Ela pusera de certeza a atenção noutra coisa. Refleti por um momento e voltei a tentar. “Mirtilo? Dedaleira? Timo?”

Ela parecia estar à escuta. Porque seria que não olhava para mim? Toquei-lhe a bochecha com o dedo, tentando fazê-la olhar para mim. Ela virou a cara para o toque mas evitou os meus olhos. De súbito lembrei-me de que *Olhos-de-Noite* raramente me enfrentava o olhar com um olhar firme, mas o lobo amara-me na mesma. *Não a forces a olhar-te nos olhos. Deixa a cria vir ter contigo, como deixaste que eu fosse ter contigo.* Aceitei a sabedoria de lobo e não tentei olhá-la nos olhos.

Descerrando a sua minúscula mão, pus-lhe o mindinho na palma. Mesmo o mais pequeno dos meus dedos era demasiado grande para ela agarrar. Ela

largou-o e fechou a mão contra o peito. Eu ergui-a para a aproximar de mim e inalei profundamente, absorvendo o seu odor. Nesse momento fui o meu lobo e recordei com tanta vivacidade o meu vínculo com *Olhos-de-Noite* que a perda me doeu. Olhei para a minha cria e soube quão agudamente agradável teria sido para ele o seu nascimento. *Oh, Olhos-de-Noite. Era tão bom se pudesses estar a meu lado para isto.* Lágrimas picaram-me os olhos. Fitei-a, espantado, quando vi a bebé pestanejar lágrimas acabadas de formar. Estas aventuraram-se a descer para as suas pequenas bochechas.

Afastei, engolindo em seco, a velha dor de ter perdido o meu lobo. Poderia ela estar a partilhar os meus sentimentos? Fitei-a e desafiei-me. Abri-me a ela, Talento e Manha.

A bebé esbracejou e esperneou de súbito com impotência, como se estivesse a tentar nadar para longe de mim. Depois, para meu horror, escancarou a boca e chorou alto, um som que parecia muito mais ruidoso e estridente do que seria possível vindo de um ser tão pequeno. “Chh! Chh!”, supliquei, temendo que Moli pudesse ouvir. Pousei-a sobre as pernas e afastei as mãos. Com certeza que ela não podia estar tão aberta a mim. Eu não tinha feito nada de errado no modo como a segurara. Tê-la-ia beliscado, de alguma forma, ou apertado com demasiada força? Só consegui fitá-la com uma completa consternação.

Ouvi o apressado sussurro de chinelos a roçar nas lajes do chão e de seguida Moli apareceu de repente na sala, com um bule a pingar na mão. Pousou-o apressadamente na bandeja e inclinou-se por cima de nós, estendendo os braços para recuperar a bebé. “O que aconteceu? Deixaste-a cair? Ela nunca tinha chorado alto desta maneira!”

Eu encostei-me para trás, afastando-me bem da bebé, e deixei Moli levá-la. Quase de imediato, o choro cessou. A carinha estava vermelha viva e, enquanto a mãe a embalava, ela continuou a arquejar do esforço que exercera para gritar tão ruidosamente.

“Não sei o que fiz. Estava só com ela ao colo e a olhar para ela e de repente desatou a gritar. Espera! Pus-lhe o dedo na mão! Será que lhe magoei os dedos? Não sei o que fiz para a perturbar! Magoei-lhe a mão? Ela está bem?”

“Chiu. Deixa-me ver.” Moli pegou suavemente na mão do bebé e, com grande gentileza, descerrou-lhe os dedos. A bebé não estremeceu nem chorou. Em vez disso ergueu o olhar para a cara da mãe e só posso descrever a sua expressão como alívio. Moli pô-la sobre o ombro e deu início ao seu suave passeio de embalar. “Ela está bem, ela está bem,” ladainhou enquanto descrevia um lento circuito pela sala. Quando voltou para junto de mim, disse, gentilmente: “Agora parece estar bem. Talvez tenha sido só um bocadinho de ar preso na barriga. Oh, Fitz, apanhei um susto tão grande quando a ouvi chorar daquela maneira. Mas sabes”, e aqui surpreendeu-me por sorrir, “foi também um alívio tão grande. Ela tem estado tão silenciosa, tão calma, que perguntei a mim mesma se seria capaz de chorar. Ou se seria demasiado simplória para produzir um som desses.” Soltou uma gargalhadinha. “Com os rapazes, sempre desejei que fizessem menos barulho, que fossem mais fáceis de adormecer. Mas com ela tem sido o inverso. Tenho-me preocupado com a sua placidez. Viria a ser simplória? Mas está bem. Não sei o que fizeste, mas provaste que tem o teu mau génio.”

“O meu mau génio?”, atrevi-me a perguntar.

Ela franziu-me o sobrolho na brincadeira. “Claro que é o teu mau génio! De quem mais pode tê-lo herdado?” Voltou a sentar-se e eu indiquei com um aceno o charco em volta do bule na bandeja.

“Parece que foste interrompida. Queres que eu o leve para a cozinha para trazer mais água quente?”

“Com certeza que resta chá suficiente para nós.”

Aconchegou-se na cadeira. A sala ficou mais calma quando a paz voltou a fluir lá para dentro. Moli falou à nossa bebé. “Uma vez vi um cavalo preto e branco com um olho azul, mesmo da cor dos teus. O homem que o tinha disse que era o seu ‘olho selvagem’ e para eu não me pôr desse lado do animal.” Caiu no silêncio durante algum tempo, pensando na sua bebé. Embalava-o suavemente, acalmando-nos a todos.

Precisei de alguns momentos para me aperceber de que ela me estava a pedir para lhe garantir que a nossa bebé estava bem. Não sabia se estava. As minhas palavras foram cautelosas. “Não me parece que o Castro tenha

alguma vez trazido um cavalo de olhos azuis para os estábulos. Ou um cão com um olho de outra cor. Ele disse-te alguma coisa sobre isso?”

“Oh, não. Não sejamos tolinhos, Fitz. Ela é uma rapariga, não um cavalo ou um cachorro. E a Rainha Kettricken, com os seus olhos azuis, parece ter a tua confiança.”

“É verdade,” concordei. Peguei no bule e servi um tudo-nada de chá. Demasiado claro. Voltei a pousar o bule para o deixar infundir um pouco mais. “Acho que ela não gosta de mim,” disse baixinho.

Moli soltou um suspiro irritado. “Meu amor, terás tu de arranjar *sempre* qualquer coisa com que te preocupar? Ela ainda mal te conhece. Os bebés choram. E é tudo. Agora está ótima.”

“Não olha para mim.”

“Fitz, não vou fazer-te a vontade nisto! Portanto para. De resto, temos coisas mais importantes em que pensar. Ela precisa de um nome.”

“Estava agora mesmo a pensar nisso.” Aproximei-me um pouco mais delas e voltei a estender a mão para o bule.

Moli deteve-me. “Paciência! A infusão tem de esperar mais um bocado.”

Eu parei e fitei-a de sobranceiras erguidas. “Paciência?”

“Pensei nisso. Mas ela é tão minúscula...”

“Portanto... precisa de um nome pequeno?” Estava completamente confuso.

“Bem, o nome tem de se adequar a ela. Tinha pensado...” Hesitou, mas eu esperei para ouvir o que diria. Por fim, falou. “Abelha. Por ser tão pequena.”

“Abelha?”, perguntei-lhe. Tive de sorrir. Abelha. Claro. “É um nome maravilhoso.”

“Abelha,” asseverou ela com firmeza. Mas a pergunta seguinte surpreendeu-me. “Queres selar-lhe o nome?” Moli estava a referir-se ao antigo costume da família real. Quando um príncipe ou princesa Visionário recebia o nome, havia uma cerimónia pública com toda a nobreza convocada para servir de testemunha. O costume era fazer passar a criança por chamas, salpicá-la com solo e depois mergulhar o bebé em água para selar o nome com fogo, terra e água. Mas a esses bebés eram dados nomes

como Veracidade, Cavalaria ou Majestoso. Ou Respeitador. E quando o nome era selado à criança, esperava-se que esta viesse a desenvolver uma afinidade pela virtude.

“Acho que não,” disse eu em voz baixa, pensando que tal cerimónia atrairia para ela precisamente a espécie de atenção Visionário que eu procurava evitar. Mesmo naquela altura ainda estava com esperança de manter a sua existência discreta.

Tais esperanças esfumaram-se quando Urtiga chegou cinco dias mais tarde. Tinha partido de Torre do Cervo assim que conseguira fazer os preparativos e viera a cavalo para tornar a viagem o mais rápida possível. Dois dos seus guardas tinham-na acompanhado, a escolta mínima que se esperava da Mestra do Talento do rei. Um era um velho grisalho, o outro uma rapariga esguia, mas ambos pareciam mais exaustos do que a minha filha. Só tive um vislumbre deles, pela janela do meu estúdio, quando afastei as cortinas e espreitei para o exterior ao ouvir cavalos a relinchar lá fora.

Respirei fundo para me preparar. Deixei a cortina cair e abandonei o estúdio, percorrendo o solar a passos largos e apressados a fim de lhe sair ao caminho. Antes de chegar à entrada principal, ouvi a porta a abrir-se, o som da sua voz clara a erguer-se numa apressada saudação a Pândego, e depois o ruído das suas botas quando correu pelo corredor fora. Eu saí do corredor de ligação e ela quase me atropelou. Agarrei-a pelos ombros e observei-lhe o rosto.

O cabelo escuro e encaracolado de Urtiga libertara-se do nó e caía-lhe sobre os ombros. Tinha as bochechas e a testa avermelhadas do frio. Ainda trazia o manto vestido e viera a descalçar as luvas enquanto corria. “Tomé!”, cumprimentou-me, e depois: “Onde está a minha mãe?”

Apontei a porta do berçário, ao fundo do corredor; ela soltou-se de mim e arrancou. Deitei um olhar para trás. À entrada, Pândego cumprimentava a comitiva que ela trouxera. O nosso mordomo tinha as coisas bem controladas. Os guardas que haviam cavalgado com ela pareciam cansados e com frio, e a desejar acima de tudo descansar; Pândego podia lidar com eles. Virei-me e segui Urtiga.

Quando a apanhei, ela estava parada à porta aberta do berçário. Agarrava-se à soleira da porta e parecia congelada no local. “Tiveste mesmo um bebé? Um bebé?”, perguntou à mãe. Moli riu. Eu parei onde me encontrava. Quando Urtiga entrou cautelosamente na sala, eu esgueirei-me para onde podia observá-las sem ser visto. Urtiga parara junto do berço vazio perto da lareira. Uma penitência extrema soou na sua voz quando gritou: “Mãe, arrependo-me tanto de ter duvidado de ti. Onde está ela? Estás bem?”

Moli estava sentada, uma imagem de calma, mas eu senti a sua ansiedade. Teria Urtiga visto, como eu vira, com que cuidado ela se arranjava para receber a filha mais velha? O cabelo de Moli parecia acabado de pentear e o xaile estava assente com precisão nos seus ombros. A bebé fora envolta numa manta suave do mais pálido cor-de-rosa; um barrete da mesma cor escondia-lhe a minúscula cara. Em vez de perder tempo e esforço a responder a Urtiga, Moli ofereceu-lhe a criança. Não consegui ver a cara de Urtiga, mas vi a posição dos seus ombros mudar. A trouxa que a mãe lhe oferecia era demasiado pequena para ser um bebé, mesmo se recém-nascido. Atravessou a sala tão cautelosamente como um lobo a penetrar em território desconhecido. Ainda temia a loucura. Quando aceitou a bebé, vi os seus músculos ajustar-se à leveza da criança. Olhou para a cara de Abelha, surpreendida por descobri-la realmente ali e ainda mais chocada pelo seu olhar azul, e depois ergueu o olhar para a mãe. “É cega, não é? Oh, mami, lamento tanto. Achas que vai sobreviver muito tempo?” Nas suas palavras ouvi tudo o que temera — que não só o mundo, mas até a irmã, visse a nossa Abelha como peculiar.

Moli tirou-lhe rapidamente Abelha dos braços, abrigando-a nos seus como se as palavras de Urtiga fossem um desejo maligno contra a criança. “A bebé não é cega,” disse a mãe. “O Fitz acha que é provável que a sua mãe das Montanhas tivesse olhos azuis e que tenha sido aí que ela os arranjou. E, embora seja minúscula, é perfeita em tudo o resto. Dez dedos nos pés, dez dedos nas mãos, come bem e dorme bem, e quase nunca se excita. Chama-se Abelha.”

“Abelha?” Urtiga ficou admirada, mas depois sorriu. “É uma coisinha tão

pequenina. Mas pergunto a mim mesma o que a velha rainha vai pensar dela.”

“A Rainha Kettricken?” A voz de Moli soou entre o alarmado e o confuso.

“Ela vem aí, não muito atrás de mim. Chegou a Torre do Cervo mesmo quando eu ia a partir. Dei-lhe as novidades antes de partir e está cheia de alegria por vocês os dois. Não deve vir mais de um dia atrás de mim. Estou contente por ter obtido autorização de Respeitador para partir imediatamente; era claro que a rainha queria que eu esperasse por ela.” Fez uma pausa, mas depois a lealdade para com a mãe prevaleceu. “E sei que o Fitz sabia que ela vinha aí porque lhe dei a informação pessoalmente pelo Talento! E ele não te disse nada! Consigo perceber pela expressão que tens na cara. O que quer dizer que os criados provavelmente não foram mandados a arejar os quartos e a fazer os outros preparativos para recebermos hóspedes. Oh, mãe, aquele teu homem...”

“Aquele homem é teu pai,” fez ela lembrar a Urtiga e, como sempre, Urtiga afastou o olhar e não respondeu. Pois, se uma criança pode herdar uma característica de um pai adotivo, Urtiga herdara a teimosia de Castro.

Urtiga mudou rapidamente de assunto para uma questão mais imediata. “Vou mandar os criados abrir e arejar imediatamente os quartos e assegurarem-se de que há lenha suficiente para as lareiras. E vou informar também o pessoal da cozinha. Não te preocupes!”

“Eu não me preocupo,” respondeu a mãe. “A Rainha da Montanha nunca foi para nós uma hóspede problemática, sob esse aspeto.” Mas sob outros, fora-o, diziam as palavras que Moli não proferira. “Urtiga.” O seu tom de voz fez parar a filha antes de esta poder escapar. “Porque vem ela para cá? O que quer?”

Urtiga olhou a mãe diretamente nos olhos. “O que sabes que quer. Quer ver a filha mais nova de FitzCavalaria Visionário. Testemunhar a selagem do seu nome e exercer uma pretensão à criança. Um menestrel vai acompanhar a sua comitiva. Ela só lhe vai mostrar o que quiser que ele veja, mas depois de o ter visto, ele nunca negará a verdade. É um homem em quem confia para não cantar até lhe ser dito que o pode fazer, e para

depois só cantar a verdade.”

Foi a vez de Moli afastar o olhar e não dizer nada. O meu coração gelou por saber que também Urtiga compreendera claramente as razões para a visita de Kettricken.

Permanecia, entre Moli e Kettricken, um estranho laço que era ao mesmo tempo afeto e ciúme. A Rainha Kettricken sempre tratara Moli, Castro e os filhos de ambos com uma justeza impecável. Mas Moli nunca esquecera nem perdoara que tivesse sido deixada a acreditar que eu estava morto, para primeiro me chorar e depois aceitar outro homem para o meu lugar, e durante todo esse tempo a rainha sabia que o Bastardo Visionário vivia. Aquilo fora tanto obra minha como de Kettricken, mas creio que Moli achava mais difícil perdoar a uma mulher. Especialmente a uma mulher que sabia como era viver na dolorosa crença de que o seu amante estava morto.

E assim, o fosso permanecia, reconhecido por ambas as mulheres como uma separação que não poderia nunca ser fechada. Kettricken era o tipo de mulher que julgaria merecer aquele lado amargo na sua amizade com a minha esposa.

Urtiga fez um aceno rápido e saiu da sala, já a chamar por Tavia para lhe dar uma ajuda para preparar alguns quartos de hóspedes para a Dama Kettricken das Montanhas, que talvez chegasse antes de o dia acabar. Urtiga usava tão pouca formalidade com os criados como a mãe. Passou por mim no corredor e deitou-me um olhar cheio de censura antes de gritar também por Pândego. Eu passei por ela para entrar no berçário. “Ela vai abrir pessoalmente as janelas e sacudir os edredões,” disse-me Moli e eu soube que estava orgulhosa da filha pragmática que tinha.

“Às vezes faz-me lembrar Veracidade.” Eu sorria enquanto entrava. “Não pede a ninguém para fazer seja o que for que hesitasse em fazer pessoalmente. E, se acha que é preciso executar uma tarefa, não espera.”

“Tu sabias que Kettricken aí vinha e não me disseste,” saudou-me Moli.

Fitei-a em silêncio. Dissera a mim mesmo que não lhe dizer uma coisa era diferente de lhe mentir. Ela não concordava. A ira era fogo congelado na sua voz quando disse baixinho: “Não me facilita as coisas não ter tempo para me preparar.”

“Eu refleti com cuidado sobre isto. Não há nada que possamos fazer para nos prepararmos para esta questão, exceto enfrentá-la, hoje. Não vi nenhuma vantagem em preocupar-te com antecedência. Os criados são especialistas em preparar rapidamente os quartos.”

A voz dela soou grave. “Não estava a falar de preparar os quartos. Estava a falar de me preparar a mim. Aos meus pensamentos. Ao meu porte.” Abanou a cabeça, fitando-me, e depois falou com mais clareza. “Fitz, Fitz. Tudo corre bem entre nós até o teu legado Visionário se intrometer. Nessas alturas regressas ao comportamento enganador e cheio de segredos que já nos condenou uma vez. Será que algum dia te livras disso? Será que algum dia chegas a um momento em que o teu primeiro impulso não seja esconder o que sabes?”

As palavras dela atingiram-me como setas, e eu cambaleei sob o seu impacto. “Desculpa,” disse, e odiei as palavras. Arrependi-me verdadeiramente de lhe ter escondido informação e perguntei a mim próprio, como ela fizera, por que motivo caía sempre presa do impulso para guardar o conhecimento para mim. Ecoou-me na cabeça um aviso que recebera muito tempo antes, de Breu. O velho acautelara-me que poderia vir a gastar a palavra “desculpa,” que podia vir a desculpar-me tão frequentemente que isso passaria a não querer dizer nada para ninguém, nem mesmo para mim. Perguntei a mim mesmo se teria chegado a esse ponto com Moli. “Moli,” comecei.

“Fitz,” disse ela com firmeza. “Para.”

Caí no silêncio. Ela abraçou-se melhor à nossa bebé. “Escuta-me. Eu partilho as tuas preocupações. Esta não é altura para estarmos desavindos. Mais tarde, logo conversamos sobre isto. Depois de Kettricken se ter ido embora. Mas não antes, e certamente não à frente de Urtiga. Se a antiga rainha vem ver a nossa filha, temos de estar prontos para enfrentar isso juntos. E para insistir com ela que seremos nós a saber o que é melhor para Abelha à medida que ela for crescendo.”

Eu sabia que a ira dela não fora vencida mas sim contida. E sabia que a merecia. “Obrigado,” disse em voz baixa, e isso voltou a acender as centelhas nos seus olhos. Depois, quase com tristeza, abanou a cabeça e

sorriu-me. “Eles tiraram-me esse bocado de ti muito antes de te reclamar para mim. Não é culpa tua, Fitz. Não é culpa tua. Apesar de às vezes eu achar que podias recuperá-lo, se tentasses o suficiente.” Pôs a bebé ao ombro e depois olhou para mim como se tivesse banido a ira para as Ilhas Exteriores.

Urtiga manteve o pessoal num torvelinho durante o resto do dia. Só Pândego pareceu deliciar-se com o desafio de servir a realeza com um momento de aviso. Veio consultar-me não menos de oito vezes sobre umentas e quartos. Quando voltou a aparecer à minha porta, para perguntar se podia contratar alguns músicos de Mirra para os divertimentos da noite, eu mandei-o impiedosamente ir falar com Urtiga.

Mas o resultado final foi termos uma noite sossegada em família, um momento para todos os três adultos partilharem uma refeição e ficarem até tarde a conversar. Entre Urtiga e Pândego, tudo o que podia ser organizado ou planeado fora feito. Quando a noite se prolongou, reunimo-nos no berçário e mandámos trazer a comida para ali. Comemos e conversámos, e comemos e conversámos. Urtiga pegou na bebé ao colo e estudou a cara de Abelha enquanto esta olhava para trás do seu ombro.

Urtiga deu-nos notícias de Torre do Cervo, mas Moli estava especialmente faminta por ouvir falar dos seus rapazes. Urtiga deu-nos novidades frescas sobre os irmãos. Firme não estava em Torre do Cervo; fora visitar Cadinho. Urtiga enviara-lhe uma mensagem. Veloz andava em viagem com Teio; Urtiga enviara-lhes uma mensagem mas não fazia ideia de quando os alcançaria. Cavalaria prosperava. Construíra a partir dos bons alicerces de carne de cavalo que Castro lhe deixara. Recentemente, adquirira a propriedade ao lado da sua, aumentando os pastos e obtendo espaço para construir um estábulo maior. E por aí fora, irmão a irmão, agora espalhados por todos os Seis Ducados. Moli escutava e embalava Abelha junto do seu corpo. Eu observei-a e julguei adivinhar o que lhe ia no coração: aquela era a sua última filha, aquela que estaria a seu lado quando envelhecesse. Eu vi o olhar de Urtiga viajar entre mim e a mãe e depois até Abelha. O que li na sua cara foi piedade. Piedade por todos nós pois, na sua avaliação, se Abelha não morresse em breve, viveria a vida de uma coisa

atrofiada, limitada de mente e corpo. Não verbalizou essa ideia, mas Castro criara-a bem, tornara-a capaz de olhar para uma coisinha nova e avaliar as suas possibilidades. Mesmo assim, pensei eu para comigo, eu tinha a vantagem da experiência. Abelha poderia ser realmente uma coisinha débil, mas tinha a centelha necessária à sobrevivência. Ela viveria. Que tipo de vida teria? Ninguém podia ainda dizer. Mas Abelha viveria.

De manhã chegou um arauto para anunciar que Kettricken estaria ali em breve. Quando a velha rainha chegou, nessa tarde, os quartos de hóspedes estavam prontos, uma refeição simples de boa comida estava ao lume, e Abelha estava trajada de fresco com roupa adaptada à pressa para lhe servir. Urtiga veio anunciar pessoalmente, a mim e a Moli, que Kettricken e a sua guarda tinham chegado. Foi encontrar-nos no berçário. Moli vestira Abelha duas vezes e mudara a sua própria roupa três vezes. De cada vez eu assegurara-lhe que me parecia linda, mas ela decidira que o primeiro vestido era demasiado juvenil e o segundo “me faz parecer uma avozinha trémula.” A terceira tentativa era algo que eu nunca a tinha visto usar. Trazia umas calças compridas e soltas, tão cheias que a princípio pareciam ser uma saia. Uma peça parecida com um colete que lhe chegava aos joelhos era usada por cima de uma blusa branca de mangas largas; um cinto largo cingia-lhe a cintura. O colete, calças e cinto eram todos de tons diferentes de azul, e Moli prendeu o cabelo atrás da cabeça numa rede feita de fitas azuis. “Que tal estou?”, perguntou-me quando regressou ao berçário, e eu não soube bem o que responder.

“Gosto dos chinelos,” disse com cautela. Eram vermelhos, com contas pretas bordadas, e muito bicudos.

Moli riu. “Urtiga trouxe-me esta roupa. É um figurino jamailiano que está agora na moda em Torre do Cervo.” Virou-se lentamente, convidando-me a admirar o traje. “É muito confortável. Urtiga suplicou-me que o usasse, para não parecer demasiado provinciana. E sabes, Fitz?, acho que vou usar mesmo.”

Quanto a mim, usava um simples gibão castanho por cima de uma camisa do azul de Torre do Cervo, calças castanhas e botas pretas de canhão alto. O alfinete da raposa que Kettricken me dera ainda reluzia no meu colarinho.

Por um momento perguntei a mim mesmo se pareceria provinciano, e depois decidi que não queria saber.

Urtiga entrou na sala, sorriu e ergueu as sobrancelhas na direção da mãe, muito contente com a sua aparência. Estava vestida de modo semelhante, em tons ricos de castanho e de amarelo-ambarino. Depois baixou o olhar para o berço de Abelha e sobressaltou-se visivelmente. Franca como sempre fora, disse: “Apesar de a outra roupa ser demasiado grande, fazia-a parecer maior. Mãe, ela é tão minúscula, que é quase... grotesca.” Apesar das palavras, pegou na irmã e pô-la ao colo, observando-lhe o rosto. A bebé olhou para trás do seu ombro. Contudo, enquanto Urtiga a estudava, Abelha começou subitamente a movimentar as pequenas mãozinhas. Depois, a boca escancarou-se, ela respirou fundo e deu início a um estridente choro de protesto.

Ao primeiro vagido, Moli foi pegar-lhe. “Que se passa, Abelhinha? Que se passa?” No momento em que Moli a tirou de Urtiga, a criança aquietou-se nas suas mãos e o choro transformou-se em soluços fungados. Moli abraçou-a e deu-lhe palmadinhas nas costas, e ela depressa se acalmou. Lançou a Urtiga um olhar que pedia perdão. “Não fiques magoada. Ela faz o mesmo com o pai. Acho que só tem idade para perceber que eu sou a mãe dela e achar que devia estar sempre com ela ao colo.”

Dirigi a Urtiga um pequeno sorriso contristado. “Estou quase aliviado. Estava a começar a pensar que era só comigo que ela antipatizava.”

Moli e Urtiga dirigiram-me olhares gémeos de indignação. “A Abelha não antipatiza com a Urtiga!”, insistiu Moli. “É só...” As palavras sumiram-se-lhe e os olhos dilataram-se ligeiramente. Depois, tão direta como a própria Urtiga, olhou para a filha mais velha e perguntou: “Fizeste-lhe alguma coisa? Com a mente?”

“Eu... não! Bem, não com intenção. Às vezes...” Deixou as palavras no ar. “É difícil de explicar a alguém que não o tem. Eu toco nas pessoas quando estou perto delas. Nem sempre de propósito. É como...” Tentou encontrar uma comparação. “É como cheirar alguém. Mesmo que possa parecer má educação, não posso realmente evitar. Tomo consciência das pessoas dessa forma.”

Moli refletiu sobre as palavras dela enquanto dava início à lenta transferência do peso de um pé para o outro, que fazia sempre que tinha a bebé ao colo. “Então a tua irmã é Talentosa? Como tu?”

Urtiga riu e abanou a cabeça. “Não consegui perceber uma coisa dessas só por a ter ao colo. E além disso, é bebé.” Deixou as palavras ligeiramente no ar quando se pôs a pensar na sua capacidade para o Talento e em quão cedo despertara nela. Deitou-me um relance e eu senti-a enviar um raminho perscrutador de Talento na direção da bebé. Sustive a respiração. Deveria detê-la? Vi Abelha enrolar-se mais, encostada à mãe, e enterrar a cara no pescoço de Moli. Teria detetado a tentativa da irmã para a contactar? Observei a cara de Urtiga. Perplexidade e depois resignação. Não captara nenhum Talento na bebé.

A minha curiosidade fora espicaçada. Enviei um fio de Talento na direção de Abelha, com o maior dos cuidados, mas tudo o que encontrei foi Moli. Ela não possuía nenhum Talento, mas estender o meu Talento na sua direção encheu-me os sentidos com ela. Dei por mim a sorrir-lhe carinhosamente.

Então Urtiga pigarreou e eu voltei a tomar consciência da sala e das minhas filhas e mulher. Moli respirou mais fundo e endireitou os ombros. “Bom. Vou ao encontro de Kettricken para lhe dar as boas-vindas. Achas que devo levar Abelha comigo?”

Urtiga abanou apressadamente a cabeça. “Não. Não, acho que é melhor que escolhas o momento para a Rainha das Montanhas a conhecer e que a princípio seja em privado. A ama pode ficar com ela enquanto nós...” E depois esgotou-se-lhe a voz. Solto uma gargalhada. “Já passei demasiado tempo na corte, não foi? Estou há um dia inteiro aqui e claro que não vi ninguém cuidar dela além de ti. Ela tem uma ama de leite? Ou uma curandeira ou cuidadora de alguma espécie?”

Moli solto um som gutural e divertido e abanou a cabeça. “Não mais do que tu tiveste,” respondeu.

“Podes pedir a uma das raparigas da cozinha para cuidar dela? Ou a uma das criadas?” Urtiga estava bem ciente de que a mãe não tinha criadas pessoais. “Nunca teria tarefas suficientes para a manter ocupada,” sempre

fora a resposta que dera à filha.

Moli abanou a cabeça. “Estão ocupadas com as tarefas que lhes cabem. Não. Ela vai ficar ótima aqui no berçário. É uma criança plácida.” Devolveu Abelha ao berço e cobriu-a para se manter quente.

“Parece estranho deixá-la aqui sozinha,” objetou Urtiga com desconforto enquanto Moli cobria o berço com uma cobertura rendada.

“Nem por isso,” respondeu calmamente Moli. Andou pela sala, fechando camada após camada de cortinas. A luz quase desapareceu, reduzindo-se apenas à tépida luz da lareira. E Moli, quando se virou para encarar a filha mais velha, suspirou e disse: “Tu passaste *mesmo* demasiado tempo na corte. Devias arranjar maneira de ter tempo para ti. Vem até cá, ou vai visitar um dos teus irmãos. Afasta-te das suspeitas e daquela cautelosa dança que vocês parecem passar a vida a dançar. Olha. Ela já está a adormecer. Vai ficar ótima aqui.”

“Tenho a certeza de que ela vai ficar ótima aqui, Urtiga,” concordei, mentindo. Ousei aproximar-me mais e olhei para o berço. Os olhos de Abelha estavam quase completamente fechados.

“Vem,” disse Moli, pegando-me na mão. “É melhor irmos cumprimentar a rainha.” E deixei-a levar-me para fora da sala.

O mordomo Pândego fazia muito melhor trabalho a ser o senhor do solar do que eu alguma vez podia tentar fazer. Não fomos para o átrio de entrada, onde eu tinha a certeza que ele estava a organizar os nossos hóspedes por níveis de importância. Os guardas e os criados menos importantes seriam apressadamente levados para quartos simples mas limpos e ser-lhes-ia oferecida uma oportunidade imediata para visitar os banhos de Floresta Mirrada ou para aquecer as caras e as mãos com água quente antes de descerem para uma refeição descontraída mas substancial composta por sopas, pão, manteiga, queijo, cerveja e vinho. Os sentimentos que criados frequentemente sobrecarregados despertavam em Pândego eram só de simpatia. Enquanto visitassem Floresta Mirrada, seriam tratados como hóspedes dos nossos criados. Eu tinha a certeza de que acolheriam com agrado a hospitalidade dele, após a gélida cavalgada matinal pela neve

caída de fresco.

Com a mestria de um general a organizar as tropas, ele recrutara servidores temporários na aldeia. Todos os nobres de menor estatuto foram confiados a esse pessoal solícito mas menos experiente para o transporte da bagagem para os quartos, para trazer água, para acender lareiras, e para realizar todas as pequenas tarefas que fossem necessárias. Ao nosso pessoal experiente caberia a honra de servir o nível mais elevado de hóspedes, colocando-se Pândego a si mesmo e ao seu braço-direito, Dição, ao pleno serviço da Dama Kettricken. Todos esses preparativos tinham-me sido explicados com um detalhe entediante no dia anterior. Eu fizera um sem-fim de gestos de concordância e autorizara tudo o que ele sugerira.

Moli, Urtiga e eu dirigimo-nos apressadamente para o Grande Salão, onde Pândego decretara que daríamos as boas-vindas aos nossos hóspedes. Ao entrar, descobri que a sala fora transformada da noite para o dia. Os painéis de madeira das paredes reluziam de uma limpeza com algum óleo odorífero, um grande fogo acolhedor ardia na lareira e uma mesa comprida fora trazida para o salão e decorada com vasos de flores. As minhas senhoras estacionaram-me perentoriamente ali para aguardar os hóspedes recém-reposados, enquanto corriam por uma última vez às cozinhas para se assegurarem de que tudo estava de prontidão. Esperei até deixar de ouvir os ruídos apressados dos chinelos delas pelo corredor fora. Depois saí para o corredor e detive sem compaixão um dos nossos criados temporários.

“Rapaz, esqueci-me de uma coisa nos meus aposentos. Fica aqui por mim e, se alguém chegar, garante que a Dama Moli e Urtiga irão regressar bem depressa, e que eu desço em breve.”

Os olhos dele esbugalharam-se. “Senhor, não posso ir eu buscar o que esqueceste? Não sei como falar c’uma rainha, senhor, mesmo se ela já na’ é rainha.”

Sorri-lhe, implacável. “E é exatamente por isso, rapaz, que és a pessoa perfeita para esta tarefa. Se a cumprimentares da forma calorosa e respeitosa com que lidarias com a tua avó, isso será mais que suficiente.”

“Mas, senhor!” Não me tinha apercebido de que ele tinha sardas até ficar tão pálido que elas se destacaram na sua cara.

Soltei uma gargalhada bem-humorada e apiei-me intimamente dele. “Só um momento, só um momento.” E deixei-o ali, partindo a passos largos pelo corredor fora com um belo bater de botas.

No momento em que virei a esquina do corredor, agachei-me, descalcei as botas e depois corri tão ligeiro como se fosse o próprio criado. Seria aquele o momento que eu escolheria, se a missão fosse minha. Estaria a ser tolo? Teria eu, tal como Urtiga, vivido demasiado tempo em Torre do Cervo, entre as múltiplas camadas de intriga que aí existiam? Só havia uma forma de descobrir. Abri a porta do berçário só o suficiente para conseguir entrar. Deslizei para dentro da sala e imobilizei-me ao lado da porta. Fechei-a suavemente atrás de mim. A minha Manha informou-me de que estava ali sozinho, descontando a minha filha. Apesar disso, nem uma tábua mexeu sob os meus pés e a minha sombra nunca se atravessou em frente da lareira quando levei as botas para o canto e as escondi aí. Um rápido relance ao berço quando passei por ele. Ela estava ali, mas não me pareceu que estivesse adormecida. *Calada*, supliquei. *Fica calada*. Enfie-me como um fantasma no canto mais sombrio por detrás dos dois resguardos de margaridas e compus-me, assentando os pés e encontrando o equilíbrio. Nem um suspiro, nem uma mudança de peso nas velhas tábuas do soalho. Ergui todas as minhas muralhas, bloqueando o Talento e a Manha dentro da minha mente. Tornei-me um lugar vazio na escuridão.

O fogo cuspiu seiva. Um toro assentou com um suave *tum*. Lá fora, flocos de neve soprados pelo vento beijaram os painéis de vidro da janela. Não conseguia ouvir a minha própria respiração. Esperei. Esperei. Era um pateta desconfiado. Um escravo de velhos temores. Esperei. Os hóspedes já lá deviam estar. Notariam a minha falta. Urtiga e Moli ficariam furiosas comigo. Esperei.

A porta abriu-se suavemente; alguém se enfiou no quarto e depois voltou a fechar a porta em silêncio. Não conseguia vê-lo. Cheirou-me a óleo perfumado e ouvi o roçar de tecidos luxuosos. Depois, uma figura leve destacou-se das sombras e fluiu na direção do berço da minha filha. Não o tocou, nem ergueu o véu, mas baixou-se para espreitar a minha bebé.

O jovem estava bem vestido, com uma camisa de seda e um colete

bordado. Usava um colar de prata e dois brincos de prata em cada orelha. O perfume era a sua pomada para o cabelo: os caracóis negros reluziam à luz da lareira. Ele fitou Abelha. Imaginei-a a olhá-lo, perguntando a si mesma se lhe queria fazer mal. Ele estava completamente absorvido pelo exame. Movi-me. Quando ele ergueu a mão para deslocar a renda que a velava, a minha lâmina brilhante caiu sobre a sua garganta. Encostei-lhe o lado da lâmina à pele e fiz força.

“Recua,” aconselhei em voz baixa, “e eu deixo-te viver. Pelo menos durante algum tempo.”

A inspiração do rapaz soou como um soluço. Ele manteve as mãos abertas e suplicantes à sua frente enquanto a pressão da minha faca estreita o afastava do berço. Guiei-o para trás. Um passo, dois, três. A voz tremeu-lhe quando disse: “Dom Breu disse que me apanharíeis. Mas a Dama Rosamaria insistiu em enviar-me.”

Inclinei a cabeça, como um lobo à escuta, tentando decidir se ouvira a verdade. “Uma jogada interessante. Esses nomes podiam ser vistos como falhas na minha armadura. Outro homem podia rir e libertar-te, mandar-te de volta para junto dos teus amos com um aviso de que precisas de mais treino.”

“Eu só estou com eles há três meses.” Havia alívio na voz dele.

“Eu disse ‘outro homem’,” fiz-lhe lembrar numa voz mortífera. “Eu não.” Coloquei-me entre o assassino e o berço da minha bebé. “Despe-te,” ordenei-lhe. “Até à pele. Já.”

“Eu...” O rapaz perdeu o fôlego. Os seus olhos esbugalharam-se e ele praticamente cruzou os braços para se proteger. A voz tornou-se mais aguda um tom. “Senhor! Isto não é digno de vós. Não. Não me dispo.”

“Despes,” informei-o. “Porque eu só vou ficar satisfeito quanto te despises. E não tenho motivo nenhum para não dar o alarme e depois mostrar afronta por estares aqui. O trono Visionário envia um espião-assassino não só à minha casa, mas ao quarto da minha filha? Diz-me, rapaz, o que tenho eu a perder? E o que terá a Dama Kettricken de fazer para apagar este embaraço? Dom Breu e a Dama Rosamaria vão admitir que és seu homem? Ou será que te avisaram de que se distanciariam de ti se

fosses apanhado?”

O jovem estava a respirar de forma entrecortada. Tive a certeza que as mãos lhe tremeram enquanto lutou com uma interminável fileira de minúsculos botões de pérola. Pérolas! No seu mais recente assassino! Em que andava Breu a pensar por aqueles dias? Se ele não estivesse no quarto da minha filha, eu podia ter achado tal tolice divertida. Mas nada havia de humorístico naquela tentativa. O sangue corria-me frio nas veias.

Ouvi o roçar de seda e depois um baque suave quando ele deixou cair a camisa no chão. “Que som interessante para uma camisa fazer ao cair,” observei. “O resto, por favor. Sem demora. Tenho a certeza de que ambos desejaríamos pôr fim a isto assim que possível.” Ele teve de se dobrar para despir as calças e descalçar as meias. Um truque da luz vinda da lareira revelou o brilho de lágrimas na sua cara. Antes lágrimas dele do que de Moli ou minhas, pensei. “Até à pele,” fiz-lhe lembrar, e a roupa interior foi-se juntar à pilha que estava no chão. Pouco depois, eu acrescentei: “Pareces estar com frio. Vai pôr-te ao lado da lareira. E não te mexas.”

O rapaz seguiu as minhas instruções com vivacidade. Virou-me as costas e depois torceu-se para me observar. Estava a abraçar-se apesar do fogo que estava atrás dele enquanto eu lhe revistava sistematicamente o vestuário. As minúsculas costuras de bolsos cederam com pequenos sons de rasgar. A minha lâmina soltou um *chui* ao deslizar através de seda fina. Fiquei orgulhoso disso. Uma lâmina tem de estar amolada para cortar seda. Depois terminei.

“Só sete?”, perguntei-lhe. Ergui os olhos para o observar enquanto permitia que as mãos voltassem a verificar cada uma das peças de roupa e as botas. Dispus o saque numa curta fila no chão à minha frente. “Vejam os. Dois venenos para misturar com líquido, um pó tóxico, um pó para dormir e um emético. E quanto a bolsos escondidos, é tudo. Uma minúscula faca de guardar no sapato, que mal merece o nome, um conjunto de gazuas e um bloco de cera mole... para quê? Ah, moldes de chaves. Claro. Ora bem, e o que é isto?”

“Isso era o que eu devia deixar no berço dela.” A voz do rapaz estava tensa, engrossada com lágrimas. “Para o senhor encontrar. Como prova de

que tinha estado aqui.”

Gelo encerrou-me o coração. Dirigi ao assassino um gesto com a faca, ordenando-lhe que se afastasse mais do berço. Movi-me com ele, mantendo a mesma distância. Fosse o que fosse que estava no embrulho, não correria o risco de o abrir perto de Abelha. Levei-o até uma pequena mesa tocada pela luz da lareira.

Era um pequeno pacote de bom papel. Cortei cuidadosamente o lado com a minha lâmina e depois inclinei-o. Um fio muito fino foi a primeira coisa a deslizar para fora. Dei-lhe uma pancadinha e o resto emergiu. “Um colar muito bonito. E caro, aposto.” Ergui o fio. A luz do fogo refletiu-se nele, vermelha. “É o cervo Visionário, em prata. Mas tem a cabeça baixa em arremetida. Interessante.” Observei a cara do rapaz enquanto o fio oscilava na minha mão. Saberá ele o que aquilo era? O símbolo de FitzCavalaria Visionário, o bastardo há muito morto da família real.

Não sabia. “É um presente para ela. De Dom Breu Tombastela.”

“Claro que é.” A minha voz soou inexpressiva. Regressei para junto da roupa dele, enfiei o dedo grande do pé debaixo da pilha e atirei-lha. “Podes vestir-te.”

“E as minhas coisas?”, perguntou o jovem, carrancudo. Falou por sobre o ombro enquanto puxava pela roupa interior. Eu baixei-me até ao chão e os instrumentos do seu ofício desapareceram pela minha manga acima. Ouvi o roçar de tecido quando ele vestiu a camisa e as calças.

“Que coisas?”, perguntei com uma voz agradável. “As tuas botas e meias? Ali, no chão. Calça-as. Depois sai deste quarto. E mantém-te afastado desta ala da minha casa. Caso contrário, mato-te.”

“Eu não fui enviado para fazer mal à bebé. Só para a ver, para deixar o presente e para relatar o que tinha visto. Dom Breu avisou-a de que me apanharíeis, mas a Dama Rosamaria insistiu. Foi um teste. Um teste que falhei.”

“Que falhaste duas vezes, presumo. Duvido que te tivessem dado autorização para referir a alguém os nomes deles.”

O rapaz fez uma pausa. “Disseram que era só um teste.” A voz quebrou-se-lhe naquelas palavras. “E eu falhei-o. Duas vezes.”

“Estás a partir do princípio de que era *a ti* que estavam a testar. Vestido? Ótimo. Sai. Não. Espera. Como te chamas?”

Ele controlou a língua. Eu suspirei e dei um passo para ele.

“Lante.”

Esperei.

O rapaz fez uma inspiração que foi um meio soluço. “FitzVigilante.”

Refleti um momento, passando em revista os nomes da pequena nobreza.

“De Vara?”

“Sim, senhor.”

“E que idade tens?”

O rapaz endireitou-se melhor. “Doze anos, senhor.”

“Doze? Eu teria acreditado em onze. Mas dez é mais provável, não é?”

Os olhos escuros do rapaz relampejaram de fúria. As lágrimas corriam-lhe livremente pelas bochechas abaixo. *Oh, Breu. Será este o teu futuro assassino?* Ele baixou o olhar e disse simplesmente: “Senhor.”

Suspirei. Teria eu alguma vez sido tão jovem? “Vai-te embora, rapaz. Já.”

O espião fugiu sem sequer tentar ser furtivo. Não bateu a porta atrás de si, propriamente, mas fechou-a com bastante firmeza. Fiquei à escuta do som dos seus passos enquanto fugia. Quando se tornaram mais fracos, fui até à porta, pus-me à escuta, abri-a, e saí. Depois voltei a fechar a porta, recuperei as botas e dirigi-me ao berço de Abelha. “Por agora, ele foi-se embora,” disse à minha filha e abanei a cabeça. “Breu, sua velha aranha, que jogo estás tu a jogar? Seria ele realmente o melhor que podias enviar contra mim? Ou será que não passa de engodo?”

Desloquei-me eficientemente pela sala, a verificar a tranca da janela e a examinar todos os locais onde um assassino poderia eventualmente esconder-se. Quando concluí essa ronda, regressei para junto do berço e afastei a cobertura rendada. Encontrei uma candeia, acendi-a e trouxe-a para a mesinha ao lado do berço. Trabalhei como se a bebé que me fitava fosse feita de algodão-doce ao afastar cada manta e sacudi-la cuidadosamente. A roupa dela parecia não ter sido tocada. Correria eu esse risco? Tinha começado a remover a roupa para procurar qualquer coisa que aquele espião ou algum outro tivesse conseguido colocar nela quando Moli

entrou no quarto.

“Aqui estás tu! Tenho meia dúzia de criados a correr Floresta Mirrada à tua procura. Os nossos hóspedes estão à espera de dar início a uma refeição. Já perdeste o menestrel a cantar uma canção muito comprida para nos agradecer as boas-vindas.”

“Ainda bem,” admiti. As minúsculas fitas do vestido de Abelha desafiavam-me.

“Fitz?” Moli entrou na sala. “Que estás tu a fazer? Não me ouviste? A refeição está quase pronta.”

Menti-lhe. Outra vez. “Vim cá para me assegurar de que ela estava bem e estava a chorar. Julguei que podia estar molhada.”

“A chorar? E eu não a ouvi?”

“O choro não era forte. Eu não a teria ouvido se não estivesse a passar pela porta.”

Moli encarregou-se imediatamente da bebé. Cerrei os dentes, temendo que ainda houvesse alguma coisa escondida na roupa da criança que pudesse feri-la ou à mãe. Moli abriu-lhe habilmente as roupas, verificou a fralda e depois fitou-me consternada. “Ela está ótima.” Observei com atenção Moli voltar a atar as fitas que eu desatara.

“Não quero deixá-la aqui sozinha,” disse de repente.

Moli fitou-me. Depois abanou a cabeça. “Nem eu,” admitiu. “Mas não quero levá-la connosco a cumprimentar os nossos hóspedes. Quero escolher quando e como a Rainha Kettricken a verá pela primeira vez.”

“Dama Kettricken,” fiz-lhe lembrar. “Já não é Rainha dos Seis Ducados.”

“Só em nome,” resmungou a minha mulher. “A Narcheska só passa alguns meses por ano no Castelo de Torre do Cervo. E o Rei Respeitador passa demasiado tempo longe do trono. É ela quem governa os Seis Ducados, Fitz, e o Reino da Montanha.”

“Bom. Alguém tem de segurar as rédeas do poder quando o Rei Respeitador não está lá. Antes Kettricken do que Breu sem ninguém que o controle,” respondi. Conseguiria ela ouvir as lealdades divididas na minha voz? Conseguiria ouvir a ideia não expressa de que se Kettricken não tivesse assumido esses deveres, eles poderiam ter caído sobre mim? Com

certeza que Breu esperara conduzir-me para esse papel, e Kettricken e o Rei Respeitador teriam ficado felizes por o permitirem. Eu conhecia Kettricken desde a juventude e, em tempos, tínhamos sido tão chegados como só conspiradores conseguem ser. Mas naquela noite, ela trouxera um espião para minha casa, um espião que viera furtivamente até ao berço da minha filha. Conheceria ela a missão do jovem FitzVigilante? Ou teria Breu e a Dama Rosamaria agido sozinhos, preocupados com o trono e linhagem Visionário? Bem sabia eu que para Breu os interesses do trono estavam muito à frente dos interesses individuais de qualquer Visionário individual. Isso aprendera eu sentado no joelho do velho assassino.

Moli intrometeu-se nos meus pensamentos. “A Urtiga vai levar em breve os nossos hóspedes para a sala de jantar. Temos de estar lá.”

Tomei uma decisão. “Vamos levá-la connosco. Com berço e tudo.”

“Fitz, não me parece...”

Mas eu já me baixara e erguera o berço. Não era grande, mas também não era leve. Tentei fazer com que parecesse fácil ao sair pela porta com ele e avançar pelo corredor fora. Atrás de mim, Moli seguiu-me com Abelha colada ao seu peito.

A sala de jantar não era usada com frequência. Os tetos eram altos e as duas lareiras em ambas as extremidades da sala lutavam para aquecer um espaço tão grande. Eu e Moli ganháramos o hábito de tomar a maior parte das refeições numa sala muito mais pequena, mas naquela noite as lareiras e os candelabros tinham sido acesos. A longa mesa, preparada para quinze pessoas, podia facilmente ter acomodado quarenta. A mesa de madeira escura tinha ao longo do centro uma tira bordada e candelabros de prata que continham graciosos círios brancos, obra das mãos de Moli. Tigelas de madeira esculpida com a forma das mãos em taça de Eda continham maçãs vermelhas e amarelas, cachos de grandes uvas e reluzentes castanhas. As velas davam um brilho tépido à mesa, mas a sua luz não conseguia chegar ao teto distante nem aos cantos mais afastados da sala.

Chegámos ao mesmo tempo dos hóspedes. Eu e Moli parámos e cumprimentámo-los enquanto passavam por nós. Dediquei um esforço maior a fazer com que segurar o berço parecesse não exigir esforço e senti-

me grato por finalmente os seguir para dentro da sala. Não fiz nenhum comentário quando pousei o berço num local onde a lareira o aqueceria mas não estivesse a mais de seis passos da minha cadeira. Moli instalou rapidamente Abelha lá dentro e depois colocou por cima dela a cobertura de renda, que manteria afastadas as correntes de ar e os olhares casuais. Dirigimo-nos para a cabeceira da mesa, voltámos uma vez mais a cumprimentar os convidados e ocupámos os nossos lugares.

A Dama Kettricken estava à minha direita. Urtiga ocupava o outro lugar de honra à esquerda de Moli. Se alguém achou estranha a disposição dos lugares, ninguém o referiu. Localizei o jovem espião sentado à esquerda da mesa e tão distante de mim quanto era possível. Mudara de roupa, o que não era surpreendente, uma vez que eu não tivera grande cuidado quando lhe cortara costuras e bolsos. Parecia fascinado pela borda da mesa. O capitão da guarda de Kettricken acompanhara-a naquela visita e estava sentado connosco, vestido com o púrpura e branco que eram as suas cores. Ela trouxera consigo uma curandeira, e de sangue nobre, a Dama Consolação, bem como o marido, Dom Escavador. O resto da comitiva de Kettricken era-me desconhecida, exceto de nome. Dom Intrépido era um homem franco e cordial, de cabelo branco e nariz vermelho. A Dama Esperança era rechonchuda e agradável, uma conversadora que ria frequentemente.

Kettricken ergueu a mão e pousou-a na minha. Virei-me para ela com um sorriso e, como sempre, passei por aquele breve momento de surpresa. Para mim, ela era sempre uma jovem, de cabelo dourado e olhos azuis, com uma expressão aberta e um ar tranquilo. E vi uma mulher de cabelo prateado, com a testa enrugada por preocupações. Os seus olhos eram tão azuis como os de Abelha. Tinha a coluna direita, a cabeça erguida. Era como um gracioso vaso de vidro cheio até à borda de poder e certeza. Já não era a princesa estrangeira das Montanhas, que se debatia para navegar pelas correntes de poder numa corte desconhecida. Transformara-se na corrente de poder por onde os outros tinham de navegar. Falou só para mim e Moli. “Estou tão contente por vós.”

Baixei-lhe a cabeça e indiquei por gestos a Pândego para começar a

servir. Não fiz comentários sobre Abelha ou sobre como a tínhamos trazido para a sala de jantar. Kettricken compreendeu e não abordou o tema. A refeição começou. Foi servida com uma formalidade consideravelmente menor do que um jantar no Castelo de Torre do Cervo, mas com mais pompa do que geralmente observávamos em Floresta Mirrada. Urtiga dera instruções a Pândego para manter a visita simples e, embora ele se tivesse sentido contrariado com elas, quase obedecera. Por conseguinte, os pratos foram passados e eu servi o vinho e a conversa foi informal e por vezes alegre. Ficámos a saber que era agora frequente a Dama Consolação viajar com Kettricken, pois a velha rainha começara a ter problemas com as articulações. Ao fim do dia, acolhia com agrado as massagens com óleo da sua aia, bem como as bebidas quentes que ela confeccionava. Dom Intrépido e a Dama Esperança haviam-se-lhes juntado simplesmente por se dirigirem para suas casas, onde passariam o inverno, após uma visita agradável ao Castelo de Torre do Cervo. Floresta Mirrada ficava no caminho que tinham de percorrer. Na verdade, a maior parte dos criados e guardas que acompanhavam Kettricken não eram gente sua, mas de Dom Intrépido.

Os cheiros da comida e o agradável tinir da refeição podiam ter serenado outro homem. Eu usei aquele tempo como oportunidade para estudar os meus hóspedes. Considerei a presença da Dama Consolação como genuíno produto da vontade de Kettricken, mas reservei a opinião sobre Dom Intrépido e a Dama Esperança. Perguntei a mim próprio se o jovem assassino teria vindo como parte da comitiva de Kettricken. Se o tivesse feito, estaria Kettricken totalmente ciente do que ele era, ou tê-lo-iam os assassinos do rei acrescentado como membro anónimo da sua comitiva? Era possível que ele tivesse sido incluído pela Dama Rosamaria como cavaleiro para o grupo de viajantes. Eu servira frequentemente nessa condição quando Breu queria ter olhos ou ouvidos em algum lugar onde não podia ir em pessoa. Contudo, o rapaz estivera bem vestido, não com os couros de um cavaleiro, mas de seda e linho. Observei Lante enquanto este debicava a comida e voltei a perguntar a mim próprio se seria um engodo para me distrair. Senti-me contente por não termos deixado Abelha sozinha no quarto e decidi inspecionar todo o berçário antes de a deitarmos lá esta

noite. Não, decidi de repente. Ia pôr o berço junto da minha cama e vigiar Abelha pessoalmente.

O alívio que senti com aquela decisão foi palpável. Encontrei a língua e tornei-me mais falador e chocarreiro, e tanto Moli como Urtiga e Kettricken sorriram por me verem assim. A conversa estava animada, indo da apanha tardia de maçãs e das possibilidades de caça perto de Floresta Mirrada e do Castelo de Torre do Cervo até notícias sobre velhos amigos que viviam no Reino da Montanha. Kettricken perguntou pelos filhos de Moli e transmitiu as últimas novidades dos príncipes. O menestrel chegou com os seus dois ajudantes e os respetivos tamborzinhos e flautas e acrescentou música ao nosso divertimento. A refeição foi demorada e a hora era tardia quando o último prato foi finalmente levantado da mesa.

“Vamos para uma sala mais aconchegada?”, sugeriu Moli, pois o grande salão de jantar enchia-se inevitavelmente de correntes de ar e tornava-se frio numa noite tempestuosa.

“Vamos,” concordei, e Kettricken respondeu: “Uma sala mais quente seria um lugar mais agradável para eu conhecer a vossa filhinha.”

Não pedira, assumira. Respondi com um sorriso. Éramos velhos parceiros naquela espécie de jogo. Ela reconhecera o meu gambito, respeitara-o, e agora avançava com o seu. Apesar disso, eu decidi que venceria aquele combate por Abelha como não vencera por Urtiga. Enquanto Moli, eu e os nossos convidados nos levantávamos, eu sorri mas não respondi verbalmente às palavras de Kettricken. Alcancei depressa o berço e afastei os leves panos para permitir a Moli recolher Abelha. Ao fazê-lo, ela envolveu a bebé numa manta e depois esperou com confiança que eu voltasse a erguer o berço. Consegui fazê-lo sem soltar um gemido. Um relance rápido informou-me de que Urtiga detivera a antiga rainha com uma qualquer conversa pouco importante e depois gesticulara para que ela a precedesse na saída da sala. Eu e Moli fomos os últimos, seguindo os nossos convidados enquanto Urtiga lhes indicava o caminho até uma sala de estar.

Um desconhecido podia partir do princípio de que aquela sala era o meu refúgio. Além das cadeiras confortáveis e de um fogo a rugir na lareira, as

paredes estavam cobertas de estantes e continham muitos livros encadernados ao estilo jamailiano. Acima deles, em armações, havia velhos pergaminhos e velos. Havia uma mesa ao canto perto da janela fechada por um pesado cortinado, e em cima desta estava um tinteiro e papel em branco. Era pura exibição. Naquelas prateleiras, um espião poderia encontrar um diário sobre as aves que eu vira nos últimos quatro anos ou notas sobre a gestão de Floresta Mirrada. Havia registros e papéis sobre a propriedade em quantidade suficiente naquela sala para levar pelo menos um ladrão ocasional a julgar que tinha encontrado o meu refúgio. Mas não encontraria ali nenhum sinal de FitzCavalaria Visionário ou do trabalho que eu executava para Breu.

Uma vez mais, o berço foi cuidadosamente pousado mas, quando Moli avançou para instalar Abelha nele, Kettricken passou por Urtiga para ir ter com ela. “Posso pegar-lhe?”, perguntou, e havia um calor tão simples no pedido que ninguém o poderia ter recusado. É possível que só eu tenha visto como o sorriso de Moli se tornou rígido quando ofereceu a nossa filha entrouxada à antiga rainha. Ao receber Abelha nos braços, com manta e tudo, as sobranceiras de Kettricken ergueram-se numa subtil surpresa. Urtiga aproximou-se mais; senti o Talento da minha filha mais velha a latejar de cautela. Creio que foi um instinto de alcateia para proteger o mais pequeno, que operava a um nível tão absolutamente profundo que ela mal tomou consciência de como uniu o Talento ao meu. O momento não podia ser evitado. Moli ergueu a leve cobertura que tinha escondido a cara da nossa bebé.

Observei a expressão de Kettricken quando olhou com atenção o olhar com que Abelha respondeu ao seu. Pois a bebé estava silenciosa mas desperta, enfrentando o olhar da rainha com olhos tão azuis como os seus. Kettricken soltou um arquejo tão minúsculo que talvez ninguém mais tenha reparado nele. O sorriso não se desvaneceu, mas tornou-se mais rígido. Deu dois passos até uma cadeira e afundou-se nela. Depois, como se estivesse determinada a demonstrar alguma coisa a si mesma, desapertou a manta que envolvia Abelha.

A minha filha estava vestida com umas roupagens de seda e renda como

nenhum outro dos filhos de Moli tinha alguma vez usado. Mesmo adaptadas para servir à nossa minúscula bebé — pois Moli tinha-as confeccionado meses antes do nascimento —, só enfatizavam como ela era minúscula. As mãos de Abelha estavam fechadas e encostadas ao seu peito, e Kettricken fitou os dedinhos, pequenos como os de uma ave. Como quem se desafia, tocou a mão esquerda de Abelha com o indicador.

Os outros hóspedes tinham-se aproximado, contando que também eles seriam autorizados a vê-la. Kettricken ergueu o olhar, não para mim, mas para a Dama Consolação, sua curandeira. A mulher viera para junto do ombro da antiga rainha para ver a criança e nessa altura, quando o seu olhar se cruzou com o de Kettricken, eu compreendi o que a sua expressão resignada transmitia. Vira-o nos olhos das mulheres do nosso pessoal. Na opinião da curandeira, Abelha não seria criança que permanecesse durante muito tempo neste mundo. Fosse o que fosse que Kettricken pensasse sobre o seu cabelo claro e olhos azuis, nada disse sobre eles. A velha rainha enrolou suavemente as mantas à volta dela e voltou a cobrir-lhe a cara. O ato arrepiou-me, pois os seus dedos moveram-se com tanta suavidade como se estivesse a amortilhar uma criança morta. “Ela é tão minúscula,” disse, ao devolver Abelha à mãe. Oferecia solidariedade. De alguma forma, as palavras transmitiram que compreendia o motivo por que Abelha não fora anunciada a um mundo onde permaneceria só brevemente.

Ao ver os braços de Moli rodear a bebé, detetei o seu alívio por ter Abelha de volta ao seu regaço. As costas de Moli estavam direitas como as de um guarda, os olhos calmos, e a voz uniforme quando acrescentou: “Mas perfeita.”

“E vai crescendo todos os dias,” menti eu com animação.

O silêncio seguiu-se às minhas palavras e eu desejei poder chamá-las de volta. Todas as mulheres chegaram mentalmente a conclusões sobre a sua importância, mas só a curandeira falou. “Quão pequena era ela quando nasceu? Chegou prematura?” A sala silenciou-se, à espera de uma resposta.

Mas Moli limitou-se a apertar Abelha contra si e a dirigir-se para a lareira, onde parou. Embalou e deu palmadinhas à bebé, mantendo-se em silêncio e, como se tivessem sido repreendidos, os hóspedes recuaram para

ocupar cadeiras. Até Kettricken encontrou uma cadeira confortável; só a Dama Consolação permaneceu em pé. Estudou Moli e de súbito observou: “Pareceis ter recuperado muito depressa do vosso confinamento, Dama Moli.” Uma pergunta não proferida. *A bebé é mesmo tua?*

“Foi fácil para mim,” respondeu Moli com modéstia e afastou o olhar dos homens presentes na sala. Consegui sentir quão ávida a Dama Consolação se sentia por fazer mais perguntas; tinha a ânsia do curandeiro para conhecer a raiz de todos os problemas e depois aplicar as suas capacidades para os resolver. Moli também o sentiu, e isso deixou-a incomodada. Quando olhava para a nossa filha, nada via de errado, exceto Abelha ser muito mais pequena do que todos os seus outros bebés tinham sido. Mas no olhar inquisidor da curandeira Moli leu que a mulher via Abelha como mutilada ou enfermiza. Se tivesse sido entregue aos cuidados daquela mulher, ela tentaria consertar a nossa bebé como se Abelha fosse um brinquedo quebrado. Senti uma vaga de antipatia pela mulher; como se atrevia ela a ver a minha Abelha como menos que perfeita? E por baixo disso, uma fria corrente de receio pela possibilidade de ela, de alguma forma, ter razão. Senti-me percorrer por uma ânsia por levá-la para um sítio seguro, para longe dos olhos ansiosos da curandeira. Não desejava ouvir nada que a mulher pudesse dizer sobre Abelha. O meu olhar encontrou o de Moli. Ela apertou mais a bebé a si e depois sorriu.

“Sois tão gentil por mostrardes preocupação por mim. É tão atencioso da vossa parte pois, claro, eu canso-me facilmente. Não é fácil ser mãe na minha idade.” Moli dirigiu um sorriso a todos os seus hóspedes. “Muito obrigada por compreenderdes que a minha filha vá assumir os meus deveres de anfitriã, pois sei que compreendeis a minha necessidade de me recolher cedo. Mas, por favor, não sintais que tendes de me imitar. Eu sei que o meu marido tem ansiado por companhia e raramente tem a possibilidade de passar horas a conversar com velhos amigos. Só vou incomodá-lo para levar o berço de Abelha comigo, e já o mando para junto de vós.”

Esperei ter ocultado a surpresa que senti. Não foi só ela ter tomado uma decisão tão súbita, mas a forma imperiosa como Moli informou todos os que ali se encontravam de que o fizera. Captei um vislumbre da cara de

Urtiga; já estava a calcular como reparar o dano social. Na posição da boca, vi duas coisas: partilhava o medo da mãe de que a Dama Consolação pudesse encontrar algo de errado com Abelha, e partilhava a sua maré fria de certeza de que a curandeira teria razão.

Mas eu tinha um berço a erguer. Outra vez. E um longo lanço de escadas à minha frente. Così um sorriso na cara e peguei na minha carga. Os nossos hóspedes dirigiram-nos um coro de rápidas boas-noites. Moli precedeu-me e eu segui atrás, com o orgulho a ceder tanto como as costas. Assim que a porta se fechou atrás de nós, Moli sussurrou: “Esta noite ela dorme no nosso quarto, junto da minha cama.”

“Precisamente o que penso.”

“Não gosto de como aquela mulher olhou para Abelha.”

“A Dama Consolação?”

Moli guardou o silêncio, agora a ferver. Sabia que eu queria a garantia de que não se ofendera com o comentário de Kettricken, mas não ma quis dar. Ofendera-se com a Dama Consolação e, como Kettricken a trouxera para a nossa casa, ampliava a afronta até à antiga rainha. Sabia que isso me dividia a lealdade, mas não me ofereceu qualquer alívio. Caminhou a um passo vivo pelo corredor e depois pela larga escadaria até ao nosso quarto no andar seguinte. Eu segui-a mais devagar, com o berço a pesar-me mais a cada passo. Quando o pousei no nosso quarto, Moli já instalara Abelha no centro da nossa cama e eu soube que a bebé dormiria entre nós. Ah, mais valia assim. Movi-me rapidamente pelo quarto, a fingir fechar melhor as cortinas e a espreitar o fogo, mas na realidade a verificar nichos e cortinados em busca de intrusos. Guardei silêncio enquanto ela libertava Abelha das roupas finas e a vestia com uma suave camisinha de dormir. A peça de roupa era enorme para ela. Enquanto Moli aconchegava o excesso de comprimento em volta dos pés da bebé, perguntei-lhe em voz baixa: “Vais ficar bem aqui se eu voltar para junto dos nossos hóspedes, lá em baixo?”

“Vou trancar a porta quando saíres,” disse-me ela.

Olhei-a nos olhos. O olhar da minha parceira disse-me que a nossa criança ficaria em segurança com ela. “Isso seria sensato,” concordei. “Eu bato e

falo através da porta quando vier para a cama.”

“Bem. Isso é tranquilizador,” disse ela em voz baixa e depois, a contragosto, ambos nos rimos.

“Tenho a certeza de que estou a ser tolo por me preocupar tanto,” menti.

“Tenho a certeza de que estás a ser tolo por pensares que eu acreditaria em ti,” respondeu ela e seguiu-me até à porta. Depois de a porta se fechar atrás de mim, ouvi Moli debater-se por um momento com uma tranca perra por só raramente ser usada. Depois ouvi-a a deslizar para o lugar, metal contra metal. Era um som bom.

Kettricken e os companheiros só ficaram uma noite. Não levámos Abelha para baixo ao pequeno-almoço no dia seguinte e ninguém pediu para a ver. O menestrel não chegou a ser chamado para testemunhar a sua existência, em público ou em privado. Kettricken nunca mencionou que Abelha devia ser documentada como filha legítima de FitzCavalaria Visionário. Nunca foi introduzida na linhagem formal dos possíveis herdeiros do trono. A sua vida não seria como a da irmã; isso era bastante claro. Kettricken avaliara a minha filha e achara-a insatisfatória. Não consegui decidir se me sentia enfurecido por ela pôr Abelha de parte ou profundamente grato.

Pois havia outro lado nessa moeda. Se Kettricken tivesse reconhecido a minha filha, mesmo que em privado, isso teria construído um véu de proteção à volta dela. O facto de não ter reclamado Abelha como parte da dinastia Visionário punha-a fora do círculo e deixava-a na condição em que eu fora deixado durante tantos anos: um Visionário que era ao mesmo tempo um ativo e um passivo para o trono.

Kettricken anunciou que teria de partir pouco depois do meio-dia, e que os amigos também iam prosseguir a viagem para as respetivas casas. Os olhares que me deitou eram profundamente compreensivos. Creio que partira do princípio de que eu e Moli desejávamos ser deixados em privado com a nossa minúscula bebé, para passarmos com ela o tempo que fosse possível antes que se fosse. Teria sido um gesto gentil, se Abelha estivesse realmente a morrer. Assim, foi difícil despedir-me dela com amizade, pois, com a sua partida, quase pareceu estar a desejar uma morte rápida à minha

filha.

Urtiga ficou uma semana connosco. Via Abelha todos os dias, e creio que se apercebeu de que, embora Abelha não estivesse a vicejar e a crescer, também não estava a murchar. Ficava como era, comia e bebia, com olhos que absorviam tudo, com a centelha de Manha forte na minha consciência. Por fim, Urtiga anunciou que tinha de regressar para Torre do Cervo e para os deveres que aí tinha. Antes de partir, encontrou um momento de sossego para me repreender por não lhe ter falado mais cedo do nascimento de Abelha e para suplicar que caso houvesse alguma mudança na saúde da criança ou de Moli, lhe transmitisse imediatamente a informação através do Talento. Prometi-lho sem dificuldade.

Não contactei Breu pelo Talento para lhe falar do espião falhado. Precisava de tempo para pensar. Abelha estava em segurança. Tivesse aquilo sido brincadeira, teste ou ameaça, tivesse sido o que fosse, tinha acabado. Eu pouco vira do jovem Lante durante a permanência de Kettricken, mas saí para me assegurar de que ele a acompanhava quando ela partira. Nos dias que se seguiram não ouvi nada de Breu a seu respeito.

Nas semanas subsequentes, os filhos de Moli chegaram e partiram um a um ou dois a dois, alguns com mulheres e filhos, outros sozinhos. Inspeccionaram Abelha com a equanimidade carinhosa e tolerante de irmãos muito mais velhos. Ali estava ela, outro bebé, muito pequeno, mas a mãe parecia feliz e Tomé Texugo parecia contente com o que lhe saíra em sorte, portanto nada havia ali para os preocupar, ao contrário das muitas preocupações que tinham nas respetivas casas. A casa pareceu ficar mais silenciosa depois de a companhia partir, como se o inverno se tivesse realmente instalado nos ossos da terra.

Eu desfrutei da senhora minha esposa e da minha filha.

E refleti sobre a jogada seguinte.

CAPÍTULO 8

O COVIL DA ARANHA

E assim, como sempre fiz, viro-me para ti em busca de conselho. Apesar de seres Bobo, sempre me deste os conselhos mais sábios. Mesmo sabendo como é impossível, anseio por uma vez mais me sentar e trocar ideias contigo. Sempre tiveste uma mente capaz de olhar para o nó emaranhado da política da corte e dizer-me a que estava cada fio amarrado e onde estava encurralado, de seguir cada fio da corda de carrasco de volta ao seu instigador. Sinto agudamente a falta da tua perspicácia, tanto como sinto a falta do teu companheirismo. Guerreiro não eras e, no entanto, contigo nas minhas costas, sentia-me protegido como com nenhum outro.

Mas também admito que me feriste como poucos conseguiriam ferir. Escreveste a Jofron? Mas a mim não? Se tivesse recebido nem que fosse uma nota tua, em todos estes anos, pelo menos teria um lugar para onde enviar estas reflexões inúteis. Por mensageiro ou ave, podia enviar-tas e imaginar que, em algum distante momento ou lugar, elas te alcançariam e tu me dirigirias um pensamento. Conheces a minha natureza. Pego nos bocados e nas pistas e encaixo-as para formar uma imagem na qual tu deliberadamente não me escreves para eu não poder contactar-te de nenhuma forma. Porquê? O que posso pensar, além de temeres que eu arranje alguma forma de desfazer o teu trabalho? A partir desse alicerce, tenho de me interrogar sobre se teria sido sempre isso que eu fui para ti. Só o Catalisador? A arma que tem de ser brandida sem misericórdia e depois posta de parte para que não possa de alguma forma fazer-te dano a ti ou ao teu trabalho?

Preciso de um amigo e não tenho nenhum a quem possa admitir a minha fraqueza, o meu medo, os meus erros. Tenho o amor de Moli e a necessidade de Abelha pela minha força. Não me atrevo a admitir perante nenhuma delas que o meu coração se parte ao ver Abelha

continuar a ser uma bebé passiva. Enquanto os meus sonhos para ela se evaporam e eu temo um futuro no qual ela permaneça para sempre infantil e atrofiada, a quem posso confidenciar a minha dor? A Moli, que é louca por ela e insiste ferozmente que o tempo lhe dará o que lhe falta? Ela não parece reconhecer que a nossa filha parece menos inteligente que um pinto de dois dias. Bobo, a minha filha não me olha nos olhos. Quando a toco, afasta-se de mim o máximo que consegue. O que não é muito, pois não rebola nem levanta a cabeça. Não faz um som, exceto quando chora. Mesmo isso não é frequente. Ela não tenta agarrar o dedo da mãe. É passiva, Bobo, mais planta que criança, e o meu coração quebra-se diariamente por causa dela. Quero amá-la, e em vez disso descubro que perdi o coração pela criança que não está lá, a criança que imaginei que ela seria. E por isso olho para a minha Abelha e anseio por que ela seja quem não é. Quem, talvez, nunca venha a ser.

Ah, não sei que reconforto alguém poderia oferecer-me, exceto deixando-me dizer estas coisas em voz alta e não recuar horrorizado pela minha desumanidade.

Em vez disso, escrevo estas palavras e entrego-as às chamas ou à confusão de outras reflexões inúteis que escrevo obsessivamente todas as noites.

Esperei meses até ir ao Castelo de Torre do Cervo para enfrentar Breu e a Dama Rosamaria.

Durante esses dias, a casa esteve calma, mas ocupada da forma rotineira como a vida era sempre ocupada. A minha filhinha mamava bem e dormia tão pouco como qualquer recém-nascido, de acordo com Moli, o que me parecia ser uma quantidade impossivelmente pequena de sono. Mas não perturbava as nossas noites com choros. Em vez disso, ficava quieta e silenciosa, de olhos abertos, fitando o canto do quarto escurecido. Dormia ainda abrigada entre mim e Moli e passava todas as horas do dia ao cuidado da mãe.

Abelha crescia, mas tão devagar. Continuava saudável, mas Moli confidenciou-me que não fazia o que os outros bebês da sua idade eram capazes de fazer. A princípio, ignorei esta preocupação. Aos meus olhos, Abelha era pequena mas perfeita. Quando a fitava no berço, ela mirava o teto com um olhar azul que me trespassava o coração com amor. “Dá-lhe tempo,” dizia eu a Moli. “Ela lá chegará. Eu alimentei muitos cachorros débeis e vi-os tornarem-se os mais inteligentes cães de caça da matilha. Ela conseguirá.”

“Ela não é um cachorro!”, censurava-me Moli, mas sorria e acrescentava: “Passou muito tempo no ventre e emergiu pequena. Talvez também leve mais tempo a crescer fora de mim.”

Não creio que ela acreditasse nas minhas palavras, mas ficava reconfortada na mesma. À medida que os dias passavam, porém, eu deixei de conseguir ignorar que a minha bebé não estava a mudar. Quando fez um mês, era pouco maior do que quando nascera. A princípio as criadas comentavam como ela era um “bom bebé,” tão calmo e plácido. Mas depressa pararam de dizer tais coisas e a piedade cresceu nos seus rostos. Em mim nasceu o medo de que a nossa filha pudesse ser idiota. Não tinha nenhuma das características de uma criança atrasada que todos os pais conhecem. A língua cabia-lhe na boca, os olhos e orelhas eram proporcionais à sua carinha. Era linda como uma boneca e igualmente pequena e sem reação.

Não enfrentei a verdade nessa altura.

Em vez disso, concentrei-me no espião que Breu enviara para minha casa. Em silêncio, a minha ira cresceu. Talvez a tenha alimentado com o medo e o terror que não conseguia admitir a mim próprio. Pensei longamente sobre isso. Não queria confrontar Breu através do Talento. Disse a mim mesmo que tinha de estar à frente dele e obrigá-lo a reconhecer que eu não era homem com quem se pudesse brincar, em especial no que tocava à minha filha.

Ao passarem quatro meses, satisfeito por tudo se ter mantido calmo em casa, inventei uma desculpa para visitar Margens Limpas. A minha história era querer examinar um garanhão que tinha ouvido dizer que lá havia.

Prometi a Moli regressar assim que pudesse, embalei roupa quente para uma viagem gélida e escolhi, no estábulo, uma égua castanha sem nada de notável, chamada *Surtida*. A égua era uma montada de pernas altas com um passo fácil que devorava quilómetros e não tinha nenhuma ambição de desafiar o cavaleiro. Achei-a a montada perfeita para a viagem até à Cidade de Torre do Cervo.

Podia ter usado as pedras verticais para fazer a viagem, mas teria sido obrigado a instalar o cavalo num estábulo, algures. Disse a mim próprio que não desejava atrair curiosidades e, embora o que tinha a tratar com Breu fosse urgente, não era uma emergência. E conseguia admitir a mim próprio que tinha medo de o fazer. Desde que usara as pedras para viajar até à cama de enfermo de Breu, sentia-me tentado a repetir a experiência. Se fosse mais novo e menos experiente com o Talento, tê-lo-ia atribuído à curiosidade e a um desejo de conhecimento. Mas já antes sentira aquela ânsia: era a fome de Talento, uma vontade de usar a magia simplesmente para sentir o entusiasmo de ser atravessado por ela. Não. Não voltaria a correr o risco de viajar pelos pilares de Talento. Especialmente porque suspeitava que Breu agora os monitorizava e ficaria ciente da minha chegada.

Pretendia surpreender a velha aranha. Ele que se lembrasse de como era descobrir que alguém penetrara nas suas defesas.

Cavalgava do início da manhã até a noite já ir avançada, comendo de caminho carne seca ou bolos de aveia, e dormindo bem afastado da berma da estrada. Havia anos que não viajava de forma tão rústica e as dores nas costas, todas as manhãs, fizeram-me lembrar de que, mesmo quando eu era jovem, aquilo fora desconfortável. Apesar disso, não parei em nenhuma estalagem nem em nenhuma das vilórias por que passei. A um dia de distância de Floresta Mirrada, vestira o traje humilde de um mercador. Fiz todos os possíveis por evitar que alguém reparasse na passagem de um viajante solitário, já para não falar de me reconhecer como Tomé Texugo.

Calculei a minha viagem para chegar a Torre do Cervo ao fim da noite. Encontrei uma estalagenzinha limpa nos arredores da Cidade de Torre do Cervo e paguei um quarto para passar a noite e um estábulo para o meu

cavalo. Comi uma boa refeição de porco assado, maçãs secas guisadas e pão escuro e subi para o meu quarto.

Quando a noite ia alta e escura, saí discretamente da estalagem e dei um longo passeio até ao Castelo de Torre do Cervo. Não me dirigi a nenhuma das portas, mas a uma entrada muito secreta que descobrira enquanto era aprendiz de Breu. O que fora uma fenda na muralha, fora “reparada” para criar uma maneira escondida de entrar e sair do castelo. Os espinheiros que ocultavam a entrada eram tão densos como sempre, e fiquei com a pele e o gibão rasgados antes de chegar à pedra da muralha propriamente dita e me espremer pela fenda enganadoramente estreita que aí havia, conseguindo entrar em Torre do Cervo.

Mas penetrar na muralha exterior era só o primeiro passo. Estava dentro das muralhas da fortaleza mas não dentro do castelo propriamente dito. Aquela secção do terreno da fortaleza estava reservada para a proteção de gado no caso de sermos algum dia cercados. Durante a Guerra dos Navios Vermelhos, alguns animais tinham sido mantidos ali em permanência, mas eu duvidava que a zona tivesse sido muito usada em tempos recentes. Na escuridão, por trás de uns currais vazios, livre-me da blusa de tecido grosseiro e das calças largas e ocultei as peças de roupa num bebedouro seco. Por baixo, vinha vestido do azul de Torre do Cervo, com o meu velho uniforme azul de guarda de Cervo. Estava-me um pouco mais apertado no centro do corpo do que eu recordava, e tinha o cheiro a pulicária e cedro da arca onde o guardara, mas confiei que evitaria suspeitas num relance casual.

De cabeça baixa e caminhando lentamente como se estivesse cansado ou talvez um pouco bêbado, vagueei pelo pátio e entrei pela porta da cozinha que levava à sala de jantar dos guardas. Aquele regresso secreto a casa transmitiu-me uma estranha mistura de emoções. O Castelo de Torre do Cervo, e muito especialmente as cozinhas, sempre seriam para mim um lar. Foram tantas as recordações de infância que me acometeram perante a vaga de aromas que me acolheram! Cerveja e carnes fumadas e queijos gordos, pão a cozer e sopa quente a borbulhar e a chamar-me. Quase cedi à tentação de entrar, sentar-me e comer. Não por ter fome, mas só para voltar a deleitar-me com os sabores do lar.

Em vez disso, caminhei pelo corredor lajeado de pedra, passando por dois quartos de arrumações; mesmo antes da escada da adega, entrei numa certa despensa. Aí, deixei a autodisciplina fender e servi-me de uma curta corda de salsichas antes de acionar o painel de prateleiras que dava acesso às passagens secretas do castelo. Fechei-o atrás de mim e fiquei um momento parado na completa escuridão daquelas passagens.

Comi uma das salsichas e desejei, inutilmente, que tivesse havido tempo para me servir de uma caneca de cerveja de Torre do Cervo para a acompanhar. Depois, com um suspiro, deixei que os pés me levassem pelos sinuosos corredores e estreitas escadas que percorriam as paredes interiores do Castelo de Torre do Cervo. Aquele era um labirinto que eu conhecia desde a infância. As únicas surpresas que encontrei foram as poucas teias de aranha, que eram um risco conhecido naquele dédalo.

Não me dirigi aos aposentos secretos onde Breu começara a ensinar-me o mister do assassino. Sabia que ele já não vivia nem dormia como outrora nesse lugar. Em vez disso, serpentei pela passagem estreita por trás das paredes do mesmo piso em que ficava o quarto do rei. Depressa ganhei acesso ao grandioso quarto de Breu através de um painel coberto de espelhos na sua casa de banho e fiquei um pouco surpreendido por ele não o ter tapado de alguma forma. Esgueirei-me em silêncio para o quarto, temendo que ele estivesse à minha espera depois de ter, de alguma forma, adivinhado o meu plano, mas o quarto estava vazio e gelado, com o fogo muito abafado na lareira. Movendo-me rapidamente, tirei do bolso uma bolota reluzente e deixei-a sobre o canto da almofada dele. Depois voltei a retirar para o labirinto de espionagem e dirigi-me para o seu velho laboratório de assassino.

Ah, mas como ele mudara desde a minha infância. O chão estava varrido e lavado, limpo de terra e de poeira. A mesa de madeira marcada onde conduzíamos as nossas experiências quando eu era rapaz estava imaculadamente vazia de ingredientes e instrumentos. Tudo estava organizadamente guardado em prateleiras. As tigelas e material de vidro tinham sido limpos e organizados por categoria. Havia um lugar específico para cada almofariz e pilão e para cada colher de madeira, ferro e latão.

Havia muito menos armações para rolos do que eu recordava e as que havia estavam muito bem organizadas. Outra armação continha as ferramentas do meu antigo ofício. Pequenas facas e lâminas chanfradas, algumas embainhadas e outras nuas, viam-se ao lado de pós e pastilhas bem embaladas e etiquetadas, algumas soporíferas, outras tóxicas. Reluzentes agulhas de prata e latão estavam enfiadas em segurança em fitas de couro suave. Garrotes enrolados dormiam como pequenas serpentes mortíferas. Alguém com uma mente muito metódica estava agora encarregue daquilo. Não era Breu. Por mais brilhante e preciso que o homem fosse, nunca fora arrumado. E também não via sinais das suas permanentes pesquisas; nenhum velho manuscrito esfarrapado esperava tradução ou cópia. Não havia penas estragadas espalhadas por todo o lado, não havia recipientes de tinta abertos. Um sumptuoso colchão de penas cobria a velha cama de madeira e o pequeno fogo na lareira bem varrida ardia de forma limpa. A cama parecia ser mais para ostentação do que algo usado de forma regular. Perguntei a mim mesmo quem cuidaria agora daqueles aposentos. Certamente que não era o Obtuso. O homenzinho simplório era velho para alguém como ele e nunca gostara das suas tarefas domésticas. Não teria abastecido uma prateleira com velas de cera, altas e direitas como soldados em formatura, prontas a ocupar o seu lugar nos castiçais. Acendi duas para substituir as que já se tinham quase apagado nos castiçais de latão que estavam sobre a mesa.

Deduzi que aqueles fossem agora os domínios da Dama Rosamaria. Sentei-me na sua cadeira almofadada perto da lareira depois de adicionar a esta dois bocados de lenha. Numa pequena mesa ali perto havia pequenos biscoitinhos doces numa tigela tapada e uma licoreira com vinho. Servi-me, estendi os pés para a lareira e recostei-me. Não me importava com qual dos dois me encontraria ali. Tinha algo a dizer a ambos. O meu olhar vagueou pela prateleira da lareira e quase sorri ao ver que a faca da fruta do Rei Sagaz ainda continuava espetada no centro. Perguntei a mim mesmo se a Dama Rosamaria conheceria a história de como ela acabara ali. Perguntei a mim mesmo se Breu se lembraria da fúria fria que eu sentira quando enfiara a lâmina na madeira. A ira que ardia agora em mim era mais fria e muito

mais controlada. Eu diria o que tinha a dizer e, quando terminasse, chegaríamos a um acordo. Segundo os meus termos.

Breu sempre fora uma coruja noturna. Resignei-me a uma longa espera até ele encontrar a minha mensagem na sua almofada. O tempo passou e eu dormitei na cadeira, levemente. Mas quando ouvi o leve raspar de chinelos na escada, soube que o passo não era o dele. Ergui a cabeça e virei o olhar para a escada oculta. Uma pesada tapeçaria cobria-a para manter afastada a corrente de ar vinda do labirinto. Só senti uma leve surpresa quando ela foi erguida para revelar o semblante do jovem FitzVigilante. Estava vestido com muito maior simplicidade do que da última vez que o vira, com uma simples camisa branca, colete azul e calças pretas. Os sapatos baixos e suaves sussurraram a sua aproximação. Os grandes brincos de prata na sua orelha tinham sido substituídos por brincos muito mais pequenos de ouro. O cabelo despenteado sugeria que ele talvez se tivesse levantado da cama para desempenhar os deveres que ali o traziam.

Vi-o sobressaltar-se ao ver as velas acabadas de acender. Fiquei muito imóvel e foi necessário um momento para os seus olhos me distinguirem. Então, abriu a boca ao ver um humilde guarda num lugar tão especial e secreto antes de me reconhecer. “Vós!”, arquejou e deu um passo atrás.

“Eu,” afirmei. “Bom, vejo que ficaram contigo. Mas ainda tens muito a aprender sobre cautela, parece-me.” Ele fitou-me sem uma palavra. “Suspeito que a Dama Rosamaria ou Dom Breu irão chegar em breve para uma aula noturna contigo. Acertei?”

Ele abriu a boca para falar, depois fechou-a. Bom. Talvez tivesse aprendido um pouco sobre cautela desde a última vez que nos tínhamos encontrado. Ensaiei um movimento lateral na direção da estante das armas. Eu sorri e aconselhei-lhe cautela com um brandir de dedo. Depois, um movimento de pulso e uma faca saltou para a minha mão. Há truques que nunca esquecemos. Ele fitou-a de boca aberta e ergueu olhos esbugalhados para olhar para mim.

Foi muito gratificante. De súbito senti curiosidade de saber se alguma vez teria olhado para Breu com aquele respeito de cachorro. Tomei uma decisão. “Nenhum de nós precisa de estar armado,” disse-lhe numa voz

agradável. Dobrei a mão e a faca desapareceu. Bastava que ele soubesse quão depressa ela poderia reaparecer. Recostei-me na cadeira e pareci descontrair-me, e vi os seus ombros baixar-se em resposta. Suspirei de mim para mim. O moço tinha tanto a aprender.

Por agora, contudo, a sua ingenuidade servia bem aos meus propósitos. Fitei-o por um momento, lendo nele o máximo possível sem tornar o olhar fixo. Ele teria as defesas erguidas contra perguntas diretas. Mas já estava a ficar desconfortável com o meu silêncio. Suspirei, deixando o corpo parecer descontrair-se ainda mais, enquanto voltava a estender a mão para o vinho. Servi-me de outro copo. Ele mexeu desconfortavelmente os pés. “Esse é o vinho preferido da Dama Rosamaria,” disse, numa leve objeção.

“Ah é? Bem. Nesse caso, ela tem bom gosto. E eu sei que não se vai importar de partilhar um pouco comigo. Conhecemo-nos há muito tempo... não passava de uma criança quando a conheci.”

Aquilo espevitou-lhe o interesse. Perguntei a mim mesmo quanta informação sobre mim lhe teria sido transmitida quando o enviaram na missão ao berço de Abelha. Não demasiada, pareceu-me. Para Breu, a cautela era a virtude cujo valor ultrapassava quase todas as outras. Sorri-lhe. Ele mordeu o isco.

“Foi ela quem vos mostrou como chegar aqui? A Dama Rosamaria?” Sulcos surgiram-lhe na testa quando ele tentou encaixar tudo e ver onde era o meu lugar.

“Com quem estás tu a falar, Lante?” A voz da Dama Rosamaria alcançou-nos antes de ela entrar na sala. O rapaz girou na direção dela. Eu permaneci onde estava, de copo de vinho na mão.

“Oh.” Ela parou, a segurar a cortina, e olhou para mim. Eu dissera ao aprendiz a verdade. Conhecera-a quando era uma criança, embora tivéssemos tido pouco a ver um com o outro desde então. O Príncipe Majestoso recrutara-a quando era uma aiazinha rechonchuda, ainda mais nova do que FitzVigilante. Majestoso encontrara-lhe uma posição, a servir a princesa das Montanhas que casara com o Rei Expectante Veracidade. Ela fora a espiãzinha de Majestoso junto da mulher do irmão, e era muito provável que tivesse sido ela a engordurar os degraus da torre e a levar

Kettricken, grávida, a dar uma grande queda. Isso nunca fora provado. Quando Majestoso fora derrubado do poder, todos os seus lacaios tinham também caído em desgraça, e entre eles contava-se a pequena Rosamaria.

Só a natureza clemente de Kettricken a salvara. Numa altura em que todos os outros a evitavam, Kettricken vira-a como uma criança confusa, dilacerada entre lealdades, e muito possivelmente só culpada de tentar agradar ao homem que fora tão gentil com a sua mãe. A Rainha Kettricken levava-a de volta para a sua corte e cuidara da sua educação. E Breu, que nunca fora homem para desperdiçar nada, vira-a como uma ferramenta parcialmente treinada na espionagem e assassinio, e depressa a tornara sua.

Agora estava na minha frente, uma mulher a meio da vida, uma dama da corte, e uma assassina treinada. Examinámo-nos um ao outro. Ela reconheceu-me. Perguntei a mim próprio se se lembraria claramente de como fingira dormir nos degraus do trono da rainha expectante enquanto eu fazia relatórios a Kettricken. Mesmo passados todos aqueles anos, eu sentia tanto horror como ressentimento por uma mera criança me ter enganado tão facilmente. Ela entrou na sala, baixou os olhos perante o meu olhar e depois fez uma profunda vénia.

“Dom FitzCavalaria Visionário. Honrais-nos. Bem-vindo.”

E com toda aquela limpeza, voltara a trocar-me as voltas. Não sabia se tentava transmitir-me respeito ou se estava a transmitir informação ao aprendiz o mais depressa possível. A rápida inspiração do rapaz disse-me que ele não fizera a mínima ideia da minha verdadeira identidade, mas que agora adivinhava toda a importância da minha visita. E talvez compreendesse mais do seu recado original em Floresta Mirrada. Fitei-a friamente. “Nunca ninguém te preveniu sobre o que podes invocar quando das as boas-vindas e nomeias um fantasma?”

“Bem-vindo? Honrar? Eu chamava-lhe um extremo aborrecimento, por aparecer a esta hora sem ser anunciado.” Breu entrou na sala, saindo de trás da mesma tapeçaria que deixara entrar Rosamaria. A Dama Rosamaria trazia um simples vestido matinal e suspeitei que, independentemente de qual fosse a aula que planeava para FitzVigilante, pretendia dar início ao seu dia. Em contraste, Breu estava garbosamente trajado, trazendo uma

camisa apertada com volumosas mangas brancas. A camisa era cintada de negro e prata e a fralda caía-lhe quase até aos joelhos. As meias eram negras, os chinelos também, mas com contas prateadas. O cabelo prateado estava atado atrás num severo rabo de cavalo de guerreiro. Era claro que estava no fim de uma longa noite de divertimento e não no início de um dia de trabalho.

Foi direto. “O que te traz aqui?”

Olhei-o nos olhos. “Foi essa mesma pergunta que eu fiz ao jovem FitzVigilante há cerca de quatro meses. A resposta dele não me satisfez, portanto achei que podia vir até cá e obter outra melhor. De ti.”

Breu soltou uma fungadela de desdém. “Bom. Houve uma época em que não eras tão severo com uma partida que te fosse pregada.” Atravessou a sala, com o porte um pouco rígido. Suspeitei que por baixo daquela camisa havia uma ligadura a ajudá-lo a parecer em forma e a aliviar as suas velhas costas. Alcançou a lareira e olhou em volta com um ar distraído. “Onde se meteu a minha cadeira?”

Rosamaria soltou um pequeno suspiro exasperado. “Passaram-se meses desde que estivestes cá em cima e me dissestes que eu podia organizar as coisas da forma que me fosse conveniente.”

Ele franziu o sobrolho. “Isso não quer dizer que podes organizar as coisas de uma forma que me seja desconfortável.”

Ela franziu os lábios e abanou a cabeça, mas dirigiu um gesto a FitzVigilante. “A cadeira velha está no canto, com o outro lixo que ainda não foi deitado fora. Vai buscá-la, por favor.”

“Lixo?”, repetiu Breu com indignação. “Que lixo? Eu não tinha lixo nenhum cá em cima!”

Ela cruzou os braços ao peito. “Tigelas rachadas e copos lascados. Um pequeno caldeirão com uma asa partida. Frascos de óleo antigo, quase transformado em goma-laca. E todo o resto da tralha que empurrastes para a ponta da mesa.”

A carranca de Breu aprofundou-se, mas ele limitou-se a grunhir em resposta. FitzVigilante trouxe a velha cadeira de volta para o seu lugar junto da lareira. Sem me levantar, fiz deslizar a cadeira de Rosamaria para abrir

lugar para ela. Pela primeira vez em décadas, olhei para a cadeira de Breu. Os entalhes em voluta estavam cheios de marcas. As juntas estavam soltas e, na almofada, ainda se via o local onde eu a remendara depois da tremenda batalha que o furão *Sorratoiro* tivera uma noite com ela. Olhei para a sala em volta. “Nada de furão?”, perguntei.

“E nada de caganitas de furão,” respondeu Rosamaria com uma voz cáustica.

Breu fitou-me e revirou os olhos. Com um suspiro, baixou-se para a cadeira. Esta rangeu sob o seu peso. Dirigiu-se-me. “Bem, Fitz. Como tens passado?”

Não ia permitir que ele ignorasse tão facilmente a minha missão. “Aborrecido. Ofendido. E cauteloso, desde que descobri um assassino a rastejar em volta do berço da minha bebé.”

Breu soltou um resfôlego divertido de menosprezo. “Um assassino? Dificilmente. Ainda mal consegue ser um espião.”

“Bem, isso é tão reconfortante,” respondi.

“Ah, Fitz, onde mais podia ele começar a sua aprendizagem prática? As coisas não são como quando eras rapaz e tínhamos uma guerra a ferver e um pretendentezinho traiçoeiro ao trono a pavonear-se e a conspirar em Torre do Cervo. Eu tinha uma dúzia de maneiras de medir os teus progressos aqui mesmo dentro das muralhas do castelo. Mas o FitzVigilante não tem tanta sorte. Tenho de o enviar para mais longe para o testar. Tento escolher cautelosamente as tarefas que lhe atribuo. Sabia que não lhe farias mal. E achei que podia ser uma boa forma de testar o seu temperamento.”

“Então não foi para me testares a mim?”

Ele ergueu a mão do braço da cadeira e fez um aceno vago com ela. “Talvez um pouco. Nunca faz mal assegurarmo-nos de que um homem não perdeu o gume.” Olhou em volta. “Isso é vinho?”

“Sim.” Voltei a encher o meu copo e ofereci-lho. Ele aceitou-o, bebeu um gole e pousou o copo. Quando o fez, perguntei: “E então? Porque é que eu ainda preciso de gume?”

Ele fitou-me, com os olhos verdes penetrantes. “Trazes ao mundo outro Visionário e perguntas-me isso?”

Controlei a irritação. “Não é Visionário nenhum. O nome dela é Abelha Texugo.” Cerrei os dentes antes de dizer que a minha pequenina nunca seria um perigo para ninguém.

Com o cotovelo no braço da cadeira, ele pousou o queixo na mão. “Se pensas que um escudo tão fino como esse pode protegê-la, perdeste mesmo o gume.”

“Protegê-la de quê?” Olhei para trás dele, para onde Rosamaria e FitzVigilante estavam em pé. “O único perigo que vi veio de gente em quem devia conseguir confiar. Gente que pensei que a protegeria.”

“Não foi perigo. Foi um lembrete de que tens de ser vigilante. Desde o início. Quando descobrires que existe perigo, é demasiado tarde para pores as defesas no lugar.” Eriçou as sobrancelhas na minha direção. “Diz-me, Fitz, que planeaste tu para esta criança? Que educação, que treino? O que lhe darás como dote, e com quem esperas que case?”

Fitei-o. “Ela é um bebé, Breu!” E provavelmente sê-lo-ia sempre. Mesmo se começasse a crescer e mostrasse uma mente inteligente, havia tempo com fartura para pensar nessas coisas. Mesmo assim, o facto de eu não ter dedicado nenhum pensamento a tais coisas atingiu-me. O que seria dela quando eu e Moli tivéssemos partido? Especialmente se fosse uma idiota?

Breu virou-se na cadeira e o contorno da ligadura mostrou-se brevemente por baixo da camisa. Fitou furioso o nosso público. “Vós os dois não tendes uma aula à vossa espera?”

“Sim, mas...”

“Noutro sítio qualquer,” acrescentou ele de forma autoritária.

Rosamaria cerrou os lábios por um momento. “Amanhã,” disse a FitzVigilante, e os olhos do rapaz ficaram redondos por ser mandado embora de forma tão apressada. Esboçou-lhe uma vénia, depois virou-se para nós e parou, claramente confuso sobre como se despedir de nós.

Eu fiz-lhe um aceno agradável. “Espero não te ver em breve, FitzVigilante.”

“Igualmente, senhor,” respondeu ele e depois imobilizou-se, perguntando a si mesmo se teria sido mal-educado. Breu soltou um risinho. O rapaz escapuliu-se da sala e, com um derradeiro suspiro de exasperação, a Dama

Rosamaria seguiu-o a um passo mais digno. Breu não falou, dando-lhes tempo para já terem descido boa parte da escada oculta antes de se virar para mim.

“Admite. Não dedicaste nem um pensamento ao futuro dela.”

“Pois não. Porque nem sequer me tinha apercebido de que Moli estava mesmo grávida. Mas agora que Abelha está cá...”

“Abelha. Que nome! Ela vai sobreviver? Está a desenvolver-se bem?”, interrompeu ele, implacável.

Aquilo fez-me hesitar. “É minúscula, Breu. E Moli diz que não anda a fazer as coisas que por esta altura já devia fazer. Mas come bem, e dorme, e às vezes chora. Além de ser tão pequena e de ainda não levantar a cabeça nem rebolar, não vejo nada de errado...”

As palavras esgotaram-se-me. Breu estava a olhar para mim com solidariedade. Falou com gentileza. “Fitz. Tens de imaginar todos os futuros possíveis para ela. O que farás se for simplória ou se nunca conseguir cuidar de si? Ou se crescer e se tornar bela e inteligente e as pessoas a reconhecerem como uma Visionário? Ou se for vulgar e feia e não muito esperta? Pelo menos todos saberão que ela é irmã da Mestra do Talento do rei. Aí existe bastante poder para ser cortejado. Ou para a transformar numa refém valiosa.”

Não me deu tempo para organizar os pensamentos antes de acrescentar: “Urtiga foi bastante bem educada para uma rapariga do campo, cujas esperanças fossem pouco melhores que casar com um proprietário rural. Um destes dias hás de falar com ela sobre em que medida sente que isso foi insuficiente. Castro ensinou-lhe a ler, a escrever e a fazer contas. Moli ensinou-lhe apicultura e jardinagem. Mas história? A forma do mundo? Línguas? Disso, ela recebeu pouco, e passou anos a tentar cobrir essas lacunas. Eu conheci os outros filhos de Moli e são homens bastante bons. Mas tu não estás a educar uma filha de agricultor, Fitz. Se os ossos tivessem rolado de outra forma, ela podia contar usar a coroa de uma princesa Visionário. Não a vai usar. Mas devias educá-la como se fosse.”

Se ela pudesse ser educada. Afastei aquele pensamento. *Segue o raciocínio de Breu.* “Porquê?”

“Porque nunca se sabe o que o destino trará.” Fez um gesto expansivo com uma mão enquanto erguia o copo de vinho com a outra. “Se ela testar o Talento e o tiver, queres que venha para o Castelo de Torre do Cervo sem saber nada sobre a sua linhagem? Queres que se debata, como Urtiga, até aprender a navegar pelas águas da sociedade? Diz-me, Fitz. Se a criares como Abelha Texugo, contentar-te-ás em casá-la com um agricultor e deixá-la passar a vida inteira a trabalhar?”

“Se o amar e ele a amar, isso não é um destino horrível.”

“Bem, se um nobre rico se apaixonasse por ela e ela tivesse sido educada para ser um partido compatível para ele e o amasse, esse destino seria melhor, não te parece?”

Ainda estava a tentar pensar numa resposta quando Breu acrescentou: “O FitzVigilante não tinha perspetivas de futuro. A jovem esposa de Dom Vigilante tem menos que nenhuma utilidade para o bastardo e sente ressentimento por ele ser mais velho do que os herdeiros legítimos que deu ao seu senhor. Está a criar os dois irmãos mais novos dele para o odiarem. Chegou-me a notícia de que andava à procura de uma morte discreta para o rapaz. Em vez de o permitir, trouxe-o para cá. Para o transformar em mais um bastardo útil.”

“Parece suficientemente inteligente,” disse eu com cautela.

“Inteligente, sim. Mas não tem gume. Vou fazer dele o que puder. Mas daqui a sete ou oito anos, vou ter de o colocar noutra sítio qualquer. A mulher de Dom Vigilante vê-o como usurpador. Já anda a resmungar por ele estar na corte. Pertence à pior espécie de mulher ciumenta, a que transforma a vontade em ação. É melhor para todos que ele já tenha saído de Torre do Cervo quando ela apresentar aqui os dois filhos.”

“Daqui a sete ou oito anos?”

“Ao contrário de ti, eu faço planos para aqueles que coloco sob a minha asa.”

“E vais pedir-me para o acolher.” Franzi o sobrolho e tentei ver o plano dele. “Como possível partido para Abelha quando ela for mais velha?”

“Deuses, não! Não misturemos essas linhagens! Vamos encontrar para ela um fidalgo de Cervo, penso eu. Mas, sim, gostaria que estivesse pronto

para o acolher. Quando ele estiver pronto.”

“Pronto para ser assassino e espião? Porquê?”

Breu abanou a cabeça. Parecia estranhamente desiludido. “Não. Não há nele nenhum assassino. Disso tenho a certeza, embora Rosamaria ainda não se tenha deixado convencer. Por isso vou levar o seu treino noutra direção. Uma direção útil para ambos. O rapaz tem uma mente viva. Aprende quase tão depressa como tu aprendias. E tem um coração leal. Se lhe deres um bom amo, será fiel como um cão. E muito protetor.”

“De Abelha.”

Breu estava a observar o fogo moribundo. Acenou lentamente com a cabeça. “Ele é rápido com línguas e tem quase a memória de um menestrel. Disfarçado de tutor, podia ser colocado na tua casa, para benefício de ambos.”

As peças estavam a começar a encaixar-se. *Oh, Breu. Porque é que é tão difícil para ti pedires diretamente um favor?* Eu pu-lo por palavras por ele. “Gostas do rapaz. Mas se o mantiveres aqui, mais cedo ou mais tarde, quando os irmãos legítimos mais novos vierem para Torre do Cervo, isso irá causar problemas. Especialmente se ele tiver feito amigos entre os nobres de cá.”

Breu confirmou com a cabeça. “Ele é muito carismático. Gosta de pessoas. Gosta de estar perto de pessoas e as pessoas gostam dele. Depressa se torna demasiado visível para ser um bom espião. E não tem... seja o que for que nós temos que nos torna capazes de matar.” Encheu os pulmões de ar como se fosse dizer mais e depois suspirou esse ar. Ficámos os dois em silêncio, a pensar. Perguntei a mim mesmo se essa capacidade seria algo que ambos tínhamos ou se a ambos nos faltava alguma coisa, e portanto conseguíamos fazer a espécie de coisas que tínhamos feito. O silêncio não foi confortável. Mas o que partilhávamos não era culpa. Não sei bem se existe uma palavra para designar o que era.

“Vou ter de falar com Moli a esse respeito.”

Ele mandou-me um rápido relance de viés. “E dir-lhe-ias... o quê?”

Mordi o lábio. “A verdade. Que ele é um bastardo como eu, que vai acabar por ter dificuldades por causa disso, e possivelmente dificuldades

capazes de lhe ameaçar a vida. Que está bem educado e seria um bom tutor para uma rapariguinha.”

“A verdade com buracos,” corrigiu Breu por mim.

“Que buracos?”, perguntei.

“De facto. Que buracos?”, concordou Breu secamente. “E não precisas de falar com ela, por enquanto. Temos anos, suspeito, até eu ter de to enviar. Vou educá-lo em tudo o que precisa de saber para ser tutor. E guarda-costas. Até que esteja pronto, conheço uma ama que te posso enviar para cuidar da criança. Tem cara de lebre e braço de ferreiro. Não é a mais inteligente das criadas, mas é formidável como guarda.”

“Não. Obrigado. Acho que, por agora, eu consigo proteger a minha filha.”

“Oh, Fitz. Não concordo, mas sei quando é inútil discutir contigo. Eu e Enigma concordámos que precisas de soldados porteiros, mas tu não queres dar-nos ouvidos. Quantas vezes sugeri que ficasses com um dos nossos utilizadores de Talento em Floresta Mirrada para que mesmo na tua ausência as mensagens pudessem ser transmitidas rapidamente? Devias ter um homem teu, para te proteger e se misturar com os criados e trazer-te as novidades sobre a tua propriedade que de outra forma poderias não receber.” Mexeu-se na cadeira, fazendo a velha madeira ranger debaixo do seu corpo. Os seus olhos enfrentaram o meu olhar obstinado. Eu venci. “Bom. É tarde. Ou é cedo, dependendo da parte do dia que usas para trabalhar. Seja como for, eu vou para a cama.” Puxou furtivamente pela borda superior da cinta. Suspeitei que o estava a magoar. Pôs-se de pé. Indicou a cama com um gesto vago. “Podes dormir aqui, se quiseres. Não me parece que Rosamaria já tenha usado essa cama. Só gosta de deixar as coisas bonitas, quando pode.”

“Talvez durma.” Com surpresa, apercebi-me de que a minha ira tinha desaparecido. Eu conhecia Breu. Ele não quisera fazer mal a Abelha. O seu objetivo talvez tivesse sido simplesmente provocar aquela minha visita. Talvez sentisse mais a minha falta do que me parecera. E eu talvez devesse ter em conta algumas das suas sugestões...

Ele acenou com a cabeça. “Vou mandar o FitzVigilante trazer cá para

cima alguma comida para ti. Conhece-o, Fitz. É um bom rapaz. Tratável e ansioso por agradar. Não é como tu eras.”

Pigarreei e perguntei: “A velhice está a tornar-te brando?”

Ele abanou a cabeça. “Não. Prático. Tenho de o pôr de parte para que eu e Rosamaria possamos encontrar um aprendiz mais adequado. Ele sabe demasiado sobre o nosso funcionamento interno para o deixarmos simplesmente ir. Tenho de o pôr em algum sítio que o mantenha a salvo.”

“Que o mantenha a ele a salvo, ou que te mantenha a salvo a ti?”

Ele esboçou um sorriso. “É a mesma coisa, não vês? As pessoas que são perigosas para mim raramente prosperam durante muito tempo.” O sorriso que ele me dirigiu veio retorcido pela tristeza. Vi mais claramente o seu dilema quando me entregou o copo meio vazio.

Fiz a sugestão em voz baixa. “Começa a afastá-lo do teu círculo, Breu. Menos tempo contigo e com Rosamaria, mais tempo com os escribas e menestrelis. Não podes fazê-lo esquecer o que viu e o que sabe, mas podes atenuar a importância disso. Deixa-o grato. E quando já não conseguires mantê-lo cá, manda-mo. Eu fico com ele.” Tentei não me aperceber daquilo com que acabara de concordar. Aquela não era uma promessa que durasse um ano ou dois. Enquanto FitzVigilante vivesse e se lembrasse dos caminhos secretos do Castelo de Torre do Cervo, eu seria responsável por me assegurar de que ele permaneceria leal aos Visionários. Leal. Ou morto. Breu acabara de me entregar uma tarefa suja de que não queria tratar. Bebi o vinho, tapando com a doçura excessiva daquela colheita a amargura que sentia por saber aquilo.

“Tens a certeza quando dizes que ‘não podes fazê-lo esquecer’?”

Aquilo puxou a minha atenção de volta ao velho. “Em que estás a pensar?”, contrapus.

“Que ainda andamos a decifrar os velhos pergaminhos de Talento. Eles sugerem que se pode fazer um homem... bem, mudar de ideias sobre as coisas.”

Aquilo reduziu-me a um silêncio horrorizado, com o choque. Ser capaz de fazer um homem esquecer uma coisa: que poder terrível. Encontrei o fôlego. “E isso resultou tão bem quando o meu pai decidiu fazer o Mestre

do Talento Galeno esquecer a antipatia que sentia por ele e adorá-lo. O ódio não desapareceu; limitou-se a encontrar outro alvo. Se bem me lembro, fui eu.” Ele quase conseguira matar-me.

“O teu pai não tinha a vantagem de uma instrução completa no Talento. E duvido que Galeno a tivesse. Perdeu-se tanto, Fitz! Tanto. Eu trabalho nos pergaminhos quase todas as noites, mas não é o mesmo que ser-se instruído por um Mestre do Talento com conhecimentos. Deduzir o que eles querem dizer é laborioso. Não é tão rápido como eu gostaria. Urtiga não tem tempo para me ajudar. A informação que os pergaminhos contêm não pode ser partilhada com qualquer um e a fragilidade dos próprios pergaminhos é outra coisa a ter em conta. E eu próprio tenho muito menos tempo para investigações noturnas do que costumava ter. Portanto os pergaminhos são negligenciados e, com eles, quem sabe que segredos?

Outro favor formulado como uma pergunta. “Escolhe os que achares mais interessantes. Eu levo-os comigo para Floresta Mirrada.”

Ele carregou o cenho. “Não podias vir trabalhar neles aqui? Durante uma semana por mês? Estou relutante em mandá-los para fora do Castelo de Torre do Cervo.”

“Breu, eu tenho uma mulher, uma filha e um solar de que cuidar. Não posso passar o tempo a deambular entre o Castelo de Torre do Cervo e Floresta Mirrada.”

“Os pilares de Talento transformariam as tuas ‘deambulações’ em questão de alguns momentos.”

“Não o farei, e tu sabes porquê.”

“Sei que há anos, contra todos os conselhos, usaste repetidamente os pilares num período muito curto. Não estou a falar de ires e vires todos os dias. Estou a sugerir que podias vir, uma vez por mês, buscar alguns pergaminhos e deixar cá o que traduziste. Pelo que ouvi dizer, havia mensageiros dotados de Talento que usavam os pilares pelo menos com essa frequência e possivelmente com maior.”

“Não.” Coloquei na palavra um carácter definitivo.

Ele inclinou a cabeça para o outro lado. “Então porque é que não vens viver para Torre do Cervo com Moli e trazem a bebé? Era bastante fácil

encontrarmos um gestor competente para Floresta Mirrada. E Abelha teria todas as vantagens de que falámos há pouco. Podias ajudar-me com as traduções e outras tarefas, conhecer o jovem Lante e tenho a certeza de que Moli gostaria de ver Urtiga com mais frequência e...”

“Não.” Voltei a dizê-lo com firmeza. Não tinha nenhum desejo de me encarregar das “outras tarefas” que ele poderia passar-me. Nem de que ele visse a minha filha simplória. “Sou feliz onde estou, Breu. Estou em paz e pretendo continuar assim.”

Ele fez um suspiro ruidoso. “Então muito bem. Muito bem.” De súbito soou idoso e impertinente. Enervou-me ouvi-lo acrescentar: “Tenho saudades tuas, rapaz. Não resta ninguém com quem possa falar tão livremente como contigo. Suspeito que somos uma raça em vias de extinção.”

“Suspeito que tens razão,” concordei e não acrescentei que isso talvez fosse uma coisa boa.

Eu e Breu deixámos a discussão aí. Creio que finalmente aceitou que eu me afastara da política interna da Corte de Torre do Cervo. Viria quando houvesse necessidade urgente disso, mas nunca mais viveria no castelo nem marcaria presença nos seus conselhos internos. Rosamaria teria de desempenhar esse papel e atrás dela viria o aprendiz que eles escolhessem, fosse quem fosse. Não seria FitzVigilante. Perguntei a mim mesmo se o rapaz ficaria desiludido ou aliviado.

Nos meses que se seguiram, eu temi e esperei que Breu voltasse a tentar atrair-me de volta. Não o fez. Os pergaminhos eram entregues para tradução e o meu trabalho era levado para longe de mim cinco ou seis vezes por ano. Por duas vezes, os seus correios foram estudantes de Talento avançados que chegaram e partiram pelos pilares. Recusei-me a deixar que ele me provocasse. Da segunda vez que isso aconteceu, confirmei com Urtiga que ela estava ao corrente. Ela pouco disse, mas depois disso os mensageiros passaram a chegar a cavalo.

Embora Urtiga e eu tocássemos as mentes com frequência, e eu o fizesse por vezes com Respeitador, Breu pareceu ter decidido libertar-me. E por

vezes, em casuais momentos de insónia, eu perguntei a mim mesmo se estaria desiludido ou aliviado por estar finalmente livre do lado mais sombrio da política Visionário.

CAPÍTULO 9

UMA INFÂNCIA

Passa-se o que eu temia com o jovem Lante. Ele é completamente inadequado para trabalho discreto. Quando lhe disse que ia pôr fim ao seu aprendizado e arranjar-lhe um posto mais adequado, não estava preparado para quão dramaticamente perturbado ele ficaria. Suplicou-me e a Rosamaria para lhe darmos uma segunda oportunidade. Contra a minha própria avaliação, concordei. Devo estar a tornar-me mais suave de coração e débil de mente, pois, naturalmente, isso não foi nenhuma bondade. Continuámos a treinar-lhe as capacidades físicas e os conhecimentos necessários. Ele é muito ágil nos dedos e nas mãos, é excelente nos truques, mas não é tão rápido a lembrar-se das receitas que há que dominar para serem usadas num instante. Mesmo assim, confesso que tive esperança que o rapaz seguisse os meus passos.

Rosamaria duvidava menos dele e propôs que lhe apresentássemos um desafio. Enviei-o num roubo e ele foi bem-sucedido. Rosamaria propôs um pequeno envenenamento. O alvo não passava de um guarda. Dissemos-lhe que o homem aceitara subornos e andava ativamente a espiar para um nobre calcedino. Apesar disso, durante três dias e com amplas oportunidades, Lante foi incapaz de cumprir a tarefa. Regressou para junto de nós, envergonhado e abatido. Simplesmente não conseguia obrigar-se a pôr fim a uma vida. Resolvi não lhe dizer que o “veneno” era meramente uma especiaria bem moída e que não teria feito nenhum mal ao homem. Estou contente por o termos testado num alvo que não constituía realmente ameaça para ninguém.

O resultado é Lante compreender agora que é inadequado para esta profissão. Disse, para minha surpresa, que não se importa de não poder ser meu aprendiz, desde que não perca a minha amizade! E assim, para facilitar a sua transição, acho que vamos mantê-lo aqui

em Torre do Cervo durante um pouco mais de tempo. Vou assegurar-me de que ele recebe educação suficiente para ser tutor e também treino nas armas que se lhe adequem como guarda-costas.

Só a ti admitirei que estou muito desapontado com ele. Tinha tanta certeza de ter encontrado um digno sucessor. Felizmente, uma segunda candidata foi localizada e o seu treino teve início. Parece mostrar aptidão, mas o certo é que Lante também a mostrava. Veremos. Digo-te tudo isto, claro, com a maior confiança na tua discrição. É estranho que em tempos te tenha ensinado a nunca confiares coisas destas ao papel e agora seja esta a única maneira de ter a certeza de que mais ninguém no nosso círculo fique ao corrente dos meus pensamentos. Como os tempos mudam.

Rolo sem assinatura nem destinatário

Oh, as coisas que descobrimos e as coisas que aprendemos, muitíssimo tarde de mais. As piores são os segredos que não são secretos, as mágoas com que vivemos mas não admitimos uns aos outros.

Abelha não era a criança que ambos esperávamos. Eu escondi de Moli o meu desapontamento e creio que ela fez o mesmo por mim. Os lentos meses e depois o ano foram passando e eu vi poucas alterações nas capacidades da nossa filha. Isso envelheceu Moli, cobrou-lhe um preço no corpo e no espírito, pois ela não permitiu a mais ninguém cuidar da criança e conteve em silêncio a sua crescente mágoa. Eu desejava ajudá-la, mas a criança evitava claramente o meu toque. Durante algum tempo, afundei-me em escuridão espiritual, perdendo o apetite e a vontade de fazer fosse o que fosse. Os meus dias pareciam terminar sempre com trovejantes dores de cabeça e uma barriga dorida. Despertava à noite e não conseguia voltar a encontrar o sono, só descobrindo ansiedade com a criança. A nossa bebé permaneceu bebé, pequena e passiva. A ansiedade de Breu por planear a sua educação e um eventual casamento transformou-se numa memória agri-doce. Em tempos houvera uma altura em que podíamos ter esperança em tais coisas. Mas o último ano roubara-nos todos esses sonhos.

Não recordo que idade tinha Abelha quando Moli quebrou pela primeira vez e chorou nos meus braços. “Lamento, lamento tanto,” disse, e precisei de algum tempo para compreender que ela se culpava pela nossa criança simplória. “Eu era demasiado velha,” disse-me por entre as lágrimas. “E ela nunca ficará bem. Nunca, nunca, nunca.”

“Não nos apressemos,” disse-lhe eu, com uma calma que não sentia. Porque teríamos ocultado os nossos medos um do outro? Talvez porque partilhá-los, como estávamos agora a fazer, os tornava mais reais. Tentei negá-los. “Ela é saudável,” disse à minha Moli enquanto ela soluçava nos meus braços. Baixei-me para lhe sussurrar as palavras ao ouvido. “Come bem. Dorme. A sua pele é lisa, os olhos são límpidos. É pequena e talvez lenta a fazer as coisas, mas vai crescer e...”

“Para,” suplicou-me ela numa vozinha amortecida. “Para, Fitz.” Afastou-se um pouco de mim e fitou-me. O cabelo colava-se-lhe à cara húmida como o véu de uma viúva. Fungou uma vez. “Fingir não muda nada. Ela é simplória. E não apenas simplória, mas débil de corpo. Não rebola nem sustém a cabeça com força. Nem sequer tenta. Limita-se a estar deitada no berço a olhar. Quase nem chora.”

E o que havia que eu pudesse responder àquilo? Ela era uma mulher que dera à luz sete crianças saudáveis. Abelha era o primeiro bebé de que eu tinha experiência.

“Ela é mesmo assim tão diferente do que devia ser?”, perguntei, impotente.

Moli confirmou lentamente com a cabeça. “E vai ser sempre.”

“Mas é nossa,” objetei em voz baixa. “É a nossa Abelha. Talvez seja o que estava destinada a ser.”

Não me lembro de como pretendia que ela ouvisse estas palavras. Sabia que não o merecia quando ela soltou um súbito soluço e depois me abraçou com força, perguntando ao meu peito: “Então não estás muito desiludido e envergonhado com ela? Ainda consegues amá-la? Ainda consegues amar-me?”

“Claro,” disse eu. “Claro e sempre.” E, embora a tivesse reconfortado mais por acaso do que por intenção, fiquei contente por o ter feito.

Contudo, tínhamos aberto uma porta que não podia ser fechada. Depois de admitirmos que era provável a nossa menininha ser sempre como era agora, tínhamos de falar sobre isso. Porém, não falávamos do assunto à frente dos criados nem à luz do dia, mas à noite, na nossa cama, com a criança que nos havia ferido tanto a dormir num berço, ali perto. Pois embora pudéssemos admiti-lo, não podíamos aceitá-lo. Moli culpava o seu leite e tentou levar a nossa coisinha minúscula a beber leite de vaca e depois de cabra, com muito pouco sucesso.

A saúde da nossa bebé confundiu-me. Ao longo da vida, eu cuidara de muitas criaturas jovens, e no entanto nunca vira nenhuma que comesse com apetite, dormisse bem, parecesse cheia de saúde e no entanto não crescesse. Tentei encorajá-la a mover os membros, mas depressa aprendi que ela não parecia querer que eu lhe tocasse de todo. Plácida e calma quando deixada em paz, não enfrentava o meu olhar quando eu me baixava sobre o seu berço. Se a pusesse ao colo, afastava-se de mim e depois, com a sua débil força, tentava livrar-se dos meus braços. Se eu insistisse em segurá-la e em fletir-lhe as pernas ou mover-lhe os braços, depressa passava dos gemidos a gritos furiosos. Passado algum tempo, Moli suplicou-me para não tentar, pois temia que eu estivesse de alguma forma a causar-lhe dor. E eu cedi aos seus desejos, embora a minha Manha não me mostrasse nenhuma sensação de dor vinda dela, só alarme. Alarme por o pai poder tentar pegar-lhe ao colo. Será possível exprimir quão doloroso isso era para mim?

Os criados mostraram-se a princípio curiosos com ela e depois piedosos. Moli praticamente lhes silvava e guardava para si todos os cuidados com a criança. Com eles, nunca admitiria que havia alguma coisa errada. Mas noite cerrada, as preocupações e medos que a filha lhe causava tornavam-se mais sombrios. “O que será dela depois de eu partir?”, perguntou-me uma noite.

“Vamos fazer reservas que lhe assegurem o futuro,” disse eu.

Moli abanou a cabeça. “As pessoas são cruéis,” disse. “Em quem poderemos confiar tanto?”

“Em Urtiga?”, sugeri.

Moli voltou a abanar a cabeça. “Terei eu de sacrificar a vida de uma filha

para ser cuidadora da outra?”, perguntou-me e, para aquilo, eu não tive resposta.

Quando se passa tanto tempo desiludido, a esperança transforma-se no inimigo. Não se pode ser atirado à terra, a menos que primeiro se seja erguido, e eu aprendi a evitar a esperança. Quando, a meio do segundo ano de vida de Abelha, Moli começou a dizer-me que ela estava a ficar mais forte e conseguia manter a cabeça erguida com mais firmeza, eu acenei e sorri mas pouco mais fiz do que isso. Contudo, ao fim do segundo ano, ela já conseguia rebolar e, pouco depois, começou a sentar-se sem apoio. Cresceu, mas permaneceu minúscula para a idade. No terceiro ano começou a gatinhar e depois a pôr-se em pé. No quarto ano já cambaleava pelo quarto, e era uma visão peculiar ver uma criança tão minúscula a andar. Aos cinco anos trotava atrás da mãe para todo o lado. Começou a ter dentes e fazia sons confusos que só Moli conseguia interpretar.

As coisas mais estranhas pareciam entusiasma-la. A textura de uma peça de tecido, ou o vento a agitar uma teia de aranha, captavam-lhe a atenção. Depois, aquela coisinha abanava as mãos e soltava uma algaraviada. De vez em quando, uma palavra saía-lhe dos lábios embebida numa corrente de som borbulhado. Era ao mesmo tempo de enlouquecer e uma doçura ouvir Moli conversar com a filha, sustentando a sua metade de uma conversa imaginária.

Conservávamos Abelha basicamente para nós. Os irmãos mais velhos não vinham visitar-nos com tanta frequência como outrora, pois as crescentes famílias e as exigências das respetivas ocupações mantinham-nos ocupados nas suas casas. Visitavam quando podiam, o que não era muitas vezes. Tratavam Abelha com gentileza, mas tinham compreendido que apiedarem-se dela era inútil. Ela seria o que viesse a ser. Viam que Moli parecia contente com a filha, e possivelmente não pensavam mais na criança que lhes reconfortava a mãe enquanto ia envelhecendo.

Zar, o meu filho adotivo, ia e vinha nas suas deambulações de menestrel. Chegava mais frequentemente nos meses mais frios, para passar uma lua connosco. Cantava e tocava flauta e Abelha era a ouvinte mais ávida que

algum menestrel podia pedir. Concentrava nele os olhos azuis-claros e a boquinha ficava entreaberta enquanto escutava. Não ia voluntariamente para a cama enquanto Zar lá estivesse, a menos que ele a seguisse para o quarto e lhe tocasse uma melodia suave e lenta até ela adormecer. Talvez fosse por isso que ele aceitava Abelha tal como era e, quando vinha de visita, trazia-lhe sempre um presente simples, como um fio de contas brilhantes ou um lenço de tecido suave decorado com rosas.

Entre todos os irmãos e irmãs, Urtiga foi quem visitou Abelha mais frequentemente nesses primeiros anos. Eu percebia que ela ansiava por pegar na irmã ao colo, mas a reação de Abelha ao seu toque era muito semelhante à que tinha comigo, portanto Urtiga tinha de se contentar em estar ao lado da irmã mas incapaz de satisfazer as suas necessidades.

Uma noite, já muito tarde, quando saí do meu gabinete privativo, o caminho que percorri levou-me a passar pela porta do berçário de Abelha. Vi pela porta entreaberta uma luz a arder e parei, pensando que Abelha talvez tivesse adoecido e Moli estivesse acordada com ela. Mas ao espreitar, vi, não Moli, mas Urtiga, sentada junto da cama da irmã, a fitá-la com uma expressão de trágica melancolia. Estava a falar baixinho. “Durante anos imaginei uma irmã. Alguém com quem partilhar sonhos, com quem fazer tranças, a quem arrelhar por causa de rapazes e com quem dar longos passeios. Pensei que te ensinaria a dançar e que teríamos segredos e cozinharíamos juntas até a noite ir alta quando toda a gente estivesse a dormir. E aqui está tu, finalmente. Mas não vamos ter nada disso, pois não? No entanto prometo-te o seguinte, Abelhinha. Aconteça o que acontecer aos nossos pais, eu vou sempre cuidar de ti.” E depois a minha Urtiga baixou a cara para as mãos e chorou. Soube então que ela chorava a irmã que imaginara, tal como eu ainda ansiava pela rapariguinha perfeita que sonhara que teríamos. Não tinha nenhum conforto a dar a nenhum de nós, portanto abandonei aquela cena em silêncio.

Desde o nascimento, Abelha acompanhava Moli para todo o lado, num porta-bebés, presa à anca de Moli ou às corridinhas atrás dela. Por vezes, eu perguntava a mim mesmo se ela temia deixar a criança sozinha. Quando

Moli tratava das suas tarefas corriqueiras em Floresta Mirrada, desde a supervisão dos criados ao trabalho com as suas colmeias, mel e fabrico de velas, tarefas de que ainda parecia gostar, Abelha estava com ela, a observar e a escutar. Agora que a bebé descobrira que conseguia produzir sons, Moli redobrava esforços com ela. Não falava na toada infantil que eu ouvira os criados usar em raras ocasiões quando falavam com Abelha. Em vez disso, Moli explicava seriamente todos os aspetos do seu trabalho como se Abelha pudesse um dia precisar de saber como fumegar uma colmeia ou coar cera quente para velas ou polir prata ou fazer uma cama. E Abelha, à sua maneira simples, imitava a seriedade de Moli, olhando para o que lhe era mostrado e algaraviando em resposta. A experiência que mais me enervou foi quando fui à procura de Moli, num dia de verão, e a encontrei a cuidar das colmeias. Ao longo dos anos, eu acostumara-me à forma calma como Moli aceitava que as abelhas podiam cobrir-lhe os braços enquanto cuidava delas. O que não esperara fora ver a pequena Abelha em pé ao lado da mãe, com um balde na mão e coberta de abelhas. A criança sorria beatificamente, com os olhos quase fechados. De vez em quando soltava uma risadinha e contorcia-se um tudo-nada, como se as criaturas penugentas lhe tivessem feito cócegas. “Moli,” disse eu numa voz baixa de aviso, pois a minha senhora estava tão concentrada nos seus afazeres que eu não tive a certeza de ela ter visto o que estava a acontecer com a nossa filha.

Ela virou-se devagar, sempre atenta às zumbidoras criaturas que tinha a cargo.

“A bebé,” disse eu com uma calma urgência. “Está cheia de abelhas.”

Moli olhou para baixo e para trás. Um lento sorriso apareceu na sua cara. “Abelha! Estás a cuidar das colmeias comigo?”

A nossa filhinha olhou para cima e algaraviou qualquer coisa. Moli riu. “Ela está ótima, querido. Não está nada assustada.”

Mas eu estava. “Abelha. Vem embora. Vem ao papá,” instei. Ela virou-se e olhou para trás de mim. Nunca me olhava voluntariamente nos olhos. Voltou a algaraviar qualquer coisa à mãe.

“Ela está ótima, querido. Diz que estás preocupado porque não conheces as abelhas como ela e eu conhecemos. Vai andando. Nós vamos ter contigo

não tarda.”

Por isso deixei-as ali e passei uma ansiosa hora no meu gabinete. Interroguei-me sobre se a minha filha seria Manhosa e se seria possível que uma criança Manhosa se vinculasse a uma colmeia de abelhas. *Não seja parvo*, resmungou o lobo em mim. E insistiu que, se isso fosse verdade, ele tê-lo-ia detetado. Só podia ter esperança de que assim fosse.

Passou mais um ano e Abelha cresceu devagar. As nossas vidas mudaram, pois Moli centrava os seus dias na nossa filha e eu orbitava-as a ambas, maravilhando-me com as coisas que partilhavam. Aos sete anos, Abelha ajudava genuinamente a mãe, à sua maneira simples. Eu via que Moli estava a abrandar e a sentir o peso dos anos. Abelha apanhava o que Moli deixava cair, conseguia colher as ervas que Moli indicava ou trazer-lhe coisas das prateleiras mais baixas da sala de costura.

Parecia um pequenino bicuende ao seguir a mãe e ajudá-la em pequenas coisas. Moli mandou tingir a mais suave das lãs com as cores mais vivas que conseguia criar, tanto para fazer Abelha feliz como para a tornar mais fácil de ver na erva alta dos prados. Aos sete anos, não ultrapassava em altura a cintura de Moli. Os seus olhos azuis-claros e as sobrancelhas louras emprestavam-lhe uma expressão perpetuamente espantada, e o cabelo encaracolado e despenteado acentuava-a. O cabelo voava à mais ligeira brisa, teimosamente enredado, e crescia tão devagar que Moli desesperava de ela alguma vez parecer uma rapariga. Depois, quando o cabelo lhe chegou aos ombros numa desordenada nuvem de caracóis, era tão fino que Moli recorreu a humedecê-lo, escová-lo e entrançá-lo numa longa trança que lhe caía pelas costas. Elas vieram mostrar-ma, com a minha pequenina vestida com uma simples túnica amarela e meias verdes parecidas ao que tanto eu como Moli tínhamos usado em crianças. Sorri ao vê-la e disse a Moli: “Aí está a mais pequena guerreira que eu vi na vida!” — pois os soldados de Cervo tinham sempre usado o cabelo penteado para trás. Abelha surpreendeu-me por responder ao comentário com uma algaraviada deliciada.

E assim foram passando os nossos dias, e Moli tinha grande prazer com a nossa criança peculiar e eu obtinha satisfação com o prazer dela. Apesar da

idade, Moli brincava com a nossa Abelha como uma criança, apanhando-a e atirando-a ao ar, ou perseguindo-a estouvadamente por todo o lado, e às vezes até pelos bem tratados canteiros de flores e ervas do jardim de Paciência. Andavam às voltas até Moli ficar a arquejar e a tossir, sem fôlego. Abelha parava assim que Moli o fazia e ia pôr-se ao lado da mãe, erguendo o olhar para ela com carinhosa preocupação. Havia alturas em que eu ansiava por me ir juntar a elas, por saltar e pular em cima da minha cria e fazê-la rolar pela relva para a ouvir rir. Mas sabia que não seria essa a resposta que obteria dela.

Pois, apesar das garantias de Moli de que a nossa filha não antipatizava comigo, Abelha mantinha-se distante de mim. Raramente se aproximava mais do que a distância de um braço e se eu me sentasse perto dela para ver o seu bocadinho de malha, ela curvava sempre os ombros, afastando-se ligeiramente. Raramente me olhava nos olhos. Em algumas ocasiões, quando adormecia ao lado de Moli na cadeira, eu pegava-a ao colo e tentava levá-la para a cama. Mas, ao meu toque, estivesse acordada ou a dormir, ficava hirta e depois arqueava-se como um peixe a debater-se, atirando-se para longe. Era uma luta para mim deitá-la em segurança e, após algumas tentativas, desisti de tentar tocar-lhe. Creio que Moli ficou aliviada quando cedi à vontade de Abelha naquilo.

Portanto era Moli que satisfazia todas as necessidades pessoais de Abelha. Ensinou à nossa filha a manter-se limpa e a arrumar o quarto, pelo menos na medida em que uma pessoa tão pequena era capaz de o fazer. Moli mandou fazer-lhe uma pequena cama e roupa de tamanho equiparável. Ela tinha de manter os brinquedos em ordem e de fazer sozinha todas as coisas que teria de fazer se fosse filha de um camponês. Isso eu aprovava.

Moli ensinou-lhe a colher nos bosques os cogumelos, bagas e ervas que não conseguia cultivar facilmente nos nossos jardins. Eu ia encontrá-las juntas nos jardins e estufas, a apanhar lagartas das folhas ou a juntar ervas para pôr a secar. Passava pela sala das ceras de Moli e via a pequena Abelha em pé em cima da mesa, a manter um pavio direito enquanto Moli ia despejando cuidadosamente cera quente. Era aí que elas raspavam o mel dourado dos favos e o recolhiam em gordos potezinhos para a nossa doçura

invernal.

Formavam uma unidade perfeita, Moli e Abelha. Ocorreu-me que, embora Abelha não fosse a filha que eu sonhara que nós teríamos, era perfeita para Moli. Mostrava uma perfeita devoção à mãe, atenta a todas as mudanças na expressão do seu rosto. Se, na proximidade entre as duas, elas me fechavam no exterior, eu tentava não me ressentir disso. Moli merecia a alegria que a criança lhe causava.

E por isso eu contentava-me em pairar na periferia do mundo delas, uma traça à janela a olhar para o calor e a luz do interior. Lentamente, comecei a deixar de lado o meu estúdio privado e a levar os trabalhos de tradução para a sala onde Abelha nascera. Quando ela fez sete anos, passava quase todas as noites nessa sala iluminada de forma calorosa. As velas de Moli, que tremeluziam suavemente, perfumavam-na de estorga e alfazema, ou de salva ou rosa, dependendo do seu estado de espírito. Ela e Abelha faziam juntas costura simples, enquanto Moli ia cantando baixinho as velhas canções de aprendizagem sobre ervas, abelhas, cogumelos e flores.

Estava uma noite a trabalhar, com o fogo a crepitar suavemente e Moli a trautear debruçada sobre uns bordados que andava a fazer na gola de uma pequena camisa de dormir para Abelha, quando tomei consciência de que a minha filha tinha parado de organizar medas de fio para a mãe e se aproximara da minha mesa. Tive o cuidado de não olhar para ela. Era como se um colibri pairasse perto de mim. Não me lembrava de ela se ter alguma vez aproximado tanto, voluntariamente. Temi que, se me virasse, ela fugisse. E por isso continuei a copiar meticulosamente a velha ilustração num pergaminho sobre as propriedades da erva-moira e ervas afins. O texto asseverava que um ramo da família, que crescia em regiões desérticas, dava frutos vermelhos que se podiam comer. Eu estava céptico relativamente a tal afirmação sobre uma planta tóxica, mas, apesar disso, copiei o texto e fiz os possíveis por reproduzir as ilustrações de folhas, flores em forma de estrela e frutos pendentes. Tinha começado a pintar as flores de amarelo. Fora isso, concluí, o que trouxera Abelha para junto do meu ombro. Pus-me à escuta da sua respiração boquiaberta e tomei consciência de que Moli já não trauteava. Não precisei de virar a cabeça para saber que ela estava a

observar a nossa filha com tanta curiosidade como a que eu sentia.

Uma pequena mão tocou a borda da mesa e foi caminhando lentamente até à borda da página em que eu estava a trabalhar. Eu fingi não reparar. Voltei a mergulhar o pincel e acrescentei outra pétala amarela. Tão baixinho como uma panela a borbulhar ao lume, Abelha murmurou qualquer coisa. “Amarelo,” disse eu, como se fosse Moli a fingir conhecer os pensamentos dela. “Estou a pintar a florzinha de amarelo.”

De novo, o resmungo borbulhante, desta vez um pouco mais alto e com mais súplica incluída.

“Verde,” disse-lhe. Ergui o frasco de tinta e mostrei-lho. “As folhas vão ser deste verde nas bordas. E vou misturar verde e amarelo para o centro e verde e preto para os veios das folhas.

A mãozinha remexeu no canto da minha página. Os seus dedos ergueram-na e puxaram-na. “Cuidado!”, acautelei e recebi uma cascata de resmungos borbulhantes num tom suplicante.

“Fitz,” censurou-me Moli com gentileza. “Ela está a pedir-te papel. E uma pena e tinta.”

Eu transferi o olhar para Moli. Ela sustentou-o com firmeza, de sobranceiras erguidas por eu poder ser tão estúpido ou tão pouco razoável. A nota felizmente afirmativa nos balbucios de Abelha pareceu confirmar que ela tinha razão. Baixei o olhar para Abelha. Ela ergueu a cara e olhou para trás de mim, mas não recuou. “Papel,” disse eu, e não hesitei em pegar numa folha do papel de melhor qualidade que Breu me tinha enviado. “Uma pena.” Era uma que tinha acabado de cortar. “E tinta.” Fiz deslizar pela mesa um pequeno tinteiro de tinta preta. Pousei o papel e a pena na borda da minha mesa. Abelha ficou um momento em silêncio. A boca mexeu-se e ela apontou um dedinho e trinou qualquer coisa para mim.

“Tinta colorida,” especificou Moli e Abelha fez um meneio de deleite. Rendi-me.

“Então vamos ter de partilhar,” disse-lhe. Desloquei uma cadeira para o outro lado da minha mesa, pus-lhe uma almofada em cima e depois dispus as coisas de Abelha onde ela lhes pudesse chegar. Ela surpreendeu-me com a grande animação com que trepou para aquele trono.

“Só se mergulha a ponta bicuda da pena no tinteiro...” comecei. Parei. Deixara de existir no mundo de Abelha. Toda a sua concentração estava colocada na pena em que punha cuidadosamente tinta e depois levava à página. Imobilizei-me e vigiei a criança. Era claro que levaria algum tempo a observar-me. Eu esperara que ela mergulhasse a pena e enchesse a página de borrões. Mas, em vez disso, a sua mãozinha moveu-se com precisão.

A tentativa não esteve livre de pingos e borrões. Ninguém usa corretamente uma pena à primeira tentativa. Mas a imagem que surgiu na página foi desenhada intrincada e intimamente. Em silêncio, ela arrebanhou o limpa-penas e limpou-a. Soprou a tinta preta para a secar e pediu a tinta amarela e depois a laranja. Eu observei-a num silêncio arrebatado, mal reparando quando Moli se aproximou. Uma abelha, exatamente do tamanho de uma abelha viva, emergiu da pena para o papel. Chegou um momento em que a nossa Abelha soltou um enorme suspiro de satisfação, como se tivesse consumido uma refeição perfeitíssima, e se recostou à frente do trabalho. Eu examinei-o sem me aproximar dela, as delicadas antenas, os painéis das asas e as faixas brilhantes de amarelo ensombrados de laranja.

“É o nome dela, não é?”, disse à Moli em voz baixa.

Abelha deitou-me um raro olhar que o cruzou com o meu e depois patinou para longe. O aborrecimento comigo foi evidente. Puxou o papel para si como que para o proteger de mim, e dobrou-se por cima dele. A pena voltou a visitar o tinteiro negro e depois riscou cuidadosamente o papel. Eu olhei para Moli, que tinha um sorriso orgulhoso e secreto no rosto. Observei numa surpresa crescente até Abelha se afastar da página. Aí, em caracteres cuidadosos que imitavam a letra de Moli, estava escrito “Abelha.”

Só tomei consciência de que tinha a boca aberta quando Moli pôs os dedos sob o meu queixo e a fechou. Lágrimas subiram-me aos olhos. “Ela sabe escrever?”

“Sim.”

Respirei fundo e cobri cuidadosamente o entusiasmo. “Mas só o nome. Compreende que são letras? Que têm significado?”

Moli soltou um pequeno som de exasperação. “Claro que compreende.

Fitz, tu julgavas que eu ia negligenciar a educação dela como a minha foi negligenciada? Ela lê comigo. Portanto reconhece as letras. Mas esta foi a primeira vez que pegou numa pena e escreveu.” O seu sorriso tremeu um pouco. “Na verdade, estou quase tão surpreendida como tu por a ver fazê-lo. Conhecer a forma de uma letra na página é tão diferente de a reproduzir em papel. Garanto-te que não me saí tão bem como ela da primeira vez que tentei escrever.”

Abelha estava agora a ignorar-nos a ambos enquanto uma sinuosa trepadeira de madressilva começava a emergir da sua pena.

Não escrevi mais nada nessa noite. Cedi todas as tintas e as melhores penas à minha filhinha e deixei-a encher página atrás de página do meu melhor papel com ilustrações de flores, ervas, borboletas e insetos. Eu teria precisado de estudar a planta viva para a capturar bem; ela desenhava-a de memória e capturava-a na página.

Fui para a cama naquela noite como um homem grato. Não estava de todo convencido de que Abelha compreendia os conceitos das letras, da escrita ou da leitura. O que vira fora alguém capaz de duplicar no papel o que via, mesmo se não tivesse o modelo à sua frente. Era um talento raro o bastante para me dar esperança para ela. Fazia-me lembrar Obtuso, um homem prodigiosamente forte no Talento, mesmo que não fosse capaz de compreender por completo o conceito do que estava a fazer quando o usava.

Nessa noite, na cama com uma Moli tépida a meu lado, tive o raro prazer de estender o Talento e acordar Breu de um sono profundo. *Que é?*, perguntou-me ele em tom de censura.

Lembras-te dos pergaminhos herbáceos vindos daquele mercador das Ilhas das Especiarias que pusemos de parte porque a sua cópia ultrapassava as minhas capacidades? Os esfarrapados, que podiam ter origem nos Antigos?

Claro. Que têm?

Manda-mos. Com um bom fornecimento de papel. Ah, e um conjunto de pincéis de pelo de coelho. E tens alguma daquela tinta púrpura vinda das Ilhas das Especiarias?

Sabes quanto isso custa, rapaz?

Sim. E sei que tu podes pagar, se for bem usada. Manda-me também dois frascos disso.

Sorri ao fechar a mente à sua saraivada de perguntas. Ainda estavam a tamborilar contra as minhas muralhas quando caí no sono.

CAPÍTULO 10

A MINHA VOZ

É este o sonho de que mais gosto. Tive-o uma vez. Tentei obrigá-lo a voltar, mas ele não volta.

Há dois lobos a correr.

E é tudo. Correm ao luar por uma vertente descampada de uma colina e depois penetram numa floresta de carvalhos. Há pouca vegetação rasteira e eles não abrandam. Nem sequer estão a caçar. Estão só a correr, a retirar alegria da extensão dos seus músculos e do ar fresco que lhes entra pelas maxilas abertas. Não devem nada a ninguém. Não têm decisões, nem deveres, nem rei. Têm a noite e a corrida, e isso basta-lhes.

Anseio por ser assim tão completa.

Diário de Sonhos de Abelha Visionário

Libertei a língua quando tinha oito anos. Lembro-me muito claramente desse dia.

O meu irmão adotivo, Zar, que para mim é mais como um tio, tinha-nos feito uma breve visita no dia anterior. O presente que me trouxe não foi uma flautazinha ou um fio de contas ou uma dessas coisas simples que me tinha trazido em visitas anteriores. Desta vez, tinha um pacote fofo envolto num tecido grosseiro e castanho. Pôs-me o presente no regaço e, quando eu fiquei a olhar para ele, sem saber bem o que fazer a seguir, a minha mãe puxou da pequena faca que trazia ao cinto, cortou o cordel que o atava e desenrolou o embrulho.

Lá dentro estava uma blusa cor-de-rosa, um colete de renda e um conjunto de saias cor-de-rosa em camadas! Nunca tinha visto roupa como aquela. Tinha vindo de Vilamonte, disse ele à minha mãe enquanto ela tocava suavemente a intrincada renda. As mangas eram compridas e cheias e as saias repousavam numa almofada de combinações e eram cobertas por renda cor-de-rosa. A minha mãe ergueu a roupa e, espantosamente, ela

parecia ser do tamanho certo.

Na manhã seguinte ela ajudou-me a vesti-la e susteve a respiração ao ver-me quando a última faixa foi atada. Depois obrigou-me a ficar quieta durante um tempo cansativo enquanto me punha o cabelo numa ordem relutante. Quando descemos para o pequeno-almoço, abriu a porta e empurrou-me para dentro como se eu fosse a rainha. O meu pai ergueu as sobrancelhas, espantado, e Zar soltou um grito de prazer ao ver-me. Comi o pequeno-almoço com todo o cuidado, aguentando o arranhar da renda e a evitar que as mangas roçassem no prato. Aguentei corajosamente o peso da roupa quando fomos para a frente do solar para desejarmos a Zar uma viagem agradável. E, ciosa da minha glória, caminhei cautelosamente pelos jardins das cozinhas e sentei-me aí num banco. Senti-me muito grandiosa. Arranjei as saias cor-de-rosa e tentei alisar o cabelo e, quando Ulmeira e Lea saíram das cozinhas com baldes de restos para levar para o galinheiro, sorri às duas.

Lea afastou o olhar com um ar desconfortável e Ulmeira deitou-me a língua de fora. O meu coração afundou-se. Tinha suposto, insensatamente, que um vestuário tão extravagante podia conquistar a consideração delas. Já por várias vezes tinha ouvido, como Ulmeira pretendia que ouvisse, que eu “andava vestida como um filho de carnicheiro” quando usava as minhas meias e túnica habituais. Depois de terem passado por mim, fiquei ali mais algum tempo sentada, a tentar refletir sobre aquilo. Depois, o sol escondeu-se por trás de um grupo de nuvens baixas e deixei de repente de conseguir aguentar mais os arranhões da gola alta de renda.

Fui à procura da minha mãe e encontrei-a a coar cera. Parei à frente dela, erguendo as saias e combinações cor-de-rosa. “Pesado de mais.” Ela compreendeu as minhas palavras deformadas, como sempre. Levou-me para o meu quarto e ajudou-me a vestir meias verdes-escuras, uma túnica de um verde mais claro e as minhas botas suaves. Tinha tomado uma decisão. Tinha compreendido o que tinha de fazer.

Sempre estivera consciente de que havia outras crianças em Floresta Mirrada. Durante os primeiros cinco anos da minha vida, estava tão ligada à minha mãe e era tão pequena que tive muito pouco contacto com elas. Via-

as, de passagem, quando a minha mãe me levava pelas cozinhas ou quando trotava atrás dela pelos corredores. Eram os filhos e as filhas dos criados, nascidos para fazerem parte de Floresta Mirrada, que cresciam a meu lado, mesmo se aumentassem de tamanho muito mais depressa do que eu. Alguns eram velhos o suficiente para terem tarefas suas, como as copeiras Ulmeira e Lea e o ajudante de cozinha, Táfi. Eu sabia que havia crianças que ajudavam a cuidar das galinhas e das ovelhas e nos estábulos, mas essas raramente via. Também havia os pequenitos, bebês e crianças pouco mais velhas que eram demasiado pequenos para lhes ser dado trabalho e demasiado novos para serem separados das mães. Alguns eram do meu tamanho, mas demasiado infantis para me interessarem. Ulmeira era um ano mais velha do que eu e Lea um ano mais nova, mas ambas eram uma cabeça mais altas do que eu. Ambas tinham crescido nas despensas e cozinhas de Floresta Mirrada e partilhavam as opiniões das mães sobre mim. Quando eu tinha cinco anos, tinham mostrado uma tolerância piedosa para comigo.

Mas tanto a piedade como a tolerância tinham desaparecido quando eu fiz sete anos. Mais pequena em estatura do que elas, mesmo assim era mais competente nas tarefas que a minha mãe me confiava. Contudo, como não falava, consideravam-me estúpida. Eu tinha aprendido a guardar silêncio com todos, exceto a minha mãe. Não só as crianças, mas mesmo os criados crescidos, troçavam da minha algaraviada e do hábito de apontar quando julgavam que eu não andava por perto. Tinha a certeza de que fora com os pais que as crianças haviam aprendido a antipatizar comigo. Apesar de ser tão nova nessa altura, já compreendia instintivamente que temiam que os filhos pudessem acabar de alguma forma maculados pela minha estranheza se andassem perto de mim.

Ao contrário dos mais velhos, as crianças evitavam-me sem perderem tempo a fingir que isso acontecia por algum motivo além de antipatizarem comigo. Eu via-as brincar à distância, ansiosa por participar mas, no momento em que me aproximava, elas recolhiam as bonecas simples, dispersavam o piquenique de bolotas e flores que estivessem a ter, e fugiam. Mesmo se eu as perseguisse, facilmente se distanciavam de mim. Subiam a

árvores cujos ramos mais baixos eu não alcançava. Se eu seguisse demasiado os seus passos, limitavam-se a retirar para a cozinha. Eu era frequentemente enxotada dessa divisão com uma voz gentil de “Vá, Menina Abelha, ide brincar onde for seguro. Aqui ireis ser pisada ou escaldada. Vá lá.” E entretanto Ulmeira e Lea punham caretas afetadas e faziam movimentos de enxotar de trás das saias das mães.

Já quanto ao Táfi, temia-o. Tinha nove anos e era maior e mais pesado do que Ulmeira e Lea. Era o ajudante de cozinha encarregado das carnes, e levava para lá uma galinha acabada de matar ou carregava às costas um carneiro abatido e esfolado. Era franco e direto na sua antipatia por mim, à maneira dos rapazes. Um dia, quando segui as crianças das cozinhas até ao ribeiro onde pretendiam pôr a navegar uns quantos barcos feitos de cascas de noz, Táfi virou-se contra mim e atirou-me pedrinhas até eu fugir. Tinha uma forma de dizer “Abee-eelha” que transformava o meu nome num insulto sinónimo de “estúpida.” As duas raparigas não se atreviam a juntar-se-lhe na troça mas, oh, como se divertiam com ela.

Se eu tivesse contado à minha mãe, ela teria contado ao meu pai, e tenho a certeza de que todas as crianças teriam sido banidas de Floresta Mirrada. Portanto, não o fiz. Quanto mais eles não gostavam e troçavam de mim, mais eu ansiava pela sua companhia. Era verdade que não podia brincar com eles, mas podia observá-los e aprender a brincar. Subir às árvores, pôr a flutuar barcos de casca de noz com velas de folha, fazer concursos de saltos, de pulos e de cambalhotas, cantar canções trocistas, como apanhar uma rã... as crianças aprendem todas essas coisas com outras crianças. Vi Táfi andar a fazer o pino e, na privacidade do meu quarto, arranjei nódoas negras numa centena de sítios até conseguir atravessar o quarto sem cair. Não soube que queria pedir que me trouxessem um pião do mercado até ver o pião vermelho de Táfi. À distância, aprendi a assobiar com os lábios ou com uma folha de erva entre os polegares. Escondi-me e esperei que eles partissem antes de tentar baloiçar numa corda atada a um ramo de árvore ou de me aventurar a entrar num caramanchão secreto feito de ramos caídos.

Acho que o meu pai suspeitava de como eu passava o tempo. Quando a

minha mãe lhe falou do meu desejo, ele trouxe-me não só o pião, mas também um saltitão, um pequeno malabarista preso a dois paus, suspenso de um bocado de corda. À noite, quando eu me sentava junto da lareira e brincava com estes brinquedos simples, ele observava-me com os olhos baixos. Eu sentia no seu olhar a mesma fome que eu sentia quando observava as brincadeiras das outras crianças.

Sentia que as roubava quando as espiava. E elas sentiam o mesmo, pois sempre que me descobriam a observá-las, expulsavam-me com os seus gritos e insultos. Táfi era o único que se atrevia a apedrejar-me com pinhas e bolotas, mas os outros gritavam e davam vivas quando ele me acertava. O meu silêncio e timidez tornava-os atrevidos nos ataques.

Um erro tão grande. Ou não. Quando não conseguia juntar-me a eles, seguia-os, e depois de se irem embora brincava onde eles tinham brincado. Havia um lugar, perto de um ribeiro, onde cresciam salgueiros esguios muito juntos. No início da primavera, eles entreteceram as pequenas árvores e, quando chegou o verão, as árvores tinham crescido para se transformar num arco de ramos folhosos, cheio de sombra. Transformou-se na sua casa das brincadeiras, no sítio para onde traziam da cozinha pão e manteiga e o comiam em pratos de grandes folhas. Os copos também eram folhas, enroladas para conter um pouco de água recolhida no ribeiro. E aí, Táfi era Dom Táfi, e as raparigas eram damas com colares de dentes-de-leão dourados e margaridas brancas.

Como eu ansiava por me juntar a eles naquele jogo! Julgara que um vestido rosado e rendado pudesse conquistar-me a admissão no seu círculo. Não conquistara. Portanto, nesse dia segui-os furtivamente e esperei até serem chamados para os seus afazeres antes de me aventurar a entrar. Sentei-me nas cadeiras feitas de pilhas de musgo. Refresquei-me com um leque de ramos de feto que Ulmeira fizera e lá deixara. Eles tinham construído uma caminha de ramadas de pinheiro a um canto e, num dia quente e soalheiro, deitei-me nela. O sol estava forte, mas os ramos dobrados do abrigo só deixavam entrar alguns raios. Fechei os olhos e fiquei a ver a luz nas minhas pálpebras, cheirando a fragrância dos ramos quebrados e o cheiro doce da própria terra. Devo ter dormitado. Quando

abri os olhos, era tarde de mais. Estavam os três à entrada, a observar-me. Sentei-me devagar. Contra o brilho do sol no exterior, eles eram silhuetas. Tentei encontrar um sorriso, mas não consegui. Fiquei muito imóvel, de olhos erguidos para eles. Depois, como se o sol tivesse surgido de trás das nuvens, lembrei-me daquele dia. Sonhara-o, e a todos os muitos caminhos que podiam divergir dele. Não me conseguia lembrar de quando o sonhara, e depois pareceu que talvez fosse um sonho que ainda ia ter. Ou um sonho sobre... alguma coisa. Um sonho sobre uma encruzilhada, um lugar em que se intersetavam não duas estradas, mas milhares. Dobrei as pernas debaixo de mim e levantei-me devagar.

Não conseguia ver as crianças devido à sobreposição de sonhos e sombras que as rodeavam. Tentei estudar a miríade de caminhos. Um, senti, levava a uma coisa que eu desejava desesperadamente. Mas qual? O que tinha eu de fazer para pôr os pés nesse caminho? Se seguisse outro caminho, morria. Ali, eles troçavam de mim. Ali, a minha mãe aparecia a correr quando eu gritasse. E ali...

Não podia fazer com que acontecesse. Tinha de o permitir. Tinha de deixar que o caminho se formasse à minha volta a partir das palavras que tentasse dizer e das provocações que me arremessassem. O momento em que eu podia ter fugido chegou, mas eu estava com demasiado medo para me mexer e consciente de que só este caminho levava ao sítio para onde eu ansiava ir. As raparigas seguraram-me, com dedos que me morderam os pulsos magros até a carne se erguer em estrias, primeiro vermelhas e depois brancas. Sacudiram-me, e a minha cabeça foi atirada para trás e para a frente, com tal força que vi relâmpagos de luz no fundo dos olhos. Tentei falar, e o que saiu foi uma algaraviada. Eles guincharam de riso e algaraviaram de volta. Lágrimas brotaram-me nos olhos.

“Faz isso outra vez, Abee-eelha. Faz o som do peru.” Táfi veio pôr-se junto a mim, tão alto que tinha de se baixar dentro do caramanchão. Ergui o olhar para ele e abanei a cabeça.

Então Táfi esbofeteou-me. Com força. Uma vez, e atirou-me a cabeça numa direção, e depois outra vez quase instantaneamente, do outro lado, e eu compreendi que era assim que a mãe o esbofeteava às vezes, atirando-lhe

a cabeça de um lado para o outro até lhe deixar os ouvidos a ressoar. Quando o sangue me inundou a boca de sal, eu soube que estava feito. Estava no caminho. E agora era a altura de me soltar deles e fugir, fugir, fugir, porque a partir desse ponto havia tantos caminhos que levavam a me ver caída na terra, quebrada de formas que nunca poderiam ser consertadas. Por isso soltei os pulsos das mãos delas e abri caminho por entre os troncos de salgueiro, por uma abertura que nenhum deles era capaz de atravessar. Fugi, não na direção do solar, mas para a parte selvagem dos bosques. Um momento depois, eles corriam atrás de mim. Deram-me caça, mas uma pessoa pequena pode correr dobrada sobre si própria e usar os trilhos feitos por coelhos e raposas. E quando o trilho levou a um espinheiro denso e cheio de espinhos, eu enfiei-me onde eles eram demasiado grandes para me seguirem sem rasgarem a roupa e a pele.

No meio do maciço de sarça encontrei um buraco, um lugar onde crescia erva fofa e os espinheiros me protegiam por todos os lados. Encolhi-me lá dentro e aí me imobilizei, tremendo de medo e de dor. Conseguira mas, oh, o custo. Ouvi-os a gritar e a bater com ramos no exterior do espinheiro. Como se eu fosse tola o suficiente para abandonar aquele abrigo! Chamaram-me nomes feios mas não me viam, nem podiam ter a certeza de que eu ainda lá estava escondida. Não fiz nenhum som quando abri a boca e virei a cara para baixo, a fim de deixar o sangue escorrer. Tinha-se rasgado uma coisa qualquer na minha boca, um bocado que ligava a parte de baixo da minha língua ao pavimento da boca. Doía. Sangrei muito.

Mais tarde, depois de eles se irem embora, quando tentei cuspir o sangue, ainda doeu mais. Agora, a língua mexia-se na minha boca, andava de um lado para o outro como um bocado de couro num sapato velho. Quando a tarde estava a chegar ao fim e as sombras se aprofundavam, gatinhei para fora da minha sarça. Regressei ao solar por um caminho comprido e sinuoso. Parei junto do riacho e lavei o sangue da boca. Quando entrei para a refeição da noite, ambos os meus pais ficaram horrorizados com as nódoas negras que se espalhavam pela minha cara e com o olho esquerdo enegrecido. A minha mãe perguntou-me como tinha acontecido, mas eu limitei-me a abanar a cabeça e nem tentei falar. Comi pouco. A língua que

se movimentava livremente metia-se no caminho. Mordi-me duas vezes antes de desistir e ficar a olhar para a comida por que ansiava. Durante os cinco dias seguintes foi difícil comer e a língua pareceu-me um objeto estranho que esvoaçava na minha boca.

E no entanto, e no entanto, era o caminho que eu escolhera. E quando a dor se atenuou, fiquei chocada com a liberdade com que conseguia mover a língua. Sozinha no meu quarto, depois de a minha mãe me julgar adormecida, treinei as palavras em voz alta. Os sons que antes me fugiam, os súbitos começos e os finais bem definidos das palavras, conseguia agora fazê-los. Ainda não conversava, mas agora era porque preferia não o fazer, não porque não pudesse. Com a minha mãe, comecei a falar com maior clareza, mas só numa voz muito baixa. Porquê? Porque temia a mudança que trouxera para mim. O meu pai já me olhava de outra forma desde que vira que eu era capaz de segurar uma pena. E sabia nebulosamente que as raparigas se tinham atrevido a atacar porque eu usara o vestido cor-de-rosa que declarava um estatuto mais elevado do que o delas, um estatuto que sentiam que eu não merecia. Se começasse a falar, iriam todos os criados afastar-se de mim, incluindo a gentil cozinheira Nozmoscada e o nosso sisudo mordomo? Temia que falar só me transformasse numa pária ainda maior do que já era. Ansiava tanto por alguma espécie de companheirismo. Isso viria a ser a minha perdição.

Devia ter aprendido a lição com o que me acontecera. Não aprendi. Sentia-me só, e o coração solitário tem fomes capazes de se sobrepor tanto ao senso comum como à dignidade. O verão avançou, a minha boca sarou e eu recomecei a espiar as outras crianças. A princípio guardei distância, mas era demasiado frustrante vê-las de longe, de onde não conseguia ouvir o que diziam nem ver o que viam. Portanto aprendi a antecipar-me a elas, abraçar uma árvore, trepá-la e ver de cima os seus jogos. Julgava-me muito esperta.

Tinha de acabar mal, e acabou. Esse dia continua tão claro para mim como um sonho. Eles apanharam-me a observá-los quando espirrei. Durante algum tempo, mantiveram-me presa na árvore e eu tive sorte por bolotas e pinhas serem as melhores munições que Táfi conseguiu encontrar. Por fim, pensei em trepar até mais acima na árvore, até sair do seu alcance. Mas uma

árvore esguia o suficiente para ser abraçada por uma criança pequena é estreita o suficiente para ser sacudida por três crianças vigorosas. Durante algum tempo, mantive-me agarrada à copa que chicoteava e depois caí, atirada num grande arco para me ir estatelar de costas. Sem fôlego e atordoada, fiquei incapaz de me defender. Eles estavam silenciosos e aterrados quando se aproximaram lentamente de mim.

“Matámo-la?”, perguntou Ulmeira. Ouvi Lea fazer uma inspiração aterrorizada e depois Táfi gritar ousadamente: “Então vamos garantir que sim!”

Aquilo fez-me sair do atordoamento. Pus-me em pé, entontecida, e fugi. Eles ficaram a olhar para mim e julguei que me deixariam ir. Depois, com um rugido de “Apanhem-na!” vindo de Táfi, vieram atrás de mim, ansiosos como cães coelheiros a seguir um rasto. As minhas pernas eram curtas, a queda tinha-me atordoado e eles seguiam-me de perto, a tagarelar entre gritos. Corri cegamente, de cabeça baixa, com as mãos na cabeça para me proteger das pedras que Táfi apanhava e arremessava com uma precisão sempre crescente. Não planeei fugir na direção do abrigo usado para os partos das ovelhas. Corri em silêncio, como uma lebre, mas quando um grande corpo apareceu de repente na minha frente, pegou em mim e me ergueu bem alto, guinchei como se estivesse a ser morta.

“Silêncio, rapariga!”, bradou-me Lino, o pastor. Tão depressa como tinha pegado em mim, deixou-me cair, e o cão veio bloquear a passagem aos perseguidores quando Lino se virou para eles. Estavam perto de mim; se ele não estivesse lá, ter-me-iam apanhado naquele dia e ainda pergunto a mim mesma se me teriam deixado viva.

Lino agarrou em Táfi pelos colarinhos e ergueu-o com uma mão só, enquanto lhe dava uma palmada tão poderosa no traseiro com a mão livre que todo o corpo de Táfi arqueou sob o golpe. Lino deixou-o cair e girou para as rapariguinhas. Elas não vinham tão perto, e quase conseguiram escapar, mas Lino agarrou no rabo de cavalo de uma e na bainha da saia da outra. Ambas se encolheram perante a sua fúria, quando lhes perguntou: “Que estão vocês a fazer, a perseguir uma criancinha minúscula, seus rufiões? Querem que vos ensine como é quando alguém maior que vocês

vos dá uma surra?”

Ambas as raparigas desataram a chorar. O queixo de Táfi tremeu, mas ele levantou-se e cerrou os punhos aos lados do corpo. Eu fiquei sentada no local onde Lino me tinha deixado cair. Foi só quando ele se baixou para me ajudar a pôr-me em pé que exclamou: “Oh, por Eda e El, vocês são pior que parvos! Esta é a menina, a irmã da própria Dama Urtiga! Acham que ela vai esquecer o que lhe fizeram hoje? Imaginam que quando forem homens e mulheres crescidos, vão trabalhar nas cozinhas ou nos campos como os vossos pais fizeram durante gerações antes de vocês? Ou os vossos filhos depois? Se o Depositário Texugo ou a Dama Moli não correrem hoje mesmo convosco e com os vossos pais para fora das terras deles, vou ficar chocado!”

“Ela espiou-nos!”, choramingou Lea.

“Segue-nos por todo o lado!”, acusou Ulmeira.

“É desmiolada, uma imbecil, e olha para a gente com olhos de fantasma!” Isto veio de Táfi. Foi a primeira vez que compreendi que ele me temia.

Lino limitou-se a abanar a cabeça. “É a filha da casa, seus palermas! Pode ir para onde quiser e fazer o que entender. Pobre coisinha! Que outra coisa há de fazer? Só quer brincar.”

“Ela não sabe falar!”, objetou Ulmeira e Táfi acrescentou: “É burra como uma porta e simplória como um calhau. Quem é que consegue brincar com uma idiota? Deviam mantê-la amarrada dentro de casa, deviam pois, para não andar a atrapalhar.” Compreendi que estava a repetir uma coisa que ouvira aos adultos.

Lino olhou para eles e depois para mim. Após o meu primeiro guincho, não tinha produzido um som. A cadela voltou para junto de mim e eu abracei o seu dorso hirsuto. Os meus dedos afundaram-se profundamente no seu pelo sedoso e senti o conforto fornecido pelo animal a inundar-me. A cadela sentou-se ao meu lado e ficámos com as cabeças ao mesmo nível. O pastor tirou os olhos do animal e voltou-os para as crianças. “Bem. Seja ela o que for, não vos custa nada serem gentis com ela. E agora puseram-me aqui num sarilho. Eu devia ir dizer ao Depositário, devia mesmo, mas não

tenho nenhuma vontade de ver as vossas famílias corridas das posições que ocupam há anos. Mas *vou* falar com os vossos pais. Se é isto que andam a fazer, vocês os três têm muito mais tempo livre nas mãos do que deviam ter. E agora, menina, vamos olhar para vós. Eles magoaram-vos?”

“Nem lhe tocámos!”, gritaram eles.

“Não conte ao Depositário! Juro que nunca mais voltamos a persegui-la,” negociou Táfi.

Lino baixara-se, apoiando-se num joelho. Tirou-me da túnica uma folha seca e um cardo e atreveu-se a alisar para trás os meus caracóis emaranhados. “Bem, ela não está a chorar. Então se calhar não está muito magoada. Não estais magoada, pequenina?”

Eu endireitei-me e olhei-o nos olhos. Pus as mãos atrás de mim e cerrei-as em punhos, com as unhas a morder as palmas com força para me dar coragem. Encontrei a voz. Com a língua recentemente soltada, formei cada palavra como se fosse uma dádiva. “Muito obrigada, pastor Lino. Não estou ferida.” Os olhos dele arredondaram-se. Depois, virei o olhar para as boquiabertas crianças. Lutei por manter a minha nova voz firme, proferindo cada palavra com precisão. “Não contarei ao meu pai ou à minha mãe. E não vou precisar de contar, julgo eu. Estas crianças compreenderam o seu erro.”

Ficaram a olhar para mim. Eu foquei o olhar em Táfi e tentei queimar nele buracos com os olhos. Ele devolveu-me um olhar carrancudo e amuado. Devagar, muito devagar, inclinei a cabeça. O ódio enfrentou o ódio nos nossos olhares, mas o dele era maior que o meu. O que temeria ele, se não era o meu ódio? Então soube. Tive de me lembrar de cada músculo na minha cara, mas construí e deixei desabrochar lentamente um sorriso adulator no meu rosto. Falei num sussurro gentil. “Querido Táfi.”

Os olhos dele esbugalharam-se perante o meu olhar carinhoso. Depois, Táfi gritou, um grito mais esganiçado do que o que eu soltara, virou-se e fugiu. As rapariguinhas fugiram atrás dele. Eu deitei um relance a Lino. Os olhos dele estavam a avaliar-me, mas não vi desaprovação. Virou-se para observar as crianças em fuga. Acho que estava a falar mais com o cão do que comigo quando disse: “Eles espancam-te e maltratam-te se julgarem que

és um bruto mudo. Não importa se és mula, cão ou criança. E quando descobrem que há uma mente atrás da carne que têm andado a espancar, têm medo de ti. E deixam-te em paz. Às vezes.” Respirou mais profundamente e virou para mim um olhar avaliador. “Agora ireis ter de ter cuidado, menina. O que eu ‘tava aqui a pensar é que ‘tá na altura de terdes um cão. Falai com o vosso pai sobre isso. Eu e a Margarida podíamos arranjar-vos um bom cachorro. Um cachorro esperto.”

Eu abanei a cabeça e, em resposta, ele encolheu os ombros. Fiquei ali a seguir a choradeira das crianças até elas contornarem a esquina do muro do jardim das hortaliças. Assim que saíram de vista, virei-me para a cadela e enterrei a cara no seu pelo. Não chorei. Mas tremi e agarrei-me ao animal com força. Ela aguentou firme o abraço e virou a cabeça para ganir e depois morder-me a orelha.

“Cuida dela, *Margarida*.” A voz de Lino soou profunda, e talvez tenha sido transmitido entre ele e o cão algo mais do que eu ouvi. Só sabia que a cadela era quente e não me ameaçava e não parecia ter nenhum desejo de se afastar do meu abraço desesperado.

Quando finalmente afastei a cara da pelagem da cadela, Lino tinha-se ido embora. Nunca saberei o que ele pensou sobre aquele encontro. Dei a *Margarida* um último abraço e ela lambeu-me a mão. Depois, vendo que já não precisava dela, a cadela partiu a trote em busca do dono. E eu regressei à casa e subi ao meu quarto. Pensei no que tinha feito. Nenhuma das crianças se atreveria a falar daquilo aos pais: teriam de explicar por que motivo eu dissera o que dissera. O pastor Lino, decidi, guardaria o assunto para si. Como sabia? Ele dissera-me para ter cuidado, e aconselhara-me a arranjar um cão. Esperava que eu lidasse pessoalmente com aquilo. E era o que eu ia fazer.

Matutei no seu conselho sobre o cão. Não. O meu pai queria saber por que motivo eu queria ter um. Não lhe podia dizer, nem mesmo por intermédio da minha mãe.

Após o meu encontro com as crianças, segui o conselho de Lino. Deixei de as seguir e evitei-as sempre que possível. Em vez disso, comecei a seguir o meu pai, para ver o que ele fazia o dia inteiro enquanto a minha mãe

andava na sua rotina do costume. Supus, lisonjeiramente, que ele não tivesse reparado na sua pequena sombra, mas mais tarde vim a descobrir que ele estivera consciente de mim. As suas longas caminhadas pela propriedade para verificar as coisas eram esgotantes para as minhas pequenas pernas. Se ele montasse a cavalo, eu desistia de imediato. Temia cavalos, com as suas patas compridas e nodosas e os súbitos resfôlegos. Anos antes, tinha eu cinco anos, ele pusera-me em cima de um para me ensinar a montar. No meu terror e perturbação com o seu toque invasivo, e à altura do dorso do animal, eu tinha-me visto livre das mãos dele e dera uma cambalhota por cima do animal, estatelando-me na terra bem batida. O meu pai ficara aterrorizado com a ideia de me ter ferido e nunca mais voltou a fazer a experiência. À minha maneira entaramelada, eu dera à minha mãe a desculpa de me ter sentido rude por me sentar em cima de alguém e esperar que esse alguém me transportasse de um lado para o outro. E quando a minha mãe dera ao meu pai essa explicação, ele ficara ainda mais pensativo e relutante em expor-me a cavalos. Ao segui-lo agora, comecei a arrepender-me disso. Embora temesse o toque do meu pai e a vaga irresistível dos pensamentos dele na minha mente, ainda desejava saber mais sobre ele. Se tivesse sido capaz de montar a cavalo, podia tê-lo seguido. Mas informá-lo disso apresentava dificuldades.

Desde que descobrira que eu sabia desenhar, ele começara a passar mais tempo comigo. À noite, trazia o seu trabalho para a sala de estar da minha mãe. Agora, eu tinha aí a minha mesinha, com as minhas próprias tintas, penas e papel. Ele mostrara-me por várias vezes velhos pergaminhos bolorentos com ilustrações desbotadas de plantas, flores e letras que eu não reconhecia. Tinha-me transmitido que eu devia tentar copiar o que via, mas isso era algo que eu não tinha nenhuma vontade de fazer. Já havia tantas coisas armazenadas na minha mente, flores, cogumelos e plantas que vira e desejava capturar no papel. Não partilhava a obsessão dele por voltar a escrever o que já tinha sido escrito; sabia que isso o desapontava, mas era assim.

O meu pai nunca compreendera a minha língua pouco clara, e mesmo agora não falava muito com ele. Hesitava em atrair para mim a sua atenção.

Mesmo estar na sala com ele era para mim um desafio. Quando ele olhava para mim ou concentrava em mim a atenção, o simples poder dos seus pensamentos torrenciais aterrorizava-me. Não me atrevia a deixar que me tocasse, e até olhá-lo nos olhos equivalia a sentir a atração desse redemoinho. Por isso evitava-o, tanto quanto conseguia, apesar de saber que isso o magoava e desgostava a minha mãe.

Apesar disso, ele começou a tentar brincar comigo. Veio uma noite para junto da lareira sem pergaminhos para copiar. Sentou-se no chão perto da minha mesinha e deu palmadinhas na lareira a seu lado. “Vem ver o que aqui tenho,” convidou. A curiosidade sobrepôs-se ao terror e eu abandonei as tintas e fui ter com ele.

“Olha um jogo,” disse-me, e ergueu um lenço que cobria uma bandeja. Nela estava uma flor, uma pedrinha branca e um morango. Fitei-a, baralhada. De repente, ele tapou-a. “Diz-me o que viste,” desafiou-me. Eu olhei para a minha mãe em busca de uma explicação. Ela estava na sua cadeira do outro lado da lareira, com as mãos ocupadas com uma costura qualquer.

Ela ergueu as sobrancelhas, confusa, mas perguntou-me: “O que estava na bandeja, Abelha?”

Fitei-a. Ela ergueu um dedo repreensivo e ergueu as sobrancelhas na minha direção. Eu falei baixinho sem olhar para ele. “Flô.”

“Que mais, Abelha?”

“Pe-eda.”

A minha mãe pigarreou, pedindo-me para tentar com mais força. “Baga,” acrescentei baixinho.

“A flor era de que cor?”, perguntou-me pacientemente o meu pai.

“Rosa.”

“E a pedra?”

“Banca.”

“E que tipo de baga?”

“Muuango.”

“Morango,” corrigiu suavemente a minha mãe. Eu fitei-a.

Saberia ela que eu era capaz de dizer corretamente a palavra? Não tinha a

certeza se queria falar tão claramente com o meu pai. Ainda não.

O meu pai sorriu-me. “Muito bem. Muito bem, Abelha. Acertaste todas. Jogamos outra vez?”

Fugi para mais perto dos pés da minha mãe. Ergui os olhos para ela, suplicando-lhe que me salvasse.

“É um jogo estranho,” sugeriu ela, captando a minha perturbação.

O meu pai soltou um som divertido. “Suponho que seja. Costumava jogá-lo com o Breu. Ele acrescentava cada vez mais coisas à bandeja ou então acrescentava alguma coisa e tirava outra, e eu tinha de dizer o que estava em falta. Estava a treinar-me os olhos.” Solto um pequeno suspiro. De cotovelo assente no joelho, apoiou o queixo na mão. “Não conheço nenhum jogo verdadeiro. Não tive muitas hipóteses de brincar com outras crianças.” Olhou para mim e ergueu uma mão impotente. “Só quis...” E, com um suspiro, pôs de lado o resto das palavras.

“É um bom jogo,” disse a minha mãe num tom decidido. Pôs-se em pé e depois surpreendeu-me ao sentar-se no chão ao lado dele. Puxou-me para junto de si e abraçou-me. “Vamos jogar outra vez,” disse e eu compreendi que ela se sentara junto de mim para me dar coragem, porque queria que eu brincasse com o meu pai. Por isso, eu brinquei. Jogámos à vez, a minha mãe e eu, enquanto o meu pai ia acrescentando cada vez mais coisas que tirava de um saco de couro que tinha atrás das costas. Aos nove objetos, a minha mãe atirou as mãos ao ar. Eu continuei a jogar, esquecida de o temer, concentrada apenas na bandeja.

Chegou um momento em que o meu pai disse, não para mim mas para a minha mãe: “É tudo o que tenho.”

Ergui o olhar e olhei em volta. Os meus pais pareciam brumosos, como se os estivesse a ver no meio de um nevoeiro ou a grande distância. “Quantos foram?”, perguntou a minha mãe.

“Vinte e sete,” disse o meu pai em voz baixa.

“De quantos te conseguias lembrar em criança?”, perguntou baixinho a minha mãe. Havia agitação na sua voz.

O meu pai respirou fundo. “Não eram vinte e sete,” admitiu. “Não à primeira tentativa.”

Olharam um para o outro. Depois voltaram a concentrar-se em mim. Pestanejei e senti-me a oscilar ligeiramente. “Acho que já passámos da hora de ela se deitar,” anunciou a minha mãe numa voz estranha. O meu pai concordou com a cabeça em silêncio. Começou a devolver devagarinho as coisas ao saco. Com um gemido, devido a dores nas articulações, a minha mãe pôs-se em pé. Levou-me para a cama, e nessa noite ficou sentada ao meu lado até eu adormecer.

Num dia de vastos céus azuis salpicados de gordas nuvens brancas, com um vento suave que trazia os odores da alfazema e da urze, a minha mãe e eu tratávamos juntas do jardim dela. O sol já passara do meio-dia, as flores sopravam suaves fragrâncias a toda a nossa volta. Estávamos ambas de gatas. Eu trabalhava com o meu pequeno sacho de madeira, esculpido pelo meu pai para me caber na mão, soltando a terra em volta dos canteiros mais antigos de alfazema. A minha mãe tinha a tesoura de podar na mão e estava a podar o excesso generalizado das alfazemas. De vez em quando parava para recuperar o fôlego e esfregar o ombro e o lado do pescoço. “Oh, estou tão farta de envelhecer,” disse uma vez. Mas depois sorriu-me e disse: “Olha para a abelha gorda nesta flor! Cortei o caule e mesmo assim não quer sair. Bem, pode vir connosco durante algum tempo.”

Tinha um grande cesto onde guardava o resultado da poda, o qual arrastávamos atrás de nós enquanto íamos gatinhando pelo canteiro de alfazema. Era um trabalho agradável e bem cheiroso e eu estava feliz. Ela também. Eu sabia que estava. Falou-me dos bocadinhos de fita que tinha no cesto da costura e disse-me que ia mostrar-me como se faziam saquinhos de alfazema capazes de conservar a fragrância, que podiam ser guardados na minha arca da roupa e na dela. “Temos de cortar os caules compridos, porque vamos dobrá-los por cima das flores e depois prendemo-los com as fitas para segurar tudo. Vão ficar bonitos, bem cheirosos e úteis. Exatamente como tu.”

Ri-me e ela também se riu. Depois interrompeu o trabalho e respirou mais fundo. Oscilou para trás e sorriu-me ao mesmo tempo que se queixava: “Tenho uma pontada tão grande aqui de lado,” esfregando as costelas e depois subindo a mão até ao ombro. “E o braço esquerdo dói

tanto. Podíamos imaginar que ia ser o direito, visto que é essa a mão que está a fazer o trabalho todo.” Agarrou a borda do cesto e puxou por ele, na intenção de se levantar. Mas o cesto virou-se e ela perdeu o equilíbrio e estatelou-se sobre a alfazema, esmagando os arbustos sob o seu peso. Uma fragrância doce ergueu-se à sua volta. Ela rolou sobre si própria, ficando deitada de costas, e franziu o sobrolho, com pequenas rugas a encarquilhar-lhe a testa. Estendeu a mão direita e pegou na esquerda, erguendo-a e observando-a espantada. Quando a largou, a mão caiu, sem força. “Bem, mas que tolice.” A sua voz soou resmungada e baixa. Parou e respirou mais profundamente. Com a mão direita, deu-me palmadinhas na perna. “Vou só recuperar o fôlego por um momento,” murmurou, com palavras cujas arestas se tinham tornado arredondadas. Fez uma inspiração entrecortada e fechou os olhos.

E depois morreu.

Eu gatinhei para cima da urze a seu lado e toquei-lhe na cara. Baixei-me e pus a cabeça no seu peito. Ouvi o último batimento do seu coração. Depois, ela deu um suspiro e tudo ficou imóvel no seu interior. À nossa volta, o vento soprava fraco e as abelhas da minha mãe atarefavam-se nas flores. O seu corpo ainda estava quente e ela ainda cheirava como a minha mãe. Pus os braços à sua volta e fechei os olhos. Pousei a cabeça no seu peito e perguntei a mim mesma o que seria de mim agora que a mulher que me tinha amado tanto havia partido.

O dia estava a começar a arrefecer quando o meu pai veio à nossa procura. Soube que estivera nas pastagens das ovelhas porque trazia nos braços um pequeno ramo das pequenas rosas brancas que cresciam ao longo do caminho. Chegou ao portão de madeira do muro baixo de pedra que rodeava o jardim, olhou para nós e compreendeu. Soube que ela estava morta antes de abrir o portão. Mesmo assim, correu até nós, como se pudesse correr de volta a um momento em que ainda não fosse demasiado tarde. Deixou-se cair sobre os joelhos ao lado do corpo dela e pôs as mãos sobre ela. Respirou fundo e atirou o coração para dentro dela, vasculhando a sua carne em busca de algum sinal de vida. Arrastou-me consigo e eu soube o que ele soube. Ela estava irrevogavelmente morta.

Abraçou-nos a ambas, atirou a cabeça para trás, e uivou. A boca escancarou-se-lhe, a cara virou-se para o céu, e as cordilheiras de músculos no seu pescoço projetaram-se para fora.

Não fez nenhum som. Mas a dor que jorrou através dele para o céu ensopou-me e sufocou-me. Afoguei-me na sua mágoa. Pus as mãos no seu peito e tentei usá-las como alavanca para me afastar dele, mas não consegui. De uma lonjura impossível, senti a minha irmã. Como que lhe batia à porta, exigindo saber o que se passava. Havia outros, gente que eu nunca conhecera, a gritar à sua mente, a oferecer-se para enviar soldados, para emprestar força, para fazer por ele tudo o que pudesse ser feito. Mas ele nem era capaz de verbalizar a sua dor.

É a minha mãe!, compreendeu de repente a minha irmã. E: *Deixem-no só. Deixem-nos sós!*, ordenou a todos, e eles recuaram como uma maré.

Mas o desgosto dele continuou a rugir, uma tempestade que me atacou com ventos tempestuosos a que eu não conseguia escapar. Debatí-me violentamente, sabendo que estava a lutar pela minha sanidade e possivelmente pela vida. Não me parece que ele sequer soubesse que me tinha encurralada entre o seu coração trovejante e o corpo em arrefecimento da minha mãe. Contorci-me por baixo do seu braço, conseguindo libertar-me, caí por terra e fiquei aí, a arquejar como um peixe fora de água.

A ligeira distância que ganhara dele não foi suficiente. Estava mergulhada num redemoinho de memórias. Um beijo roubado numa escada. A primeira vez que ela lhe tocara na mão e não fora por acidente. Vi a minha mãe a correr por uma praia de areia preta e pedra. Reconheci o oceano que nunca tinha visto. As saias vermelhas e lenços azuis dela esvoaçaram ao vento e ela estava a rir por sobre o ombro enquanto o meu pai a perseguia. O seu coração batera de alegria ao pensar que poderia apanhá-la, que poderia abraçá-la, na brincadeira, ainda que só por um momento. Vi de repente que eram crianças, só uma mancheia de anos mais velhos do que eu era agora. Nunca tinham crescido, nenhum deles, não realmente. Para ele, ela permanecera a vida inteira aquela rapariga, aquela maravilhosa rapariga só alguns anos mais velha do que ele, mas tão mundanamente sensata, tão feminina em contraponto a tudo o que era tão

masculino na sua vida.

“Moli!”, chorou ele, uma palavra que lhe rebentou de súbito nos lábios. Mas ele não tinha fôlego para a gritar; arquejou-a. Caiu sobre o corpo dela, a chorar. A sua voz soou como um suspiro. “Estou sozinho. Estou totalmente sozinho. Não podes ter partido. Não posso estar tão sozinho.”

Não falei com ele. Não lhe fiz lembrar que ainda me tinha, porque não era disso que ele estava a falar. Também ainda tinha Urtiga e Breu e Respeitador e Obtuso. Mas nesse momento eu conheci-lhe o coração; não consegui evitar conhecê-lo num momento em que os sentimentos jorravam dele como sangue de um ferimento mortal. O seu desgosto era um espelho exato do meu. Nunca mais haveria ninguém como ela. Nunca mais haveria ninguém que nos amasse tão completamente, com tão pouco motivo. Entreguei-me ao seu desgosto. Estatelei-me de costas na terra e vi o céu escurecer e as estrelas de verão começarem a aparecer no céu azul-escuro.

Uma ajudante de cozinha foi dar connosco ali, soltou um guincho de horror e depois correu para a casa em busca de ajuda. Os criados regressaram com lanternas, meio assustados com o amo e a sua violenta dor. Mas não tinham necessidade de cautelas. Ele perdera toda a força. Nem sequer conseguiu pôr-se em pé, nem mesmo quando puxaram o corpo dela de entre os seus braços para a levar para casa.

Foi só quando estenderam a mão para mim que ele acordou. “Não,” disse e, naquele momento, reivindicou-me como sua. “Não. Ela agora é minha. Cria, vem cá ter comigo. Eu levo-te para dentro.”

Cerrei os dentes perante o seu toque quando ele pegou em mim. Mantive o corpo rígido e direito como fazia sempre que ele me pegava ao colo e afastei o olhar da sua cara. Não conseguia suportá-lo, não conseguia suportar os seus sentimentos. Mas a verdade estava em mim e tive de a verbalizar. Sustive a respiração e sussurrei ao seu ouvido o poema do meu sonho: “Quando a abelha à terra for tombar, a borboleta regressa para a todos nos mudar.”

CAPÍTULO 11

A ÚLTIMA OPORTUNIDADE

A tua suposição é correta. Eu não disse tudo o que sei sobre esse acontecimento mas, de certa forma, partilhei com Breu tudo o que julgo ser seguro partilhar. Por conseguinte, o que vou repetir aqui destina-se apenas aos olhos da Mestra do Talento. Por mais que gostemos ambos do velho, sabemos que ele é dado a correr riscos em busca do conhecimento.

A primeira coisa a recordar é que nunca estive realmente lá, em pessoa. Sonhei e, nesse sonho, caminhei pelo Talento. Mas, sendo altamente dotada para sonhos de Talento, tu, entre todas as pessoas, saberás que o que lá vi foi através dos olhos do Rei Veracidade.

No meu sonho, estávamos numa cidade quebrada. Ela ainda continha as suas memórias, como agora compreendemos que acontece com algumas das cidades dos Antigos. Vi-a como tinha sido, cheia de torres altas e de delicadas e graciosas pontes e repleta de pessoas exóticas vestidas de cores brilhantes. E vi-a como Veracidade a experimentava, fria e escura, com ruas irregulares e sendo cada parede caída um perigo que tínhamos de ultrapassar. Areia era soprada por um vento violento; ele baixou a cabeça contra o vento e avançou na direção de um rio.

A minha perceção foi de um rio. Mas não se tratava de água. Era Talento, como líquido, como ouro derretido ou até ferro corredo e vermelho. A mim, nessa altura, pareceu-me que a corrente tinha uma luminescência negra. Mas no meu sonho era de noite e inverno. Teria alguma cor que fosse? Não te sei dizer.

Lembro-me de como o meu rei, devastado até mais parecer um espantalho, ajoelhou naquela margem e mergulhou as mãos e os braços naquela coisa sem olhar a consequências. Eu partilhei a sua dor, pois juro que aquilo devorou a carne e músculos até aos ossos. Mas quando ele se afastou da corrente, tinha as mãos e os braços

prateados de Talento puro, com a magia na sua forma mais forte e poderosa.

Também te digo que o ajudei a conter-se para que não mergulhasse naquela corrente. Emprestei-lhe a força para se afastar dela. Se tivesse realmente estado lá, em carne e osso, não me parece que tivesse tido força de vontade suficiente para resistir à tentação de me afogar nela.

Portanto, por mim, sinto-me grato por não conhecer o caminho para aquele lugar. Não sei como Veracidade lá chegou; não sei como foi daí até à pedreira. Suspeito que usou pilares de Talento, mas não sei nem quero saber quais e que emblema ostentavam. Há alguns anos, Breu pediu-me para viajar pelos pilares com ele, para regressar aos Dragões de Pedra e, daí, à pedreira, a fim de descobrirmos que pilares o Rei Veracidade podia ter usado. Recusei nessa altura e continuei a recusar depois.

Para segurança de todos, suplico-te que guardes esta informação só para ti. Destrói este rolo, por favor, ou então esconde-o onde só tu consigas encontrá-lo. Espero realmente que o local seja muito, muito distante, só alcançável por uma série de viagens por pilar que nenhum de nós venha a fazer. A pequena quantidade de magia de Talento que aprendemos a manipular deve ser suficiente para nós. Que não procuremos um poder que exceda a nossa sabedoria para o usar.

Rolo não enviado por FitzCavalaria Visionário à Mestra do Talento
Urtiga

Existem fins. Existem inícios. Por vezes coincidem, com o fim de uma coisa a assinalar o início de outra. Mas por vezes existe apenas o longo espaço após um fim, um período em que parece que tudo terminou e nunca mais nada poderá começar. Quando morreu a minha Moli, a guardiã do meu coração desde que eu era rapaz, foi assim. Ela terminou mas nada mais começou. Não havia nada para afastar a minha mente desse vazio, nada para redimir a minha dor, nada que desse sentido à sua morte.

Pelo contrário, a morte dela transformou todos os outros fins que eu experimentara numa ferida fresca.

Nos dias que se seguiram, eu fui um inútil. Urtiga veio depressa, chegando antes de passar a primeira noite, trazendo consigo Firme e Enigma. Tenho a certeza de que viajou pelas pedras, e eles também. Os filhos de Moli e Castro chegaram tão depressa quanto conseguiram, com as mulheres e os filhos. Chegaram outros enlutados, pessoas que eu devia ter cumprimentado, pessoas a quem devia ter agradecido pela amabilidade. Talvez o tenha feito. Não faço ideia do que fiz nesses longos dias. O tempo não parecia passar, simplesmente arrastava-se e arrastava-se. A casa estava cheia de gente, a conversar e a comer junta, a comer e a conversar junta, a chorar e a rir e a partilhar recordações de alturas em que eu não fizera parte da vida de Moli, até ao ponto em que a minha única solidão foi retirar-me para o meu quarto e trancar a porta. Mas a ausência de Moli era maior do que a presença fosse de quem fosse. Cada um dos seus filhos crescidos a chorava. Cavalaria chorava sem vergonha. Veloz andava pela casa com os olhos vazios, enquanto Ágil se mantinha simplesmente sentado. Firme e Cadinho pareciam beber muito, coisa que teria desgostado Moli se a tivesse visto. Justo transformara-se num jovem solene, e uma aura escura de solidão, que fazia lembrar muito Castro, pairava em seu redor. Apesar disso, foi ele que se atarefou a cuidar dos irmãos e irmã. Enigma também lá estava, mantendo-se em pano de fundo, como um fantasma. Conversámos uma vez, noite avançada, e ele tentou dizer, com boas intenções, que a minha mágoa acabaria por passar e a minha vida recomeçaria. Quis bater-lhe e acho que isso se viu na minha cara. Depois disso evitámo-nos um ao outro.

Respeitador, Eliânia, os príncipes e Kettricken estavam no Reino da Montanha, portanto fui poupado à sua presença. Breu nunca ia a funerais e eu não contava que viesse. Quase todas as noites o sentia nos limites da minha mente, convidativo mas sem se intrometer. Fez-me lembrar o modo como ele abria a porta secreta que levava à sua torre e esperava por mim quando eu era rapaz. Não me estendi para ele, mas ele soube que eu estava consciente da sua presença e grato pela discrição.

Mas listar quem apareceu e quem não apareceu faz com que pareça que eu reparei ou me importei. Não o fiz. Vivi a minha dor; dormi luto, comi mágoa e bebi lágrimas. Ignorei tudo o resto. Urtiga pôs-se no lugar da mãe, lidando com tudo aparentemente sem esforço, enquanto consultava Pândego para se assegurar de que as pessoas que iam chegando tinham sítio para dormir e coordenava refeições e provisões com a cozinheira Nozmoscada. Encarregou-se de que todos os que deviam ser notificados da morte de Moli o fossem. Justo tornou-se o homem da casa, dirigindo os moços de estrebaria e os criados, dando cumprimentos e despedidas. Tudo o que eles não dominavam mas precisava de ser feito coube a Pândego e a Enigma. E eu deixei. Não podia ajudá-los com o luto deles. Não conseguia fazer nada por ninguém, nem mesmo por mim próprio.

Sem que eu saiba como, todas as coisas necessárias foram feitas. Cortei o cabelo para o luto e alguém deve ter cortado o da criança. Quando a vi, Abelha parecia um pincel para aplicar óleo em cascos, um pauzinho todo envolto em negro, com uma penugem loura em pé na cabecinha. Os olhos vazios e azuis estavam mortos. Urtiga e os rapazes insistiram que a mãe quisesse ser enterrada. Como Paciência antes de si, ela tinha o desejo de não ser queimada, mas de regressar o mais depressa possível à terra que nutria todas as coisas que amara. Enterrada no chão. Isso enregelou-me. Eu não soubera. Nunca falara com ela sobre essas coisas, nunca pensara nem imaginara uma altura em que ela não estivesse presente. As mulheres vivem sempre mais que os maridos. Toda a gente sabe. Eu soubera-o e contara com isso. E o destino tinha-me enganado.

Enterrá-la foi difícil para mim. Teria sido mais fácil vê-la arder numa pira, para saber que ela tinha partido, completa e intocavelmente, do que pensar nela envolta apenas num sudário e colocada sob o peso do solo húmido. Regressei à sua sepultura, dia após dia, desejando ter tocado a sua cara uma vez mais antes de a colocarem na terra escura. Urtiga arranjou as plantas que viriam a definir o lugar de repouso da mãe. Diariamente, quando o visitava, eu via as pegadas dos pezinhos de Abelha. Nem uma erva daninha se atreveu a mostrar-se.

Pouco vi de Abelha além das pegadas. Evitávamo-nos um ao outro. A

princípio, eu senti culpa por, nas profundezas da dor, ter abandonado a minha filha. Fui à procura dela. Mas quando entrava numa sala, ela saía. Ou então colocava-se o mais distante de mim que lhe fosse possível. Mesmo quando me procurava no meu covil privativo, noite fora, não era a mim que procurava, mas ao isolamento que essa sala nos fornecia a ambos. Entrava nesse santuário como um minúsculo fantasma com uma camisa de dormir escarlate. Não conversávamos. Eu não lhe pedia para voltar para a sua cama insone, nem lhe fazia promessas vazias de que tudo acabaria por ficar bem. No meu covil, enrolávamo-nos sobre nós próprios tão separadamente como cachorros escaldados. Eu sabia que já não conseguia suportar estar no estúdio de Moli. Suspeitava que ela sentia o mesmo. A ausência da mãe era mais forte nessa sala do que em qualquer outro ponto da casa. E evitávamos um ao outro porquê? A melhor explicação que consigo fornecer é uma comparação. Quando uma mão queimada se aproxima do fogo, a dor inflama-se de novo. Quanto mais eu me aproximava de Abelha, mais aguda se tornava a minha dor. Creio que, no franzir da sua carinha e no tremor do seu lábio inferior, lia que ela sentia o mesmo.

Cinco dias após termos enterrado Moli, a maior parte das pessoas fez as malas e abandonou Floresta Mirrada. Zar não viera. Tinha um posto estival de menestrel muito longe, em Vara. Não sei como recebeu a novidade tão depressa, mas mandou-me uma nota por ave. Chegou aos currais de Torre do Cervo e um mensageiro trouxe-me daí. Foi bom ouvir notícias dele, mas fiquei igualmente contente por não ter vindo. Houve outras notas que chegaram de diversas formas. Uma foi de Kettricken, vinda do Reino da Montanha, uma nota simples em papel simples, escrita pela sua própria mão. Respeitador tocara a minha mente e sabia que nada havia a dizer. Da Dama Pescadora, outrora Esporana, chegou uma carta elegantemente escrita em papel de boa qualidade, com palavras sentidas. Recebi uma missiva menos elaborada de Teio. Ambas diziam o que notas daquelas dizem sempre. É possível que as palavras sejam úteis para outros quando fazem luto; para mim, foram apenas palavras.

Os filhos de Moli tinham quintas e trabalho e famílias e animais a cuidar. O verão não dá a ninguém que ganhe a vida com a terra tempo para ficar

parado. Tinha havido muito choro, mas também recordações acarinhadas e os risos gentis que eles trouxeram consigo. Urtiga pedira-me discretamente para escolher algumas lembranças que cada um dos irmãos pudesse levar. Eu pedi-lhe para o fazer, dizendo que não estava em estado de executar essa tarefa e que, sem a mulher, as coisas dela pouco significavam para mim. Só mais tarde compreendi como essa decisão foi egoísta, como foi egoísta pôr esse peso nos ombros da minha filha mais velha.

Mas naquele momento eu estava paralisado e atordado, sem pensar em ninguém além de mim. Moli fora a minha segurança, o meu lar, o meu centro. Com ela desaparecida, eu senti-me feito em pedaços, como se o meu núcleo tivesse explodido e bocados de mim tivessem sido atirados ao vento. Moli existira durante quase toda a minha vida. Mesmo quando eu não pudera estar com ela, mesmo a agonia de a ver de longe entregar a vida e o amor a outro homem, mesmo essa dor era infinitamente preferível à sua total ausência do meu mundo. Durante os anos que passáramos separados, eu sempre fora capaz de sonhar “um dia.” Agora, todos os sonhos tinham terminado.

Alguns dias após a sua morte, depois de a casa se esvaziar de hóspedes e o pessoal adicional que Pândego chamara ter também partido, Urtiga veio até ao meu gabinete privado. Os seus deveres em Torre do Cervo estavam a chamar por ela. Tinha de regressar, e eu não a censurei, pois sabia que nada havia que ela pudesse fazer ali para melhorar fosse o que fosse. Quando Urtiga entrou, ergui os olhos do papel e pus a pena cautelosamente de lado. Escrever os meus pensamentos sempre foi para mim um retiro. Nessa noite eu tinha escrito página atrás de página, queimando cada uma quase assim que ficava concluída. Os rituais não têm de fazer sentido. Na lareira, sobre uma manta dobrada, Abelha estava enrolada como se fosse um gatinho. Tinha vestida a camisinha de dormir vermelha e chinelos de pele. Tinha as costas curvas viradas para mim e a cara para o fogo. A noite ia avançada e não tínhamos dito uma única palavra um ao outro.

Urtiga estava com o ar de quem devia ter ido descansar há horas. Chorar deixara-lhe os olhos debruados de vermelho, e a sua gloriosa juba ondulada e negra fora reduzida a um barrete encaracolado. Isso escurecia-lhe as

olheiras e tornava-lhe ossuda a magreza do rosto. O roupão simples e azul que trazia pendia-lhe do corpo, e eu apercebi-me de quanto emagrecera.

A voz soou rouca. “Tenho de voltar amanhã para Torre do Cervo. O Enigma vai escoltar-me.”

“Eu sei,” acabei por dizer. Não lhe disse que seria um alívio estar sozinho e poder chorar tão selvaticamente como precisasse sem que ninguém o testemunhasse. Não lhe disse que me sentia suspenso, constrangido pela civilidade num lugar em que não conseguia exprimir a angústia que sentia. Em vez disso, disse: “Eu sei que tens de perguntar a ti mesma porquê. Sabes que eu trouxe o Bobo do outro lado da morte. Deves perguntar a ti mesma porque foi que deixei a tua mãe ir.”

Julgara que aquelas palavras despoletariam a sua ira escondida. Mas ela pareceu horrorizada. “Isso era a última coisa que eu queria! Ou que ela teria querido! A todas as criaturas é dado um lugar e um tempo, e, quando esse tempo acaba, temos de as deixar partir. Eu e a mãe conversámos francamente sobre isso, uma vez. Tinha vindo falar com ela sobre o Obtuso. Sabes como ele é, como as articulações lhe doem. Eu pedi-lhe um unguento que Castro costumava fazer para os rapazes, quando eles tinham roturas musculares, e ela fez um pouco para mim. Doce Eda, isso foi outra coisa que desapareceu! Porque é que eu nunca aponte a receita? Ela sabia tantas coisas, ele sabia tantas coisas, e levaram-nas consigo para as sepulturas.”

Não lhe disse, nessa altura, que eu conhecia essa receita tão bem como alguém podia conhecer. E não havia dúvida de que Castro teria transmitido os seus conhecimentos também aos filhos. Não era a altura de falar dessas coisas. Reparei que havia tinta no mindinho da minha mão direita. Sempre que escrevia, arranjava maneira de ficar com tinta em cima. Peguei no limpa-penas e limpei-a. “O que disse Moli sobre o Obtuso?”, atrevi-me a perguntar.

Urtiga voltou a si como se tivesse percorrido um caminho longínquo e escuro. “Só que havia misericórdia em tornar a dor suportável, mas não em forçar alguém a permanecer nesta vida depois de o trabalho do seu corpo ficar concluído. Estava a acautelar-me contra usar nele o Talento. Eu disse-lhe que o Obtuso era muito mais forte nisso do que eu, e que era mais do

que capaz de virar essa capacidade para si, se o desejasse. Não o fizera. Portanto, eu respeito a sua opção. Mas sei que Breu se serviu dessa magia. Mantém-se tão ativo como era quando o conheci.”

A voz dela silenciou-se, mas eu julguei ter ouvido a pergunta que não fizera. “Eu não,” disse-lhe sem rodeios. “Nunca desejei ficar jovem e ver a tua mãe envelhecer para longe de mim. Não. Se pudesse ter envelhecido com ela, Urtiga, tê-lo-ia feito. Ainda estou a suportar as consequências daquela cura louca pelo Talento que o nosso círculo me fez. Se pudesse detê-la, deteria. Ela renova-me quando eu gostaria que não o fizesse. Magoo um ombro a fazer alguma tarefa e nessa noite perco carne quando o corpo me queima para se reparar. Acordo esfomeado e ando uma semana cansado. Mas o ombro terá sarado.” Atirei a última folha que escrevera para a lareira e empurrei-a para o fundo das chamas com o atizador. “Pronto. Agora já sabes.”

“Eu já sabia,” disse-me ela, com acrimónia. “Julgas que a minha mãe não sabia? Fitz, para com isso. Ninguém te culpa pela morte dela e tu não te devias sentir culpado por não a seguires. Ela teria querido isso. Amo-te pela vida que lhe deste. Depois de o meu pai... depois de Castro morrer, julguei que ela nunca mais voltaria a sorrir. E quando descobriu que ainda estavas vivo, depois de te ter chorado durante tanto tempo como morto, julguei que nunca mais deixaria de estar furiosa. Mas tu voltaste para ela e foste paciente o suficiente para a reconquistar. Foste bom para ela, e ela viveu os seus últimos anos exatamente como eu desejei que toda a sua vida pudesse ter sido.”

Obriguei o ar a sair ruidosamente pela minha garganta apertada. Quis agradecer-lhe mas não consegui encontrar palavras. E não precisei. Ela suspirou e estendeu a mão para me dar palmadinhas no braço. “Bom. De manhã vamo-nos embora. Fiquei um bocadinho surpreendida por descobrir que a Abelha não tem um pónei e parece completamente alheia ao conceito de montar a cavalo. Nove anos, e não sabe montar! Castro pôs-me num cavalo quando eu tinha... bem, simplesmente não me consigo lembrar de uma altura em que não soubesse montar. Quando tentei pôr a Abelha num cavalo, ela debateu-se comigo e desceu pelo outro lado do animal o mais

depressa que conseguiu. Portanto, acho que a nossa viagem para Torre do Cervo vai ser interessante para mim. Ela é tão pequena que acho que conseguimos enfiá-la no alforge de um animal de carga e equilibrá-la com a roupa e brinquedos dela. Pelo menos com alguns. Fiquei completamente espantada por uma criança pequena poder possuir tantos brinquedos e tanta roupa!”

Senti-me como se estivesse a correr atrás dela. “A Abelha?”, perguntei. “Porque haverias tu de levar Abelha para Torre do Cervo?”

Ela deitou-me um olhar exasperado. “Para onde mais haveria de a levar? Tanto Cavalaria como Ágil se ofereceram para a acolher, mesmo que Ágil não tenha mulher para o ajudar com ela. Eu disse não aos dois. Eles não fazem nenhuma ideia daquilo em que se iam meter. Eu, pelo menos, tenho experiência com o Obtuso. Acho que, com o tempo, vou ser capaz de ultrapassar o nevoeiro dela e conseguir alguma compreensão de quem é.”

“O nevoeiro dela,” disse eu, estupidamente.

A minha filha mais velha limitou-se a fitar-me. “Ela tem nove anos. Por esta altura já devia falar. E não fala. Costumava balbuciar com a mãe, mas nos últimos tempos nem isso a tenho ouvido fazer. Com a mãe desaparecida, quem vai ser capaz de compreender a pobrezinha? Nem sei bem se ela sabe que a mãe morreu. Tentei falar com ela sobre isso, mas ela só se afasta de mim.” Urtiga soltou um pesado suspiro. “Gostava de saber até que ponto ela compreende as coisas.” Inclinou a cabeça, a fitar-me, e falou de forma hesitante. “Eu sei que a mãe não teria aprovado, mas tenho de perguntar. Alguma vez usaste o Talento para tentar tocar a sua mente?”

Eu abanei a cabeça devagar. Não estava a seguir o seu raciocínio. Tentei fazer uma ligação. “Moli não teria desejado que eu fizesse isso, portanto não fiz. Descobri há anos os perigos de deixar o Talento tocar as crianças. Não te lembras?”

Aquilo arrancou-lhe um bocadinho de sorriso. “Tanto eu como Respeitador nos lembramos bem disso. Mas julguei que, após anos de silêncio da tua filha, terias pelo menos tentado perceber se ela tem uma mente.”

“Claro que tem! É uma criaturinha esperta. Às vezes tão esperta que

assusta! E fala quando lhe apetece. Só não é lá muito claro. Ou tão frequente como poderíamos esperar.” Eu não parara para pensar que Urtiga nunca vira a irmã mais nova fazer um bordado sentada no joelho da mãe, ou pôr-se em pé em cima de uma mesa para tirar velas dos moldes. Tudo o que vira de Abelha nas suas idas e vindas fora uma criança tímida e pequena, silenciosa e vigilante. E agora era uma criança muda, enrolada numa bola apertada. Levantei-me, passeei pela sala e depois baixei-me para a minha filha mais nova. “Vem cá, Abelha,” disse por impulso mas, no momento em que pus a mão nas costas da criança, ela endireitou-se e ficou hirta como um peixe secado ao sol, e depois escapou-se ao meu toque e voltou a enrolar-se, com a cara virada para longe de mim.

“Deixa-a em paz,” disse Urtiga com firmeza. “Fitz, falemos claramente um com o outro. És um homem mergulhado numa dor profunda e neste momento não consegues pensar em nada além de ti. Mesmo antes de isto acontecer, não estavas... bem, concentrado na tua filha. Não podes cuidar dela. Se eu não te conhecesse melhor, pensaria que ela tem medo de ti. Sei que não és homem para seres cruel para uma criança. Portanto, vou só dizer-te claramente que ela não quer ser tocada por ti. Como poderias tu cuidar dela? Vai ter de partir comigo, amanhã. Há muitas amas em Torre do Cervo e, segundo tenho visto nos últimos dias, ela precisa de poucos cuidados. Depois de estar vestida, alimenta-se a si mesma, sabe como não se sujar e, se for deixada em paz, parece contentar-se em ficar sentada a olhar para o fogo. Uma das mulheres que cuidava do Obtuso podia ser uma boa escolha, penso eu, especialmente uma mulher que esteja agora mais velha e ande à procura de uma posição simples.” Urtiga puxou uma cadeira para mais perto do fogo e sentou-se. Baixou-se para tocar a irmã. A criança contorceu-se para longe dela e Urtiga deixou-a em paz. Abelha encontrou o seu lugar favorito à lareira e dobrou as pernas para dentro da camisa de dormir. Vi o seu corpinho descontrair-se quando fechou as mãos e se perdeu nas chamas dançantes. Ali estava segura. Segura como não estaria em Torre do Cervo. Pensei em deixá-la ir com a irmã. Não gostei da ideia. Seria egoísmo conservá-la comigo? Não sabia bem.

“Vão ser cruéis com ela, lá.” As palavras sangraram lentamente de mim.

“Eu não contrataria uma mulher que fosse cruel! Tens o meu bom senso assim em tão baixa conta?” Urtiga estava indignada.

“Não falo da ama. Falo das crianças do castelo. Quando for para as aulas, vão espicaçá-la por ser pequena e pálida. Vão beliscá-la às refeições. Vão roubar-lhe os doces, vão persegui-la pelos corredores. Vão troçar dela. Por ser diferente.”

“As outras crianças? As aulas?” Urtiga estava incrédula. “Abre os olhos, Fitz. Aulas de quê? Ninguém a ama mais do que eu, mas o melhor que podemos fazer por ela é arranjar-lhe uma vida confortável e segura. Não a poria em aulas nem numa mesa onde pudesse ser alvo de troça ou de beliscões. Vou mantê-la em segurança no seu próprio quarto, perto do meu. Alimentada, vestida e limpa, com os seus brinquedinhos simples. É o melhor que lhe podemos oferecer, e é tudo o que ela pode querer da vida.”

Fitei-a, perplexo com as suas palavras. Como podia Urtiga vê-la assim? “Julgas que ela é simplória?”

Urtiga pareceu abalada por eu o negar. Depois procurou dentro de si e encontrou aço. “Acontece. A culpa não é dela. Não é tua. É uma coisa de que não nos podemos esconder. A minha mãe deu-a à luz já tarde e nasceu minúscula. Crianças dessas raramente têm... uma mente capaz de crescer. Permanecem como crianças. E, durante o resto da vida, seja ela curta ou comprida, alguém terá de cuidar dela. Portanto é melhor se...”

“Não. Ela vai ficar aqui.” Fui taxativo, chocado por Urtiga poder sugerir o contrário. “Independentemente do que possas pensar, e apesar da sua estranheza, ela tem uma mentezinha brilhante. E mesmo se fosse simplória, a minha resposta seria a mesma. Nunca conheceu nada além de Floresta Mirrada. Conhece os cantos à casa e à propriedade e os criados aceitam-na. Ela não é estúpida, Urtiga, nem lenta. É pequena e, sim, é diferente. Pode não falar muitas vezes, mas fala. E faz coisas. Costura, cuida das colmeias, limpa o jardim, escreve no seu livrinho. Adora estar ao ar livre. Adora ser livre de fazer o que quiser. Seguia Moli para todo o lado.”

A minha filha mais velha limitou-se a fitar-me. Baixou a cabeça para Abelha e perguntou com ceticismo: “Esta criança minúscula costura? E sabe cuidar de uma colmeia?”

“Certamente que a tua mãe te escreveu...” As palavras sumiram-se-me. Escrever era difícil para Moli. E fora só no último ano que eu próprio vira a brilhante centelha da inteligência na minha filha. Porque haveria de achar que Urtiga a conheceria? Eu não partilhara essa informação nem com ela, nem com Breu, nem com ninguém em Torre do Cervo. A princípio temera rejubilar cedo de mais. E após o nosso jogo da memória, ficara renitente a partilhar com Breu o conhecimento sobre os talentos da criança. Ainda tinha a certeza de que ele depressa descobriria formas de a explorar.

Urtiga estava a abanar a cabeça. “A minha mãe adorava a filha mais nova. Gabava-se de coisas que pareciam... bem. Era claro que ansiava desesperadamente por que Abelha fosse...” A voz sumiu-se-lhe quando não conseguiu levar-se a proferir aquelas palavras.

“Ela é uma rapariguinha capaz. Pergunta aos criados,” aconselhei, e depois perguntei a mim próprio quantas das coisas que Abelha sabia fazer teriam eles visto. Voltei para junto da secretária e deixei-me cair na cadeira. Nada daquilo importava. “Seja como for, ela não vai contigo, Urtiga. É minha filha. É certo que fique comigo.”

Que palavras para eu lhe dizer. Ela fitou-me, com a boca a ficar lentamente mais apertada. Podia ter dito algo de cruel naquela altura. Vi-a decidir não o fazer. Eu teria chamado as palavras de volta, se pudesse, teria arranjado alguma outra maneira de verbalizar aquela ideia. Em vez disso, acrescentei com franqueza: “Falhei a esse dever uma vez, contigo. Esta será a minha última oportunidade de fazer as coisas bem. Ela fica.”

Urtiga ficou em silêncio durante um bocadinho e depois disse com gentileza: “Eu sei que tens boas intenções. Pretendes proceder bem para com ela. Mas, Fitz, eu duvido que consigas. É como dizes; nunca tiveste de cuidar de uma criança tão pequena, e ela é...”

“O Zar era mais novo do que ela quando o acolhi!”

“O Zar era normal!” Não creio que ela tenha querido que a palavra soasse tão dura.

Levantei-me. Falei com firmeza à minha filha mais velha. “A Abelha também é normal. É normal para quem e o que é. Vai ficar aqui, Urtiga, e manter a sua pequena vida tal como é. Aqui, onde estão as recordações que

tem da mãe.”

Urtiga começara a chorar. Não por mágoa mas por estar tão cansada e mesmo assim saber que me ia desafiar e que isso me magoaria. Lágrimas deslizaram-lhe pela cara abaixo. Não soluçou. Vi-a cerrar o maxilar e compreendi que não recuaria da decisão que tomara. Tal como eu sabia que não podia deixar que ela me levasse Abelha. Alguém ia quebrar; não podíamos vencer ambos aquilo.

“Eu tenho de fazer o que está certo pela minha irmã mais nova. A minha mãe esperaria isso de mim. E não posso deixar que fique aqui,” disse ela. Olhou para mim e, nos seus olhos, li uma dura simpatia pelo que sabia que eu estava a sentir. Simpatia, mas não misericórdia. “Se arranjar uma boa cuidadora para ela em Torre do Cervo, talvez ela possa acompanhar de vez em quando Abelha para vir cá de visita,” disse em tom de dúvida.

Eu senti a minha ira começar a desenvolver-se. Quem era ela para questionar a minha competência naquilo? A resposta que me ocorreu foi um balde de água fria em cheio na cara. Ela era a filha que eu abandonara para poder servir o meu rei. A filha criada por outro homem. Mais do que qualquer outra pessoa no mundo, ela tinha o direito de me achar um pai incompetente. Afastei o olhar de ambas as minhas filhas.

“Se a levares, eu fico aqui sozinho.” As palavras soaram com tanta autocomiseração que me arrependi delas no mesmo instante.

Urtiga falou suavemente e com mais gentileza do que uma afirmação tão egoísta merecia. “Então a resposta é clara. Fecha Floresta Mirrada. Deixa que o pessoal governe a propriedade. Embala as tuas coisas. Volta comigo para o Castelo de Torre do Cervo.”

Abri a boca para falar e não consegui arranjar nada para dizer. Nunca sequer me ocorrera a ideia de poder regressar um dia para o Castelo de Torre do Cervo. Parte do meu coração saltou com a ideia. Não haveria necessidade de enfrentar este fosso de solidão. Podia fugir dele. Em Torre do Cervo, voltaria a ver velhos amigos, os corredores do castelo, as cozinhas, os banhos, os estábulos, as ruas íngremes da Cidade de Torre do Cervo...

E de forma igualmente abrupta, o meu entusiasmo morreu. Vazio. Não

haveria Moli, não haveria Castro, não haveria Veracidade, não haveria Sagaz. Não haveria *Olhos-de-Noite*. A caverna bocejante do vazio ia-se escancarando cada vez mais à medida que cada morte recordada me ia golpeando.

Não haveria Bobo.

“Não,” disse. “Não posso. Não há lá nada para mim. Só política e intriga.”

A simpatia que eu vira na cara dela desbotou. “Nada.” Disse rigidamente a palavra. “Só eu.” Pigarreou. “E Breu e Respeitador e Kettricken e Obtuso.”

“Não foi isso que eu quis dizer.” De súbito fiquei demasiado cansado para explicar. Tentei mesmo assim. “O Castelo de Torre do Cervo que conheço desapareceu há muito. E a vida, lá, prosseguiu sem mim durante demasiado tempo. Não sei como me encaixaria agora lá. Não como FitzCavalaria Visionário, certamente. Não como o assassino e espião da família real. Nem como Tomé Texugo, o criado. Um dia irei passar lá uma semana ou até um mês de visita e verei toda a gente. Mas não para ficar, querida. Nunca mais irei para ficar. E agora não. A ideia de ir agora para algum sítio, de encontrar velhos amigos, de comer e beber, de rir e conversar... não. Não tenho ânimo para isso.”

Ela levantou-se e veio ter comigo. Parou atrás da minha cadeira e pousou-me as mãos nos ombros. “Compreendo,” disse. Havia na sua voz perdão pelo meu comentário insensível. Tinha isso em si, essa capacidade de perdoar facilmente. Eu não fazia ideia de onde a aprendera. Incomodou-me: eu sabia que não a merecia. Ela continuou a falar. “Eu esperava que pudesse ser de outra forma, mas compreendo. E talvez na primavera sintas de outra forma. Talvez por essa altura estejas pronto para vir passar algum tempo connosco.”

Suspirou, apertou-me os ombros uma última vez e depois bocejou como uma gata. “Oh. Ficou tarde, sem que eu percebesse. Devia ter posto a Abelha na cama há horas. Temos de partir cedo e ainda tenho de arranjar maneira de a deixar confortável num alforge. Devia ir já para a cama.”

Não lhe dei resposta. Ela que fosse para a cama e dormisse. De manhã,

quando tentasse levar Abelha, eu diria simplesmente que não. Mas, por aquela noite, podia deixá-la em paz. Uma saída de cobarde.

Abelha continuava sentada de pernas cruzadas, ainda a fitar as chamas. “Vem, Abelha, hora de deitar,” disse Urtiga e baixou-se para pegar na irmã. Abelha fez rolar os ombrinhos de uma forma que eu conhecia bem, pondo-se fora do alcance das mãos de Urtiga. Esta voltou a tentar e, uma vez mais, a criança encolheu-se para longe dela. “Abelha!”, objetou Urtiga.

Abelha virou a cara para cima e olhou para algures, entre mim e Urtiga. “Não. Vou ficar com o papá.”

Nunca a tinha ouvido falar com tal clareza. Isso chocou-me, e lutei por afastar o choque da cara e do Talento.

Urtiga imobilizou-se. Depois, devagar, acocorou-se ao lado da irmã para a olhar no rosto. “Ficar com o papá?” Proferiu cada palavra lenta e cuidadosamente.

Abelha virou vivamente a cabeça para o lado e não disse nada. Afastou o olhar de ambos, fitando os cantos sombrios da sala. Urtiga deitou-me um olhar incrédulo. Eu apercebi-me de que aquela podia ser a primeira vez que ela ouvia a irmã proferir uma frase completa. Urtiga devolveu a atenção à criança.

“Abelha, está na hora de ir para a cama. De manhã temos de nos levantar muito cedo. Vais de viagem comigo, uma longa viagem até um sítio chamado Castelo de Torre do Cervo. Vai ser tão divertido conhecer um novo lugar! Portanto, vem comigo para eu poder levar-te para a cama e aconchegar-te nela.”

Vi os ombros de Abelha ficarem tensos. Ela baixou a cabeça, encostando o queixo ao peito.

“Abelha,” disse-lhe Urtiga, num aviso, e depois voltou a tentar pô-la ao colo. E uma vez mais, Abelha escapuliu-se das suas mãos.

Tinha-se aproximado de mim, mas eu sabia que não devia tentar pegar nela. Em vez disso, dirigi-me diretamente a ela.

“Abelha. Queres ficar aqui comigo?”

Nenhuma palavra saiu dos seus lábios, só um único aceno vivo com a cabeça.

“Deixa-a ficar,” disse eu a Urtiga e, com um suspiro, a minha filha mais velha levantou-se.

Fez rolar os ombros, espreguiçou-se e acrescentou com um suspiro: “Talvez seja melhor assim. Ela que se canse e adormeça. Depois de estar instalada, amanhã, pode recuperar o descanso durante parte da viagem.”

Urtiga não aceitara a resposta da irmã. Eu tinha de a tornar clara. Baixei-me para a minha filha mais nova.

“Abelha? Queres ir de viagem com Urtiga amanhã, até ao Castelo de Torre do Cervo? Ou queres ficar aqui em Floresta Mirrada comigo?”

Abelha virou a cabeça e o seu olhar claro passou por ambos. Olhou para os recantos mais escuros do teto. Os olhos saltaram uma vez para mim e depois para longe. Inspirou longa e lentamente. Articulou cada palavra com clareza. “Não desejo ir para o Castelo de Torre do Cervo. Obrigada, Urtiga, pela tua oferta gentil. Mas vou ficar aqui em casa, em Floresta Mirrada.”

Olhei para Urtiga e virei uma mão para cima. “Ela diz que quer ficar aqui.”

“Eu ouvi-a,” respondeu Urtiga num tom ríspido. Parecia abalada por ouvir a irmã falar, mas eu conservei uma fachada clara. Não quis revelar que aquilo era mais conversa do que ela fazia normalmente numa semana, já para não falar de a articulação ser incomummente calma. Senti que eu e Abelha estávamos juntos naquilo. Aliados. Portanto, olhei calmamente para Urtiga como se não estivesse nada surpreendido.

Por um momento, Urtiga pareceu-se com a mãe mesmo antes de ter um ataque de mau génio. Fitei-a e o meu coração encolheu-se de remorso. Porque tinha eu provocado tantas vezes aquela expressão em Moli quando ela estava viva? Não podia ter sido mais gentil, mais bondoso? Não podia tê-la deixado mais frequentemente levar a sua avante? Uma solidão negra e completa cresceu em mim. Senti-me enjoado, como se o vazio fosse algo que eu tivesse de vomitar para me sair do corpo.

Urtiga falou em voz baixa. “Não é uma decisão que ela seja competente para tomar sozinha. Pensa nos dias que aí vêm. Como vais cuidar dela, quando mal cuidaste de ti próprio nestas últimas duas semanas? Achas que ela pode passar sem comer, como tu fizeste? Achas que pode ficar acordada

até de madrugada, dormir umas quantas horas e depois arrastar-se pelo dia fora como tu? Ela é uma criança, Tomé. Precisa de refeições regulares e de uma rotina e disciplina. E, sim, tens razão, precisa de aulas. E as suas primeiras aulas têm de ser sobre como não ser estranha! Se é capaz de falar, como acabou tão claramente de fazer, tem de ser ensinada a falar com mais frequência, para que as pessoas saibam que tem uma mente. Tem de lhe ser ensinado tudo o que é necessário que saiba. E tem de ser encorajada a falar, em vez de deixar que toda a gente pense que é muda ou idiota! Ela precisa de cuidados, não só de alimento e roupa diários, mas de aprendizagem e crescimento mensais e anuais. Não pode passar a vida a correr por Floresta Mirrada como um gato vadio enquanto tu te ensopas em livros velhos e em brande.”

“Eu posso ensiná-la,” asseverei, e perguntei a mim próprio se poderia. Lembrei-me das horas que passara com Penacarriço e com as outras crianças em Torre do Cervo. Interroguei-me sobre se conseguiria arranjar a paciência e tenacidade que ele possuía para nos ensinar. Bem, decidi silenciosamente, como tinha de o fazer, conseguiria. Ensinar a Zar, não ensinar? A minha mente deu um salto para o lado, até à oferta de Breu. Ele dissera que me enviaria FitzVigilante. Ainda não me dissera que estava na altura, mas decerto que devia estar em breve.

Urtiga abanava a cabeça. Os seus olhos estavam rosados, tanto das lágrimas como do cansaço. “Há mais uma coisa que estás a ignorar. Ela parece ter seis anos, mas tem nove. Quando tiver quinze, será que continuará a parecer ser uma rapariga muito mais nova? Como vai isso afetar a sua vida? E como lhe vais tu falar de como é ser mulher?”

Como, realmente? “Isso está a anos de distância,” asseverei com uma calma que não sentia. Apercebi-me de que as minhas muralhas de Talento estavam erguidas e bem apertadas, impedindo Urtiga de sentir quaisquer dúvidas que eu tivesse. Contudo, através dessa mesma impenetrabilidade das muralhas, ela saberia que eu estava a manter qualquer coisa escondida. Isso não podia ser mudado. Ela e eu partilhávamos a magia do Talento e éramos capazes de nos contactarmos um ao outro desde que ela era rapariguinha. Esse implacável acesso aos sonhos e experiências um do

outro fora uma razão para eu me ter contido quanto a usar o Talento para conhecer o que ia na mente de Abelha. Observei-a então de relance e, para meu choque, ela estava a olhar diretamente para mim. Por um momento, os nossos olhares cruzaram-se e assim ficaram, como não acontecia há anos.

A minha resposta instintiva surpreendeu-me. Baixei o olhar. Algures no meu coração um velho lobo avisou-me: “Fitar alguém nos olhos é má-criação. Não provoques um desafio.”

Um instante mais tarde, voltei a olhar para Abelha, mas também ela afastara o olhar. Observei-a e julguei tê-la visto deitar-me uma olhadela pelo canto do olho. Fez-me tanto lembrar uma criatura selvagem que experimentei um sobressalto de medo. Teria herdado a Manha de mim? Eu deixara a sua mente intocada pela minha, mas de muitas formas isso queria dizer que a deixara também desprotegida. Na sua inocência, já se teria ela vinculado a um animal? Um dos gatos da cozinha, talvez? Contudo, os seus maneirismos não espelhavam os de um gato. Não. Se imitava alguma coisa, era o comportamento de um filhote de lobo, e era impossível ter-se vinculado a um. Mais um dos mistérios da minha peculiar filha.

“Estás a ouvir-me?”, perguntou Urtiga e eu sobressaltei-me. Os olhos escuros dela eram capazes de disparar fogo, tal como os da mãe faziam.

“Não. Desculpa, não estava. Estava a pensar em todas as coisas que vou ter de lhe ensinar, e isso distraiu-me.” E deu-me mais motivos do que nunca para a manter em segurança em Floresta Mirrada comigo. Lembrei-me de um incidente com um cavalo e senti um calafrio. Se Abelha fosse Manhosa, a sua casa era o lugar mais seguro para ela. Os sentimentos contra os Manhosos não eram tão publicamente hostis como outrora, mas velhos hábitos de pensamento morriam com dificuldade. Ainda haveria fartura de gente em Torre do Cervo que pensaria que uma Manhosa, mesmo se criança, ficaria melhor enforcada, queimada e cortada aos bocados.

“E agora, estás a ouvir?”, insistiu Urtiga. Com esforço, afastei o olhar de Abelha e olhei-a nos olhos.

“Estou.”

Ela enfiou o lábio inferior na boca e mordeu-o, muito pensativa. Ia oferecer-me um acordo, um acordo de que não gostava muito. “Eu volto

daqui a três meses. Se ela parecer de alguma forma negligenciada, levo-a comigo. E não se fala mais nisso.” O tom de voz suavizou-se quando acrescentou: “Mas se, em qualquer altura antes disso, te aperceberes de que arranjaste mais areia do que a que cabe na tua carroça, informa-me e eu mando-a buscar imediatamente. Ou então podes trazê-la pessoalmente para o Castelo de Torre do Cervo. E prometo que não direi: *Eu avisei*. Limito-me a ficar com ela.”

Quis dizer-lhe: *Isso nunca irá acontecer*. Mas aprendi, ao longo dos anos, a não tentar o destino, pois sempre me pareceu que eram precisamente as coisas que jurava nunca fazer que acabava por fazer. Portanto, dirigi um aceno à minha formidável filha e respondi, brandamente: “Parece-me justo. E tu devias ir para a cama dormir um pouco, se quiseses partir cedo.”

“Devia,” concordou ela. Estendeu uma mão para a criança. “Vem, Abelha. É caminha para nós as duas e nada de discussões.”

Abelha baixou a cabeça, com óbvia relutância. Intervim.

“Eu ponho-a na cama. Disse que posso cuidar dela em tudo. É adequado que comece já.”

Urtiga oscilou, hesitante. “Eu sei o que vais fazer. Pretendes deixá-la ficar aqui até que adormeça junto da lareira, e depois enfia-la simplesmente na cama tal como está.”

Olhei para ela, sabendo o que estávamos ambos a recordar. Mais de uma vez adormecera junto da lareira de Castro nos estábulos, com uma qualquer peça de arnês ou brinquedo simples nas mãos. E acordava sempre debaixo de uma manta de lã na minha enxerga junto da cama dele. Suspeitava que ele fizera o mesmo com Urtiga quando ela era pequena. “Isso não fez mal a nenhum de nós,” disse-lhe. Ela fez um rápido aceno com a cabeça, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, virou-se e foi-se embora.

Vi-a partir através de olhos enevoados. Levava os ombros arredondados e descaídos. Estava derrotada. E órfã. Era uma mulher feita, mas a mãe morrera tão abruptamente como o homem que a criara. E, embora o pai estivesse à sua frente, sentia-se sozinha no mundo.

A sua solidão amplificou a minha. Castro. O meu coração ansiou subitamente por ele. Era ele o homem com quem eu teria ido ter, o homem

em cujos conselhos teria confiado sobre como lidar com a minha dor. Kettricken era demasiado contida, Breu demasiado pragmático, Respeitador demasiado jovem. O Bobo estava demasiado desaparecido.

Refreei o coração, impedindo-o de explorar essas perdas. Era um dos meus defeitos, e Moli por vezes censurava-me por o alimentar. Se uma coisa má me acontecesse, eu ligava-a imediatamente a todas as coisas más que tinham acontecido na semana anterior ou que poderiam vir a acontecer na semana seguinte. E quando ficava triste, tinha tendência para me abandonar à dor, empilhando os desgostos e deitando-me sobre eles como um dragão sobre um tesouro. Tinha de me concentrar no que tinha, não no que perdera. Tinha de me lembrar de que havia um amanhã e que acabara de me comprometer também com o amanhã de outra pessoa.

Olhei para Abelha e ela afastou imediatamente o olhar. Apesar da dor no coração, sorri. “Nós os dois temos de conversar,” disse-lhe.

Ela fitou o fogo, imóvel como pedra. Depois concordou lentamente com a cabeça. A sua voz soou pequena e aguda, mas clara. A dicção não era a de uma criança. “Tu e eu temos *mesmo* de conversar.” Tremeluziu um relance na minha direção. “Mas eu nunca tive de falar com a mamã. Ela simplesmente entendia.”

Eu na verdade não esperara nenhuma resposta dela. Com o aceno e as breves palavras que antes dissera, já excedera a maior parte da comunicação que me dirigira anteriormente. Falara comigo antes, pedidos simples quando queria mais papel ou precisava que lhe cortasse uma pena. Mas isto, isto era diferente. Desta vez, ao olhar para a minha pequena filha, uma fria compreensão preencheu-me. Ela era profundamente diferente da ideia que eu sempre tivera sobre ela. Era uma sensação muito estranha, uma sensação do conhecido a tombar e eu a derramar-me no desconhecido. Lembrei a mim mesmo que aquela era a minha filha. A filha com quem eu e Moli tínhamos sonhado durante tanto tempo. Desde a estranha gravidez de Moli e o nascimento de Abelha, eu estivera a tentar reconciliar-me com o que pensava sobre ela. Uma noite, nove anos antes, eu passara de temer que a minha querida mulher estivesse alucinada a ser o pai de uma bebé minúscula mas perfeita. Ao longo dos primeiros meses da vida dela,

permitira-me os sonhos descontrolados que qualquer pai tem para um filho. Ela seria inteligente, bondosa e bonita. Queria aprender tudo o que eu e Moli tínhamos para lhe ensinar. Teria sentido de humor e seria curiosa e animada. Seria uma companhia para nós enquanto crescesse e, sim, essa banalidade, um conforto para a nossa velhice.

Depois, à medida que semanas, meses e depois anos foram passando e ela não recuperou o crescimento perdido nem começou a falar, eu fora forçado a encarar as suas diferenças. Como uma lagarta a corroer lentamente uma maçã, esse conhecimento mergulhara em mim e esvaziara-me o coração. Ela não crescia, nem ria, nem sorria. Abelha nunca seria a criança que eu imaginara.

A pior parte era eu já ter entregado o coração a essa criança imaginária e ser terrivelmente difícil perdoar Abelha por não ser assim. A sua existência transformara a minha vida num corupio de emoções. Era difícil matar a esperança. À medida que ela fora lentamente desenvolvendo capacidades que outras crianças teriam tido anos antes, a minha esperança de que estivesse agora de algum modo a melhorar inflamava-se. E todas as vezes que essa vã esperança era esmagada, eram piores do que a anterior. Profunda mágoa e desapontamento davam por vezes lugar a uma ira fria contra o destino. E durante todo esse tempo, eu reafirmava a mim próprio a ideia de que Moli não estava ciente da minha ambivalência para com a nossa filha. Para esconder como era difícil aceitá-la tal como era, tornara-me ferozmente protetor. Não tolerava que mais ninguém se referisse às suas diferenças como insuficiências. Arranjava-lhe qualquer coisa que ela desejasse. Nunca esperei que tentasse fazer alguma coisa que estivesse relutante em experimentar. Moli mantivera-se serenamente ignorante de que Abelha sofria na comparação com a criança imaginária que eu criara. Parecera satisfeita com a nossa filha, parecera até submergi-la em ternura. Nunca tivera a coragem de lhe perguntar se alguma vez olhava para Abelha e desejava outra criança. Recusara-me a refletir sobre se alguma vez olhava para ela e desejava que não tivesse existido.

Interrogara-me sobre o que seria dela quando crescesse e nós envelhecêssemos. Julgara que as suas esparsas palavras queriam dizer que

era simplória, de alguma forma, e tratara-a como tal, até à noite em que me espantara no jogo da memória. Só no último ano encontrara a sabedoria para desfrutar do que ela era. Descontraíra-me, finalmente, e obtivera prazer da alegria que ela trazia à mãe. As terríveis tormentas de desapontamento tinham dado lugar a uma calma resignação. Abelha era o que era.

Mas agora, Abelha falava-me claramente e isso despertou em mim a vergonha. Antes, ela oferecera-me frases simples, tão poupada com as suas palavras balbuciadas como se elas fossem moedas de ouro. Esta noite, eu sentira uma enorme vaga de alívio quando ela proferira aquele primeiro pedido simples para ficar comigo. Por pequena que fosse, sabia falar. E vergonha porquê? Envergonhava-me por ser de repente tão mais fácil amá-la do que fora quando era muda.

Pensei na velha fábula e decidi que não tinha alternativa. Tinha de agarrar na agulha. Apesar disso, abordei-a com cautela. “Tu não gostas de falar?”

Ela deu um curto abanão à cabeça.

“Então conservaste o silêncio comigo porque...?”

De novo um relâmpago daquele olhar azul-claro. “Não era preciso falar contigo. Tinha a mamã. Passávamos tanto tempo juntas. Ela escutava. Mesmo quando eu não conseguia falar claramente, ela percebia o que eu queria. Compreendia sem todas as palavras de que tu precisas.”

“E agora?”

Os seus ombrinhos torceram-se para longe de mim, um desconforto a debater-se com aquela conversa. “Quando tem de ser. Para ficar segura. Mas antes, era mais seguro ficar calada. Ser o que os criados estavam habituados a que eu fosse. Na maior parte do tempo tratam-me bem. Mas se falasse de repente com eles como estou a falar contigo, se me ouvissem a falar assim contigo, iam ter medo de mim. E depois iam considerar-me uma ameaça. Estaria também em perigo por causa dos adultos.”

Também?, pensei. Dei esse salto. “Tal como estás por causa das crianças.”

Um aceno. Nada mais do que isso, e claro que teria de ser assim. Claro.

Ela era tão precoce. Tão adulta. Aquela vozinha minúscula a proferir palavras tão crescidas. E era tão arrepiante ouvi-la avaliar a situação como

se fosse Breu e não a minha pequenina. Eu esperara ouvi-la falar-me em frases simples; teria acolhido de bom grado a lógica descomplicada de uma criança. Em vez disso, o pêndulo oscilou para o outro lado. Em vez da resignação por a minha filha ser muda, de súbito senti receio de que ela fosse mais complexa do que era natural, e talvez falsa.

Ela olhou para os meus pés. “Agora estás com um pouco de medo de mim.” Baixou a cabeça, fechou as mãozinhas sobre as pernas cruzadas e esperou que eu mentisse.

“Estou perturbado. Não com medo,” admiti a contragosto. Tentei encontrar as palavras certas mas não consegui. Decidi-me por: “Estou... espantado. E um pouco perturbado por saberes falar tão bem e eu nunca ter adivinhado que eras capaz de tanta reflexão. É enervante, Abelha. Seja como for, amo-te muito mais do que te temo. E com o tempo, hei de habituar-me a... a como realmente és.”

A pequena cabeça rosada com a sua névoa de cabelo louro acenou devagar. “Acho que consegues. Não tenho a certeza se Urtiga conseguiria.”

Descobri que partilhava das suas reservas sobre aquilo, mas senti-me obrigado a defender a minha filha mais velha. “Bom, mas não é justo que esperes isso dela. Ou até de mim! Porque foi que te contiveste? Porque foi que não começaste a falar quando aprendeste em vez de ficares em silêncio?”

Ainda de cabeça baixa, ela ergueu um ombro e abanou mudamente a cabeça. Eu não esperara nenhuma resposta. Na verdade, compreendia a manutenção de segredos como aquele. Durante anos, na minha infância, ocultara de Moli o segredo da minha bastardia, fingindo não ser mais do que o moço de recados do escriba. Não para a enganar, mas porque ansiara por ser assim insignificante. Sabia demasiado bem que quanto mais tempo esse tipo de segredo é mantido, mais difícil é expô-lo sem se parecer falso. Como podia não ter visto isto? Como podia impedi-la de cometer os erros que eu cometera? Tentei falar-lhe como um pai devia falar-lhe.

“Bem, este segredo que escondeste é estranho. E agora aconselho-te a revelá-lo. Devias começar a falar com as outras pessoas. Não como estás a falar agora, mas com umas quantas palavras aqui e ali. Dizer o nome das

coisas que queres em vez de apontares para elas. E depois avançar para pedidos simples.”

“Queres que pratique uma nova forma de falsidade,” disse ela devagar. “Queres que finja que estou só agora a aprender a falar.”

E eu apercebi-me de que soara mais como o mentor de um assassino do que como um pai carinhoso. Estava a dar-lhe a espécie de conselho que Breu me teria dado. Senti-me desconfortável com essa ideia e falei com mais firmeza por causa disso. “Bem. Sim. Suponho que queira. Mas acho que é uma falsidade necessária, com base na primeira que escolheste. Por que raios haverias de fingir que não és capaz de falar? Porque foi que mantiveste as tuas palavras tão escondidas?”

Ela puxou os joelhos para mais perto do peito, fechou os braços à volta deles e susteve-se, apertada e pequena. A manter o segredo bem fechado, supus. A dúvida caiu no fundo da minha barriga. Havia ali mais coisas que eu desconhecia. Afastei conscientemente o olhar dela. *Não a fites. Só tem nove anos.* Quão grande seria o segredo que uma pessoa tão pequena podia ocultar? Pensei em mim com nove anos e silencieei-me interiormente.

Ela não respondeu à minha pergunta. Em vez disso, perguntou: “Como fizeste isso?”

“Como fiz o quê?”

Ela balançou ligeiramente, mordendo o lábio. “Agora estás a conter tudo lá dentro. Não estás a derramar por todo o lado.”

Esfreguei a cara e decidi deixar que ela liderasse a conversa, mesmo que me levasse para terreno doloroso. Ela que se acostumasse a falar comigo... e que eu me acostumasse a escutá-la. “Falas de como eu estava triste? Por não estar hoje a chorar?”

Um impaciente abanão na cabeça. “Não. Falo de tudo.” E de novo aquela inclinação na cabecinha e uma olhadela pelos cantos dos olhos.

Sopesei as minhas palavras e falei com suavidade. “Vais ter de explicar melhor que isso.”

“Tu... ferves. Como a panela grande na cozinha. Quando te aproximas, ideias e imagens e o que estás a pensar saem de ti como o vapor da panela. Sinto o teu calor e cheiro o que está a ferver dentro de ti. Tento conter-te,

mas isso ensopa-me e escalda-me. E depois, quando a minha irmã estava aqui, de repente puseste uma tampa nessa panela. Eu ainda conseguia sentir o calor, mas tu contiveste o vapor e os cheiros... Isso! Agora mesmo! Apertaste melhor a tampa e arrefeceste o calor.”

Ela tinha razão. Eu fizera-o. Enquanto ela fora falando, o terror crescera em mim. Ela não pensava no Talento como eu, mas as imagens que usava não se podiam aplicar a mais nada. E no momento em que me apercebi de que estivera ciente dos meus pensamentos e emoções, apertara mais as minhas muralhas de Talento, selando-me atrás delas como Veracidade me ensinara a fazer, tantos anos antes. Veracidade suplicara que eu aprendesse a manter as muralhas bem erguidas porque os meus sonhos adolescentes com Moli estavam a derramar-se para o interior do seu sono, a infiltrar-se-lhe nos sonhos e a destruir-lhe o repouso. E agora trancava no exterior a minha filhinha. Atirei os pensamentos para trás, percorrendo não só aquela noite, mas todos os dias e noites dos últimos nove anos, perguntando a mim mesmo o que teria ela visto e ouvido nos pensamentos do pai. Lembrei-me de como ela ficara sempre hirta quando eu lhe tocava, e de como desviava os olhos dos meus olhares. Tal como estava agora a fazer. Eu suspeitara que não gostava de mim e isso magoara-me. Nunca parara para pensar que, se conhecia todos os meus pensamentos sobre ela, tinha todo o direito de não gostar de mim, o homem que nunca estivera satisfeito com ela, que sempre desejara que a filha fosse outra pessoa.

Mas agora ela estava a olhar cautelosamente para mim. Os nossos olhares cruzaram-se durante menos que uma piscadela. “É tão melhor assim,” disse ela em voz baixa. “É tão mais pacífico quando estás contido.”

“Eu não sabia que eras tão... tão assediada pelos meus... pelos meus pensamentos. Vou tentar manter as muralhas fechadas quando estiver perto de ti.”

“Oh, podes?”, suplicou ela, com um evidente alívio na voz. “E a Urtiga? Podes pedir-lhe para também fechar as muralhas dela quando se aproximar de mim?”

Não. Não podia. Dizer à irmã dela que tinha de manter as muralhas de Talento cerradas quando estava perto de Abelha revelar-lhe-ia quão sensível

a irmã era a essa magia. E eu não estava preparado para Urtiga perguntar a si mesma, como eu estava a fazer agora, quanta capacidade Abelha teria para essa magia Visionário. Quão “útil” poderia ela ser? De repente transformei-me em Breu, a ver à minha frente uma criança, aparentemente uma criança muito nova, mas na verdade anos mais velha e Talentosa. Rosamaria fora uma excelente criança-espia. Mas Abelha sobrepor-se-ia a ela como o sol se sobrepõe a uma vela. De muralhas apertadas, eu não podia revelar-lhe esse pensamento. Não fazia sentido fazê-la preocupar-se com essas coisas por enquanto. Guardaria para mim todas as preocupações por nós os dois. Acalmei a voz.

“Eu falo com Urtiga sobre isso, mas ainda não. Da próxima vez que ela vier visitar-nos, talvez. Vou ter de pensar em como formular o pedido.” Não fazia a mínima intenção de transmitir aquilo a Urtiga, pelo menos até ter decidido qual a melhor forma de lidar com o facto. Estava a vasculhar os meus pensamentos, a tentar decidir qual seria a melhor forma de insistir na questão sobre o motivo por que ela escondera o intelecto e as capacidades verbais, quando ela se levantou de repente. Olhou para mim, toda ela grandes olhos azuis, com a camisinha de noite vermelha a cair-lhe até aos pés calçados de chinelos. A minha filha. A minha menininha, sonolenta e de olhos inocentes. O meu coração inchou de amor por ela. Era o meu último vestígio de Moli, o vaso que continha todo o amor que Moli nele despejara. Era uma criança estranha, e disso não havia dúvida.

Mas Moli sempre fora uma ótima avaliadora de pessoas. De súbito vi que, se ela achara bem confiar o coração a Abelha, eu não precisava de temer imitá-la. Sorri à minha filha.

Os olhos dela esbugalharam-se de surpresa. Depois afastou o olhar do meu, mas a resposta de um sorriso brotou na sua cara. “Estou com sono,” disse em voz baixa. “Vou para a cama.” Olhou para o corredor escurecido fora do círculo de luz da lareira e da candeia. Endireitou os ombrinhos, decidindo-se a enfrentar a escuridão.

Ergui a candeia da secretária. “Eu levo-te para a cama,” disse-lhe. De súbito pareceu-me muito estranho que em todos os nove anos da vida dela tivesse sido sempre Moli a pô-la na cama à noite. Moli trazia-ma quando eu

estava com os meus livros ou a escrever e eu dizia-lhe boa-noite e ela enxotava a miúda. Era frequente que também Moli fosse para a cama sem mim, sabendo que me iria juntar a ela assim que tivesse encurralado os meus pensamentos em papel. Por que motivo, perguntei eu de súbito a mim mesmo, teria desperdiçado todas aquelas horas que podia ter passado com ela? Por que motivo não fora com elas, ouvir uma história ou uma canção de embalar? Abraçar Moli enquanto ela adormecia nos meus braços?

A dor sufocou-me de tal forma que não consegui falar. Sem uma palavra, segui a minha filha enquanto ela seguia à frente pelos corredores de painéis de madeira da casa dos avós. Passámos por retratos dos nossos antepassados e por tapeçarias e por armas penduradas. Os seus chinelinhos sussurraram na grandiosa escadaria que nos levou ao primeiro andar. Aqueles corredores estavam gelados e ela envolveu-se nos bracinhos e tremeu enquanto caminhava, agora privada do abraço de uma mãe.

Teve de se esticar para o puxador da porta, pondo-se em bicos de pés, e depois abriu-a, entrando num quarto iluminado apenas pelo fogo quase apagado na lareira. Os criados tinham-lhe preparado o quarto horas antes. As velas que tinham acendido para ela haviam-se apagado.

Pousei a candeia numa mesa perto da sua cama de dossel e fui até à lareira para dar nova força ao fogo. Ela ficou a observar-me em silêncio. Quando tive a certeza de que a lenha estava a arder bem, virei-me para ela. Fez um aceno grave de agradecimento e depois subiu para um banco baixo e trepou para a cama alta. Finalmente deixara de caber na pequena cama que lhe tínhamos feito. Mas aquela era ainda muito maior do que ela precisava. Descalçou os chinelos e deixou-os cair da borda da cama. Vi-a tremer quando se enfiou nos gélidos lençóis brancos. Fez-me lembrar um cachorrinho pequeno a tentar encontrar conforto na casota de um cão grande. Fui até à beira da cama e aconcheguei bem as mantas à sua volta.

“Vai aquecer depressa,” reconfortei-a.

“Eu sei.” O seu olhar azul percorreu a sala e, pela primeira vez, ocorreu-me como este mundo lhe devia parecer estranho. O quarto era imenso quando comparado com ela, pois o tamanho de tudo fora calculado para benefício de um homem feito. Conseguiria ela sequer ver pelas janelas

quando se punha junto delas? Conseguiria abrir a pesada tampa de cedro da arca das mantas? De súbito lembrei-me da primeira noite que passara no meu quarto no Castelo de Torre do Cervo depois de anos a dormir aconchegado no aposento de Castro no sótão por cima dos estábulos. Pelo menos as tapeçarias eram todas de flores e aves, sem nenhuns Antigos de olhos dourados a fitar uma criança intimidada que tentava adormecer. Mesmo assim, vi uma dúzia de mudanças que tinham de ser feitas no quarto, mudanças que teriam sido operadas anos antes por um pai com alguma sensibilidade. A vergonha inundou-me. Parecia errado deixá-la sozinha num lugar tão grande e tão vazio.

Parei acima dela na escuridão. Prometi a mim mesmo que faria melhor. Estendi a mão para alisar a pálida penugem que lhe cobria o crânio. Ela encolheu-se para longe do meu toque. “Não, por favor,” sussurrou ela para a escuridão, afastando de mim o olhar. Foi uma faca espetada no coração, uma punhalada que eu mereci por inteiro. Recolhi a mão e não me baixei para o beijo que tencionara dar-lhe. Contive o suspiro.

“Muito bem. Boa-noite, Abelha.”

Peguei na candeia e estava a meio do caminho até à porta quando ela perguntou timidamente: “Podes deixar uma vela curta a arder? A mamã deixava-me sempre uma vela.”

Soube imediatamente o que ela queria dizer. Moli acendia frequentemente uma pequena vela gorda junto da nossa cama, uma vela que perfumava o quarto enquanto ela ia adormecendo. Não me consegui lembrar de quantas vezes tinha vindo para a nossa cama, encontrando-a profundamente adormecida e a última chamazinha a dançar no pavio quase extinto. Um pratinho de cerâmica na mesa de cabeceira de Abelha aguardava uma dessas velas. Abri o armário por baixo da mesa e descobri fileiras e fileiras delas. As suas doces fragrâncias chegaram-me ao nariz como se Moli em pessoa tivesse entrado no quarto. Escolhi alfazema, por ser repousante. Acendi a vela na minha candeia e pousei-a no lugar que lhe cabia. Fechei o dossel da cama, imaginando como a luz dançante da vela passaria pelos cortinados para ir iluminar suavemente aquele espaço fechado.

“Boa-noite,” voltei eu a dizer, pegando na candeia.

Comecei a dirigir-me para a porta, e o sussurro dela chegou-me tão suavemente como a lanugem de um cardo soprada pelo vento. “A mamã cantava sempre uma canção.”

“Uma canção?”, perguntei, estupidamente.

“Não conheces nenhuma,” concluiu ela. Ouvi-a virar-me as costas.

Falei para as cortinas. “Na verdade, conheço.” De uma forma obtusa, o que me saltou para primeiro plano, na mente, foi *O Círculo de Fogocruzado*, uma história marcial e trágica, completamente inapropriada para pôr uma criança a dormir. Pensei em outras que conhecia, as melodias de aprendizagem e as rimas que adquirira ao crescer. *A Prece do Envenenador*, uma lista de ervas mortíferas. *Pontos de Sangue*, uma recitação musical de onde apunhalar um homem para fazer o sangue jorrar. Talvez não fossem boas para a hora de deitar.

Ela voltou a sussurrar: “Conheces *As Doze Ervas Curativas*?”

“Conheço.” Castro ensinara-me, e a Dama Paciência também me martelara na memória. Pigarreei. Quando fora a última vez que cantara uma canção em que a única voz que soava era a minha? Uma vida antes. Inspirei e de súbito mudei de ideias. “Esta é uma canção que aprendi quando era muito mais novo do que tu és agora. É sobre cavalos e como escolher um bom.” Voltei a pigarrear e encontrei o tom.

“Um casco branco, compra-o.

Dois cascos brancos, testa-o.

Três cascos brancos, um dia a pensar.

Quatro cascos brancos, é bom recusar.”

Um breve silêncio acolheu o meu esforço. Depois: “Isso parece cruel. Os cascos dele serem brancos é razão para o rejeitar?”

Sorri para a escuridão e lembrei-me da resposta de Castro. “Porque os cascos são moles. Às vezes. Cascos brancos podem ser mais moles que cascos pretos. Não queres comprar um cavalo cujos cascos rachem facilmente. A regra nem sempre é verdadeira, mas faz-te lembrar para verificares os cascos de um cavalo que estejas a pensar comprar.”

“Ah.” Uma pausa. “Canta outra vez, por favor.”

E eu cantei. Mais quatro vezes, até a minha ouvinte deixar de pedir uma repetição. Peguei na candeia e caminhei em silêncio até à porta. A fragrância da alfazema e a suave luz da vela ficaram para trás e eu saí para o corredor. Olhei para a cama envolta no dossel, tão grande em comparação com a pessoa muito pequena que lá dormia. Tão pequena, só comigo para a proteger. Depois, fechei a porta atrás de mim e dirigi-me para o meu quarto gelado e vazio.

Na manhã seguinte acordei à alvorada. Fiquei imóvel, olhando para os cantos ensombrados do teto do quarto. Não dormira mais de algumas horas, e no entanto o sono abandonara-me. Passava-se alguma coisa.

A cria.

Inspirei subitamente. Acontecia, não com frequência, eu ouvir o meu lobo falar-me na mente de forma tão clara como se ele ainda estivesse vivo. Era um fenómeno de Manha, que acontecia às pessoas que tinham estado vinculadas durante tanto tempo a um animal que, quando o animal morria, alguma influência permanecia. Passara-se quase uma vintena de anos desde que eu perdera *Olhos-de-Noite*, e no entanto, naquele instante, ele estava a meu lado e eu senti o empurrão tão claramente como se fosse um focinho frio a enfiar-se debaixo das mantas. Sentei-me. “Mal nasceu o sol,” resmunguei, mas fiz passar as pernas para lá da beira da cama.

Encontrei uma túnica e umas meias limpas e vesti-me. A vista da minha janela mostrou-me um belo dia de verão. Deixei as cortinas voltar a cair para o lugar e depois respirei fundo. Descobri que já não havia vida à minha volta. Surpreendeu-me aperceber-me de que assim era. *Moli*, pensei para comigo. Eu acreditara que a mimara com atenções e presentes. Na verdade fora ela quem me mimara, permitindo-me acordar de manhã e pensar primeiro no que eu precisava de fazer nesse dia e não naquilo que outra pessoa precisava que fosse feito.

O lobo em mim tivera razão. Quando bati suavemente à porta de Abelha e depois entrei quando ouvi o seu convite abafado, fui dar com ela acordada e a examinar várias peças de roupa que tirara da sua pequena arca. O cabelo louro espetava-se em tufos. “Precisas de ajuda com isso?”, perguntei-lhe.

Ela abanou a cabeça. “Com a roupa, não. Mas a mamã ficava sempre do

outro lado da cama quando a fazíamos de manhã. Eu tentei, mas comigo a roupa não fica direita.”

Olhei para a tentativa. Provavelmente fora como tentar içar as velas num barco sem ajuda. “Bem, eu sei como isso se faz,” disse-lhe. “Eu faço-te a cama.”

“Devemos fazê-la juntos,” censurou ela. Respirou fundo e endireitou os ombrinhos. “A mamã dizia-me que devo ser sempre capaz de cuidar de mim, porque poucas pessoas neste mundo vão fazer cedências por eu ser pequena.”

Sim. Moli teria pensado naquilo.

“Então vamos fazê-la juntos,” disse, e segui as suas indicações muito precisas para o fazer. Não lhe disse que podia simplesmente dizer a uma das criadas que aquela era agora tarefa dela. Não queria derrubar o que Moli construía cuidadosamente na nossa pequena filha.

Ela enxotou-me do quarto enquanto se vestia. Estava à porta dela, à sua espera, quando ouvi o bater das botas de Urtiga no chão lajeado de pedra. Urtiga parou à minha frente e não foi lisonjeiro que se tenha tão obviamente surpreendido por me ver ali. “Bom-dia,” disse-lhe e, antes de ela ter tempo de responder, a porta abriu-se e revelou Abelha vestida e pronta para enfrentar o dia.

“Escovei o cabelo,” disse-me ela como se eu tivesse perguntado. “Mas está demasiado curto para não espetar.”

“O meu também,” assegurei-lhe. Não que tivesse sequer tentado impedi-lo de o fazer.

Ela ergueu o olhar para mim e perguntou: “Isso também te dificulta aparares a barba?”

Urtiga riu, tanto por ouvir a irmã falar, como por me ver desconfortável.

“Não. Não dificulta,” admiti, sério. “Isto é só desmazelo meu.”

“Eu ajudo-te antes de me ir embora,” ofereceu Urtiga e eu perguntei a mim mesmo como saberia ela que essa fora uma tarefa que Moli executara com frequência.

Abelha ergueu para mim um olhar sério. Abanou lentamente a cabeça. “Já não há razão para usares barba. Devias simplesmente fazê-la.”

Aquilo causou-me uma dor súbita. Como soubera ela? Ter-lhe-ia Moli contado que eu a deixara crescer para tentar ter um aspeto mais próximo da minha verdadeira idade? “Talvez mais tarde. Mas agora devíamos descer para o pequeno-almoço, que a tua irmã quer partir cedo.”

Abelha caminhou entre nós e, à mesa, experimentou dirigir algumas palavras ao pessoal, mas quase só resmungadas para o prato. Mesmo assim, era um começo, e acho que mesmo Urtiga compreendia a sensatez de ela se revelar devagar.

A despedida foi difícil para todos. Abelha suportou um abraço de Urtiga, mas eu teria mantido a minha filha mais velha mais tempo nos braços se ela o tivesse permitido. Os seus olhos estavam brilhantes quando nos disse adeus e eu prometi que receberia notícias regulares minhas. Ela baixou o olhar para Abelha e encarregou-a de: “Aprende algumas letras e escreve-me, Abelhinha. Espero que faças tanto esforço como o papá para que isto resulte.” Foi bom para mim que Urtiga não tenha visto o olhar culpado que eu e Abelha trocámos atrás das suas costas.

Enigma ficara em silêncio a ver-nos fazer as despedidas. Depois aproximou-se de mim com um rosto grave e julguei que me ia dirigir palavras embaraçadas. Em vez disso, envolveu-me de repente num abraço que quase me fez estalar as costelas. “Sê valente,” disse-me ao ouvido e depois libertou-me, avançou até ao cavalo e montou, e todos partiram.

Ficámos no caminho de Floresta Mirrada a observar até Urtiga e a sua comitiva estarem fora de vista. Ficámos lá mais algum tempo. O mordomo Pândego e vários dos outros criados tinham saído para se virem despedir de Urtiga. Retiraram até só eu e Abelha ficarmos ali em pé. Aves cantavam nos bosques. Uma leve brisa matinal agitava as folhas das bétulas brancas como papel que ladeavam o caminho. Passado algum tempo, Abelha ousou dizer uma única palavra. “Bom.”

“Sim.” Baixei o olhar para ela. O que ia eu fazer com aquela minúscula rapariga? Pigarreei. “Eu normalmente começo as minhas rondas com um passeio pelos estábulos.”

Ela olhou para mim e depois afastou rapidamente o olhar. Eu sabia que ela temia os animais grandes do solar. Viria comigo? Dificilmente poderia

censurá-la se recusasse. Mas esperei. Passado um momento, a pequena cabeça loura acenou uma vez.

E assim demos naquele dia início a um novo padrão. Eu desejava poder levá-la ao colo mas sabia que ela temia o meu toque e porquê. Por isso veio a trote atrás de mim e eu caminhei mais devagar para ela poder acompanhar-me. Percorremos os estábulos e conferenciámos com Maisaltomem. Ele estava visivelmente aliviado por ver os hóspedes partir e a sua carga de trabalho regressar ao normal. Lino, o pastor, olhou uma vez para a minha pequena seguidora e depois falou comigo enquanto o seu cão espicaçava gravemente Abelha debaixo do queixo até que ela lhe fizesse festas.

Os vinhedos obrigavam a uma viagem a cavalo. Quando o disse a Abelha, ela pareceu pensar no assunto durante um pouco mais de tempo antes de me informar: “Há alguns dias que não vou verificar as colmeias da minha mãe. Tenho afazeres meus, sabias?”

“Não sei como te ajudar com as colmeias,” disse-lhe.

Ela ergueu a cabeça e voltou a endireitar os ombrinhos. “Eu sei o que tem de ser feito. E sou mais forte do que pareço,” disse-me.

E assim nos separámos, mas voltámos a juntar-nos para a refeição do meio-dia. Eu informei-a de que as uvas tinham um excelente crescimento e que vira muitas das abelhas dela atarefadas no seu trabalho. Ela respondeu com um aceno grave de cabeça e disse que tudo parecia estar bem com as colmeias.

Depois da nossa refeição, eu retirei para o gabinete de Floresta Mirrada, a fim de passar em revista os livros de registos, há muito negligenciados. Encontrei aí uma lista de projetos de manutenção para Floresta Mirrada, feita pelo mordomo Pândego, que ele julgava demasiado importantes para serem ignorados. Havia pequenas notas ao lado de algumas das sugestões, escritas com a letra de Moli. Não consegui aguentar olhar para aquilo. Ela pusera-a ali pelo menos dois meses antes e eu prometera-lhe, prometera-lhe, que daríamos início aos trabalhos mais necessários naquele verão. Mas não o fizera. Pusera aquilo de lado, confiando que ela me ralharia até que eu agisse quando se tornassem urgentes.

Bem, não o faria. Nunca mais o faria.

Havia outras mensagens sobre a minha secretária, contas que precisavam de ser pagas, por provisões trazidas das quintas dos arredores. Havia montes de contas a fazer para os homens que tinham trabalhado nos campos de feno em troca de um quinhão. Havia uma nota a dizer que teríamos de contratar mais trabalhadores para a vindima e, se os queríamos arranjar bons, teríamos de os garantir já. Tudo tinha de ser feito já.

E outra lista, mal escrita e repleta de erros ortográficos, de vários géneros alimentares. Fiquei algum tempo a olhar para ela. Devia ter um ar perplexo porque Abelha veio espreitá-la de trás do meu cotovelo. “Ah. Acho que foi a cozinheira Nozmoscada que escreveu isso. Sempre perguntou à mamã que refeições ia querer na semana seguinte, para a cozinheira poder ter a certeza de que tinha à mão tudo o que lhe fizesse falta para as fazer. A mamã costumava escrever a lista para ela enviar à aldeia.”

“Estou a ver. E isto?”

Ela olhou para o papel por um minuto, a franzir o sobrolho. “Não sei bem. Acho que essa palavra pretende ser ‘lã’. E isso pode ser ‘sapateiro’. A mamã andava a falar em lãs de inverno para o pessoal, e em botas novas para mim e para ti.”

“Mas estamos no verão!”

Ela inclinou a cabeça para mim. “É como o jardim, papá. Tens de planear agora o que queres ter daqui a três meses.”

“Suponho que sim.” Fitei os garatujos ininteligíveis, perguntando a mim mesmo se conseguiria convencer Pândego a traduzir e a assumir o comando daquilo, fosse aquilo o que fosse. De repente tudo se tornou demasiado. Pousei o papel e afastei-me da secretária. “Devíamos ir dar uma vista de olhos às macieiras.”

E foi o que fizemos, até à noite.

Um dia doloroso atrás do outro, fomos apalpando caminho até chegarmos a uma rotina. Fazíamos a nossa inútil inspeção diária aos estábulos, aos currais das ovelhas e aos vinhedos. Não me atirei ao trabalho; não tinha concentração para isso — mas as contas não se atrasaram demasiado e Pândego pareceu quase aliviado por se encarregar do planeamento das

refeições. Eu não me importava com o que ele me punha à frente; comer transformara-se numa tarefa a realizar. O sono fugia-me, só para me emboscar à secretária, a meio da tarde. Com cada vez maior frequência, Abelha seguia-me até ao meu estúdio privativo à noite, onde se divertia fingindo ler os papéis que eu deitava fora antes de desenhar exuberantes ilustrações nas costas deles. Pouco conversávamos, mesmo quando jogávamos juntos. A maior parte das noites terminavam com ela adormecida no chão. Eu levava-a para a cama, despejava-a lá e depois regressava para o meu estúdio. Abandonei muito mais coisas do que devia. Sentia-me por vezes como se estivéssemos ambos à espera de alguma coisa.

Na noite em que compreendi que estava à espera do regresso de Moli, deixei cair a cabeça sobre os braços e chorei lágrimas inúteis e amargas. Só voltei a mim quando senti uma mão suave a bater-me no ombro e ouvi a voz dela a dizer: “Não pode ser mudado, querido. Não pode ser mudado. Tens de abrir mão do passado.”

Ergui a cabeça e olhei para a minha filhinha. Julgara-a adormecida junto da lareira. Foi a primeira vez que ela me tocou de moto próprio. Os seus olhos eram de um azul tão claro, como os de Kettricken, que por vezes parecia... não cega, mas como se olhasse para lá de mim até outro lugar. As suas palavras não eram palavras que eu esperaria de uma criança. Eram as palavras de Moli, as palavras que ela me teria dito para me reconfortar. A minha filhinha, a tentar ser forte por mim. Pestanejei para livrar os olhos de lágrimas, pigarreei e perguntei-lhe: “Queres aprender a jogar às pedras?”

“Claro,” disse ela e, embora eu soubesse que não era sincera, ensinei-lhe a jogar naquela noite e jogámos quase até de manhã. Ambos dormimos até quase ao meio-dia do dia seguinte.

A mensagem chegou, entregue da forma habitual, quando o outono se aproximava do fecho. Quando me sentei à mesa do pequeno-almoço com Abelha, estava em cima da mesa uma gorda bolota castanha com duas folhas de carvalho ainda a ela presas. Em tempos, eu tinha esculpido um motivo semelhante na tampa de uma caixinha onde guardava os venenos, o material do meu ofício de assassino. A caixa já desaparecera há muito, mas

o significado continuava a ser o mesmo. Breu desejava encontrar-se comigo. Olhei para a bolota de cenho carregado. Ele conseguira fazer aquilo durante todo o tempo que eu vivera em Floresta Mirrada. Nenhum dos membros do pessoal quis admitir ter posto a bolota na mesa ou deixado uma porta ou janela destrancadas. E no entanto ali estava, um lembrete vindo do meu antigo mentor, que dizia que, por mais esperto e cauteloso que eu me julgasse, ele continuava a conseguir passar pelas minhas defesas se entendesse fazê-lo. Estaria à minha espera à noite, numa estalagem chamada Vara de Carvalho situada numa encruzilhada perto da Colina da Força. Ficava a duas horas de distância, a cavalo. O que queria dizer que se eu quisesse ir ao seu encontro, regressaria muito tarde, e talvez nem voltasse até à alvorada se aquela fosse uma das complicadas discussões de Breu. Fosse o que fosse, ele não mo iria transmitir pelo Talento. Isso queria dizer que ninguém no círculo estava ao corrente. Era outro dos seus malditos segredos, portanto.

Abelha observou-me a dar voltas à bolota. Quando voltei a pousá-la na mesa, pegou-lhe para a examinar. Começara a usar frases curtas com o pessoal: “Mais pão, por favor.” Ou um simples “Bom-dia.” O seu ceceio infantil não era inteiramente fingido, mas eu não sabia bem se me sentia orgulhoso ou consternado com quão polida ela era enquanto atriz. Nas últimas duas noites tínhamos jogado ao nosso jogo da memória, bem como às pedras, e ela parecera incrivelmente dotada para ambos. Repreendi o meu orgulho paternal, fazendo-me lembrar de que todos os progenitores deviam julgar a sua filha a mais inteligente e bonita de todas. Ela mostrara-me uma página de um herbário que copiara com um meticuloso cuidado, a meu urgente pedido. Tinha o dom para a ilustração que a mãe tivera. E escrevera uma breve nota a Urtiga, quase sem qualquer borrão e numa letra que era tão semelhante à minha que perguntei a mim mesmo se a irmã a julgaria falsificada. As últimas semanas que passáramos juntos tinham sido como um bálsamo numa ferida. De forma breve, aliviava a dor.

Mas eu não podia ignorar uma convocatória de Breu. As únicas vezes em que ele regressava às comunicações crípticas da minha juventude era quando tinha algo da maior delicadeza a abordar comigo. Seria algo

privado, dele, ou demasiado perigoso para partilhar? O meu coração afundou-se com aquela ideia. E agora? O que estaria a acontecer no Castelo de Torre do Cervo que tornasse necessária aquela ligação secreta? Para o que estava ele a tentar arrastar-me?

E que preparativos podia eu fazer para Abelha naquela noite? Se fosse ao encontro de Breu, não estaria ali para a levar para a cama. Tínhamos começado a construir alguma coisa, nós os dois, e eu não queria negligenciá-la. Como Urtiga me avisara, cuidar da criança a tempo inteiro não era tão fácil como se poderia julgar, mas também não era tão difícil como ela o pintara. Eu estava a desfrutar da minha filha, mesmo quando ambos ocupávamos a mesma sala mas nos mantínhamos em silêncio e ocupados com os afazeres de cada um. O último capricho dela fora um conjunto de pincéis e algumas tintas. As suas cópias de ilustrações eram minuciosas e exatas. Ela suspirara por causa delas mas, desde que eu sugerira que Urtiga tinha de ver o que era capaz de fazer, executava-as. Eu ficava mais encantado com as imagens peculiares e infantis que criava quando era deixada em paz com os seus pincéis e tintas. Pintara um homenzinho com as bochechas inchadas como se estivesse a soprar e dissera-me que ele soprava o nevoeiro. Nunca vira o oceano, nem um navio, mas desenhara um barquinho rebocado pelas águas fora por serpentes marinhas. Outro desenho era uma fileira de flores com minúsculas caras. Mostrava-me timidamente esses trabalhos e eu sentia que me estava a deixar entrar no seu mundo. Não queria depositar o seu aconchego, na cama, nas mãos de uma criada. E tampouco queria arrastá-la para a noite comigo. Uma tempestade de outono ameaçava chegar.

Abelha estava a olhar para mim com curiosidade enquanto eu refletia na minha falta de opções. “Que é isto?”, silvou na sua voz infantil e ergueu a bolota.

“Uma bolota. Uma semente de carvalho.”

“Eu sei disso!”, disse ela, como que espantada por a poder julgar tão ignorante. Silenciou-se à pressa. Tavia tinha saído da cozinha com uma fumegante panela de papas. Pousou-a na mesa e serviu-nos generosamente as tigelas. Um jarro de creme e um pote de mel já estavam na mesa, ao lado

de um pão escuro acabado de cozer. Uma das ajudantes de cozinha mais novas, Ulmeira, seguiu-a com uma tigela de manteiga e um prato de ameixas em compota. Reparei que não olhou para Abelha. E também notei como Abelha ficou ligeiramente mais hirta e não respirou enquanto a rapariga passava por trás da sua cadeira. Fiz um aceno de agradecimento a Tavia e esperei até ela ter desaparecido com a filha, de volta à cozinha, antes de falar.

“Tenho de partir numa breve viagem esta noite. Talvez passe toda a noite fora.”

Senti os olhos de Abelha a passar pela minha cara, tentando ler o que eu estava a pensar. Era um novo hábito que ela tinha. Ainda não me olhava nos olhos, mas por vezes sentia-a a olhar para mim. Estava aliviada por eu agora tentar manter permanentemente o Talento contido, mas creio que isso também me tornava mais misterioso para ela. Tive de perguntar a mim próprio quanto teria ela lido de mim nos primeiros nove anos da sua vida. A ideia entristeceu-me tanto que a pus de parte. Ela não falara. “Queres que peça a Tavia para te pôr na cama esta noite?”

Ela abanou vivamente a cabeça.

“Então a Amena?” A outra ajudante de cozinha era mais nova, andava pelos vinte e poucos anos. Talvez conviesse mais a Abelha.

Abelha baixou os olhos para as papas e abanou a cabeça mais devagar. Bem, aquilo cancelava ambas as minhas soluções simples, a menos que lhe dissesse simplesmente que teria de aguentar os preparativos que eu pudesse fazer. Ainda não estava preparado para ser assim tão firme com ela. Perguntei a mim mesmo se alguma vez estaria e depois repreendi-me por pensar que poderia pertencer à espécie de pais capazes de estragar uma criança por ceder às suas vontades. Prometi a mim mesmo que haveria de pensar em alguma coisa e afastei o assunto da mente, de momento.

Apesar de a visita de Breu se aproximar, tratei das minhas habituais tarefas diárias. Não há nada que faça parar as necessidades de uma casa de campo, nem mesmo uma morte. E eu estava a descobrir rapidamente quantas partes invisíveis existiam no governo de uma casa, mesmo com Pândego a encarregar-se de muito desse governo. Sempre tinha sido Moli a

coordenar as coisas com ele. Juntos, os dois discutiam refeições e tarefas sazonais, manutenção de rotina, contratação de pessoal. Tudo fora invisível para mim e agora o homem e a sua insistência em nos reunirmos todas as tardes para discutir as necessidades do dia quase me punha louco. Ele era um homem bastante agradável e bom no que fazia, mas sempre que me batia à porta do gabinete, era um lembrete de que Moli não estava lá para o interceder. Já por duas vezes mencionara trabalhos de manutenção que teriam de ser levados a cabo antes do inverno. As notas cuidadosamente detalhadas que me dera, com sugestões sobre mercadores, materiais e datas, eram demasiado para mim. Estava tudo empilhado no topo do meu trabalho habitual. Naquele dia, eu já estava atrasado no pagamento do pessoal e, embora este parecesse compreensivo com a minha dor, eu sabia que as suas vidas prosseguiram. Como poderia lidar com aquilo? Contratando mais uma pessoa para me atazanar o dia inteiro? Temia a tentativa de encontrar alguém digno de confiança e o meu coração afundou-se ainda mais quando me apercebi de que ainda tinha de encontrar também uma ama ou um tutor para Abelha. Perguntei a mim mesmo se FitzVigilante já estaria pronto e depois apercebi-me de que uma mulher seria mais apropriada para uma rapariguinha. Alguém que pudesse dormir no quarto de criado adjacente ao dela, agora sem uso. Alguém que pudesse passar de ama a aia quando Abelha crescesse. A minha aflição aumentou com a ideia de trazer para a vida dela uma mulher que fizesse parte daquilo que a mãe fizera por ela. Sabia que tinha de o fazer. Embora a visita de Breu fosse a primeira a afastar-me de junto dela, não seria a última.

Não fazia ideia de onde começar a procurar uma criada que pudesse desempenhar um papel tão exigente.

Mantive-me em silêncio enquanto comia, refletindo no meu dilema, e foi em silêncio que me levantei. Não pela primeira nem pela última vez, pensei no estranho isolamento que a minha peculiar situação na vida me fornecia. Para os proprietários e pequenos nobres em volta de Torre do Cervo, eu e Moli não éramos nem aristocracia nem pessoas comuns, mas criaturas encurraladas entre classes. Os homens que trabalhavam para mim nos campos e nos estábulos falavam bem de mim e gostavam dos meus

conhecimentos diretos das suas tarefas, mas não me viam como um amigo. E os nobres com propriedades à distância de uma viagem fácil haviam-nos conhecido como o Depositário Tomé Texugo e a Dama Moli. A seus olhos, Moli fora elevada à nobreza apenas como reconhecimento, por parte da coroa, pelos serviços de Castro. Eram agradáveis quando os encontrávamos, mas nenhum nos enviara convites para socializar e Moli, sensatamente, resistira a insistir. Tínhamo-nos um ao outro para a companhia quotidiana e as invasões irregulares dos nossos parentes para injetar caos e alegria nas nossas vidas. Fora o suficiente para ambos.

Mas agora que ela se fora, eu olhava em volta de mim e apercebia-me de quão solitária era a minha vida em Floresta Mirrada sem ela. Os nossos filhos tinham regressado para as respetivas vidas, deixando-me ali sozinho. Todos menos uma. Deitei-lhe um olhar. Não estava certo que uma criança crescesse tão sozinha.

Os chinelinhos de Abelha eram praticamente silenciosos quando ela me seguiu como um fantasma pela casa fora. Deitei-lhe uma olhadela e disse: “Tenho de ir até aos estábulos. E há uma tempestade à espreita. Vamos vestir-te alguma roupa quente.”

“Eu posso fazer isso sozinha,” insistiu ela baixinho.

“Consegues alcançar tudo?” Franzi o sobrolho. As coisas de inverno dela ainda estariam guardadas numa arca, algures? Ainda lhe serviriam?

Ela pensou um momento na pergunta e depois acenou com um ar ponderado. Inclinou a cabeça para cima e eu senti o seu olhar roçar por mim. “Não sou tão pequena como pareço. Tenho nove anos.”

“Muito bem. Espero por ti no meu gabinete privativo.”

Ela fez oscilar a cabeça em resposta, muito séria, e eu vi-a apressar-se a subir a escada. Para ela era uma escalada, um esforço para ultrapassar cada degrau. Tentei imaginar como seria ser tão pequeno num mundo feito à escala adulta, e não consegui. Ela era uma criança muito capaz, pensei para comigo, e perguntei a mim mesmo se estaria a subestimá-la. Havia perigo em pedir demasiado a uma criança, mas o perigo em pedir de menos era quase igual. Fosse como fosse, tinham de ser feitos preparativos para ela, para que não acontecesse ela precisar de mim e eu não estar lá para a

proteger. Tomei uma decisão.

Quando ela chegou ao meu gabinete, tinha calçadas as botas e as meias quentes, trazendo no braço o manto de inverno. O cabelo estava puxado para trás num hirsuto rabo de cavalo. Percebi que o fizera ela mesma e não o critiquei. Olhou para a sala em volta, claramente a perguntar a si mesma por que motivo estaríamos ali tão cedo. A sala era mais pequena do que o gabinete formal, mas era bastante agradável. As paredes eram de rica madeira escura e a lareira fora feita com grandes pedras achatadas vindas do rio. Era uma sala confortável, um retiro masculino, mas não fora por isso que eu o escolhera para o meu covil. Refleti e hesitei. Mas ela era minha. Era da mesma idade que eu tivera quando o segredo do Castelo de Torre do Cervo fora partilhado comigo.

“Fecha a porta atrás de ti, por favor,” disse-lhe quando ela entrou.

Ela obedeceu e depois olhou para trás do meu ombro, curiosa com o meu estranho pedido. “Julgava que íamos sair.”

“E vamos. Mas não já. Quero mostrar-te uma coisa. E ver se tu consegues fazê-la. Mas primeiro tenho de a explicar. Senta-te, por favor.”

Ela trepou para se sentar numa das cadeiras almofadadas e empoleirou-se aí, observando-me mas sem me olhar nos olhos. “Isto é um segredo,” avisei. “É um segredo só para ti e para mim. Paciência mostrou-o à tua mãe e a mim quando viemos para cá. Paciência partiu e agora Moli também partiu.” Esperei, engoli em seco, e prossegui: “Portanto, agora só eu é que sei disto. E em breve tu também saberás. Não está escrito em sítio nenhum e não pode nunca ser posto em papel. Não podes mostrá-lo a mais ninguém. Compreendes?”

Durante algum tempo, ela ficou muito imóvel. Depois fez um lento aceno.

Levantei-me da minha cadeira atrás da secretária, fui até à porta e assegurei-me de que ela estava trancada. “Esta porta tem de estar completamente fechada,” disse-lhe. Toquei nas dobradiças da maciça porta. “Olha para aqui. Esta porta tem quatro dobradiças. Duas no topo e duas mais em baixo. Parecem todas iguais.”

Esperei e ela voltou a acenar, muito séria.

“Esta, não a mais baixa mas a que fica logo a seguir, é falsa. Quando puxas o pino para fora da dobradiça transforma-se numa maçaneta. Vês? Depois podes fazer isto.” Puxei o pino de latão para fora, agarrei na dobradiça falsa e puxei por ela. Uma porta alta e estreita, disfarçada como um painel de madeira na parede, abriu-se. Teias de aranha esticaram-se e quebraram-se quando a abri. A escuridão soprou para fora. Deitei uma olhadela a Abelha. A sua atenção era absoluta e tinha o lábio inferior preso entre os dentinhos perfeitos. “É uma passagem secreta.”

“Ah sim?”, interrogou ela e eu apercebi-me de que lhe estava a dizer o óbvio. Cocei a bochecha e senti o quanto a minha barba crescera. Percebi de repente que ainda não a tinha aparado e que Moli não me havia censurado. Todos os pensamentos fugiram da minha mente por um momento quando uma vaga de perda me voltou a encharcar e afogar.

“Papá?” Abelha puxou-me pelo punho da camisa.

“Desculpa,” disse eu e voltei a respirar.

“Eu também lamento,” disse ela. Não me pegou na mão, mas segurou-me pelo punho da camisa. Eu nem sequer reparara que ela descera da cadeira e atravessara a sala para vir ter comigo. Pigarreou e eu tomei consciência dos rastos reluzentes nas suas bochechas. Apertei mais as muralhas de Talento e ela fez-me um aceno silencioso de agradecimento. Em voz baixa perguntou-me: “Para onde vai?”

E assim, juntos, ultrapassámos aquela vaga de mágoa e avançámos.

“Vai ter a uma salinha que fica acima e à esquerda da lareira. Há lá um buraquinho, para que alguém possa lá estar sentado a ver as pessoas ir e vir e conversar nesta sala.” Esfreguei os olhos. “E, partindo dessa salinha, há uma escada estreita que vai ter a uma passagem muito baixa. E essa vai ter a outras salinhas de espiar noutras partes da casa.” Engoli em seco e a minha voz tornou-se quase normal quando acrescentei: “Acho que é uma obsessão dos Visionários. Parecemos gostar de ter buracos para espionagem e lugares secretos nas nossas casas.”

Ela acenou com a cabeça, olhando para a porta atrás de mim. As teias de aranha rasgadas agitavam-se numa leve aragem. Um sorriso desabrochou na sua cara e ela juntou as mãozinhas sob o queixo. “Adoro! É para mim?”

Era a última reação que eu teria previsto. Encontrei um sorriso para responder ao dela. “Agora é,” disse-lhe. “Há mais duas maneiras de entrar. Uma no meu quarto. E outra numa despensa. São as duas difíceis de abrir, principalmente porque já não são usadas há muito, muito tempo. Esta é mais fácil. Mas também ela não é usada há muito tempo. Portanto, vai estar cheia de teias e de poeira, e de ratos e aranhas.”

Ela avançara até à entrada da passagem. Passou uma mão pelas teias pendentes e depois sacudiu os dedos para os libertar dos farrapos, sem se deixar atemorizar pelas coisinhas de muitas pernas. Um olhar para trás na minha direção. “Posso entrar já? Posso levar uma candeia?”

“Suponho que sim.” O entusiasmo dela apanhara-me desprevenido. Pensara apenas em plantar nela uma ideia, em mostrar-lhe um lugar para onde retirar se alguma vez estivesse em perigo e eu não andasse por perto para a proteger. Fiz disparar as trancas escondidas nas portas do gabinete para que ninguém pudesse entrar. Tirei a candeia da secretária. Depois fechei a porta da passagem e voltei a deixar cair o pino da dobradiça no lugar. “Tenta abri-la tu.”

O pino prendeu-se e ela precisou de puxar várias vezes por ele até o libertar. “Podemos oleá-lo,” disse, sem fôlego, e depois levantou-se para abrir o painel. Olhou para mim. “Posso levar a candeia e ir à frente?”

Se ela caísse e deixasse cair a candeia, o óleo derramado e a chama incendiariam toda a Floresta Mirrada. “Tem cuidado,” disse-lhe quando lha entreguei. “Usa as duas mãos. E não caias.”

“Não cairei,” respondeu ela mas assim que lhe pus a candeia nas mãos, duvidei da minha sensatez em lha confiar. Estava tão claramente entusiasmada e concentrada apenas em explorar. Penetrou sem hesitar no corredor estreito e escuro. Baixei-me e segui-a.

As passagens de espionagem de Floresta Mirrada não eram nem por sombras tão elaboradas como as que percorriam o Castelo de Torre do Cervo. Creio que, se tivessem sido obra do meu pai, ele tê-las-ia feito para um homem mais alto. Suspeitava que datavam da primeira reconstrução da casa, quando tinha sido acrescentada a ala sul. Perguntara frequentemente a mim mesmo se haveria mais, tendo o segredo da abertura das portas sido

perdido quando a casa mudara de habitantes.

A passagem tinha um curto patamar e depois uma escada íngreme. No topo da escada havia outro patamar e uma curva apertada para a esquerda. Aí, a passagem tornava-se ligeiramente mais larga. Subia mais seis degraus e depois era plana até chegar à área ao lado da lareira. Eu não me conseguia endireitar por completo no pequeno compartimento, mas em tempos alguém estivera lá confortável. Havia um banco baixo e resistente onde se empoleirar enquanto espiava, um pequeno armário de madeira escura, com as portas bem fechadas, e uma pequena prateleira onde Abelha pousou a candeia. O seu instinto era correto. Nessa altura, notei a pequena proteção em volta do buraco, que impediria a luz da candeia de se tornar visível. Ela sentou-se no banco sem o limpar de pó, inclinou-se para a frente, a fim de espreitar o meu gabinete, e depois endireitou-se e proclamou: “Adoro. É perfeito para mim. Oh, papá, obrigada!”

Ela levantou-se e foi até ao armariozinho, cuja pega alcançou facilmente. Espreitou para dentro. “Olha! Está aqui um tinteiro! Está tudo seco, mas eu podia enchê-lo de tinta. E há uma pena velha, toda carcomida até ao cálamo. Vou precisar de uma nova. Olha! A prateleira dobra-se para baixo e agora é uma mesinha para escrever! Que engenhoso! É mesmo tudo para mim?”

O que provavelmente teria sido um espaço bastante apertado, mesmo para um pequeno espião, ajustava-se-lhe na perfeição. O espaço em que eu pensara como um retiro de emergência para ela, era por ela visto como um refúgio, talvez mesmo como uma salinha para brincar.

“É um lugar seguro para ti. Um lugar para onde te podes vir esconder se sentires que estás em perigo e não conseguires chegar até mim. Ou se te disser que há perigo e deves fugir e esconder-te.”

Ela olhou para mim com uma expressão séria, sem me olhar nos olhos mas com o olhar pálido a vaguear pela minha cara. “Percebo. Claro. Bem, então vamos precisar de velas e de uma caixa de acendalhas. E de qualquer coisa onde guardar água e de qualquer coisa com uma tampa apertada onde guardar pão duro. Para eu não ter fome se tiver de me esconder durante muito tempo. E uma almofada e uma manta contra o frio. E talvez alguns

livros.”

Fitei-a, horrorizado. “Não! Não, Abelha, eu nunca te deixaria aqui escondida durante dias! Espera... alguns livros? Tu lêes mesmo assim tão bem?”

A expressão na cara dela não teria ficado mais surpreendida se eu lhe tivesse perguntado se sabia respirar. “Claro. Toda a gente lê, não lê?”

“Não. Normalmente as pessoas têm de ser ensinadas a ler. Eu sei que a tua mãe te mostrou as letras, mas não julgava que...” Fitei-a, espantado. Eu vira-a brincar com a pena e o livro, julgando que não fazia mais do que treinar o desenho de letras ao calhas. A nota que escrevera à irmã fora uma nota simples, só algumas linhas. Agora lembrava-me de que ela pedira papel para poder escrever os seus sonhos; julgara que se referia aos estranhos desenhos. Sufoquei o meu súbito desejo de conhecer o que escrevia, de ver o que sonhava. Esperaria até que ela se oferecesse para os partilhar comigo.

“A mamã lia para mim. O grande livro lindo sobre ervas e flores, aquele que a Dama Paciência lhe tinha dado. Lia-o muito devagar, a apontar para cada palavra. Ela tinha-me explicado as letras e os sons. Portanto aprendi.”

Moli chegara tarde à leitura e dominara-a com grande dificuldade. E eu reconheci imediatamente o livro que lera a Abelha, um livro que não tinha páginas de papel mas estreitas placas de madeira com as palavras e ilustrações nelas gravadas, e as ervas e flores gravadas e depois pintadas com as cores corretas. Paciência acarinhara esse meu presente. E Moli ensinara a minha filha a ler por ele.

“Papá?”

Tinha estado absorto. Baixei os olhos para ela.

“O que aconteceu à Dama Paciência? A mamã contou-me muitas histórias sobre ela, mas nunca me contou o fim da sua história.”

“O fim da sua história.” Eu estava presente no dia em que a história da minha madrasta terminara. Pensei nisso então, e de repente o momento tomou um significado completamente diferente para mim. Pigarreei. “Bem. Foi num dia do início da primavera. As ameixeiras tinham começado a despertar do inverno e a Dama Paciência queria que elas fossem podadas

antes de os botões desabrocharem em flor. Nessa altura era já uma senhora bastante idosa, mas ainda era muito picuinhas com os seus jardins. Portanto insistiu em debruçar-se de uma janela do primeiro andar e gritar instruções aos trabalhadores que estavam a podar as suas árvores.”

Tive de sorrir àquela memória. Abelha estava quase a olhar para mim, com uma expressão concentrada e interessada e a testa enrugada. “Ela caiu da janela?”

“Não. É espantoso, mas não, não caiu. Mas não ficou contente com o modo como eles estavam a fazer a poda. Portanto, declarou que ia sair para os obrigar a fazê-la como queria e para trazer alguns dos ramos podados a fim de os fazer desabrochar para a mesa. Eu ofereci-me para lhe ir buscar alguns, mas não, ela arrancou para o quarto e depois voltou, a bater com as botas no chão e com uma pesada capa de lã e lá foi ela porta fora.” Fiz uma pausa. Lembrava-me de tudo tão claramente. O céu azul, a violência do vento, e os olhos de Paciência a piscar de indignação porque a equipa do pomar estava a ignorá-la.

“E depois?”

“Ela ficou algum tempo lá fora. Eu estava na sala matinal quando ouvi a porta bater. Ela estava a gritar-me para ir buscar alguns dos ramos. Eu fui até ao átrio e lá veio ela com uma grande braçada de ramos, deixando cair gravetos e bocados de musgo pelo caminho. Eu ia tirar-lhos dos braços quando ela parou de repente. Fixou o olhar e a boca abriu-se-lhe e as bochechas, que estavam rosadas do frio, ficaram ainda mais rosadas. Depois gritou: ‘Cavalaria! Aí estás tu!’ E ergueu os braços e os ramos saltaram para todos os lados. Abriu muito os braços, deu dois passos de corrida na minha direção. E depois caiu.”

Lágrimas picaram-me subitamente os olhos. Pestanejei mas não as consegui travar.

“E estava morta,” sussurrou Abelha.

“Sim,” disse eu, rouco. Lembrei-me do seu peso flácido quando a abracei e a virei para cima nos meus braços. Estava morta e de olhos fixos mas ainda sorria. Sorria.

“Julgou que tu eras o marido morto quando te viu.”

“Não.” Abanei a cabeça. “Ela não olhou para mim. Estava a olhar para trás de mim, pelo corredor atrás de mim. Não sei o que ela viu.”

“Viu-o a ele,” decidiu Abelha com grande satisfação. Acenou de si para si. “Ele no fim veio buscá-la. É um bom fim para a história dela. Posso guardar o livro dela aqui? Aquele que é sobre as ervas?”

Perguntei a mim mesmo se Moli viria um dia buscar-me. Uma oscilação de esperança cresceu em mim. Depois voltei a mim, à salinha e à minha filha sentada junto de uma mesa desdobrada. “Podes guardar livros aqui, se quiseres. Podes guardar aqui tudo o que queiras. Podes ter velas e uma caixa de acendalhas, se prometeres ter muito cuidado com elas. Mas tens de te lembrar de que esta sala e a sua entrada são um segredo, um segredo que não deve ser partilhado com ninguém. Só eu e tu sabemos que existe. É importante que ela continue a ser segredo nosso.”

Ela acenou gravemente com a cabeça. “Podes mostrar-me para onde vai a outra passagem, aquela por que passámos, e como abrir as portas exteriores?”

“Talvez amanhã. Neste momento temos de a fechar bem e depois ir falar com o homem que cuida das ovelhas.”

“Lino”, fez-me ela lembrar, descontraída. “É o pastor Lino que cuida das ovelhas.”

“Sim. Lino. Temos de falar com ele.” Uma ideia brotou-me na mente. “Ele tem um filho chamado Boje, que tem uma mulher e uma rapariguinha em sua casa. Queres conhecê-las?”

“Não. Obrigada.”

A resposta taxativa dela matou essa esperança. Eu sabia que havia mais naquela história. Esperei num silêncio paciente enquanto ela pegava na candeia e seguia à minha frente pela estreita escada. Fez uma pausa esperançada na interseção da outra passagem, erguendo a candeia para espreitar a escuridão, mas depois, com um curto suspiro, levou-nos para o meu estúdio. Eu segurei na candeia enquanto ela fechava o painel e o trancava. Depois apaguei a candeia e abri as pesadas cortinas para deixar entrar a luz cinzenta. Estava a chover. Pestanejei enquanto os olhos se me ajustavam e apercebi-me de que devíamos ter tido geada durante a noite. As

folhas tinham começado a mudar, e os veios e as bordas das folhas das bétulas estavam a tornar-se douradas. O inverno aproximava-se. Eu ainda não tinha falado.

“As outras crianças não gostam de mim. Deixo-as desconfortáveis. Açam que sou uma criancinha minúscula vestida de rapariga e depois, quando consigo fazer coisas como descascar maçãs com uma faca afiada, pensam... nem sei o que pensam. Mas quando entro na cozinha, os filhos de Tavia saem. Costumavam ir trabalhar com ela todos os dias. Já não vão.” Afastou o olhar de mim. “Ulmeira e Lea, as ajudantes de cozinha, odeiam-me.”

“Oh, Abelha, elas não te odeiam! Mal te conhecem. E os filhos de Tavia estão na idade em que começam a andar com o pai, para aprender o que ele faz o dia inteiro. Não és tu, Abelha.” Estava a olhar para a minha pequena filha com um sorriso de solidariedade. Ela deitou-me um relance e, durante o instante em que os nossos olhares se cruzaram, a ira azul nos dela queimou-me.

Ela olhou para o chão, com todo o corpo rígido. “Se calhar, hoje devia ficar em casa, fora da chuva,” disse numa vozinha gélida. “Pode ser um bom dia para ficar sozinha.”

“Abelha,” disse eu mas, antes de ter tempo de prosseguir, aquela fúria foi-me outra vez mostrada.

“Odeio quando mentes. Sabes que as outras crianças vão ter medo de mim. E eu sei quando me odeiam. Não é coisa que eu finja. É real. Não me mintas para me fazeres pensar que sou eu que estou a avaliá-las mal. As mentiras são más, seja quem for que as diz. A mamã aguentou as tuas, mas eu não vou aguentá-las.” Cruzou os braços ao peito e fitou-me os joelhos com uma expressão de desafio.

“Abelha! Eu sou teu pai. Não podes falar assim comigo!”

“Se não posso ser honesta contigo, não vou falar de todo.” Tinha toda a força da sua vontade atrás destas palavras. E eu sabia que ela era absolutamente capaz de reatar o seu longo silêncio. A ideia de ficar privado da única companhia que encontrara desde a morte de Moli foi um golpe que me atingiu com tal profundidade que reconheci imediatamente como era

apertado o vínculo que estava a formar com a minha filha. E o segundo relâmpago mostrou-me quão perigoso seria para ambos se eu deixasse que a minha necessidade da sua companhia dominasse os meus deveres de educador.

“Podes ser honesta comigo e continuar a respeitar-me. Tal como eu posso fazer contigo. És diferente, Abelha. Isso vai tornar algumas partes da tua vida muito difíceis. Mas se voltares sempre às tuas diferenças para explicar tudo aquilo que te desagrada no mundo, vais cair na autocomiseração. Não tenho dúvida nenhuma de que realmente deixavas os rapazes de Tavia desconfortáveis. Mas também sei que nenhum deles gostava de trabalhar nas cozinhas e que por isso o pai os levou para o moinho, para ver se preferiam trabalhar lá. Nem sempre é tudo sobre ti. Às vezes só és um fator.”

Ela baixou os olhos para o chão. Não descruzou os braços.

“Veste a capa. Vamos lá abaixo falar com o Lino.” Dei a ordem com confiança, contendo a angústia sobre o que faria se ela se recusasse a obedecer. Quando Esporana me dera Zar, ele levava uma vida de tais privações que ficara pateticamente grato por dormir numa casa e receber comida. Já tinha bem mais de dez anos quando tivemos alguma espécie de confronto sobre a minha autoridade. A ideia de disciplinar fisicamente uma criatura tão pequena como Abelha enchia-me de repugnância. Mas sabia que tinha de vencer aquela batalha.

Ocultei o alívio quando ela pegou na capa e a pôs. Não disse nada para lhe aguilhoar o orgulho quando saímos do estúdio e daí para o exterior. Encurtei o passo quando saímos para os pastos e currais. Ela ainda tinha de trotar para me conseguir acompanhar.

Lino estava à minha espera. Mostrou-me três ovelhas que isolara do rebanho depois de terem desenvolvido uma irritação cutânea que as levava a esfregar-se em árvores e postes de vedação até ficarem em carne viva. Eu pouco sabia sobre ovelhas, mas Lino cuidava delas desde jovem, e o seu cabelo era agora tão cinzento como os pelos da maioria dos animais lanudos que tinha a cargo. Portanto escutei e acenei com a cabeça e pedi-lhe para me manter informado se mais alguma das ovelhas ficasse infetada.

Enquanto conversávamos, os seus olhos foram saltando de mim para a minha pequena e dela para mim. Abelha, talvez ainda amuada por ter sido repreendida, manteve-se pequena, hirta e silenciosa durante toda a conversa. A cadela de Lino, *Margarida*, foi inspecioná-la. Quando Abelha recuou perante a aproximação do animal, este abanou a cauda, contente, e a sua língua pendeu numa gargalhada canina. *Tão fácil de pastorear*. Decidi ignorá-las e *Margarida* encurralou a minha filha num canto e depois empurrou-a com o focinho, mantendo sempre a cauda a abanar. Lino deitou-lhe um olhar apreensivo mas eu fui para junto de uma ovelha e perguntei a Lino que idade ela tinha. Distraído, ele veio ter comigo. Perguntei se a causa da irritação podiam ser piolhos, fazendo Lino franzir o sobrolho e baixar-se para abrir a lã da ovelha em busca de insetos.

Pelo canto do olho vi Abelha estender a mão para afagar uma das orelhinhas sedosas da cadela. *Margarida* sentou-se e encostou-se a ela. Abelha enterrou as mãos geladas na espessa pelagem dourada do cão-pastor e eu vi de súbito que ela e o cão tinham uma relação fácil e familiar. O recuo dela, pouco antes, não fora apreensão mas um convite para brincar. Ouvi só com metade da atenção Lino contar os sintomas iniciais da ovelha.

Quando Lino ficou satisfeito por eu ter ficado ao corrente das suas preocupações e estar confiante no que ele andava a fazer, a nossa reunião terminou. Eu nunca gostara de ovelhas e pouco tivera a ver com os cuidados que lhes eram prestados enquanto crescera no Castelo de Torre do Cervo, portanto fiz com Lino o que Castro fizera com os falcoeiros em Torre do Cervo. Encontrara um homem competente que sabia mais sobre aquelas cabeças ocas lanudas do que eu alguma vez queria aprender e confiara-lhe os rebanhos de Urtiga. Mas ouvi-lo levava algum tempo e senti que a manhã me fugia.

Quando me virei para procurar Abelha, ela não estava lá. *Margarida* estava calmamente sentada. A minha reação foi instintiva. Contactei tanto homem como cadela, perguntando: “*Onde está ela? Para onde foi a minha filha?*”

“*Gatinhos,*” responderam eles, como um só. Se Lino era Manhoso e *Margarida* a sua parceira animal, ele nunca mo dissera e agora não era

altura para perguntar. Não seria o primeiro homem não Manhoso que eu conheceria que se comportava como se ele e o seu parceiro conseguissem falar um com o outro. Mas a minha preocupação, agora, não eram eles mas Abelha.

“Gatinhos?”

“Há ali uma ninhada, debaixo de uma das manjedouras. Abriram os olhos há duas semanas e agora começaram a explorar.”

E realmente era verdade. E a ninhada de quatro crias estava a explorar a minha filha, enquanto ela jazia deitada de borco na palha húmida e permitia que lhe trepassem para cima. Um gato laranja e branco estava sentado nas suas costas e puxava-lhe pelos cabelos, com os dentes de alfinete cerrados no cabelo despenteado enquanto fazia força com as patinhas. Dois gatos tricolores estavam aninhados na curva dos seus braços, debaixo do queixo. A curta distância, um gatinho preto e branco com um defeito na cauda fitava-a com um ar furioso enquanto ela o fitava de volta. “Abelha, está na altura de irmos andando,” avisei.

Ela moveu-se devagar, com relutância. Estendi a mão para lhe desprender o gatinho laranja do cabelo. Ele deu-me uma patada experimental. Pousei-o na palha ao lado dela. “Temos de ir já embora,” instei.

Ela suspirou. “Gosto dos gatinhos. Nunca tinha pegado em nenhum. Estes são simpáticos, mas aquele não me deixa tocar-lhe.”

Lino falou. “Oh, aquele pretinho é como o pai. Já está cheio de vinagre. Vai ser um bom rateiro, mas eu não o escolheria, Menina Abelha.”

“Não estamos a escolher nenhum deles,” corrigi. “Ela só queria pegar num.”

Lino inclinou a cabeça para mim. A seu lado, a cadela imitou-o. “Bem, só estou a dizer que ela pode ficar com um, se o senhor quiser. Estão na idade certa para arranjar uma nova casa. A mãe está farta deles e já começaram a caçar. E um amiguinho podia ser um conforto para a pequena, senhor. Um bocadinho de companhia quentinha.” Pigarreou e acrescentou: “Embora eu ache que um cachorro era melhor para ela.”

Experimentei uma impaciência momentânea. Um gatinho ou um cachorro não lhe curariam a dor pela morte da mãe. Depois, a penetrante

memória de um cachorro chamado *Narigudo* intrometeu-se nos meus pensamentos. Outra criatura jovem para ser amiga dela poderia ajudar. Muito. E talvez de todas as maneiras erradas. Falei com firmeza.

“Obrigado, mas não, Lino. Talvez quando ela for um pouco mais velha, mas agora não. Vem, Abelha. Temos de voltar para casa.”

Contei com uma súplica vinda dela. Em vez disso, levantou-se, deixando o par de gatinhos tricolores deslizar suavemente para a palha. Ficou mais um momento a fitar o gatinho preto. Apontou-lhe um dedo, como que a avisá-lo, mas depois acabou de se levantar e seguiu obedientemente quando eu deixei os currais das ovelhas para trás.

Abrandei ainda mais o passo no caminho de regresso à casa. “Então. O que ouviste tu?”, perguntei a Abelha.

Ela ficou muito tempo em silêncio. Estava a ponto de insistir numa resposta quando ela admitiu: “Não estava realmente a prestar atenção. Era só sobre ovelhas. Não era sobre mim. E havia os gatinhos.”

“Conversámos sobre ovelhas que pertencem à tua irmã, com um homem que ganha a vida a cuidar dessas ovelhas. Um dia podes ter de vir até aqui para falar com ele, ou com a filha ou um neto dele, sobre essas ovelhas. Da próxima vez, escuta.” Fiz uma pausa para lhe dar um momento para refletir naquilo e depois perguntei: “Muito bem, desta vez não escutaste. O que viste?”

Ela surpreendeu-me com o que me ouvira dizer. A minha pergunta não lhe entrara de todo na mente. Falou hesitantemente, numa voz cheia de ansiedade. “Bom. Floresta Mirrada não te pertence nem a ti nem a mim. É a casa de Urtiga, e as ovelhas são de Urtiga. Nunca serão minhas. Nem as uvas, nem os pomares. Nada disto é realmente meu. Urtiga é a filha mais velha da mamã, e agora é dona de tudo. Mas um dia eu posso ter de cuidar de tudo em nome dela, tal como tu fazes.” Refletiu por um momento. “Papá, quando eu for crescida e tu estiveres morto, o que é que *vai* ser meu?”

Uma seta no meu coração. O que pertenceria àquela minha estranha filha? Mesmo se eu pusesse de parte um bom dote para ela, cresceria para

se transformar numa mulher com quem um homem querer casar? Um homem bom? Como poderia eu encontrá-lo, ou reconhecê-lo quando encontrasse? Quando eu estivesse morto e enterrado, o que lhe aconteceria? Anos antes, Breu fizera-me a mesma pergunta e eu respondera que ela não passava de uma bebé e era demasiado cedo para preocupações. Tinham passado nove anos desde essa altura. Mais nove, e ela estaria apta a casar.

E eu era um idiota negligente. Falei rapidamente para encher o meu longo silêncio. “Tenho a certeza de que a tua irmã e os teus irmãos nunca permitiriam que tu passasses necessidades,” disse-lhe e senti-me confiante de que lhe estava a dizer a verdade.

“Isso não é o mesmo de saber que haverá alguma coisa que será minha,” disse ela em voz baixa.

Eu sabia que ela tinha razão. Antes de ter tempo de lhe assegurar que faria os possíveis para garantir que nada lhe faltaria, ela voltou a falar. “O que eu vi foi isto. Vi ovelhas e bosta de ovelha e palha. Vi montes de lã nas travessas mais baixas da vedação, e montes de aranhinhas, pretas e brancas nas faces inferiores das travessas. Vi uma ovelha deitada, e ela tinha raspado toda a lã e parte da pele da garupa. Outra ovelha estava a esfregar a coxa num poste da vedação e a lambar os lábios enquanto o fazia.” Eu estava a acenar, satisfeito com a sua capacidade de observação. Ela deitou-me um olhar, afastou-o e acrescentou: “E vi Lino a olhar para mim e depois a afastar o olhar, como se eu fosse uma coisa que ele preferia não ver.”

“É verdade,” concordei. “Mas não por não gostar de ti. Sente-se triste por ti. Gosta de ti o suficiente para pensar que devias ter um gatinho ou um cachorro teu. Olha para como lida com a cadela dele, e vais ver que isso não era coisa que sugerisse para uma criança que lhe desagradasse.”

Ela fez um ruído de ceticismo com a garganta.

“Quando eu era rapaz,” disse-lhe, calmo, “detestava ser bastardo. Julgava que sempre que alguém olhava para mim, era esse o primeiro pensamento que tinham. Portanto, transformei ser bastardo na coisa mais importante em mim. E sempre que conhecia alguém, a primeira coisa em que pensava era no que ele estaria a pensar a respeito de conhecer um bastardo.”

Caminhámos em silêncio durante algum tempo. Não sei se ela já estaria

cansada. Dei por mim a pensar que teria de treinar a sua resistência com desafios regulares e depois fiz-me lembrar que ela não era nem um cão nem um cavalo, mas a minha filha.

“Às vezes,” acrescentei, com cautela, “decidia que as pessoas não gostavam de mim antes de elas terem oportunidade de decidir sozinhas. Portanto não falava com elas nem fazia nenhum esforço para as levar a gostar de mim.”

“Ser bastardo é uma coisa que não se vê a não ser que se faça ver,” disse ela. Indicou-se com um gesto. “Eu não posso esconder isto. Ser pequena e parecer mais nova do que sou. Ser clara quando a maior parte das pessoas são escuras. Ser capaz de falar como se fosse mais velha do que sou é uma coisa que posso esconder. Mas tu disseste que não devia fazer isso.”

“Não. Algumas das tuas diferenças não podes esconder. Aos poucos, podes deixar as pessoas verem que és muito mais inteligente do que a maior parte das crianças da tua idade. E isso vai tornar-te menos assustadora para elas.”

E de novo aquele som de desdém.

“A *Margarida* assustou-te?”, perguntei-lhe.

“*Margarida*?”

“O cão-pastor. Assustou-te?”

“Não. Claro que não! Ela gosta de me empurrar com o focinho. Mas a *Margarida* é simpática.”

“Como é que sabes?”

Uma hesitação antes de responder. “Ela sacudiu a cauda. E não teve medo de mim.” Uma pausa. “Posso ter um cachorrinho?”

Não fora para ali que eu quisera levar a conversa, mas por outro lado era inevitável. “Seria difícil para mim deixar-te ter um cão neste momento.” Seria difícil enquanto o meu coração ainda estivesse tão desesperadamente solitário. Seria difícil enquanto eu tentasse contactar, voluntariamente ou não, qualquer criatura que me olhasse com olhos solidários. Mesmo se não me vinculasse, o cão seria atraído por mim, não por ela. Não. “Talvez no futuro possamos voltar a falar disso. Mas o que eu queria que percebesses... Estás cansada? Queres que te leve ao colo?”

O passo dela tornara-se arrastado e lento e tinha as bochechas vermelhas vivas do esforço e do beijo gelado do vento.

Ela endireitou a espinha. “Tenho quase dez anos. Sou demasiado velha para ser levada ao colo,” disse, com grande dignidade.

“Não pelo teu pai,” disse eu e peguei nela. Ela ficou hirta nos meus braços, como ficava sempre, mas eu fui implacável. Instalei-a bem alto no ombro esquerdo e estuguei o passo. Ela ficou ali empoleirada, muda e rígida como um pau. Julguei aperceber-me do seu problema. Respirei fundo e encerrei-me melhor no interior dos meus muros. Não foi fácil. Por um momento, fiquei tão desorientado como se tivesse subitamente posto de parte o sentido do olfato ou da visão. Quando se tem Manha, usá-la é instintivo, e o Talento transborda para o exterior dos não treinados. Mas fui recompensado por ela se descontraír um tudo-nada e depois exclamar: “Consigo ver até tão longe! Tu consegues ver até tão longe o tempo todo? Bem, suponho que sim! Que maravilha!”

Ela estava tão contente e entusiasmada que não tive coragem para a arrastar de volta à lição. Outra altura serviria bem, prometi a mim mesmo. Ela acabara de perder a mãe e nós os dois só agora estávamos a descobrir como nos ligarmos um ao outro. Amanhã voltaria a falar com ela sobre como deixar os outros confortáveis. Por agora, ia desfrutar de um momento em que ela parecia uma criança normal e eu podia ser simplesmente seu pai.

CAPÍTULO 12

EXPLORAÇÕES

Em tempos existiu uma velha que vivia sozinha no meio de uma cidade movimentada. Ganhava a vida como lavadeira de várias famílias de mercadores ricos. Todos os dias ia a uma das casas deles, recebia a roupa suja e levava-a para a sua casa, onde a esfregava e batia até a deixar limpa, a estendia para secar no telhado de colmo e fazia os remendos que pudessem ser necessários. Isso não lhe permitia viver bem, mas ela gostava do trabalho porque podia fazê-lo sozinha.

Nem sempre vivera sozinha. Em tempos tinha tido um cão. O cão fora seu animal de Manha e seu amigo. Mas nenhum cão vive para sempre e poucos vivem tanto tempo como um ser humano, portanto o triste dia em que a mulher se vira sozinha tinha chegado. E sozinha ficara desde então. Pelo menos era o que julgava.

Um dia, de manhã cedo, quando saiu da cama, escorregou e caiu. E quando tentou levantar-se, não conseguiu, pois tinha partido a perna na zona da anca. Gritou por ajuda, mas ninguém a ouviu e ninguém apareceu. Ficou caída no chão ao longo de todo esse dia, da noite e do dia seguinte. Ficou fraca de fome e a sede roubou-lhe a voz. A mente começou a divagar e ela voltou uma vez mais a correr pelas ruas da cidade como o cão tinha feito em tempos. E como cão, e em sonhos, encontrou um jovem e disse-lhe: “A minha dona precisa da tua ajuda. Segue-me, por favor, suplico.”

Despertou com um homem a levar-lhe um copo de água fresca aos lábios. “Sonhei com um cão e ele trouxe-me aqui,” disse-lhe ele. Salvou-lhe a vida e, apesar de ela levar muito tempo a sarar e de então em diante passar a andar sempre com uma bengala e um coxeio, ficaram para sempre amigos.

Histórias do Sangue Antigo, de Texugo

Quando tive a certeza de que o meu pai já ia longe, deslizei para fora da cama, escolhi uma das velas aromáticas da minha mãe entre as que estavam guardadas na mesa de cabeceira e acendi-a na lareira. Pu-la num castiçal e pousei-a no chão enquanto tirava da arca das roupas um roupão quente de lã. Não gostava da grande arca. A tampa estava lindamente esculpida, com pássaros e flores, mas era pesada. E eu não era alta o suficiente para a abrir por completo, portanto tinha de a segurar com uma mão enquanto vasculhava as profundezas com a outra. Felizmente, estava um roupão perto do topo, e o toque picante da lã nos meus dedos informou-me de que era o que eu queria. Pesquei-o e saltei para trás, deixando a tampa da arca cair com um *tum*. No dia seguinte, decidi, pediria ao meu pai para me abrir a arca, a fim de transferir roupa quente de lá para a arca mais pequena que ele fizera para mim. A tempestade da noite certamente queria dizer que o inverno vinha a caminho. Estava na altura de fazer as mudanças.

Vesti o roupão por cima da camisa de dormir e depois calcei as meias quentes. Não perdi tempo com sapatos. Os sapatos de andar por casa eram demasiado apertados para calçar por cima da lã grossa e as minhas velhas botas eram demasiado pesadas para aquilo que eu tinha em mente. Peguei na vela, abri a porta e espreitei o corredor. Tudo estava em sossego. Esgueirei-me para fora, deixando a porta fechar-se suavemente atrás de mim. Por fim teria tempo para explorar a passagem secreta tão minuciosamente quanto quisesse. Desde que a vira, não pensava em mais nada. Quisera regressar diretamente para lá assim que tínhamos vindo dos currais das ovelhas, mas houvera uma refeição a tomar e depois o meu pai mantivera-me a seu lado enquanto se preocupava e angustiava por ter de me deixar sozinha naquela noite. Que patetice. Não estaria eu sozinha todas as noites quando ele ficava no estúdio ou dormia na sua cama? Que diferença fazia estar longe da nossa casa?

As brasas amontoadas na lareira do estúdio do meu pai tinham-se quase apagado. Acrescentei-lhes mais um lenho, tanto por causa da luz como do calor. Tirei duas velas altas da gaveta da secretária dele. Depois, fiz cuidadosamente o que ele fizera horas antes, assegurando-me de que a

cortina, na janela, estava bem fechada, trancando as portas do gabinete e acionando a tranca secreta na dobradiça falsa. Quando a estreita porta se abriu, a casa suspirou sobre mim, um hálito gelado de velhos segredos. Eu inspirei esse hálito e senti-o a encher-me. De castiçal na mão comecei a subir a estreita passagem.

Fui primeiro até à pequena sala que o meu pai me mostrara. Investiguei-a com mais cuidado, mas pouco encontrei que não tivesse visto antes. Era agradável estar ali sentada, sozinha, com a vela a criar uma lagoa de luz amarela à minha volta enquanto eu pensava em como poria o livro na pequena prateleira e o tinteiro e a pena a seu lado. Nunca me apercebera de quanto ansiara por um espaço só meu. O meu quarto sempre me parecerá um espaço vasto e gélido, pouco diferente de tentar dormir no meio da mesa na sala de jantar. Ali, sentia-me aconchegada e abrigada. Decidi que da próxima vez que para lá fosse traria um espanador para limpar as teias de aranha e deixar tudo arrumado e uma almofada e uma manta para deixar a salinha confortável. Faria imagens para pôr nas paredes. Era muito satisfatório imaginar o espaço transformado por forma a se adequar precisamente a mim e eu fiquei tanto tempo a fazê-lo que a minha vela aromática se gastou quase por completo. Acendi uma das velas que tinha tirado da secretária do meu pai. Depressa decidi que devia ser ali mantida uma provisão de velas. E não havia melhor altura do que aquela. Pus a vela de reserva na prateleirinha e virei-me para apagar com os dedos a pequena chama que ardia no que restava da vela aromática. Um minúsculo fiozinho de fumo aromático subiu do pavio, perfumando o ar. Pousei o toco na mesa e pus no castiçal a vela que acendera. Devia trazer para ali algumas das saquetas de ervas que eu e a minha mãe tínhamos feito, as de rosa e madressilva. Encheria o armariozinho com todas as coisas que queria guardar ali. Alperces secos e passas. As pequenas salsichas duras que adorava roer. Seria acolhedor e confortável, um lugar para ler, desenhar ou escrever. A minha minúscula salinha.

A nova vela fez-me lembrar da passagem do tempo. Queria explorar a outra passagem que antes só vislumbrara. Lembrei-me de que o meu pai dissera que levava a outras duas entradas, uma no quarto dele e uma na

despensa. A despensa ficava no andar inferior atrás das cozinhas, enquanto o quarto dos meus pais ficava na parte principal da casa e no primeiro andar. Portanto, em algum ponto teria de haver escadas, concluí, e decidi imediatamente que ia explorar essa passagem.

Regressei à interseção que vislumbrara antes e, desta vez, em vez de regressar ao gabinete, segui a outra passagem. Reparei que as paredes do corredor eram aí de tábuas de madeira escura e perguntei a mim mesma se seriam mais velhas do que a primeira secção que explorara. Como o meu pai me avisara, havia bastante tempo que a passagem não era usada. Cortinas de teias de aranha chiaram e torceram-se ao encontrarem a chama da minha vela. O corredor virava primeiro para um lado e depois para o outro enquanto seguia as paredes das salas. Em certo ponto, a parede da passagem passou a ser de tijolo e argamassa e muito fria. Correntes de ar faziam dançar a chama da minha vela e eu protegi-a com a mão. Senti que talvez estivesse agora na parte principal da casa. Apressei-me, passando pelos ossos descarnados de um rato, há tanto tempo morto que já não fedia. Encontrei mais dois buracos para espiar, ambos fechados com uma minúscula tampa. Pousei a vela e procurei ver onde estava mas, por mais que tentasse, não consegui ver nada da sala escurecida que eles espionavam. Na verdade, tinha apenas uma ideia vaga do ponto da casa onde me encontrava, e não saberia dizer se estava a passar por quartos ou por salas de estar.

Cheguei a um lugar onde a passagem divergia não em dois, mas em três caminhos possíveis. Então talvez houvesse mais entradas para os túneis de espionagem do que o meu pai me tinha dito. O primeiro que escolhi foi uma decepção. Não fui longe até chegar a um buraco de espiar e a outro banquinho por baixo dele. De novo pousei a vela e, após uma curta luta, consegui afastar para um lado a teimosa cobertura. Fiquei espantada por descobrir que estava a olhar para o meu próprio quarto. O fogo estava quase apagado, mas dava luz suficiente para eu conseguir ver. Estava na parede da lareira do meu quarto, de onde podia ver a cama. Perguntei a mim mesma se haveria uma entrada secreta para o meu quarto, e tateei cautelosamente ao longo da parede nas imediações, em busca de algum trinco ou dobradiça.

Mas se havia alguma dessas coisas, não a encontrei, o que foi um grande desapontamento — ficara bastante entusiasmada com a ideia de conseguir ter acesso ao meu novo refúgio a partir do meu quarto.

Regressei à interseção dos túneis, decidida a não me demorar, pois a vela já estava quase meio gasta. Ia precisar de uma candeia para futuras explorações. Tinha a certeza de que o meu pai não me deixaria possuir a minha própria candeia, e tampouco me autorizaria a vaguear pelas paredes de Floresta Mirrada com uma candeia emprestada. Perguntei a mim mesma se ele repararia se eu levasse a que estava na sala de costura da minha mãe. Ele evitava essa sala desde que ela morrera. Senti uma alfinetada na consciência quando pensei em obter aquilo de que necessitava às escondidas dele, mas não foi muito forte. Tinha muita certeza de que ele me considerava muito menos capaz do que realmente era. Queria isso dizer que me devia limitar ao que ele julgava que eu podia fazer? Não me parecia.

Escolhi um caminho ao calhas e segui-o. O corredor ziguezagueou por dentro das paredes ao longo de uma distância considerável e, por duas vezes, ultrapassei cantos que deviam ser muito estreitos para um adulto. Desci uns degraus toscos, depois subi outros e pouco depois descí uma escada mais comprida. Encontrei mais sinais de bicharada e parei uma vez quando ouvi pequenos pés a precipitar-se para longe de mim. Não gostava de ratos nem de ratazanas. As ratazanas não fedem tanto como os ratos, mas não gosto dos seus olhinhos brilhantes. Os dejetos ao longo das paredes tornaram-se mais densos e o fedor a urina mais forte. Encontrei dois buracos roídos na passagem. Era claro que os roedores tinham descoberto aquela passagem segura e fácil e andavam a usá-la, pelo que deduzi que aquele corredor levava à despensa.

E levava mesmo. A minha vela tinha agora um quarto do comprimento original e decidi que devia sair pela passagem que aí havia antes de a vela se apagar e me deixar nas trevas. A alavanca para abrir o painel era óbvia e, embora estivesse perra, eu coloquei o meu peso sobre ela até ouvir um estalido na parede. Empurrei o que julguei ser a porta, mas ela só se abriu uma mão travessa. Estava concebida para abrir para fora e, quando passei a

mão pela abertura, senti claramente que sacos de qualquer coisa, ervilhas ou feijões, tinham sido empilhados à sua frente. Empurrei-os, mas eram pesados e não cederam. Não conseguia sair por ali.

Estava na altura de sair da minha toca. Fechei o painel secreto da despensa e voltei por onde viera, sentindo-me gelada e com sono. Colidi com uma pesada teia de aranha e tive de parar para a limpar dos olhos. Reparei que o meu roupão estava agora muito empoeirado e coberto de teias. Perguntei a mim própria se conseguiria limpá-lo sozinha e evitar as perguntas, pois tinha a certeza de que o meu pai não aprovaria aquela exploração solitária.

Cheguei ao cruzamento e virei-me para regressar ao gabinete do meu pai. Tinha os pés gelados e o frio começava a subir-me pelas pernas. Senti uma comichão no pescoço e quase deixei cair a vela. Pousei-a e, com os dedos, penteei o cabelo, libertando-o de teias. Não encontrei a aranha, apesar de vários momentos de busca fútil. Peguei na vela e continuei a andar. A escuridão da passagem parecia fazer com que as minhas pálpebras pesassem mais. Seria bom estar de volta ao meu quarto e debaixo das mantas.

Voltei a pousar a vela para limpar mais teias de aranha do meu caminho. Continuei a percorrer o corredor e virei uma esquina antes de me ocorrer que já não devia haver teias de aranha à minha frente se eu estivesse a voltar por onde tinha vindo. Parei ali mesmo, ergui a vela e espreitei ao longo do estreito caminho. Não. Não havia nenhum sinal de que tivesse passado antes por ali. As teias de aranha não estavam perturbadas e a poeira no chão também não. Virei-me para trás, contente por reparar que as minhas pegadas e os rastos do roupão eram aí óbvios. Encontrar o caminho de volta, agora, não tinha problema nenhum e estuguei o passo.

A vela reduzira-se a um toco no castiçal quando cheguei ao cruzamento. Pensei, zangada, em ter deixado a outra vela em cima da mesinha no primeiro buraco para espiar. Bem, o caminho não era longo, e depressa estaria de regresso ao gabinete do meu pai. Pensei com anseio na lareira e esperei que o lenho que pusera no fogo ainda estivesse a arder. Apressei-me, seguindo os meus próprios rastos. As paredes de tábuas escuras

pareceram ir-se aproximando à medida que a vela perdia a força. Inclinei-a um bocadinho para deixar que alguma da cera escorresse para fora do castiçal. Agora, o pavio via-se mais alto e a chama era mais longa, mas também conseguia ver o fundo da cera derretida. Uma aragem vinda da parede de tijolo quase a apagou. Abriguei a chama com a mão e depois imobilizei-me por completo, confusa. Teria virado na direção errada? A parede de tijolo não ficava no caminho para a entrada da despensa? Ou ficaria na passagem que levava ao buraco para espiar o meu quarto? Pisquei os olhos fatigados e de súbito não me consegui lembrar. Os meus rastos no corredor não me ajudaram. O esqueleto do rato! Onde fora que vira o esqueleto do rato?

Fiquei ali, a fitar a chama moribunda. “Da próxima vez,” disse à escuridão que se aproximava. “Da próxima vez trago giz e assinalo para onde vai cada passagem.” A corrente de ar vinda da parede de tijolo estava a abrir caminho através do roupão. Virei para trás, pelo caminho de onde viera. Agora não me podia apressar, pois a chama era uma migalha dançarina no último resto de pavio. Quando chegasse àquele cruzamento inicial, garanti a mim mesma, ficaria bem. Mesmo se a vela se apagasse, conseguiria encontrar pelo tato o caminho de regresso ao cubículo secreto. Não conseguiria? Bani dos pensamentos todo o medo de ratazanas. A minha luz afugentara-as, e decerto que nunca se aventuravam até tão longe das cozinhas. As ratazanas ficavam onde havia comida.

A menos que estivessem com fome e andassem à procura de mais comida.

Algo me tocou no pé.

Saltei, dei dois passos em corrida e depois caí, espalhando cera quente quando a vela se apagou. A escuridão correu para me afogar. Encheu o espaço de onde a luz da vela a mantivera afastada. Por um momento não consegui respirar, pois havia escuridão em vez de ar. Puxei os pés para dentro do roupão, aterrorizada com a possibilidade de ratazanas poderem saltar para cima deles e arrancar-me os dedos à dentada. O meu coração batia com tanta força que me sacudia o corpo todo. Sentei-me na escuridão, sacudindo a mão queimada e arrancando com a unha os bocados de cera

que se tinham colado a ela. Olhei a toda a volta, mas o negrume era absoluto. A escuridão comprimiu-me, uma substância que não conseguia respirar nem afastar. O terror cresceu em mim.

“Mamã!”, guinchei e, de repente, a realidade da sua morte surgiu a toda a minha volta, tão densa e sufocante como as trevas. Ela partira e não havia ninguém, não havia ninguém que me pudesse salvar. A escuridão e a morte tornaram-se a mesma coisa para mim.

“Mamã! Mamã, mamã, mamã!” Gritei o nome dela uma e outra vez porque se eu estava nas trevas e as trevas eram a morte, então ela devia conseguir vir ter comigo.

Gritei até ficar rouca, até ultrapassar a rouquidão e penetrar num terror abjeto, tremente e silencioso. Ninguém apareceu. Se alguém acordou e soltou uma exclamação ao ouvir os meus gritos abafados, eu não o ouvi. Depois de me passar o ataque de pânico inicial, enrolei-me numa bola na escuridão, a arquejar. Pelo menos aquecera-me: tinha o cabelo colado ao couro cabeludo devido ao suor. Só os pés e as mãos continuavam frios. Abracei os joelhos e enfiei as mãos nas mangas. O bater do meu coração enchia-me os ouvidos. Ansiei por ser capaz de ouvir melhor, pois embora temesse a possibilidade de ouvir o esgravatar das ratazanas, temia ainda mais que uma caísse de súbito sobre mim. Pequenos sons de medo impotente borbulharam na minha garganta. Com a testa pousada no chão terroso e o peito ainda a subir e a descer, fechei os olhos para me resguardar da pressão das trevas.

CAPÍTULO 13

BREU

Há muitas lendas e costumes associados às pedras verticais encontradas por todos os Seis Ducados e para além das suas fronteiras. Mesmo quando os verdadeiros fins desses monólitos foram esquecidos, o significado permaneceu, e por isso as pessoas contavam histórias sobre eles e reverenciavam-nos. As mais comuns eram histórias sobre pessoas descuidadas, frequentemente jovens amantes, que penetravam nesses círculos, se encostavam às pedras e desapareciam. Em algumas das histórias, regressam cem anos mais tarde, acabando por descobrir que todas as coisas que conheciam haviam desaparecido enquanto elas próprias não tinham envelhecido nem um dia. Como parte dos meus estudos do Talento, interroguei-me frequentemente sobre se gente desafortunada com capacidades em bruto para a magia e nenhum conhecimento de como a dominar podia ter acionado acidentalmente um portal, perdendo-se para sempre no seu interior. Sei que tremo quando recordo a minha desventura relacionada com viagens por pilar de Talento entre Aslevjal e Cervo. Sei que leste o meu relato sobre ela. Será que ninguém prestou atenção a esse aviso?

E, mais uma vez, o próprio Rei Respeitador tem alguma experiência nos perigos de tais viagens. Numa ocasião, emergimos de um pilar que estava submerso pela maré. E se tivesse caído, virado para baixo? Não fazemos ideia se ficaríamos permanentemente encurralados dentro dos pilares ou se seríamos empurrados para fora, só para sufocarmos debaixo do chão.

Mesmo com a recuperação de muitos pergaminhos relacionados com o Talento, os nossos conhecimentos sobre os pilares são incompletos. Sob a liderança de Breu, foram desenhados mapas das pedras verticais que existem nos Seis Ducados, foram registados os antigos entalhes contidos nessas pedras e foi documentado o estado

em que as pedras se encontram. Mais de um punhado caiu e os entalhes em algumas foram desgastados pelo tempo ou deliberadamente apagados por vândalos.

Portanto, com o devido respeito, aconselho cautela nesse projeto. Julgo que só membros experimentados de um círculo devem tentar levar a cabo tais explorações. Não sabemos onde alguns desses portais levam, pois não sabemos a que local a marca corresponde. Quanto àqueles que conhecemos, creio que um grupo exploratório deverá viajar primeiro por métodos convencionais até cada local, a fim de confirmar se os pilares recetores ainda estão em pé e em bom estado.

E quanto a experiências relativas aos pilares em que os sinais se desvaneceram ou foram apagados, questiono por que motivo haveríamos de tentar usar algum deles. Valerá a pena pôr em risco a vida de um Talento para enviar alguém não sabemos para onde?

Carta de FitzCavalaria Visionário à Mestra do Talento Urtiga

Desde as minhas mais antigas recordações de Breu, ele desfrutara de todas as oportunidades para injetar drama na sua vida. Desde a Dama Timo até ao Homem Pustulento, saboreara os papéis que representara. A idade não diminuía o seu amor pelo subterfúgio e o disfarce; pelo contrário, apreciava-os mais que nunca, agora que tinha o tempo e os recursos para se dedicar por completo a eles.

Portanto, eu nunca sabia quem iria encontrar quando ele me enviava uma das suas mensagens para ir ao seu encontro. Uma vez fora um velho vendedor ambulante com um saco de cabaças à venda. De outra, eu entrara na estalagem e deparara com uma menestrel singularmente feia a desfazer uma canção trágica e romântica, sob a turbulenta troça dos fregueses da estalagem. A passagem dos anos, se alguma mudança trouxera, só aumentara o prazer que ele obtinha de tais mascaradas. Eu sabia que ele viria do Castelo de Torre do Cervo pelas pedras, reduzindo uma viagem de vários dias a um estalar de dedos. Entraria nas Pedras Testemunha não muito longe do Castelo de Torre do Cervo e emergiria no topo da Colina da

Forca. Da Colina da Forca até ao bar da Vara de Carvalho era um passeio agradável numa noite quente de verão. Infelizmente para Breu, naquela noite ele ia encontrar ao sair do pilar uma chuva gelada que ameaçava transformar-se em neve pela manhã.

Sentei-me perto da grande lareira, com o manto encharcado a guardar-lhe lugar no banco mais próximo das chamas. A Vara de Carvalho era uma estalagem de encruzilhada, usada principalmente por mercadores e viajantes. Eu não a frequentava e não esperava encontrar ninguém que me conhecesse. Apesar disso, para aquele encontro, branqueara a barba com giz e vestira a túnica grosseira de um lavrador. As minhas botas gastas estavam enlameadas e sentei-me com o barrete de lã enfiado até às sobranceiras e às orelhas. As únicas alturas em que vinha à Vara de Carvalho eram quando Breu exigia um encontro. Contudo, não seria bom que nenhum vizinho de Tomé Texugo me visse na sala comum e se interrogasse sobre o motivo por que eu lá me encontrava. Portanto, bebi vinho temperado, com os ombros curvados e um ar carrancudo que esperei poder afastar qualquer um que tentasse travar conversa.

A porta da estalagem abriu-se, deixando entrar vento, chuva e um moço de estrebaria encharcado, seguido por dois mercadores ensopados. Atrás deles, o céu da tardinha estava a escurecer para a noite. Resmunguei com os meus botões. Esperara que Breu chegasse cedo e concluísse rapidamente o que tinha a dizer. Não ficara contente por deixar Abelha sozinha em Floresta Mirrada. Ela assegurara-me que ficaria ótima, que pintaria desenhos no seu quarto junto da lareira e iria para a cama assim que ficasse com sono. Eu tentara em vão convencê-la de que talvez gostasse de passar uma noite com Lino e a mulher. Ela parecera ao mesmo tempo horrorizada e aterrorizada com a ideia. Portanto deixara-a, prometendo-lhe que iria ver como estava assim que regressasse. Bebi o vinho temperado e tentei decidir se haveria de me preocupar com Abelha sozinha em casa ou com Breu algures lá fora, no meio da tempestade.

Da segunda vez que a mulher me deu um encontrão nas costas, girei no banco e fitei-a. A minha primeira ideia foi tratar-se de Breu numa das suas mais extravagantes personificações. Mas ela era demasiado baixa para ser o

velho alto que eu conhecia. Sentado no banco como estava, virar-me pusera-me os olhos precisamente à altura dos seus seios. Inconfundivelmente reais. Quando o meu olhar se deslocou para cima, ela estava a sorrir-me. Tinha uma ligeira abertura entre os dentes da frente e olhos verdes e pestanudos. O cabelo era de um ruivo muito escuro. “Olá,” disse.

Portanto não era Breu. Sua mensageira, uma taberneira excessivamente amigável ou uma prostituta? Tantas possibilidades para aquela noite correr muito mal. Ergui a caneca, esvaziei-a e estendi-lha. “Mais uma, por favor.” Não coloquei nada de amistoso na voz.

Ela ergueu uma sobrancelha. “Eu não vou buscar cerveja.” O desdém na sua voz não era fingido. Os cabelos na minha nuca puseram-se ligeiramente em pé. *Tem cautela.*

Aproximei-me mais, fingindo lutar para focar os olhos na cara dela. Eu conhecia aquela rapariga. Vira-a algures, e era frustrante e alarmante não me conseguir recordar de quando a conhecera e sob que circunstâncias. Alguém no mercado? Filha de um dos nossos pastores, crescida e a ganhar a própria vida? Bem, ela não me chamara pelo nome; e as suas pupilas também não haviam reagido como se me reconhecesse. *Faz de bêbado.* Ergui a mão, cocei o nariz e testei-a. “Não é cerveja,” disse-lhe. “Vinho temperado. Lá fora ‘tá frio.”

“Também não vou buscar vinho,” disse-me ela. Um vestígio de sotaque na sua voz. Não passara a infância em Cervo.

“Pois é pena.” Voltei a virar-me para o fogo.

Ela afastou o meu manto molhado e sentou-se audaciosamente a meu lado. Aquilo reduzia os seus papéis a prostituta ou mensageira. Aproximou-se mais de mim. “Pareces frio.”

“Não. Arranjei um sítio bom ao pé do lume. Bebi vinho temperado. Só ‘tou à espera de um velho amigo.”

Ela sorriu. “Eu podia ser tua amiga.”

Abanei a cabeça numa confusão ébria. “Não. Não podias, não. O meu amigo é muito mais alto e mais velho e é homem. Não podes ser minha amiga.”

“Bem, se calhar sou amiga do teu amigo. Isso fazia de ti meu amigo, não era?”

Deixei que a cabeça oscilasse ligeiramente no topo do meu pescoço. “Se calhar,” disse. Passei os dedos pela bolsa que trazia à anca e franzi o sobrolho. Depois sorri. “Eh. Se és amiga do meu amigo, e és minha amiga, então se calhar podes pagar a próxima rodada, hã?” Ergui esperançosamente a caneca com um sorriso aparvalhado e observei a cara dela. Qualquer prostituta que valesse o seu sal não perderia tempo com um homem que não tivesse dinheiro suficiente para comprar outra bebida.

Uma onda de incerteza percorreu-lhe a cara. Eu não dissera o que ela esperava. De súbito senti-me muito velho. Houvera alturas em que teria gostado daquela espécie de intriga. Sempre fora com grande prazer que dominara os pequenos testes que Breu andava sempre a preparar para mim. Participara em vários dos seus dramas destinados a confundir outras pessoas. Mas naquela noite, e de súbito, desejei apenas encontrar-me com o meu antigo mestre, descobrir o que ele queria e ir depois para casa. Ainda seria algum daquele subterfúgio realmente necessário? Estávamos em paz e com estabilidade política. Para que precisava ele de empregar espiões e de pôr em prática testes para as pessoas? Estava na altura de cortar caminho pelo meio do nevoeiro e fazer avançar o esquema. Mas não tão descaradamente que Breu ficasse ofendido. Por isso, voltei a deitar-lhe uma olhadela e perguntei: “O que te parece melhor? Vinho temperado junto de uma lareira quente num dia frio, ou beber uma caneca numa noite escura como breu?”

Ela inclinou a cabeça na minha direção e vi que era muito mais nova do que julgara. Tive de repente a certeza de que ainda não vira vinte verões. De onde a conhecia? “Cerveja na noite de breu,” disse ela sem hesitar. “Embora seja difícil encontrar breu quando a lua anda quase cheia há vários dias.”

Eu acenei com a cabeça e peguei no manto molhado. “Então porque não vamos à procura do Breu?”, sugeri e ela sorriu.

Levantei-me e ela pegou-me no braço. Seguiu à frente enquanto serpenteávamos por entre os clientes da estalagem até à base da escada de

madeira que levava aos quartos do primeiro andar. A tempestade, no exterior, tornara-se mais forte. Uma rajada de vento esbofeteou a estalagem; as portadas interiores estremeceram. Um instante mais tarde, a porta escancarou-se e assim ficou, com vento e chuva a entrar com violência. Por entre gritos vindos de todas as mesas para que alguém fechasse a porta, dois homens entraram aos tropeções, apoiados um no outro. Um dos homens alcançou uma mesa vazia, apoiou nela ambas as mãos e aí ficou, simplesmente a respirar. Enigma virou-se para trás, para a porta, e fechou-a com estrondo contra a tempestade. No momento seguinte reconheci Breu apoiado na mesa. “E ali está ele,” disse à minha companheira em voz baixa.

“Quem?”, perguntou-me ela, e passei por um momento de desgosto.

“O meu amigo. Aquele de quem estava à espera.” Entamelei levemente as palavras, libertei-me da mão que me agarrava o braço, e fui ao encontro de Breu e de Enigma. Virei a cabeça só o suficiente para, pelo canto do olho, registrar o relance que ela me deitou enquanto subia a escada. Um homem que descia a escada olhou-a nos olhos e fez-lhe um aceno quase impercetível. Seria então uma prostituta?

Bem, aquilo fora estranho. Não era a primeira vez que Breu e as suas maquinações me haviam deixado numa posição desconfortável.

“Estás bem?”, perguntei em voz baixa quando cheguei junto dele. Ele estava a respirar como se tivesse acabado de fazer uma corrida. Ofereci-lhe o braço e ele agarrou-o, um sinal preocupante de quão exausto se sentia. Sem palavra, Enigma pegou-lhe no outro braço. Trocámos olhares preocupados.

“Tempestade terrível. Vamos arranjar lugar perto do lume,” sugeriu Breu. Tinha os lábios escuros e respirava ruidosamente pelo nariz. O “disfarce” limitava-se a um traje de cores sóbrias de excelente tecido e corte simples. O cabelo cinzento como aço sugeria a sua idade, mas a cara e o porte não a traíam. Ele sobrevivera ao irmão e a todos os três sobrinhos e eu suspeitava que duraria mais do que eu, o seu sobrinho-neto. Mas naquela noite, a viagem cobrara o seu preço e precisava de descansar. O Talento podia sustentar o seu corpo mas não era capaz de o voltar a transformar num jovem.

Passei os olhos pela sala repleta. O lugar que eu reservara perto da lareira desaparecera assim que o abandonara. “Improvável,” disse-lhe. “Mas dois dos quartos do primeiro andar têm lareiras. Vou perguntar se algum deles está vazio.”

“Foram feitos preparativos. Enigma, por favor, assegura-te de que os meus pedidos foram concedidos,” disse-me Breu. Enigma acenou com a cabeça, mandado por agora embora. Ele e eu trocámos um olhar. Eu e Enigma tínhamos uma longa história, mais longa do que a amizade dele com Urtiga. Muito antes de ter conhecido e cortejado a minha filha, fora meu irmão de armas. Na nossa guerrinha com a Mulher Pálida na Ilha de Aslevjal, deixara-o como pior que morto. Ele perdoara-me por isso. Eu perdoara-lhe por ser espião de Breu junto de mim. Compreendíamos-nos mutuamente, talvez melhor do que Breu julgava. Por isso o aceno que partilhámos foi um aceno de antigo companheirismo. Ele era um típico homem de Cervo, com cabelo e olhos escuros, esta noite vestido de forma a misturar-se com a clientela da estalagem. Afastou-se, serpenteando sem esforço pelo meio da multidão, sem fazer ninguém franzir o sobrolho por ser empurrado. Era um talento que eu lhe invejava.

“Vamos sentar-nos até que Enigma regresse,” sugeri e dei o exemplo. A mesa era pouco desejável, colocada perto da corrente de ar vinda da porta e longe tanto da lareira como da cozinha. Era o lugar mais privado para conversar que podíamos desejar num sítio tão movimentado. Breu afundou-se deselegantemente numa cadeira à minha frente. Os seus olhos passearam pela sala; deitou uma olhadela à escada e acenou levemente de si para si. Perguntei a mim mesmo se estaria à procura de alguém ou se estar consciente de qualquer um que pudesse constituir perigo seria meramente um velho hábito de assassino. Esperei que abordasse o que o trazia ali.

“Porque é que isto aqui está tão movimentado?”, perguntou-me.

“As conversas à lareira eram sobre a passagem de uma caravana de mercadores de cavalos e gado. Três mercadores, seis ajudantes. Esperavam chegar à vila seguinte antes de pararem para passar a noite, mas o estado do tempo forçou-os a ficar aqui. Ouvi dizer que não estão lá muito contentes por terem de deixar o gado em currais ao ar livre durante a noite, mas foi o

melhor que este sítio lhes pôde oferecer. Os ajudantes vão dormir esta noite no palheiro do celeiro. Os mercadores dizem ter gado de alta qualidade e estão preocupados com ladrões, mas eu ouvi dois moços de estrebaria a referir-se aos cavalos deles como pilecas gastas. Um mercador não diz grande coisa, mas os arreios do cavalo que monta são em estilo calcedino. E o cavalo dele é bastante bom.”

Ele acenou com a cabeça e, apesar da fadiga, a boca torceu-se-lhe com um divertimento irónico. “Eu ensinei-te a fazer isso,” disse com satisfação. Os seus olhos cruzaram-se com os meus e a amizade que neles vi surpreendeu-me. Estaria ele a tornar-se sentimental na velhice?

“Fazer-te relatórios, corretos e completos, foi uma das primeiras coisas que me ensinaste,” concordei. Ficámos ambos em silêncio durante um momento, pensando em tudo o mais que ele me ensinara.

Eu rebelara-me e escapara ao destino de ser assassino real. Breu nunca desejara fazê-lo. Podia já não viver como uma aranha escondida nas passagens secretas do Castelo de Torre do Cervo, podia ser agora saudado como Dom Breu e aconselhar abertamente o Rei Respeitador, mas eu não tinha qualquer dúvida de que se o Rei Respeitador pensasse que um homem precisava de ser morto, Breu ainda podia mostrar-se à altura das circunstâncias.

Ele estava agora a respirar com mais facilidade. Um taberneiro apareceu, pousou ruidosamente na mesa duas pesadas canecas de rum quente amanteigado e aguardou. Breu sorriu-me. Eu baixei-lhe a cabeça, abanei-a e depois, com uma exibição fingida de relutância, encontrei moedas dentro do meu cinto e paguei as bebidas. Quando o rapaz se foi embora, perguntei a Breu: “Foi mais difícil do que esperavas trazer Enigma contigo pelo pilar?”

Ele não o negou. “Ele aguentou melhor do que eu,” admitiu Breu. “Mesmo tendo eu ido buscar força a ele para o fazer.” Ergueu a caneca fumegante, bebeu e suspirou. Os olhos por cima da borda voltaram a percorrer a sala.

Eu acenei com a cabeça e depois tive de perguntar. “Como foi que o fizeste? Ele não é Talentoso.”

“Pois não. Mas Urtiga ensinou-o a emprestar-lhe força quando ela precisa

e isso cria uma espécie de abertura... bem, essa não é a palavra certa. Um puxador? Não sei bem como lhe chamar. É bastante como um cavalo que tenha sempre o cabresto posto, há lugar onde prender uma rédea quando for necessário. Ele serve-a dessa forma, como fonte de força. E de algumas outras formas também.”

Isco que eu não mordi. Bebi um gole de rum. Coisa desagradável, mas que aquecia na mesma. “Como pode ele emprestar força de Talento se não é Talentoso?”

Ele tossiu e falou em voz rouca. “Da mesma forma que Castro emprestava força ao teu pai. Havia uma profunda ligação pessoal e, tal como Enigma, ele tinha uma grande reserva de força física. O Talento ajudaria, claro, se ele o tivesse. Mas tendo servido uma pessoa assim, ele foi capaz de confiar o suficiente para deixar que outra se ligasse às suas reservas.”

Eu matutei naquilo. “Já tinhas feito antes esta experiência?”, perguntei com curiosidade.

Ele respirou mais fundo e estremeceu de repente. Ainda estava enregelado, mas o corpo começava a aquecer no ar parado da taberna. “Não. Achei que esta seria uma boa oportunidade. O tempo estava bom em Torre do Cervo. Já tinha usado muitas vezes as pedras para viajar até aqui. Não sei porque foi tão difícil.”

Evitei dizer alguma coisa sobre a idade dele. “Leste sobre isto num pergaminho ou numa tabuinha?” E preparar-se-ia ele para propor um uso mais amplo e prolongado dos pilares de Talento? Preparei-me para o dissuadir.

Ele confirmou com a cabeça. Não tinha os olhos postos em mim, mas em Enigma, que estava a abrir caminho para junto de nós, segurando bem alto uma caneca de rum. Na sua peugada vinha um criado com uma braçada de lenha e um fornecimento de velas. “Ele vai preparar o quarto,” disse Enigma em jeito de saudação quando se sentou e o rapaz seguiu escadas acima com o balde. “Deem-lhe alguns minutos para acender o lume e depois subimos.” Transferiu o olhar para mim. “Tomé. Pareces um pouco melhor do que da última vez que te vi.”

“Um pouco,” concordei. Estendi a mão por sobre a mesa para lhe apertar o pulso. Senti um estranho formigueiro quando a minha mão lhe tocou a pele. Ele era de Urtiga. Era uma estranha sensação reconhecer o toque dela nele, tão intimamente como se tivesse cheirado o perfume dela na sua roupa. O lobo em mim sentou-se, alerta. Perguntei a mim mesmo se Breu o sentiria tão claramente como eu. Uma ideia desenrolou-se no fundo da minha mente e suspeitei que compreendera por que motivo a viagem pelas pedras fora tão árdua. Estaria Urtiga a cavalgar Enigma, a ouvir com os seus ouvidos e a ver tudo o que ele via? Foi um salto de intuição que me levou a crer que a presença dela complicaria a viagem dos dois homens. Guardei a teoria para mim. Olhei-o nos olhos, perguntando a mim mesmo se conseguiria vislumbrar lá a minha filha. Nada vi, mas o sorriso dele alargou-se. Tudo no espaço de um momento. “Bom. Uma viagem difícil, com esta tempestade e tudo,” disse eu.

Soltei Enigma e voltei a virar-me para Breu. “Bem, o que te traz até tão longe numa noite tão desagradável?”

“Vamos esperar pelo quarto com lareira,” respondeu ele e voltou a pegar na caneca. O olhar de Enigma prendeu-se no meu e ele ergueu uma sobrancelha. Pretendia transmitir-me alguma espécie de mensagem, mas não percebi qual.

Ficámos em relativo silêncio, deixando o rum aquecer-nos enquanto esperávamos. Quando o rapaz desceu para a mesa e nos informou de que o fogo estava a arder bem, Enigma atirou-lhe uma moeda cortada e fomos para cima. A sala ficava no fim do corredor e partilhava a chaminé com a lareira do rés-do-chão. Fiquei surpreendido por os mercadores de cavalos não a terem reclamado para si, mas talvez tivessem bolsas mais magras do que a de Breu. Enigma abriu a porta e, com uma surpreendente rapidez, uma pequena faca apareceu na sua mão. Sentada aos pés de uma das camas que havia no quarto, estava a rapariga que me confundira pouco antes. Eu obtive as minhas pistas com Breu, que não parecia nada surpreendido. E a rapariga tampouco pareceu alarmada com a nossa súbita entrada. De cabeça ligeiramente baixa, fitou-nos com prudência pelo canto dos olhos de um verde de jade.

Algo que eu sabia mas não conseguia trazer para primeiro plano na minha mente desenrolou-se no fundo dos meus pensamentos. Estava a fitar a rapariga. Os seus lábios desenharam-se num sorriso de gata.

Breu fez uma pausa, depois entrou e sentou-se à mesa. Era um quarto bem equipado, concebido para alojar grupos de viajantes, com uma mesa e quatro cadeiras, quatro camas estreitas e pesados cortinados na janela. Havia um baú no canto, cujas correias novas de couro ainda mal mostravam sinal de uso. A rapariga podia nem estar lá, ajuizando por toda a atenção que Breu lhe prestou. Em vez disso dirigiu-se a Enigma. “Vê se consegues arranjar comida quente para toda a gente. E talvez outra bebida. Tomé, uma para ti?”

Abanei lentamente a cabeça. Já bebera o suficiente e de súbito não quis ter o juízo embotado. “Comida era bom. Há bocado estavam a assar um bom quarto de vaca. Um corte disso e um pouco de pão, por favor.”

Enigma demorou um momento mais o olhar que me lançou. Sabia que estava mais uma vez a ser mandado embora e, tal como eu, não conseguia imaginar porquê. E, também como eu, não gostava disso. Breu nada dissera sobre a rapariga desconhecida.

Olhei diretamente para ela. “Julgo que tivemos um mal-entendido há pouco. Talvez devas ir-te agora embora.”

Ela olhou para Breu e ele falou. “Não. Ela tem de ficar aqui.” Não olhou para ninguém quando o disse. “Enigma, por favor. Comida. E outra bebida quente.” Olhou para a rapariga. “Para ti?” Ela fez o mais minúsculo dos acenos. “Para todos nós,” confirmou Breu dirigindo-se a Enigma.

O olhar de Enigma cruzou-se com o meu e compreendi o que estava a perguntar. Respondi em voz alta: “Eu protejo-o, Enigma. Podes ir.”

Breu começou a falar, mas depois preferiu fazer um aceno. Enigma saiu com mais um olhar sinistro deitado na minha direção. Eu dei a volta ao quarto, sem fingimentos enquanto procurava outros intrusos debaixo das camas, verificava que a única janela estava bem fechada e trancada e depois inspecionava o baú com as correias. “Isso não é realmente necessário,” disse Breu em voz baixa.

“Não foi isso que me ensinaste,” disse eu, e concluí as minhas tarefas.

Regressei para junto da mesa e sentei-me.

A rapariga ainda não se tinha movido do seu poleiro aos pés da cama, mas então falou. “Parece-me que esqueceste muito do que ele te ensinou. Olhar agora para baixo das camas é pouco e tarde de mais.” Inclinou a cabeça para mim. “Consigo perceber porque é que ele precisa de mim.”

Breu falou em voz baixa. “Por favor, vem juntar-te a nós à mesa.” Pigarreou e transferiu o olhar para mim. “Gostava de não me ter atrasado. Mas aqui estamos todos, portanto, já agora, podemos discutir isto juntos.” Era o mais perto que ele chegaria de um pedido de desculpa por não me ter preparado para aquilo. Fosse “aquilo” o que fosse. Algo que ele não quisera discutir através do Talento. Contudo, se Enigma sabia, Urtiga também saberia. Mas o Rei Respeitador não, talvez. Afastei esses pensamentos. *Concentra-te no aqui e agora.*

Observei a rapariga quando ela se levantou para aceitar o convite. Moveu-se como uma gata, à parte a oscilação das ancas, quando veio descontraidamente para a mesa. Se estivesse a usar campainhas nas ancas, elas teriam tinido a cada passo. Tentei cruzar o olhar com Breu. Ele fugiu-me. Portanto estudei-a enquanto atravessava a sala. Não parecia perigosa; tampouco parecia inócua, como as pessoas mais perigosas que eu conhecera na vida tinham parecido. Parecia comum, mas contida. Não. Contida, não. Prestes a rebentar de orgulho de si própria. Caminhava como uma gata com uma ave na boca, uma ave que não estivesse bem morta. Dentro de um momento libertaria a presa pela alegria de voltar a saltar sobre ela.

De súbito, reconheci o que a tornava familiar. A sua ascendência era inconfundivelmente Visionário. Estava habituado a ver ecos daqueles traços nos homens da minha linhagem. Urtiga agora assemelhava-se mais à mãe do que alguma vez se assemelhara a mim. Mas aquela rapariga, apesar da feminilidade dos seus traços, ecoava Veracidade e, estranhamente, a mim. A minha mente estava a montar o mais depressa que me era possível bocadinhos de informação para formar uma teoria. Nascida Visionário. Mais nova do que Respeitador mas demasiado velha para ser gerada por ele. Com certeza que não era minha. Então era de quem? Senti-me como se a sala se tivesse inclinado de repente. De onde teria vindo aquele rebento da

árvore familiar?

Esperei que um deles falasse. Espantei-me com o lento passeio dela até à mesa. Se eu alguma vez tivesse tentado fazer o mesmo, Breu tê-lo-ia interpretado como insolência, e o mais pequeno lembrete que eu teria recebido seria um valente calduço. Mas nela, tolerava-o. Alimento para a reflexão.

Assim que ela se sentou, ele disse: “Relatório.”

Ela deitou-me um olhar e depois concentrou a atenção em Breu. “Ele é descuidado,” disse com descontracção. “O seu ‘disfarce’ é patético. Dei-lhe dois encontrões antes de reparar em mim. Foi estupidamente fácil aproximar-me dele. Só pensava em estar atento à vossa presença.” Virou os olhos para me fitar, desafiando-me a responder. “Podia tê-lo matado três vezes, drogado ou roubado o que traz nos bolsos.”

Aquilo foi uma ferroadada. “Duvido muito disso. E acho que esse é o pior esboço de relatório que ouvi na vida.”

Ela ergueu-me os sobrolhos. “Toda a informação necessária foi transmitida.” Inclinou a cabeça para o meu antigo mentor e asseverou: “Se Dom Breu precisasse de mais detalhes, ter-mos-ia pedido.” Enquanto falava, levantou-se e veio para o meu lado da mesa. Torci a cabeça para olhar para ela. Falou a Breu num tom muito confiante. “Dizei-lhe que deve deixar que lhe toque.”

Breu olhou-me então nos olhos. “É seguro. Ela é uma de nós.”

“De mais do que uma maneira, obviamente,” retorqui. Ouvi uma pequena exalação vinda dela, mas não consegui perceber se tinha atingido o alvo ou se estava divertida comigo. Fiquei imóvel mas, algures, um lobo eriçou o pelo e rosnou baixinho.

Senti o leve toque dela na parte de trás do colarinho, depois no ombro da camisa. Baixou-se para me tocar na anca e depois senti a sua mão roçar-me pelas costelas. Quando afastou os dedos, a minha camisa seguiu-os brevemente. Depois pousou os alfinetes na mesa. Eram seis, não quatro, todos com menos de meio dedo de comprimento. As cabeças tinham a forma de minúsculas aranhas verdes.

“Se tivesse empurrado algum deles um pouco mais, ter-te-iam perfurado

a pele.” Aproximou-se mais, por cima do meu ombro, e falou-me ao ouvido. “Qualquer um deles podia ter na ponta veneno ou um preparado para dormir. Tinhas tombado à frente do lume, só mais um bêbado desmaiado, até que ninguém te conseguiria voltar a despertar.”

“Eu disse-te,” disse Breu com severidade, “que essas aranhas são uma vaidade de que nenhum assassino se pode dar ao luxo. *Nunca* deixes uma marca que alguém possa associar a ti. Estou desapontado contigo.”

A voz dela ficou mais tensa perante aquela censura. “Só as usei neste caso para provar que fui eu quem as colocou, não algum outro espião ou assassino enviado antes de mim. Nunca as usaria numa tarefa que fosse confidencial ou importante. Só as usei hoje para provar o que vos disse. Ele é descuidado.” O desdém dela queimou-me. Estava atrás de mim, ligeiramente à minha esquerda e acrescentou: “Desmazelado. Qualquer um conseguia matá-lo. Ou à filha.”

Eu não soubera que ia fazê-lo. A minha cadeira caiu quando me pus em movimento. Não era tão rápido como fora em tempos, mas continuava a ser mais rápido do que ela. As costas dela atingiram o chão. A minha mão esquerda agarrou-lhe o pulso direito com a pequena faca por que puxara ao cair por baixo de mim. O polegar direito estava na cavidade da garganta, a pressionar com firmeza e profundamente, mordendo-lhe com os dedos a parte de trás do pescoço. Ela tinha os dentes a descoberto e os olhos dilatados e fitos em mim quando tomei consciência de que Breu estava em pé por cima de nós.

“Parem com isso! Os dois! Não foi para isto que vos juntei. Se quisesse algum de vós morto, podia fazê-lo de uma forma muito mais eficiente do que atijando-vos um contra o outro.”

Ergui o polegar do pescoço dela ao mesmo tempo que lhe forcei a mão a largar a faca. Pus-me em pé com um salto para trás que me colocou fora de um alcance fácil. Outro passo para trás e tinha a parede atrás de mim e ambos inteiramente à vista. Esperei que nenhum deles conseguisse ver o que aquilo me custara. Respirei lenta e firmemente, apesar do coração aos saltos e da necessidade desesperada de mais ar. Apontei um dedo à rapariga. “Nunca ameaces a minha filha.”

“Não ameacei!” A resposta zangada dela soou estrangulada, enquanto usava uma cadeira para se pôr em pé. Ignorei-a e concentrei a ira no meu antigo mentor. “Porque me tornaste alvo da tua assassina?”, perguntei a Breu.

“Eu não te tornei alvo de nenhum assassino,” objetou ele com grande desagrado. Deu a volta à mesa para reocupar a cadeira.

“Não me foi dito para te matar, só para verificar a tua fraqueza. Foi um pequeno teste,” interveio a rapariga. Inspirou ruidosamente uma vez mais e acrescentou, vingativa: “Um teste que falhaste.” Içou-se por completo e depois sentou-se.

Por mais que quisesse negá-lo, não podia. Falei só para Breu. “Como aquele que enviaste antes. Quando Abelha tinha apenas dias de idade.”

Breu não vacilou. “De certa forma. Mas ele era só um rapaz. E, como eu suspeitava, não era adequado para o treino. Foi uma das coisas que queria descobrir sobre ele. Virei-o noutra direção, como sugeriste. Culpa minha. Ele não estava realmente preparado para ti.”

“Mas eu estava,” disse a rapariga com calma satisfação.

“Chega de gabarolice,” disse-lhe Breu. “A tua língua corre à tua frente. Estás a provocar um homem que te podia ter matado facilmente há um minuto. Sem nenhum objetivo. Estás a fazer com que ele te deteste e depois nunca conseguirás trabalhar com ele.”

Não saí do sítio onde me encontrava. “Eu já não faço esse tipo de ‘trabalho’,” disse friamente ao velho. “E atualmente não preciso de viver como se cada desconhecido fosse querer matar-me. A menos que tenhas feito alguma coisa para voltar a pôr esse tipo de ameaças em movimento.”

Ele cruzou os braços sobre o peito e recostou-se na cadeira. “Fitz. Para de te armares em palerma e volta para a mesa. Essas ameaças nunca desapareceram. Tu, de todas as pessoas, devias saber disso. Puseste-te fora do caminho das ameaças e isso resultou para ti. A maior parte das pessoas que deduziram quem és ou não têm má vontade para contigo, ou não tiveram nos últimos tempos muitas razões para te quererem ver morto. Mas quando produziste uma filha, isso mudou as coisas. Julgava que certamente terias reconhecido que assim era e tomado precauções. Da primeira vez que

testei os teus limites, parecias estar bem consciente do perigo.

“Mas quando Urtiga me disse como estás atolado em desgosto, e que a rapariga pode bem vir a precisar de proteção especial para o resto da vida, decidi oferecer-te ajuda, se precisasses dela. Especialmente quando mencionou que poderias enviar a criança para Torre do Cervo. Ou voltares tu para lá.”

“Não tenho nenhuma intenção de voltar para Torre do Cervo. E não preciso de ninguém que ajude a proteger-me ou a Abelha!” Detestei que ele me tivesse chamado Fitz à frente dela. Um lapso ou uma coisa deliberada? “As únicas ameaças que encontrei nos últimos tempos parecem vir daqueles em quem julgava poder confiar.”

Breu deitou-me um olhar. Foi um apelo para que eu fizesse alguma coisa. Não soube bem o que ele estava a pedir. As palavras contradisseram a expressão. “Era precisamente assim que eu contava que respondesses. E foi por isso que encarreguei a Esquiva de determinar primeiro se precisavas ou não. E é evidente que precisas.”

Enigma avisou-nos com uma batida antes de abrir a porta com o ombro e entrar com uma bandeja cheia de pratos e canecas. Os seus olhos escuros saltaram pelo quarto fora, captando a minha pose, a cadeira derrubada e a cara carrancuda da rapariga. Vi as suas sobrancelhas erguerem-se ligeiramente. Mas não fez comentários. Ao fazer deslizar a pesada bandeja para cima da mesa, comentou: “Trouxe o suficiente para todos nós. Parto do princípio de que ela é nossa convidada, certo?” Baixou-se, pôs a cadeira em pé e indicou-a à rapariga com um gesto cortês.

“Comamos antes de continuarmos a conversa,” sugeriu Breu.

Vim relutantemente para a mesa. O meu orgulho estava magoado. Não gostava de ver Breu a partilhar tanto sobre mim com aquela rapariga quando eu sabia tão pouco sobre ela, além daquilo que deduzira. Ele mencionara o meu nome à sua frente! Tudo o que sabia sobre ela era que tinha parentesco connosco. Que idade tinha, quem era a sua mãe, havia quanto tempo Breu andava a treiná-la? Seria de nascimento nobre, com todas as linhas políticas que ficariam assim presas a ela? E por que motivo queria ele de repente colocá-la junto a mim?

Pois a sua intenção era claramente essa, colocá-la na minha casa, aparentemente como guarda-costas de Abelha. Uma ideia louvável, de certo modo, se a minha filha realmente tivesse necessidade de proteção. Paciência tivera Renda a seu lado e ninguém questionara que a esposa do Príncipe Cavalaria fosse para todo o lado acompanhada pela criada. Tampouco haviam achado estranho que Renda andasse sempre com a espiguiilha e as longas agulhas para fazer renda. Renda protegera Paciência, mantendo-a a salvo mesmo depois de assassinos terem conseguido matar-lhe o marido. Na velhice, os papéis das duas tinham-se invertido e Paciência cuidara com carinho da sua “criada” enfraquecida, até ao fim dos seus dias.

Mas eu duvidava que aquela rapariga tivesse o temperamento necessário para um papel semelhante. Parecia ter idade para ser cuidadora ou ama de uma criança pequena, mas não me mostrara nenhum sinal de poder adotar uma tal identidade. As suas capacidades para agir furtivamente eram impressionantes mas, numa luta física, não possuía nem músculos nem peso a que recorrer. Os seus traços Visionário atrairiam demasiada atenção em Torre do Cervo; aí, seria inútil como espia.

E duvidava ainda mais que nos viéssemos a dar bem o suficiente para que eu lhe confiasse a minha filha. E continuava a não gostar que Enigma tivesse parecido surpreendido e continuasse a parecer mirá-la com cautela. Era claro que soubera tão pouco sobre os planos de Breu como eu. Não a reconhecera. Eu não soube dizer se ele compreendera que ela era aparentada com a família real.

Sentei-me à frente dela. Enigma serviu-a primeiro, pousando-lhe na frente um prato repleto de comida. Apesar de não ter tido aviso prévio, ele servira-nos bem. Grossas fatias de carne fumegante, acabada de cortar no espeto, com a gordura a crepitar e bem castanha, batatas a estalar de brancura e manchadas com peles assadas até ficarem estaladiças, e um molho castanho-escuro. Havia um pão ainda quente e um recipiente de manteiga clara a seu lado. A comida era simples mas farta, e Esquiva engoliu audivelmente em seco quando Enigma lha pousou na frente. Tinha um apetite saudável e nem sequer fingiu esperar pelos restantes de nós,

limitando-se a agarrar num garfo e numa faca e a começar a comer. Enigma ergueu as sobrancelhas perante maneiras tão infantis, mas não disse nada enquanto servia pratos para Breu, para mim e finalmente para si. Trouxera também para cima um bule de chá e quatro chávenas.

Enigma voltou a encaminhar-se para a porta, trancou-a e depois regressou para se nos juntar à mesa. Comeu com apetite. Breu esgravatou na comida como um velho. E quanto a mim, reconheci que a comida era de boa qualidade, mas não consegui concentrar-me nela o suficiente para a saborear. Bebi chá quente e observei-os. Breu estava calado, fazendo saltar o olhar entre mim e a rapariga enquanto comia. No fim da refeição, pareceu ficar muito melhor por ter comido. Esquiva comia com óbvio e concentrado prazer. Agarrou no bule e voltou a encher a chávena sem perguntar se algum de nós queria mais. Não hesitou em apropriar-se da última batata que restou na bandeja e, quando terminou, recostou-se na cadeira e soltou um ruidoso suspiro de satisfação. Quando Enigma começou a reunir e empilhar os pratos vazios na bandeja, falei sem rodeios ao velho assassino.

“Treinaste-me para te fazer bons relatórios, para te transmitir tudo o que tivesse ficado a saber. Depois de termos todos os factos à nossa disposição, construíamos as nossas suposições. No entanto, atiraste-me isto para cima sem qualquer aviso e com ainda menos explicação e esperas que eu o aceite humildemente sem fazer perguntas. Que andas a fazer, velho? O que queres tu? E não finjas que tudo se resume a conseguires que a jovem se torne protetora da minha filha.”

“Muito bem.” Recostou-se na cadeira e olhou de mim para Esquiva e depois para Enigma.

Enigma devolveu-lhe o olhar. “Será que agora tenho de sair?”, perguntou. Havia uma nota de gelo na sua voz.

Breu pensou na questão tão depressa que pareceu ter respondido sem qualquer pausa. “Não vale grandemente a pena. Percebo que já tiraste as tuas conclusões.”

Enigma deitou-me um relance e arriscou uma interpretação. “Quereis pôr esta rapariga junto do Tomé para ele poder protegê-la em vosso nome.”

Os músculos no canto da boca de Breu torceram-se. “É um resumo

bastante correto.”

Olhei para Esquiva. Estava consternada. Era claro que não vira as coisas por esse prisma e estivera a envaidecer-se, julgando estar prestes a ser enviada para a sua primeira missão verdadeira, só para descobrir que na verdade estava a ser banida de Torre do Cervo, possivelmente porque chegara a uma fase em que seria praticamente impossível alguém não perceber que era uma Visionário. Não. Torre do Cervo, não. Se ela tivesse estado em algum ponto do castelo, Enigma estaria ao corrente da sua existência. Então onde? Vi-a endireitar-se na cadeira. Ligeiras centelhas de ira acenderam-se no seu olhar. Abriu a boca para falar mas eu fui mais rápido.

“Gostaria de saber quem ela é antes de a acolher,” disse sem rodeios.

“Já viste a sua linhagem. Vi que a reconheceste.”

“Como aconteceu?”, perguntei, confundido.

“Da maneira do costume,” resmungou Breu; parecia desconfortável. Isso irritou a rapariga.

Abanou a cabeça, fazendo dançar os caracóis ruivos. Uma nota gélida, quase acusadora, surgiu na sua voz. “A minha mãe tinha dezanove anos quando visitou com os pais o Castelo de Torre do Cervo para um Festival da Primavera. Foi para casa, onde se descobriu que estava à espera de bebé. Teve-me. Um par de anos depois de eu nascer, os pais conseguiram arranjar-lhe marido. Os meus avôs ficaram comigo para me criar. Coisa que fizeram até que o meu avô morreu há dois anos e a minha avó morreu seis meses depois. Altura em que eu fui viver com a minha mãe pela primeira vez na vida. Só que o marido dela não se sentia lá muito paternal para comigo. E em vez de ficar furiosa com ele pelos olhos vagabundos e pelas mãos apalpadoras sempre em cima da filha, a minha mãe ficou zangada e ciumenta. Pôs-me na rua com uma nota selada, dirigida à velha rainha, em Torre do Cervo.

“E ela pôs-te à guarda de Dom Breu?” Aquilo não me parecia coisa de Kettricken.

“Não.” A rapariga deitou um relance a Breu. Este unira as mãos. Os lábios firmemente apertados indicavam que não estava a gostar do relato,

mas compreendia que qualquer tentativa de o interromper seria fútil.

Esquiva apoiou um cotovelo na mesa, fingindo uma indiferença que não sentia. Vi a tensão em que se encontrava nos músculos do pescoço e na forma como uma mão agarrava a beira da mesa. “Eu e a minha nota fomos intercetadas muito pouco depois de sairmos de casa da minha mãe e colocadas num porto supostamente seguro. E ele tem sido meu protetor desde então.” Havia ressentimento, mas porquê? Tomei nota do seu uso de “supostamente.” Estaríamos mais perto do fulcro do motivo por que ela aqui estava? No entanto eu não estava mais perto de conhecer os seus progenitores. Viriam os traços Visionário do lado da mãe? Ou do pai? De há quantas gerações datava a ligação?

Enigma mexeu-se ligeiramente na cadeira. Não fora ele que intersetara a rapariga. Saberia quem o fizera? Mas pareceu-me que estava tanto a reunir e organizar factos como eu. E aquele era o seu primeiro encontro com Esquiva? Onde a teria mantido Dom Breu? A torção amarga da boca de Breu mostrava que ele não estava particularmente contente por Esquiva estar a fornecer aqueles detalhes.

“Que idade tens?”, perguntei.

“E isso importa?”, retorquiu ela.

“Está com dezanove anos,” disse Breu em voz baixa e franziu o sobrolho quando eu e Enigma trocámos um olhar. “E, como adivinharam, a sua semelhança com os antepassados significa que trazê-la para a corte é má ideia. Por agora!”, acrescentou apressadamente quando a expressão da rapariga se tornou mais sombria. A cautela rebentou em mim. Ela parecia uma coisinha presunçosa, arrogante para a idade. Perguntei a mim próprio de quem seria filha e quem julgaria ser. Estava a dar-se uns ares de importância que não compreendi.

Pensei numa coisa. *Esquiva*. Apontei para ela o pensamento, pondo força no Talento. Ela nem estremeceu. Aquilo respondia a pelo menos uma das minhas perguntas. Mesmo sem estar treinada, devia ter sentido alguma coisa. Portanto, não tinha nenhuma queda para o Talento. Perguntei a mim próprio se isso desiludiria Breu ou o deixaria contente por ela não poder ser usada dessa forma. Ele estava a observar-me, inteiramente ciente do que eu

acabara de fazer. Desloquei o foco.

Tenho dúzias de perguntas. Quem é a mãe dela e com quem está casada agora? Esquiva sabe quem é o pai? Não o nomeia nem a ele, nem à mãe. Porque foi que a mantiveste escondida de toda a gente? Ou será que não mantiveste? Kettricken acrescentou-a à sua genealogia de Visionário não reconhecidos?

Agora não! Ele nem sequer me dirigiu um relance quando respondeu. Tampouco olhou para Enigma. Também fora escondida de Urtiga? Eu fervilhava de perguntas e perguntei a mim próprio se alguma vez teria oportunidade de as fazer em privado. Algumas não faria em frente da rapariga e outras era melhor não aventar à frente de Enigma. Mas havia uma que podia fazer.

“E tu treinaste-a?”

Ele deitou-lhe um relance e depois olhou-me nos olhos. “Em algumas coisas. Não pessoalmente, mas teve um instrutor adequado. Não como tu foste treinado, mas como achei melhor.” Pigarreou. “Principalmente para poder proteger-se. Embora eu tenha realmente pensado se ela poderia ser levada a seguir os meus passos.” Tossiu e acrescentou: “Há muitas coisas que poderias ensinar-lhe, se quisesse.”

Suspirei. Suspeitei que ele me estava a dar toda a informação que pretendia dar-me naquela companhia. “Bem. Ainda não me disseste tudo o que preciso de saber. E tens de compreender que preciso de preparar o meu pessoal. Não posso simplesmente cavalgar até à estalagem para beber uma cerveja numa noite de tempestade e voltar com uma rapariga montada na garupa do cavalo.

“Foi por isso que trouxe o Enigma. Enviei Esquiva para cá há vários dias, e agora que o Enigma cá está, ele vai atuar como seu protetor até poder entregá-la à tua porta.

A boca de Enigma torceu-se uma vez. Aquilo também era novidade para ele.

Tentei encontrar pé na corrente impetuosa dos planos de Breu. “Portanto, dentro de alguns dias ela vai chegar a Floresta Mirrada. Onde eu a vou acolher como prima afastada que me veio ajudar a cuidar da minha filha

durante o luto.”

“Exatamente.” Breu sorriu.

Eu não estava divertido. Era demasiado cedo para arranjar forças para ajudar alguém além de mim. Teria de lhe dizer que não. Simplesmente não podia fazer aquilo. Perdera Moli e encontrara a nossa filha e estava a procurar conhecê-la, às apalpadelas. Senti uma súbita e penetrante pontada de ansiedade. Estaria Abelha em segurança? Estaria assustada? Deixara-a sozinha naquela noite e viera até ali, àquela reunião, esperando que fosse uma breve consulta sobre uma situação política sobre a qual ele queria a minha opinião. Agora estava a pedir-me para acolher uma jovem em minha casa, uma mulher sobre a qual nada sabia, e protegê-la ao mesmo tempo que a educava nos métodos de se proteger a si mesma. A minha impressão era que não iria gostar dela e ela tampouco gostaria da minha companhia. Com terrível pesar, desejei que ele pudesse ter falado comigo em privado. Ter-lhe-ia dado todas as razões por que tinha de dizer não. Agora encurralara-me a uma mesa com Esquiva e Enigma a observar, e possivelmente Urtiga também. Como podia dizer não nessas circunstâncias?

Respirei fundo. “Não tenho a certeza de que esta seja a melhor solução, Breu. Abelha é muito nova e eu ainda estou de luto.” Virei-me para Esquiva. “Tens alguma experiência com crianças pequenas?”

Ela fitou-me. A sua boca abriu-se e fechou-se duas vezes. O seu olhar fixou-se em Breu. Vi alarme e ressentimento acumular-se no seu rosto quando perguntou: “Quão pequenas? Quão novas? Fiquei presa a cuidar das sobrinhas mimadas da minha mãe quando fiquei com ela, apesar de terem uma ama e um tutor. Não gostei nada. Se achais que podeis exilar-me da corte e esconder-me num solar de província qualquer para fazer de governanta, fazendo de conta que estou a protegê-la, bem, não podeis. E também não aceito a ideia de que este Tomé vá proteger-me a mim. Provei, a mim própria e a vós, que, por mais hábil que ele pudesse ter sido, tornou-se descuidado e mole. Não se protegeu a si mesmo; como poderá proteger-me a mim?”

“Ninguém falou em ‘governanta.’ Estamos simplesmente a discutir o que podemos dizer que estás a fazer enquanto o Fitz continua o teu treino.

Protegeres a filha dele, como guarda-costas, seria uma excelente prática para ti.”

Estremeci. Era a segunda vez que ele me chamava Fitz à frente dela. Não parecia madura o suficiente para esse segredo lhe ser inteiramente confiável. Contudo, era quase um insulto que a rapariga não parecesse compreender que lhe fora entregue um segredo tão importante. Senti uma súbita picada na minha vaidade. Dezanove anos. Será que nunca ouvira falar de FitzCavalaria Visionário?

Ela cruzou os braços ao peito e ergueu bem alto a cabeça, num desafio a Breu. “E se eu disser que não? Não foi para isto que julguei estar a vir para cá. Pensei que tínheis encontrado uma tarefa para mim, algo de significativo para fazer com a minha vida. Estou farta de me esconder na escuridão como uma ratazana. Não fiz nada de errado. Dissestes-me que a minha vida seria melhor convosco. Julguei que viveria no Castelo de Torre do Cervo, na corte!”

Breu uniu os dedos à frente da boca e falou-lhes cuidadosamente. “Podes dizer que não, com certeza. Tens uma escolha, Esquiva.” Soltou um súbito suspiro e ergueu o olhar para o cruzar com o dela. “A mim não foram dadas escolhas, portanto sei o que essas coisas importam. Nisso, farei por ti tudo o que puder. Gostaria de poder dizer que tens muitas alternativas, mas estou tão limitado pelo destino como tu.”

Observei a cara dela enquanto foi lentamente compreendendo que ele lhe estava a dizer que estava limitada às alternativas que ele lhe ofereceria. Não me surpreendi. Era essa a vida de um bastardo Visionário. Tanto ele como eu conhecíamos as limitações de sermos um rebento não reconhecido da árvore familiar. Podíamos ser um perigo para a família e sermos eliminados, ou podíamos ser úteis para a família num papel bem definido. Não podíamos escolher não fazer parte da família. Breu era leal à sua família. Mantê-la-ia em segurança e guiá-la-ia e, ao fazê-lo, protegeria o trono. E eu descobri que concordava com ele. Ele tinha razão. Mas, a Esquiva, aquilo devia parecer uma rede bem apertada à sua volta. Ele leu-lhe a cara enquanto falava. “Compreendo perfeitamente a tua amargura para comigo. Fiz tudo o que pude para a aliviar. Ainda tens direito de te sentires amarga

para com todas as pessoas que criaram a situação em que tens agora de viver. Mais tarde talvez compreendas que estou a fazer por ti o melhor que posso. Podes, se assim o decidires, fazer de Floresta Mirrada a tua casa, pelo menos durante algum tempo. É um sítio agradável num vale suave. Pode não ser Torre do Cervo mas também não é uma vila tosca na parvónia. Vais ter lá oportunidades para te divertires e para socialização refinada. Vais ser bem tratada e vai-te ser dada uma mesada.” Deitou-me um relance e viu as minhas dúvidas. A súplica na sua expressão aprofundou-se e eu afastei o olhar. Havia centelhas a acender-se nos olhos de Esquiva.

Implacável, ele prosseguiu: “E na verdade, de início, é para Floresta Mirrada que *tens* de ir. Mas se te achares lá infeliz, eu farei outros preparativos para ti. Podes escolher um local apropriado fora do Ducado de Cervo, e eu tratarei de te instalar lá. Receberás uma bolsa suficiente para uma vida confortável, com até dois criados. Essa bolsa manter-se-á enquanto viveres discretamente. É para a tua segurança.”

Ela ergueu a cabeça. “E se não aceitar? Se me levantar e sair pela porta fora agora mesmo?”

Breu soltou um pequeno suspiro derrotado. Abanou a cabeça. “Assim pões-te fora da palçada. Eu farei o que puder para te proteger, mas não será o suficiente. Ficarias sem vintém. A tua família iria ver-te como uma renegada e um risco social. Serias descoberta.” E disse as palavras que eu sabia que diria. “És como uma lâmina de dois gumes sem nenhum cabo, querida. É perigoso pegar-te e é perigoso pousar-te. Alguém haveria de te encontrar e, se não te matasse, usar-te-ia contra os Visionários.”

“Como? O que poderiam fazer ao rei usando-me? Que perigo constituo eu para ele?”

Eu falei antes de Breu ter tempo de o fazer. “Se te tivessem como refém, poderiam ameaçar Dom Breu. Podiam enviar-lhe uma orelha ou um lábio para provar que não estavam a brincar.”

Ela levou uma mão à cara, tapando a boca. Falou por entre os dedos abertos, de súbito transformada numa criança assustada. “Não posso simplesmente voltar para trás? Podíeis exigir que fizessem mais para me proteger. Eu podia ficar onde estava em...”

“Não.” Ele interrompeu-a bruscamente antes de ela revelar onde tinha sido mantida. Um quebra-cabeças interessante para mim. Algum lugar perto o suficiente do Castelo de Torre do Cervo para ele visitar com frequência, mas longe o suficiente para Enigma nunca a ter visto. As palavras dele interromperam-me a reflexão. “Usa a mente, Esquiva.” De olhos esbugalhados, ela respondeu sacudindo a cabeça.

O meu coração tombou. Compreendera. “Alguém já forçou Breu a agir. É por isso que tudo isto está a acontecer de forma tão súbita.”

Ela deitou-me um olhar odioso e virou-se para o mentor. Breu estava a observar-me. “E lamento por isso. Mas consegues perceber a situação em que estou, Fitz. Não foi a família do pai que tentou matá-la. Ela tem inimigos próprios. Tenho de a colocar em algum lugar seguro. E o único lugar que tenho é junto a ti.” Olhou para mim com uma sinceridade suplicante. Era um olhar que em tempos me obrigara a treinar durante várias horas à frente de um espelho. Não me ri. Não revelávamos os nossos truques à frente de outras pessoas. Respondi-lhe com um olhar dos meus.

“Não me disseste quem ela é nem quem são os seus inimigos. Como queres que a proteja se não sei de onde vem o perigo? Quem são esses inimigos que ela tem?”

A máscara caiu-lhe da cara. O desespero nos seus olhos era agora real. “Por favor. Confia em mim e faz isto por mim. Os que estão contra ela são pessoas que ainda não estou pronto para discutir. Devias saber isso antes de eu te fazer este pedido. Que este favor vai fazer com que corras um risco por mim. Rapaz, não tenho mais ninguém a quem pedir. Queres acolhê-la e mantê-la em segurança? Por mim?”

E ali estava. Quaisquer ideias de recusar derreteram. Aquilo que ele me estava a pedir não era um mero favor. Era uma confirmação de quem éramos um para o outro. Não havia mais ninguém a quem ele pudesse pedir aquele favor. Não havia ninguém que compreendesse como eu o perigo que ela corria, não havia ninguém que soubesse como protegê-la ao mesmo tempo que a impedia de nos causar dano. Ninguém mais seria capaz de embainhar aquela espada de dois gumes. Aquele não era um pedido que eu pudesse recusar. Ele sabia-o e detestava pedir-mo. No momento em que

Breu inspirou, eu tomei o controlo da situação.

“Aceito. E farei o melhor que puder por ela.”

Breu imobilizou-se. Depois fez um débil aceno, com o alívio a deixar-lhe a cara frouxa. Vi quão profundamente ele temera que eu lhe dissesse que não. E isso envergonhou-me.

Esquiva encheu os pulmões de ar para falar, mas eu fi-la parar com uma mão erguida. “Infelizmente, agora tenho de me ir embora. Vou ter de preparar um lugar para ti em Floresta Mirrada,” anunciei.

Ela pareceu surpreendida. Ótimo. Mantenhamo-la em desequilíbrio até ficar tudo definido. Falei calmamente, tirando tudo das mãos de Breu. “Vai-te ser dado dinheiro suficiente para ficares nesta estalagem durante três dias. O Enigma vai ficar aqui contigo, como teu protetor. Não precisas de o temer. É um homem de honra. Não pareces ter trazido muito contigo da tua antiga casa. Portanto, se precisares de alguma coisa, informa-o. Dentro de três dias, ele escolta-te até Floresta Mirrada, onde te vou receber como minha prima, que veio ajudar-me a gerir a casa.” Respirei fundo. Era lógico, a melhor forma de explicar a chegada dela, mas, apesar disso, doía-me dizer as palavras em voz alta. “Tendo em vista a recente morte da minha esposa.” Pigarreei. “Tenho uma menininha em casa. E uma grande propriedade a gerir em nome da Dama Urtiga.” Ergui o olhar para o cruzar com o dela. “Serás lá bem-vinda. E podes ficar enquanto achares o lugar a teu gosto. Mas tens de saber que eu não vivo de forma grandiosa, como um nobre, mas como um Depositário, o gestor de confiança de uma grande propriedade. Não sei bem ao que estás habituada, mas podes achar-me rústico. Simples. Na qualidade de minha ‘prima’, terás tarefas a executar, mas asseguro-te de que não serás tratada por ninguém como uma criada, mas como membro da família que veio ajudar em tempos difíceis.”

“Tarefas?” Ela disse a palavra como se não conseguisse obrigar a boca a rodeá-la. “Mas... eu venho de uma família nobre! Do lado da minha mãe, sou...”

“Não és,” interrompeu Breu sem hesitação. “Esse nome é um perigo para ti. Tens de o deixar para trás. Eu dou-te um novo. O meu. Agora és uma Tombastela. Dou-te o meu apelido. Aquele que a minha mãe me deu.

Esquiva Tombastela.”

Ela fitou-o, chocada. Depois, para meu horror, lágrimas formaram-se-lhe nos olhos. De boca entreaberta, olhou para Dom Breu enquanto as gotas começavam a sua lenta viagem pela cara abaixo. Breu empalideceu, fazendo as velhas cicatrizes destacar-se na sua cara. Muitos julgavam tratar-se de sinais de ter sobrevivido a alguma praga. Eu sabia o que eram: os vestígios de uma experiência com uma mistura que se revelara muito mais explosiva do que ele pensara. Tal como ele, eu tinha algumas cicatrizes causadas pelas coisas que tínhamos feito explodir em conjunto. Tal como tínhamos feito com a vida daquela rapariga.

Pensei na outra vida que aquilo impactaria. A minha filha, que ainda estava só a começar a conhecer-me. Abelha ia-se adaptando lentamente, após a morte da mãe. Perguntei a mim próprio como reagiria ela a esta súbita inclusão de um novo membro da família e soube a resposta. Não a acolheria bem, tal como eu. Bem, se tivéssemos bastante sorte, não seria por muito tempo, seria só até Breu encontrar uma solução melhor para todos nós. Mas mesmo assim... Olhei para Esquiva. “Tens *alguma* experiência com crianças?”

Ela limpou rapidamente as lágrimas e abanou a cabeça. “Cresci com os meus avós. A minha mãe era a única filha que lhes restava, portanto não havia mais nenhum jovem na casa deles. Só eu. Os criados tinham filhos, mas eu pouco lidava com eles. E as sobrinhas da minha mãe eram filhas do irmão do marido e umas bestazinhas de primeira.” Respirou fundo e exclamou: “Já vos tinha dito, não posso fingir ser governanta dela. Não vou fazer isso!”

“Não. Só quis saber se estavas habituada a crianças. Não estás. E não tenho problema nenhum com isso. Suspeito que julgaste que poderias guardar a minha filha por mim. Não me parece que haja alguma necessidade de tal coisa. Posso arranjar outras tarefas para ti, tarefas que têm a ver com a gestão do pessoal da casa.” Mais uma coisa que eu teria de inventar. Algum trabalho para a manter ocupada.

Tendo em conta a espécie de criança que Abelha era, talvez fosse melhor que Esquiva não tivesse experiência com outras. Abelha poderia parecer-lhe

menos estranha. Mas a veemência da sua resposta instantânea à ideia de poder ter de cuidar da criança foi para mim um pequeno aviso. Ia manter Abelha a uma distância segura dela até ter avaliado o seu caráter. Levantei-me para me ir embora. Breu pareceu alarmado.

“Eu esperava falar mais contigo! Não podes passar cá a noite? A tempestade lá fora só tem piorado. Enigma, podes ir ver se a estalagem tem mais algum quarto disponível?”

Abanei a cabeça. Sabia que ele queria ter uma longa conversa privada comigo. Ansiava por uma oportunidade para explicar cada parte daquilo e para explorar cada solução possível. Mas havia alguém que precisava mais de mim. “Não posso. A Abelha não está habituada a ser deixada sozinha.” Estaria Abelha já a dormir? Ou estaria ainda acordada, sem saber quando o papá voltaria? Senti vergonha por a ter praticamente esquecido enquanto aquele estranho assunto me submergia, seguida por desconforto e urgência. Tinha de ir para casa. Olhei para Breu.

“Certamente que a ama dela...”

Abanei a cabeça, irritado com a demora. “Não tem nenhuma ama. Estava a ser criada por mim e por Moli e antes de a mãe morrer não precisava de mais ninguém. Agora só me tem a mim. Breu, tenho de ir andando.”

Ele olhou para mim. Depois, com um suspiro exasperado, sacudiu as mãos na minha direção. “Então vai. Mas continuamos a ter de conversar. Em privado.”

“Conversaremos. Noutra altura. E também te quero perguntar por aquele tutor que recomendaste.”

Ele acenou com a cabeça. Arranjaria alguma maneira. Naquela noite teria de ficar naquele quarto e convencer a carrancuda criatura que tinha a cargo de que tinha de fazer o que lhe sugerira. Mas essa tarefa era dele, não minha. Eu já tinha tarefas suficientes.

Ao sair, Enigma seguiu-me para o corredor. “Isto foi tudo um azar,” disse. “Foi-lhe difícil gerir a passagem e depois a tempestade também nos atrasou. Tinha a esperança de ter uma ou duas horas calmas para conversar contigo antes de lidar com ‘um problema.’ Fiquei chocado quando descobri que o problema era uma rapariga. Esquiva. Nome horrível, hã? Tenho a

certeza de que não foi esse o nome que os avós lhe deram. Espero que não decida ficar com ele.”

Fitei-o com cautela, em busca de palavras. “Bem. Pelo menos é bom saber que o talento Visionário para o dramatismo está a ser transmitido às novas gerações.”

Ele fez um sorriso torto. “Eu diria que tanto tu como Urtiga têm um bom quinhão dele.” Quando eu não respondi ao seu sorriso, perguntou numa voz mais suave: “Como tens passado, Tomé?”

Encolhi os ombros e abanei a cabeça. “Como vês. Vou sobrevivendo. Vou-me adaptando.”

Ele acenou com a cabeça e ficou um momento em silêncio. Depois disse: “A Urtiga está preocupada com a irmã. Eu disse-lhe que és muito mais capaz do que ela poderá imaginar, mas mesmo assim tratou de preparar um quarto e de arranjar alguém para cuidar da pequena Abelha.”

“Na verdade, eu e a Abelha temo-nos estado a dar muito bem. Acho que nos adaptamos bem um ao outro.” Era difícil ser cortês. Eu gostava de Enigma mas, na verdade, Abelha não era da sua conta. Ela era minha e eu estava a sentir-me cada vez mais ansioso, cada vez mais certo de que tinha de ir para casa. Fiquei de súbito farto de todos eles, simplesmente ansioso por me ir embora.

A boca dele apertou-se e depois vi-o a decidir falar. “Tirando o facto de a teres deixado esta noite sozinha para vires até cá. Sem cuidadora, sem governanta, sem tutor? Tomé, mesmo uma criança normal precisa de vigilância constante. E Abelha não é...”

“Alguém com quem te devas preocupar,” interrompi. Sentira-me espicaçado pelas palavras dele, embora estivesse a tentar não o mostrar. Bolas. Iria ele regressar para junto de Urtiga assim que pudesse e relatar-lhe que eu estava a negligenciar a irmãzinha dela? Fitei-o. Enigma respondeu firmemente ao meu olhar. Conhecíamos-nos há anos, e tínhamos aguentado juntos várias coisas muito más. Uma vez, deixara-o como morto, ou como pior que morto. Ele nunca me censurara por isso. Devia-lhe a cortesia de o ouvir até ao fim. Controlei o mau génio e esperei que ele falasse.

“Nós preocupamo-nos,” disse ele em voz baixa, “com todas as espécies

de coisas que não nos cabem, necessariamente. Ver-te esta noite foi um choque. Não estás magro, estás escanzelado. Bebes sem saborear o que pões na boca, e comes sem olhar para a comida. Eu sei que continuas de luto, e está certo que assim seja. Mas a dor pode levar um homem a ignorar o óbvio. Como as necessidades de uma criança.”

A intenção dele era boa, mas eu não estava na disposição de o ouvir. “Eu não ignoro as necessidades dela. É precisamente por isso que me vou já embora. Dá-me três dias para preparar as coisas antes de trazeres Esquiva até à minha porta.” Ele estava a acenar com a cabeça e a fitar-me com tal sinceridade que a minha ira se atenuou. “Nessa altura irás ver Abelha e falar com ela. Garanto-te que não está negligenciada, Enigma. É uma criança incomum. O Castelo de Torre do Cervo não seria um lugar bom para ela.”

Ele pareceu cético, mas teve a elegância de guardar as dúvidas para si. “Vemo-nos nessa altura,” respondeu.

Senti o olhar dele seguir-me enquanto percorri o corredor. Desci as escadas fatigadamente e cheio de remorsos. Admiti o meu desapontamento. Estivera no meu coração o embrião da esperança de que Breu tivesse arranjado aquele encontro por querer ver-me, para me oferecer alguma espécie de reconforto ou solidariedade pela minha perda. Haviam-se passado anos desde que ele fora meu mentor ou protetor, mas o meu coração ainda ansiava por sentir uma vez mais o abrigo da sua sabedoria. Quando somos crianças, acreditamos que as pessoas mais velhas sabem tudo e que mesmo quando não conseguimos compreender o mundo, elas são capazes de tirar dele algum sentido. Mesmo depois de crescermos, em momentos de medo ou mágoa, ainda nos viramos instintivamente para a geração mais velha, esperando finalmente aprender alguma grande lição oculta sobre a morte e a dor. Mas acabamos por só ficar a saber que a única lição é que a vida continua. Eu já sabia que Breu não lidava bem com a morte. Não devia ter esperado mais dele.

Virei o colarinho para cima, aconcheguei-me melhor ao manto húmido e voltei a entrar na tempestade.

CAPÍTULO 14

SONHOS

Este é o sonho do fim do meu tempo. Sonhei-o de seis maneiras diferentes, mas só escreverei o que fica sempre igual. Há um lobo do tamanho de um cavalo. É negro e está imóvel como pedra e de olhos fixos. O meu pai é cinzento como poeira e velho, tão velho. “Estou tão cansado,” diz ele, em dois dos sonhos. Em três, diz: “Lamento, Abelha.” Em um dos sonhos não diz nada, mas o seu silêncio diz tudo. Gostaria de deixar de ter este sonho. Parece tão forte, como se tivesse de acontecer, seja qual for o caminho que eu escolher. Sempre que acordo do sonho, parece que me aproximei mais um passo de um lugar frio e perigoso.

Diário de Sonhos de Abelha Visionário

Recuso-me a acreditar que dormi. Como pode um terror tão abjeto ter como consequência eu deixar-me dormir? Em vez disso, fiquei ali enrolada sobre mim mesma, atrás das pálpebras fechadas, a tremer de terror.

E o Pai-Lobo apareceu. Foi essa a primeira vez.

Já antes tinha tido sonhos, sonhos que sabia serem prodigiosos, sonhos que eu gravava na memória quando despertava. Já começara a escrever os meus sonhos, aqueles que sabia terem algum significado. Portanto, sabia o que os sonhos eram.

Aquilo não foi sonho nenhum.

Os cheiros a poeira e dejetos de rato foram soprados para longe pelos odores vivificantes da neve fresca e das agulhas de abeto. Depois surgiu um cheiro quente e limpo a animal saudável. Ele estava perto. Cerrei as mãos no pelo no seu pescoço e agarrei-me bem, sentindo os dedos aí quentes. O seu focinho estava perto da minha orelha e o hálito que sobre elas soprava era quente. *Para de gemer. Se estás assustada, sê silenciosa. Gemer é para as presas. Atrai predadores. E tu não és presa nenhuma.*

Sustive a respiração. Tinha a garganta dorida e a boca seca. Estivera a ganir, sem me aperceber. Parei, envergonhada pela reprovação dele.

Assim é melhor. Bom, qual é o teu problema?

“Está escuro. As portas não abrem e estou encurralada aqui. Quero ir para casa, quero voltar para a minha cama.”

O teu pai não te disse para ficares em segurança no covil? Porque foi que saíste de lá?

“Estava curiosa.”

E crias curiosas têm-se metido em assados desde que o mundo começou. Não, não recomeces a choramingar. Diz-me: de que tens tu medo?

“Quero voltar para a minha cama.”

Isso é o que tu queres. E és esperta por queres voltar para a toca onde o teu pai te deixou e de te lembrares de não voltar a sair de lá sem a autorização dele. Portanto, porque é que não fazes isso? O que é que te faz ter medo de fazer isso?

“Tenho medo das ratazanas. E não consigo encontrar o caminho de volta. Estou aqui encurralada.” Tentei respirar fundo. “Não consigo sair.”

E porquê?

“Está escuro. E estou perdida. Não consigo encontrar o caminho de volta.” Estava a começar a zangar-me com a voz calma e implacável, muito embora desse valor ao calor e ao sentimento de segurança que ele me fornecia. Talvez já nessa altura tivesse compreendido que só sentia irritação com ele porque agora me sentia segura. Lentamente, foi-me ocorrendo que já não estava com medo, só perplexa.

Porque é que não consegues encontrar o caminho de volta?

Agora ele estava só a ser estúpido. Ou mau. “Está escuro. Não consigo ver. E mesmo se conseguisse ver, não me lembro do caminho.”

A voz não perdeu a paciência. *Talvez não consigas ver. Talvez não te consigas lembrar porque estás tão assustada. Mas consegues cheirar. Levanta-te.*

Desenrolar-me foi difícil. Tinha agora frio no corpo todo, tremia, enregelada. Levantei-me.

Vai à frente. Segue o teu nariz. Segue o odor da vela da tua mãe.

“Não me cheira a nada.”

Sopra pelo nariz. Depois inspira devagar.

“Só me cheira a poeira.”

Volta a tentar. Inexorável.

Rosnei baixinho.

Bom. Estás a encontrar a coragem. Agora encontra os miolos. Fareja o caminho até casa, cria.

Quis que ele estivesse errado. Quis ter justificação para o meu medo e impotência. Inspirei para lhe dizer como era estúpido e saboreei o odor da minha mãe. A solidão cresceu em mim, acompanhada por uma fome por aquela que tanto me tinha amado. O meu coração empurrou-me para o cheiro e os pés seguiram-no.

Era tão ténue. Parei por duas vezes, pensando que o perdera. Devo ter caminhado nas trevas, mas lembro-me de ter avançado lentamente pelo jardim estival na direção da madressilva que se emaranhava e espalhava ao longo de um muro de pedra no jardim das hortaliças.

Cheguei a um local onde uma aragem me tocou o rosto. O ar em movimento confundiu o cheiro e de repente vi-me de novo nas trevas. O coração saltou-me para a garganta e eu estendi cegamente as mãos, sem tocar em nada. Um soluço de terror lutou com o coração trovejante para ver qual dos dois me saltaria primeiro da boca.

Calma. Usa o nariz. O medo é inútil.

Farejei, julgando-o insensível. E voltei a captar o cheiro. Virei-me para ele, mas tornou-se mais ténue. Virei a cabeça para o outro lado, mais devagar. Caminhei na direção do cheiro, que agora sentia como as mãos da minha mãe nas bochechas. Inclinei a cara para a frente, inspirando o amor da minha mãe. Havia uma ligeira curva ao canto e depois uma ascensão gradual. O cheiro tornou-se mais forte. E então colidi com a pequena prateleira. Isso fez-me abrir os olhos de repente. Não tinha consciência de os ter fechado.

E ali, derramando-se em torno da tampa da vigia, estava um minúsculo brilho de luz tremeluzente, que iluminava o toco da vela da minha mãe. A luz acariciava-a, amarela, tépida e acolhedora. Ajoelhei, peguei na vela e

abracei-a, inspirando a fragrância que me trouxera para lugar seguro. Afastei a cobertura da vigia e espreitei o gabinete mal iluminado. “Vai ficar tudo bem,” disse eu ao Pai-Lobo. Virei-me para o fitar, mas ele desaparecera, deixando apenas um lugar mais fresco no ar atrás de mim.

“Pai?”, disse, mas não houve resposta. O meu coração afundou-se e depois ouvi as batidas.

“Abelha. Destranca a porta. Agora mesmo.” A voz dele soou baixa, e eu não soube dizer se estava com medo ou zangada.

As batidas voltaram a soar, mais altas, e vi as portas a abanar. Depois saltaram, sob o efeito de uma pancada.

Precisei de um momento para me orientar. Agarrei bem a coragem e abandonei a luz reconfortante da vigia. Avancei, roçando a parede com as pontas dos dedos enquanto descia o estreito corredor, contornava um canto e depois outro canto agudo, e saía pelo painel. As batidas e sacudidelas na porta eram agora mais sonoras. “Já vou!”, gritei de volta enquanto fechava o painel. Tive de correr as trancas e depois fui destrancar a porta do gabinete. O meu pai abriu-a tão de repente que me desequilibrou.

“Abelha!”, exclamou ele num grito sufocado e caiu de joelhos para me agarrar. Abraçou-me com tanta força que não consegui respirar. Esquecera-se de se conter. O seu medo encharcou-me. Eu fiquei hirta nos seus braços. E de repente, desapareceu, deixando-me sem saber se sentira realmente aquela vaga de amor por baixo do medo. Ele soltou-me, mas os seus olhos escuros e fixos sustentaram-me. Estavam cheios de mágoa. “O que estavas tu a pensar? Porque é que não estás na cama?”, perguntou-me.

“Eu quis...”

“Não tens autorização. Entendes-me? *Não* tens autorização!” Não estava a gritar. A voz que estava a usar era mais assustadora do que gritos teriam sido. Era tão baixa e intensa como um rosnido.

“Não tenho autorização para quê?”, soltei, a tremer.

Ele olhou-me com olhos desvairados. “Não tens autorização para sair de onde eu te deixar. Não tens autorização para me fazeres pensar que te perdi.” Voltou a abraçar-me e apertou-me com força contra o seu casaco frio. Tomei consciência de que tinha o cabelo encharcado e ainda trazia

vestida a roupa de fora. Devia ter entrado e seguido diretamente para o meu quarto, para ver como eu estava. E entrara instantaneamente em pânico quando não me vira lá. Senti uma estranha animação no coração. Eu era importante para ele. Muito importante.

“Da próxima vez que me digas para ficar no covil, eu fico,” prometi.

“Ótimo,” disse ele com ferocidade. E depois: “O que estavas tu a fazer aqui com a porta trancada?”

“Estava à espera que voltasses para casa.” Não era propriamente mentira, e eu não saberia dizer por que motivo fugira à pergunta.

“E foi assim que acabaste coberta de teias de aranha e com a cara suja.” Ele tocou-me a bochecha com um dedo frio. “Estiveste a chorar. Há dois riscos limpos na tua cara.” Levou a mão ao bolso, tirou de lá um lenço menos que limpo e estendeu-o para a minha cara. Eu afastei-me. Ele olhou para o bocado de tecido que tinha na mão e soltou uma gargalhada entristecida. “Não estava a pensar. Vem. Vamos até à cozinha ver se arranjamos um pouco de água quente e um pano limpo. E podes dizer-me exatamente onde estavas à espera do meu regresso.”

Não me pousou no chão; levou-me ao colo, como se não confiasse em mim fora do alcance dos seus braços. Senti o poder a latejar através dele, lutando por ultrapassar as suas muralhas e envolver-me. Era uma tempestade assustadora e contida dentro dele. Mas eu não me debati. Julgo que decidi naquela noite que o desconforto de estar perto dele era preferível a estar longe da única pessoa do mundo que eu sabia que me amava. Suspeito que em algum momento ele tomara a mesma decisão.

Na cozinha usámos uma concha para tirar água da panela de água quente que estava sempre lá e encontrámos um pano limpo para eu usar para limpar a cara. Disse-lhe que tinha tido curiosidade para explorar o labirinto de espionagem e que tinha entrado, mas depois perdera-me quando a vela se apagara, e ficara com medo. Ele não me perguntou como encontrei o caminho para o exterior; tenho a certeza de que não imaginava até que distância eu tinha viajado pelos corredores ocultos e, naquele momento, eu decidi manter as coisas assim. E sobre o Pai-Lobo nada disse.

Ele levou-me para o quarto e arranjou-me uma camisa de dormir limpa.

Aquela que eu vestira tinha a batinha toda suja, e as meias tinham mais espessura de teias de aranha e poeira do que de lã. Ele ficou a ver-me subir para a cama e depois sentou-se em silêncio junto da minha cama até julgar que eu dormia. Depois apagou a vela e saiu do quarto.

Eu estivera quase a dormir, mas resistira a adormecer por dois motivos. O primeiro era encontrar o buraco de espionagem que dava para o meu quarto. Isso demorou mais tempo do que eu esperara. Estava muito bem escondido nos painéis de uma parede, e muito alto, para que o vigia pudesse ver quase todo o quarto. Tateei as tábuas e painéis em volta, para ver se conseguia encontrar uma entrada para o labirinto de espionagem, mas sem sucesso. E estava gelada, cansada, e a minha cama quente era tentadora.

Contudo, ao subir para a cama e pousar a cabeça na almofada, continuei a sentir relutância em dormir. O sono trazia sonhos e, desde a morte da minha mãe, estes pareciam vir quase todas as noites. Estava farta deles, e estava farta do esforço para me lembrar deles e escrevê-los todos os dias no meu livro. Alguns dos mais assustadores eram recorrentes. Detestava aquele com o barco-serpente. E o outro em que não tinha boca e não conseguia fechar os olhos para evitar o que estava a ver. Ajudei uma ratazana a esconder-se dentro do meu coração. Havia um nevoeiro e um coelho branco e outro preto fugiam lado a lado de terríveis criaturas vorazes. O coelho branco tinha sido trespassado por uma seta viva. O coelho preto gritou quando morreu.

Eu detestava os sonhos e, no entanto, sempre que eles regressavam ao meu sono, acrescentava um detalhe, uma nota, uma maldição ao meu diário.

Aquela tempestade de sonhos era algo de novo, mas os sonhos não. Eu sonhava há mais tempo do que o que passara fora do ventre da minha mãe. Por vezes pensava que os sonhos remontavam a muito antes da minha existência, que eram os fragmentos da vida de outra pessoa, mas estavam ligados a mim, sem que soubesse como. Sonhei em bebé e sonhei quando era uma criança muito pequena. Alguns dos sonhos eram agradáveis, outros estranhamente belos. Alguns assustavam-me. Nunca me esquecia dos sonhos, como algumas pessoas dizem que lhes acontece. Cada um era uma memória completa e separada, fazendo tanto parte da minha vida como a

lembrança do dia em que tirámos mel das colmeias, ou da altura em que eu escorreguei na escada e arranhei toda a pele em ambas as canelas. Quando era pequena, era quase como se tivesse duas vidas, uma de dia e outra de noite. Alguns sonhos pareciam mais importantes do que outros, mas nenhum parecia trivial.

Mas depois de o Pai-Lobo vir ter comigo, nessa mesma noite, tive um sonho que, ao despertar, soube não ser nenhum sonho comum. E de súbito apercebi-me de que havia duas categorias nos meus antigos sonhos. Havia sonhos e havia Sonhos. E fui capturada por uma compulsão para recomeçar e registar os meus verdadeiros Sonhos em grande detalhe e mantê-los coligidos e em segurança. Era como se tivesse descoberto a diferença entre pedrinhas do rio e pedras preciosas e me tivesse apercebido de que deixara as joias espalhadas à toa durante os últimos nove anos.

Acordei na minha cama de dossel e fiquei algum tempo imóvel na escuridão de inverno, a pensar no que tinha de fazer. Fora bom registar todos os meus sonhos mas, agora que conhecia a diferença entre eles, teriam de ser recopiados. Precisaria de tinta, de boas penas e de papel decente. Sabia onde obtê-los. Queria velo, mas a sua falta seria notada e não me parecia que fosse capaz de persuadir o meu pai de que o que pretendia fazer o merecia. Talvez mais tarde conseguisse adquirir a qualidade de papel que os meus Sonhos mereciam. Por agora, contentar-me-ia com registá-los e mantê-los em segurança. De súbito pareceu-me que só havia um lugar no mundo para qualquer uma dessas atividades. E isso apresentava outro problema.

Pois eu tinha a certeza de que o meu pai me limitaria o acesso à rede de espionagem nas paredes de Floresta Mirrada após a minha exploração noturna. Enquanto jazia na cama e me convencia disto, a perspetiva também se tornou impensável.

Eu contara-lhe pouco sobre a minha exploração dos corredores na noite anterior. Ele deduzira que eu tinha estado na rede de espionagem e que me assustara. Talvez julgasse que isso bastava para pôr fim às minhas explorações. Mas poderia verificar pessoalmente. Não duvidava de que encontraria a vela que eu escondera, e talvez o local onde deixara cair o que

restara da vela gasta. Estaria alerta o suficiente para seguir os meus passos nas passagens poeirentas, para ver até onde explorara? Não podia saber. Na noite anterior tinha ficado extremamente alarmado por descobrir que eu não estava onde me deixara. O meu alívio por ele ter regressado para casa talvez o tivesse sossegado.

Levantei-me e vesti-me muito mais depressa do que era hábito. O quarto estava gelado; abri a tampa da arca da roupa de inverno, mantive-a aberta com um sapato, e depois quase trepei lá para dentro para encontrar meias de lã, uma túnica forrada e o meu cinto com a fivela em forma de ave. Crescera. Tanto as meias como a túnica me estavam curtas. Devia dizer à minha mãe...

Quando parei de chorar, acrescentei alguns gravetos às brasas na lareira. Em tempos, teria despertado com a minha mãe a espreitar o lume no meu quarto, e ela ter-me-ia preparado a roupa. Continuara a fazer-me isso muito depois de eu ter idade suficiente para o fazer sozinha. Não me parecia que se apiedasse de mim devido ao meu pequeno tamanho; creio que gostara dos rituais de ter uma criança pequena e os prolongara.

Eu adorara o ritual tanto como ela. Ainda lhe sentia a falta. Mas disse a mim própria que o passado era o passado. E a vida iria continuar.

Decidi localizar a outra entrada na despensa e conceber alguma forma de a tornar acessível. Contudo, nem isso era uma solução satisfatória. Voltei a desejar que o meu quarto tivesse acesso aos corredores. O buraco para espiar mostrara-me que o corredor passava mesmo por trás das minhas paredes. Seria possível que houvesse um acesso que nem o meu pai conhecia?

Movi-me lentamente ao longo das paredes, de novo à procura. Via onde ficava a vigia, mas só porque sabia onde a procurar. Um dos nós do painel parecia só um pouco conveniente em demasia. Bati cautelosamente nos painéis das paredes, primeiro em baixo e depois o mais alto que consegui. Os sons só me informaram de que quem construía os corredores nas paredes fizera um excelente trabalho a escondê-los.

De repente senti fome. Virei a maçaneta na porta e abri-a, esgueirando-me para fora do quarto. Era cedo e a casa estava sossegada. Movi-me em

silêncio pelo corredor lajeado e depois pela larga escadaria. Desde que experimentara aquele quartinho privado nos corredores de espionagem, Floresta Mirrada passara a parecer-me ainda mais imensa. Descer a escada era pouco diferente de estar no exterior. Os tetos pareciam quase tão distantes como o céu, e certamente que as correntes de ar que sopravam pela casa eram quase tão geladas como os ventos, lá fora.

A mesa ainda não estava posta para o pequeno-almoço. Fui até às cozinhas, onde Tavia e Amena já estavam a trabalhar. O pão da semana crescia num grande painel tapado perto da lareira. Quando entrei, Ulmeira saiu, gritando que ia buscar ovos. Mentirosa.

“Com fominha, fedelha?”, cumprimentou Tavia e eu confirmei com a cabeça. “Então vou torrar-te um pouco de pão. Salta para a mesa.”

Fiz o que fazia sempre desde que começara a conseguir trepar, isto é, subir para cima de um banco e depois sentar-me na beira da mesa. Depois, após pensar um momento, desci e sentei-me sobre os pés, no banco. Isso deixava-me quase alta o suficiente para ficar confortável à mesa. Tavia trouxe-me a minha pequena caneca cheia de leite e deitou-me um olhar curioso. “Andamos a crescer, é?”

Eu acenei-lhe.

“Então tens idade suficiente para falar,” observou Amena. “Pelo menos diz ‘bigada.’” Como sempre, os comentários que ela me dirigia traziam algo de cortante. Eu estivera a pegar na caneca. Parei. Virei-me por forma a olhar apenas para Tavia. “Obrigada, Tavia. És sempre tão bondosa comigo.” Enunciei cada palavra cuidadosamente. Atrás de mim, ouvi Amena deixar cair a colher de pau.

Tavia fitou-me por um momento. “Tenho a certeza que não tens de quê, Abelha.”

Bebi da caneca e pousei-a cuidadosamente na mesa.

Tavia disse, baixinho: “Bem. Não há dúvida de que és filha do seu pai.”

“Sim. Sou,” concordei com firmeza.

“Não há dúvida,” resmungou Amena. Expirou pelo nariz e acrescentou: “E eu que repreendi Ulmeira por contar histórias quando ela disse que Abelha conseguia falar se quisesse.” Começou a bater com muita força

naquilo que estava a mexer. Tavia não disse nada, mas trouxe-me um par de fatias do pão da semana anterior, torradas para não parecerem tão duras e barradas com manteiga.

“Bem. Então agora falas, hã?” perguntou-me Tavia.

Fitei-a de relance e de súbito senti-me embaraçada. Olhei para a mesa. “Sim. Falo.”

Vi pelo canto do olho o aceno brusco dela. “Isso devia ter agradado à senhora tua mãe. Disse-me uma vez que conseguias dizer muitas palavras, mas que eras tímida.”

Eu baixei o olhar para o tampo marcado da mesa, sentindo-me desconfortável. Melindrava-me que ela soubesse que eu sabia falar e não tivesse dito nada. Mas também gostava que tivesse guardado o meu segredo. Talvez houvesse em Tavia mais do que eu julgara.

Pôs um potezinho do mel da minha mãe ao lado do meu pão. Olhei para ele. Agora que a mamã se fora, quem cuidaria das abelhas no verão e colheria o mel? Eu sabia que devia ser eu a fazê-lo, mas duvidava que tivesse sucesso. Tentara, durante os últimos meses, mas os meus resultados solitários tinham sido irregulares. Observara a minha mãe e ajudara-a, e no entanto, quando tentara colher sozinha o mel e a cera, fizera uma confusão terrível. As poucas velas que fizera haviam saído granulosas e deselegantes, os potes de mel tinham ficado sujos com bocadinhos de cera e possivelmente bocadinhos de abelha. Não tivera a coragem de os mostrar a ninguém. Limpar a confusão para deixar a sala do mel e das velas arrumada levava-me horas. Dei por mim a interrogar-me sobre se agora compraríamos todas as nossas velas. Onde teria uma pessoa de ir para comprar velas? E compraríamos velas odoríferas para dias especiais? Não podiam ser perfumadas como as da minha mãe tinham sido.

Ergui o olhar quando o meu pai entrou na cozinha. “Andava à tua procura,” disse com severidade. “Não estavas na tua cama.”

“Estava aqui a arranjar comida, papá. Já não quero queimar as velas da mamã. Quero poupá-las.”

Ele fitou-me durante três segundos. “Poupá-las para quê?”

“Ocasões especiais. Ocasões em que quiser lembrar-me de como ela

cheirava. Papá, quem vai fazer todas as coisas que ela fazia? Quem vai cuidar das colmeias e preparar o mel e coser a minha roupa e pôr saquinhos de lavanda na minha arca? Essas coisas todas simplesmente param agora que ela se foi?”

Ele ficou muito imóvel na cozinha, olhando para mim com os seus olhos escuros e quebrados. Estava desmazelado, o cabelo encaracolado ia crescendo irregularmente desde o corte de luto, a barba era uma coisa esfarrapada, e a camisa ainda estava enrugada da chuva da noite anterior. Percebi que ele não a sacudira nem a pendurara direita mas se limitara a despi-la e a atirá-la para cima de uma cadeira ou da coluna da cama. Senti pena dele; sempre fora a mamã a lembrar-lhe para fazer as coisas da maneira certa. Depois lembrei-me de que não tinha escovado o cabelo antes de sair do quarto. E também não o tinha escovado na noite anterior. Não estava comprido o suficiente para entrançar. Ergui a mão e senti-o em pé, em tufos, por toda a minha cabeça. Éramos um par, ele e eu.

Lentamente, ele recomeçou, pondo-se em movimento como se estivesse a voltar à vida. Veio até à mesa e sentou-se pesadamente na minha frente. “Ela fazia montes de coisas por aqui, não fazia? Tantas coisas. Nunca sentimos falta da água até o poço secar.”

Olhei para ele. Ele suspirou. “Vamos poupar as velas perfumadas. Para ti. E quanto a essas outras coisas, bem... A tua irmã Urtiga já me tinha dito que era melhor que eu contratasse mais ajudantes para manter a casa mais ordenada. Suponho que tinha razão. Talvez faça planos de vir cá mais frequentemente em visita e traga amigos consigo quando vier. Portanto, vai haver outras pessoas que vêm viver para cá e ajudar-nos a fazer as coisas. Eu já mandei vir a minha prima. Chega dentro de alguns dias. Chama-se Esquiva. Tem à volta de vinte anos. Espero que gostes dela.”

Amena e Tavia estavam a escutar com tanta atenção que isso criava uma espécie de silêncio na cozinha. Quis perguntar como era possível que eu tivesse uma prima de que nunca ouvira falar. Queria isso dizer que o meu pai tivera um irmão ou irmã que eu não conhecia? Queria perguntar, mas não podia enquanto elas estivessem a escutar com tanta atenção. Falei sem rodeios. “Não quero que mais ninguém venha viver aqui. Não podemos

simplesmente arranjar-nos sozinhos?”

“Eu também gostava,” respondeu o meu pai. Tavia veio pousar uma gorda e fumegante chaleira na mesa. Normalmente não pequeno-almoçávamos na cozinha, mas percebi que ela estava com a esperança de que o meu pai ficasse onde estava e continuasse a falar. Perguntei a mim mesma se ele estaria tão consciente como eu do agudo interesse delas. “Mas isso não é realista, Abelha. Não o é para nenhum de nós. Às vezes tenho de sair de Floresta Mirrada e tu vais precisar de alguém para cuidar de ti enquanto eu ando por fora. Vais precisar de alguém para te ensinar todas as coisas que uma rapariga tem de saber, não só a ler e a fazer contas, mas a coser e a cuidar de ti e a pentear-te e, bem, todas essas coisas que as raparigas sabem.”

Fitei-o, ansiosa, apercebendo-me de que ele não sabia melhor do que eu o que essas coisas eram. Sugeri: “Era muito mais fácil se eu fosse um rapaz. Assim não precisávamos que mais ninguém viesse viver para cá.”

Aquilo provocou-lhe uma gargalhadinha sufocada. Depois voltou a ficar sério. “Mas não és um rapaz. E mesmo se fosses, continuávamos a precisar de contratar mais pessoal. Eu e a Urtiga conversámos sobre isso várias vezes. Eu tenho estado a negligenciar Floresta Mirrada. Pândego anda a aborrecer-me há meses por causa de uma chaminé obstruída numa sala e uma goteira na parede de outra. Não posso continuar a adiar. A casa inteira precisa de uma boa limpeza e depois tem de ser mais bem cuidada. Eu e a tua mãe falámos na primavera sobre isso, sobre todas as coisas que arranjaríamos durante o verão.” Voltou a parar, perdendo os olhos na distância. “Agora temos o inverno em cima e nada está feito.” A chávena que Tavia pousou junto do seu cotovelo tiniu levemente no pires. Ela fê-lo deslizar cuidadosamente para ele.

“Obrigado,” disse ele, num reflexo de cortesia. Depois virou-se e olhou para ela. “Peço imensa desculpa, Tavia. Devia ter-te avisado com muito maior antecedência. Enigma vai acompanhar a minha prima até cá, e possivelmente vai ficar também alguns dias. Vamos ter de decidir que quartos dar a Esquiva e, bem, não sei ao certo o que mais tem de ser feito. O ramo dela da família está bastante bem na vida. Talvez conte com a sua

própria aia...”

As palavras do meu pai tropeçaram e pararam e as suas sobrancelhas uniram-se como se tivesse acabado de se lembrar de uma coisa que não era agradável. Silenciou-se. A cozinheira Nozmoscada estivera a bater e a trabalhar a massa quando eu chegara à cozinha. Deitei-lhe uma olhadela. Estava a massajar a massa em silêncio na tábua de amassar, a escutar com cada poro que tinha na pele. Atrevi-me a quebrar o silêncio. “Eu não sabia que tinha uma prima.”

Ele inspirou rapidamente. “A verdade é que a minha família não me é chegada, mas, apesar disso, quando os problemas aparecem, lembram-se de que o sangue é mais espesso que a água. Portanto Esquiva vem ajudar-nos, pelo menos durante algum tempo.”

“Esquiva?”

“O nome dela é Esquiva Tombastela.”

“A mãe dela não gostava dela?”, perguntei e ouvi Amena soltar uma gargalhadinha nervosa.

O meu pai endireitou-se melhor no banco e voltou a encher a chávena com chá tirado da chaleira. “Por acaso, não. Portanto, quando ela chegar, para sermos gentis, não lhe vamos fazer perguntas sobre o nome nem sobre a casa dela. Acho que vai ficar tão aliviada por vir para cá como nós ficaremos gratos por a ter connosco. Quando chegar, pode sentir-se embaraçada e pode estar cansada da viagem. Portanto, a princípio, não vamos esperar demasiado dela, pois não?”

“Suponho que não,” disse, e senti a confusão rodopiar mais depressa. Havia ali qualquer coisa que não estava certa, e não conseguia identificá-la. Estaria o meu pai a mentir-me? Observei a cara dele enquanto bebia o chá e não consegui perceber. Comecei a perguntar, mas depois cerrei os dentes contra a pergunta. Não devia obrigá-lo a admitir que estava a mentir à frente de Tavia, de Amena e da cozinheira. Perguntar-lhe-ia mais tarde. Em vez disso, disse: “Ontem à noite tive um sonho especial. Vou precisar de uma pena, de tinta e de papel para o escrever.”

“Ah vais?”, perguntou-me o meu pai com indulgência. Sorriu-me, mas o que senti foi Amena e Tavia trocarem olhares sobressaltados atrás de nós.

Estavam a ficar a saber demasiado sobre mim demasiado depressa, mas descobri que não me importava. A minha vida talvez se tornasse mais fácil se elas já não me achassem simplória.

“Sim. Vou.” Disse-o com firmeza. Ele falara como se aquilo fosse apenas um súbito capricho meu em vez de um assunto importante. Não compreenderia o que era um sonho especial? Decidi explicá-lo.

“O sonho surgiu-me todo debruado de negro e dourado. As cores do sonho eram muito vivas e tudo nele parecia muito grande, de modo que nem os mais pequenos detalhes pudessem ser ignorados. Começou no jardim da minha mãe. As alfazemas estavam carregadas de abelhas e o cheiro doce pairava no ar. Eu estava lá. Depois vi o longo caminho que leva até à casa. Quatro lobos estavam a percorrer o caminho, trotando aos pares. Um branco, um cinzento e dois vermelhos. Só que não eram lobos.” Parei por um momento, lutando por nomear criaturas que só vira num sonho. “Não eram belos como lobos e também não tinham a honra dos lobos. Avançavam de forma furtiva, com os quadris traseiros baixos e as caudas rugosas descidas. As orelhas eram redondas e andavam com as bocas vermelhas abertas e a salivar. Eram malvados... não, isto não está certo. Eram criados da maldade. E vinham à caça daquele que servia o bem.”

O sorriso do meu pai tornara-se perplexo. “Isso é um sonho muito detalhado,” disse ele.

Virei-me para Tavia. “Parece-me que o bacon está a queimar-se,” disse, e ela deu um salto como se lhe tivesse espetado um alfinete. Virou-se para a frigideira onde as fatias chiavam e haviam começado a deitar fumo e afastou-a do calor.

“Pois está,” resmungou, e atarefou-se com aquilo.

Voltei a virar-me para o meu pai e para a torrada. Comi duas dentadas e bebi parte do leite antes de dizer: “Eu disse-te que era um sonho especial. Dura muito tempo e é meu dever lembrar-me de tudo e mantê-lo em segurança.”

O sorriso estava a começar a desvanecer-se da cara dele. “Porquê?”

Encolhi os ombros. “É só uma coisa que devo fazer. Há montes de outras coisas nele. Depois de os falsos lobos passarem, eu encontro a asa de uma

borboleta no chão. Pego nela mas, quando o faço, a borboleta fica maior e maior e debaixo dela está um homem pálido, branco como giz e frio como um peixe. Penso que ele está morto, mas depois ele abre os olhos. Não têm cor. Não fala com a boca, mas abre a mão para falar. Morre com rubis a caírem-lhe dos olhos...”

O meu pai voltou a pousar a chávena na borda do pires. Este inclinou-se e a chávena derramou, rolando pela mesa fora e deixando um rasto de chá. “Bolas!”, gritou ele numa voz que não reconheci, e levantou-se de repente, quase derrubando o banco.

“Oh, senhor, não vos incomodeis, eu limpo isso,” exclamou Tavia, e aproximou-se imediatamente com um trapo.

O meu pai afastou-se da mesa, sacudindo chá quente da mão. Eu comi o último bocado do meu pão torrado com manteiga. O sonho tinha-me deixado com muita fome. “Vai haver bacon em breve?”, perguntei.

Amena trouxe o prato para a mesa. Só estava um pouco chamuscado e, como sempre gostei dele estaladiço, não me importei.

“Tenho de sair durante um bocado,” disse o meu pai. Fora até à porta, abri-a, e estava a fitar o pátio lamacento da cozinha. Inspirava profundamente o ar gelado de inverno, e estava a arrefecer também a cozinha.

“Senhor, a massa do pão!”, disse Tavia, objetando à porta aberta.

Ele nada disse, limitando-se a sair sem manto nem casaco. “Vou precisar de papel!”, gritei, ansiosa por ele poder ignorar o meu pedido e o meu sonho com tanta indiferença.

“Tira o que precisares da minha secretária,” disse ele, sem olhar para mim, e fechou a porta atrás de si.

Durante o resto desse dia, pouco vi o meu pai. Sabia que ele estava ocupado, e pôs Floresta Mirrada em polvorosa com a sua atividade. Foi escolhido um conjunto de quartos para a minha prima, roupa de cama foi tirada das arcas de cedro e posta a arejar; o cano da chaminé da lareira desse quarto teve de ser limpo, pois descobriu-se que alguma criatura o tinha bloqueado por completo com um ninho. Durante os dois dias seguintes, o

caos aumentou. O nosso mordomo, Pândego, estava completamente deliciado com a atividade, e precipitava-se de um lado para o outro, pensando em cada vez mais tarefas que os criados tinham de executar. Um fluxo contínuo de desconhecidos veio bater-nos à porta e teve encontros com o meu pai e Pândego no gabinete do solar. Os dois escolheram artesãos e trabalhadores entre os que apareceram, e aias e ajudantes, e alguns deles regressaram no dia seguinte, com as respectivas ferramentas, para dar início aos trabalhos. E outros chegaram com carrinhos de mão carregados com o que possuíam, para se mudarem para a ala dos criados da casa.

Parecia que, fosse eu para onde fosse, a casa estava cheia de movimento. Havia gente a escovar soalhos e a polir madeiramentos e a trazer mobília dos armazéns. Um carpinteiro e os respetivos ajudantes vieram reparar uma goteira no telhado de uma das salas para plantas. No meio de tanto ruído e atividade, regressei ao meu silêncio e aos modos furtivos. Ninguém reparou. Sempre que vislumbrava o meu pai, ele estava a falar com alguém ou a estudar um papel ou a andar por aí, de sobrolho franzido, com Pândego a seu lado a apontar para coisas e a queixar-se. Quando olhava para mim, sorria, mas havia algo de triste nos seus olhos e de doente na sua boca que me fazia desejar ir-me embora e esconder-me.

Portanto, foi o que fiz. Levei o papel, a tinta e as penas da sua secretária e, como ele dissera que podia usar o que me fizesse falta, foi o que fiz, levando bom velo e as suas melhores tintas coloridas e penas com pontas de cobre. Também levei velas. Reuni muitas das velas perfumadas da minha mãe e escondi-as no meu quarto, onde perfumaram a arca das minhas roupas e me encheram os sonhos com as suas fragrâncias. Também levei os círios altos e de queima lenta que tínhamos feito juntas, e guardei-os no meu quartinho de espionagem.

Levei muitas coisas durante esses dias em que o meu pai me esqueceu. Levei pão duro e frutos secos e uma bonita caixa de madeira para manter as ratazanas longe da comida. Levei um jarro e uma rolha para poder ter água, e uma chávena lascada que não faria falta a ninguém. Levei uma manta de lã que tinham posto a arejar e, segundo Tavia, fora mordiscada por ratos e só serviria para fazer trapos. A atividade em Floresta Mirrada era tanta que

roubei com impunidade e ninguém reparou, pois todos julgavam que alguma outra pessoa teria deslocado o objeto em falta. Descobri um tapete decorado de vermelho e laranja que era só ligeiramente grande para o meu esconderijo. Enrolei-o um pouco junto das paredes, transformando a minha salinha num ninho. Das provisões da minha mãe tirei a alfavaca que tínhamos colhido e outras ervas odoríferas guardadas em saquinhos.

O meu esconderijo ficou bastante confortável. Não lhe acedia pelo gabinete privado do meu pai. Sem saber bem como, sabia que ele não aprovaria o tempo que estava a passar lá, portanto descobri a porta oculta na despensa e depois construí à sua frente uma parede com caixas de peixe salgado. Deixei espaço à justa para conseguir enfiar-me por trás das caixas, abrir a porta oculta e enfiar-me lá dentro. Fechava-a atrás de mim, mas tinha o cuidado de não deixar que me trancasse. Nunca descobrira o trinco que me permitiria abri-la pelo lado da despensa, portanto deixava-a sempre um tudo-nada entreaberta.

Tracei com giz os meus caminhos pelo labirinto, e varri teias de aranha e dejetos de ratazanas para um lado. Pendurei ramos de ervas aromáticas ao longo do caminho até ao meu pequeno aposento, para que, mesmo em plena escuridão, conseguisse seguir o caminho através do olfato. Depressa o memorizei, mas nunca me esqueci daquela noite terrível.

Descobri que o labirinto de caminhos nas paredes era mais extenso do que o meu pai me dissera. Perguntei a mim mesma se ele saberia e me mentira ou as aberturas eram tão pequenas que as ignorara. Tive de pôr a exploração de parte, deixando-a para outra altura. Tinha muitos Sonhos antigos para registar e todas as anotações tinham de incluir o máximo de detalhes que conseguisse arrancar à memória. Escrevi o meu Sonho sobre o cervo voador e o outro sobre a tapeçaria com os reis antigos e altos de olhos dourados. Precisei de seis páginas para escrever o Sonho sobre o rapaz branco como um peixe num barco sem remos e como ele se vendeu como escravo. Escrevi um Sonho que tinha tido sobre o meu pai a abrir o peito e a tirar de lá o coração, comprimindo-o contra uma pedra até não restar nele nenhum sangue.

Não compreendia os Sonhos que escrevia mas julgava que um dia

alguém poderia compreendê-los, portanto, registava-os. Escrevi até ficar com os dedos de todas as cores da tinta e as mãos me doerem abominavelmente. Roubei mais papel e escrevi mais um pouco.

E à noite, quando me punha na cama, lia. A minha mãe tivera três livros que eram inteiramente seus. Um era o herbário que Paciência lhe dera. Era um livro que o meu pai dera a Paciência e creio que ela o enviara a Moli quando ambas julgavam que ele estava morto. O outro era um livro sobre flores e o terceiro era um livro sobre abelhas. Este último fora ela que escrevera, e não era um livro ou rolo propriamente dito, mas uma coleção de páginas unidas com fitas passadas por buracos nelas abertos. Era mais um diário das colmeias do que qualquer outra coisa, e era o meu preferido. Das primeiras páginas até às últimas, via a caligrafia e a ortografia dela a tornarem-se mais seguras, e as observações mais contundentes à medida que iam aumentando os seus conhecimentos sobre a arte. Li-o uma e outra vez, e prometi a mim própria que, na primavera, cuidaria melhor das colmeias dela.

Paciência passara a vida a adquirir livros e manuscritos. Muitos tinham sido surripiados da biblioteca do Castelo de Torre do Cervo. Alguns eram livros muito caros, encadernados com capas de carvalho e fitas de couro e tachas de prata, presentes oferecidos na esperança de conquistar influência junto dela quando Cavalaria fora rei expectante e toda a gente partia do princípio de que ela viria um dia a ser Rainha Paciência. Não havia muitos desses lindos volumes. Ela vendera a maior parte durante os tempos sombrios da guerra contra os Salteadores dos Navios Vermelhos. Os que restavam eram pesados e tristemente aborrecidos, principalmente relatos históricos sobre a exagerada glória de anteriores reis Visionário, histórias escritas mais para captar boas graças do que para educar. Em muitos sítios, Paciência escrevera notas mordazmente cétricas sobre a veracidade do que estava a ler. Era frequente fazerem-me rir descontroladamente: era um vislumbre dela que ninguém mais partilhara comigo. As notas dela estavam a desbotar, portanto renovei-as com tinta preta sempre que as encontrava.

Os livros pessoais de Paciência eram uma coleção mais eclética e maltratada. Havia um livro sobre ferraduras e as artes do ferreiro, com notas

escritas pela mão de Paciência sobre as suas próprias experiências. Havia livros sobre borboletas, aves, famosos salteadores e lendas de monstros marinhos. Havia um antigo velo sobre como lidar com bicuendes e como prendê-los por forma a executarem todos os trabalhos domésticos, e um conjunto de pequenos rolos sobre a destilação e o apuro do sabor de bebidas alcoólicas. Havia três antigas tabuinhas, muito gastas, sobre maneiras como uma mulher se podia tornar fecunda.

Mas depressa descobri que não eram esses os livros mais interessantes que havia em Floresta Mirrada. Os volumes mais fascinantes eram aqueles que tinham sido escondidos e esquecidos. No desordenado antigo estúdio de Paciência, descobri maços de cartas dela. As mais antigas, guardadas numa caixa com flores tão antigas que tinham perdido toda a cor e fragrância, estavam atadas com uma fita de couro. Eram missivas sentidas, enviadas por um jovem de grande paixão e maior contenção, prometendo-lhe que faria algo de si e adquiriria fortuna e reputação que pudessem compensar a sua falta de nascimento nobre. Suplicava-lhe que esperasse até poder ir ter com o seu pai e reclamar de forma honrosa o direito a cortejá-la. A última estava muito amarrotada e manchada, como se uma rapariga tivesse chorado frequentemente sobre ela. Na carta, ele censurava-a por querer fugir com ele sem querer saber do que isso faria à sua reputação ou a como o ato quebraria o coração do seu pai. Deduzi que os dois tinham sido vistos a partilhar um beijo e que a jovem Dama Paciência ia ser corrida para uma visita a Vilamonte e Jamaília com parentes, a fim de beneficiar da exposição à arte e à cultura e de a separar de ardentes e jovens cavaleiros. A Dama Paciência andaria em viagem durante quase dois anos. O jovem prometera-lhe que esperaria por ela, que continuaria a pensar nela e a trabalhar duramente. Ouvira dizer que havia necessidade de soldados, trabalho duro mas com muito melhor pagamento. Enquanto ela andasse por longe, ele buscaria fortuna e adquiriria o que fosse preciso para poder apresentar-se orgulhosamente ao pai dela e suplicar o direito de a cortejar.

O conjunto seguinte de cartas estava datado de alguns anos mais tarde e eram do Príncipe Cavalaria, pedindo-lhe perdão pela ousadia de lhe enviar um presente pessoal após a ter conhecido tão pouco tempo antes, mas

dizendo que não conseguira deter-se, pois os minúsculos brincos de ouro eram quase tão delicados e graciosos como ela. E perguntando se lhe permitiria visitá-la em breve.

As cinco cartas seguintes desfaziam-se igualmente em desculpas pelos contínuos presentes e missivas, todos acompanhados de um convite para ela viajar até ao Castelo de Torre do Cervo e ir fazer-lhe companhia em algum banquete, caçada ou espetáculo especial de acrobatas jamailianos. Eu não possuía as respostas dela, mas concluí que o tinha rejeitado repetidamente.

Soube em que dia o seu coração ganhou certo calor para com ele. Ele escrevera que não via por que motivo uma jovem dama não podia estar fascinada pelos métodos de trabalhar ferro e que esperava que os pergaminhos e a pequena bigorna e ferramentas que lhe enviava a ajudassem a dedicar-se a esse interesse. A carta seguinte expressava uma gratidão imorredoura pela colher que ela lhe enviara como demonstração da sua nova habilidade. Declarava a colher como um seu tesouro e dizia que lhe enviava alguns excelentes lingotes de ferro provenientes de Forja para que prosseguisse as experiências.

Depois disso, as cartas trocadas entre os dois tornaram-se mais frequentes e acabaram por ficar tão românticas que o meu interesse por elas desapareceu. Intrigou-me refletir que o primeiro conjunto de cartas de amor era de Castro, o homem que criara o meu pai e mais tarde casara com a minha mãe, criando a minha irmã como se ela fosse sua filha e sendo pai de seis rapazes com ela. Queria dizer que o primeiro amor dele fora a Dama Paciência, esposa do meu avô? E mais tarde ele criara o meu pai, antes de casar com a minha mãe? Os ramos retorcidos da minha árvore familiar entonteciam-me e fascinavam-me. E esse fascínio levou-me a surripiar mais pergaminhos do gabinete do meu pai.

Não comecei com a intenção de o espiar. Foi a procura por bom papel que me fez tirar uma dúzia de folhas da provisão dele. Só depois de estar em segurança no meu buraco com o papel, descobri que só a folha de cima estava em branco. Era claro que o meu pai tinha pousado uma folha limpa em cima de uma pilha de folhas escritas. Reuni-as para as devolver à sua secretária mas os olhos prenderam-se-me na sua caligrafia limpa e firme e

depressa dei por mim atraída pela sua história.

Era um relato simples sobre um incidente na sua infância. Lembro-me de, na altura, me ter interrogado sobre o motivo por que ele o escrevera. Era óbvio que o recordava com clareza; para quê perder tempo a registá-lo em papel? Só mais tarde vim a aprender, através da anotação obsessiva dos meus sonhos, que por vezes a melhor forma de compreender alguma coisa é escrevê-la. O relato dele começava com reflexões sobre amizades, sobre como elas começam e como terminam, e também sobre amizades que nunca aconteceram ou talvez nunca devessem ter acontecido. Depois contou a sua história.

O incidente que registava era simples mas, ao seu jeito meticuloso, notara que acontecera à hora em que o orvalho já evaporara dos jardins de Torre do Cervo mas o sol ainda não os aquecera. O meu pai e o seu cão, chamado *Narigudo*, estavam a escapular-se para fora do castelo para seguirem o caminho íngreme e arborizado que levava à Cidade de Torre do Cervo. Para o fazer, ele estava a fugir aos seus deveres e já se sentia culpado, mas o anseio por estar com crianças da sua idade e ter algum tempo para brincar havia conquistado o medo do castigo que receberia por se ausentar.

Ao sair dos jardins, calhara-lhe olhar para trás e ver outro jovem sentado no topo do muro, a observá-lo. “Pálido como um ovo e com aspeto igualmente frágil.” O rapaz estava sentado de pernas cruzadas, com os cotovelos assentes nos joelhos e a cara pousada nas mãos de dedos longos, enquanto fitava o meu pai. O meu pai sentira, com grande certeza, que o rapaz ansiava por saltar para baixo e segui-los. Suspeitava que se tivesse feito algo tão simples como sorrir ou sacudir a cabeça, o rapaz ter-se-ia juntado a ele.

Mas não o fizera. Ainda era o Novato no bando de crianças da cidade com quem corria, e não tinha grande segurança em ser lá aceite. Trazer consigo outro desconhecido, e especialmente um tão pálido e estranho, vestido com o traje de um bobo, poria em risco tudo o que conquistara. Temera então que fosse excluído juntamente com o rapaz pálido ou, pior, tivesse de escolher entre defendê-lo de uma surra ou juntar os punhos e os pés a quem a daria para demonstrar que estava unido aos seus novos

amigos. Por isso, virara-lhe as costas e apressara-se a seguir caminho com o cão, deixando o rapaz pálido ali empoleirado.

Ergui a última folha, esperando encontrar mais história, mas aí só havia algumas palavras esborratadas, com a tinta tão espalhada por água que não consegui ler o que ele começara a escrever. Voltei a empilhar as páginas e alinhei-as. A tinta nas páginas era escura e nova; aquilo era algo que ele não escrevera anos antes, mas no máximo dias. Por isso, era provável que procurasse aquelas folhas em breve, talvez para concluir a história, e descobrisse a sua falta. O que podia ser desastroso para mim.

Contudo, não consegui resistir à vontade de voltar a ler tudo antes de regressar ao seu gabinete para devolver aquelas folhas e surripiar mais papel. Mas não foi só isso que levei.

Sempre soubera que o meu pai passava quase todas as noites algum tempo com a pena e a tinta. Sempre partira do princípio de que isso teria a ver com as contas da propriedade, com o registo de salários pagos, de quantas ovelhas tinham sido tosquiadas, de quantos cordeiros haviam nascido na primavera e de como tinham corrido as vindimas. De facto, quando mais tarde explorei o seu gabinete normal, foram essas coisas que encontrei nos seus papéis. Mas ali, no seu gabinete privado, a escrita formava um conjunto bem diferente. Eu tive a certeza de que eram escritos que ele nunca esperara partilhar com ninguém.

A minha mãe fora uma leitora pragmática, que tendia a só decifrar textos que tivessem alguma utilidade para ela. Chegara às letras tarde na vida e, embora as tivesse dominado, elas nunca se tinham tornado suas boas amigas. Por isso não havia dúvida de que o meu pai teria achado improvável que ela lhe espreitasse os papéis. E a maior parte dos nossos criados também não era gente letrada, com a exceção de Pândego; o meu pai não empregava um escriturário para manter os registos ou escrever a sua correspondência, preferindo fazê-lo pessoalmente. E o seu gabinete privado não era uma área que os criados limpassem ou onde fossem de todo. O meu pai mantinha aí a desordem a um nível que achava tolerável e mais ninguém ousava entrar.

Exceto eu.

Por isso, os seus escritos privados estavam escondidos à vista de todos. Não levei muitos, só uma mancheia, e escolhi os que estavam nas prateleiras mais empoeiradas. Devolvi os que levava por acidente à sua pilha de papéis e depois desapareci com aquela nova provisão de fascinante leitura. Comecei a fazer aquilo como exercício diário, lendo, devolvendo ao lugar o que lera e roubando mais. Abri uma janela para a vida do meu pai que de outra forma nunca teria vislumbrado.

Senti que tinha começado a ler a história dele no meio, pois os diários mais antigos eram reflexões sobre a vinda para Floresta Mirrada e o início da vida com a minha mãe. Contava como se apresentara como marido da Dama Moli, nascido plebeu, e simples gestor da propriedade da Dama Urtiga. Isso explicou-me por que motivo eles tinham decidido viver de forma tão simples; ele continuava escondido de todos os que pudessem suspeitar que FitzCavalaria Visionário, em vez de morrer nas masmorras do Príncipe Majestoso, se erguera da sepultura e se transformara em Tomé Texugo. Essa foi uma história que discerni aos poucos a partir dos seus escritos. Suspeitava que algures, talvez no Castelo de Torre do Cervo, deveria haver um relato completo dessa porção da sua vida. Ansiava por saber o motivo por que ele fora condenado à morte e como sobrevivera, e mil outras coisas sobre ele. Descobri, aos bocados, que Urtiga era realmente minha irmã plena. Isso foi uma revelação. Depressa compreendi que o meu pai não era o homem que eu julgara. As mentiras e enganos ocultavam-no e cobriam-no com tantas camadas que despertaram receio em mim. Descobrir que tudo o que julgava saber sobre ambos os meus pais se baseava em falsidades e enganos deliberados abalou-me.

Se ele era FitzCavalaria Visionário, filho primogénito de um rei que abdicara do trono, então quem era eu? A Princesa Abelha? Ou simplesmente Abelha Texugo, filha do padrasto da Dama Urtiga? Fragmentos de conversas que eu ouvira entre os meus pais, pensamentos que a minha mãe tivera enquanto estava grávida de mim, comentários de Urtiga, tudo começou a encaixar-se e a fazer um espantoso sentido.

Acabara de regressar ao meu quarto, já tarde, no terceiro dia depois da descoberta que fizera sobre o meu pai. Saíra da minha pequena toca pela

entrada na despensa e, na escuridão, subira as escadas e reconquistara a segurança do meu quarto. Atrevera-me a trazer comigo um dos documentos do meu pai. Ele escrevera uma nota no topo, informando que se tratava de uma nova cópia de um manuscrito antigo. Intitulava-se *Instrução de Potenciais Estudantes de Talento na Defesa da Mente*. Nos últimos tempos, ele deixara material bastante estranho em cima da secretária. Encontrara lá uma cópia escrita de uma canção chamada “Círculo de Fogocruzado.” E um manuscrito sobre cogumelos com lindas ilustrações nele pintadas. Estava a tentar ler o texto que se debruçava sobre a proteção da mente quando ouvi o meu pai bater-me à porta. Mergulhei na cama, enfiei o papel por baixo da almofada, e enterrei-me à pressa sob as mantas. Quando ele abriu a porta, virei-me lentamente para ele como se tivesse sido acordada.

“Desculpa, querida. Eu sei que é tarde.” Ele soltou um pequeno suspiro e depois mentiu. “Lamento ter tido tão pouco tempo para ti durante os últimos dias. Houve muito a fazer para aprontar as coisas para a nossa prima, e isso fez-me perceber como estava atrasado na manutenção da casa. Mas amanhã é o dia em que Esquiva vai chegar. Portanto, queria falar contigo esta noite, para ver se tinhas algumas perguntas a fazer.”

Estudei a cara dele por um momento, à luz tremeluzente do fogo na lareira. Atrevi-me. Falei. “Na verdade tenho. Estava curiosa para saber o que foi que, no meu sonho, te deixou tão zangado.”

Durante algum tempo, ele limitou-se a olhar para mim. Vi que os seus olhos não estavam zangados, mas cheios de dor. Seria por isso que ele andara a evitar-me? Quase conseguia senti-lo a pensar se haveria de mentir ou não. Depois disse baixinho: “O teu sonho fez-me pensar em alguém que conheci há muito tempo. Era um homem muito pálido e tinha frequentemente sonhos peculiares. E quando era criança, escrevia os sonhos, tal como tu disseste que ias fazer.”

Observei a sua cara, à espera. Ele ergueu a mão, tapando a boca enquanto esfregava a cara barbada. Talvez estivesse a pensar, mas a mim parecia que estava a conter palavras dentro de si. Voltou a suspirar, um suspiro pesado. “Fomos grandes amigos durante muito, muito tempo. Fizemos coisas difíceis um pelo outro. Arriscámos a vida. Abdicámos da vida e

enfrentámos a morte e depois voltámos a enfrentar a vida. Pode surpreender-te descobrir que enfrentar a vida pode ser muito mais difícil do que enfrentar a morte.” Parou de falar e ficou em silêncio durante algum tempo, a pensar em qualquer coisa. Quando pestanejou e voltou a olhar para mim, pareceu quase surpreendido por me ver. Respirou fundo. “Bom. Portanto, quando disseste que tinhas tido um sonho com um homem pálido, e que ele estava morto, bem... isso alarmou-me.” Afastou o olhar de mim, dirigindo-o para um canto sombrio do quarto. “Foi um pouco tolo levá-lo a sério, admito. Bom. Falemos da vinda da tua prima, está bem?”

Encolhi os ombros. Continuava a matutar sobre a resposta dele. “Não me parece que tenha alguma pergunta sobre ela até a conhecer. Exceto... o que é que ela te vai ajudar a fazer?”

“Oh, bom, isso ainda não está inteiramente decidido.” Fez um sorriso evasivo. Creio que o sorriso teria enganado qualquer pessoa que não o conhecesse tão bem como eu. “Vamos conhecê-la e ver o que ela faz bem, e depois damos-lhe esse tipo de coisa para fazer,” acrescentou com vivacidade.

“Ela sabe cuidar de abelhas?”, perguntei, num súbito alarme. Quando a primavera chegasse, não queria que ninguém além de mim tocasse nas colmeias dormentes da minha mãe.

“Não. Quanto a isso, tenho toda a certeza.” A resposta do meu pai soou tão enfática como a minha pergunta tinha sido. Senti uma sensação de alívio. Ele veio sentar-se aos pés da minha cama. Era uma cama muito grande; ainda parecia que ele estava do outro lado do quarto. A minha mãe ter-se-ia sentado ao meu lado, perto o suficiente para me tocar. *Partiu*. O pensamento soprou outra vez por mim. O meu pai pareceu ter sentido esse mesmo vento gelado, mas não se aproximou mais de mim.

“O que aconteceu ao teu amigo pálido?”

Ele estremeceu, e depois colocou um sorriso indiferente no rosto. Encolheu rigidamente os ombros. “Foi-se embora.”

“Para onde?”

“Voltou para o sítio de onde tinha vindo. Uma terra muito a sul daqui. Chamava-lhe Clerres. Não sei ao certo onde fica. Ele nunca me disse.”

Refleti durante algum tempo. “Mandaste-lhe alguma mensagem para lhe dizer que tinhas saudades dele?”

Ele riu. “Pequena, tens de saber para onde uma carta tem de ir antes de a enviáres.”

Eu não me referira a uma carta. Referia-me àquela outra forma de contacto que ele e a minha irmã tinham. Desde que começara a conter-se dentro da sua mente, eu ouvia muito menos dessa comunicação do que ouvira antes. E desde que eu a sentira a puxar-me e a tentar desfazer-me em nada, evitara sempre tentar compreendê-la. Sentira-o fazê-lo pelo menos uma dúzia de vezes nos últimos dias, mas não soubera ao certo quem contactara ou o que transmitira. No entanto, não fora o seu amigo pálido.

“E ele vai voltar algum dia?”, perguntei em voz alta. Ele apareceria e afastaria o meu pai de mim?

O meu pai voltou a cair naquela quietude. Depois abanou lentamente a cabeça. “Não me parece. Acho que se ele fosse regressar ou enviar-me uma carta, já o teria feito por esta altura. Disse-me antes de partir que o trabalho que ele e eu tínhamos de fazer estava feito e que, se ficasse perto de mim, podia desfazê-lo acidentalmente. E isso queria dizer que tudo aquilo por que passámos tinha sido para nada.”

Tentei compreender mentalmente aquilo. “Como o erro do bonecreiro.”

“O quê?”

“Daquela vez que os bonecreiros apareceram no meio da tempestade e a mãe os deixou entrar. Lembras-te? Montaram um palcozinho no Grande Salão e, apesar de estarem muito cansados, apresentaram-nos um espetáculo.”

“Eu lembro-me disso. Mas qual foi o erro?”

“No fim, depois de o Soldado Azul ter matado o Javali das Presas Vermelhas e libertado a Nuvem de Chuva para poder chover na terra e as plantas crescerem, lembras-te? A história devia parar aí. Mas depois, quando eles estavam a dobrar as cortinas, eu vi o Soldado Azul pendurado ao lado do Javali das Presas Vermelhas e as presas dele estavam enfiadas nas partes vitais do soldado. Portanto eu percebi que no fim, afinal, o Javali voltou e matou o soldado.”

“Hmm, não, Abelha. Isso não fazia parte da história! Foi só uma coisa que aconteceu quando as marionetas foram guardadas.”

Ele não estava a perceber nada. Expliquei. “Não. Era a história seguinte. Como o teu amigo disse que podia acontecer. Um acidente quando tudo devia já ter acabado.”

Ele fitou-me com os seus olhos escuros. Eu conseguia olhá-los até um lugar profundo onde as coisas ainda estavam quebradas e nunca seriam consertadas. A minha mãe sempre fora capaz de fazer essa parte quebrada recuar, mas eu não sabia como. Talvez ninguém soubesse. “Bom, é tarde,” disse ele de repente. “E eu acordei-te e mantive-te acordada mais tempo do que queria. Só quis ter a certeza de que não estavas preocupada com a chegada da tua prima. Estou contente por não teres problemas com isso.” Levantou-se e espreguiçou-se.

“Tenho de lhe obedecer?”

Ele deixou cair os braços de repente. “O quê?”

“Tenho de obedecer a Esquiva Tombastela quando ela vier?”

“Bem, ela é uma mulher crescida, portanto deve ser respeitada por ti. Tal como respeitas Tavia e Amena.”

Respeitar. Não obedecer. Conseguia fazer isso. Acenei lentamente com a cabeça e enfiei-me mais na cama. A minha mãe teria vindo aconchegar melhor as mantas à minha volta. Ele não o fez.

Foi em silêncio até à porta e depois parou. “Querias uma história? Ou uma canção?”

Pensei no assunto. Queria? Não. Tinha as histórias dele, as histórias reais dele, em que pensar até adormecer. “Esta noite não,” disse, e bocejei.

“Muito bem. Então dorme. Até amanhã.” Fez um grande bocejo. “Vai ser um grande dia para todos nós,” disse, e aquilo a mim soou mais a temor do que a antecipação.

“Papá?”

Ele parou mesmo junto da porta. “O que é?”

“Devias cortar o cabelo esta noite. Ou penteá-lo amanhã com óleo, ou seja lá como os rapazes fazem isso. Agora está com um ar muito selvagem. E a barba está horrível. Como, como...” Procurei por palavras que tinha

ouvido muito tempo antes. “Como um pónei de montanha com o pelo meio tosquiado.”

Ele ficou muito imóvel e depois sorriu. “Ouviste isso a Urtiga.”

“Acho que sim. Mas é verdade.” Atrevi-me a acrescentar: “Por favor, fá-lo. Já não tens de parecer mais velho, como marido da mãe. Quero que pareças meu pai, não meu avô.”

Ele ficou ali parado, a tocar a barba com uma mão.

“Não. Ela nunca gostou dela. Devias cortá-la toda.” Eu compreendera o que ele estava a pensar.

“Bem. Nesse caso talvez a corte.” E fechou suavemente a porta atrás de si.

CAPÍTULO 15

UMA CASA CHEIA

Olho-Rebelde sempre foi uma Catalisadora relutante para o seu Mestre, pois via-o mais como atormentador do que como mentor. Pelo seu lado, o velho Branco não estava contente por a sua Catalisadora ser uma jovem tão feia e ressentida. Queixava-se em todos os seus escritos por o destino o ter feito esperar a maior parte da vida pelo nascimento dela e depois, quando a encontrara e tornara sua companheira, ela transformara a sua velhice numa provação. Apesar disso, como o seu escurecimento comprovava, ele conseguiu completar algumas das tarefas que lhe tinham sido atribuídas pelo destino, e, quando morreu, disse-se que tinha, de facto, colocado o mundo num caminho melhor.

Brancos e Catalisadores, Eulen Screep

Esquiva chegou à tarde. Cavalgava uma pequena égua em bom estado, cor de canela com patas brancas, e Enigma acompanhava-a num castrado branco e pernilongo. O manto verde que trazia estava forrado de peles e envolvia-a não só a ela, mas a metade da montada. Uma mula seguia-os, carregada com um baú de um lado e várias caixas do outro. Bom. Breu fornecera o dinheiro e Esquiva não perdera tempo a ordenar a Enigma para a levar a uma vila franca de maiores dimensões. Suspeitei que os dias passados desde a última vez que a vira tinham sido gastos a adquirir aquelas coisas. Voltei a interrogar-me sobre o que teria precipitado uma partida tão apressada de onde quer que Breu a mantivera para ter deixado todas as suas posses para trás. Teria o atentado contra a sua vida sido assim tão grave? E quem seria o seu inimigo para conseguir encontrá-la quando nem Enigma nem eu sabíamos da sua existência, muito menos da sua localização? Havia ainda muito mais mistérios ligados àquela jovem do que eu gostaria.

Saí-lhes ao caminho. Tinha o cabelo escovado e sentia a cara a picar de

ter rapado os últimos restos de barba. Encontrara a minha última camisa limpa e dera às botas uma limpeza rápida com a camisa suja. Teria de arranjar tempo para fazer uma trouxa com a roupa suja e pedir a um dos criados para tratar dela. Apercebera-me, com vergonha, de que nunca antes perdera um momento para pensar nessas coisas. Moli assegurara-se de que o meu guarda-roupa era mantido em ordem. Moli...

Decidira que as minhas calças estavam apresentáveis e saíra apressadamente do quarto que tínhamos em tempos partilhado. Por que motivo estava a preocupar-me com a aparência? Afinal de contas, eram só Enigma e Esquiva.

Esperara ter Abelha a meu lado mas, apesar de a ter chamado quando um rapaz apareceu a correr para me dizer que cavalos vinham subindo o caminho, ela não me respondera. Nos últimos tempos dera-lhe para desaparecer na casa. Embora tivesse começado a falar mais, sentia que me estava a dizer menos. Ainda evitava olhar-me nos olhos. Eu estava habituado a isso, mas não aos olhares de viés que me mandava, como se estivesse a avaliar-me e a estudar as minhas respostas. Era enervante.

E não tivera realmente tempo para dedicar à compreensão daquilo. Um verdadeiro dilúvio de trabalho ensopara-me em detalhes. O inverno revela sempre o que de pior existe numa casa. Se um telhado vai abrir goteiras, as tempestades de inverno tratam de que isso aconteça. Chaminés entupidas enchiam quartos de hóspedes de fumo e de mau cheiro. Parecia-me que, precisamente na altura em que eu já estava sobrecarregado, o solar virava-se contra mim e arranjava todos os problemas imagináveis. A coroa fornecia a Urtiga fundos generosos em paga pelo seu trabalho como Mestra do Talento do círculo de Respeitador. E a Rainha Kettricken outorgara mais fundos para a manutenção de Floresta Mirrada, como reconhecimento por tudo o que Castro fizera pela monarquia Visionário ao longo da vida. Portanto havia dinheiro para fazer as reparações, mas isso não tornava mais palatável para mim o ruidoso e perturbador processo de mandar vir trabalhadores para o solar. E também não diminuía a irritação comigo próprio por ter passado o verão inteiro a adiar.

Portanto, no meio das idas e vindas dos trabalhadores, das carroças que

chegavam com lenha, tábuas e tijolos, e das pessoas que misturavam argamassa em tinhas, Esquiva e Enigma chegaram. Enigma, maldito fosse, nem tentou esconder o divertimento, ao passo que a consternação de Esquiva se lhe viu claramente na sua cara. Chamei um moço de estrebaria para levar os cavalos e Pândego apareceu para ordenar a uma nova criada que arranjasse alguém para transportar os baús de Esquiva para o quarto de hóspedes. Disse-me que preparara refrescos no Quarto do Tejo, uma sala de estar relativamente sossegada. Agradei-lhe e pedi-lhes para me seguirem até lá. Ao chegarmos, a nova ajudante de cozinha estava mesmo a sair. Precisei de um momento para me recordar de que o seu nome era Opala. Agradei-lhe. Havia uma gorda chaleira fumegante em cima da mesa e um conjunto de pequenos bolos sortidos. Ela disse-nos que voltaria dentro de um momento com pastéis de salsicha acabados de fazer e perguntou se queríamos mais alguma coisa. Esquiva estudou a mesa e pediu vinho. E talvez um pouco de queijo e pão cortado. E manteiga. Opala fez uma vénia e disse que o diria à cozinheira Nozmoscada. Acrescentei mais uma tarefa às suas, pedindo-lhe para ver se alguém conseguia encontrar a Dama Abelha e mandá-la ter connosco. Depois, ela foi-se embora e eu virei-me para Esquiva e Enigma.

“Lamento o barulho. Parece que assim que descobri que uma coisa precisava de reparação, ela levou a outra. Prometo que o quarto que vais ter esta noite é acolhedor e quente, e disseram-me que no fim da semana os teus aposentos devem estar inteiramente habitáveis. Não tivemos muitos hóspedes com estadias demoradas aqui em Floresta Mirrada e temo que a casa não tenha sido tão bem conservada como podia ter sido.”

A consternação nos olhos de Esquiva aprofundou-se.

“A Dama Abelha não está aqui? Ela está bem?”, interveio Enigma. Talvez tivesse a esperança de mudar de assunto.

Como que invocada pelas palavras dele, ouviu-se uma leve batida na porta e Abelha pairou para dentro da sala. Não havia outra palavra para o modo como se movia. O seu corpo estava lânguido de elegância, e as pupilas dos seus olhos estavam tão dilatadas que os olhos pareciam quase negros. Fitou-me e, quando falou, as suas palavras soaram pesadas. “É

hoje,” disse. Sorriu de forma etérea. “A borboleta no jardim, pai. A asa está no chão e o homem pálido espera-te.”

Silenciou-se, enquanto todos a fitávamos. Senti-me desolado; estaria drogada? Doente? Aquilo não se parecia em nada com a Abelha que eu já vira. Enigma parecia horrorizado. Fitou-a e depois virou olhos acusadores para mim. Eu por vezes esquecia-me de como ela parecia nova às pessoas que não a conheciam bem. Ouvir palavras como aquelas vindas de uma menina de nove anos já teria sido bem alarmante, mas a maior parte dos observadores teria suposto que a idade dela não passaria dos seis. Esquiva falou. “Julgava que havíeis dito que tínheis uma filha. Quem é este rapazinho? É costume os vossos criados falarem assim convosco?”

Eu mal a ouvi. “Abelha, estás bem?”

Ela inclinou a cabeça, como se me estivesse a encontrar pelo som, não pela visão. A expressão no seu rosto era beatífica. “É tão bom ter razão. Quando o círculo se fecha. E as coisas realmente acontecem. Devias ir, depressa. Não há muito tempo.” Abanou devagar a cabeça. “O mensageiro percorreu um caminho tão longo para morrer à soleira da porta.”

Consegui orientar-me. “Temo que a minha filha esteja doente.” Atravessei a sala e peguei-a ao colo. Quando lhe toquei, ela ficou rígida. Selei-me à pressa. “Enigma, por favor, cuida de tudo o resto.” Enigma disse qualquer coisa enquanto eu saía, com uma voz ansiosa. Fechei a porta às suas palavras.

Percorri o corredor a passos largos, com Abelha nos braços. Virei para a levar para as escadas e o seu quarto, mas ela ganhou subitamente vida nos meus braços e, com uma torção de corpo, libertou-se do meu amplexo. Aterrou em pé, cambaleou até quase cair e depois contorceu o corpo na direção oposta para permanecer em pé. Por um momento pareceu uma rapariga feita de fluido. Depois saltou para longe de mim, gritando por sobre o ombro: “Por aqui, FitzCavalaria. Por aqui!” A voz soou etérea enquanto ela fugia de mim.

Persegui-a. A criança corria e os seus pés estreitos pareciam mal rasar o chão. Fugiu para a ala ocidental da casa, a parte menos usada e, felizmente, uma parte que não estava infestada de trabalhadores. Virou para um

corredor que levava a uma das salas de jardinagem de Paciência. Julguei que a apanharia aí, mas ela serpenteou, célere como o vento, por entre elaborados vasos de fetos e gordos vasos a transbordar de trepadeiras. “Abelha!” Gritei-lhe sussurradamente o nome, mas ela não parou. Percorri o caminho estreito, aos saltos e ziguezagues, atrasado pelos obstáculos e, impotente, vi-a abrir uma porta e precipitar-se para fora, para uma secção do jardim em que sebes formavam um labirinto.

Segui-a. A minha perseguição e a fuga dela tinham sido silenciosas, à parte o tamborilar dos seus pés e o meu passo mais pesado. Não gritei o seu nome nem lhe pedi para parar ou voltar para junto de mim. Não tinha nenhuma vontade de chamar a atenção para o comportamento aberrante da minha filha e para a minha incapacidade de a controlar. Que se passava com ela? E como poderia eu explicar aquilo a Enigma, por forma a impedi-lo de me julgar desleixado? Tinha a certeza de que ele relataria o acontecido a Urtiga, o que reforçaria a insistência dela em que Abelha lhe fosse entregue. E quanto a Esquiva, não conseguia imaginar uma introdução a Floresta Mirrada, a Abelha ou a mim que fosse pior do que a que acabara de ter.

O jardim daquele lado da casa beneficiara vivamente da natureza impetuosa de Paciência. Se alguma vez algum plano ou intenção fora aplicado à zona, ou o crescimento do jardim o ultrapassara, ou fora plano que só Paciência teria compreendido. E Abelha levou-me a atravessar aquela esotérica selva de caminhos, muros de pedra, bebedouros para aves e estátuas. Dançou ao longo dos caminhos cobertos de neve de um jardim formal e depois saltou por cima de uma pequena paliçada e correu por um carreiro abrigado por roseiras sem folhas que formavam uma latada arqueada. Caminhos de gravilha cobertos de neve davam abruptamente lugar a montes de musgo e fetos, muros baixos que se intersetavam e, numa zona, vasos elevados permitiam que trepadeiras caíssem em cascata sobre uma armação por cima do caminho, convertendo o dia pouco luminoso de inverno num túnel envolto em verdura. Eu sempre adorara o carácter aleatório do jardim; ele falava-me da floresta, e fazia-me lembrar da minha viagem pelas Montanhas em busca de Veracidade e dos dragões. Mas naquele dia, o jardim parecia mostrar um desejo deliberado de me reter

enquanto deixava Abelha esgueirar-se tão agilmente como um furão. Ela penetrou no abrigo de um bosque de pinheiros.

E foi então que a apanhei. Estava em pé, imóvel, a fitar qualquer coisa caída no chão. À sua direita, o antigo muro de pedra solta que assinalava o limite dos jardins da propriedade estava carregado de musgo verde-escuro. Logo atrás havia uma íngreme encosta arborizada e depois passava a estrada pública que levava à entrada de Floresta Mirrada e ao grandioso caminho para carruagens. Quando a apanhei, estava a arquejar e, pela primeira vez, apercebi-me de que ela conhecia muito bem aquela secção da propriedade. Nunca pensara que a minha filhinha fosse brincar para tão perto de uma estrada, mesmo uma estrada tão pouco movimentada.

“Abelha,” arquejei quando me aproximei o suficiente para lhe falar sem gritar. “Tu nunca mais...”

“A asa de borboleta!”, exclamou ela, apontando. E estacou, imóvel como uma estátua. Os seus olhos estavam esbugalhados e, quando olhou para mim, pareceram negros debruados de azul. “Vai,” sussurrou, suavemente. “Vai ter com ele.” Fez um gesto com uma mão esguia e sorriu-me como se me estivesse a dar um presente.

Cresceu em mim uma premonição de desastre tão forte que o meu coração, que anteriormente estivera a bater rapidamente de exaustão, agora começava a bater ainda mais depressa de temor. Avancei para onde ela apontava. Um pequeno animal negro saltou subitamente de nenhures e precipitou-se para a floresta. Eu gritei de surpresa e estaquei. Um gato. Só um dos gatos bravios de Floresta Mirrada, à caça de ratos. Só um gato. Dei mais dois passos e olhei para baixo.

Ali, num profundo leito de musgo ensombrado, ainda salpicado da geada da noite anterior, estava uma asa de borboleta do tamanho da palma da minha mão. Havia brilhantes painéis de vermelho, dourado e azul-escuro, separados por veios escuros que faziam lembrar os chumbos num vitral. Parei, petrificado. Nunca vira uma borboleta de tal tamanho e brilho, e muito menos nos dias frios do início do inverno. Fiquei a fitar aquilo.

“É para ti,” sussurrou ela. Deslocara-se para junto de mim sem fazer um som. “No meu sonho era para ti. Só para ti.”

Numa espécie de aturdimento, caí sobre um joelho ao lado daquela estranha coisa. Toquei-a com o indicador; era suave e flexível como a melhor seda. Com suavidade, preendi uma ponta entre os dedos e ergui-a.

Ao fazê-lo, transformou-se numa coisa completamente diferente. Não uma asa de borboleta, mas um delicado manto de impossível leveza. Flutuou como o véu de uma dama e, de súbito, as cores revelaram-se como o canto do forro de um bocado de tecido muito maior. O tecido propriamente dito era precisamente dos tons do musgo e das sombras que o salpicavam, fundindo-se perfeitamente com o chão sob os pinheiros. Ao erguê-lo, revelou mais do berrante forro semelhante a uma asa de borboleta do manto, e depois destapei o que fora escondido por baixo.

O Bobo.

Pálido e magro como ele fora quando éramos rapazes, ele aninhava-se no chão nu. Tinha os braços muito apertados contra o corpo e estava enrolado sobre si próprio, com o queixo encostado ao peito. O seu cabelo branco como gelo estava solto, em parte colado à cara, em parte emaranhado no profundo musgo. Detestei ver a sua cara encostada à terra fria. Um besouro arrastava-se pelo musgo perto do seu lábio. Não estava vestido para aquele tempo: viera para ali de um lugar muito mais quente. Usava uma longa túnica de algodão, com um padrão de grandes manchas de ferrugem num fundo cor de trigo, por cima de calças largas e simples, de uma cor ligeiramente mais escura. Tinha uma bota num pé; o outro estava descalço, sujo e ensanguentado. A sua pele estava da cor do alabastro, os olhos fechados e os lábios de um rosa tão claro como as guelras de um peixe. Estava imóvel. Depois, os meus olhos compreenderam que as grandes rosetas nas costas da camisa eram na verdade manchas de sangue.

Surgiu um rugido nos meus ouvidos e escuridão na periferia da visão.

“Papá?” Abelha puxou-me pela manga, e apercebi-me de que já estava a puxá-la há alguns minutos. Eu estava de joelhos junto do Bobo. Não saberia dizer quanto tempo passara ali paralisado.

“Vai tudo ficar bem, Abelha,” disse-lhe, com total certeza de que não ficaria nada que se parecesse. “Corre para casa. Eu cuido disto.”

Outro homem qualquer tomou conta do meu corpo. Levei os dedos à

garganta dele sob o ângulo do maxilar. Esperei e, quando tive a certeza de que não havia pulso, senti um batimento. Ele não estava morto, não por inteiro. A pele, que nunca fora quente ao toque, estava fria como uma peça de carne. Envolvi-o no manto de borboleta e ergui-o, sem me deter nos seus ferimentos. Ele já os tinha há algum tempo. Atrasar-me agora para ter cuidado com eles não o salvaria, mas mantê-lo mais tempo ao frio podia acabar com ele. Ele não soltou um som. Senti-o muito leve nos meus braços, mas a verdade é que ele nunca pesara muito.

Abelha não me obedecera e descobri que não me importava. Trotou a meu lado, a crepitar de perguntas como um lenho seivoso ao lume, muito de regresso a si própria. Ignorei-as. O peculiar ataque que sofrera parecia ter passado. Ainda me preocupava, mas não tanto como o homem inconsciente que levava nos braços. Cuidaria das minhas crises uma de cada vez. Com calma. Desapaixonadamente.

De repente, perguntei a mim próprio o que estava a sentir. A resposta surgiu-me com grande clareza. Nada. Absolutamente nada. Ele ia morrer e eu estava determinado a parar de sentir fosse o que fosse sobre isso antes de acontecer. Passara por dor suficiente com a morte de Moli. Não ia sentir mais nada. Ele passara anos longe da minha vida. Se nunca tivesse voltado, eu não teria passado por nenhuma sensação de perda. Não. Não fazia sentido sentir alguma coisa por tê-lo recuperado quando era tão óbvio que ia perdê-lo de novo. De onde quer que ele tivesse vindo, fizera uma longa viagem para trazer agonia para a minha porta.

E eu não ia aceitá-la.

Descobri que, sem saber como, percorrera de volta todo o trajeto da perseguição a Abelha pelos jardins. Ela esperava por mim ao lado da porta da sala de jardinagem de Paciência. Não olhei para ela. “Abre a porta,” disse, e ela fê-lo, e eu levei-o para dentro. A minha mente parou por um instante, lutando por decidir o que fazer, mas o meu corpo e a minha filha não pararam. Ela correu à minha frente, a abrir portas, e eu segui-a sem pensar.

“Põe-no ali. Naquela mesa,” disse ela, e apercebi-me de que me levava para a pequena sala onde Moli fizera o seu trabalho com as colmeias.

Estava arrumada, como ela sempre a deixara, mas ainda cheirava a ela e ao seu trabalho, ao mel odorífero, à cera, até ao odor almiscarado a abelhas mortas de quando limpava uma colmeia de madeira. Na verdade era uma boa escolha, pois havia panos, lavados, secos e dobrados, e baldes, e...

Ele soltou um pequeno som arquejante quando o baixei para a mesa e eu percebi o que queria dizer-me. Com o máximo de cuidado, virei-o, deitando-o de bruços. Mesmo assim, soltou um gemido de dor, mas eu sabia que os ferimentos nas costas seriam os piores.

Abelha observara em silêncio. Agora pegava em dois pequenos baldes destinados ao mel. “Água quente ou fria?”, perguntou-me, muito séria.

“Um pouco de cada,” disse-lhe.

Ela parou à porta. “O mel é bom para as infeções,” disse-me, séria. “O homem-borboleta vai sentir-se mais em casa aqui, porque as abelhas não são, talvez, assim tão diferentes das borboletas.”

Saiu e eu ouvi os seus pequenos pés a percorrer o corredor. Perguntei a mim próprio o que pensaria Enigma do meu súbito abandono, e o que diria a Urtiga e a Breu. Era tão mal-educado da minha parte. Desatei o glorioso manto e pu-lo de parte. Estranha peça de vestuário; pouco mais pesava do que seda de aranha. Fazia-me lembrar a espantosa tenda que o Bobo trouxera consigo das Ilhas Externas. Atirei a memória para o fundo. Esperei que Esquiva não se estivesse a sentir negligenciada. Agradar-lhe-iam os aposentos temporários? Pensei cuidadosamente nisso e nas desculpas que podia dar para o meu atraso, enquanto as minhas mãos lhe iam cortando a túnica ensanguentada. Afastei-lhe a roupa das costas como se estivesse a esfolar um veado. O tecido ensopado em sangue estava tão hirto como pele gelada e agarrava-se aos ferimentos. Cerrei os dentes e tentei ser suave enquanto o soltava. Dois dos ferimentos reabriram, deixando correr um sangue aguado. Ele estava muito imóvel e só depois de o ter livrado da roupa, parei para pensar na sua extrema magreza. Conseguia contar as saliências da sua espinha desde a nuca, e as costelas retesavam-lhe a pele das costas.

Os ferimentos, deduzi, teriam provindo de alguma espécie de projétil. Não setas, mas algo mais pequeno, que penetrara profundamente. Dardos?

Concluí que ele conseguira arrancá-los. Pelo menos, nada se projetava de nenhum dos ferimentos inchados e cobertos por crostas.

“Água.” Ela falou com um estranho sotaque, numa voz tão diferente da do meu Bobo que soube instantaneamente que me enganara por completo. A respiração prendeu-se-me na garganta. O desapontamento ensopou-me, ao mesmo tempo que crescia em mim um júbilo flutuante por aquela pessoa moribunda não ser o meu velho amigo. Que entontecedora rasteira me pregara a mente, levando-me de volta à adolescência e convencendo-me de que aquela pessoa era na realidade o Bobo! Contudo, ela parecia quase idêntica à lembrança que eu tinha dele, tal como fora nesses tempos. O alívio quase me desmoralizou mais do que o pânico que sentira antes. Agarrei-me à borda da mesa enquanto os joelhos se me dobravam. Oh, como os anos me tinham mudado! Onde estava a minha determinação férrea, os meus nervos forjados? Iria eu desmaiar? Não. Contudo, deixei os joelhos tocar o chão e baixei a cabeça, fingindo ter-me baixado para a olhar no rosto.

Não era o Bobo. Só a coloração era igual. Ela não tinha cheiro, tal como acontecera com o Bobo e, para a minha Manha, não estava lá de todo. Mas o nariz era mais pontiagudo, o queixo mais arredondado do que os do Bobo tinham sido. Como teria eu olhado para ela e julgado tratar-se dele?

“A água está a chegar,” disse, rouco. “Vou deixar-te beber primeiro. Depois vamos ter de limpar essas feridas.”

“És curandeiro?”

“Não. Não sou. Mas, há anos, tive um amigo parecido contigo.” Parei. O Bobo sempre se recusara a ir a curandeiros. Resistira a que alguém lhe tocasse no corpo para esse fim. Apercebi-me de que isso poderia não ser verdadeiro para todos os Brancos. “Vou imediatamente mandar chamar um curandeiro.”

“Não.” Ela falou rapidamente. A voz soou aspirada, de fraqueza e de dor. “Eles não compreendem. Nós não somos como a vossa gente.” E moveu a cabeça numa débil negação.

“Nesse caso farei o que puder por ti. Pelo menos limpar e ligar os teus ferimentos.”

Ela moveu a cabeça. Não percebi se estava a conceder-me ou a negar-me autorização. Tentou pigarrear mas a voz tornou-se mais rouca. “O que chamavas tu ao teu amigo?”

Endireitei-me em silêncio. O meu coração foi para um lugar muito quieto dentro de mim. “Ele foi bobo na corte do Rei Sagaz Visionário. Toda a gente lhe chamava simplesmente o Bobo.”

“Nem toda a gente.” Ela reuniu forças. “O que lhe chamavas tu?” Falava numa língua aprendida, sem sotaque, traída apenas pelas palavras que deixava cair.

Engoli o medo e a tristeza. Aquela não era altura para mentir. “Amado. Chamava-lhe Amado.”

Os lábios dela recuaram no que pretendia ser um sorriso. O hálito estava fétido de doença. “Então não falhei. Ainda não. Por atrasada que esteja, fiz o que ele pediu. Trago mensagem para ti. E um aviso.”

Ouvi uma voz no corredor. “Deixa-me levá-los. Estás a derramá-los tentando apressar-te.”

“Não me parece que devêsseis seguir-me.” A resposta que Abelha deu a Enigma foi tão torta como indignada. Ele seguira-a para me encontrar. Continuava a ser um homem de Breu. E provavelmente também de Urtiga, no que tocava à espionagem. Era inútil tentar evitar o que aí vinha. Mas podia poupar à minha hóspede um pouco de humilhação. Despi a camisa e pousei-a com leveza em cima dela. Mesmo assim, arquejou quando foi tocada e depois: “Oh, calor. Do teu corpo.” Soava pateticamente grata.

Um momento mais tarde, Abelha abriu a porta e Enigma entrou trazendo os pequenos baldes. Fitou-me e à minha camiseta de lã e depois olhou para a mesa. “Uma viajante ferida,” disse eu. “Não queres correr à aldeia e trazer um curandeiro?” Aquilo tirá-lo-ia do meu caminho até eu ter tempo de lhe lavar e ligar os ferimentos.

Enigma aproximou-se para ver melhor. “Ela é tão pálida!”, exclamou. Estudou-lhe o rosto. Ela ficou perfeitamente imóvel, de olhos fechados, mas não me parece que estivesse inconsciente, só a fingir está-lo. “Faz-me lembrar alguém...”

Não me permiti um sorriso. Lembrei-me de que ele nunca chegara a

conhecer o Bobo quando ele era assim tão obviamente um Branco. Quando Enigma o conheceu, ele usava o adequado nome de Dom Dourado, e era um homem realmente amarelo-acastanhado. Mas aquela rapariga era como o Bobo fora na infância: pálida, com olhos desprovidos de cor e de fino cabelo branco.

O olhar de Enigma virou-se para Abelha. “E então? Tu agora falas?”

O olhar dela saltou para mim e depois voltou a pular para Enigma. Dirigiu-lhe um sorriso ingênuo. “O papá disse que eu devia tentar não ser tão tímida perto de vós.”

“Há quanto tempo és capaz de falar com tanta clareza?”, insistiu ele. Ela voltou a deitar-me um relance, em busca de salvação.

“Ela perdeu muito sangue,” disse eu, para o apressar. Funcionou. Enigma pousou os pequenos baldes na mesa e virou-se para a porta.

“Traz a Avó Uirque,” disse eu às costas dele. “Vive na encruzilhada mesmo do outro lado do Mirra.” E era mais velha do que a maior parte das árvores da zona e os seus movimentos eram lentos. Uma boa curandeira, mas ele demoraria a regressar com ela. E eu esperava ter terminado os meus curativos por essa altura.

Depois, a porta fechou-se atrás dele e eu olhei com ares conspirativos para Abelha. “Eu sei que não podias tê-lo impedido de te seguir,” disse-lhe. “Mas achas que consegues manter Esquiva ocupada? Levando-a a dar uma volta à casa que não a traga para perto daqui?”

Ela fitou-me. Os seus olhos azuis, tão diferentes dos meus ou dos de Moli, pareceram ultrapassar a minha carne e os meus ossos e olhar para o coração de quem eu era. “Porque é que ela é um segredo?”

Na mesa, a nossa hóspede mexeu-se ligeiramente. Quase ergueu a cabeça. A sua voz foi um suspiro. “Estou em perigo. Caçada. Por favor. Que ninguém saiba que eu estou aqui. A água? Por favor.”

Eu não tinha copo, mas havia uma concha para mel entre as ferramentas de Moli. Apoiei-lhe a cabeça enquanto ela bebia três conchas de água fria. Quando lhe pousei a cabeça na mesa, refleti que era demasiado tarde para chamar Enigma de volta. Ele sabia que ela estava lá e, quando chegasse à encruzilhada, a Avó Uirque também saberia que cá tínhamos uma viajante

ferida. Refleti por um momento.

Abelha interrompeu-me os pensamentos. “Vamos esperar algum tempo. Depois mandamos o Amoso Trémulo seguir Enigma e dizer-lhe que a nossa hóspede se sentiu melhor e saiu sozinha. E para não trazer a curandeira, afinal.”

Fitei-a, surpreendido.

“É o melhor que podemos fazer,” disse ela, quase carrancuda. “Se Enigma já tiver falado com a curandeira, isso fará com que os que a perseguem lhe percam o rasto. Por algum tempo, pelo menos.”

Concordei com a cabeça. “Muito bem. Vai lá, então. Depois de falares com Amoso, tens de manter Esquiva ocupada durante algum tempo. Mostra-lhe a casa, depois os jardins e depois leva-a de volta para a sala de estar e deixa-a lá enquanto vais dizer à cozinha para lhe prepararem uma bandeja agradável. E depois escapas-te para aqui, para me informares de como tudo correu. Consegues fazer tudo isto?” Esperava que aquilo a mantivesse tão atarefada quanto a Esquiva ocupada.

Ela fez um aceno brusco. “Sei onde o Amoso dorme as suas sesta,” disse. Endireitou-se, de súbito mais alta, inflada de importância. O Amoso Trémulo era mais ou menos uma década mais velho do que eu e, quando eu chegara, já fazia parte do pessoal de Floresta Mirrada. Era, como o nome sugeria, atacado por tremores, resultado de um golpe na cabeça sofrido muitos anos antes. Estava na propriedade desde o tempo que Paciência lá passara e conquistara os seus tempos de sossego. Outrora, fora tosquiador. Essa tarefa estava agora para lá das suas forças, mas era capaz de se apoiar num cajado e vigiar o rebanho nos dias de bom tempo. Gostava de receber tarefas específicas de vez em quando. Podia ser lento mas ainda tinha o seu orgulho. Executaria o serviço de forma admirável.

Ao chegar à porta, ela parou. “Então o meu homem-borboleta é uma rapariga?”

“É o que parece,” disse eu.

A nossa inválida abriu os olhos. O seu olhar manteve-se vazio durante um bocado e depois prendeu-se em Abelha. Um sorriso lento recurvou-lhe os lábios. “De onde veio ele?”

“O Enigma? Seguiu Abelha até aqui. É um velho amigo e não representa perigo para ti.”

Os olhos dela voltaram a fechar-se.

“É tão estranho. Eu tinha tanta certeza de que o homem-borboleta era um homem. Não uma rapariga.” Abelha pareceu aborrecida enquanto abanava a cabeça e me informava: “Os sonhos não são dignos de confiança. Não por completo.”

E ficou imóvel, parecendo refletir naquilo como se fosse uma ideia nova.

“Abelha?” Os seus olhos estavam distantes. “Abelha? Estás-te a sentir bem? Estavas tão estranha quando me vieste falar do homem-borboleta...”

Os seus olhos dirigiram-se finalmente para mim e depois deslizaram para longe. “Agora estou bem. Senti-me muito cansada. Depois adormeci. E o sonho veio e disse-me que o momento tinha chegado. E levou-me até ti e depois...” Fez um ar confundido. “Depois o sonho acabou e aqui estávamos nós.” E esgueirou-se em silêncio para fora da sala.

Fiquei um bocado a fitar a porta. Depois a rapariga em cima da mesa soltou um breve gemido de dor. A minha mente saltou para o agora e pus-me a trabalhar. Havia potes de mel nos armários, selados com cera, e placas de cera limpa à espera de ser transformada em velas. Provavelmente ainda aí estariam dali a uma década. Encontrei os panos que Moli usara para coar o mel e a cera. Estavam manchados mas muito limpos. Lembrei-me de como ela os lavava no exterior, num grande panelão de água a ferver, e depois os pendurava na corda para branquear e secar. Escolhi os trapos mais antigos e mais suaves e soube que ela me perdoaria quando fiz alguns em tiras para formar ligaduras.

Suavizei as crostas nas costas da jovem Branca com a água quente e limpei-lhe suavemente o sangue e o pus das feridas. Eram quatro. Não queria sondá-las, mas conhecia por experiência própria os perigos de deixar fosse o que fosse no interior. Comprimi uma e ela grunhiu de dor. “Não tens de vasculhar,” disse ela sem fôlego. “O meu companheiro limpou o melhor que pôde. O que entrou em mim não se pode tirar. Elas fecharam, algum tempo, e fugimos. Quase pareceu que estavam a começar a sarar. Antes de os caçadores nos apanharem. Mataram o meu amigo. E eu voltei a abrir

feridas quando fugi. E nos dias que passaram não consegui limpá-las. Agora é tarde.” Pestanejou. Havia gotas de sangue, como lágrimas de rubi, nos cantos dos seus olhos. “Sempre foi tarde,” admitiu com tristeza. “Só não podia permitir-me acreditar.”

Senti que a história que ela continha era longa. Não me parecia que estivesse disposta a contar-ma toda, mas senti urgência em conhecer de imediato a mensagem do Bobo. “Vou tratar estes ferimentos com um pouco de mel e de óleo. Só tenho de ir buscar o óleo. Quando eu voltar, achas que podes transmitir-me a mensagem que trazes?”

Ela olhou-me com olhos tão claros como os do Bobo tinham sido. “Inútil,” disse. “Sou uma mensageira inútil. Fui enviada para te avisar dos caçadores. Para poderes encontrar o sol e fugir à frente deles.” Suspirou, um longo suspiro, e julguei que tivesse caído no sono. De olhos fechados, admitiu debilmente: “Temo que os possa ter trazido mesmo até tua casa.”

As palavras dela pouco sentido fizeram para mim, mas a ansiedade estava a agitá-la e a roubar-lhe todas as forças. “Não te preocupes com isso agora,” disse-lhe, mas ela voltara a cair na inconsciência. Aproveitei essa pausa para ir buscar óleo e tratar-lhe os ferimentos. Quando acabei, reuni o melhor que consegui a roupa cortada à volta dela. “Agora vou mover-te,” avisei. Ela não deu resposta e eu tentei ser suave ao pô-la ao colo.

Segui um corredor e uma escada de serviço pouco usados e, por um caminho indireto, cheguei ao meu quarto. Abri a porta com o ombro e depois parei, chocado. Fitei os lençóis amarrotados e mantas empilhadas em cima da minha cama. O quarto tinha um cheiro abafado e suado, como um covil de urso. Roupa abandonada espalhava-se por cima da arca e derramava-se até ao chão. Tocos derretidos de vela cobriam a prateleira da lareira. Os pesados cortinados estavam fechados, trancando no exterior a luz de inverno. Nem nos dias mais desarrumados de Breu, o refúgio dele tivera tão mau aspeto.

Após a morte de Moli, eu sequestrara-me ali e ordenara aos criados para não tocarem em nada no quarto. Não quisera que nenhuma coisa mudasse desde a última vez que Moli lhe tocara. Mas elas tinham mudado sozinhas. As pregas nos lençóis da cama por fazer tinham-se tornado fixas, como

ondulações no fundo de um rio lento. O leve perfume que sempre parecera seguir Moli fora substituído pelo fedor do meu suor. Quando se tornara aquele quarto tão opressivo? Quando Moli o partilhara comigo, não houvera estalactites de cera a escorrer pelos candelabros nem uma película de pó na prateleira da lareira. Não era que ela andasse a limpar atrás de mim, não: eu não vivera de forma tão selvagem sob o seu teto. O lobo em mim retesou o lábio e franziu o nariz, descontente com a ideia de se abrigar num lugar tão sujo.

Eu tinha-me na conta de pessoa arrumada; aquele quarto pareceu-me de súbito a cela de um louco ou de um recluso. Fedia a desespero e a perda. Não consegui suportar ficar nele e recuei tão apressadamente que bati com a cabeça da minha paciente no batente da porta. Ela soltou um pequeno som de aflição e depois ficou imóvel.

O quarto de Abelha ficava logo a seguir, no mesmo corredor. Nele, uma porta de ligação dava para um pequeno aposento, concebido para uma ama. Abri a porta e entrei. O quarto nunca fora usado para o seu fim original e transformara-se numa arrecadação de mobiliário variado. Não era muito maior que uma cela, mas havia uma cama estreita ao lado de uma mesinha empoeirada com um jarro em cima. Uma armação para arejar lençóis encostava-se ebriamente ao canto, ao lado de um escabelo quebrado. Tirei da cama a colcha desbotada e deposei aí a minha pálida vítima, pondo-lhe sob a cabeça o manto de borboleta em jeito de almofada. Espevitei o lume na lareira de Abelha e deixei a porta aberta para o calor entrar. Regressei ao meu quarto e encontrei uma manta limpa na arca dos lençóis. Quando a tirei de lá, cheirava a cedro, com um toque de outra coisa. Moli.

Abracei-a com força durante um momento. Depois ultrapassei a garganta apertada com um suspiro e corri de volta para junto da rapariga. Tapei-a com a manta quente e refleti sobre as opções de que dispunha. O tempo estava a passar rapidamente por mim. Enquanto perguntava a mim próprio se Enigma estaria no caminho de regresso e se devia manter a mentira quando ele regressasse a Floresta Mirrada, ouvi a porta atrás de mim suspirar e abrir-se. Rodopiei, adotando a pose agachada de um combatente.

A minha filha não se deixou impressionar. Parou, fitou-me de sobrolho

franzido, perplexa, e depois acenou com a cabeça enquanto eu me endireitava. “Percebo porque a puseste aqui. Ainda há água no jarro do meu lavatório.” Enquanto falava, foi buscá-lo ao quarto e trouxe-o de volta com o seu copo. Enquanto eu enchia o copo, ela disse: “Devias descer e dizer a Tavia que não me sinto bem e preciso de uma bandeja de comida no meu quarto. Eu fico aqui e cuido dela enquanto vais arranjar qualquer coisa para manter Esquiva ocupada. Confesso que essa é uma tarefa que me ultrapassa. Tens a certeza de que ela veio ajudar-nos? Parece ser a pessoa mais inútil que conheci na vida. Cheia de fungadelas e suspiros, como se nada merecesse a sua aprovação. Não me surpreenderia se quisesse partir com Enigma quando ele se for embora.”

“Fico feliz por ver que se estão a dar tão bem,” disse eu.

Ela olhou para mim e replicou: “Não fui *eu* quem a trouxe para cá para me ajudar, sabes?”

Ouvi a mãe na voz dela e não soube se haveria de chorar ou rir. “Lá isso é verdade,” disse, rendendo-me. “Onde foi que a deixaste?”

“Levei-a de volta para o Quarto do Tejo. Mas não há garantia nenhuma de que ainda lá esteja. Ela tem pernas, sabes? E é uma pessoa metedixa. Abriu a porta de quase todos os quartos para ver se haveria algum de que gostasse mais do que aquele que Pândego preparou. Não tem nada de tímida.”

“Realmente,” concordei. Apoiei a cabeça da rapariga e levei-lhe o copo aos lábios. Ela abriu fendas brancas nos olhos, mas sugou a água e ingeriu alguma. Pousei o copo na mesinha a seu lado. “Acho que ela vai ficar bem, por agora. Vou dizer a Tavia que precisas de um bom caldo quente. Tenta levá-la a beber um pouco enquanto ainda estiver quente. Há alguma coisa que queiras mesmo comer?”

Abelha abanou a cabeça. “Ainda não tenho fome.”

“Muito bem.” Hesitei. “Achas que lhe consegues dar um pouco de caldo se ela acordar?”

Ela pareceu ofendida por eu ter feito a pergunta.

Deitei um relance à rapariga inconsciente. Tinha uma mensagem para mim, uma mensagem vinda do Bobo. Já me avisara de um perigo, de

caçadores no seu rasto. E em quem confiava eu para a vigiar? Numa rapariga de nove anos com tamanho de seis. Teria de fazer melhor, mas por agora... “Mantém-te alerta e eu volto assim que puder.”

Visitei a cozinha, entreguei a Tavia a mensagem que sugerira a Abelha, pedi-lhes que mandassem comida para mim para o Quarto do Tejo e depois fui juntar-me lá a Esquiva. Assim que entrei na sala, Amena seguiu-me, numa azáfama, trazendo um novo bule de chá acabado de fazer. Quando saiu da sala, eu pedi desculpa a Esquiva por a ter negligenciado. “Enigma foi chamado para tratar de um assunto e temo que Abelha não se esteja a sentir bem. Foi-se deitar durante algumas horas. Bom.” Forcei um sorriso cordial a formar-se no meu rosto. “O que achas de Floresta Mirrada? Parece-te que consegues ser feliz aqui connosco durante algum tempo?”

Esquiva fitou-me, incrédula. “Feliz, aqui? Quem de vós é aqui feliz? Só vi caos desde que cheguei. Enigma abandonou-me sem um ‘com licença’ ou até uma despedida. A vossa filha... Bem. Vós mesmo deveis saber como ela é uma peçazinha estranha! Parece um rapaz! Se Enigma não me tivesse informado de que era vossa filha, eu tê-la-ia julgado parte do pessoal dos estábulos. Não sei em que estava a pensar Dom Breu para me enviar para cá!”

Algures na casa, um trabalhador começou a serrar qualquer coisa. Senti-me como se ele estivesse a serrar-me o crânio. Sentei-me pesadamente na frente dela. “Provavelmente estava a pensar que estarias aqui em segurança durante algum tempo,” disse, sem rodeios.

Amena voltou a entrar, toda atarefada, para pousar à nossa frente tigelas fumegantes de sopa de carneiro e cevada e acrescentar mais pão à cesta que estava sobre a mesa. “Obrigado,” disse-lhe. “Não preciso de mais nada. Desejo ter uma conversa calma com a Dama Esquiva.”

“Claro, senhor,” respondeu ela, e apressou-se a sair da sala. Esperei que a porta se fechasse por completo atrás dela antes de recomeçar a falar. “Não é o melhor plano que eu e Dom Breu já concebemos, mas, com tão pouco tempo de preparação, não é mau.” Peguei na colher e mexi a minha sopa. Bocados de cenoura subiram à superfície e voltaram a afundar-se enquanto o vapor se erguia numa nuvem. Pousei a colher para esperar que a sopa

arrefecesse e fiz-lhe uma pergunta retórica: “Conseguias pensar num plano melhor?”

“Sim. Matar as pessoas que estão a tentar matar-me, para eu poder viver como quiser e onde quiser.” A resposta dela foi tão imediata que percebi que já pensava nela há algum tempo.

Decidi encarar a sério a sugestão. “Raramente é tão simples como matar uma só pessoa. Primeiro temos de determinar quem está a tentar matar-te. E o que é mais frequente é essa pessoa ser meramente a ferramenta, não o instigador. Por cada pessoa que se mata, o mais provável é arranjar-se seis novos inimigos. E podes querer perguntar a ti própria por que motivo essa pessoa deve morrer para tu poderes viver a vida como desejas.” Falei com severidade.

“Uma questão que talvez possais colocar a quem quer que essa pessoa seja antes de a matardes!”, respondeu ela, zangada. Afastou de si a tigela e o prato enquanto eu quebrava o pão e o barrava com uma grossa camada de manteiga. Quando não falei, ela prosseguiu: “Porque hei eu de pagar pelos atos de outros? Porque não poderei viver como o meu nascimento me permite? Que fiz eu para ter de ser escondida? Como primogénita de uma dama nobre, o justo seria herdar os títulos e terras da minha mãe! Mas não! Não, como ela não estava casada quando fui concebida, a sua vergonha cai sobre mim! Pago pelo seu ato egoísta, sendo condenada a ser criada numa aldeola na parvónia pelos meus avós idosos, a vê-los morrer e sendo depois mandada embora para levar com as patas do marido libertino da minha mãe em cima. E depois fui banida daí, quase raptada por Dom Breu, e depois fiquei durante dois anos escondida de toda a sociedade! Nada de festas, nem um baile, nem um único vestido vindo de Vilamonte ou de Jamaília. Não. Nada para a Esquiva, ela nasceu do lado errado das mantas! E, acima de tudo, a pessoa responsável por isso deve poder esquivar-se a todas as consequências do que fez. E depois, mesmo escondida onde temia todos os dias que o aborrecimento acabasse com a minha vida, alguém tentou envenenar-me. Na minha própria casa, alguém tentou envenenar-me!”

As palavras dela tinham vindo cada vez mais rápidas e a voz ia-se tornando mais estridente enquanto derramava a sua triste historinha. Eu

devia ter sentido pena dela, mas a sua forma de contar a história era demasiado egocêntrica. Só com extrema contenção consegui impedir-me de dar um salto e fugir da sala. Esperei, fervorosamente, que não rebentasse em lágrimas.

Rebentou.

A cara amarrotou-se-lhe como um bocado de papel com demasiados segredos nele escritos. “Não posso viver assim!”, uivou. “Não posso!” Caiu sobre a mesa, apoiando a cabeça nos braços enquanto soluçava.

Um homem melhor do que eu teria entrado em contacto com o coração e encontraria palavras gentis para lhe dizer. Poderia tê-la visto como uma jovem subitamente atirada para longe de tudo o que lhe era familiar. Mas as palavras dela eram precisamente aquelas que, nos últimos tempos, eu quisera rugir ao destino todas as noites ao enfrentar a minha cama fria e vazia. Disse-lhe o que dizia a mim próprio. “Sim. Podes. Porque tens de viver. Não há nenhuma verdadeira alternativa, a menos que queiras cortar a tua própria goela.”

Ela ergueu a cabeça dos braços dobrados. Fitou-me, de olhos subitamente vermelhos, com a cara húmida das lágrimas. “Ou enforcar-me. Não me parece que conseguisse cortar a goela a mim própria, mas enforcar-me conseguia. Até aprendi a fazer esse nó.”

E isso, julgo, foi o que me fez compreender até que ponto falava a sério. Aquele pequeno fragmento de informação, o passo que ela dera para ficar um tudo-nada mais perto de planear a sua morte. Todos os assassinos sabem qual seria a sua saída de eleição. Para Esquiva não seria veneno, mas o salto do banco e a quebra do pescoço, sem espera, sem tempo para se arrepender da decisão. Quanto a mim, seria o golpe, o sangue a jorrar e, sim, esses curtos momentos moribundos para dizer adeus à minha vida. Com um salto de intuição, compreendi que fora por aquele motivo que Breu ma enviara. Não só porque outros tinham ameaçado a sua vida, mas porque era um perigo para si própria. E isso incitou-me ao horror, não à simpatia. Não queria aquela responsabilidade. Não queria acordar com os gritos de uma aia, dizendo que a sua ama estava pendurada de um laço, não queria transmitir pelo Talento uma notícia dessas a Breu. Era-me impossível

protegê-la. O que pode alguém fazer por uma pessoa que deseja causar dano a si mesma? O meu coração tombou ao pensar que teria em breve de passar revista ao seu quarto. Que ferramentas lhe teria fornecido Breu? Laminazinhas perigosas, um garrote... venenos? Teria ele sequer pensado que no estado em que ela estava podia usá-las contra si e não para a sua defesa? Senti um ataque de fúria contra Breu, por ter mandado para minha casa aquela panela fervilhante. Quem ficaria escaldado quando ela finalmente transbordasse?

Ela continuava a olhar para mim. “Não debes fazer isso,” disse-lhe, debilmente.

“Porque não?”, perguntou. “Resolveria todos os problemas. Tornaria mais simples a vida de toda a gente. A minha mãe ficaria feliz porque o mimado do filho herdaria, sem nenhuma nuvem a pairar sobre os seus direitos. O meu pai escondido não teria de temer que eu fosse descoberta, de alguma forma. E vós não teríeis uma jovem inconveniente e meio louca a invadir a vossa casa!”

Fez uma inspiração soluçada. “Quando eu estava a fugir para Torre do Cervo, apesar de tudo o que me tinha acontecido, tinha esperança. Finalmente, esperança! Ia escapar da minha vida nas sombras. Julguei que estaria finalmente na corte, com outros jovens, com música, dança e vida. Simplesmente vida! E depois Dom Breu reclamou-me. Disse que eu estava em perigo e não podia ir para Torre do Cervo mas que, sob os seus cuidados, depois de ter aprendido as habilidades de um assassino, bem, então poderia defender-me e talvez também à rainha.” A voz estridulou, aguda e sufocada. “Imaginaí só! Eu, ao lado da rainha, a protegê-la. Em pé, ao lado do seu trono. Oh, desejei isso tanto. E tentei aprender tudo o que Aljava tinha para me ensinar. Aquela horrível mulher malcheirosa e os seus intermináveis e estúpidos exercícios! Mas eu tentei, e tentei. Ela nunca estava contente comigo. E depois o Rono morreu, envenenado, e o veneno destinava-se a mim. E eu tive de fugir outra vez. Mandada embora não sabia para onde, só com aquele rufião para me proteger. Desta vez, pensei, desta vez certamente seria levada para Torre do Cervo! Mas onde me põe Dom Breu? Aqui. Eu não fiz nada de mal, e no entanto aqui estou, neste

sítio cheio de correntes de ar, com trabalhadores a martelar e onde ninguém se importa comigo. Onde não há futuro nenhum, onde não há nada de bonito ou culto, nada de excitante. Onde não sou nada para ninguém, só um fardo e uma perturbação!”

Uma pessoa regressa sempre aos seus talentos mais fortes em momentos de tensão. Portanto menti. “Não és uma perturbação, Esquiva. Eu sei como é sentirmos que não há lugar nenhum a que pertençamos ou onde sejamos bem-vindos. Portanto digo-te que, por mais estranho que Floresta Mirrada possa ser para ti agora, podes considerá-la uma casa. Não serás expulsa daqui e, enquanto cá estiveres, farei tudo o que estiver em meu poder para te proteger. Não és aqui hóspede, Esquiva. Estás em casa. Embora ela possa não te convir agora, podemos fazer as alterações de que precisares. Pode ser deixada bonita para ti. Podes encontrar aqui conforto. Serás bem-vinda enquanto precisares de estar aqui.” Respirei fundo e acrescentei um pequeno fiozinho de verdade: “Enquanto aqui estiveres, considero-te parte da minha família.”

Ela olhou para mim, com a boca a mexer de forma estranha, como se estivesse a mastigar comida com as gengivas. Depois, saltou subitamente da cadeira e atirou-se para cima de mim, vindo aterrar-me sobre o peito, a soluçar ruidosamente. Eu apanhei-a antes de ambos cairmos. A voz tremia violentamente quando disse: “Eles tentaram matar-me com veneno. O filhinho da cozinheira roubou uma tarte da bandeja, a minha preferida, uma tartezinha de bagas, e morreu com sangue e espuma a sair-lhe da boca. Era o que queriam fazer-me a mim. Queriam fazer-me morrer assim. Pobre Roninho, que nunca fez nenhum mal a ninguém além de roubar. Morreu no meu lugar e morreu cheio de dores. O Roninho.”

Toda ela tremia. Abracei-a com firmeza para evitar cair da cadeira. “A culpa não foi tua,” disse-lhe. “E agora estás em segurança. Estás em segurança.”

Perguntei a mim mesmo se seria verdade.

“Papá!”

Virei vivamente a cabeça. Algo no tom de Abelha me disse que ela esperava que eu sentisse vergonha de mim próprio. Observou-me, abraçado

a Esquiva, e depois cruzou os braços ao peito. “Esquiva está muito perturbada,” disse-lhe, mas o olhar frio que Abelha me estava a deitar informou-me de que isso, na sua opinião, nada desculpava. Quando Esquiva não tentou afastar-se de mim, eu consegui levantar-me e sentá-la firmemente na cadeira que deixara vaga. “Estás a sentir-te melhor, Abelha?”, perguntei, para sustentar a mentira de que ela caíra doente.

“Não,” respondeu ela, gélida. “Na verdade, sinto-me pior. Muito pior. Mas não foi por isso que vim procurar-te.” Inclinou a cabecinha e eu senti que estava a repuxar um arco. “Tive de sair do quarto, só por alguns minutos. Quando voltei... Vim dizer-te que a nossa outra hóspede desapareceu.”

“Desapareceu?”

“Outra hóspede?”, perguntou Esquiva.

“Desapareceu?”, ecoou Enigma. Entrou na sala com um ar desarranjado, como se tivesse vindo a correr todo o caminho desde a aldeia. Ainda respirava com força quando os seus olhos saltaram da desaprovação de Abelha para a cara manchada por lágrimas de Esquiva e depois para mim. “A mensagem que eu recebi foi que a viajante ferida tinha partido.”

“Sim. Partiu.” Senti-me como um catavento ao girar de Enigma para a minha filha. “Está tudo bem. Ela não desapareceu, Abelha. Sentiu-se melhor e quis partir. Eu devia ter-te dito.” Tentei transmitir-lhe com os olhos que estava a mentir e precisava da ajuda dela para ser convincente. Ela fitou-me, furiosa.

“Viajante ferida?”, perguntou Esquiva. “Esteve aqui uma desconhecida? Como sabeis que não era uma assassina?” Tapou a boca com as mãos e fitou-nos a todos com alarme. Os seus olhos verdes tornaram-se enormes por cima dos dedos entrelaçados.

“Era só uma viajante ferida, que nós ajudámos a seguir caminho. Não há motivo para alarme, Esquiva.” Voltei a virar-me para Enigma e dei um enorme salto em busca de normalidade. “Estávamos mesmo a comer qualquer coisa. Enigma, tens fome?” Foi com enorme dificuldade que mantive a voz estável. A tropeçar em enganos, emaranhado nas minhas mentiras. Aquela horrível sensação de afogamento era demasiado familiar.

A pergunta de Esquiva abalara-me mais do que eu queria revelar. Realmente, como sabíamos nós que a jovem Branca era de facto uma mensageira e não alguém que pretendesse fazer mal a mim e aos meus? A sua semelhança com o jovem Bobo levava-me a trazê-la para dentro de minha casa, sem parar para pensar na possibilidade de representar perigo. E depois pusera-a na sala contígua ao quarto da minha filha. E agora Abelha dizia que ela tinha desaparecido. E o mais provável era que estivesse algures dentro dos labirínticos limites de Floresta Mirrada.

Esquiva tivera razão. Eu perdera, decididamente, a agudeza de espírito. Estava destreinado de intriga. A minha mente desatou numa correria. A mensageira dissera que estava a ser caçada. Teriam os que a perseguiram entrado em Floresta Mirrada, capturando-a e levando-a? Na vasta e antiga casa, era inteiramente possível. Eu vira os ferimentos dela; parecia-me improvável que representasse um verdadeiro perigo para alguém. E igualmente improvável que tivesse simplesmente decidido fugir sem entregar a sua mensagem.

O silêncio pairou na sala por muito tempo. Olhei para Enigma.

“Eu podia comer,” respondeu ele com insegurança. O seu olhar deslocou-se de Abelha para Esquiva e depois fixou-se em mim. Uma desorientação que era muito dele.

“Excelente.” Sorri como um idiota. “Vou só informar o pessoal da cozinha enquanto fazes companhia a Esquiva. Ela está a sentir-se um pouco transtornada por estar aqui. Estava a tentar assegurar-lhe de que agora ficaria em segurança. E era bem-vinda.”

“Muito bem-vinda,” disse Abelha, numa voz baixa e venenosa.

Ocultei a surpresa e acrescentei: “Vou levar Abelha de volta para o quarto. É evidente que não se está a sentir bem.” Estendi a mão para a minha filha, mas ela esquivou-se-me e precedeu-me em direção à porta.

Assim que esta se fechou atrás de nós, Abelha rodopiou para mim. Vi o seu peito subir e descer e, para meu horror, lágrimas transbordaram dos seus olhos azuis enquanto me acusava com um “Só vim dizer-te que ela tinha desaparecido, e o que vejo? Tu a abraçares aquela mulher!”

“Aqui não. Agora não. E estás enganada. A cozinha primeiro.” Desta vez

consegui capturar o seu estreito ombro e, apesar do esforço que ela fez para se libertar de mim, empurrei-a para a cozinha. Informei secamente Tavia do que Enigma precisava e saí tão abruptamente como chegara, levando Abelha comigo.

“Para o teu quarto,” disse em voz baixa. “Já. Fica junto de mim. E nada de falar até lá estarmos.”

“Há perigo?”

“Chiu.”

“E Esquiva?”

“O Enigma está com ela e é muito mais capaz do que a maior parte das pessoas julga. Tu estás no topo das minhas preocupações, sempre. E cala-te!”

O meu tom acabou por silenciá-la e fez mesmo com que se encolhesse mais para junto de mim enquanto seguíamos o nosso caminho ao longo dos corredores e depois pela escada acima. Quando chegámos à porta do seu quarto, peguei-lhe em ambos os ombros e encostei-lhe as costas à parede. “Fica aqui,” sussurrei. “Não te mexas até que eu te chame. Se te chamar, vem em silêncio e imediatamente e põe-te mesmo atrás de mim, do lado esquerdo. Entendido?”

Ela tinha os olhos esbugalhados e a boca aberta quando fez um curto aceno. Eu acenei de volta.

Abri a porta do seu quarto. Antes de entrar, avaliei tudo o que conseguia ver, a cama e o dossel, os cortinados das janelas, a lareira. Tudo parecia estar como eu o deixara. Entrei em silêncio e verifiquei atrás da porta antes de inspecionar mais meticulosamente o quarto de Abelha. Não havia qualquer sinal de intrusos. A bandeja intocada estava numa mesinha junto da cama. Fui até à porta de ligação. Estava entreaberta. Dei um passo atrás.

“Abelha.”

Num instante, ela estava a meu lado.

“Deixaste aquela porta aberta?”

Ela estava claramente aterrorizada quando encolheu os ombros e admitiu num sussurro sufocado: “Não me lembro. Acho que sim. Não. Foste tu que deixaste e eu não lhe mexi.”

“Não te mexas.”

Fui até à porta e abri-a por completo. O pequeno quarto estava mal iluminado, pois não dispunha de janela própria. Nada lá estava, exceto a manta amontoada sobre a cama. Baixei-me para deitar uma olhadela para baixo da cama. Era o único esconderijo possível naquele quartinho. Ninguém estava lá. Não havia qualquer sinal da minha hóspede, exceto o jarro de água e a roupa de cama empurrada, numa pilha, para o lado da estreita enxerga que se encostava à parede. Recuei e fechei a porta. “Ela desapareceu.”

“Foi o que eu te disse!”

“E agora tenho a certeza de que não está neste quarto. E é tudo o que realmente sabemos.” Organizei os pensamentos. “Diz-me exatamente como descobriste que ela tinha desaparecido.”

“Fiquei aqui no quarto. Tavia trouxe a bandeja de comida para cima e pousou-a na mesinha para mim. Eu fui ver a rapariga depois de Tavia ter saído. Mal se mantinha acordada. Tentei dar-lhe um pouco de caldo, mas isso só pareceu fazê-la tossir. Depois fechou os olhos e voltou a adormecer. Fiquei lá durante algum tempo. Depois precisei de ir à latrina. Portanto, fui. E quando voltei para cá, vim ao quarto para ver como ela estava. Mas ela tinha desaparecido.”

“Desaparecido.” Pensei um pouco. “Quanto tempo estiveste fora daqui?”

“Só alguns minutos.” Tinha os olhos muito abertos.

“Abelha. Vais passar o resto do dia ao meu lado. E se eu te disser para fazeres alguma coisa, por mais estranha que pareça, tu vais fazê-la imediatamente. Entendido?”

Ela sacudiu a cabeça num aceno. Os lábios pareciam enrubescidos pela palidez do seu rosto, enquanto respirava por uma boca entreaberta. O terror nos seus olhos era uma expressão que nunca quisera ver na cara da minha filha. “Porque é que temos medo?”, perguntou.

“Não sabemos se teremos de ter cautela. Portanto, até sabermos, é mais seguro para nós termos medo.”

CAPÍTULO 16

ILUSTRES HÓSPEDES

Branco como gelo. Olhos da mesma cor. Cabelo da mesma cor. Aparecem raramente, talvez uma vez em três gerações. Ou quatro. Mas nós lembramo-nos deles. Caminham entre nós e escolhem um de nós. Não como criado ou amigo, mas como ferramenta para dar forma a um futuro que só um consegue ver. Se (não faço ideia de como traduzir esta palavra) então são todos de uma só cor.

Por vezes, reproduzem-se (frase apagada por uma mancha) seja homem ou mulher, seja da sua espécie ou com um da nossa. Mas a sua prole não tem fases iguais às nossas. Portanto podem partir e é anos mais tarde que (esta parte do pergaminho está tão esburacada pelos insetos que só consigo acrescentar-lhe palavras e frases isoladas) idoso (um grande buraco) pálido (um buraco que, segundo a minha estimativa, ocupa sete linhas de texto, seguido por) mais velho do que a sua idade. (Outro grande buraco com pelo menos duas linhas, que terminam com) maior misericórdia matá-lo. (O resto do pergaminho foi devorado pelo fogo.)

Tradução parcial encontrada na secretária
de FitzCavalaria Visionário

E assim, nesse dia, nessa noite e no dia seguinte, a minha vida mudou. Lembro-me de quão zangada me sentia com tudo aquilo. Tantas mudanças, e todas me afetavam, mas ninguém me perguntou se desejava alguma.

Ninguém me perguntava nada naqueles tempos.

Primeiro foi Esquiva, posta agora num quarto só duas portas afastado do meu e do do meu pai, até haver oportunidade de lhe preparar aposentos mais grandiosos. O meu pai ordenara que os aposentos amarelos fossem renovados para ela. Ficaria aí com um quarto, uma salinha de estar, um quarto para a aia e outra sala “para fazer com ela o que quisesse,” segundo

as palavras do meu pai. Eu sempre adorara os Quartos Amarelos e fora frequentemente brincar para lá. Ninguém pensou em perguntar-me se teria gostado de ter um conjunto de salas como aquele. Não. Achava-se que para mim chegava um único quarto de dormir e um quartinho minúsculo ao lado para uma ama inexistente. Mas uma desconhecida chegava a nossa casa e o meu pai trazia um exército completo de carpinteiros, de pedreiros e de pessoal de limpeza, e até uma aia para servir unicamente Esquiva.

Depois foi a peculiar desconhecida que ele colocou no quartinho que dava para o meu. Não perguntou se podia pô-la lá, limitou-se a fazê-lo. Eu disse-lhe que compreendia porquê, e julguei que ele talvez me agradecesse por ser tão compreensiva com a sua rudeza. Mas ele limitou-se a fazer-me um aceno brusco como se esperasse que eu me limitasse a aceitar tudo o que fazia. Como se eu fosse sua parceira em alguma conspiração em vez de sua filha. Com certeza esperava que eu apoiasse as mentiras que dizia a Enigma e a Esquiva. E que lhe obedecesse com precisão depois de descobrir que lhe dissera a verdade exata: a rapariga-borboleta tinha desaparecido.

E foi o que eu fiz. Nessa noite obedeci-lhe sem questionar. Ele trabalhou depressa, tirando uma manta da minha arca e entregando-me uma mancheia das velas aromáticas da minha mãe. Fez-me caminhar à sua frente onde conseguisse ver-me e foi assim que o precedi até ao seu gabinete privado. Ele apressou-me para o interior, fazendo-me parar por duas vezes com um apertão no ombro para me afastar de onde um criado que ia a passar pudesse ver-me.

Quando chegámos ao seu gabinete privado, fechou imediatamente a porta, trancou-a e avançou logo para as falsas dobradiças. “Que estás a fazer?”, perguntei-lhe.

“Estou a esconder-te,” respondeu. Não falou em tom cortante, mas num tom definitivo que não admitia perguntas. Acendeu-me uma vela no lume quase apagado na lareira. “Lá para dentro,” disse-me. E depois seguiu-me para o interior, como que para se assegurar de que nenhum espião tinha penetrado no nosso lugar secreto. Vi as suas sobranceiras erguerem-se de surpresa com as mudanças que eu fizera. “Tens andado ocupada,” disse,

com renitente admiração.

“Parecias ter pouco tempo para mim, portanto arranjei alguma coisa para fazer.” Queria censurá-lo pelo modo como me ignorara, mas o sorriso que as mudanças que eu fizera lhe causaram aqueceu-me demasiado. Ele estava orgulhoso de mim. Não consegui ficar tão rígida como quisera.

“És esperta. Tudo isto está bem pensado.” Enfiou a vela acesa no meu castiçal. Alguma tensão pareceu sair dele. “Vais ficar aqui em segurança até eu ter a certeza de que não há perigo para ti. Agora tenho de te deixar aqui, mas volto o mais depressa possível.”

“Vais ter de verificar cada sala em Floresta Mirrada?”

Os seus olhos ensombraram-se quando percebeu que eu compreendia o que ele temia. “Eu consigo.”

Duvidei que tal coisa fosse possível. “Houve tantos desconhecidos a entrar e a sair nos últimos dias. Porque é que temes tanto esta?”

“Há pouco tempo para conversar, querida. Quanto mais depressa for tratar disto, mais depressa te consigo vir buscar. Mas temo-a porque confiei nela muito mais depressa do que devia, sem pensar. Ela pode não constituir perigo, mas o perigo seguiu-a. Fui descuidado. Não o voltarei a ser.” E deixou-me ali, recuando do pequeno aposento para o estreito corredor. “Tenho de trancar a porta atrás de mim. Mas não tenhas medo. Eu volto.”

Eu teria medo se não tivesse já preparado o meu próprio caminho de fuga através da despensa. Vi-o partir e depois encostei o olho à vigia e vi-o fechar o painel secreto. Virou-se, olhou diretamente para mim e fez um aceno antes de sair do seu refúgio.

Bom. Ali estava eu. Estava contente por ter pensado em aprovisionar o meu esconderijo. Fiquei algum tempo sentada, a matutar em tudo o que acontecera. Era demasiado para tão pouco tempo. Esquiva. Não gostava dela. O meu transe onírico. Perguntei a mim mesma se deveria ter ficado assustada com ele em vez de entusiasmada. Porque me teria sentido assim? Tentei fazer comparações comigo. Eu era como uma planta que tivesse desabrochado pela primeira vez. Não. Era mais semelhante a um bebé quando descobre pela primeira vez que é capaz de estender uma mão e agarrar alguma coisa. Uma parte de mim estivera a crescer e hoje

funcionara finalmente tal e qual como devia. Esperei que isso voltasse a acontecer em breve. Perguntei a mim mesma por que motivo tivera de o explicar ao meu pai. Não era verdade que toda a gente tinha sonhos e portanto tinha transe oníricos? Tentei lembrar-me de quem me ensinara que os sonhos eram importantes, que deviam ser registados, e que os sonhos mais importantes me capturariam e não largariam até estarem completos. Ri alto quando compreendi quando o aprendera. Sonhara-o.

Depressa comecei a desejar ter arranjado para mim alguma espécie de passatempo. Peguei no meu diário e escrevi um relato justo do último dia, mas isso depressa ficou feito. Escrevi, no melhor bocado de papel de que dispunha, um relato do sonho da borboleta, um relato muito mais detalhado do que escrevera antes. Voltei a pôr esse papel e o meu diário na pequena prateleira e fiquei a ver a vela da minha mãe arder. Era extraordinariamente aborrecido. Voltei a pensar no que o Pai-Lobo me dissera e na promessa que eu fizera. O que quisera dizer o meu pai quando me dissera para ficar ali? Ora, só que devia ficar escondida no labirinto nas paredes. Garanti-o a mim própria várias vezes.

Depois peguei num bocado do meu giz e escrevi na parede que o meu pai não devia ficar preocupado, pois eu tinha ido explorar um pouco dos corredores e levaria giz e uma vela de reserva e assinalaria o caminho.

Fui primeiro até ao buraco que dava para o meu quarto, de novo na esperança de encontrar alguma entrada secreta. E de novo nada havia que conseguisse descobrir. Começara a compreender as passagens e a forma como elas iam abrindo caminho por dentro das paredes da casa. Eram melhores na parte mais antiga da casa, como se, aí, um construtor tivesse planeado a sua existência. Em outros sítios avançavam só um pouco e eram quase impossivelmente estreitas ou tão baixas que o meu pai teria tido de gatinhar. Consegui avançar por aquela que ultrapassava o meu quarto e fiquei desapontada por descobrir que não havia nenhuma vigia para o quarto que fora temporariamente dado a Esquiva. Encostei o ouvido ao painel de madeira, mas foi pouco o que consegui ouvir. Era possível que alguém estivesse a chorar no quarto. Era possível que eu estivesse a imaginá-lo. Perguntei a mim mesma se ela sequer estaria no quarto naquele

momento. Eu ficara um pouco assustada quando o meu pai falara pela primeira vez em trazer alguém para a nossa casa. Agora não estava assustada. Estava zangada. Decidi naquele momento que não gostava dela e justifiquei-o decidindo que ela não gostava de mim e queria a atenção do meu pai. Não sabia bem por que motivo isso me deixava incomodada, mas deixava. Precisava agora do meu pai, mais do que nunca, e ela vir para nossa casa e ocupar o tempo dele não estava certo.

Localizar os quartos amarelos foi mais difícil, mas acabei por abrir caminho até lá. Quando julguei estar perto, ergui bem a vela e fui recompensada com a visão de uma pequena porta que podia ser girada para um lado. A tampa de uma vigia. Mas quando movi a porta, tudo o que encontrei foi uma pequena gota de argamassa húmida enfiada no que fora um buraco para espiar. O mais recente conjunto de reparações às salas envolvera alguma argamassa. Tinham tapado o buraco. Agora, decidi, não era altura de mexer ali. Os estucadores podiam regressar no dia seguinte e eu não queria chamar a atenção para o buraco. Deixá-lo-ia secar e regressaria mais tarde para retirar a argamassa como a uma rolha.

Vagueei um pouco mais pelo labirinto escondido. Visitei a minha saída na despensa para me assegurar de que ainda estava como a deixara. Enquanto lá estive, rapinei umas quantas maçãs e ameixas secas para a minha reserva. Subira para cima de um barril para chegar aos salames quando um dos gatos da cozinha entrou. Ignorei-o. *Listado* não era realmente o seu nome, mas era como lhe chamavam. Tomei consciência da fixidez do seu olhar enquanto tentava trepar para cima das caixas de peixe salgado, a fim de alcançar as prateleiras mais altas da despensa. Olhei para baixo, de onde estava a equilibrar-me precariamente, e fui dar com ele a fitar-me com olhos redondos e amarelos. Fitava-me com intensidade, como se eu fosse uma das ratazanas que ele estava encarregue de matar. O seu olhar imobilizou-me. Era um grande gato, de corpo pesado e patas grossas, um gato para o chão, não um gato trepador. Se ele decidisse saltar sobre mim e atacar-me, não seria eu a vencedora. Imaginei aquelas garras aguçadas a enterrarem-se-me nos ombros e as patas traseiras a rasgarem-me as costas. “O que é que tu queres?”, sussurrei-lhe.

Os bigodes dele esticaram-se para a frente e as orelhas viraram-se para mim. Depois desviou o olhar para uma fila de fatias vermelhas vivas de peixe fumado que estavam penduradas de uma corda esticada ao longo da despensa. Eu sabia por que motivo elas estavam penduradas tão alto; para que os gatos não conseguissem chegar-lhes.

Mas eu conseguiria.

Tive de me pôr em bicos de pés para arrancar uma da corda. As fatias de peixe, tornado lustroso pelo sal, tinham sido enfiadas no fio como se fossem peculiares contas. Quando consegui pôr as mãos numa, dobrei-a até que se quebrou. Quando ela cedeu, eu perdi o meu precário equilíbrio e caí de cima das caixas no chão da despensa. Aterrei duramente sobre a coxa e o flanco mas consegui evitar gritar. Fiquei algum tempo deitada, agarrada ao peixe e à salsicha roubados, enquanto ia respirando para me passar a dor. Sentei-me devagar. Estava magoada, mas não muito mais do que isso.

O gato *Listado* tinha retirado para um canto da despensa mas não fugira. Observava-me — ou, mais especificamente, observava o peixe que eu mantinha agarrado. Sustive a respiração e falei baixinho. “Aqui não. Segue-me.”

Levantei-me, silvando às minhas dores, e apanhei a fruta seca e o salame. Depois, agarrada ao meu tesouro, pus-me de joelhos e gatinhei para trás e para baixo da minha barricada de caixas até onde a porta secreta estava entreaberta. Uma vez lá dentro, saí do caminho e esperei. Após alguns longos momentos, uma cara bigoduda apareceu no ténue círculo de luz. Movi a vela para trás e chamei-o com um gesto.

Há pessoas que falam com gatos. Há gatos que falam com pessoas. Nunca faz mal tentar. “Se quiseres seguir-me aqui para dentro e passar um dia a matar ratos e ratazanas por aqui, eu dou-te toda esta fatia de peixe.”

Ele ergueu a cara listada, abriu a boca e virou a cara para um lado e para o outro, captando os odores do meu refúgio. Sei que a mim cheirava a rato. Ele soltou um ruído baixo e gutural e senti que aprovava tanto a perspectiva de caça como o peixe.

“Vou pôr isto na minha toca. Depois de matares os ratos e as ratazanas, vem dizer-me. Eu dou-te o peixe e volto a deixar-te sair.”

Os olhos redondos e amarelos dele fixaram-se nos meus e não tive dúvidas de que compreendera bem o nosso acordo. Passou por mim, de cabeça baixa e cauda direita. Depois de a sua cauda estar já bem longe da pequena porta, eu puxei-a até ficar quase completamente fechada. Peguei na vela e levei o peixe, o salame e a fruta para o meu refúgio.

Mas mesmo com as minhas explorações, passei uma longa e aborrecida tarde atrás das paredes. Desejei ter roubado para ler mais dos escritos antigos do meu pai. Escrevi sobre o gato, dormi uma soneca enrolada na manta, comi um pouco de fruta e bebi um pouco de água e depois esperei. E esperei. Quando o meu pai finalmente regressou para me abrir a porta, estava hirta e dorida de ter estado imóvel durante tanto tempo. Estivera a vigiar a sala, à espera dele, e assim que abriu o painel, eu saí. “Está tudo seguro?”, perguntei-lhe e ele fez um aceno fatigado.

“Acho que sim,” corrigiu. “Não há sinal dela em nenhum sítio dentro de casa. Embora esta seja, como sabes, uma grande casa com muitas salas. Nenhum dos criados comentou tê-la visto. É como se tivesse mesmo desaparecido.” Pigarreou. “Portanto, creio que os criados não sabem nada sobre a rapariga desaparecida. E insisti com Esquiva e Enigma em como a rapariga se foi embora.”

Segui-o para fora do refúgio secreto, para os corredores de Floresta Mirrada. Estava em silêncio. Conhecia, na nossa casa, centenas de lugares onde era possível alguém esconder-se. Não era possível o meu pai ter procurado em todos. Decerto que ele o sabia. Caminhei durante algum tempo a seu lado. Pensei cuidadosamente e depois disse: “Eu gostava de ter uma faca e uma bainha, por favor. Como a minha mãe usava sempre.”

Ele abrandou o passo e eu deixei de ter de correr. “Porquê?”

“Porque andava a minha mãe sempre com uma faca?”

“Era uma mulher prática, sempre a fazer coisas. Tinha uma faca para cortar um bocado de fio ou podar um arbusto ou apanhar flores ou cortar fruta.”

“Eu posso fazer todas essas coisas. Ou poderia, se tivesse uma faca.”

“Tratarei de te arranjar uma e um cinto que te sirva.”

“Eu gostaria de ter uma faca *já*.”

Ele parou e baixou o olhar para mim. Eu olhei para os seus pés.

“Abelha. Eu sei que estás com um pouco de medo. Mas vou manter-te em segurança. Está certo que devas ter uma faca porque tens idade suficiente para a usares com sensatez. Mas...” Calou-se, em busca de palavras.

“Não queres que eu apunhale alguém que esteja a ameaçar-me. Eu também não. Mas não quero ser ameaçada e não ter absolutamente nada para me proteger.”

“És tão pequena,” disse ele com um suspiro.

“Mais uma razão para precisar de uma faca!”

“Olha para mim.”

“Estou a olhar.” Olhei para os seus joelhos.

“Olha para a minha cara.”

A contragosto, desloquei o olhar. Os meus olhos vaguearam pela cara dele e cruzaram-se com os seus por um momento; depois afastei o olhar. Ele falou com suavidade. “Abelha. Eu arranjo-te uma faca e uma bainha e um cinto para ela que consigas usar. E mais: ensino-te a usá-la, como arma. Não vai acontecer esta noite. Mas vou fazer isso.”

“Não queres fazê-lo.”

“Não. Não quero. Gostava de poder sentir que isso era algo que não precisavas de saber. Mas suponho que precises. E é possível que tenha sido desleixo da minha parte não te ensinar antes. Mas não queria que vivesses esse tipo de vida.”

“Não estar preparada para me defender não quer dizer que nunca tenha de lutar pela vida.”

“Abelha, eu sei que isso é verdade. Olha. Eu disse-te o que vou fazer e vou mesmo fazê-lo. Mas por agora, por esta noite, podes confiar em mim para te proteger? E deixar isto para depois?”

Algo se apertou na minha garganta. Falei para os pés dele, com a voz tornada rouca e estranha. “Como é que podes proteger-me *a mim* se vais passar a vigiá-la *a ela* e a mantê-la *a ela* em segurança?”

Ele pareceu chocado, depois magoado e depois cansado. Observei pelo canto do olho as expressões que passaram rapidamente pelas suas feições.

Recompôs-se e falou com calma. “Abelha. Não tens motivo nenhum para ciúmes. Ou para preocupações. Esquiva precisa da nossa ajuda e, sim, eu vou protegê-la. Mas a minha filha és *tu*. Não Esquiva. E agora vamos lá. Tens de escovar o cabelo e lavar a cara e as mãos antes de irmos jantar.”

“Esquiva vai estar lá?”

“Sim. E Enigma também.” Ele não estava a tentar obrigar-me a trotar, mas as minhas pernas eram curtas. Quando caminhava no seu passo normal, eu tinha sempre de correr para o acompanhar. Reparei que a casa estava mais sossegada. Deduzi que ele mandara os trabalhadores passar a noite em casa.

“Gosto quando a casa volta a ficar sossegada.”

“Eu também. Estas reparações vão levar algum tempo, Abelha, e vamos ter de aguentar com o barulho, a poeira e os desconhecidos na nossa casa durante um bocado. Mas quando eles acabarem, as coisas vão voltar a ser sossegadas e calmas.”

Pensei no jantar daquela noite. Esquiva e Enigma à mesa connosco. E ao pequeno-almoço do dia seguinte. Pensei em entrar numa sala, em minha casa, e encontrar lá Esquiva. Passearia ela pelas salas de jardinagem? Leria os rolos na biblioteca? Agora que pensava em tê-la a vaguear pela minha casa, de súbito pareceu-me que nunca mais conseguiria não estar ciente da sua presença. “Durante quanto tempo vai Esquiva ficar cá?” Sem saber bem porquê, duvidava que o sossego, a calma e Esquiva pudessem residir na mesma casa.

“Enquanto precisar de cá estar.” Ele tentou falar com firmeza, mas eu consegui nessa altura ouvir o medo na sua voz. Era claro que não fizera a si mesmo essa pergunta. Gostei de ver que a resposta lhe desagradava tanto como a mim. Isso fez-me sentir melhor.

Ele acompanhou-me até ao meu quarto. Lavei-me e penteei o cabelo. Quando saí do quarto para descer para jantar, ele estava à porta à minha espera. Ergui o olhar para ele. “Gosto de ver que te barbeaste,” disse. Reparara logo de manhã mas nessa altura não fizera comentários. Ele deitou-me um olhar, acenou uma vez e descemos juntos para a sala de jantar. Os criados tinham-nos posto no grande salão de jantar, mas só

tinham acendido o lume na lareira mais próxima. A outra extremidade da sala era uma caverna escura. Enigma e Esquiva já estavam sentados à mesa, a conversar, mas o vasto espaço da sala devorava as suas palavras. “E aqui estamos todos,” anunciou o meu pai quando entrámos. Tinha um bom controlo da voz. Parecia contente por estarmos todos ali.

Sentou-me à sua direita, como se eu fosse a minha mãe, puxando a cadeira para mim e depois empurrando-a para a mesa quando me empoleirei nela. Esquiva estava sentada à minha direita e Enigma à esquerda dele. O cabelo dela estava preso no alto da cabeça e o vestido dava a ideia de que esperara encontrar a rainha na nossa sala de jantar. Tinha a cara esfregada de fresco, mas a água fria não havia levado todo o vermelho dos seus olhos. Estivera a chorar. Enigma parecia estar com vontade de chorar, mas em vez disso tinha um sorriso preso aos lábios.

Assim que nos sentámos e o meu pai fez soar a campainha para a comida ser trazida, Esquiva falou: “Não encontrastes mais nenhum sinal da desconhecida?”

“Já te disse, Esquiva, ela foi-se embora. Era uma viajante ferida, não passava disso. Era claro que não se sentia em segurança, nem mesmo aqui, e assim que pôde seguir caminho, seguiu.”

Dois homens que eu não conhecia entraram na sala transportando bandejas. Olhei para o meu pai. Ele sorriu-me. Os homens serviram-nos sopa e pão e depois recuaram. “Cor, Jato, obrigado.” Assim que o meu pai disse aquelas palavras, eles fizeram vénias e voltaram para a cozinha. Fitei-o, consternada.

“Contratei mais pessoal, Abelha. Está na altura de fazermos aqui as coisas de uma forma um pouco mais adequada. Depressa os conhecerás e depois ficarás confortável com eles. São primos do marido de Tavia e foram-me muito recomendados.”

Acenei com a cabeça mas continuei infeliz com aquilo. A refeição avançou por fases e o meu pai teve o cuidado de falar com Enigma e com Esquiva, como se a conversa fosse algo que tivesse de partilhar igualmente com todos os presentes à mesa. Perguntou a Esquiva se o quarto lhe convinha, por agora. Ela respondeu rigidamente que serviria. Perguntou a

Enigma o que achava da sopa e Enigma disse que era tão boa como a servida no Castelo de Torre do Cervo. Ao longo de toda a refeição, ele e Enigma só falaram de assuntos muito corriqueiros. Julgaria ele que nevaria mais no dia seguinte? O meu pai tinha a esperança de que as neves não fossem demasiado profundas naquele ano. Enigma disse que seria bom se não fossem demasiado profundas naquele ano. Esquiva gostava de montar a cavalo? Havia uns belos trilhos para cavalgar em Floresta Mirrada, e o meu pai achava que o cavalo dela parecia ser bom. Talvez gostasse de explorar um pouco da propriedade de Floresta Mirrada no dia seguinte, sim?

Enigma perguntou se o meu pai ainda tinha a égua cinzenta que costumava montar. O meu pai disse que sim. Enigma perguntou se podiam ir vê-la depois do jantar. Andava a pensar em perguntar ao meu pai se ela podia ficar prenha de um certo garanhão preto que havia em Torre do Cervo.

Era uma desculpa tão transparente para conseguir apanhar o meu pai sozinho com ele e conversar que eu quase não consegui aguentar. Depois do jantar, fomos para uma salinha com cadeiras confortáveis e um lume agradável na lareira. Enigma e o meu pai saíram para ir até aos estábulos. Esquiva e eu sentámo-nos e olhámos uma para a outra. Tavia entrou com chá para nós. “Camomila e hálito-doce, para vos ajudar a dormir depois da longa viagem de hoje,” disse ela a Esquiva com um sorriso.

“Obrigada, Tavia,” disse eu depois de o silêncio cair e Esquiva não lhe dar qualquer resposta.

“Não tendes de quê,” respondeu ela. Serviu chá a cada uma de nós e saiu.

Eu tirei a chávena da bandeja e fui sentar-me na lareira. Esquiva baixou o olhar para mim.

“Ele deixa-te sempre ficar acordada com os adultos?” Era claro que desaprovava.

“Adultos?”, perguntei, olhando em volta. Sorri-lhe, como se estivesse confusa.

“A estas horas, devias estar na cama.”

“Porquê?”

“É o que se faz com as crianças à noitinha. Vão para a cama para que os

adultos possam ter conversas.”

Pensei naquilo e depois olhei para o fogo. Iria o meu pai começar a mandar-me para a cama à noitinha para ele e Esquiva poderem ficar acordados a conversar? Peguei no atizador e bati firmemente com ele no lenho que ardia, fazendo voar um chuveiro de faúlhas. Depois voltei a bater.

“Para com isso! Vais fazer o lume fumegar.”

Bati mais uma vez e depois voltei a pousar o atizador. Não olhei para ela.

“Suponho que é bom não teres saias vestidas. Aí em baixo ias sujá-las. Porque é que estás sentada na lareira e não numa cadeira?”

As cadeiras eram demasiado altas. Ficava com os pés pendurados. Olhei para os tijolos varridos de fresco. “Isto aqui não está sujo.”

“Porque é que estás vestida como um rapaz?”

Baixei o olhar para a túnica e as meias. Tinha umas quantas teias de aranha no tornozelo. Soltei-as. “Estou vestida de forma confortável. Tu gostas de usar todas essas camadas de saias?”

Esquiva sacudiu-as a toda a volta. Eram bonitas, como as pétalas abertas de uma flor. As saias exteriores eram de um azul um tom mais claro do que o azul de Torre do Cervo. A combinação, por baixo, era de um azul ainda mais claro e a bainha rendada da combinação mostrava-se de forma deliberada. Combinava com o azul-claro do corpete do vestido e a renda era igual à que tinha ao pescoço e nos punhos. O vestido e a combinação não tinham vindo de nenhum mercado em nenhuma encruzilhada. O mais provável era terem sido feitos especialmente para ela. Esquiva alisou-os com satisfação. “São quentes. E muito bonitas. E também foram caras.” Ergueu a mão e tocou os brincos, como se eu não tivesse reparado neles. “E estes também foram. Pérolas de Jamaília. Foi Dom Breu que mas arranjou.”

Eu usava uma simples túnica, costurada pela minha mãe e feita com comprimento suficiente para ser modesta, por cima de uma camisa de lã de manga comprida. A túnica estava cingida à cintura por um cinto de couro e chegava-me aos joelhos. Por baixo, usava apenas as meias de lã e chinelos. Antes, nunca ninguém sugerira que eu estava vestida como um rapaz, mas nessa altura lembrei-me de como os moços de estrebaria se vestiam. Não era lá muito diferente de mim. Até as ajudantes de cozinha usavam sempre

saias. Olhei para os punhos das minhas mangas. Estavam sujos de teias de aranha e giz, consequência da minha aventura de horas antes. Os joelhos das meias também estavam sujos. De súbito soube que a minha mãe me teria obrigado a trocar de roupa antes de descer para jantar com convidados, vestindo-me talvez a saia vermelha. Ter-me-ia posto fitas no cabelo. Levei a mão ao cabelo e alisei o que dele restava.

Esquiva acenou com a cabeça. “Assim é um pouco melhor. Estava espetado como penas na cabeça de um pássaro.”

“Está demasiado curto para entrançar. Cortei-o porque a minha mãe morreu.” Olhei diretamente para ela por um instante.

Esquiva enfrentou friamente o meu olhar. Depois disse: “Já eu só posso desejar que a minha mãe estivesse morta. Acho que isso havia de me facilitar a vida.”

Fitei os seus joelhos. As palavras dela golpearam-me e tentei compreender porquê. Passado um momento, percebi. Ela considerava a sua dor mais significativa do que a minha. Senti que ela tinha dito que a continuação da vida da sua mãe cruel era uma tragédia maior do que a morte da minha mãe. E nesse momento odiei-a. Mas também descobri outra coisa importante. Eu era capaz de fazer o que o meu pai fazia: isto é, erguer o olhar e enfrentar o dela e não permitir que nada do que estava a pensar se revelasse na minha cara.

Essa ideia surpreendeu-me. Estudei-a, sem dizer nada, e apercebi-me de que ela não partilhava essa capacidade. Tudo o que sentia em cada momento estava clara e obviamente escrito na sua cara. Talvez julgasse que eu era demasiado nova para lhe ler a expressão, ou que não era importante que pudesse fazê-lo. Mas não estava a tentar esconder nada de mim. Soubera que as suas palavras insensíveis me magoariam. Estava infeliz e ressentia-se de estar em minha casa e estava irritada por ter sido deixada comigo. E, no seu descontentamento, atacava-me porque eu estava ali. E porque pensava que eu não podia contra-atacar.

Não senti piedade dela. Era demasiado perigosa para receber piedade da minha parte. Suspeitei que, na sua infelicidade indiferente, seria capaz de empregar uma crueldade maior do que eu alguma vez experimentara vinda

de um adulto. De súbito, temi que pudesse destruir-nos a todos e roubar toda a pequena paz que eu e o meu pai tínhamos encontrado. Estava ali sentada, enfiada na sua linda roupa e brincos de pérola e a fitar-me, tão pequena e, julgava ela, tão nova, e suja e plebeia. Claro. Ela julgava-me filha do plebeu Tomé Texugo. Não a princesa perdida da família Visionário! Só a filha do gestor viúvo de Floresta Mirrada. E no entanto eu tinha uma casa e um pai que me amava e recordações de uma mãe que me acarinhara. Nada disso lhe parecia justo.

“Estás muito calada,” observou ela com intenção. Era como uma gata aborrecida, a espicaçar um rato para ver se ele estava inteiramente morto.

“Já é tarde para mim. Sou uma criança, sabes? Vou para a cama muito cedo na maior parte das noites.” Bocejei para seu benefício, sem tapar a boca. Em voz mais baixa, acrescentei: “E histórias de desgraças cheias de autocomiseração aborrecem-me, o que me dá sono.”

Ela fitou-me, com olhos que ficaram mais verdes. Ergueu a mão como que para ajeitar o cabelo e puxou por um dos longos alfinetes que o prendiam. Prendeu-o entre o polegar e o indicador como que para atrair deliberadamente a minha atenção para o alfinete. Planearia ameaçar-me com ele? Levantou-se de repente e eu pus-me em pé de um salto. Apostava que era capaz de fugir dela, mas esquivar-me para passar por ela e ir até à porta talvez constituísse um desafio. Ouvi um murmúrio no corredor e, um instante mais tarde, Enigma abriu a porta. O meu pai estava atrás dele. “Boa-noite!”, gritei-lhes, alegremente. Passei a correr por uma Esquiva que ainda me fitava, furiosa, para ir dar um breve abraço ao meu pai e depois recuar apressadamente. “Foi um dia tão comprido e tão cheio de acontecimentos inesperados. Estou muito cansada. Acho que vou agora para a cama.”

“Bem...” O meu pai parecia estupefacto. “Se estás cansada. Queres que te leve para o quarto?”

“Sim,” disse vivamente Enigma antes de eu ter tempo para responder. Esquiva estava a arranjar o cabelo, sorrindo enquanto voltava a fazer deslizar o alfinete para as madeixas presas. “Há bocado ela não se estava a sentir bem. Devias assegurar-te de que está bem aconchegada e quentinha e

tem um bom lume a arder na lareira.”

“Sim. Devia,” concordou o meu pai. Estava a sorrir e a acenar, como se fosse inteiramente normal que eu fosse para a cama a uma hora daquelas. Normalmente ficávamos juntos a pé até tarde, e era frequente eu adormecer junto da lareira do seu gabinete. Agora pedia aos hóspedes que lhe dessem licença durante um bocadinho, prometia regressar e depois pegava-me na mão enquanto saíamos da sala. Só me libertei da mão dele depois de a porta estar fechada atrás de nós. “Que andas tu a magicar?”, perguntou ele enquanto nos dirigíamos para a escada e para o meu quarto.

“Nada. É noite. Vou para a cama. É o que as crianças fazem, segundo me disseram.”

“A Esquiva estava corada.”

“Acho que estava sentada demasiado perto do lume.”

“Abelha.” Só disse o meu nome, mas havia censura na palavra. Fiquei em silêncio. Não senti merecê-la. Deveria falar-lhe sobre o alfinete dela? Sem dúvida que me julgaria tola.

Chegámos à minha porta e eu agarrei o puxador antes de ele ter tempo para o fazer. “Esta noite só quero ir para a cama. Sem dúvida que vais ter de correr de volta para conversar com os outros adultos.”

“Abelha!”, exclamou ele, e agora o meu nome significava que o atingira, magoando-o e provocando também um pouco de ira. Não me importei. Ele que fosse preocupar-se com a pobre coitadinha da Esquiva. Era ela que precisava da simpatia dele, não eu. A cara dele imobilizou-se. “Fica aqui enquanto eu verifico o teu quarto.”

Fiz o que ele me disse, mantendo-me à espera ao lado da porta aberta. Mas no momento em que ele saiu, enfiei-me pela porta e fechei-a atrás de mim. Esperei, agarrada ao puxador, para ver se ele tentaria entrar e falar comigo.

Mas não o fez. Eu sabia que não o faria. Atravessei o quarto e pus outro lenho na lareira. Não tinha sono.

Despi a roupa, fiz com ela uma bola e cheirei-a. Não estava só suja, mas havia decididamente nela um certo cheiro a rato, provavelmente devido aos corredores de espionagem. Pensei no *Listado*, em patrulha em busca de

ratos e ratazanas. Pensei em sair furtivamente do meu quarto e ir ao estúdio do meu pai para ver se o gato já queria sair. Mas teria de me voltar a vestir e, se o meu pai me apanhasse naquela noite a vaguear pelos corredores, zangar-se-ia. Decidi levantar-me muito cedo. Ambas as minhas camisas de dormir de inverno cheiravam um pouco a bafio. Quando a minha mãe estava viva, a roupa cheirava sempre a cedro e ervas se fosse tirada da arca, ou a sol e a alfazema se fosse lavada de fresco. Eu já antes suspeitara que o pessoal da casa se tinha tornado mais desleixado com os seus deveres desde a morte da minha mãe, mas aquela era a primeira vez que me apercebia de quão diretamente isso me afetaria.

Culpei o meu pai. Depois, culpei-me a mim. Como podia eu começar a imaginar que ele podia saber aquelas coisas? Provavelmente não fazia nenhuma ideia de que se tinham passado semanas desde que eu banhara todo o corpo ou lavara o cabelo. Era verdade que era inverno, mas a minha mãe obrigara-me sempre a lavar o corpo inteiro numa banheira pelo menos uma vez por semana, mesmo no inverno. Perguntei a mim própria se os criados adicionais que ele contratara significariam que as coisas voltariam a ser como eram antes. Parecia-me bem que não. Duvidava que isso acontecesse, a menos que alguém tomasse as rédeas.

Talvez Esquiva? A ideia transformou-me a espinha em aço. Não. Eu. Na verdade, aquela era a minha casa. Era eu ali a mulher, ocupando o lugar da minha irmã, na casa da minha irmã. Imaginava que os criados que o meu pai sempre supervisionara estivessem a fazer o seu trabalho como sempre o tinham feito. Pândego não se preocupava com esses. Mas fora a minha mãe a dirigir o pessoal doméstico. Pândego era bom a tornar as coisas elegantes, mas não me parecia que supervisionasse as lavagens, limpezas e arrumações quotidianas. Teria eu de me dedicar agora a isso.

Vesti a camisa de dormir menos malcheirosa. Olhei para os pés e usei a água que restava no meu jarro para lavar a cara, as mãos e os pés. Espevitei o lume e trepei para a cama. Havia tanto em que pensar que julguei nunca ser capaz de adormecer.

Mas adormeci porque acordei com a rapariga sem cor em pé ao lado da minha cama. Tinha lágrimas de cor rubi na cara. Sangue cor-de-rosa

borbulhava nos seus lábios. Fitava-me. “A mensagem,” disse, cuspiendo sangue com as palavras, e depois caiu em cima de mim.

Eu soltei um guincho e debati-me para lhe sair de baixo. Ela tentou agarrar-me mas, em segundos, eu estava fora da cama e a correr para a porta. Gritava, mas nenhum som saía. A tranca da porta retiniu no meu pânico atrapalhado e depois a porta abriu-se e eu corri para o corredor escuro. Os meus pés descalços faziam ruídos no chão e eu agora ia soltando pequenos guinchos. E se a porta do quarto do meu pai estivesse trancada, e se ele não estivesse lá mas em baixo no gabinete ou noutro qualquer ponto da casa?

“Pa-pa-pa-pá,” ouvi-me a gaguejar, mas não conseguia obter nenhum volume da voz. A porta dele abriu-se quando lhe toquei e, para meu choque, ele estava de pé com uma faca na mão antes mesmo de eu ter tempo de chegar à sua cama. Estava descalço e com a camisa meio aberta, como se tivesse estado a aprontar-se para a cama. Pegou-me ao colo com o braço livre e depois torceu o corpo para eu ficar quase atrás dele e a sua faca ameaçou a porta aberta. Falou sem tirar os olhos da porta.

“Estás ferida? O que foi, onde?”

“No meu quarto. A rapariga.” Tinha os dentes a chocalhar, com um tal terror que não imagino que tenha falado com clareza. Mesmo assim, ele pareceu compreender. Deixou-me cair ao chão, quase com suavidade, e pôs-se em movimento.

“Atrás de mim. Bem perto atrás de mim, Abelha.”

Não olhou para trás para ver se eu obedecera. Arrancou, em corrida, de faca na mão, e eu tive de correr atrás dele, regressando ao último lugar do mundo em que desejava estar. Sem nenhuma faca na minha mão. Prometi a mim mesma que, se sobrevivesse àquela noite, isso nunca mais voltaria a acontecer. Roubaria na cozinha uma faca para mim e mantê-la-ia debaixo da almofada. A sério.

Chegámos ao meu quarto e ele fez-me gestos zangados para me afastar da porta. Tinha os lábios afastados dos dentes e os olhos estavam escuros e selváticos. O Pai-Lobo encontrava-se neles e a sua ira era uma ira assassina por alguma coisa ter ameaçado a sua cria. Parou no limiar da porta e fitou o

quarto, que estava iluminado apenas pelas chamas moribundas da lareira. As suas narinas estavam dilatadas e ele moveu a cabeça de um lado para o outro. Depois ficou muito imóvel. Avançou tão lentamente para a silhueta estendida na minha cama que foi como se só uma pequena parte dele se movesse de cada vez. Deitou-me um relance. “Tu defendeste-te? Mataste-a?”

Abanei a cabeça. Ainda tinha a garganta seca de terror mas consegui dizer: “Fugi.”

Um aceno brusco. “Ótimo.” Aproximou-se mais da minha cama e fitou-a.

Ficou hirto de repente, erguendo a faca para estar pronto, e eu ouvi o murmúrio húmido dela. “A mensagem. Tens de ouvir mensagem. Antes de eu morrer.”

A cara dele mudou. “Abelha. Traz água.”

Só restava um resto no meu jarro. Fui até ao quarto onde a tínhamos deixado e encontrei a bandeja com a comida ainda intocada. Havia água para chá num bule, já fria. Trouxe-a ao meu pai. Ele compusera-a na minha cama. “Bebe um pouco,” instou e levou-lhe o copo aos lábios. Ela abriu a boca mas não pareceu capaz de engolir o que ingeriu. A água escorreu-lhe para fora da boca e pelo queixo, tornando o rosado ainda mais claro. “Para onde foste?”, perguntou-lhe o meu pai. “Não conseguimos encontrar-te.”

Os olhos dela tinham abertas meras fendas. As pálpebras pareciam secas e cheias de crostas. “Estava... lá. Na cama. Oh.” De súbito pareceu ainda mais triste. “Oh. Manto. Foi o manto. Eu tive frio e puxei o manto para cima de mim. Ele desapareceu-me.”

Eu ousara aproximar-me da cama. Não me parece que ela estivesse consciente de mim; julguei que talvez estivesse agora cega. Eu e o meu pai trocámos olhares cétricos. Ela moveu a mão num gesto vago que me fez lembrar uma esguia folha de salgueiro a mover-se ao vento. “Absorve as cores e sombras. Não percam... muito velho, sabem?” O seu peito ergueu-se lentamente e depois caiu. Ela ficou tão imóvel que julguei que estivesse morta. Depois gritou, como se as palavras lhe doessem: “A mensagem.”

“Estou aqui. Estou à escuta.” O meu pai recolheu a mão estreita dela nas suas. “Demasiado quente,” murmurou. “Muito mais quente do que devia.”

“Tão difícil pensar. Concentrar. Ele fez dela... um padrão. Mais fácil de lembrar. Escrever não seguro.”

“Eu compreendo.”

Ela inspirou pelo nariz. Quando expirou, pequenas bolhas rosadas formaram-se nos seus lábios. Não queria olhar para elas, mas não era capaz de afastar o olhar.

“Por quatro coisas saberás que sou uma verdadeira mensageira dele e confiarás em mim. Ratita estava no seu ceptro. O nome da tua mãe nunca foi dito. Servias um homem atrás de uma parede. Ele tirou as dedadas do teu pulso.” Fez uma pausa, a respirar. Esperámos. Vi-a engolir e ela virou a cara para o meu pai. “Convencido?”, perguntou-lhe numa voz débil. “De que sou uma verdadeira mensageira?” Eu tivera razão. Ela não conseguia ver a cara dele.

Ele deu um salto, como se tivesse sido picado por um alfinete. “Sim, sim, claro. Confio em ti. Tens fome? Achas que conseguias beber um pouco de leite aquecido ou comer alguma coisa?” Fechou os olhos por um momento e ficou muito imóvel. “Nunca te teríamos negligenciado se soubéssemos que continuavas aqui. Quando não conseguimos encontrar-te, julgámos que te tinhas sentido bem o suficiente para viajar e nos tinhas deixado.”

Não mencionou que nos tínhamos interrogado sobre se ela estaria escondida algures na casa, na esperança de nos matar.

A respiração dela fazia ruído sempre que inspirava. “Não. Nenhuma comida. Demasiado tarde para comida.” Tentou pigarrear e o sangue derramado nos seus lábios tornou-se mais vermelho. “Não há tempo para pensar em mim. A mensagem.”

“Ainda posso mandar buscar um curandeiro.”

“Mensagem,” insistiu ela. “A mensagem e depois podes fazer o que quiseres.”

“Seja, a mensagem,” capitulou o meu pai. “Estou a ouvir. Continua!”

Ela sufocou por um momento e depois um líquido rosado escorreu-lhe pelo lábio e pelo queixo abaixo. O meu pai limpou-o com ternura e com o canto da minha manta. Decidi que naquela noite ia dormir na cama dele. Quando conseguiu, ela inspirou ar e disse de um fôlego: “Ele disse-te. As

velhas profecias dos sonhos predisseram o filho inesperado. Aquele que me enviou interpretou-as em tempos como referindo-se a ti. Mas agora pensa que talvez não. Crê que pode haver outro. Um filho, não procurado e não esperado. Um rapaz deixado algures no caminho. Não sabe onde, nem quando, nem quem é a mãe. Mas espera que consigas encontrá-lo. Antes que os caçadores o encontrem.” Faltou-lhe o fôlego. Tossiu, deitou perdigotos de sangue e cuspiu. Fechou os olhos e, durante algum tempo, limitou-se a tentar respirar.

“O Bobo teve um filho?” O meu pai estava incrédulo.

Ela fez um aceno curto e vivo. Depois abanou a cabeça. “Dele, mas não dele. Um Branco mestiço. Mas é possível que pareça um Branco completo. Como eu.” A respiração regularizou-se-lhe durante algum tempo e julguei que ela tinha acabado. Depois inspirou mais profundamente. “Tens de procurar por ele. Quando encontrares o filho inesperado, tens de o manter em segurança. Não digas a ninguém que o tens. Não fales da procura a ninguém. É a única maneira de o manter em segurança.”

“Eu encontro-o,” prometeu o meu pai. Ela fez um pequeno sorriso, mostrando dentes rosados. “E agora vou mandar vir um curandeiro,” disse o meu pai, mas ela deu à cabeça um débil abanão.

“Não. Há mais. Água, por favor.”

Ele levou-lhe o copo à boca. Ela não bebeu, mas bochechou com a água e deixou-a escorrer pelo queixo. O meu pai voltou a limpar-lhe a cara.

“Virão caçadores. Com ar amistoso, talvez. Ou disfarçados. Levando-te a crer que são amigos.” Falava em frases curtas, respirando entre elas. “Não confies o filho inesperado a ninguém. Mesmo se disserem que vieram de parte dele, para o levar para o lugar que lhe cabe. Espera por aquele que me enviou. Ele virá procurá-lo, se conseguir. Foi o que disse quando me enviou. Há tanto tempo... porque foi que não chegou cá antes de mim? Temo... não. Tenho de acreditar que ainda está a viajar. Escapou, mas vão persegui-lo. Quando conseguir, ele virá. Mas devagar. Tem de os despistar. Vai demorar. Mas chegará cá. Até lá, tens de o encontrar e de o manter em segurança.” Não tinha a certeza se ela acreditava nas suas próprias palavras.

“Onde devo procurar?”, perguntou-lhe o meu pai com urgência.

Ela abanou levemente a cabeça. “Não sei. Se ele sabia, não me deu pistas. Para que, se me capturassem e torturassem, eu não o pudesse trair.” Moveu a cabeça na almofada, procurando-o com os olhos cegos. “Vais encontrá-lo?”

O meu pai pegou-lhe na mão e segurou-a com cuidado. “Eu encontro o filho dele e mantenho-o a salvo até que ele cá chegue.” Perguntei a mim própria se ele estaria a mentir para a fazer sentir-se melhor.

Os olhos da mensageira fecharam-se até que só uma lua cinzenta-clara se mostrou por baixo das pálpebras. “Sim. Tão valioso. Eles vão desejá-lo muito. Suficiente para matar. Se o apanharem...” A testa dela enrugou-se. “Como eu fui tratada. Uma ferramenta. Sem alternativas.” As pálpebras abriram-se-lhe e o seu olhar estranho e sem cor pareceu cruzar-se com o dele. “Dei à luz três filhos. Nunca vi nem tive ao colo nenhum. Eles levam-nos. Como me levaram a mim.”

“Não compreendo,” disse o meu pai mas, perante a expressão desesperada dela, corrigiu para: “Compreendo o suficiente. Vou encontrá-lo e mantê-lo em segurança. Prometo. Agora vamos pôr-te confortável e tu vais descansar.”

“Queima o meu corpo,” disse ela com insistência.

“Se chegarmos a tanto, queimo. Mas para já...”

“Vamos chegar a tanto. O meu companheiro vasculhou os ferimentos. Eu disse-te. O que entrou não vai sair.”

“Um veneno?”

Ela abanou a cabeça. “Ovos. Já eclodiram. Estão a devorar-me.” Estremeceu e voltou a tossir. “Desculpa. Queima roupa da cama. Comigo.” Os seus olhos abriram-se e o olhar vazio passeou pelo quarto. “Devias pôr-me lá fora. Eles mordem e fazem toca. E põem ovos.” Tossiu cor-de-rosa. “Castigo por ser traidora.” Pestanejou e gotas vermelhas nasceram-lhe nos cantos dos olhos. “Traição imperdoável. Portanto castigada com morte imparável. Lenta. Demora semanas.” Estremeceu e depois contorceu-se. Ergueu o olhar para o meu pai. “A dor está a aumentar. Outra vez. Não consigo ver. Estão a comer os meus olhos. Estão ensanguentados?”

Ouvi o som do meu pai a engolir em seco. Deixou-se cair ao lado da

cama até ficar com a cara ao nível da da rapariga. Uma quietude tomara conta do rosto dele; não percebi se sentia alguma coisa. Perguntou baixinho: “Então acabaste? Essa era a mensagem completa?”

Ela confirmou com a cabeça. Rolou-a para enfrentar o olhar do meu pai, mas eu sabia que não o conseguia ver. Sangue em gotas de cor rubi prendiam-se às suas pestanas. “Acabei. Sim.”

O meu pai pôs-se em pé. Virou-se como se quisesse fugir do quarto. Em vez disso pegou no jarro vazio. Falou com severidade. “Abelha. Preciso de água fresca. E traz algum vinagre num copo. E...” Parou para pensar. “Vai à sala de jardinagem de Paciência. Traz-me duas mancheias duplas da menta que cresce mais perto da estátua da rapariga com a espada. Vai lá.”

Peguei no jarro e numa vela num castiçal e fui. A escuridão tornava os corredores mais compridos. A cozinha era um lugar de sombras à espreita. O vinagre estava numa grande panela de barro, com os vasos capazes de o transportar, tudo fora do meu alcance. Tive de empurrar bancos e de trepar. Deixei lá o pesado jarro de água e o vinagre e atravessei a casa adormecida até à sala de jardinagem de Paciência. Encontrei a menta e despedacei as plantas sem olhar a consequências, enchendo uma dobra da minha camisa de dormir com as folhas aromáticas. Depois voltei a trote para a cozinha, de vela na mão e a segurar com a outra a camisa de dormir subida que envolvia a menta. Na cozinha, coloquei a menta num pano limpo, amarrei-o e segurei o nó com os dentes. Abandonei a vela para pegar no pesado jarro com uma mão e no vinagre com a outra. E lá fui o mais depressa possível, tentando não pensar em larvas a comer-me de dentro para fora. Quando cheguei à porta do meu quarto e pousei tudo no chão para a abrir, estava sem fôlego. Sentia-me como se tivesse passado a noite inteira a correr.

Uma visão horrorosa assaltou-me o olhar. O meu colchão de penas estava no chão. O meu pai estava ajoelhado a seu lado. Tinha as botas calçadas e o seu manto pesado estava no chão junto dele, portanto devia ter voltado ao seu quarto. Fizera uma das minhas colchas em tiras e estava a usá-las para amarrar a trouxa que fazia. Tinha a cara cinzenta quando ergueu os olhos para mim. “Ela morreu,” disse. “Vou levá-la lá para fora para a queimar.” Não tinha interrompido a frenética criação da trouxa. O meu colchão de

penas estava a tomar a forma de um imenso casulo. Havia uma rapariga morta lá dentro. Ele afastou o olhar de mim e acrescentou: “Despe-te aqui até à pele. Depois vai para o meu quarto. Podes dormir com uma das minhas camisas. Deixa aqui a tua camisa de dormir. Vou queimá-la com ela.”

Fitei-o. Pousei o jarro e o vinagre. A trouxa de menta caiu ao chão. Fosse qual fosse o remédio que ele pretendia fazer, agora era demasiado tarde. Ela estava morta. Morta como a minha mãe. Ele fez passar outra tira de colcha debaixo da trouxa, ergueu ambas as pontas e apertou-a bem com um nó. A minha voz soou muito sumida. “Não vou andar nua pelos corredores. E tu não podes fazer isto tudo sozinho. Queres que vá buscar o Enigma para te ajudar?”

“Não.” Ele voltou a acocorar-se. “Abelha. Anda cá.” Fui ter com ele. Julguei que fosse abraçar-me e dizer-me que tudo ficaria bem. Mas ele obrigou-me a dobrar o pescoço e examinou-me atentamente o cabelo rapado. Depois levantou-se, foi até à arca da minha roupa e abriu-a. Tirou de lá o roupão de lã do ano anterior. “Lamento,” disse quando voltou para junto de mim. “Mas tenho de te manter em segurança.” Pegou na batinha da minha camisa de dormir e despiu-me. Depois examinou-me por completo, debaixo dos braços, no traseiro e entre os dedos dos pés. Estávamos ambos muito corados antes de ele terminar. Depois deu-me o roupão de lã e pegou na camisa de dormir para a acrescentar à trouxa. “Calça as botas e põe um manto de inverno,” disse-me. “Vais ter de me ajudar. E nunca ninguém pode saber o que vamos fazer esta noite. Ninguém pode conhecer a mensagem que ela trouxe. Ou mesmo que a reencontrámos. Se outras pessoas souberem, aquela criança correrá um perigo maior. O rapaz de que ela falou. Compreendes?”

Acenei afirmativamente. Nesse momento senti mais saudades da minha mãe do que já sentira na vida.

CAPÍTULO 17

ASSASSINOS

Com toda a honestidade, não existe forma de matar alguém misericordiosamente. Há aqueles que não consideram crime afogar um recém-nascido imperfeito em água aquecida, como se o bebê não lutasse desesperadamente por encher os pulmões de ar. Se ele não tentasse respirar, não se afogaria. Mas os que o fazem não ouvem os gritos nem sentem o escurecimento da mente por que a criança passa, portanto foram misericordiosos. Para si próprios. Isto é assim para a maior parte das “mortes por misericórdia”. O melhor que um assassino pode fazer é criar uma situação em que não tenha de ser testemunha da dor que causa. Ah, direis, mas e as drogas e venenos que põem um homem num sono profundo de onde nunca mais sai? Talvez, mas eu duvido. Suspeito que alguma parte da vítima sabe. O corpo sabe que está a ser assassinado e ele esconde poucos segredos da mente. O estrangulador, o sufocador, o sangrador, todos eles podem afirmar que as suas vítimas não sofreram. Mentem. Tudo o que podem dizer com verdade é que o sofrimento das vítimas lhes foi invisível. E ninguém regressa para dizer que estão errados.

Duzentas e Setenta e Nove Maneiras de Matar um Adulto, de Merjok

Enquanto eu transportava o corpo pela escada abaixo, a minha queridinha ia trotando à minha frente, levando uma vela para me alumiar o caminho. Por um terrível momento, senti-me grato por Moli estar morta e não poder ser testemunha do que eu estava a exigir à nossa filha. Pelo menos criara uma diversão grande o suficiente para ela não me ter visto matar a mensageira. Usara os dois pontos de sangue na garganta. Quando colocara nela as mãos, ela compreendera o que eu estava a fazer. O seu olhar cego e ensanguentado cruzara-se com o meu e, por um momento, li alívio e autorização na cara dela. Mas depois, quando apliquei

pressão, ela reagira por reflexo e agarrara-me nos pulsos. Debatera-se, lutando por mais alguns momentos de vida crivada de dor.

Estava demasiado enfraquecida para dar grande luta. Conseguiu arranhar-me um pouco. Passara-se muito, muito tempo desde que eu matara alguém. Nunca antecipara a matança com excitação, como acontecia com alguns assassinos. Nunca a transformara na minha alegria, na minha realização ou até num objetivo que me fosse caro. Aceitara-a quando era muito novo como a tarefa que tinha a desempenhar na vida, e desempenhara-a, com eficácia e frieza, e tentara não pensar demasiado no assunto. Aquela noite, mesmo com a autorização inicial da mensageira, mesmo sabendo que estava a poupar-lhe uma morte demorada e dolorosa, foi talvez a minha pior experiência como assassino.

E ali estava eu, a tornar a minha filhinha parte daquilo, e vinculando-a ao silêncio. Teria eu procurado, cheio de integridade, impedir Breu e Kettricken de a arrastarem para a sua condição de Visionário, com toda a história que a acompanharia? Eles certamente nunca a teriam exposto a nada que se parecesse com aquilo. Eu estivera tão orgulhoso do tempo que passara desde que matara alguém. *Oh, bom trabalho, Fitz. Não deixes que eles ponham os fardos de se ser Visionário naqueles ombros magros. Em vez disso, torna-a tu uma aprendiz de assassino.*

Numa propriedade como Floresta Mirrada há sempre, algures, uma pilha de ervas daninhas e ramos à espera de ser queimada. Tudo isso acaba empilhado algures, fora do caminho. A nossa ficava numa pastagem, do outro lado dos currais onde as ovelhas pariam. Eu carreguei a mensageira entrouxada e segui à frente pela erva alta e coberta de neve e pela noite de inverno. Abelha caminhava em silêncio a meu lado. Era uma caminhada desagradável na escuridão e na humidade. Ela seguia pelo trilho que eu ia abrindo. Chegámos a um monte, coberto de neve, de ramos espinhosos e finos, espinheiros cortados e atirados para ali, e os ramos caídos das árvores que rodeavam a pastagem que eram demasiado finos para valer a pena transformá-los em lenha. Era uma pilha ampla para o que eu tinha de fazer.

Foi aí que pousei a minha carga e o corpo entrouxado inclinou-se, torto, na pilha. Puxei os ramos para cima dela e tornei a pilha mais compacta.

Abelha observou-me. Pensei que talvez devesse mandá-la de volta, dizer-lhe para ir para o meu quarto e dormir. Mas sabia que ela não o faria e suspeitei que testemunhar mesmo o que eu tinha de fazer seria menos horrível do que imaginá-lo. Juntos, fomos buscar óleo e carvões em brasa. Ela viu-me salpicar os ramos com o óleo e derramá-lo generosamente sobre o corpo enrolado. Depois incendiámo-lo. Os ramos de pinheiro e os espinheiros eram resinosos; depressa arderam, e as suas chamas secaram os ramos mais grossos. Temi que se consumissem antes de o corpo desaparecer, mas o colchão de penas cheio de óleo incendiou-se e ardeu bem, com um intenso fedor. Trouxe mais ramos para atirar para a nossa fogueira e Abelha ajudou. Ela sempre fora uma criaturinha pálida e a gélida noite negra transformara-a em giz. A luz vermelha do fogo a dançar na sua cara e no cabelo curto transformava-a num estranho duendezinho mortal saído de uma velha lenda.

A pira ardeu bem, com chamas mais altas que a minha cabeça. A luz que delas vinha empurrou a noite para trás. Depressa fiquei com a cara desconfortavelmente quente e as costas ainda frias. Enfrentei o calor para empurrar as pontas dos ramos para dentro e para acrescentar mais ao incêndio. O fogo falava, crepitando e silvando, quando eu lhe atirava para cima um ramo carregado de gelo. As chamas devoraram o nosso segredo.

Abelha estava a meu lado, mas sem me tocar, e os dois vimos a mensageira arder. Queimar um corpo demora muito tempo. Passámo-lo a maior parte em silêncio. Abelha teve pouco a dizer além de: “O que vamos dizer aos outros?”

Organizei as ideias. “À Esquiva não dizemos nada sobre isto. Ela acredita que a rapariga se foi embora. Vamos deixar Enigma acreditar no mesmo. Ao pessoal da casa, vou dizer que te queixaste de picadas comichosas e que eu encontrei bichos na tua cama quando te estava a meter lá dentro e decidi queimá-la imediatamente.” Soltei um pequeno suspiro e admiti: “Não vai ser justo para eles. Tenho de fingir estar muito aborrecido. Vou exigir que toda a tua roupa seja lavada de fresco, sem exceção, e que seja trazida roupa nova de cama para ti.”

Ela fez um único aceno. Voltou a virar os olhos para o fogo. Juntei mais

uma braçada de ramos e atirei-os para a fogueira. Os ramos meio queimados cederam sob este novo peso, indo empilhar-se sobre os restos mortais em brasa. O colchão de penas desapareceu em cinzas aveludadas. Aquilo ali seriam ossos enegrecidos ou ramos enegrecidos? Nem eu conseguia perceber. O ténue cheiro a carne a assar nauseou-me.

“És muito bom nisto. Pensaste em tudo.”

Não era um elogio que eu quisesse receber da minha filhinha. “Eu costumava ter de fazer... trabalhos especiais. Para o rei. Aprendi a pensar em muitas coisas ao mesmo tempo.”

“E a mentir muito bem. E a não deixar que as pessoas vejam o que estás a pensar.”

“Isso também. Não é coisa de que me orgulhe, Abelha. Mas o segredo que ouvimos esta noite é meu. Pertence a um amigo muito antigo. Ouviste o que a mensageira disse. Ele tem um filho e esse filho está em perigo.” Conseguiria ela ouvir na minha voz quão peculiar esta notícia me parecia? O Bobo tinha um filho. Eu nunca tivera a certeza absoluta sobre a sua masculinidade. Mas se uma criança nascera, teria de ter surgido do ventre de uma mulher. Isso significava que, algures, esse filho teria uma mãe. Uma mulher que, presumivelmente, o Bobo amara. Julgava tê-lo conhecido melhor do que qualquer outra pessoa. Contudo, isto era algo de que nunca teria suspeitado.

A mulher seria o meu ponto inicial. Quem seria? Torturei os miolos. Gareta veio-me à mente. Estava empregada nos jardins quando eu e o Bobo éramos crianças. Já então estivera enamorada dele. Em jovem, ele fora um tipo ágil e brincalhão e dava os saltos mortais e as cambalhotas e fazia os truques de malabarista que se esperavam de um bobo. A sua língua era rápida. Era frequente o seu humor ser cruel para aqueles que sentia precisarem de um pouco de rebaixamento. Era mais simpático com os muito novos ou aqueles com quem o destino não fora gentil, virando frequentemente as brincadeiras contra si próprio.

Gareta não era bonita e ele fora gentil com ela. Para algumas mulheres é quanto basta. Em anos posteriores, ela recordara-o, reconhecera-o no disfarce de Dom Dourado. Teria havido mais do que reconhecimento? Teria

sido assim que ele a persuadira a guardar o seu segredo? Se tivessem tido um filho, o rapaz estaria agora com vinte e tal anos.

Seria ela a única possibilidade? Bem, havia fartura de prostitutas e damas de prazer na Cidade de Torre do Cervo, mas não conseguia imaginar o Bobo a frequentá-las. Tinha de ser Gareta... Mas então os meus pensamentos deram um passo para o lado e de súbito vi o Bobo a uma luz diferente. Ele sempre fora uma pessoa muito reservada. Podia ter tido uma amante escondida. Ou uma amante não tão secreta. Loureira. A caçadora Manhosa não guardara segredo da atração que sentia por ele. E ele passara anos longe de Cervo, em Vilamonte e possivelmente em Jamaília. Eu não sabia praticamente nada sobre a vida que lá levava, exceto ter vivido disfarçado de mulher.

E então o óbvio caiu no lugar e chamei a mim próprio um grande cretino. Jofron. Porque lhe teria ele escrito? Porque a teria prevenido para proteger o filho? Talvez porque fosse filho de *ambos*? Reorganizei as memórias que tinha de Jofron e do Bobo. Perto de trinta e cinco anos antes, quando o Bobo me encontrara moribundo nas Montanhas, levava-me para a sua casinha. Tinha uma pequena casa montanheira que partilhava com Jofron. Fizera-a sair quando me acolhera. E quando partira para ir comigo na minha demanda, deixara-lhe tudo o que possuía. Pensei em como ela reagira a mim da última vez que nos encontráramos. Poderia interpretar os seus modos para comigo como a reação de uma amante que fora trocada por um amigo? Ela parecera tirar prazer de me mostrar que ele lhe escrevera ao mesmo tempo que a mim não enviara qualquer notícia.

Procurei na memória esses dias febris, recordando a voz dela, a forma adoradora como falava do seu Profeta Branco. Eu julgara tratar-se de uma espécie de fervor religioso. Talvez tivesse sido uma paixão um pouco diferente. Mas se ela lhe dera à luz um filho, certamente que ele o soubera com certeza. Enviara-lhe mensagens. Poderia ela nunca lhes ter respondido? Se ele tivesse deixado lá uma criança, o rapaz devia ser um ano mais novo do que Urtiga. Com certeza não seria uma criança que precisasse da minha proteção. E o neto que estivera lá não se parecia em nada com o Bobo. Certamente que, se fosse neto do Bobo, a sua ascendência Branca seria

visível de algum modo. O neto do Bobo. Por um momento, pareceu impossível encaixar estas palavras umas nas outras.

Refleti naquilo enquanto as chamas devoravam os ossos da mensageira. As palavras desta pouco sentido faziam. Se o Bobo tivesse sido pai de uma criança da última vez que estivera em Torre do Cervo, o filho seria um jovem, não um rapazinho. Não fazia sentido. A mensageira chamara-lhe rapaz. Lembrei-me de como o Bobo crescera devagar, de como ele afirmara ser décadas mais velho do que eu. Havia tanto que eu não sabia. Mas se fosse característica dos da sua espécie envelhecer devagar, seria possível que o filho que deixara para trás ainda parecesse ser uma criança? Nesse caso não podia ser o filho de Jofron, que já fora pai de um filho seu. Ter-lhe-ia ele enviado um aviso por temer que os caçadores perseguissem qualquer criança que tivesse alguma remota possibilidade de ser filho do Bobo? A minha mente corria em círculos, tentando construir uma torre com blocos insuficientes. Certamente que ele, se se tratasse do filho de Jofron, não podia ter dito, com dezenas de pistas que só eu reconheceria. Chamando-lhe o filho da Fabricante de Brinquedos, eu reconhecê-lo-ia. Mas com certeza que isso era verdade com qualquer filho, não? O filho da jardineira, o filho da caçadora... nós conhecíamos-nos tão bem. Com certeza que me podia ter identificado qualquer filho que tivesse deixado para trás. Se o Bobo soubesse com certeza onde a criança estava... Estaria a enviar-me numa caçada aos gambozinhos à procura de uma criança que se afirmava existir com base em alguma obscura profecia Branca? Ele não me faria isso. Não. Quase de certeza que faria. Porque era capaz de acreditar que eu encontraria uma criança dessas. Seria ela mesmo filha do Bobo? Voltei a analisar as poucas palavras da mensageira. Um filho inesperado. Em tempos, ele dissera-me que essas palavras se referiam a mim. E agora? Haveria outro “filho inesperado”, algures? Poderia eu ter a certeza de que aquele rapaz era filho do Bobo? Os conhecimentos que ela tivera da minha língua eram menos que perfeitos...

“Papá?” A voz de Abelha soou trémula e, quando me virei para ela, vi que se tinha abraçado e estava a tremer de frio. “Já acabámos?” O seu nariz estava vermelho na ponta.

Olhei para a nossa fogueira. A última braçada de ramos que eu lá pusera colapsou de repente. Quanto restaria da rapariga? O crânio, os ossos mais pesados da coxa, a coluna. Dei um passo em frente para espreitar o coração do fogo. Estava coberto de brasas e cinzas. Amanhã, eu traria a roupa da cama da ama do quarto adjacente ao de Abelha e queimá-la-ia ali. Por aquela noite bastava. Esperava eu. Olhei em volta. Havia luar, mas camadas de nuvens velavam-no. Uma névoa gélida pairava por cima dos pastos baixos e pantanosos. O luar que aí chegava ao chão era reclamado pelo nevoeiro.

“Voltemos para dentro.”

Estendi-lhe uma mão. Ela fitou-a, e depois ergueu os seus pequenos dedos para os pôr entre os meus. Estavam frios. Impetuosamente, pu-la ao colo. Ela empurrou-me. “Tenho nove anos. Não três.”

Soltei-a e ela deslizou para o chão. “Eu sei,” disse em tom de quem pede desculpa. “Mas parecias com tanto frio.”

“E *tenho* frio. Voltemos para dentro.”

Não voltei a tentar tocar-lhe, contentando-me com ela caminhar a meu lado. Pensei no dia seguinte e senti-me carregado com temor. Já seria complicado o bastante sem ter de lidar também com Esquiva e Enigma. Eu temia ter de anunciar falsamente uma infestação, pois já conhecia as correrias e as esfregas que se seguiriam. Pândego ficaria fora de si; todo o pessoal seria repreendido. As lavagens de roupa não teriam fim. Pensei no meu quarto e estremeci. Teria de me sujeitar a uma invasão de criados, caso contrário as acusações soariam a falso. E nem queria imaginar na indignação e repugnância de Esquiva com a ideia de que a roupa da sua cama pudesse albergar bichos. Bem, não era possível evitá-lo. A minha desculpa para queimar a roupa de cama de Abelha a meio da noite tinha de ser convincente. Não era possível evitar as mentiras que tinha de dizer.

Tal como não houvera maneira de evitar expor Abelha a toda aquela cascata de detritos vindos da minha antiga vida. Abanei a cabeça ao pensar em como a protegera mal. Tudo o que queria fazer naquele momento era estar sozinho e tentar pensar até ao fim no que tudo aquilo queria dizer. A ideia de que o Bobo me tentara contactar após todos aqueles anos era

esmagadora. Tentei organizar as emoções que estava a sentir e senti-me surpreendido por descobrir que a ira era uma delas. Todos aqueles anos sem qualquer notícia dele e nenhuma forma de o contactar. E depois, quando ele precisara de alguma coisa, aquela intrusão imperiosa e disruptiva! A frustração competia com um enorme desejo de o ver após todos aqueles anos. A mensagem parecia indicar que ele estava em perigo, que estava impedido de viajar ou era espiado. Que fora de alguma forma ferido? Da última vez que o vira, ele estivera tão ansioso por regressar à sua antiga escola, para partilhar com os de lá o fim da Mulher Pálida e tudo o que aprendera durante as suas longas viagens. Por regressar a Clerres. Eu nada sabia sobre esse lugar, além do nome. Teria ele entrado em conflito com a escola? Porquê? O que acontecera ao Homem Negro, seu companheiro de viagem e outro Profeta Branco, tal como ele? A mensageira não fizera absolutamente nenhuma referência a Prilkop.

O Bobo sempre adorara adivinhas e quebra-cabeças, e adorara ainda mais a sua privacidade. Mas aquilo não parecia ser uma das suas partidas. Parecia mais que ele enviara todos os bocadinhos de informação que ousara enviar, por mais inadequada que fosse, e esperava que eu dispusesse dos recursos para descobrir tudo o resto que precisava de saber. Disporia? Seria eu ainda a pessoa que ele esperava que fosse?

A parte estranha era eu realmente esperar não ser. Eu fora um assassino matreiro e cheio de recursos, capaz de espiar, de fugir, de combater e de matar. Mas já não queria fazer isso. Ainda conseguia sentir o calor da pele da rapariga sob os meus polegares, ainda sentia o ténue apertão das suas mãos nos meus pulsos quando a luta dera lugar à inconsciência e depois à morte. Eu tornara as coisas rápidas para ela. Não indolores, pois não há morte sem dor. Mas tornara a dor muito mais breve do que teria sido de outro modo. Concedera-lhe misericórdia.

E sentira mais uma vez aquela vaga de poder que obtemos quando matamos. A coisa que eu e Breu nunca discutimos com ninguém, nem mesmo um com o outro. Aquela desagradável explosãozinha de supremacia por continuar a viver quando outra pessoa morreu.

Nunca mais queria voltar a sentir isso. A sério, não queria. E também não

queria pensar na rapidez com que decidira conceder-lhe a misericórdia de uma morte rápida. Havia décadas que insistia que não queria ser um assassino. Naquela noite duvidava da minha sinceridade.

“Papá?”

Um assassino estremeceu e virou o escrutínio para a rapariguinha. Levei um momento a reconhecê-la. Lutei por encontrar o caminho de regresso à condição de seu pai. “Moli”, disse, com a palavra a saltar-me da boca, em voz alta, fazendo a cara de Abelha ficar tão pálida que as bochechas e nariz vermelhos se destacaram como se tivessem sido salpicadas de sangue. Moli mantivera-me em segurança. Fora ela que construía o caminho para uma estrada diferente que a minha vida podia seguir. Agora desaparecera, e eu sentia-me como se tivesse caído de um penhasco e estivesse a mergulhar, impotente, para a ruína. E puxara a minha filha comigo.

“Ela está morta,” disse Abelha numa vozinha e de súbito tudo foi real de novo.

“Eu sei,” disse eu, infeliz.

Ela ergueu a mão e pegou na minha. “Estavas a levar-nos para a escuridão e o nevoeiro, na direção da pastagem. Vem por aqui.” Puxou-me a mão e eu apercebi-me de que estivera a caminhar para uma faixa de terra brumosa e arborizada ao lado da pastagem. Ela virou-nos para Floresta Mirrada, onde luzes pouco intensas brilhavam em algumas janelas.

A minha filha guiou-me para casa.

Deslocámo-nos em silêncio pelos corredores escurecidos de Floresta Mirrada. Atravessámos a entrada lajeada, subimos a escadaria curva, e percorremos o corredor, sempre com passos silenciosos. Parei à entrada do quarto dela e lembrei-me de repente de que ela não podia dormir lá. Olhei para ela e odiei-me. O nariz era um botão vermelho vivo. Usava um manto de inverno e botas e, por baixo disso, só uma camisa de dormir em lã. Agora, estava ensopada até aos joelhos. *Oh, Abelha.* “Vamos arranjar-te uma camisa de dormir limpa. Depois podes dormir esta noite no meu quarto.” Estremeci ao ter aquele pensamento, lembrando-me do covil de urso em que o meu quarto se transformara. Agora não havia escapatória.

Queria ver destruído cada farrapo de roupa de cama que havia no quarto dela para evitar o contágio das criaturas horrendas que a mensageira trouxera dentro de si, fossem elas quais fossem. Suprimi um arrepio ao pensar no cruel veredicto que lhe fora infligido. Tão irrevogável. O seu castigo por ser traidora era uma morte demorada e dolorosa, uma morte que nenhuma desculpa ou explicação poderiam travar. Ainda não sabia bem quem “eles” eram, mas já os desprezava.

Acendi uma vela na lareira dela enquanto Abelha ia à arca da roupa. A camisa de dormir deixou um rasto húmido no chão. Ela ergueu a pesada tampa, enfiou-lhe um ombro por baixo para a manter aberta e pôs-se a vasculhar o conteúdo. Olhei para o quarto que me rodeava. A cama vazia parecia rígida e acusadora. Naquela noite, eu matara uma mulher naquele quarto. Queria que a minha filha voltasse a dormir ali? Podia não ser perseguida por aquilo que eu fizera, pois de certeza que não fazia ideia do que fora. Acreditaria que a mensageira se limitara a morrer dos ferimentos. Mas aquela morte ia incomodar-me durante muito tempo. Não queria que a minha filha dormisse na cama onde eu matara alguém. No dia seguinte sugeriria a ideia de a mudar para um novo quarto. Por aquela noite...

“*Para! Para, por favor! Deixa-me em paz! Por favor!*” Era a voz de Esquiva, que subira até um guincho na última palavra.

“Fica aqui!”, bradei a Abelha, e saí do quarto. O quarto temporário de Esquiva ficava no fim do corredor. Eu só tinha percorrido alguns passos pelo corredor quando Enigma, de camisa de dormir, com a faca na mão e o cabelo espetado em madeixas desorganizadas, saltou do seu quarto para o corredor. Ambos corremos, ombro com ombro. A voz de Esquiva voltou a soar, crescendo com terror. “Lamento que estejas morto. Não foi culpa minha, não foi culpa minha! Deixa-me em paz!”

A porta do quarto dela foi abruptamente aberta e uma Esquiva chorosa saltou para o corredor mal iluminado. O seu cabelo ruivo estava solto em volta dos ombros da camisa de dormir. Tinha uma faca numa mão, uma lâmina esguia e de boa qualidade e, mesmo no terror que sentia, segurava-a como se soubesse como usá-la. Guinchou mais alto quando nos viu a correr para ela. Depois reconheceu Enigma e, gritando esbaforida o nome dele,

correu para os seus braços, escapando-se por pouco à faca que ele trazia. Pareceu não reparar quando ele lhe pegou no pulso e, com um beliscão, a obrigou a largar a faca.

“O que foi, o que se passa?” Estávamos ambos a gritar e, em resposta, ela limitou-se a chorar e a abraçar-se com tanta força ao pescoço de Enigma que julguei que o sufocaria. Enterrara a cara no seu peito e ele mantinha a mão com a faca bem longe dela enquanto, com a outra, lhe dava palmadinhas embaraçadas nas costas. Ela estava a repetir uma e outra vez qualquer coisa, mas eu não consegui compreendê-la. Baixei-me e peguei na faca que largara. Reconheci no desenho aquele que era preferido para o trabalho do assassino. Era claro que ela não sentira que o treino rudimentar que tivera conseguiria protegê-la de um fantasma. Enfiei a faca na minha manga.

“Vou verificar o quarto dela. Mantém-na em segurança,” disse a Enigma mas, quando me pus em movimento para passar por eles, ela ergueu subitamente a cabeça e guinchou: “Não entreis aí! Não entreis aí! É o fantasma dele, a gritar e a gritar! Culpa-me. O Rono culpa-me!”

Parei, sentindo um medo nauseado a espalhar-se por mim. Não sou um homem supersticioso. Não acredito em fantasmas. Mas quase ouvi o distante choro de uma criança perdida. O coração caiu-me aos pés e agradeci interiormente as palavras de Enigma, que lhe disse: “Foi só um pesadelo, Esquiva. Passaste por muitas coisas e nos últimos quinze dias trouxeste contigo muito medo. E aqui estás, numa casa desconhecida, a perguntar a ti mesma que forma estará a tua vida prestes a tomar. É natural que tenhas um pesadelo.”

Ela afastou-se violentamente dele. A voz soou indignada. “Não foi um pesadelo. Eu não consegui adormecer. Estava deitada na cama, a pensar, e comecei a ouvir o choro. É o Rono. O desgraçado andava sempre a chorar, sempre com lamúrias e súplicas. Qualquer coisa doce ou deliciosa que fosse cozinhada para mim, ele haveria de querer um bocado. E mesmo quando lhe diziam que era para mim, não parava de pedinchar, ou então limitava-se a roubar um bocado. E foi isso que o matou!” De súbito, já não estava assustada, mas zangada. “Roubou-me e comeu aquilo, e morreu. Como é

que isso pode ser culpa minha?”

“Não foi,” respondeu Enigma de imediato. “Claro que não foi. A culpa cabe a quem quer que estivesse a tentar envenenar-te.”

Os soluços dela mudaram de repente e perguntei a mim próprio como teria percebido que ela passara de aterrorizada a reconfortada. Estava com a cara enterrada no ombro dele e agarrava-se-lhe, envolvendo-lhe o pescoço com os braços e colando o corpo ao dele. Enigma deitou-me um olhar desconfortável por cima do ombro. Tentei não franzir o sobrolho. Não sabia bem o que ele e Urtiga eram um para o outro mas, mesmo naquele contexto, não gostava de o ver abraçado a outra mulher. “Eu vou verificar o quarto dela. Só para ter a certeza de que não há nada de errado,” disse-lhe.

Ela ergueu a cara. As lágrimas e o ranho tinham expulsado toda a beleza do seu rosto. “Eu não estava a sonhar, já que não estava a dormir! E também não imaginei! Ouvi o choro dele!”

“Eu trato disso.”

Ao passar por Enigma, ele entregou-me a faca dele. Torceu uma sobrancelha, num encolher de ombros abreviado. Era sempre melhor estar armado do que não estar, em qualquer situação. “Por esta noite ponho-a no meu quarto,” sugeriu.

“Não me podes deixar sozinha!”, choramingou ela.

Havia uma profunda resignação na voz dele quando sugeriu: “Eu durmo atravessado na porta. Se alguma coisa te incomodar, estou a passos de distância.”

Eu já estava a avançar pelo corredor e não ouvi as palavras da objeção sufocada dela. Parei à porta do quarto dela e acalmei-me. Fiz lembrar a mim próprio que aquilo podia ser alguma coisa ou coisa nenhuma. Abri a porta e olhei para dentro do quarto. Desdobrei o sentido da Manha, estendendo-o para investigar o quarto. Nada. Não detetei nenhum ser humano ou animal dentro do quarto. Não era uma garantia absoluta de que Esquiva imaginara um intruso, mas sossegava-me.

A luz vinda da lareira quase apagada revestia o quarto de mel. Os lençóis tinham-se derramado da cama, seguindo-a na direção da porta. Entrei, com passos suaves e à escuta. O que ouvira ela? Pois suspeitava de que haveria

pelo menos um grão de verdade na queixa. Teria o vento assobiado pela chaminé ou ao passar pela janela? Mas tudo estava silencioso, à parte o surdo crepitar do fogo.

Acendi um castiçal e explorei o quarto com ele, verificando atrás de cortinas e por baixo da cama e até nas arcas ainda vazias de roupas. Tinham sido limpas de fresco e continham apenas saquetas aromáticas. Cheiravam a cedro e a alfazema e esperavam para serem usadas. Esquiva não desfizera as malas; entrara no quarto como uma avalanche. Havia roupa por todo o lado, caindo-lhe em cascata das malas, enrolada aos pés da cama e em cima das arcas. Franzi o sobrolho à desarrumação. Bem, amanhã a aia estaria ali para a organizar. Mesmo assim, não me agradava que uma rapariga da idade dela nem sequer soubesse como ser ordenada a desfazer as malas. Tinha as joias espalhadas por cima do pequeno toucador, ao lado de um embrulho com doces cor-de-rosa e amarelos.

Era claro que Breu abrisse os cordões à bolsa e ela tirasse plena vantagem do facto. Que espécie de treino dera ele à rapariga? Era evidente que se tinha em alta conta, mas eu não encontrava no seu comportamento nem sinal de disciplina, nem de ordem. Como teria Breu olhado para ela e visto uma candidata a espiã, já para não falar de assassina? Perguntei a mim próprio onde a teria encontrado e por que motivo seria tão importante para ele. Ele escondera bem a sua genealogia mas eu agora estava determinado a conhecê-la. Havia de lhe farejar os segredos. Nos tempos livres. Quando não andasse à procura do herdeiro perdido do Bobo. Ou a acusar os meus criados de bichos nos lençóis. Ou a reparar os danos que causara à minha filha. Não andava a gerir lá muito bem a minha vida. Não conseguia imaginar ainda ter de aguentar com Esquiva.

Concluí cuidadosamente a busca, verificando se as janelas e portadas estavam bem fechadas e se a sala adjacente para a aia estava isenta de todos os intrusos. Não havia lá nada. Retirei para fora do aposento, tentando pôr de parte, por aquela noite, as preocupações com Esquiva. Naquela noite iria tratar das minhas preocupações imediatas. Amanhã estaria perfeitamente a tempo de pensar em adaptar Esquiva aos nossos hábitos mais simples. Amanhã... já tínhamos há muito passado da meia-noite. Hoje.

Levei comigo as velas acesas e percorri o corredor até onde Enigma estava com os braços cruzados ao peito da camisa de dormir. Nunca vira o homem com um ar tão obstinado. Uma ajudante de cozinha desganhada, uma das raparigas da aldeia, recém-contratadas para ajudar, estava ali perto, de camisa de dormir e xaile, com um ar sonolento e alarmado. Amena estava perto dela, com a reprovação por aquele rebuliço estampada no rosto. E Esquiva protestava ruidosamente. Agradei mentalmente por Pândego não ter sido acordado. Amanhã seria altura suficiente para pôr em tumulto o mordomo da casa.

Esquiva levou as mãos às ancas e olhou furiosa para Enigma. O cabelo escuro e encaracolado caía-lhe despenteado sobre os ombros e a camisa de dormir retesava-se contra o peito esticado para fora. “Não. Não quero que ela durma a meu lado. E o que podia ela fazer se o fantasma voltasse? Enigma, tu deves proteger-me. Quero que durmas no meu quarto!”

“Dama Esquiva, isso não seria apropriado,” respondeu Enigma com firmeza. Tive a sensação de que estava a repetir-se. “Queríeis companhia para a noite? Aqui está Amorperfeito, pronta a servir. E asseguro-vos a ambas de que estarei aqui mesmo, deitado à soleira, para o caso de precisardes de alguma espécie de ajuda.”

“Fantasma?”, interveio Amorperfeito, cujo sono desaparecera. Virou o choque e o apelo para Enigma. “Senhor, suplico-vos, a senhora tem razão! Eu seria inútil se um fantasma entrasse no quarto. Tenho a certeza de que desmaiava num instante!”

“Eu verifiquei o quarto da Dama Esquiva. Asseguro-vos de que não há lá nenhum intruso nem nada a temer,” anunciei com firmeza.

“Claro que agora não há!”, objetou Esquiva. “Era o fantasminha de Rono, a chorar e a acusar-me! Os fantasmas não se deixam encontrar quando os procuramos. Aparecem e desaparecem conforme lhes apetece!”

“Rono?” Amena riu-se e depois disse: “Oh, peço perdão, Dama Esquiva, mas não há nenhum fantasma chamado Rono nesse quarto. O único fantasma que se sabe que anda por estes quartos é o do velho Dom Espevita. Foi esse o nome que os pais lhe deram, mas todas as criadas do solar lhe chamavam o velho Dom Espreita, porque ele gostava muito de

mirar qualquer mulher de combinação ou de ceroulas! A minha própria mãe me disse que ele se escondia nas...”

“Basta de histórias esta noite!”, anunciei com firmeza. Já sabia, pela expressão na cara de Amorperfeito, que ela se despediria no dia seguinte. O divertimento reprimido nos olhos de Enigma não conseguiu aligeirar a minha disposição. Tudo o que queria era ir para a cama. Coloquei autoridade na voz.

“Amena, por favor, ajuda o Enigma a fazer uma enxerga à porta da Dama Esquiva. Dama Esquiva, se desejardes companhia para partilhar convosco o quarto, então estamos a oferecer-vos Amorperfeito. Mais ninguém. Amorperfeito, ser-te-á pago um extra por este serviço esta noite. E isso, senhoras e senhores, é tudo. Agora vou para a cama. Já houve perturbação que chegue depois de um dia muito cansativo.”

“Se o fantasma de Rono me esganar durante a noite em vingança pela sua morte, espero que tenhais uma boa explicação para dar a Dom Breu sobre como falhastes no vosso dever de me proteger!”

Atirou aquelas palavras de pedra às minhas costas. Eu continuei a afastar-me. Sabia que estava a deixar o fardo de resolver as coisas nos ombros de Enigma. Sabia que ele era capaz de o fazer. E ele, pelo menos, já dormira um pouco e não assassinara ninguém nem queimara um corpo naquela noite.

Abri a porta do quarto de Abelha. Vazio. Portanto ela tivera o bom senso de mudar de roupa e ir para o meu quarto. Continuei a percorrer o corredor. Abri a porta do meu quarto e fiquei imóvel. Conseguia sentir que ela não estava lá. O quarto não me fornecia qualquer sensação de Manha da sua presença, só de frio e vazio. O fogo já quase se apagara.

Ergui bem alto o candelabro, tentando verificar se ela tinha lá estado. Tanto quanto conseguisse perceber, nada mudara desde a última vez que saíra do quarto. O hábito fez-me cruzá-lo até à lareira e acrescentar lenha ao fogo. “Abelha?”, chamei baixinho. “Estás aqui escondida?” Tirei o monte de mantas da cama para ter a certeza de que ela não se enfiara por baixo e adormecera. Os lençóis amarfanhados e o fedor a macho suado asseguraram-me de que teria achado aquele local um esconderijo pouco

convitativo. Não. Ela não estivera ali.

Voltei a dirigir-me para o quarto dela. Tudo estava em sossego no corredor. Enigma abriu os olhos e ergueu a cabeça quando passei. “Vou só ver como está Abelha,” disse-lhe. Sentia-me relutante em informá-lo de que perdera a minha própria filha. Bastava a ideia do que ele relataria a Urtiga sobre a desordem na minha casa para me fazer estremecer. Fantasmas e chaminés entupidas e um pessoal meio treinado não eram nada em comparação com perder a pequena irmã de Urtiga.

Com as velas bem erguidas, entrei no quarto dela. “Abelha?”, chamei baixinho. Obviamente não estava na armação nua da cama. Passei por um momento de medo. Ter-se-ia ela enfiado na cama do quarto da criada? Odiei-me por não ter levado a roupa dessa cama para a queimar imediatamente. “Abelha?”, chamei mais alto e dois passos apressados levaram-me até à porta do quarto adjacente.

Vazio. Tentei lembrar-me do aspeto que o quarto tivera da última vez que o vira. Não havia menos mantas no chão e mais em cima da cama? Rezei a deuses que mal reconhecia para ela não lhes ter tocado. O quarto era tão pequeno que bastou um momento para me assegurar de que não estava lá. Saí e depois, horrorizado, corri até à arca onde guardava a roupa. Quantas vezes lembrara eu a mim próprio que ela precisava de algo mais pequeno com uma tampa mais leve? Tive a certeza de que caíra lá dentro, recebendo uma pancada na cabeça, e depois sufocara no escuro.

Mas tudo o que a arca continha era a roupa dela, desarrumada em pilhas e maços. O alívio guerreou a preocupação. Ela não estava lá. Senti um espasmo de aborrecimento por a roupa estar tão mal arrumada. Teriam os criados abandonado aquele quarto quando eu correra com eles do meu? Estava a falhar à minha filha de tantas maneiras, mas principalmente em tê-la perdido naquela noite. O meu pé tocou em qualquer coisa e quando olhei para baixo, vi uma pilha de roupa molhada no chão. A roupa de Abelha. Portanto ela mudara ali de roupa. Estivera ali e agora desaparecera. Onde poderia estar? Para onde poderia ir? Para a cozinha? Teria tido fome? Não. Estava perturbada, até mesmo assustada. Portanto, para onde iria?

E então soube.

Passei por Enigma, fingindo uma calma que não sentia. “Boa-noite!”, desejei-lhe com uma voz forçada. Ele observou-me ao passar e depois pôs-se em pé com uma cambalhota fluida.

“Eu ajudo-te a procurá-la.”

Detestei a perspicácia dele e agradei-a. “Então ficas com as cozinhas. Eu vou verificar o meu gabinete.”

Ele acenou com a cabeça e partiu a trote. Protegendo as chamas das minhas velas, segui-o. Na base da escada separámo-nos. Eu voltei para trás para ir até ao meu gabinete privado. Tudo estava silencioso e sombrio enquanto atravessava os corredores escuros. Quando cheguei às portas duplas do gabinete, elas estavam fechadas. Tudo estava em sossego.

CAPÍTULO 18

INVISIBILIDADE

Amado,

Houve um tempo em que conheci a paz na tua presença. Se bem que, para ser verdadeiro comigo mesmo, houvesse outras tantas alturas em que a tua presença me mergulhou no mais mortífero dos perigos. Ou na dor. Ou no medo. Mas é a paz que recordo e por que anseio. Se estivesses aqui, agarrar-te-ia nos ombros e sacudir-te-ia até te deixar os dentes a chocalhar. Que significa esta mensagem truncada que me enviaste? Será que temias confiar demasiada informação? Suspeitavas de quão cruelmente a tua mensageira seria perseguida ou de como sofreria uma morte tão torturada? Que necessidade poderia compelir-te a colocá-la conscientemente em risco de sofrer um tal destino? Pergunto isto a mim próprio e a única resposta que encontro é ela poder ter enfrentado outro destino pior se não o tivesses feito. O que, interrogo-me, poderia ser pior? E depois pergunto a mim mesmo em que espécie de perigo estarás tu neste momento para não trazeres pessoalmente esta mensagem.

Tudo o que tenho são perguntas, e cada uma é para mim um tormento numa altura em que estou sobrecarregado com outras preocupações. Atribuíste-me uma tarefa misteriosa com poucas pistas. Temo que seja uma tarefa essencial. Mas as que já tenho nas mãos são igualmente essenciais. A educação da minha filha... deverei uma vez mais abandonar uma filha minha, desta vez para ir à procura de um filho teu? A informação é demasiado escassa, velho amigo, e o sacrifício demasiado grande.

Carta incompleta encontrada na secretária de FitzCavalaria Visionário

E stava sozinha no meu quarto a ouvir os guinchos de Esquiva no corredor. A amargura cresceu em mim. Depois de tudo por que passara com ele naquela noite, depois de tudo o que fizera para o

ajudar, um grito dela e o meu pai desaparecia a correr e deixava-me ali na quase escuridão, enfiada em roupa encharcada. Abri mais a tampa da arca, esforcei-me por alcançar o fundo e, através do tato, descobrir qualquer coisa seca e confortável que pudesse levar para a cama. Passei por meias de inverno e comichosas camisolas de lã. As pontas dos meus dedos tocaram em qualquer coisa e depois agarrei-a e puxei-a do fundo da arca.

Era uma camisa de dormir quente, de feltro. Vermelha. A minha cor preferida. Levei-a para mais perto do fogo para a observar. Era nova e nunca fora usada. Virei o colarinho do avesso e reconheci os pontos. Fora a minha mãe que fizera aquilo. Para mim. Fizera-a e pusera-a de parte, como de tantas outras vezes, para aparecer no momento em que a antiga deixasse de me servir.

Livre-me ali mesmo da roupa húmida e enfiei a nova camisa de dormir pela cabeça. Servia-me bem, à parte ser um pouco comprida. Ergui-a para caminhar. Ter de apanhar a saia quando caminhava fez-me sentir elegante, mesmo que esta fosse apenas a de uma camisa de dormir.

O fantasma soltou um grito, um longo e distante gemido que me pôs em pé os cabelinhos da nuca. Fiquei imóvel por um instante. Depois o grito voltou, mais próximo e mais alto. Nesse momento aconteceram duas coisas. Eu soube que nunca devia ter deixado um gato no labirinto de espionagem e deduzi abruptamente que, sim, o meu quarto tinha mesmo uma entrada para os corredores secretos. Só que não estava onde eu achara que estaria.

Abri a porta do quarto da criada. A luz da lareira quase não chegava lá. Voltei para trás, em busca de uma vela. A roupa da cama da desconhecida pálida estava como ela a deixara, amarrotada em cima da cama. Eu sabia que não podia tocar-lhe. Contornei-a e, ao fazê-lo, o meu pé prendeu-se em qualquer coisa e quase caí. Soltei um grito, com medo da roupa infetada, e o fantasma gritou em resposta.

“Só um minuto!”, silvei baixinho. “Vou a caminho. Cala-te, que te dou um grande bocado de peixe.”

Água. O gato queria água. Eu devia ter percebido. Já encontrara e reivindicara para si a recompensa de peixe salgado e agora tinha sede. “Então que seja água. E salsichas da despensa. Mas fica calado até eu ir ter

contigo. Por favor.”

Um miado resmungado de concórdia e aviso. Se a recompensa demorasse a chegar, ele ia cantar até as pedras ruírem à minha volta.

De coração a trovejar, olhei para os pés, temendo ver uma inundação de insetos cheios de ferrões a trepar-me as pernas. Em vez disso só vi a bainha da minha camisa de dormir e, quando a ergui, os pés descalços no chão de tábuas. Erguendo bem a camisa de dormir e aproximando a vela, baixei-me. Olhei com atenção. Conseguia sentir que o pé estava em cima de qualquer coisa que não era o chão, mas não via lá nada.

Subi mais a camisa de dormir para poder segurar a bainha com os dentes e encurvei os dedos dos pés. Estes agarraram tecido. Leve e suave. Estendi uma mão, preendi-o entre o indicador e o polegar e, quando o fiz, uma aba caiu, revelando mais uma vez o padrão de asa de borboleta do lado inferior. Deixei-o cair, surpreendida. E, de novo, o meu pé ficou aparentemente descalço sobre o chão, mas metade dos dedos tinha desaparecido. Um canto do manto estava virado para cima e revelava os delicados painéis de cor. Enquanto o fitava, espantada, os meus dedos formaram-se lentamente no tecido. Conseguia sentir o tecido a tapá-los, mas via-os.

Prendi com o polegar e o indicador a parte do manto em cores de borboleta e endireitei-me. Agora conseguia vê-lo. Pendia da minha mão erguida, uma peça de tecido de cor tumultuosa e com muito pouco peso. Então fora por isso que não a tínhamos visto na cama. As estranhas palavras da mensageira voltaram-me à memória. “Absorve as cores e sombras.” Não admira que ela nos tivesse aconselhado a não o deitarmos fora. Era um tesouro saído de uma lenda antiga. De repente, o meu medo do contágio desapareceu, sendo substituído pela certeza de que o meu pai me tiraria aquilo se o visse e provavelmente destruí-lo-ia para me proteger.

Pousei a vela no chão e, afastando-me cuidadosamente do toque da roupa de cama, sacudi o manto e dobrei-o, com o lado de borboleta virado para fora. Resultou num embrulho surpreendentemente pequeno. Pensei com os meus botões que um tecido tão fino seria delicado e pouco útil contra o vento ou a chuva. Decidi ter grande cuidado com ele.

O *Listado* voltou a miar. “Chiu!”, disse-lhe. Depois sugeri: “Esgravata ou

arranha onde vires a minha luz. Estou a tentar encontrar a porta.”

O ténue esgravatar veio de baixo da cama. Não queria tocar a armação da cama, mas toquei. Agarrei-a com ambas as mãos e, com esforço, afastei a pesada cama da parede. Pareceu-me que era muito mais pesada do que precisaria de ser e suspeitei que fora feita assim para desencorajar os criados de a deslocar.

Ergui a vela e fui até à parede, contornando a armação da cama, para observar e remexer nos painéis de madeira. O gato esgatanhava com diligência, até com frenesim. Não vi nenhuma abertura ou alavanca mas, quando pus a mão onde ele estava a arranhar, senti uma aragem. E o som, segundo me pareceu, era muito mais alto do que devia ser. “Tem paciência,” voltei a avisar e de súbito pensei na porta no gabinete. Fechei a porta do quarto e estudei as dobradiças. Não havia dobradiças falsas, mas havia uma tábuia atrás da porta que era mais estreita do que as restantes. Prendi as unhas na borda da tábuia e puxei até ela se soltar. Por trás havia uma alavanca coberta de teias de aranha e manchada de ferrugem. Puxei-a e ela gemeu. Não viajou muito, mas uma secção de parede por trás da cama desalinhou-se de repente. O miado excitado do gato era agora mais sonoro.

“Chiu!”, avisei. Suspeitei que teria muito pouco tempo até o meu pai regressar. Precisava de esconder o manto, recompensar e banir o gato, e regressar ao meu quarto antes de a minha falta ser notada. Devolvi o estreito painel ao lugar, cerrei os dentes e contornei a cama contaminada. Quando me encostei ao painel deslocado na parede, ele girou para dentro. Entrei, empurrando o gato para trás com o pé. “Não saias por aí! Aí não há água,” avisei. Ele rosnou mas recuou. Enfiei o manto debaixo do braço, pousei a vela e usei toda a força de que dispunha para devolver a cama ao lugar. Com isso feito, penetrei no corredor secreto e fechei a porta oculta atrás de mim.

O gato primeiro, decidi, e ele ficou contente por eu o ter feito. “Leva-nos de volta à despensa,” sugeri num sussurro. “Até ao peixe!” O *Listado* seguiu à frente e eu atrás. Por duas vezes, ele parou tão de repente que quase o pisei. Mas ele conhecia o caminho e chegámos à porta oculta na despensa e saímos juntos por lá. Tive de empilhar caixas para alcançar um

bom cordão de salsichas que estava pendurado fora do nosso alcance. Voltei a desejar ter uma faca de cinto. Tive de separar duas das salsichas das companheiras à dentada. O gato soltou um miado de dar dó, fazendo-me lembrar de que o que mais desejava era água.

Aventurámo-nos juntos até à cozinha, onde lhe arranjei água. Ele bebeu e bebeu enquanto eu examinava o meu manto de borboleta. O tecido parecia ser muito mais resistente do que o seu pouco peso indicava. Depois de *Listado* ter acabado de beber, recompensei-o com a salsicha e deixei que ele a levasse para o pátio do jardim. Ele estava a afastar-se para a noite quando o chamei: “E as ratazanas? Mataste alguma?”

Matara várias e descobrira e dera fim a dois ninhos cheios de crias.

“Amanhã voltas?”

Não era provável. Não gostara de ficar confinado sem nenhuma água. Estava habituado a ir e vir conforme lhe apetecesse. E afastou-se a trote, de cauda erguida, para a noite fria. Eu dificilmente podia censurá-lo. Deixara-o encurralado e sem água durante horas. Mas a sua descoberta de dois ninhos de ratazanas bebés era algo que não podia ignorar. Teria de encontrar um aliado felino, e depressa.

Ouvi um sussurro de som vindo da casa e de súbito lembrei-me de que tinha de me apressar. Precipitei-me de volta à despensa no momento em que ouvi alguém entrar na cozinha. Apaguei a vela e, pelo tato, cheguei ao corredor secreto. Fechei a porta atrás de mim. A escuridão tornou-se absoluta. Garanti a mim própria que agora conhecia o caminho bem o suficiente para não precisar de luz. Tentei não pensar nas ratazanas que o *Listado* pudesse não ter matado.

Levei algum tempo, mas voltei às apalpadelas até ao pequeno cubículo que dava para o gabinete do meu pai. Um minúsculo raio de luz vinha da vigia. Espreitei e vi o meu pai fechar as portas do gabinete. Dentro de um momento ele abriria a porta.

No escuro, sacudi o manto de borboleta e depois voltei a dobrá-lo para ficar com o lado invisível virado para fora. Não via o que estava a fazer. Esperei não estar a deixar à vista nenhuma borda de cor reveladora. Quando o ouvi abrir a porta no painel, escondi o manto na prateleira ao lado do

fornecimento de velas.

A dança da luz da sua vela antecedeu-o. Luz e sombras líquidas fluíram e espalharam-se. Deram a volta à esquina como uma vaga de água e envolveram-me. Eu fiquei em silêncio, com a vela apagada na mão, até ele me alcançar. Quando a luz me tocou e ele me viu, ouvi o suspiro de alívio que expeliu.

“Achei que te ia encontrar aqui,” disse ele com suavidade. E depois, quando olhou para mim: “Oh, querida, a vela também se te apagou? Que noite esta foi para ti. Minha pobre criazinha.”

Ele tinha de se baixar para estar no meu esconderijo. Quando eu me pus em pé, baixou-se mais para me beijar na risca do cabelo. Ficou um momento imóvel, como se estivesse a cheirar-me. “Estás bem?”

Eu confirmei com a cabeça.

“É para aqui que tu vens quando estás assustada?”

Àquilo podia responder com verdade. “Sim. Este lugar é mais meu que qualquer outro sítio em Floresta Mirrada.”

Ele endireitou-se e dirigiu-me um aceno. “Muito bem.” Tentou rolar os ombros, mas não conseguiu naquele espaço acanhado. “Agora vem comigo. Temos os dois de dormir um bocado antes do nascer do sol.”

Pôs-se em movimento e eu segui-o para fora dos corredores secretos, de volta ao seu refúgio. Observei-o enquanto fechava o painel e abria as altas portas. Segui a sua vela ao regressarmos à parte principal de Floresta Mirrada. Na base da grandiosa escadaria, ele parou. Virou-se e olhou para mim. “O teu quarto vai ter de ser muito bem limpo antes de poderes voltar a dormir lá. E o meu quarto está demasiado desarrumado. Sugiro que durmamos na sala de estar da tua mãe, onde tu nasceste.”

Não esperou pelo meu acordo. Segui-o na direção do agradável aposento que outrora me servira de berçário. Estava frio e escuro. O meu pai acendeu um candelabro e deixou-me lá enquanto ia buscar uma pazada de brasas a outra lareira para acender um lume. Enquanto ele esteve ausente, eu sacudi teias de aranha da minha nova camisa de dormir vermelha. Olhei para a sala da minha mãe, fracamente iluminada. Não passáramos muito tempo ali desde que ela morrera. A sua presença estava em todo o lado, das velas

prontas nos respectivos castiçais até aos vasos vazios de flores. Não. Não era a sua presença. O que eu sentia era a sua ausência. No inverno anterior, nós os três tínhamo-nos reunido ali quase todas as noites. A sua cesta de costura ainda estava ao lado da cadeira onde se sentava. Sentei-me nela e pousei a cesta sobre as pernas. Enfiei os pés sob a camisa de dormir e abracei-me à cesta.

CAPÍTULO 19

O HOMEM ESPANCADO

E numa altura em que ninguém o espera, quando a esperança está morta e os Profetas Brancos em fuga, num lugar onde não pode ser encontrado, será descoberto o Filho Inesperado. Ele não será reconhecido pelo seu pai e crescerá sem mãe. Será a pedrinha no caminho que faz a roda sair do seu rumo. A morte será dele sequiosa mas, uma e outra vez, a sede ficará por matar. Enterrado e desenterrado, esquecido, anónimo, em isolamento e descrédito, mesmo assim ele prevalecerá nas mãos do Profeta Branco que o brandir sem compaixão nem misericórdia pela ferramenta que tem de ser gasta e lascada para dar forma a um mundo melhor.

Pus o pergaminho de parte, perguntando a mim próprio por que motivo perdera tempo a pegar nele. Trouxera-o do meu refúgio privado para a sala de Moli, onde Abelha dormia. Era o único dos textos que eu lera a mencionar a profecia do Filho Inesperado. E era apenas um fragmento. Não havia ali novas respostas para a pergunta que eu queria fazer-lhe. *Porquê, depois de todos estes anos? Porquê uma mensagem como aquela e uma mensageira como aquela?*

Virei a folha, estudando-a pela milésima vez. Era um pedaço antigo de qualquer coisa... nem velo, nem papel. Nem Breu nem eu sabíamos o que era. A tinta era muito negra e os limites de cada letra estavam bem definidos. A substância em que estava escrita era maleável e da cor do mel. Se a erguesse e virasse para o fogo, conseguia ver luz através dela. Nem Breu nem eu conseguíamos lê-la, mas vinha com uma tradução que Breu me garantira ser precisa. Na altura, resmungara qualquer coisa semelhante a: “A um preço daqueles, é bom que seja precisa.”

Da primeira vez que a vira era ainda rapaz e aquilo não passava de uma folha num conjunto de pergaminhos e velos sobre o tema dos Profetas Brancos e das suas previsões que Breu andava a colecionar. Não prestara

mais atenção a isso do que ao seu fascínio com a propagação do sabugueiro ou com a criação de um veneno a partir de folhas de ruibarbo. Durante esses anos, Breu tivera muitas obsessões; julgo que as fixações tinham sido o que o mantivera são durante as décadas de espionagem em isolamento. Uma coisa era certa: eu não fizera a ligação entre o fascínio dele com Profetas Brancos e o peculiar bobo do Rei Sagaz. Naqueles tempos, o Bobo era para mim meramente um bobo, uma criança macilenta e magricela com olhos sem cor e uma língua de dois gumes. Tendia principalmente a evitá-lo. Vira-o fazer os truques de malabarista que deixavam a corte de boca aberta. No entanto, ainda não o ouvira fazer em tiras o orgulho de um homem com o seu sarcasmo cortante como uma navalha e os inteligentes jogos de palavras.

Mesmo depois de o destino nos apresentar um ao outro, primeiro como conhecidos e mais tarde como amigos, eu não fizera a ligação. Passaram-se anos até o Bobo me confidenciar que julgava que as profecias sobre o Filho Inesperado profetizavam o meu nascimento. Das centenas de bocadinhos de previsão que ele reunira, esse fora só um detalhe. E depois viera à minha procura, o seu Catalisador, o filho bastardo de um rei que abdicara numa terra distante do Norte. E juntos, garantira-me, mudaríamos o futuro do mundo.

Ele acreditara que eu era o Filho Inesperado. Houvera alturas em que insistira tanto nisso que eu próprio quase acreditara também. Não havia dúvida de que a morte estivera sedenta de mim e ele interviera com bastante frequência para me arrancar a esse destino no último momento possível. Eu acabara por fazer o mesmo por ele. Tínhamos alcançado o seu objetivo, devolvendo os dragões ao mundo e, ao fazê-lo, tínhamos posto fim aos seus dias de Profeta Branco.

Depois abandonara-me, cortando décadas de amizade, e partindo para voltar para o lugar de onde viera. Clerres. Uma cidade algures muito a sul, ou talvez esse fosse apenas o nome da escola onde fora criado. Apesar de todo o tempo que tínhamos passado juntos, ele dissera-me pouquíssimo sobre a sua vida antes de o conhecer. E quando achara que estava na altura de nos separarmos, partira. Não me dera nenhuma escolha quanto a isso e

recusara obstinadamente a minha oferta para ir com ele. Temera, segundo me dissera, que eu continuasse a agir como Catalisador e que juntos pudéssemos desfazer inconscientemente tudo o que tínhamos alcançado. Por isso partira e eu nunca lhe dissera realmente adeus. Fora tomando consciência de que ele me deixara sem qualquer intenção de algum dia regressar, através de minúsculas gotículas de entendimento disseminadas ao longo dos anos. E cada gotinha de compreensão trazia consigo a sua própria medida de mágoa.

Nos meses que se haviam seguido ao meu regresso a Torre do Cervo, eu descobrira que finalmente, de súbito, tinha a minha própria vida. Era uma experiência entontecedora. Ele desejara-me felicidades na procura do destino que queria seguir e eu nunca duvidara da sua sinceridade. Mas levara anos a aceitar que a sua ausência na minha vida era uma finalidade deliberada, um ato que escolhera, uma coisa completa, mesmo que parte da minha alma ainda continuasse suspensa, à espera do seu regresso. Esse, penso eu, é o choque do fim de qualquer relação. É compreendermos que o que ainda é uma relação em curso para alguém é, para a outra pessoa, algo feito e acabado. Eu passei alguns anos à espera, como um cão fiel que tivesse recebido a ordem de sentar e ficar. Não tivera qualquer motivo para crer que o Bobo perdera afeto ou consideração por mim. Contudo, o ressonante silêncio e a constante ausência começaram, com o tempo, a parecer antipatia ou, pior, indiferença.

Houvera alturas, ao longo dos anos, em que eu remoera naquilo. Tentara desculpá-lo. Estava desaparecido quando ele passara pela Cidade de Torre do Cervo. Muitos julgavam-me morto. Teria ele julgado o mesmo? A minha resposta a essa pergunta dançara de um lado para o outro. Ele deixara-me um presente, uma estátua esculpida dele, de mim e de *Olhos-de-Noite*. Deixaria ele um presente que nunca esperasse que fosse entregue? Bem, que outra coisa podia ter feito com a estatueta? Havia palavras escondidas na pedra da memória esculpida, uma única frase. “Eu nunca fui sensato.” Queria isso dizer que ele seria insensato o suficiente para renovar a nossa amizade, mesmo se isso significasse correr o risco de desfazer o nosso trabalho? Ou queria dizer que, na sua insensatez, era capaz de partir sem

mim numa demanda perigosa?

E queria isso dizer que ele fora um tolo por se preocupar comigo para lá do meu papel como seu Catalisador? Seria um pedido de desculpa por ter parecido preocupar-se comigo e permitido que eu acabasse por depender tanto do nosso vínculo? Ter-se-ia ele alguma vez importado verdadeiramente com a nossa amizade?

Eu tinha de acreditar que pensamentos sombrios como aqueles existiam sempre que uma amizade profunda termina de forma tão abrupta. Mas cada ferimento acaba por se transformar numa cicatriz. Aquele nunca deixara inteiramente de incluir alguma carne viva, mas eu aprendera a viver com ele. Não se intrometia constantemente na minha vida. Eu tivera um lar, uma família, uma mulher que me amava e mais tarde uma filha para criar com ela. E, embora a morte de Moli tivesse voltado a despertar esses ecos de perda e abandono, não me parecia que tivesse mergulhado neles.

Mas então chegara a mensageira. E uma mensagem tão mal transmitida ou tão mal construída que pouco sentido fazia. A mensageira sugerira que tinha havido outros que não me alcançaram. Uma memória despertou. Todos aqueles anos antes. Uma jovem mensageira e três desconhecidos. Sangue no chão e dedadas ensanguentadas na cara do Bobo. Aquele grito...

Senti-me tonto e nauseado. Doeu-me o coração como se alguém o tivesse apertado. Que mensagem me tinha escapado todos aqueles anos antes? Que morte tinha essa mensageira sofrido nessa noite?

O Bobo não me abandonara nem me ignorara. Tinha tentado contactar-me anos antes. Para me avisar ou para me pedir ajuda? Eu não recebera a mensagem e deixara-a sem resposta. De súbito, isso doeu-me mais do que todos os anos que passara a pensar que ele abandonara a nossa amizade. A ideia de que ele esperara em vão, durante anos, por alguma espécie de resposta minha era uma navalha cravada na carne.

Mas agora não sabia como contactá-lo nem como dar início àquela tarefa que ele me solicitara. E não fazia a mínima ideia de onde procurar o filho dele ou de que tipo de pessoa estaria à procura.

Afastei a ideia da mente. Precisava de dormir, pelo menos um pouco, antes da chegada da aurora.

Mas havia a matança. Era irónico que a única pessoa que compreendera quão pequeno era o meu desejo de continuar a ser assassino estivesse envolvida no meu regresso a essa profissão. Não me arrependia da decisão tomada; continuava com a absoluta certeza de que fora a decisão correta. Mas ressentia-me por ter tido de fazer uma escolha dessas e estava profundamente nervoso por a minha filha ter sido forçada a ver-me livrar-me de um cadáver e suportar o fardo de manter isso em segredo.

Quando a histeria fantasmagórica de Esquiva foi acalmada e depois de levar a minha filha adormecida da cadeira de Moli para um sofá, fora buscar uma manta à minha cama e aquele texto, pensando em estudá-lo mais uma vez. Mas era pior que inútil. Escondi-o por baixo de algum remendo esquecido no cesto da costura de Moli e observei aquela sua plácida sala que me rodeava. O lume estava reduzido a brasas; alimentei-o. Tirei uma almofada da cadeira dela e senti-me culpado por pôr no chão aquela coisa bonita. Estendi-me à frente do fogo e sacudi e pontapeei a manta até ela me tapar, de certo modo. Os pontos do bordado de Moli na almofada faziam-me pressão contra a bochecha. Decidi afastar da mente todas as questões e temores e simplesmente dormir. Por agora não havia nenhuma ameaça imediata contra mim e os meus, eu não fazia a mínima ideia do que fazer sobre a peculiar mensagem e não havia nada que pudesse fazer a respeito do dramatismo de Esquiva. Fechei os olhos e esvaziei a mente. Neve limpa a cair na vertente arborizada de uma colina. Respirei fundo, de forma calmante, e disse a mim próprio que havia um vestígio de cheiro a veado no vento vivificante. Sorri. *Não agonizes com o ontem. Não peças emprestados os problemas do amanhã. Deixa o coração caçar. Repousa no agora.* Enchi lentamente os pulmões e, com igual lentidão, deixei o ar sair. Vagueei até um lugar, sem dormir, sem estar acordado. Era um lobo na vertente nevada de uma colina, a captar o odor de um veado e a viver apenas no agora.

Fitz?

Não.

Fitz? Eu sei que estás acordado.

Não estou, a sério. A minha mente derivou de encontro à de Breu, um

barco amarrado a um ancoradouro. Era mais do que querer estar a dormir. *Precisava de estar a dormir, a flutuar livremente para longe naquela corrente.*

Senti-o a suspirar de aborrecimento. *Muito bem. Mas amanhã lembra-te disto como mais que um sonho. Vou enviar-te o rapaz. Deram-lhe uma valente surra e, se a guarda da cidade não tivesse calhado aparecer e corrido com eles, é provável que o tivessem matado. Mas está suficientemente bem para montar a cavalo, ou estará dentro de mais alguns dias, e acho que o melhor que tenho a fazer é mandá-lo para longe de Torre do Cervo o mais depressa possível.*

A floresta de inverno varrida pelo vento desaparecera. Abri os olhos. Havia, nas minhas mãos e camisa, o cheiro a fumo e a carne a arder. Devia ter-me lavado. E arranjado uma camisa de dormir em vez de dormir vestido. Estava demasiado cansado, demasiado cansado de tudo para fazer alguma coisa bem feita. *Se te tivesse feito um relatório desses quando tinha doze anos, tinhas-me chamado idiota e batido com qualquer coisa.*

Isso é provavelmente verdade. Mas estou a tentar contactar-te há horas. O que te fez erguer umas muralhas tão robustas? Já começara a achar que tinhas aceitado o meu conselho selando-te contra o Talento sempre que estivesse a dormir.

Provavelmente é uma coisa que devia fazer. Nem tivera consciência de que erguera as muralhas, mas de súbito soube quando o fizera. Manter as muralhas erguidas nas imediações de Abelha era um hábito, mas deixava sempre uma abertura para o uso deliberado de Talento. Suponho que tinha sido o velho instinto a erguê-las em resistência completa durante a matança. Não desejava que ninguém a testemunhasse por acaso. Ter resvalado para o sono devia tê-las baixado. Disse-lhe meia-verdade. *Estava preocupado com Esquiva. Ela acredita em fantasmas e julgou que o quarto estava assombrado por uma qualquer infeliz criança do seu passado. É claro que o miúdo ingeriu o veneno que se destinava a ela. A culpa não é dela, mas quando ouve um ruído estranho à noite, é difícil convencê-la disso.*

Ela está bem? A ansiedade latejava no Talento dele.

Muito melhor do que o rapaz espancado, seja ele quem for.

FitzVigilante. Quem mais podia eu enviar-te para que o salvasses de ser assassinado?

Não sei. Qualquer um que te apetecesse mandar-me, suspeito. A minha fadiga estava a deixar-me respondão. E estava ocorrer-me agora, aos bocados, que aquela novidade queria dizer que eu ia ter mais um órfão a bater-me à porta. Outro acrescento à minha casa, um acrescento que andaria por aí durante anos e não dias ou meses. Mais um quarto a preparar. Mais um cavalo no meu estábulo, mais um prato na minha mesa, mais uma pessoa a falar comigo quando eu queria ser deixado em paz. Tentei encontrar alguma solidariedade com o pobre bastardo. Quer então dizer que os irmãos legítimos vieram para a corte e a mãe quer livrar-se do descuido do pai?

Não propriamente. Ela parece ser uma mulher que planeia com antecedência. Os filhos só virão para a corte na próxima primavera, portanto julguei que podia mantê-lo aqui mais algum tempo em segurança. É claro que ela decidiu livrar-se dele mais cedo que tarde, e é suficientemente inteligente para tentar fazê-lo de uma forma que não leve as outras pessoas a pensar que os filhos estiveram envolvidos. Os homens que mandou contra ele eram rufiões comuns, nativos da Cidade de Torre do Cervo. Assaltaram-no à porta de uma taberna.

Tens a certeza de que não foi simplesmente um assalto comum?

Tenho. A tarefa foi demasiado completa e demasiado violenta. Ele estava caído e podiam ter-lhe roubado facilmente a bolsa e fugido. Foram além de o atirarem ao chão, foram além de o deixarem sem reação. Isto foi pessoal, Fitz.

O frio escorria através da sua voz. Pessoal. A dama tornara aquilo pessoal, tentando matar um rapaz sob a proteção de Dom Breu. Não duvidei que haveria para ela alguma espécie de repercussão. Não quis perguntar que repercussão seria nem quem a levaria a cabo. Entraria ela no seu quarto e iria encontrá-lo saqueado e as suas joias mais preciosas roubadas? Ou seria mais cruel? Suspeitei que ela devia manter uma vigilância apertada sobre os filhos, caso contrário talvez descobrisse como era ter alguém sob a sua proteção violentamente espancado. Breu podia ser assim tão frio. Eu não.

Aquela noite trouxera de volta todo o meu desagrado pela matança. Não importava chamarem-lhe vingança ou justiça; fosse qual fosse o nome, eu não queria ter nada a ver com ela. Nunca mais.

Um pouco de verdadeira simpatia por FitzVigilante invadiu a minha alma. Espancado até ultrapassar a sua capacidade de ripostar. Não gostava de remoer aquilo; tinha demasiadas recordações de situações desse género. *Alguém o acompanha? Para ver se chega cá em segurança?*

Ele ainda não partiu. Escondi-o. E quando o enviar, terá de viajar sozinho. Mas não teria decidido enviá-lo se não achasse que está em estado de cavalgar. Teve três dias para convalescer longe da vista de alguém que possa querer fazer-lhe mal. Para outros olhos, desapareceu. A minha esperança é levar a mulher do pai a pensar que o aterrorizou o suficiente para o obrigar a fugir do Castelo de Torre do Cervo. Pode contentar-se com isso. Mas tenho de o manter cá até passar o período em que ela possa ter gente à espreita da sua fuga.

E se ela não desistir até lá? Se tiver vigilantes e o seguirem?

Primeiro terá dificuldade em encontrá-lo. E os que enviar à sua procura podem perfeitamente encontrar uma coisa bem diferente. Uma pausa nos pensamentos e um pequeno trauteio de contentamento felino.

Eu concluí por ele. *E se ela descobrir para onde o enviaste, terá de conseguir passar por mim.*

Exatamente. Tanta satisfação. Eu estava tão cansado que mesmo o frêmito de orgulho que senti com a sua confiança em mim me aborreceu. Tens a certeza de que não sobrestimaste a minha capacidade para pastorear estas ovelhas tresmalhadas que me andas a enviar?

De modo algum. Encaro as tuas capacidades como inferiores apenas às minhas.

Sufoquei o pensamento de que Esquiva quase fora envenenada e FitzVigilante fora severamente espancado aos cuidados de Breu. Inferiores apenas às dele. Oh, sim. Soltei um bocejo tão grande que o maxilar soltou um estalido. Tentei manter a mente concentrada no que ele me estava a dizer. *E o que pensa Dom Vigilante disto, de a sua senhora tentar eliminar o seu filho bastardo mais velho?*

Houve a mais breve das hesitações. *O homem não tem honra. Não está tão afeiçoado ao rapaz como ele merece. Ficaria aliviado, julgo eu. Se é que está ciente dos planos da sua senhora. Se não estiver, pretendo assegurar-me de que é exhaustivamente informado. Antes de eu acabar o que pretendo fazer a ambos, ele vai ser obrigado a importar-se com a segurança do rapaz.*

Bom. Breu tinha essa ponta da situação bem controlada. Pelo menos isso não fora introduzido na minha área de responsabilidade. *Eu informo-te quando ele cá chegar. E agora tenho de dormir.*

Fitz. Tu estás bem? O Talento transmite tanto emoção como pensamento quando se é descuidado. Preocupação genuína. Ele estava a ler a minha dor.

Afastei-o com suavidade. Não queria dar resposta à pergunta. Muito enfaticamente não estava bem, e ele era a última pessoa com quem queria discutir isso. *Estou muito cansado. Hóspedes. Reparações em casa. E esta não é a época do ano em que devíamos estar a fazer essas reparações. Devia tê-las feito no verão passado.*

Bem, sim, isso há de ensinar-te a não adiar as coisas. E a pequena? Como é que ela se está a adaptar?

A Abelha está ótima, Breu. Simplesmente ótima. E eu vou dormir. Já.

Empurrei-o com firmeza para fora da minha mente, erguendo as muralhas atrás dele.

Não haveria regresso ao sono, e toda a paz me fugira. Fiquei a observar as sombras do fogo no teto da sala. Tentei pensar em Moli, sem a tristeza, mas esse ferimento ainda estava demasiado fresco. Recusei-me a pensar na mensageira e a partir mais a cabeça com a sua mensagem.

Mas recusarmo-nos a pensar numa coisa só a traz mais fortemente à mente. Pensei no Bobo. Tentei fingir que não estava zangado com ele por me enviar uma mensagem tão críptica. Não consegui, portanto, deixei de pensar nele.

Rolei para o lado e olhei para a minha miudinha. Tinha o cabelo espetado em todos os ângulos. Estava aninhada numa bola, como um cachorrinho adormecido. A manta torcera-se para longe dela e vi que até os dedinhos dos pés estavam bem enrolados. A fazer-se pequena no sono, na esperança

de ficar escondida. Oh, pequenita. Tão pequena, mas não tão nova como toda a gente pensava. Especialmente depois daquela noite. Fora eu a fazê-lo aquilo. Sem pensar, transformara-a em minha cúmplice. Tal como Breu fizera comigo. Anos mais à frente, iria eu tentar contactá-la como Breu fazia comigo? Estaria a repetir mais um ciclo, educando uma aprendiz de assassino? Seria essa a única espécie de educação que eu sabia dar?

O Bobo sempre me asseverara que o tempo se movia num grande círculo, mas decadente, no qual, a cada volta, a humanidade repetia erros, tornando-os cada vez mais graves. Acreditara que me podia usar como seu Catalisador para colocar essa grande roda num trilho melhor. Tivera visões dos futuros e, entre todos os futuros possíveis que ele conseguia ver, houvera um, um futuro no qual eu sobrevivia e, juntos, mudávamos o mundo.

E eu estava de novo a pensar no Bobo. Mudei de posição, voltei a mudar de posição, e levantei-me. Espevitei o lume, aconcheguei melhor a manta em volta de Abelha e depois saí tão silenciosamente como um assassino na caça. Era espantoso como eu era competente nessa habilidade.

Percorri Floresta Mirrada, levando comigo um castiçal. Inspeionei o trabalho que tinha sido feito até agora nos aposentos amarelos e voltei a espantar-me com a temeridade de uma pessoa que era capaz de chegar à casa de alguém como hóspede desesperado e depois protestar interminavelmente contra as instalações. Mas daquelas salas, pelo menos, ela haveria de gostar. Horas antes, um fogo de macieira e cedro fora acendido na lareira para refrescar a sala. A fragrância permanecia. À luz das velas, as paredes amarelas estavam de um dourado cálido. Quando as mantas acabadas de arejar fossem devolvidas à cama e os cortinados pendurados, aquilo transformar-se-ia um retiro confortável para qualquer jovem mulher. Com certeza que ela não conseguiria imaginar um fantasma naquele quarto tépido e acolhedor. Fechei a pesada porta de madeira atrás de mim, reconfortado por pelo menos aquilo ter de correr bem no dia seguinte. Hoje, corrigi. Hoje. A aurora estava a um sonho quebrado de distância.

Depois dos Quartos Amarelos, ficavam os Verdes. Não me consegui

lembrar da última vez que estivera nessas salas. Abri a porta e olhei para a escuridão. Móvel coberto respirava poeira. Janelas de portadas fechadas. A lareira estava limpa e mantinha-se fria há anos. A armação da cama era um esqueleto e o dossel estava guardado numa arca de cedro aos pés da cama. O quarto tinha ar de desuso mas não vi dejetos de roedores. No dia seguinte ia pôr os criados a torná-lo habitável. Quando FitzVigilante chegasse, os quartos já teriam aquecido. Não eram tão espaçosos como os aposentos amarelos. Mesmo assim, havia um pequeno estúdio ao lado do quarto e um quartinho para um criado estava-lhe anexo; perguntei a mim próprio se ele precisaria de criado. Deveria eu fornecer-lho? Havia tanto que não sabia sobre ter um escriba. Perguntaria a Pândego. Ele talvez soubesse. Mas sim, aquelas salas serviriam para FitzVigilante. Mais um assunto resolvido.

Depois, os quartos de Abelha, e aí encontrei uma tarefa que tinha de fazer. No dia seguinte teria de fingir fúria por causa de bichos e exigir que a roupa de cama fosse queimada e o quarto levasse uma esfrega. Isso queria dizer que esta noite teria de remover as preciosas coisas de Abelha para as manter a salvo de uma limpeza demasiado meticulosa. Havia velas a recolher, os brinquedos dela e outros pequenos objetos que eu julgava serem os mais preciosos para ela. Peguei neles e escondi-os no meu quarto, no baú que trancava.

Por nenhum motivo, além de não conseguir dormir, desci à cozinha. As cozinhas de Floresta Mirrada eram mais pequenas e muito menos movimentadas do que as do Castelo de Torre do Cervo, mas os cheiros da massa do pão a fermentar e de um caldo num panelão tapado, a ferver a lume brando ao fundo da lareira, eram reconfortantes para mim. Desenrolei o que restava do pão da semana anterior e cortei um bocado, após o que me dirigi à despensa para ir buscar um pouco do queijo picante à roda que lá estava. Também me servi de uma caneca de cerveja e sentei-me à mesa de trabalho da cozinha. Esta era provavelmente a divisão mais quente de Floresta Mirrada. A grande lareira ao canto nunca arrefecia e o calor vindo do forno na outra parede nunca abandonava por completo a sala. Comi e bebi e mantive a mente concentrada nas cozinhas e cozinheiros que

conhecera.

Depois desisti. Dobrei os braços sobre a mesa, pousei neles a cabeça e fitei o lume. *Porquê, Bobo? Porquê, depois de todos os anos vazios? Porque não vieste pessoalmente? Estavas em perigo, como a mensageira sugeriu? E, se estavas, porque não enviaste um mapa ou instruções sobre como te encontrar? Julgarias que eu não iria em teu auxílio?*

Acordei com batidas que me ecoaram pelo crânio. A cozinheira Nozmoscada tinha um imenso monte de massa de pão na mesa de trabalho e estava a amassá-la. De vez em quando erguia uma das pontas, dobrava-a e depois batia-lhe energicamente com as palmas das mãos. Respirei fundo e endireitei-me. Por um momento voltei a sentir-me rapaz, a observar a atividade madrugadora da grande cozinha de Torre do Cervo. Mas era só Floresta Mirrada e, no lugar de uma vintena de trabalhadores, havia apenas seis. Tavia virou-se de onde estava a mexer as papas matinais e enfrentou o meu olhar com uma sobrancelha erguida. “Cerveja um pouco mais forte do que esperáveis?”

“Não conseguia dormir. Vim até cá abaixo. E depois, suponho, descobri que conseguia dormir.”

Ela acenou com a cabeça e depois, com respeito mas com firmeza, informou-me: “Estais a atrapalhar-nos.”

Eu respondi ao aceno com um meu. “Vou sair,” disse e levantei-me, reprimindo um bocejo. “Cheira tão bem aqui,” disse-lhe e ambas me presentearam com sorrisos.

Tavia falou. “Vai cheirar ainda melhor quando for levado para a mesa. A Dama Esquiva pareceu ontem um pouco desapontada com o nosso trabalho rústico, portanto eu disse ao pessoal que hoje teríamos de brilhar. Se isso vos aprouver, senhor.”

“Brilhar?”

“De uma forma que deixaria a nossa Dama Moli orgulhosa. Está na altura de erguermos a cabeça e voltarmos a ser uma casa como deve ser. Pândego tem andado a morder-se sobre como as coisas tinham começado a degradar-se. Portanto estamos todos contentes por ver que estais a mostrar mais

interesse pela casa, senhor. E é bom ter mais gente aqui, a trabalhar e a viver. Traz a vida de volta ao sítio.”

Vida. Depois da morte de Moli. Fiz um aceno, sem ter bem a certeza se concordava com ela, mas informando-a de que dava valor ao que me estava a dizer. Ela fez-me um aceno firme em resposta, enfatizando a sua razão. “Um pequeno-almoço como deve ser só estará pronto mais ou menos daqui a uma hora, senhor, mas posso levar-vos um pouco de chá, se quiserdes.”

“Quero,” assegurei e deixei-me pastorear para fora da cozinha. Doíam-me as costas e doía-me a cabeça e ainda cheirava a fumo. Esfreguei a cara e tomei consciência da barba crescida. Um dos perigos de tentar andar escanhado para a minha filha. Agora teria de cuidar da cara todos os dias. “Tavia!”, gritei-lhe. “O chá que espere. Eu toco a campainha quando estiver pronto.”

Cobarde como era, encontrei uma das pequenas ajudantes de cozinha e mandei-a dizer ao meu mordomo que tinha encontrado bichos na cama da minha filha e queimara a roupa da sua cama durante a noite. Disse-lhe para lhe dizer para lidar com o assunto como achasse melhor, e deixei as coisas assim. Fugi para os banhos.

Uma das coisas de que mais falta sentia dos meus tempos de rapaz eram os banhos de Torre do Cervo. Eram um conforto aberto o ano inteiro, aquecendo um homem por completo no mais profundo inverno e expulsando a doença para fora de um corpo, através do suor, em qualquer altura do ano. Eram um legado dos tempos em que Torre do Cervo era uma fortificação, com múltiplas salas e bancos. Havia salas separadas para os guardas, que costumavam ser turbulentas e pugilísticas após uma noite de bebida, e algumas salas para os criados do castelo e um conjunto diferente para a nobreza.

Os banhos dos homens em Floresta Mirrada não tinham comparação possível. Havia uma única sala, não muito maior que o meu quarto, com bancos ao longo das paredes. O grande forno de tijolo que a aquecia ficava numa ponta da sala, e havia no centro uma piscina delimitada por tijolos. Nunca pulsava de calor como os banhos de Torre do Cervo, mas um homem determinado conseguia fazer aí bom trabalho a limpar-se. Todas as pessoas

de Floresta Mirrada, grandes e pequenas, usavam os banhos. Naquela manhã Lino, o pastor, estava lá com dois dos seus filhos crescidos.

Cumprimentei os três com um aceno, com pouca vontade de conversar, mas Lino perguntou imediatamente se eu autorizara a queima da pilha de ramos durante a noite. Por isso tive de contar a história sobre insetos que picavam na roupa da cama da minha filha e que quisera pô-la imediatamente fora da casa e queimá-la.

Ele fez um aceno grave e concedeu que era um homem que compreendia que se lidasse rapidamente com tais pragas, mas eu vi os olhares que os filhos trocaram uns com os outros. Lino permaneceu em silêncio durante um bocado e depois perguntou-me se dera licença a alguém para acampar nos pastos das ovelhas. Quando lhe disse que não, voltou a abanar a cabeça.

“Bem, nesse caso podem ter sido simplesmente viajantes que calharam passar por lá, e não haver muito caso para preocupações se fostes vós quem lançou o fogo. Esta manhã fui encontrar derrubada a tábua de cima duma das vedações e os rastos de pelo menos três cavalos a atravessar a pastagem. Não foi feito nenhum mal e não foi roubado nada. Parece que saíram pelo sítio por onde entraram. Os rebanhos estão bem e nem sequer ouvi a *Margarida* ou os outros cães ladrar durante a noite. Portanto, se calhar eram só pessoas que pararam para descansar um bocado.”

“Fizeram lá acampamento? Numa pastagem coberta de neve?”

Ele abanou a cabeça.

“Eu saio daqui a bocado e vou dar uma olhadela.”

Ele encolheu um ombro. “Não há nada para ver. Só rastos de cavalos. Já voltei a pôr a tábua no lugar.”

Acenei com a cabeça e fiquei a matutar. Simples viajantes ou aqueles que perseguiam a minha mensageira? Duvidava que fossem os perseguidores. Era improvável que pessoas que tinham matado uma mensageira e condenado outra a uma morte horrível fizessem uma simples pausa numa pastagem durante a perseguição. Mesmo assim, iria verificar os rastos, mas duvidava que encontrasse mais do que Lino encontrara.

CAPÍTULO 20

A MANHÃ SEGUINTE

Há um momento para um assassino matar e desaparecer. Há um momento para assassinios públicos, e há um momento para matar em segredo. A fim de dar uma lição, um assassinio pode ser público e o corpo pode ser deixado para que outros lidem com ele. Por vezes é melhor assassinar em privado e depois exibir o corpo de uma forma que choque, aterrorize ou admoeste outros. O mais difícil de todos, talvez, é o assassinio que tenha de ser completamente oculto, não só a matança mas o corpo que dela resulta. O fito deste é por vezes criar incerteza, ou evitar culpa, ou fazer com que pareça que o alvo fugiu ou abandonou os seus deveres.

Assim torna-se claro que simplesmente treinar o vosso assassino a matar com eficiência não basta. Para criar uma ferramenta útil é necessário instilar a análise, a disciplina e o autoapagamento.

Lições Sobre Assassinio, de Singal, traduzido do calcedino

Acordei com uma luz cinzenta a entrar pelas janelas. Estava no sofá onde a minha mãe me dera à luz, enrolada numa manta. Outra manta estava bem dobrada sobre a cadeira em que o meu pai se sentava habitualmente junto da lareira. Percebia-se que o lume fora alimentado recentemente. Fiquei imóvel, pensando em todas as mudanças que a minha vida tinha sofrido num só dia. Esquiva chegara. E a mensageira pálida. O meu pai vira-me como útil, e até inteligente, quando o ajudara a trazê-la para dentro. Confiara em mim para seguir as suas instruções. E depois Esquiva distraíra-o com as suas queixas tolas e tínhamos perdido a nossa oportunidade com a mensageira. Quando ele ocultara a morte dela, eu ficara chocada. Mas também sentira que ele me dera valor. Contudo, no momento em que Esquiva se assustara, ele saíra de junto de mim e esquecera-me por completo, correndo a cuidar da histeria dela.

Tirei a manta de cima de mim e atirei-a para o chão, fitando furiosamente

a cadeira vazia do meu pai quando me sentei. Toda a gente queria que ele cuidasse de qualquer outra pessoa além de mim. Que cuidasse de Esquiva e a protegesse; a rapariga pálida queria que ele partisse à procura de um filho perdido. Haveria alguém a dizer-lhe para prestar atenção à sua própria filha porque, caso contrário, não havia mais ninguém no mundo que cuidasse dela? Não.

Exceto, talvez, Urtiga. E ela pensava que eu era uma idiota. Bem, talvez não uma idiota, e isso talvez fosse culpa minha por nunca a ter deixado partilhar os meus pensamentos, mas mesmo assim não era bom sinal para o futuro que eu teria se fosse viver com ela. Ou iria Enigma voltar para Torre do Cervo e dizer-lhe que eu não tinha uma mente tão fraca como ela julgava? Se Enigma regressasse para o Castelo de Torre do Cervo. Ele também parecia muito decidido a proteger Esquiva. E Esquiva parecia muito ansiosa por mantê-lo a seu lado. Franzi o sobrolho perante aquele pensamento. Não sabia bem porquê, mas tinha a certeza de que Enigma era propriedade da minha irmã mais velha. Nesse momento, Esquiva transformou-se não apenas na forasteira, mas no inimigo.

E o meu pai ausente era pouco melhor.

Rapidamente construí o meu ressentimento e acreditei nele. A fervilhar silenciosamente de fúria contra todos eles, regressei ao meu quarto. Não fiquei contente por o encontrar cheio de gente a esfregar o chão e as paredes. O cheiro a vinagre era forte. Toda a roupa tinha desaparecido da armação da cama da aia e, quando abri caminho por entre os criados desconhecidos, descobri que a maior parte da arca da minha roupa tinha sido também esvaziada. Fiquei contente com a ideia de as minhas coisas me serem devolvidas lavadas e frescas, e menos contente por me ter sido deixado tão pouco por onde escolher. E também não gostei de como as mulheres contratadas de fresco e o homem musculoso que estava a ajudá-las com os trabalhos mais pesados pararam de limpar para me fitarem. Os intrusos ali eram eles, não eu!

Mas fitar-me foi o que fizeram e nem um se ofereceu para me ajudar quando me debati com a pesada tampa da arca. Contentei-me em agarrar a roupa que consegui alcançar. Levei-a comigo e regressei à relativa

privacidade da sala da minha mãe para despir a camisa de dormir e me vestir.

Mudei aí apressadamente de roupa, acocorada atrás dos resguardos que estavam ao canto. A túnica era de verão e estava um pouco pequena para mim, mais curta do que a minha mãe me teria autorizado a usar. As meias estavam soltas nos joelhos e em baixo. Consultei os pequenos bocados de vidro engastados no quebra-luz decorativo de uma candeia. O meu cabelo cortado estava espetado como o restolho num campo ceifado. Parecia-me mais com um criado do que os nossos criados. Respirei fundo e recusei-me a pensar nas roupas elegantes, nos pentes, nos anéis e nos lenços de Esquiva.

A minha nova camisa de dormir vermelha estava no chão. Peguei nela e sacudi-a. Recolhi-a nos braços e cheirei-a. O cheiro da minha mãe tinha-se atenuado mas ainda lá estava. Dobrei-a e escondi-a por detrás de um banco. Lavá-la-ia eu e perfumá-la-ia com um dos saquinhos de rosas que ela fazia. Fui à procura do meu pai.

Encontrei-o, a Esquiva e a Enigma a pequeno-almoçar na sala de jantar. Fiquei surpreendida por ver a mesa posta com tanta formalidade. Havia pratos tapados e dois bules de chá sobre a mesa. Um lugar vazio estava à minha espera. Perguntei a mim própria se dali em diante seria assim todos os dias, agora que Esquiva estava a viver connosco. Eles já quase tinham acabado de comer. Entrei em silêncio na sala e enfiei-me no lugar vazio.

Esquiva estava a falar, uns disparates quaisquer sobre afastar fantasmas com chávenas de chá verde. Deixei-a acabar. Antes de o meu pai ter tempo para falar, observei, dirigindo-me a ele: “Tomaste o pequeno-almoço sem mim.” O facto magoava-me profundamente e tentei ocultá-lo. Era um pequeno ritual que partilhávamos desde que tínhamos sido deixados sós após a morte da minha mãe. Acontecesse o que acontecesse, ele acordava-me de manhã e tomávamos o pequeno-almoço juntos.

Ele parecia muito sobrecarregado e cansado, apesar de ter feito a barba e a camisa estar limpa. Mas recusei-me a sentir pena dele quando o ouvi dizer: “A noite foi longa para todos nós. Achei que quererias dormir mais um pouco.”

“Devias ter-me acordado para ver se eu queria fazer-te companhia.”

“Provavelmente devia,” disse o meu pai em voz baixa. Falou numa voz que me informou de que não se sentia contente por estarmos a ter aquela discussão à frente de Enigma e Esquiva. De súbito arrependi-me.

“As crianças precisam de mais sono do que os adultos. Toda a gente sabe,” informou Esquiva com um ar prestativo. Pegou na chávena de chá e observou-me por cima da borda enquanto bebia. Tinha os olhos de um gato malévolo.

Fitei-a com firmeza. “E toda a gente sabe que os fantasmas estão presos aos locais em que morreram. O teu Rono está onde quer que o deixaste. Os fantasmas não andam a seguir as pessoas de um lado para o outro.”

Se ela fosse um gato, ter-me-ia bufado. Os lábios afastaram-se dos seus dentes precisamente da mesma forma. Mas, se tivesse sido um gato, teria sabido que o barulho nas paredes era só outro gato. Olhei para ela enquanto perguntava ao meu pai: “Ainda há alguma comida para mim?”

Ele observou-me sem falar e depois tocou uma campainha. Um criado que eu não conhecia correu para dentro da sala. O meu pai ordenou-lhe que trouxesse pequeno-almoço para mim. Acho que Enigma tentou acalmar as coisas quando me perguntou: “Bem, Abelha, e quais são os teus planos para hoje?”

Esquiva semicerrou os olhos quando ele falou comigo e eu soube no mesmo instante o que queria fazer naquele dia. Manter Enigma tão ocupado que não tivesse tempo nenhum para Esquiva. Ergui o queixo e sorri-lhe. “Já que estás aqui, e o meu pai anda tão ocupado com preparativos para a nossa hóspede e com as reparações na casa que tem pouco tempo para mim, estava a perguntar a mim mesma se hoje me podias mostrar como se monta a cavalo.”

Os olhos dele dilataram-se com um prazer genuíno. “Com a permissão do teu pai, mostro com todo o prazer!”

O meu pai parecia atordoadado. O coração caiu-me aos pés. Eu devia saber que pedir a Enigma para me ensinar o magoaria. Apontara a Esquiva e atingira o meu pai. Não que tivesse falhado Esquiva. Os seus olhos semicerrados fizeram-na parecer-se ainda mais com uma gata encharcada.

O meu pai falou. “Julguei que tinhas dito que não querias aprender a montar; que não te sentias confortável com a ideia de te sentares nas costas de outra criatura e dizeres-lhe para onde ir.”

Eu de facto dissera aquilo, quando era muito mais pequena, e ainda fazia perfeito sentido para mim. Mas não o teria dito à frente de Esquiva. Senti o calor a arder nas bochechas.

“Mas que ideia tão peculiar!”, exclamou Esquiva, e riu, deliciada.

Fitei o meu pai. Como podia ele ter dito aquilo em voz alta e à frente de uma relativa desconhecida? Teria feito de propósito por eu o ter magoado? Falei rigidamente. “Ainda sinto que é injusto forçarmos os animais a obedecer-nos, simplesmente porque somos humanos e podemos fazê-lo. Mas se eu alguma vez quiser ir visitar a minha irmã ao Castelo de Torre do Cervo, é uma coisa que tenho de aprender.”

Enigma parecia alheio às correntes que passavam por ele quando sorriu e disse: “E uma visita tua ia agradar imenso à tua irmã, acho eu. Especialmente quando vir como falas bem.”

“Quer dizer que ela gaguejava? Ou ciciava?” Se Esquiva tentava disfarçar o desdém que sentia por mim, estava a sair-se bastante mal.

Enigma olhou para ela diretamente, com a cara séria e a voz grave. “Falava pouco. Nada mais.”

“Se Abelha quer que a ensines a montar, certamente fico contente,” disse o meu pai. “Há um cavalo nos estábulos, não um pónei, mas um cavalo pequeno. Escolhi-o para Abelha quando ela tinha cinco anos, quando julguei que talvez a convencesse a tentar montar, mas ela recusou. É uma égua, cinzenta e malhada. Com um casco branco.”

Olhei para ele, mas estava escondido atrás dos seus olhos. Escolhera um cavalo para mim, todos aqueles anos antes e, quando eu me contorcera e esperneara ao tentar pousar-me na sela, desistira do plano sem me dirigir nenhuma censura. Porque teria ficado com a égua? Porque mantivera a esperança. Eu não quisera magoá-lo. “Um casco branco, testa-o,” disse baixinho. “Lamento não a ter testado há todos estes anos. Agora estou pronta.”

Ele fez-me um aceno mas não sorriu. “Eu ficarei contente por ver-te

aprender, Abelha, independentemente de quem te ensine. Mas por enquanto não vai haver visitas ao Castelo de Torre do Cervo. Hoje de manhã, muito cedo, recebi a notícia de que o teu novo tutor vai começar em breve a viagem para se vir juntar a nós, aqui. Seria realmente peculiar se ele saísse do Castelo de Torre do Cervo e, quando cá chegasse, descobrisse que tu tinhas ido para Torre do Cervo.”

“O meu novo tutor? Que novidade é esta? Quando foi isso decidido?” Senti-me como se a sala se inclinasse à minha volta.

“Há anos.” O meu pai falava agora com uma voz tensa. “Chama-se FitzVigilante. Isto está planeado há algum tempo. Vai chegar algures durante os próximos dez dias.” De súbito fez uma expressão de dor. “E terá de ser preparado também um quarto para ele.”

“FitzVigilante,” disse Enigma baixinho. Não deitou um olhar estranho ao meu pai nem ergueu as sobrancelhas, mas eu ouvi uma nota afirmativa na sua voz e compreendi que estava a informar o meu pai de que sabia mais do que lhe tinham dito. “Eu ouvi dizer que Dom Vigilante achava que os filhos mais novos já tinham idade suficiente para vir para a corte.”

“É, de facto, o caso,” confirmou o meu pai. “Embora eu tenha sido informado de que a decisão é mais da mulher do que dele. De facto, ouvi dizer que Dom Vigilante ficou surpreendido quando ouviu a notícia.”

O olhar da Dama Esquiva estava saltar de um para o outro. Adivinharia ela que o que estava a ser transmitido era mais do que ela tinha o privilégio de saber? Nesse momento pouco me importei. Estava presa de aturdimento.

As memórias da minha primeiríssima infância, tal como as memórias que tenho do tempo em que vivi dentro da minha mãe, são flutuantes. Existem, mas não estão ancoradas à minha vida quotidiana. É só quando alguma é despertada por um odor, um som ou um sabor que me cai em cascata para primeiro plano na mente. Neste caso foi um nome.

FitzVigilante.

O nome ressoara aos meus ouvidos como um sino, e de súbito a minha consciência foi inundada com uma memória. Chegou com um odor ao leite da minha mãe, a fogo de lenha de macieira e cedro e, por um longo momento, eu fui uma bebé num berço, ouvindo o nome a ser dito na voz

carrancuda de um jovem. Uma coisa é ter uma vaga memória de infância. Outra bem diferente é a mente consciente colocar essa memória em contexto e oferecê-la de volta. Ele esgueirara-se para a sala onde estava o meu berço quando eu era bebê. O meu pai impedira-o de me tocar. O meu pai falara de venenos. E ameaçara matá-lo se voltasse a aproximar-se de mim.

E agora ia ser meu tutor?

A minha mente fervilhava de perguntas. O novo criado reentrou discretamente na sala e pôs na minha frente uma tigela de papas, dois ovos cozidos e um pequeno prato de maçãs estufadas. Um toque de canela nas maçãs perfumou a sala. Teria Tavia feito aquilo especialmente para mim, ou fora assim para todos? Ergui o olhar. Estavam todos a olhar para mim. Eu estava mergulhada em incerteza. Teria o meu pai esquecido o nome do rapaz que viera até ao meu berço naquela noite? Pensaria que ele mudara? Porque seria ele o meu tutor? Recolhi uma colherada de maçãs e refleti antes de perguntar: “E achas que FitzVigilante me ensinará bem?”

Esquiva estivera a bebericar do chá. Fez tinir a chávena no pires. Olhou para Enigma enquanto abanava a cabeça com consternação. Numa voz conspirativa, como se não pretendesse que o meu pai ou eu a ouvíssemos, opinou: “Nunca na vida ouvi uma criança questionar as decisões do pai! Se eu tivesse levantado objeções nem que fosse a um dos planos que a minha avó fazia para mim, tenho a certeza de que me teria dado um tabefe e mandado para o quarto.”

Foi feito com limpeza. Não me podia defender sem parecer mais mimada e petulante do que ela já me pintara. Bebi um pouco de leite, olhando por cima da borda do copo para o meu pai. Ele estava zangado. A cara não mudara em nada e talvez, pensei, só eu conseguisse perceber que fora provocado. Perguntei a mim mesma se por Esquiva ou por mim. Até a voz soou normal quando ele disse: “Então a minha relação com Abelha é diferente da que tiveste com os teus avós. Eu sempre a encorajei a pensar e a discutir comigo os nossos planos para ela.” Bebeu um gole do seu chá e acrescentou: “Não consigo imaginar esbofeteá-la. Nunca.”

O seu olhar beijou-me rapidamente e lágrimas picaram-me os olhos. Eu

tivera tanto ciúme, tanta certeza de que ele estava a favorecer Esquiva. Mas aquele rápido olhar ofereceu-me algo que ultrapassava até o facto de ser meu pai. Ele era meu aliado. Quando pousou a chávena, dirigiu-me um aceno agradável e acrescentou: “Há vários anos que Dom Breu tem vindo a preparar especialmente FitzVigilante para ser teu tutor, Abelha.” Deu-me uma piscadela de olho que ninguém mais viu. “Testa-o.”

“Testarei,” prometi. Devia isso ao meu pai. Concentrei-me e invoquei um sorriso a subir-me ao rosto. “Vai ser tão excitante aprender coisas novas.”

“Estou muito contente por te ouvir dizer isso,” respondeu ele, e quase senti o calor dos pensamentos que me enviou.

Esquiva atropelou as minhas palavras. “O mensageiro que anunciou a vinda dele chegou na noite passada? Da parte de Dom Breu? Mas eu não ouvi nada, e asseguro-vos de que não estava a dormir. Não encontrei o mínimo repouso ontem à noite. O mensageiro disse alguma coisa sobre mim? Havia alguma mensagem para mim da parte dele?”

“A mensagem chegou discretamente e só se referia ao tutor,” disse o meu pai. As suas palavras diziam uma coisa, enquanto o tom de voz fazia notar que ela não tinha nada com isso. Compreendi que Dom Breu lhe enviara a informação pelo Talento. Realmente, o meu pai tivera uma noite muito ocupada e tinha todos os motivos para parecer fatigado. Impedi o sorriso no meu rosto de se tornar presumido quando me apercebi de que era óbvio que sabia uma coisa que Esquiva não sabia, ou seja, que o meu pai e Dom Breu partilhavam a magia do Talento.

Isso satisfez-me, e decidi que por agora não faria mais perguntas. Dediquei a atenção à comida e escutei a conversa entre Enigma e o meu pai, que Esquiva interrompia com perguntas que só se relacionavam consigo mesma. Os trabalhadores regressariam ao meio-dia e reatariam os restauros do Solar de Floresta Mirrada. Esquiva esperava que não comessem a trabalhar demasiado cedo; não gostava de ser acordada por ruído. O meu pai informara Pândego de que ele teria de preparar aposentos para o Escriba FitzVigilante. Esquiva perguntou que aposentos lhe seriam atribuídos. O assunto dos percevejos imaginários foi aflorado e Esquiva expressou horror e exigiu que lhe fossem dadas mantas e lençóis inteiramente novos. O meu

pai assegurou-lhe que nova roupa de cama faria parte da renovação dos Quartos Amarelos. Ela perguntou se os aposentos amarelos teriam de permanecer amarelos, pois preferia de longe malva ou lavanda.

Isso fez-me erguer o olhar. Vi o meu pai e Enigma trocar olhares consternados. A testa do meu pai enrugou-se. “Mas os Quartos Amarelos sempre foram os Quartos Amarelos,” disse, como se isso explicasse tudo.

“Existem os Quartos Púrpura na outra ponta dessa ala, se bem me lembro,” sugeriu Enigma.

“Estarias a boa distância do resto da casa, mas se quiseses...” começou o meu pai.

Tentei não sorrir. Comi o resto das papas, que já arrefeciam, enquanto Esquiva objetava: “Mas eu gosto da vista daquelas janelas. Não podíeis simplesmente pintar as paredes dos meus aposentos e mudar os cortinados para uma cor mais repousante? Lá porque sempre foram os Quartos Amarelos não quer dizer que tenham de continuar a ser.”

“Mas... são os Quartos Amarelos...”

O meu pai continuou confundido pela incapacidade que Esquiva mostrava para compreender aquilo, enquanto ela o massacrava para o levar a perceber que o amarelo podia ser pintado de malva. Enquanto eles estavam distraídos, eu escapuli-me da mesa. O meu pai e Enigma aperceberam-se perifericamente, julgo eu, de que eu desaparecera. Mas nenhum dos dois me deteve.

O meu quarto era despojado o suficiente para o poder ter pintado de qualquer cor sem me preocupar com mobília, tapeçarias ou tapetes. Qualquer coisa que se destinava a matar parasitas fervilhava na lareira, deitando um denso fumo. As arcas da minha roupa tinham sido removidas para o corredor. Retirei para lá e voltei a vasculhá-las em busca de roupa mais quente antes de me aventurar a sair de casa.

A chuva tinha feito uma pausa e um vento, quente para aquela época do ano, estava a deslocar-se pela terra. Fui primeiro até onde eu e o meu pai tínhamos feito a fogueira na noite anterior. Ela ardera bem: só havia cinza branca no centro de um anel de paus e ramos parcialmente queimados. Peguei num dos paus e mexi a cinza branca. Por baixo, carvões negros

abriram olhos vermelhos e cintilantes na minha direção quando os despertei. Não vi bocados de osso, nem mesmo a curvatura de um crânio que esperara encontrar. Perguntei a mim mesma se o meu pai ali estivera antes de mim, logo no dealbar da aurora. Pontapeei algumas das pontas de ramos de volta para o centro e esperei. Um fino fiozinho de fumo começou a subir e, ao fim de algum tempo, o fogo voltou a despertar em chamas. Fiquei ali, a ver arder, recordando tudo o que a nossa peculiar visitante tinha dito e perguntando a mim própria se o meu pai agiria em resposta ou esqueceria a mensagem, agora que ela se fora. Um filho inesperado tinha sido profetizado. E alguém acreditara em tempos que o meu pai cumpria essa profecia. Era claro que eu ainda não conhecia a história completa. Perguntei a mim própria se conseguiria manter-me em segurança mas ser mais ousada a roubar os papéis dele e a lê-los enquanto se mantinha escravo das reparações em Floresta Mirrada. Decidi que teria de o fazer.

Passei pelos currais das ovelhas no caminho de regresso à casa. Um gato estava agachado numa pedra coberta de líquenes, no meio da pastagem cortada rente, a olhar para a erva mais profunda. Tinha, que eu conseguisse ver, duas patas brancas e uma deformação na cauda. Estava a caçar. Parei e fiquei em silêncio. Observei os músculos dele a ficarem cada vez mais tensos e depois, como uma seta libertada do arco, mergulhou sobre qualquer coisa na erva. Atingiu-a com força com ambas as patas da frente e depois disparou a cabeça para a matar com uma rápida dentada. Ergueu o olhar para mim e de súbito percebi que estivera o tempo todo ciente do meu escrutínio. O rato cinzento-escuro pendia-lhe sem força das maxilas.

“Eu sei onde há montes de ratos, ratos gordos de queijo e salsichas,” gritei-lhe. Ele olhou-me em silêncio como que a refletir nas minhas palavras, após o que se virou e trotou determinadamente para longe com a sua presa. Crescera depressa, pensei de mim para mim.

Os gatos são assim. Mal um gato é capaz de caçar, pode obter tudo o que quiser. Nessa altura a sua vida é sua.

O pensamento surgiu-me com tal clareza na mente que quase julguei que era meu.

“Preciso de um caçador como tu!”, gritei-lhe. Ele continuou a trotar para

longe.

E eu vi-o ir e pensei que as minhas necessidades pouco significavam para qualquer um além de mim. Teria de obter sozinha aquilo de que necessitava.

CAPÍTULO 21

A BUSCA DO FILHO

A primeira tarefa que uma dama deve levar a cabo na sua nova casa é estabelecer respeito por si. Isso pode ser mais difícil do que se poderia esperar, especialmente se a mudança para a nova residência se seguir ao casamento e a mãe do marido ainda for a senhora da casa. Mas, por chocante que possa parecer, pode ser ainda mais difícil para a dama que se encarregue da residência do marido solteirão após o casamento. Num caso em que os criados se tenham habituado a haver só um senhor da casa, a nova dama pode achar difícil ganhar controlo ou até obter o respeito do escalão superior dos criados. Mordomos e cozinheiros são, neste aspeto, de trato notoriamente difícil. A nova dona da casa irá cansar-se depressa de ouvir: “Mas foi sempre assim que as coisas foram feitas aqui.” Ainda pior é ouvir de um criado: “É assim que o amo prefere que as coisas se façam.” Se o assunto não for abordado imediatamente, a nova senhora da casa irá dar por si relegada ao mesmo estatuto de um menestrel visitante.

Frequentemente, o melhor rumo é simplesmente despedir os chefes do pessoal e começar de novo com criados escolhidos pela dama. Mas, em casos em que o amo está ligado a criados mais velhos, a dama deve ser direta e firme na obtenção imediata do controlo. É um erro concordar simplesmente com o que começar por lhe ser oferecido. Contestai imediatamente as ementas, os arranjos florais, o vestuário do pessoal — por outras palavras, estabelecei o controlo dos vossos domínios domésticos desde o momento em que entrardes pela porta.

Guia das Boas Maneiras, da Dama Celéstia

ui encontrar Pândego já ocupado com os trabalhadores. Estava à porta dos quartos que viriam a ser de Esquiva, a ralar com eles por causa da lama

que tinham trazido para dentro. Esperei até acabar e depois mencionei que a

FDama Esquiva talvez desejasse uma cor diferente para os quartos. Poderiam os Quartos Amarelos ser pintados para lhe fazer a vontade?

Ele olhou para mim como se eu fosse idiota. “Mas assim o arco-íris ficaria desordenado.”

“Perdão?”

“Por decreto da Dama Paciência, há anos, os sete Quartos foram pintados por forma a refletirem as cores do arco-íris. Assim, começa com vermelho, depois laranja. O amarelo é seguido pelo verde, depois o azul e...”

“O púrpura. Os Quartos Púrpura estão em bom estado?”

A ruga entre os seus olhos aprofundou-se. “Em tão bom estado como eu os consegui manter, tendo em conta o orçamento que me atribuístes.” Baixou o olhar para mim, lutando por ocultar a desaprovação pela pouca atenção que eu dera à propriedade ao longo dos anos.

Tomei uma decisão apressada. “Manda chamar a Dama Esquiva. Ela que escolha os aposentos com a cor que mais lhe agrade. E prepara também os Quartos Verdes. Não. Espera. Tens razão, Pândego. Traz-me uma lista do que tem de ser feito em cada um dos aposentos da parte principal da casa para que eles mereçam a tua aprovação. Começemos, como devíamos ter feito há anos, a deixá-los em bom estado, um após outro. Ah, e vai chegar outro hóspede que ficará connosco, dentro de dez dias ou menos. FitzVigilante será tutor da Dama Abelha. E talvez também de algumas das outras crianças da propriedade.”

Esta última ideia ocorreu-me de repente. O Rei Sagaz sempre insistira que a todas as crianças em Torre do Cervo fosse concedida pelo menos uma oportunidade de aprender as letras e os números. Nem todos os pais decidiam aproveitar essa hipótese e muitas crianças pediam para serem dispensadas, mas a todos os jovens do Castelo de Torre do Cervo era dada a oportunidade de aprender. Estava na altura de eu corresponder também a esse legado.

Pândego inspirou profundamente pelo nariz. Para um homem com um nome tão alegre, ele fez um ar muito severo quando disse: “Então a sala de

aula deve também ser arranjada, senhor? E os aposentos anexos para o escriba?”

Sala de aula. Lembrei-me de repente que Floresta Mirrada tinha uma. O início da minha educação acontecera junto de uma das lareiras menores do Grande Salão de Torre do Cervo. E os filhos de Moli tinham-me chegado com bons fundamentos de leitura e cálculo, obtidos com Castro, e tinham sido educados em grande medida por mim e pelas outras pessoas de Floresta Mirrada. Tinham aprendido com o arboricultor, com o tratador do pomar, com o pastor... eu nunca exigira que dominassem outra língua e os seus conhecimentos sobre a história e geografia dos Seis Ducados tinham-lhes sido transmitidos em grande medida durante longas conversas à noite ou através das canções de menestréis durante as festas. Teria eu sido desleixado com a educação dos filhos de Castro? Nem Moli nem nenhum dos rapazes me pediram alguma vez que fornecesse mais do que isso. A culpa apertou-me.

“Senhor?” A pergunta de Pândego sacudiu-me de volta ao presente. Fitei-o, perguntando a mim próprio o que tínhamos estado a discutir.

Perante a minha expressão interrogadora, ele repetiu: “A sala de aula, Depositário Texugo. Foi obra da Dama Paciência. Há muitos anos, quando ainda esperava vir a ter bebês seus que crescessem aqui. Há uma sala de aula. Uma sala dedicada especialmente ao ensino de crianças.” Disse as três últimas palavras como se eu pudesse não estar familiarizado com tal conceito.

Claro. E: “Nesse caso, claro, Pândego. Areja a sala de aula e os aposentos do escriba e faz-me uma lista das outras reparações sérias de que essas salas possam precisar. Ah. E uma lista das crianças que possam desejar aprender as letras e as contas, por favor.”

Os olhos de Pândego continham a determinação de um mártir em distinguir-se quando perguntou: “É mais alguma coisa, senhor?”

Cedi. “É tudo em que consigo pensar neste momento. Se te ocorrer mais alguma coisa, por favor, chama-me a atenção para ela.”

“Como deve ser, senhor,” concordou ele, e eu quase consegui ouvir o seu pensamento: *Como devia ter sido sempre.*

Nessa noite, depois de os trabalhadores se terem ido embora e Abelha estar mais uma vez a dormir na sala de costura de Moli, eu contactei a minha filha mais velha pelo Talento. *Estava a preparar-me para ir para a cama*, disse Urtiga em resposta ao meu toque interrogativo.

Não me tinha apercebido de que era tão tarde, disse em jeito de desculpa. *Queria pôr-te ao corrente da minha última ronda de restauros em Floresta Mirrada. Acho-os necessários, e Pândego também, mas temo que vão devorar os rendimentos que pus de reserva.*

Senti-a suspirar. *Por favor, para com as formalidades. Não és realmente o meu Depositário a prestar-me informação. Ambos sabemos que, com toda a legitimidade, Floresta Mirrada devia ter sido herdada por ti. A tua insistência de que a propriedade é minha e que tens de justificar tudo o que fazes para a administrar desgasta-me.*

Mas é a tua her...

E magoa-me os sentimentos. Julgarás realmente que eu levantaria objeções ao que possas fazer para benefício de Abelha? Ou de ti próprio? Eu sei que não me achas tão egoísta. Portanto para, por favor. Faz o que tem de ser feito para manter a casa em pé e em bom estado, e gasta os rendimentos dos terrenos como devam ser gastos. Ou como queiras gastá-los. Uma pausa. Sabes que FitzVigilante irá em breve a caminho daí?

Fui informado do facto, sim. Tentei ocultar dela as reservas que sentia quanto a esses planos.

Bem, não creio que ele já esteja realmente em estado de viajar. Insisti com Breu para o deixar escondido durante algum tempo. Quando chegar, devias mandar um curandeiro vê-lo. É um moço orgulhoso e vai insistir que está ótimo, muito obrigado. Insiste no curandeiro. Ele levou uma valente surra, uma valentíssima surra. Julgo que Breu vai acabar por o mandar embora na esperança de que isso o mantenha em segurança. Devia ter-to mandado há anos. Como eu disse repetidamente a Breu. Ele devia ter posto os interesses do rapaz à frente da sua inclinação para o manter por perto.

Eu asseguro-me de que ele seja bem tratado. Ia pô-lo nos Quartos Verdes, mas depois Pândego informou-me de que Paciência tinha criado uma sala de aula na ala oriental e que há aposentos destinados ao mestre-

escola adjacentes a essa sala.

Ai há? Ah, sim, agora me lembro. É um sítio que está a cair de velho, não é? Mas deve convir bem ao Lante. Ele é reservado. E parece ter-se tornado ainda mais desde o espancamento.

O abuso físico tende a fazer sobressair isso nas pessoas, pensei para comigo. Não era nada que tivesse de partilhar com Urtiga. Mas lembrava-me bem do que a tortura de Majestoso me fizera, e de como o Bobo estivera metido consigo depois da selvática atenção que recebera da Mulher Pálida. Vivemos nos nossos corpos. Um assalto contra essa fortaleza exterior da mente deixa cicatrizes que podem não se ver, mas nunca saram. Eu dar-lhe-ia a sua privacidade. E se ele decidisse falar, as suas palavras ficariam em segurança comigo.

Ainda estás acordado? Urtiga parecia aborrecida por eu poder perturbar-lhe o descanso com o meu Talento e depois adormecer.

Sim. Estava só a matutar nos preparativos que tenho de fazer para FitzVigilante.

Trata-o com gentileza.

Gostas dele, não gostas? E voltei uma vez mais a ter a impressão de que ele era mais importante do que Breu me fizera saber.

Gosto. Trata-o bem e faz com que se sinta bem-vindo. E, fosse o que fosse, Urtiga também não o ia divulgar. Agora vou dormir, informou-me. Nem todos somos lobos noturnos, Tomé. Alguns de nós preferem dormir.

Então boa-noite, querida.

Boa-noite.

E desapareceu, desvanecendo-se da minha consciência como perfume soprado para fora de uma sala por uma brisa errante.

Ela não era a única filha minha adepta de me evitar. Ao longo dos dias seguintes, Abelha conseguiu sempre estar a sair das salas quando eu ia a entrar. Via-a às refeições mas ela renovara os seus modos silenciosos, ao passo que Esquiva tagarelava como uma galinha que tivesse acabado de pôr ovo e quisesse que toda a capoeira o soubesse. Depois de muita hesitação, acabara por escolher para os seus domínios os Quartos Púrpura, a que chamava os Aposentos Lavanda. Mas se eu julgara que isso me pudesse

conceder algum alívio das suas exigências e queixas, depressa fui privado de tal ideia. Achou o padrão dos cortinados “demasiado denso” e julgou o dossel desbotado. O espelho estava “manchado e muito mais pequeno do que devia ser para ter real utilidade”. Candelabros não serviriam: queria lamparinas para o toucador. Não me atrevia a mandá-la falar diretamente com Pândego, pois temia que ele não só cedesse a todos os seus pedidos, como os amplificasse. A cara solene e os olhos alegremente reluzentes de Enigma convenceram-me de que ganhara bem o meu compromisso, o qual consistira em mandá-lo, com Esquiva e uma nota de crédito, ao grande mercado de Findelago, viagem que exigiria que pernoitassem lá numa estalagem e me daria pelo menos uma noite de paz. Assim que Pândego soube da missão, entregou-me uma lista de coisas necessárias com tal magnitude que eu ordenei que uma carroça e uma parelha os acompanhassem. Tavia foi a seguinte, queixando-se de panelas amolgadas e de facas amoladas até se reduzirem a nada. A lista dela foi acrescentada e depois pensei em algumas coisas minhas que precisavam de substituição. Eles acabaram por partir com duas carroças e as respetivas parelhas. Enigma não estava a sorrir quando partiu. Eu estava. Estimei que as listas adicionais me tinham concedido pelo menos mais um dia, e possivelmente dois, até eles regressarem.

Para além das incumbências de Esquiva e Pândego, dei a Enigma uma minha. De caminho, ele devia estar à escuta de todas as notícias sobre desconhecidos que procurassem encontrar uma rapariga pálida como aquela que nos visitara. Disse-lhe que estava muito curioso com o motivo que a levava a fugir tão abruptamente. Queria saber o que temera e se aqueles que a perseguiam deviam ou não, por seu turno, ser perseguidos pela Guarda Real. Sei que Enigma suspeitava de que havia muito mais naquela história do que lhe fora dito e isso, decidi, acrescentaria esporas à sua busca por novidades. E Esquiva sairia de sob o meu teto durante pelo menos uma mancheia de dias. O nível de alívio que senti foi surpreendente.

Não quis forçar Abelha a estar perto de mim. Depois do que vira naquela noite, talvez precisasse de distância. Mas discretamente, e a grande distância, mantive-me informado dos sítios para onde ia e do que fazia.

Passava uma boa quantidade de tempo no seu esconderijo e depressa descobri a espécie de leituras que andava a fazer. Fiquei horrorizado, tanto com o meu descuido como com o que provavelmente aprendera sobre mim. Bem, isso era culpa minha, e eu sabia como lidar com a questão. Faria exatamente o que Breu fizera quando descobrira que eu não limitara as minhas leituras àquilo que ele punha na minha frente. Durante os cinco dias seguintes, atirei-me ao trabalho. Pândego não podia fazer tudo. Era um bom gestor de tarefas, um homem capaz de localizar as pessoas certas, contratá-las e dizer-lhes o que queria ver feito. Mas não era o melhor homem para se assegurar de que um trabalho era feito como devia ser. Castro ensinara-me a fina arte de passar por preguiçosos e motivá-los com um único olhar, e eu não hesitei em empregá-la. Não podia reivindicar para mim conhecimentos profundos sobre os trabalhos com tijolo e argamassa, ou de carpintaria, mas era capaz de localizar trabalhadores que estavam apenas a fingir trabalhar. E também era fascinante observar uma mestra como Formiga a levar o seu tempo com os tijolos para fazer o melhor trabalho possível e deixá-la trabalhar ao seu ritmo.

Além de todas as reparações e limpezas que estavam em curso, o trabalho normal da propriedade não diminuía. Sentia que Abelha andava a evitar-me, mas não podia censurá-la. Ela tinha muito em que pensar, e eu também. E talvez também andasse eu próprio a evitá-la, na esperança de não ter colocado demasiado peso sobre os seus pequenos ombros. Se a chamasse para junto de mim e nos sentássemos a discutir o que acontecera, iria aquilo ganhar peso e importância na sua mente? Poderia eu ser honesto nas minhas respostas às perguntas que ela fazia? Durante aqueles dias, afastei da mente os pensamentos sobre a tarefa da mensageira, dizendo a mim próprio que, se o filho inesperado do Bobo estivera escondido durante tantos anos, mais alguns dias não teriam importância. Visitara a pastagem das ovelhas e vira os rastros dos cavalos que já se iam apagando na neve que lá havia. Lino tivera razão. Três cavalos tinham entrado e saído na mesma noite em que eu queimara o corpo da mensageira. Encontrei as pegadas de um homem desmontado, o suficiente para me informar de que alguém esticara as pernas. Não havia sinais de fogueira nem de uso prolongado da zona. Parei

onde os rastros estavam e olhei na direção de Floresta Mirrada. Eles pouco da casa conseguiriam ter visto dali; os muros dos jardins e as árvores ocultavam-na. Teriam sido capazes de ver a minha fogueira. Podiam ter estado ali a observar-me, e à Abelha, enquanto queimávamos um monte de roupa de cama. Mas não teriam visto mais do que isso. Era tudo o que o terreno podia dizer-me e afastei aquilo da mente, considerando aquela informação inútil. Viajantes ou caçadores furtivos, ou talvez ladrões de passagem.

Ou teriam sido os perseguidores da mensageira? Sopesei o que ela me dissera sobre eles e decidi que não. Ou os perseguidores eram perigosos o suficiente para a perseguirem até à minha porta ou teriam de estar confiantes na sua morte. Não conseguia imaginá-los a ficar à distância, a observar o lugar onde ela podia ter obtido refúgio e seguindo depois caminho. Não. Coincidência. Nada mais. Suspeitava que pudessem estar ainda a tentar encontrá-la. Se andassem nas imediações, Enigma ouviria falar deles. Ele era bom nesse tipo de escuta.

Mas eu manter-me-ia alerta, para o caso de continuarem a seguir-lhe o rasto. E prometi a mim mesmo que empreenderia assim que pudesse a busca pelo tal filho inesperado. Por agora, iria pôr em segurança a minha casa e as pessoas que tinham sido inesperadamente colocadas sob minha custódia antes de me lançar a outras tarefas. Era melhor deixar tudo organizado e sólido em casa antes de ter de partir. Temia uma viagem às Montanhas no inverno, mas possivelmente teria de a fazer. Duvidava que Jofron respondesse a alguma mensagem que lhe enviasse. Se o trilho me levasse até aí, teria de lá ir em pessoa.

À noite, antes de adormecer, a estranha missão vinha-me à mente. Como poderia deixar Abelha em casa para levar a cabo uma tal demanda? Não podia. Poderia levá-la comigo? Para o perigo? Não podia. Enviá-la a Urtiga? O tutor poderia servir como alguma espécie de guarda-costas para ela, como Breu sugerira em tempos? Como poderia Lante sê-lo? O espancamento que sofrera era fraca recomendação para a sua capacidade de se proteger a si próprio, quanto mais à minha filha.

Esquiva como guarda-costas de Abelha era uma brincadeira de mau

gosto. Ela não gostava da minha filha e tinha medo de ruídos à noite. Não era o tipo de protetor que eu escolheria para Abelha. Teria de encontrar alguém em quem pudesse confiar. Até lá, não poderia partir na demanda do Bobo. Contudo, tampouco podia ignorá-la. A ansiedade competia com a ira: temia que o meu velho amigo estivesse em grave perigo, que pudesse até estar já morto. E estava furioso por me ter enviado uma mensagem tão críptica. Sabia que os seus pressentimentos do futuro eram agora vagos, mas ele certamente me podia ter dito alguma coisa sobre a situação em que se encontrava! Se a mensageira tivesse sobrevivido mais tempo, talvez tivesse sido mais clara. Em certas noites temia ter sido apressado a conceder-lhe uma morte misericordiosa. E repreendia-me, dizendo que era inútil pensar agora nisso. Depois tentava encontrar uma posição mais confortável na cama, fechava os olhos e admoestava-me pelo que fizera às minhas filhas. E censurava-me principalmente, uma e outra vez, por deixar Breu enviar-me os seus problemas. Mas como podia ter-lhe dito que não?

Insensibilizei-me para a necessidade de dar pelo menos início à minha tarefa. Admito que foi um pouco mesquinho da minha parte esperar até bem depois de passar o meio da noite antes de contactar Breu pelo Talento. Se esperara acordá-lo, desperdiçara o esforço. Ele mostrou-se imediatamente aberto para mim, e até expressou prazer pelo contacto. Isso fez-me compreender que não era frequente ser eu a iniciar os contactos, o que me tornou mais difícil a tarefa de manter os meus segredos bem guardados.

Tenho um favor estranho a pedir-te. E, ainda mais estranho, tenho de recusar-me, por agora, a dizer-te porquê.

Ah, enfim, isto está a ter um começo intrigante. Então pede lá. Mas não me culpes por eu conseguir adivinhar as tuas intenções antes de as partilhares comigo. Consegui senti-lo a recostar-se na cadeira, no seu refúgio, esticando as pernas para a lareira.

Parecia deliciar-se com a possibilidade de me vencer pela astúcia e adivinhar os meus objetivos. Bom. Que seja um jogo para ele. Ia escavar como um texugo em busca do meu segredo e talvez descobrisse outros ao fazê-lo.

Conto que tentes. Mas por agora, por favor, não me pressiones a revelá-

las. Eis o que preciso de saber: ando à procura de um filho dado à luz por uma das três mulheres seguintes. O bebé foi possivelmente ilegítimo. Pensara bem em como fazer o pedido. Eram muitas as mulheres que casavam à pressa para esconder a verdadeira paternidade de uma criança.

Três mulheres, hã? Bem, quem são?

Uma é provável que conheças, a segunda é possível e da terceira é improvável que tenhas sequer ouvido falar.

Oh, isto melhora a olhos vistos. Bem, sem promessas, mas pede lá.

Hás de lembrar-te da Caçadora Loureira, que nos ajudou com as dificuldades por que Respeitador passou com os Pigarços. Depois, foi muito útil nos nossos tratos com o Sangue Antigo.

Houve um pouco de silêncio. Ter-me-ia ele bloqueado contra alguma coisa? Depois respondeu animadamente: *Claro que me lembro da Loureira!*

Sabes se ela casou? Se teve filhos?

De novo, uma minúscula pausa, como se ele hesitasse. *Posso certamente descobrir. A próxima?*

Gareta. Era ajudante de jardinagem quando eu era miúdo em Torre do Cervo. E ainda estava empregada nos jardins quando vivi em Torre do Cervo como homem de Dom Dourado.

Nunca ouvi esse nome, mas vai ser bastante fácil encontrar alguém que o tenha ouvido e que saiba o que foi feito dela. E a última?

Ele era como um esquilo a juntar nozes, tão ansioso pela próxima que estava a enfiar os factos na mente sem tentar digeri-los até ter obtido de mim todos os bocadinhos de informação. Eu sabia que depressa detetaria o fio condutor. Bem, seria mais agradável para ele se tivesse de se esforçar por isso. Hesitei a respeito da terceira mulher. Qualquer descendência que tivesse dado ao Bobo seria por esta altura um homem feito. Mas queria levar em conta todas as possibilidades.

Jofron. Vivia no Reino da Montanha e ajudou a cuidar de mim quando eu fiquei gravemente ferido. Faz trabalhos em madeira, fabrica armários e brinquedos de boa qualidade. Sei que tem um filho, porque conheci o seu neto, mas preciso de saber quem foi o pai desse filho e quando ele nasceu. Gostaria de ter uma descrição física dele.

Eu lembro-me de Jofron. Breu não ocultou a surpresa que o meu pedido lhe causou. Bem, isso foi há uns anos e a uma bela distância daqui, mas não é impossível fazer perguntas. Tenho gente em Jhaampe.

Tenho a certeza disso. Tens gente em todo o lado, incluindo aqui em Floresta Mirrada. Foi em parte uma acusação, em parte um elogio.

Isso pode ser verdade. E bem sabes tu como uma rede bem disseminada de olhos rápidos e ouvidos aguçados pode ser útil. Bom. Jofron, Gareta e a Caçadora Loureira. E tu andas à procura de uma criança. Rapaz ou rapariga?

Rapaz. Mas um rapaz que já pode ter passado há muito pela infância. No caso de Jofron, o filho tem pelo menos trinta e seis anos. Acho eu. Poderia ter a certeza de que o Bobo não a visitara desde então? Poderia ter a certeza de alguma coisa? Oh, qualquer filho ou filha, de qualquer idade, que qualquer delas possa ter dado à luz. Se me conseguires arranjar essa informação, eu próprio a analisarei e ficarei em dívida para contigo.

Certamente ficarás, garantiu ele e cortou o nosso contacto de Talento antes de eu lhe poder dizer ou pedir mais alguma coisa.

Deixei-me ficar na corrente de Talento, permitindo-me sentir o seu apelo. Os jovens em treino de Talento são severamente prevenidos contra a sua atração viciante. É uma sensação difícil de descrever. Eu sentia-me completo no Talento. Não solitário. Mesmo mergulhados no amor mais profundo possível, sentimo-nos separados da nossa parceira — separados pela pele, mesmo quando nos unimos no ato que transforma dois em um. Só no Talento essa sensação de separação se desvanece. Só no Talento experienciei aquele sentido de unidade com o mundo inteiro. Desde que Moli morrera, eu sentia-me mais só do que me sentira na vida. Por isso tentava-me, deixando essa completude rebentar contra mim, pensando em simplesmente deixar-me ir e tornar-me uno com o grande todo. Não como uma parte a unir-se a outras partes; não. No Talento, todas as fronteiras se dissolvem, todo o sentido do eu individual se desvanece.

À superfície do Talento podemos flutuar e ouvir fragmentos das vidas de outros. Muitas são as pessoas que têm uma quantidade moderada de capacidade para o Talento, não a suficiente para o empregarem ativamente,

mas a suficiente para procurarem, sem o saber, contactar o mundo. Ouvi uma mãe a pensar no filho, que fora para o mar e não dava notícias há seis meses. Esperava que ele estivesse bem e o coração tentava contactá-lo numa busca que não estava consciente de fazer. Um jovem enfrentava o dia do seu casamento, mas estava a pensar numa rapariga que conhecera ainda mal era um homem. Pensara que ela pudesse ser o amor da sua vida, mas tinham-se separado e agora tinha outra mulher de quem gostava. No dia seguinte casariam. Mas mesmo enquanto contemplava a alegria que o dia seguinte poderia trazer, os seus pensamentos tentavam contactar esse primeiro amor perdido. Flutuei na corrente, cúmplice do anseio de dúzias de pessoas que tentavam alcançar o amor. Havia muitos a enviar pensamentos perscrutadores. Alguns sonhavam com amor e completude, mas havia outros a sonhar com vingança e a desejar mal a outros enquanto ruminavam desfeitas e ofensas.

Não. Não queria nada daquilo. Afundei-me mais profundamente na corrente mais forte onde todas essas tentativas de contacto se misturavam numa vasta união. Por vezes julgava-a a nascente dos sonhos e intuições. De outras vezes pensava nela como um repositório de todas as pessoas que tinham vivido antes de nós e talvez até das que ainda haveriam de viver. Era um lugar onde mágoas e alegrias eram iguais, onde a vida e a morte eram só os pontos de ambos os lados de uma colcha. Era um nepente.

Andei por lá à deriva, sem permitir propriamente que a corrente me fizesse em farrapos. Não podia deixar-me ir, mas podia pensar em deixar-me ir e em quão maravilhosa seria a sensação. Não haveria perda, não haveria tarefas a executar, não haveria solidão, ou dor. Aqueles que deixasse para trás pagariam esses preços mas eu estaria fora do seu alcance e para lá de sentir remorso ou pena deles. Pensei em Moli, senti essa dor, e depois, repreendendo-me enquanto o fazia, deixei um fio de dor desenrolar-se no Talento. Este levou-me a dor como um bom cataplasma suga a infeção de uma ferida. A pressão atenuou-se e...

Fitz.

Eu podia ignorar aquilo.

Lobo de Sonhos!

Isso não podia ignorar. *Urtiga*, respondi. Senti-me envergonhado por ter sido apanhado num ato de tão grande autoindulgência. *Estava a contactar Breu pelo Talento.*

Não estavas nada! Estavas a deixar-te ir. Eu esperaria isso de um estudante de Talento de primeiro ano. Não de ti. Que se passa contigo?

Ela convocara-me com o nome que a minha filha me dera, mas aquela não era Urtiga, a sonhadora de Talento, mas Urtiga, a Mestra do Talento. E estava zangada comigo.

O que se passa comigo é ter saudades da tua mãe. Tentei projetar aquilo como uma razão e não como desculpa para mau comportamento. Derivara até demasiado longe, mostrara demasiada indulgência. Detido, reconheci de repente quão perto chegara de me deixar ir. E como isso teria sido imperdoável. Teria abandonado Abelha, estaria a condenar todos os que ainda se importavam comigo a cuidar de um cadáver vivo enquanto eu chafurdava em baba, detritos e idiotice até o meu corpo morrer.

Eu, insistiu Urtiga. Seguirá sem errar o curso dos meus pensamentos. *Seria eu quem teria ficado com essa tarefa. Pois bem, e eu não a executaria, e nem deixaria que mais ninguém a executasse. Viria até Floresta Mirrada, fecharia a propriedade e traria Abelha comigo. Deixar-te-ia a babar num canto. Que nunca te passe pela cabeça que podes fazer isso a mim e à minha irmã!*

Eu não o faria, Urtiga. Não faria! Estava só... O pensamento vacilou e afastou-se de mim.

Em cima de uma caixa com um laço em volta do pescoço? A amolar uma faca com a garganta? A fazer uma boa e forte chávena de chá de levame?

Eu não quero matar-me, Urtiga. Não quero. Nem sequer pensei nisso. É só que às vezes me sinto tão sozinho... Às vezes preciso simplesmente que pare de doer.

Bem, não para. A sua resposta veio violentamente zangada. *Não para de doer. Portanto vive com isso, porque não és o único a sentir essa dor. E a última coisa de que Abelha precisa é que ela seja duplicada.*

Eu não faria isso! Estava a começar a zangar-me com ela. Como podia pensar aquilo de mim?

É um mau exemplo que dás aos aprendizes. E não és propriamente o único que já se sentiu tentado a escapar por essa via.

Aquilo deixou-me atordoado. Ondulações de frio percorreram-me a espinha. *Tu?*

Ela fez qualquer coisa. Não sei bem o quê, mas de súbito fui atirado violentamente de volta ao meu corpo. Estava sentado na cadeira à frente de uma lareira quase apagada. Endireitei-me com um sobressalto e depois voltei a recostar-me, com a cabeça a girar e o coração a bater com força, como se ela me tivesse atirado ao chão. Tive a decência de me sentir envergonhado comigo mesmo. Ela tinha razão. Eu estivera a oscilar à beira do precipício, a fitá-lo, a desafiar-me a dar o mergulho. Se tivesse enfraquecido nem que fosse por um momento, teria sido irrevogável. E teria sido Abelha a sofrer o impacto maior.

Fechei os olhos e pousei a cara nas mãos.

E mais uma coisa!

Doce Eda, ela tornara-se poderosa. Urtiga irrompeu pela minha mente com tanta força que foi como se abrisse de rompante a porta e parasse à frente da minha cadeira. Não me deu nenhum tempo para responder.

Tens de prestar mais atenção a Abelha. Enigma diz que ela passa muito tempo sozinha, a correr por aí com pouca vigilância, sem deveres nem nada para fazer, e que parece negligenciada. A roupa, o cabelo... Diz que pareces prestar atenção à sua mente, mas o resto está... Bem. Ela não pode ser deixada a correr por todo o lado como um gato vadio. Tens de a controlar. Querias que ela crescesse inútil e ignorante? Desleixada e por ensinar? Ela tem de ter ocupação, tanto com a mente como com as mãos! Ele diz que avaliámos muito mal quão inteligente é, e que como resultado não foi educada como devia ter sido, desde pequena. Abelha tem ciúmes de Esquiva e da atenção que esta exige. Não lhe dês motivos para isso. Só tens essa filha aí, Fitz. Presta-lhe atenção.

Prestarei, prometi, mas ela fora-se. E eu fui ali abandonado, sentado na cadeira, com a cabeça a doer-me do Talento como já não doía há muitos anos. O meu tio Veracidade dissera em tempos sobre o meu pai que ser contactado por ele pelo Talento era como ser atropelado por um cavalo. Ele

era forte no Talento; irrompia pela mente do irmão, despejava a informação, e partia. Julgava agora compreender o que ele quisera dizer. As minhas velas transformaram-se em tocos antes de me sentir completamente em mim. Urtiga plantara-me uma ideia bizarra na mente. Abelha tinha ciúmes? Passei esse tempo a refletir sobre por que demónios haveria Abelha de sentir ciúmes de Esquiva. Quando pensei ter a resposta, decidi chamar Pândego no outro dia de manhã e remediar tudo.

CAPÍTULO 22

PERSEVERANÇA

Cheguei em segurança a Floresta Mirrada com a minha protegida. Esta Dama Esquiva é possivelmente a tarefa mais incómoda que Dom Breu já me atribuiu. Sinto-me diariamente grato por não te pareceres em nada com ela. Abelha é, como me avisaste, uma rapariguinha estranha. Não vejo nenhum sinal de que o teu pai a negligencia. De facto, parecem notavelmente chegados e (zona esborratada). Observarei, como te prometi, e responderei com verdade ao que julgar ser (coberto por um borrão). Podia escrever-te tantas coisas mais, querida, mas há pouco espaço para este pombo levar as minhas palavras e, na verdade, tu já saberias muito do que eu te diria.

Rolo de pombo-correio deitado fora

A choraminguice constante de Esquiva para que as coisas fossem mudadas para sua conveniência manteve o meu pai e Enigma ocupados durante esses dias. As minhas prometidas lições de equitação não se materializaram. Quando regresssei do meu passeio nessa manhã, Enigma tinha ido com a Dama Esquiva à vila na carroça de duas rodas, para que ela pudesse ver que tipos de tecidos estavam à venda no mercado e comprasse novas mantas. Pouco me reconfortava que a carroça andasse às sacudidelas e aos saltos nos regos gelados da estrada e que soubesse que ela ficaria desapontada com o que ia encontrar. Conseguira agarrar Enigma e ficar com ele para si. Descobri que tinha ciúmes disso, não por mim mas pela minha irmã. Sabia que, de alguma forma, Enigma pertencia a Urtiga, e não gostava de ver Esquiva a apropriar-se do seu tempo. Se alguém se lembrou de que me tinham sido prometidas aulas de equitação, ninguém o mencionou. E quando Enigma e Esquiva regressaram, foram mandados embora quase imediatamente, numa viagem muito mais grandiosa para comprar tantas coisas que o meu pai mandou com eles duas

carroças. Ninguém pensou em perguntar-me se eu gostaria de ir também ou se havia alguma coisa que pudesse querer que fosse comprada numa vila franca.

Os dias seguintes foram cheios com barulho e desordem. Uma nova vaga de trabalhadores chegou a Floresta Mirrada. Pesadas carroças puxadas por cavalos imensos iam e vinham pelo caminho de acesso. Homens descarregavam madeira e pedra e carregavam-nas pela casa fora. Tinha sido descoberta podridão numa parede e o que começara como uma simples reparação estava a transformar-se em tudo menos isso. Marteladas, barulhos de serrar e os passos dos trabalhadores e as suas conversas gritadas uns com os outros pareceram encher cada corredor da minha casa. Eu prometera ao meu pai que faria os possíveis por não me atravessar no caminho deles, e cumpri. Continuei a dormir na sala de estar da minha mãe. As arcas da minha roupa foram levadas para lá e a minha roupa lavada voltou a enchê-las. Esta parecia ser muito menos do que fora antes. Pândego devia ter decidido queimar parte da minha roupa.

Também decidira, sozinha, visitar os estábulos. Não era uma zona que conhecesse bem. O meu pequeno tamanho sempre quisera dizer que sentia um medo proporcionalmente maior dos animais grandes. Até os cães do pastor me pareciam grandes e podia ter passado por baixo de muitos dos cavalos sem sequer baixar a cabeça. Apesar disso, não só me dirigi até lá, como localizei a égua que o meu pai escolhera para mim tanto tempo antes. Era, como o meu pai me dissera, uma égua cinzenta malhada com um casco branco. Encontrei um banco, arrastei-o para a baia dela, trepei-lhe para cima e sentei-me na manjedoura para a observar. Não havia nela qualquer timidez; veio imediatamente cheirar-me o sapato e depois morder-me a bainha da túnica. Estendi uma mão para ela, e a égua começou a lamber-me a palma. Fiquei imóvel e deixei que o fizesse, pois isso mantinha-lhe a cabeça parada e permitia que eu lhe examinasse a cara com mais minúcia.

Mas: “Vá, menina, não devíeis deixá-la fazer isso. Ela só quer o sal que tendes na pele, sabíeis? E isso pode ensiná-la a morder.”

“Não vai ensinar, não,” asseverei, embora não fizesse ideia se seria verdade. Suspeitei que o rapaz que erguia os olhos para mim era só alguns

anos mais velho do que eu, apesar de ser tão alto que nem aos ombros lhe chegaria. Gostei bastante de o ver de cima. Havia bocadinhos de palha no seu cabelo preto e o tecido grosseiro da sua camisa tinha sido suavizado por muitas lavagens. O nariz e as bochechas estavam vermelhos de aguentar as mordidas do vento e da chuva, e as mãos pousadas na divisória da baia tinham sido endurecidas pelo trabalho. Tinha um nariz direito e forte e os dentes pareciam demasiado grandes para a boca. Os olhos escuros tinham-se semicerrado perante o meu desafio.

Afastei a mão da língua da égua. “Ela é minha,” disse, tentando justificar-me, e depois odiei a forma como as palavras soaram. A cara do rapaz ficou mais sombria.

“Pois. Já tinha adivinhado. Então sois a Dama Abelha.”

Foi a minha vez de semicerrar os olhos. “Sou a Abelha,” disse. “Só isso.”

Ele observou-me por um momento, com um ar reservado. “Sou o Per. Sou o tratador e exercitador da *Sarapintada*.”

“*Sarapintada*,” disse eu. Nem sequer soubera o nome do meu próprio cavalo. Porque me sentiria envergonhada?

“Pois. Nome parvo, não é?”

Eu concordei com a cabeça. “Podia ser o nome de qualquer cavalo malhado. Quem lhe deu um nome tão mau?”

Ele encolheu os ombros. “Ninguém lhe deu nome nenhum.” Coçou a cabeça e um bocadinho de palha caiu-lhe no ombro. Nem sequer reparou. “Chegou cá sem nome e chamámo-lhe simplesmente a sarapintada, e depois começou a ser *Sarapintada*.”

Aquilo provavelmente era culpa minha. Suspeitei que o meu pai esperara que eu viesse até ali, conhecesse o animal e lhe desse um nome. Eu não o fizera. Tivera demasiado medo de os cavalos serem tão grandes. Temera imaginar o que um podia fazer se não me quisesse sobre o seu dorso.

“Per também é um nome estranho.”

Ele deitou-me um relance de viés. “Perseverança, menina. É um bocado comprido de mais para me gritarem, portanto sou o Per.” Olhou para mim e confidenciou de súbito: “Mas um dia vou ser o Altíssimomem. O meu avô chamava-se Altomem e, quando o meu pai ficou mais alto do que ele, todos

os homens começaram a chamar-lhe Maisaltomem. E é assim que ele é conhecido hoje.” Endireitou-se. “Eu agora sou um bocado baixo, mas acho que vou crescer, e quando ultrapassar o meu pai, vou ser Altíssimomem. Não Perseverança.” Fechou firmemente a boca e levou um minuto a pensar naquilo. A revelação era como uma ponte que aguardava que eu atravessasse. Era a minha vez de dizer qualquer coisa.

“Há quanto tempo cuidas dela?”

“Já há dois anos.”

Afastei o olhar dele e dirigi-o para a égua. “Que nome lhe darias?” Eu sabia uma coisa. Ele dera-lhe nome.

“Eu chamava-lhe *Afetada*. Porque é muito esquisita com certas coisas. Detesta ter os cascos sujos. E a sela tem de estar precisamente como deve ser, com a albarda toda lisa, sem uma rugazinha em lado nenhum. É muito afetada com coisas dessas.”

“*Afetada*,” disse eu, e as orelhas cinzentas viraram-se para a frente. A égua sabia que o nome se referia a ela. “É um bom nome. Muito melhor que *Sarapintada*.”

“Pois é,” concordou ele. Voltou a coçar a cabeça e depois franziu o sobrolho e penteou-se com os dedos, tirando a palha do cabelo. “Quereis que vo-la prepare?”

Eu não sei montar a cavalo. Tenho medo de cavalos. Nem sequer sei como subir para um cavalo. “Sim, por favor,” disse, sem fazer a mínima ideia do motivo por que o disse.

Sentei-me na divisória da baia e fiquei a vê-lo trabalhar. Movia-se depressa mas metodicamente e eu pensei que *Afetada* sabia tudo o que ele ia fazer antes de o fazer. Quando lhe pousou a sela no dorso, o odor veio ter comigo. Cavalo e couro oleado e suor antigo. Contraí os músculos contra o arrepio nervoso que me percorreu a espinha. Eu conseguia fazer isto. Ela era gentil. Vejam só como estava tão parada à espera da sela e como aceitava o freio e as rédeas sem problemas.

Desci da divisória da baia quando ele abriu a porta para a levar para fora. Ergui o olhar para a égua. Tão alta.

“Há um bloco de montar perto da entrada do estábulo. Por aqui.

Caminhai a meu lado, não atrás dela.”

“Dá coices?”, perguntei com um temor crescente.

“Fica mais contente se vos conseguir ver,” disse ele, e eu decidi que aquilo podia querer dizer que sim.

Subir ao bloco de montar não foi fácil para mim e, mesmo depois de estar lá em cima, o dorso da égua parecia alto. Olhei para o céu. “Parece que vai chover.”

“Ná. Antes da noite, não.” O olhar dele cruzou-se com o meu. “Quereis ajuda?”

Consegui fazer um aceno hirto.

Ele subiu para o bloco de montar ao meu lado. “Eu levanto-vos e passais-lhe uma perna por cima,” instruiu. Hesitou um momento, depois pôs-me as mãos na cintura. Ergueu-me, e eu senti quase ira por parecer ser tão fácil para ele. Mas passei a perna por cima da égua e ele pousou-me em cima dela. Sustive a respiração quando o animal se mexeu por baixo de mim. A égua virou a cabeça, olhando para mim com curiosidade.

“Ela está habituada a mim,” desculpou-a Per. “Deveis ser muito mais leve. Provavelmente está com curiosidade de saber se há mesmo alguém na sela.”

Mordi o lábio e nada disse. “Conseguis alcançar os estribos?”, perguntou ele. Não havia qualquer malícia na sua voz. Nenhuma troça com o meu tamanho. Procurei com o pé. Ele pegou-me no tornozelo e guiou-me o pé para o estribo. “Demasiado comprido,” disse ele. “Deixai-me resolver isso. Puxai o pé para cima.”

Obedeci, olhando entre as orelhas do cavalo enquanto ele ajustava qualquer coisa, primeiro num estribo e depois no outro. “Tentai agora,” disse-me e, quando eu notei o estribo sob o arco do pé, senti-me de súbito mais segura.

Ele pigarreou. “Pegai nas rédeas,” instruiu.

Obedeci, de súbito a sentir-me sozinha e longe de todas as coisas seguras. *Afetada* agora controlava-me e, se quisesse desatar a correr comigo, deitar-me ao chão ou espezinhar-me, podia fazê-lo. Então Per voltou a falar. “Vou levá-la pela arreata,” disse. “Segurai nas rédeas, mas não tenteis guiá-la.

Ficai simplesmente sentada na sela a sentir como ela se mexe. Mas endireitai as costas. Num cavalo temos de nos sentar direitos.”

E foi tudo o que fizemos nesse primeiro dia. Eu sentei-me em *Afetada* e Per levou-a pela arreata. Não falou muito. “Costas direitas.” “Polegares para cima nas rédeas.” “Deixai que ela sinta que estais aí.” Não foi pouco tempo e não foi muito tempo. Lembro-me do momento em que finalmente me descontraí e deixei sair o bocado de ar que estivera a reter no fundo dos pulmões. “É isso,” disse ele, e foi tudo.

Não me ajudou a sair-lhe de cima. Limitou-se a levá-la de volta ao bloco de montar e a esperar. Depois de eu desmontar, ele disse: “Amanhã as coisas vão correr melhor se trouxerdes botas.”

“Sim,” disse eu. E não obrigada. Porque aquilo não parecia ter sido algo que ele tivesse feito por mim. Era algo que todos os três tínhamos feito em conjunto. “Amanhã,” acrescentei, e saí dos estábulos, pequena e calada.

Para refletir no que acontecera, fui para o meu lugar secreto. Queria estar sozinha e pensar, e ver como estava a mais preciosa coisa que possuía. Já não entrava pelo gabinete do meu pai; ia e vinha pela porta escondida na despensa. Ainda temia as ratazanas, mas todas as marteladas e ruídos pareciam ao menos tê-las afugentado por algum tempo. Visitar o meu manto transformara-se em rotina. Todos os dias tomava o pequeno-almoço e depois escapulia-me o mais depressa possível para ir buscar o manto e brincar com ele.

Depressa descobrira as suas limitações. Não podia pô-lo e passear invisivelmente pelos corredores. O manto precisava de tempo para imitar as cores e sombras do lugar onde estava pousado. Fui cuidadosa com as minhas experiências, pois temia nunca mais o encontrar se o deixasse cair com o lado da borboleta virado para baixo. Assim, tinha-o testado em privado, tapando o toco de uma árvore na floresta, envolvendo com ele uma estátua na sala de jardinagem de Paciência e até estendendo-o no chão da sala da minha mãe. O toco de árvore transformara-se num ponto plano e coberto de musgo, no meio da floresta. Eu conseguia sentir o toco, mas não era capaz de convencer os olhos de que ele estava lá. E a estátua também desaparecera, e o manto copiara na perfeição o padrão do tapete sobre o

qual fora estendido. Dobrado, formava um embrulho realmente muito pequeno, um embrulho que eu podia enfiar por baixo da minha cinta e levar comigo. Hoje, com o manto assim escondido, levei-o para o grupo de bétulas junto ao caminho que levava às portas da frente. Subi a uma das árvores e arranjei um poleiro de onde se via o caminho.

Bem enrolada no manto, só com um olho a espreitar o exterior, estava confiante em não ser descoberta. Do local em que me encontrava podia observar as idas e vindas dos mercadores que entravam e saíam da minha casa. Não era a primeira vez que o fazia. O manto era surpreendentemente quente para um tecido tão fino. Isso queria dizer que eu não tinha de me envolver em camadas de lã para me proteger do frio do inverno. Sempre que via uma chegada que queria investigar melhor, podia descer rapidamente do meu esconderijo, voltar a esgueirar-me para dentro de casa, esconder o manto e aparecer depressa, vestida como se nunca tivesse saído do solar.

Estava no meu posto de observação naquela tarde quando vi um jovem taciturno a percorrer o caminho montado num reluzente cavalo negro. Trazia pela arreata uma mula carregada com dois grandes cestos de bagagem. O cavaleiro estava vestido com roupa quente para o dia frio. Botas pretas abraçavam-lhe as pernas, até aos joelhos. As meias de lã eram verdes-escuras. Combinavam com o manto, um manto pesado forrado de pele de lobo. O cabelo escuro não estava preso num rabo de cavalo de guerreiro, mas caía-lhe sobre os ombros em caracóis naturais. Usava dois brincos de prata numa orelha e uma reluzente pedra vermelha pendia da outra. Passou tão perto, debaixo da minha árvore, que consegui cheirá-lo, ou antes, a fragrância que usava. Violetas. Nunca imaginara um homem a cheirar a violetas. Depressa decidi, pela roupa de boa qualidade, que aquele devia ser o meu tutor. Fitei-o, tentando reconciliar com o homem que via por baixo de mim uma memória infantil de perigo causado por um rapaz. Perguntei a mim própria o que lhe acontecera durante a viagem, pois ambos os olhos estavam enegrecidos e todo o lado esquerdo da cara mostrava nódoas púrpuras e verdes.

Apesar da cara maltratada, ele era a pessoa mais bem-parecida que eu

vira na vida. Os ombros eram largos, as costas direitas enquanto cavalgava. As nódoas negras não conseguiam disfarçar o nariz direito e o maxilar forte.

Vi-o cavalgar até à porta, com uma postura muito hirta. Os meus instintos guerrearam em mim. Ele era um homem bonito, que cheirava a violetas e fora fortemente espancado. Eu estivera preparada para o temer e odiar. Agora não sabia o que pensar dele. Não tinha nenhum criado para correr à sua frente; tampouco gritou para alguém vir buscar-lhe o cavalo. Em vez disso desmontou rigidamente. Solto um pequeno grunhido de dor quando o seu pé tocou o chão e, depois de ter ambos os pés no chão, encostou a cabeça à sela, a recuperar o fôlego. Quando se endireitou, ficou um momento parado a afagar o pescoço do cavalo e a olhar em volta. Medo, decidi, era medo o que ele sentia. Não viera como um homem contratado para servir de tutor a uma rapariga, mas como alguém expulso de uma vida e forçado a outra. Perguntei a mim mesma se teria vindo por vontade própria. Lembrei-me de uma coisa que lera nos escritos do meu pai. “Breu, sua velha aranha,” sussurrei baixinho, e fiquei chocada quando ele deitou um olhar na minha direção. Fiquei muito imóvel, com as pernas muito encolhidas contra o corpo, a espreitar por uma minúscula abertura no abrigo do manto. O olhar dele passou por mim. Mesmo assim, sustive a respiração e permaneci imóvel. Ele voltou a virar-se para olhar para a porta da casa. E continuou a hesitar.

Um criado saiu de repente para perguntar, cortesmente: “Posso ajudar-vos, senhor?”

FitzVigilante tinha ainda voz de rapaz. “Sou o novo escriba,” anunciou de forma insegura, como se ele próprio não acreditasse bem no que dizia. “Vim ser tutor da Dama Abelha.”

“Claro. Temos estado à vossa espera. Entrai, por favor. Vou chamar um moço para vos levar a montada e a mula e tratar de que as vossas coisas sejam levadas para o vosso quarto.” O criado afastou-se para o lado e indicou-lhe com um gesto a porta aberta. Com a dignidade cautelosa de um homem com dores, o meu tutor subiu cuidadosamente os degraus.

A porta fechou-se atrás dele. Fiquei quieta, a observar o espaço onde ele estivera. Tive a sensação de que algo de grande importância tinha

acontecido na minha vida. Tinha uma consciência muito pequena de que devia correr para dentro e pôr-me apresentável. Suspeitei que o meu pai me chamaria em breve para conhecer o meu novo tutor. O desconforto agitou-se em mim. Estaria com medo? Ansiosa por conhecê-lo? Era provável que ele fizesse parte da minha vida durante muitos anos.

A menos que me matasse.

Quando o senso comum se impôs, desci da árvore, dobrei cuidadosamente o manto, enfiei-o sob a túnica e corri para a entrada dos criados. Passei em bicos de pés pela porta da cozinha e depois corri pelo corredor fora. Cheguei à despensa e enfiei-me lá dentro.

Alguém estava lá à minha espera. Parei de chofre e fitei-o.

E os ratos? Ele estava sentado no meio da despensa, com a cauda mutilada bem enrolada em volta das patas desiguais.

“Como soubeste que tinhas de vir até aqui?”, sussurrei.

Ele fitou-me, com ratos a dançar no seu olhar verde.

“Por aqui,” disse-lhe. Caí de joelhos e gatinhei para trás da pilha de caixotes de peixe. Ele seguiu-me. Quando me virei para fechar a porta do corredor secreto, ele precipitou-se para fora. “Não. Entra,” disse-lhe. Ele entrou. Estendi a mão para fechar a porta. Ele precipitou-se para fora. “Não posso deixá-la escancarada.”

Ele sentou-se à porta e fitou-me com uma paciência obstinada. Aguardei. Mas ele contentou-se em ficar ali sentado, a existir, até eu me faltar de esperar. Por fim, disse: “Vou deixá-la aberta mais que uma fenda, mas só desta primeira vez. Até confiares em mim.” Voltei a gatinhar para dentro, ele seguiu-me, e eu deixei a porta entreaberta. Raramente a fechava por completo, pois nunca descobrira como abri-la pelo outro lado. Ao afastar-me lentamente da porta, senti mais do que vi que ele me seguiu.

Por mais que desejasse ter os ratos e ratazanas banidos dos meus domínios, gostaria que ele não tivesse vindo hoje. Tinha coisas a fazer. A minha sombra preta e branca seguiu fielmente os meus passos enquanto percorri o labirinto pelo interior das paredes. Agora orientava-me pelo toque e pela memória e ele não parecia levantar objeções a seguir-me na escuridão.

Quando chegámos ao meu refúgio, pus o manto no seu esconderijo. Tinha biscoitos enrolados, guardados numa tigela em cima da prateleira. Tirei-os da tigela e enchi esta de água que tirei da garrafa com rolha que agora aí mantinha. “Aqui tens água,” disse-lhe. “Faças o que fizeres, não podes miar nem fazer muito barulho de nenhuma espécie. E eu deixei a porta da despensa entreaberta, portanto se quiseses voltar a sair, vais poder fazê-lo. Mas não deixes que a cozinheira ou alguma das ajudantes de cozinha te apanhem na despensa. Elas dão-te com uma vassoura!”

Ele estava tão imóvel que perguntei a mim própria se me teria mesmo seguido até ali. A seguir, senti uma cabeça a bater-me, e depois ele serpenteou por entre as minhas pernas. Baixei a mão e o seu pelo amaciou sob o meu toque. Agachei-me e, na segunda passagem, ele deixou que lhe afagasse os flancos. Era um gato magro de celeiro, meio crescido, com as costelas à flor da pele e comprido. Virou-se e de súbito pressionou-me os dentes nus contra a mão. “Eu trago-te também peixe e carne,” prometi. “Para não te fartares de comer ratos.”

Ele mostrou que concordava com a oferta batendo-me com a cabeça. De súbito senti que me tinha de algum modo honrado. Fiquei agachada na escuridão, a pensar. “Vais precisar de um nome,” disse-lhe.

Nem por isso.

Acenei em silêncio com a cabeça, compreendendo que, se ele decidisse que queria que lhe desse um nome, me informaria. Com grande cautela, ele pousou-me uma pata no joelho. Como se eu fosse uma árvore que talvez não fosse resistente o suficiente para trepar, aventurou-se a subir-me para o colo. Fiquei perfeitamente imóvel. Ele pôs-me as patas da frente no peito e depois farejou-me a cara, e em especial a boca. Achei aquilo rude, mas fiquei imóvel. Após alguns momentos aborrecidos, ele desceu, enrolou-se numa bola e pôs-se a ronronar até adormecer.

CAPÍTULO 23

O TUTOR

Quando conheci Breu Tombastela, não passava de um rapaz. A meio da noite, acordei com uma luz a brilhar-me na cara e um velho bexigoso com um roupão de lã cinzenta coberto de teias de aranha em pé ao lado da minha cama. Uma porta anteriormente oculta ao canto do meu quarto estava agora aberta. Bocejava na minha direção, escura e assustadora, e teias de aranha esvoaçavam nas bordas dela. Assemelhava-se tanto a um pesadelo que, por algum tempo, fiquei simplesmente a olhar para a porta. No entanto, quando ele me ordenou para sair da cama e o seguir, eu obedeci.

Por vezes penso nos encontros importantes da minha vida. O meu primeiro encontro com Veracidade. E depois Castro. O momento em que descobri que o Bobo não era o brincalhão enfadonho que eu julgara, mas possuía uma inteligência penetrante e um profundo desejo de influenciar a política do Castelo de Torre do Cervo. Há momentos que mudam o curso da nossa vida e é frequente só nos apercebermos de como esses encontros iniciais podem ser significativos depois de se passarem anos.

Entrada em diário

O meu escriba chegou como esperado, só que a minha mente sobrecarregada não o esperava nesse dia. Quando um dos criados recém-contratados apareceu a correr para me dizer que estava um viajante maltratado à minha porta, o meu primeiro impulso foi dirigi-lo para a cozinha para comer qualquer coisa e desejar-lhe boa viagem. Foi só quando Tourém acrescentou tardiamente que o desconhecido dizia ser o novo escriba que larguei a mediação que estava a fazer entre um pintor e um carpinteiro e virei os passos para o átrio.

FitzVigilante esperava-me aí. Crescera, ganhando maxilar e ombros de homem, mas foi a cara maltratada que tomou todo o resto da minha atenção.

Tanto Breu como Urtiga tinham dito que ele apanhara uma surra. Eu esperara algumas nódoas negras e talvez um olho negro. Olhando para ele, compreendi que os golpes que recebera tinham provavelmente deixado dentes soltos, se não fizeram mesmo cair alguns. O nariz continuava largo de tão inchado e havia um corte ao longo do topo de um malar. A postura excessivamente direita denunciava costelas quebradas e a forma cautelosa de andar traía as dores que sentia. Breu e Urtiga tinham razão em estar preocupados com ele: a cura de ossos quebrados não é promovida pelas oscilações de montar a cavalo. Era claro que ele fugira de Torre do Cervo, e possivelmente mesmo à justa. O espancamento não fora um aviso, mas um atentado contra a sua vida.

Eu estivera zangado com Breu por mo ter enviado, e decidira manter-me firmemente de guarda contra a manipulação do meu pessoal por parte de Breu ou as intenções do próprio rapaz. Vê-lo, macilento e a caminhar como um velhote, dispersou essa resolução e deixou-me a combater a simpatia que cresceu em mim. E, ao olhar para ele, tive a estranha sensação de que me fazia lembrar alguém. Tentei ver para lá dos inchaços e hematomas, e suponho que o fitei com consternação. Isso deixou-o cauteloso. Deitou um olhar ao novo criado antes de falar.

Optou por fingir que nunca nos tínhamos encontrado antes. Ouvi a sua respiração difícil quando se forçou a conceder-me uma rígida vénia antes de se apresentar como “FitzVigilante, enviado pela Dama Urtiga para ser tutor da sua irmã, a Dama Abelha, e fazer os trabalhos de escriba que forem necessários na propriedade.”

Aceitei gravemente o cumprimento. “Temos estado à vossa espera. A casa está um pouco em estado de desordem, pois estamos a fazer reparações há muito adiadas em Floresta Mirrada, mas creio que ireis achar o vosso quarto confortável. Deixarei que Tourém vos leve para os vossos aposentos. Se quiserdes um banho quente a rematar a viagem, informai-o, e ele arranjar-vos-á água e uma banheira nos banhos. Sereis bem-vindo a juntar-vos a nós para a refeição da noite mas, se estiverdes demasiado fatigado da viagem, a comida ser-vos-á levada.

“Eu...”

Aguardei.

“Agradeço,” completou, e detetei algo não verbalizado. Perguntei a mim próprio se se sentiria insultado por lhe ter oferecido uma desculpa para ensopar o corpo dorido e depois descansar, mas aprendera há muito tempo que um banho quente e um descanso profundo eram melhores curandeiros do que todos os unguentos e bebidas reconstituintes alguma vez concebidos.

Ele fez um gesto vago na direção da porta. “A mula traz o que possuo e rolos e materiais para ensinar a Dama Abelha.”

“Mandarei Tourém levá-los para a sala de aula e para os vossos aposentos e arranjar um moço de estrebaria para cuidar dos vossos animais.” Deitei um relance ao homem recém-contratado. Teria provavelmente a mesma idade de FitzVigilante e estava a fitá-lo com consternação e comiseração abertas. O filho do agricultor trazia vestida uma velha libré de Pândego, adaptada para lhe servir. Ainda parecia um rapaz do campo, apesar dos esforços de Pândego, mas tinha uma cara aberta e honesta e um sorriso pronto. Podia ter-me saído um criado muito pior. Acenei de mim para mim. “Tutor FitzVigilante, considerai Tourém o vosso homem no nosso pessoal. Tourém, por enquanto faz-te útil e disponível para o nosso novo tutor.” Isso manteria ambos ocupados e dar-me-ia tempo para inspecionar discretamente tudo o que FitzVigilante tinha na mula.

“Senhor,” concordou Tourém e virou-se imediatamente para FitzVigilante. “Se me quiserdes seguir, senhor.”

“Um momento,” interrompi. “Escriba FitzVigilante, se não vos importardes com o dever adicional, desejo perguntar-vos se também estaríeis disposto a ensinar os outros jovens da propriedade de Floresta Mirrada. Não são muitos de momento, talvez não passem de seis...”

“Seis?”, perguntou ele, debilmente. A consternação que sentia era clara. Depois, se fosse possível, endireitou-se ainda mais e conseguiu fazer um aceno tenso com a cabeça. “Claro. É o que estou aqui para fazer. Ensinar crianças.”

“Excelente. Imagino que precisareis de um dia ou dois para vos instalardes. Fazei-me saber quando vos achardes pronto para começar. E se descobirdes que a sala de aula tem falta de alguma coisa, informai Tourém,

que ele me trará os vossos pedidos.”

“Sala de aula, senhor?”

“É adjacente aos vossos aposentos e já tem uma coleção útil de rolos, mapas e talvez até algumas cartas. Foi abastecida pela Dama Paciência há quase duas vintenas de anos, portanto talvez a acheis um pouco datada, mas não creio que a geografia dos Seis Ducados tenha mudado muito.”

Ele acenou com a cabeça. “Obrigado. Examinarei o que já lá está antes de vos pedir mais alguma coisa.”

E foi assim que FitzVigilante se juntou à nossa casa. Em menos de uma quinzena, o tamanho do pessoal de Floresta Mirrada triplicara e as pessoas que viviam em minha casa haviam duplicado. Encontrei Pândego e informei-o de que dera Tourém ao tutor. O grande homem baixou para mim olhos fúnebres e eu tive de acrescentar que poderia contratar outro homem se precisasse de substituir Tourém.

“Talvez dois,” pediu ele, muito sério.

Nem sequer quis saber porquê. “Sejam dois,” disse, e acrescentei: “Ele tem uma mula lá fora, carregada com as suas coisas e o material de um escriba. Se essas coisas pudessem ser levadas imediatamente para o seu quarto, tenho a certeza de que ficaria muito contente, e eu também.”

“Imediatamente então,” concordou Pândego, e eu apressei-me a seguir o meu caminho.

Quando tive a certeza de que Tourém levara FitzVigilante para os banhos, visitei os aposentos dele. A bagagem descarregada da mula estava lá, à espera da atenção de Tourém. Existe uma arte em revistar os objetos pessoais de um homem sem deixar qualquer vestígio de o fazer. Leva tempo e exige uma memória clara da forma exata como cada objeto fora guardado. Os aposentos de FitzVigilante eram adjacentes à sua sala de aula. Tranquei as portas e fui muito meticoloso. A maior parte do que ele possuía era o que se esperaria de um jovem, mas numa quantidade muito maior do que eu alguma vez achara necessário na sua idade. Todas as suas muitas camisas eram de muito boa qualidade. Tinha brincos tanto de prata como de ouro, alguns com pequenas pedras preciosas, todos bem arrumados num rolo de couro suave. Tomei mentalmente nota de que nenhuma das suas peças de

roupa mostrava a espécie de desgaste que se poderia associar a trabalho físico; na verdade, muito poucas pareciam apropriadas para um dia normal passado em Floresta Mirrada a ensinar crianças ou a fazer contabilidade. Eu esperara encontrar pelo menos um par de calças resistentes e funcionais, mas não, todas eram de tecidos que teria julgado mais adequados para o vestido de uma dama. Teria a corte no Castelo de Torre do Cervo mudado assim tanto?

Breu parecia ter-lhe anulado o treino de assassino. Não encontrei bolsos adicionais no vestuário, nenhum frasco de veneno ou pó para dormir escondidos em lado nenhum. Ele parecia ter mais facas pequenas do que podiam normalmente fazer falta a um jovem nobre. Durante algum tempo, julguei ter descoberto um esconderijo secreto com venenos, só para acabar por descobrir que se tratava das misturas mais comuns de Breu para alívio das dores e tratamento de ferimentos. Reconheci a escrita de Breu em várias das etiquetas; quanto às outras, julguei terem sido preparadas por Rosamaria. Era interessante que FitzVigilante nem sequer preparasse os seus próprios remédios. O que fazia, então, aquele jovem com o seu tempo?

O material de ensino ultrapassava o que eu teria esperado. Tinha mapas de excelente qualidade, de todos os ducados, incluindo o Reino da Montanha. Tinha um exemplar da *História de Cervo* de Pernacurta, um livro sobre ervas com ilustrações muito bonitas, paus de contar para fazer cálculos, giz com fatura e um bom fornecimento de papel grosseiro e tinta e outro rolo de couro suave, contendo este penas com pontas de cobre. Em suma, nada encontrei nas coisas dele que sugerisse ser algo mais que um tutor e escriba. E nada que sugerisse que seria um guarda-costas competente para Abelha.

Essa ideia fez-me compreender que esperara que ele fosse relativamente hábil nesse campo. A mensageira pálida prevenira-nos de que caçadores poderiam vir a segui-la. Por enquanto não tinha havido qualquer sinal de desconhecidos na zona, mas eu não baixara a guarda. Eles tinham perseguido o companheiro dela até o matarem e haviam-na condenado a uma longa agonia. Isso não indicava pessoas que desistissem facilmente de uma perseguição.

Bem, Abelha tinha-me a mim. Eu interpor-me-ia entre a minha filha e quaisquer perigos que pudessem surgir.

Passei uma rápida revista ao quarto, assegurando-me de que tudo estava exatamente como Tourém e FitzVigilante o tinham deixado, e saí discretamente.

Estava na altura de ter uma conversa com a minha filha sobre o seu novo professor.

CAPÍTULO 24

INSTALAÇÃO

Entre as primeiras lições que uma jovem estudante de Talento tem de dominar inclui-se a de se conter. Ela deve ser levada a compreender que um recipiente não só contém o que está lá dentro, mas impede o que está fora de entrar; isto é, para deixar a ideia mais clara, um odre de vinho não só contém vinho no seu interior, mas mantém no exterior a chuva e a sujidade. O mesmo se passa com a mente da estudante de Talento. Ela deve aprender a guardar os seus pensamentos para si, e também a impedir os pensamentos dos outros de se intrometerem nos seus. Se não dominar esta muralha de proteção de dupla via, depressa será presa de reflexões alheias, quer estas não passem de pensamentos casuais, quer sejam volúpias ou tolices. De seguida apresento um exercício que irá ensinar à estudante não só a guardar os seus pensamentos para si, mas a afastar do seu centro calmo os pensamentos de outros.

*Sobre a Instrução de Estudantes de Talento, Mestra do Talento
Solicitude*

Mantive-me perfeitamente imóvel, perguntando a mim mesma se ele saberia que eu estava ali. O meu pai entrara no seu covil e agora fitava a minha vigia. Mas ele sabia onde a vigia ficava, portanto claro que seria para aí que olharia se suspeitasse que eu estava ali. Aguardei. Se ele se virasse e fosse embora, queria dizer que não sabia.

Falou em tom de conversa. “Abelha, tenho andado à tua procura. Se vais parecer desaparecer do solar, é melhor que me avises. Sai, por favor. Tenho de discutir um assunto contigo.”

Fiquei imóvel. O gato estava a dormir encostado a mim.

“Já, Abelha,” avisou-me ele. Virou-se e fechou a porta do gabinete, observando: “Quando eu acionar este painel, é melhor que estejas mesmo ali, à espera de sair.”

Falava a sério.

Abandonei o sonolento gato negro e precipitei-me pelo estreito corredor oculto. Quando ele abriu a porta, eu saí, sacudindo teias de aranha. “Vais levar-me a conhecer o meu tutor?”

O meu pai olhou-me de cima a baixo. “Não. Mas vim falar contigo acerca dele. Já chegou, mas não está na melhor das saúdes. Acho que podem passar vários dias antes de estar pronto para te ensinar.”

“Não me importo,” disse eu em voz baixa. O alívio que sentia clarificou os meus sentimentos contraditórios. Fora entusiasmante espiar o jovem quando ele chegara; saber que o vira antes de ele me ver fizera com que sentisse que tinha a situação um pouco mais controlada. Mas descobri que queria ter tempo para me habituar à ideia de ter um tutor. Até saber mais sobre aquele homem, queria evitá-lo o máximo possível.

O meu pai inclinou a cabeça para mim e deitou-me um olhar avaliador. Depois perguntou-me: “Estás com medo de conhecer o teu professor?”

Quis perguntar-lhe como soubera ele aquilo. Mas escolhi outra pergunta. “Achas que ele veio para cá para me matar?”

Por um instante, a cara do meu pai perdeu a força. Foi menos que um momento, e ele recuperou depressa, olhando para mim com uma consternação fingida e perguntando-me vivamente: “O que raios te pôs tal coisa na cabeça?”

Como devia eu responder àquilo? Aproximei-me da verdade o máximo que pude sem o fazer pensar que era uma anormal. “Sonhei que ele vinha matar-me. Que foi enviado para me matar, há muito tempo, mas que tu o impediste. E que agora talvez tenha vindo tentar outra vez.”

Outro silêncio. Estava a conter o Talento com tal força que o sentia quase tão vazio como a cozinheira Nozmoscada. Descobrira um pergaminho sobre aquilo e lera-o. Agora sabia que era assim que se chamava. Ele conter o Talento ou manter as muralhas erguidas queria dizer que eu sentia que conseguia respirar quando ele estava na sala. E também significava que ele queria tentar esconder qualquer coisa de mim.

“Ele foi enviado pela tua irmã. E por Dom Breu. Para te ensinar. Achas que eles enviariam alguém para te matar?”

“Urtiga podia enviá-lo, se não soubesse que ele era um assassino.” Nada disse sobre o que achava que Dom Breu poderia fazer.

Ele sentou-se pesadamente na cadeira por trás da secretária. “Abelha, porque haveria alguém de querer matar-te?”

Ergui o olhar para a espada pendurada na parede por cima da cabeça dele. Talvez a verdade vinda de mim conseguisse conquistar a verdade vinda dele. “Por ser uma Visionário,” disse lentamente. “Uma Visionário de que eles não precisam. Ou não querem.”

O meu pai afastou de mim o olhar. Depois virou-se lentamente na cadeira e ergueu o olhar para a espada, acompanhando-me. Ouvi sons mais distantes na casa. Alguém martelava. Uma porta abriu-se e fechou-se.

“Não julguei que teríamos esta conversa tão cedo.” Ele tamborilou com os dedos na borda da mesa e depois voltou a olhar para mim. Estava tão triste. Sentia-se tão culpado por transformar aquilo em parte da minha vida. “O que é que sabes?”, perguntou com gentileza.

Aproximei-me mais da secretária e pousei os meus dedos na borda, do meu lado. “Sei quem tu és. De quem és filho. E que sou tua filha.”

Ele fechou os olhos por um momento e deixou sair uma curta expiração. Sem os abrir, perguntou-me: “Quem te disse? Não foi a tua mãe.”

“Não. Não foi a minha mãe. Percebi sozinha. A partir de bocados de coisas. Tu nunca o escondeste realmente de mim. Quando eu era pequena, antes de falar muito, era frequente tu e a mamã conversarem sobre muitas coisas por cima da minha cabeça. Histórias acerca de Paciência. Sobre como ela desejava um filho e por que motivo queria que ficasses com Floresta Mirrada. Há bocadinhos da história da minha família por todo o lado no solar. O retrato do meu avô está pendurado na parede, no primeiro andar.”

Os dedos dele moveram-se mais devagar no tampo da mesa. Abriu os olhos e olhou para trás de mim, fitando intensamente o painel da porta. Percebi que teria de juntar as peças todas por ele.

“A mãe chamava-te às vezes Fitz. E Urtiga também. Pareces-te com Cavalaria. E na ala sul, há um velho retrato do Rei Sagaz e da sua primeira rainha. A minha bisavó. Suponho que o enviaram para cá quando ele casou

com a Rainha Desejo e ela não quis ser lembrada da primeira mulher. Eu acho que me pareço com a Rainha Constância. Um bocadinho.”

“Ah pareces?” Ele falou numa voz ténue, suspirando a palavra.

“Acho que sim. O nariz.”

“Vem cá,” disse ele e, quando fui ter com ele, pôs-me ao colo. Consegui ficar lá sentada. Ele estava tão contido que foi quase como sentar-me numa cadeira. Ele pôs os braços à minha volta e abraçou-me com força. Era estranho sentir-me tão separada e no entanto tão próxima dele. Como a mãe, percebi de repente. Ela fora capaz de me abraçar assim. Encostei a testa ao ombro do meu pai. Senti o braço dele à minha volta, um braço duro e musculoso que era capaz de me proteger. Ele falou junto da minha orelha. “Seja qual for o nome por que nos chamem, tu serás sempre minha. E eu sou teu, Abelha. E farei sempre tudo o que estiver ao meu alcance para te proteger. Compreendes isso?”

Acenei com a cabeça contra o seu ombro.

“Vou sempre precisar de ti. Vou sempre querer que faças parte da minha vida. Compreendes?”

Voltei a acenar.

“Bom, este escriba que veio ficar connosco? O FitzVigilante? Bem. Breu manda-o para cá porque ele também precisa da minha proteção. É um bastardo. Como eu. Ao contrário de ti, o pai dele gostaria de se ver livre dele. Não precisam dele, nem o querem. Portanto, para o manter em segurança, Breu enviou-o para cá.”

“Como a Esquiva,” sugeri eu baixinho.

Ouvi o coração do meu pai a bater. “Também deduziste isso, foi? Sim. Precisamente como Esquiva. Mas, ao contrário de Esquiva, ele teve algum treino tanto como, bem, tanto como protetor, quanto como tutor. A ideia de Breu era que ele podia ser para ti um protetor além de um professor. E Urtiga concordou.”

“E é ilegítimo?”

“Sim. É por isso que o seu nome tem Fitz no início. O pai reconheceu-o.”

“Mas não o protege?”

“Não. Não pode ou não quer, não sei. Suponho que não faça diferença. A

mulher do pai e os irmãos não gostam dele nem o querem. Às vezes acontecem coisas dessas nas famílias. Mas não na família que nós os dois somos. E FitzVigilante não é perigoso para ti. Especialmente agora.”

“Agora?”

“Levou uma grande surra. Dada por pessoas enviadas pela sua própria família. Provavelmente pela madrasta. Fugiu para aqui para que não conseguissem encontrá-lo e matá-lo. Vai demorar a recuperar o suficiente para te ensinar.”

“Percebo. Então por agora estou em segurança.”

“Abelha. Tu estás em segurança para sempre enquanto eu estiver aqui. Ele não vem para te matar, mas para ajudar a manter-te em segurança. E para te ensinar. Urtiga conhece-o e fala bem dele. Enigma também.”

Depois calou-se. Eu fiquei sentada no seu colo, encostada ao peito morno, a ouvi-lo respirar. Senti uma profunda e pensativa quietude dentro dele. Julguei que me perguntaria o que mais sabia, ou como o descobrira, mas não o fez. Tive a estranhíssima sensação de que sabia. Eu fora tão cautelosa quando levava os seus papéis emprestados. Sempre tentara pô-los exatamente como os encontrara ao devolvê-los. Teria ele notado alguma coisa errada? Não podia fazer-lhe a pergunta sem admitir o que andara a fazer. E de súbito senti-me um pouco envergonhada com o modo como o espiara. Espiá-lo e fingir que não sabia das coisas seria mentir? Pergunta difícil. Comecei a sentir-me quase sonolenta ali sentada. Talvez por me sentir muito segura. Protegida.

De súbito, ele soltou um pequeno suspiro e depois pôs-me em pé. Voltou a olhar para mim, de cima a baixo. “Negligenciei-te,” disse.

“O quê?”

“Olha para ti. Não estás muito melhor que uma maltrapilhazinha. A roupa deixou de te servir quando eu não estava a olhar. E quando foi a última vez que escovaste o cabelo?”

Ergui a mão e toquei o cabelo. Estava demasiado curto para não se espetar e demasiado comprido para ficar ordenado. “Talvez ontem,” disse, sabendo que mentia. Ele não me contestou.

“Não é só o cabelo ou a roupa, Abelha. És tu, toda. Eu às vezes sou tão

cego. Temos de fazer melhor, pequenina,” disse-me. “Tu e eu, temos de fazer melhor.”

Não consegui captar o sentido do que ele estava a dizer, mas sabia que estava principalmente a falar consigo mesmo. “Eu escovo o cabelo todos os dias,” prometi. Pus as mãos atrás das costas, sabendo que não estavam particularmente limpas.

“Ótimo,” disse-me ele. “Ótimo.”

Estava a olhar para mim, mas sem me ver. “Vou escovar o cabelo agora,” sugeri.

Ele acenou com a cabeça e desta vez os olhos focaram-se em mim. “E eu vou fazer o que devia estar a fazer, começando agora,” prometeu em resposta.

Fui até à sala de estar da minha mãe. Ainda não me tinha mudado de volta para o meu quarto. Aí, um pequeno baú continha uma seleção limitada da minha roupa e das minhas coisas. Encontrei a escova e alisei o cabelo, e usei água tirada do jarro que lá tinha para lavar a cara e limpar as mãos. Encontrei umas meias limpas e uma túnica lavada. E quando descí para jantar, à mesa estávamos só eu e o meu pai. Foi a melhor noite que tive desde há muito tempo.

Enigma e Esquiva regressaram da sua expedição com duas carroças carregadas de bens. Parte destes eram para Pândego, mas muitos eram só para Esquiva. Ela encomendara novas cortinas para o dossel e as janelas, as quais seriam entregues quando estivessem prontas. Entretanto “supunha” que teria de se arranjar com o que os Quartos Púrpura lhe ofereciam. Comprara duas cadeiras, um candelabro e um tapete para o chão, um novo conjunto de jarro e bacia e um cabide para a roupa. Nenhum desses objetos me parecia muito diferente dos que já tinha nos seus aposentos. Também fizera acrescentos à sua provisão de vestuário com coisas quentes de lã, mantos forrados de pele e chinelos de pele. Havia uma arca de cedro esculpido para guardar tudo. Observei o meu pai quando ele supervisionou a descarga e transporte de tudo aquilo para o quarto dela, acabado de renovar. Quando me viu a observá-lo, comentou baixinho: “Acho que isto é

mais roupa do que a tua mãe precisou durante todos os anos em que esteve casada comigo.” E não me pareceu que ele quisesse dizer que a minha mãe tinha vivido com menos do que queria.

Tanto Enigma como Esquiva expressaram alguma curiosidade sobre o meu tutor quando ele não se juntou a nós em nenhuma refeição durante o segundo dia depois de terem regressado. Ao alcance dos ouvidos de Esquiva, o meu pai disse apenas que algumas pessoas recuperavam das viagens mais devagar do que outras. Teria ela reparado no olhar que os dois homens trocaram? Eu tive a certeza de que Enigma visitaria o Escriba FitzVigilante antes de o dia acabar e ansiei por acompanhá-lo. Não fui autorizada a fazê-lo, claro.

E assim, os dias intermédios foram dedicados às atividades que eu criara para mim. Ia todos os dias aos estábulos para passar algum tempo com Perseverança e *Afetada*. Não lhe chamava Per. Não sei porquê. Não gostava de Per como nome para ele. Mas gostava de não termos pedido a autorização de ninguém. Sentia que tomara responsabilidade por aquele assunto e que escolhera para mim um bom professor. Gostava de Perseverança porque ele não parecera pensar que precisávamos de pedir a autorização de alguém para me ensinar. Suspeitava que ninguém, além de nós, sequer sabia que eu começara a aprender a montar. E gostava disso. Parecia-me que nos últimos tempos andava toda a gente a tomar decisões por mim. Aquilo era algo que eu fizera sozinha.

Mas então Perseverança chocou-me no fim de uma sessão dizendo-me: “Pode ser que não possamos fazer isto ao mesmo tempo como até aqui.”

Franzi o sobrolho enquanto desmontava. Desci sem auxílio do cavalo para o bloco de montar. Agora era um feito fácil, de que me orgulhava. “Porque não?”, perguntei.

Ele fitou-me, surpreendido. “Bem, vós sabeis. O escriba chegou e vai dar-nos aulas.”

“Ele vai dar-me aulas a mim,” corrigi, sem gentileza.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim. “E a mim. E a Lucor, Pronto e Aveilo, dos estábulos. E a Ulmeira e Lea das cozinhas. E talvez a Táfi, apesar de ele rir e dizer que ninguém o pode obrigar a ir. E aos filhos da

criadora de gansos, e talvez a alguns dos filhos do pastor. O Depositário Tomé Texugo fez espalhar a notícia de que qualquer filho dos trabalhadores de Floresta Mirrada pode ir aprender. Muitos deles não queriam. *Eu* não queria. Mas o meu pai diz que sempre que um homem puder aprender qualquer coisa, deve fazê-lo. E que é coisa boa ser capaz de assinar o nome em vez de fazer um sinal, e uma coisa ainda melhor saber o que se está a assinar sem se ter de ir mandar buscar um escriba à aldeia. Portanto, vou ter de ir, pelo menos até conseguir escrever o meu nome. Ele parece pensar que por essa altura vou querer continuar. Quanto a isso, não sei.”

Eu tinha a certeza de que não queria de todo que ele fosse. Gostava de como me conhecia ali, só como Abelha. A ideia de Táfi estar lá arrepiava-me. Ele não se atrevera a perseguir-me desde aquele dia, mas talvez fosse apenas porque eu não me atrevera a segui-los e a espiá-los desde então. Imaginei Ulmeira e Lea aos risinhos e a troçar de mim. Aí Perseverança veria o erro que cometera por ser meu amigo. Não! Não podia deixar que eles fossem incluídos. Apertei os lábios com força. “Eu vou falar com o meu pai sobre isto,” disse a Perseverança.

Ele pareceu reprovar o meu tom gélido. “Ficaria feliz se o fizésseis. Sentar-me em círculo a ficar com os dedos cheios de tinta não é a ideia que tenho de um tempo bem passado. O meu pai disse que isto só prova que o vosso pai é um homem de coração generoso, como ele sempre tinha dito. Nem todos concordam com ele. Há quem diga que o Depositário tem às vezes uma expressão negra nos olhos, mesmo quando fala bem. Ninguém consegue indicar uma altura em que ele tenha maltratado alguém ou sido injusto, mas muitos diziam que era a influência da vossa mãe que o tornava gentil e estavam à espera que as coisas corressem mal para todos nós quando ela morreu. Quando ele trouxe aquela mulher para cá, houve quem dissesse que ela tinha o ar de ser do sangue dele, e outros disseram que tinha o ar de ser uma mulher que veio ter uma vida fácil com um homem que gere montes de dinheiro.”

Fiquei gelada, com a boca entreaberta e o coração frio enquanto ouvia as palavras dele. Acho que confundiu a expressão que fiz com um interesse ardente, em vez de um desejo sentido de não ouvir mais nada. Acenou-me

com a cabeça. “É verdade. Há quem fale assim. Houve aquela noite em que metade do pessoal esteve acordado até de madrugada porque aquela mulher estava aos guinchos sobre fantasmas, e depois Pândego caiu sobre todos na manhã seguinte como uma avalanche, cheio de fúria e vergonha por haver bichos nos vossos lençóis, e porque o vosso pai ficou tão zangado com isso que saiu para lhes lançar fogo durante a noite. ‘Como se ele gostasse da filha, que anda por aí vestida com roupa que melhor servia a um filho de remendão.’” Gaguejou até parar perante a minha expressão indignada. Talvez lhe tenha ocorrido de repente com quem estava a falar, pois insistiu: “É o que eles dizem, não eu!”

Não oculte a fúria que sentia quando perguntei: “*Quem* disse essas coisas? Quem são esses ‘eles’ que dizem mentiras tão horríveis sobre o meu pai e troçam de mim?”

De súbito, o amigo que ele fora transformou-se num criado. Tirou o barrete de inverno da cabeça e segurou-o à frente dos joelhos, de olhos e cabeça baixos enquanto falava. Tinha as orelhas vermelhas vivas, e não era do frio. Havia cautela na sua voz quando disse: “Peço perdão, Menina Abelha. Disse o que não devia e quando não devia, foi muito errado da minha parte. Foram só mexericos, não adequados para os ouvidos de uma dama, e enchi-me de vergonha por os repetir. Agora vou tratar do meu trabalho.”

E virou-me costas, o único amigo que eu fizera na vida, e pegou no cabresto de *Afetada*. Começou a levá-la. “Perseverança!”, chamei na minha voz mais régia.

“Tenho de ir cuidar do vosso cavalo, menina,” desculpou-se ele por sobre o ombro. Estava a andar depressa, de cabeça baixa. *Afetada* pareceu surpreendida por ser apressada. Eu fiquei parada no bloco de montar, a discutir comigo mesma. *Levanta a voz e ordena-lhe que volte. Foge e nunca, nunca mais venhas aos estábulos. Rebenta em lágrimas e enrola-te sobre ti mesma.*

Fiquei ali, imobilizada pela indecisão, a vê-lo afastar-se. Depois de ele e o meu cavalo terem desaparecido nos estábulos, saltei para baixo e fugi. Fui até à sepultura da minha mãe e fiquei um pouco sentada ali perto num

banco de pedra muito fria. Disse a mim própria que não era estúpida ao ponto de pensar que a minha mãe estava algures por ali. Aquilo era só um lugar onde estar. Nunca fora tão magoada e não saberia dizer se o motivo fora o que ele dissera ou a forma como eu reagira. Rapaz estúpido. Claro que me enfureceria e exigiria saber quem tinha dito coisas tão horrendas. Porque mas teria ele contado se não tencionava dizer-me quem as dissera? E partilhar as aulas com as outras crianças de Floresta Mirrada? Não me teria importado por Perseverança estar lá, mas se Táfi, Ulmeira e Lea lá estivessem, a opinião que tinham sobre mim ia espalhar-se como veneno. Certamente Perseverança iria preferir ser amigo de um rapaz grande como Táfi do que de alguém como eu. Ulmeira e Lea por vezes ajudavam agora à mesa; já era suficientemente mau vislumbrá-las de passagem e ver a rapidez com que juntavam as cabeças, fazendo as línguas afiadas agitar-se como lâminas numa pedra de amolar. Elas iriam troçar de mim. Como, aparentemente, outros já faziam por causa da minha aparência.

Espetei os pés para a frente. Usava as botas do ano anterior, cujo couro estava a rachar dos lados. As meias estavam cheias de cardos, de ter feito um atalho pelos jardins. Os joelhos estavam sujos e uma folha morta presa a uma canela; devia ter-me ajoelhado algures. Pus-me em pé e puxei a túnica para a frente. Não estava suja, mas estava manchada. Eu tinha menos roupa desde aquela esfrega no meu quarto. Senti um vago alarme com a possibilidade de alguma da minha roupa ter sido queimada. Talvez devesse ir verificar em que estado estavam as minhas coisas. Arranhei um pouco de lama que tinha na bainha da túnica e ela soltou-se. Só vestira aquilo um dia ou dois antes. A mancha no peito era antiga. Sujo e manchado não eram de todo a mesma coisa, pensei. A menos que se olhasse para alguém e não se soubesse que aquilo eram manchas, não sujidade recente.

Pensei no assunto durante algum tempo. Era tudo perturbador. Aulas com crianças que me detestavam, que me bateriam e beliscariam e fariam pouco de mim se tivessem a mais leve oportunidade. Pessoas que andavam a falar do meu pai e de mim de formas que não me agradavam. Acreditavam em coisas que não eram verdadeiras, mas isso acontecia porque pareciam verdadeiras. A outras pessoas parecia que o meu pai não se importava

comigo. Quando a minha mãe era viva, fizera tudo o que era necessário para me manter arranjada e limpa. Eu não pensara muito nisso; era só mais uma coisa que ela fazia por mim, uma das muitas coisas que fazia por todos nós. Agora fora-se. E o meu pai nem começara a fazer por mim essas coisas porque, como fui lentamente decidindo, para ele não eram importantes. O que ele via era eu, não que tinha as botas rachadas dos lados ou que todas as túnicas que me pertenciam estavam manchadas. Mencionara que tínhamos de “fazer melhor” mas depois nada fizera.

E eu era como ele, tal e qual. Essas coisas não tinham nenhuma importância para mim até alguém ter feito notar que talvez devessem ter. Sacudi a parte da frente da túnica. Senti-me muito crescida quando decidi que a resposta não era entristecer ou culpar o meu pai. Levei uma mão à barafunda que era o meu cabelo. Ia simplesmente dizer-lhe o que me fazia falta e ele arranjar-mo-ia. Fizera-o por Esquiva, não fora?

Fui diretamente à sua procura. Levei algum tempo, mas acabei por descobri-lo nos Quartos Amarelos. Estava a falar com Pândego. A seu lado estava um criado empoleirado num banco, a pendurar um dossel limpo. Uma das novas criadas, uma rapariga chamada Cuidadosa, encontrava-se ali perto com um monte de lençóis nos braços. O colchão de penas levava uma nova cobertura e parecia profundo e fofo. Se ninguém estivesse a olhar, eu tê-lo-ia experimentado imediatamente.

Em vez disso, esperei pacientemente até o meu pai se virar, me ver, sorrir e perguntar: “Então, Abelha, o que te parece? Lembras-te de mais alguma coisa que queiras que façamos aos teus novos aposentos?”

Fitei-o, de boca aberta. Pândego soltou um risinho muito contente. O meu pai inclinou a cabeça para mim. “Apanhaste-nos um pouco cedo, mas estamos aqui mesmo quase a acabar. Eu sabia que ias ficar surpreendida, mas não julgava que ficasses sem fala.”

“Eu gosto do meu quarto,” disse, sem fôlego. Com a entrada secreta para o labirinto de espionagem, mas não o disse em voz alta. Olhei em volta e vi o que não vira antes. A arca aos pés da cama era mais pequena para que me fosse mais fácil encontrar coisas lá dentro. O guarda-roupa vazio que estava aberto ao canto tinha um banco a seu lado para eu alcançar as prateleiras

superiores. Os cabides, lá dentro, estavam colocados onde os poderia alcançar com facilidade. Aquilo era uma prova de que o meu pai pensava mesmo em mim. Eu sabia que não podia rejeitar aquele presente mal orientado. “Fizeste tudo isto por mim?”, perguntei antes de ele ter tempo para voltar a falar.

“Com alguns conselhos de Pândego,” fez notar o meu pai. O grande mordomo fez um aceno brusco de concórdia.

Olhei lentamente para o quarto em volta. Reconheci a pequena cadeira junto da lareira. Vira-a noutra local da casa; agora estava restaurada com novo verniz e almofadas amarelas. Não reconheci a banquetta. Não combinava inteiramente com a cadeira, mas era bastante semelhante, com uma almofada feita do mesmo tecido. A janela tinha um banco-caixote; fora-lhe acrescentado um degrau para me ser mais fácil instalar-me nela, e uma mancheia de almofadas de vários tamanhos em tecidos de cores vivas chamavam-me para me ir descontraír para lá. Os meus olhos saltaram do banco para o meu pai.

“Montes de ajuda de Pândego,” emendou ele com um ar acanhado, e o mordomo agora estava radiante. “Sabes que eu não sei nada sobre coisas como cortinas e almofadas. Disse-lhe, depois de termos encontrado os percevejos, que não te queria voltar a pôr naquele quarto. Ele disse que era sabido entre os criados que preferias estes aposentos, por isso sugeriu que, como já tínhamos começado a restaurá-los, os acabássemos especialmente para ti. E aqui estás, mesmo a tempo de dizeres se aprovas.”

Encontrei a língua. “Está muito bom. Muito bonito.”

O meu pai aguardava e eu tive de acrescentar: “Mas eu gosto mesmo do meu antigo quarto.” Não podia dizer-lhe, à frente dos criados, que queria um quarto com entrada para o labirinto de espionagem. Não sabia bem se queria falar-lhe daquela entrada. Gostava de ser a única a conhecê-la. Pus num prato da balança o meu segredo e o acesso rápido às vigias e, no outro, uma oportunidade de dissipar parte dos mexericos. E se ele decidisse que teria de fazer melhoramentos no meu antigo quarto? A porta para o labirinto poderia ser descoberta! Pigarreei. “Mas era um quarto de bebé, não era? Este é muito melhor. Obrigada, pai. É adorável.”

Era um pouco incômodo, mas fui ter com ele e ergui a cara para ser beijada. Fui provavelmente a única pessoa que percebeu que ele ficou surpreso, e certamente só ele e eu sabíamos como era raro tocarmos daquela forma. Mas ele baixou-se para me dar um beijo na cara, exatamente como se fosse algo que nos sentíssemos ambos confortáveis a fazer. Soube de súbito que éramos aliados, com as muralhas erguidas contra um mundo hostil.

Pândego estava quase a contorcer-se de entusiasmo. No momento em que me afastei do meu pai, ele fez uma vénia e disse: “Menina Abelha, se tiverdes um momento, gostaria de vos mostrar as astuciosas gavetas no guarda-roupa, e como o espelho se inclina para baixo.” No momento em que fiz um ténue aceno, ele estendeu as suas pernas compridas e, em dois passos, parou à frente do meu novo armário. “Vede. Há ganchos para colares e minúsculas gavetinhas para outras joias. Aqui está a prateleirinha para os perfumes! E, para ser divertido, eu já cá vos pus alguns! Esta garrafinha encantadora contém essência de rosa e esta azul tem madressilva; ambas são muito apropriadas para uma jovem senhora da vossa idade!

“Acrescentei para vós um banquinho engenhoso, para que consigais chegar a todas as prateleiras e ver-vos ao espelho. Vede como ele se dobra para cima ou para baixo! E aqui, este compartimento para pendurar coisas maiores, ah, que odor tão agradável — forrado de cedro, para manter afastadas aquelas traças desagradáveis!” Enquanto ia falando, ele ia abrindo gavetas vazias e dando pancadinhas em ganchos com muito mais entusiasmo do que eu alguma vez conseguiria arranjar por causa de um guarda-roupa. Sorri o melhor que pude e continuei a sorrir enquanto ele me assegurava que o quarto da aia ligado ao meu depressa ficaria pronto para uma ocupante. Chamou a minha atenção para Cuidadosa, recomendando-a como possível aia para mim, e eu tive de me virar e de afastar da cara toda a consternação enquanto ela se apresentava. Avaliei-lhe a idade em pelo menos quinze anos, talvez mais. Corou enquanto fazia uma vénia, ainda com os braços cheios de lençóis, e eu fiquei sem fazer qualquer ideia do que lhe dizer. Uma aia. O que a poria a fazer? Estaria ela sempre perto de mim,

seguindo-me para todo o lado? De súbito fiquei contente por ter aceitado o novo quarto com elegância. Se tivesse insistido no antigo e eles a tivessem posto lá, eu não teria qualquer hipótese de usar a entrada secreta. Assim, se ela estivesse a dormir ao lado do meu quarto, conseguiria eu escapulir-me sem ser notada?

Voltei a virar-me para Pândego. Cautela, cautela. “O quarto é tão lindo, e o guarda-roupa é encantador. Pensaste muito em tudo. E como é gentil da tua parte facilitar-me chegar às coisas. Isso foi com tanta frequência um desafio para mim, e agora resolveste-o.”

Nunca tinha visto Pândego ficar cor-de-rosa de prazer, mas acontecera agora. Os olhos castanhos reluziram de súbito para mim e, chocada, apercebi-me de que o tinha tornado meu amigo. Virei-me para o meu pai. Viera à procura dele, tencionando pedir-lhe um novo par de botas de inverno e algumas túnicas mais compridas. Mas agora percebia que não devia pedir essas coisas à frente dos criados. Fitei-os. Cuidadosa e Pândego e o homem que instalava o dossel. Este já quase acabara e Cuidadosa estava a avançar para dar um último puxão para que as cortinas pendessem a direito. Eu conhecera Pândego a vida inteira, mas vivera como um gato bravio, passando pelo alto mordomo sem lhe dirigir palavra. Que interesse poderia um adulto tão digno e importante ter em mim? Contudo, ali estava ele, a obter uma satisfação absoluta em criar para mim aquele quarto.

E agora era óbvio que Cuidadosa se tornaria parte do meu mundo. Todas as fileiras aumentadas de pessoas que povoariam Floresta Mirrada seriam agora pessoas que eu teria de encontrar e com quem teria de falar todos os dias. E, na sala de aula, haveria todos os dias outras crianças comigo, maiores do que eu mas da mesma idade. Eram tantas as pessoas que estavam a tornar-se parte do meu mundo. Como poderia lidar com tanta gente?

Parte do meu mundo, mas não parte da minha família. A minha família era o meu pai. E ele e eu tínhamos de ficar costas contra costas, sempre, e defender-nos contra todos os mexericos e especulações. Não percebi bem porque seriam as coisas assim... e depois compreendi. Eles podiam chamar-me Abelha Texugo, mas eu sabia que na realidade era Abelha Visionário.

Sabê-lo era um tijolo a ser posto no lugar para preencher um buraco num muro. Eu era uma Visionário. Tal como o meu pai. Portanto sorri e tive o cuidado de falar com clareza quando disse: “Vim perguntar quando é que o tutor poderá estar pronto para começar as minhas aulas, pai. Estou muito ansiosa por começar.”

Vi a compreensão nascer nos olhos do meu pai, e também ele representou para o nosso público. “Ele disse que pensa que poderá começar dentro de dois dias. Está finalmente a sentir-se recuperado da viagem.”

Do espancamento, pensei eu. Estávamos todos a partilhar um fingimento muito bem-educado, mas os que tinham visto a sua cara maltratada quando chegara eram em número suficiente para se saber por que motivo o nosso novo tutor se mantinha confinado aos aposentos e à cama.

“Ah, maravilhoso.” Olhei lentamente em volta, observando o meu novo quarto, com um grande sorriso, para me assegurar de que todos o veriam e saberiam como eu estava contente com ele. “O quarto está acabado? Posso dormir aqui esta noite?” Pândego sorriu. “Assim que a cama seja feita, menina.”

“Obrigada. Tenho a certeza de que vou adorar ficar aqui. Há algumas coisas no meu antigo quarto que vou querer trazer para cá. Vou buscá-las.”

“Oh, asseguro-vos de que não é necessário, Dama Abelha!” Pândego dirigiu-se a passos largos para a arca aos pés da minha nova cama e abriu-a. Caiu sobre um joelho e chamou-me com um gesto enquanto os seus dedos compridos percorriam a pilha de tecidos dobrados. “Uma manta adicional amarela e creme, para quando as noites forem muito frias. E aqui, uma manta para as pernas, para quando quiserdes sentar-vos à janela. Um novo xaile vermelho com capuz. Ora bem, como tivemos de deitar fora tantas peças do vosso guarda-roupa, mandei a costureira Lírio fazer-vos algumas túnicas novas. Olhando-vos, temo que as tenhamos feito demasiado grandes, mas servirão até termos tempo para fazer uma prova como deve ser. Vede, aqui está uma castanha com ornamentos amarelos e aqui está uma verde. Esta é um pouco simples; gostaríeis de uns bordados nas bainhas? Deixai, claro que gostaríeis. Vou enviá-la à costureira.”

Eu deixara de o ouvir. Pândego abandonara-se ao prazer. As suas

palavras escorriam por mim. Não sabia o que sentir. Toda aquela roupa nova, toda ao mesmo tempo, e nenhuma feita pelas mãos da minha mãe. Ninguém a encostara a mim para verificar o comprimento nem perguntara se eu queria flores ou espirais em volta da bainha. Franzi a testa e tentei uma vez mais compreender a morte da minha mãe. Sempre que julgava tê-la dominado, alguma nova manifestação sua voltava a derrotar-me.

Pândego terminava. Eu estava a sorrir. A sorrir, a sorrir, a sorrir. Olhei desesperadamente para o meu pai e consegui gaguejar: “É tudo tão querido. Mas mesmo assim, há algumas coisas que eu queria trazer do meu outro quarto. Muito obrigada a todos.”

Depois fugi. Esperei ter saído com elegância mas, assim que me vi fora do quarto, arranquei a correr. Passei por duas criadas que traziam um tapete enrolado, virei para o corredor e descobri a porta do meu antigo quarto. Saltei para dentro e fechei a porta atrás de mim.

A lareira estava varrida, vazia e fria. A armação nua da cama parecia esquelética. Obriguei-me a ir até à porta do quarto da criada e a espreitar para dentro. Estava igualmente despido. A pesada armação da cama continuava encostada ao canto, com a cabeceira a quase cobrir as subtis juntas nos painéis de madeira que ocultavam a minha entrada. Isso, pelo menos, continuava em segurança.

Voltei lentamente para o meu quarto. Nada na prateleira da lareira. Não estava lá o castiçal azul de cerâmica. Não estava lá a estatuetazinha de uma coruja que eu e a minha mãe tínhamos comprado no mercado de Margem de Carvalhos. Abri a pequena arca para a roupa. Vazia. A arca maior aos pés da minha antiga cama. Vazia, à parte um ténue odor a cedro e alfazema. Até as saquetas tinham sido levadas. A manta de lã azul, tão gasta que ficara fina, desaparecera. Não restava nem uma das minhas antigas camisas de dormir ou túnicas. Todos aqueles pontos feitos pelas mãos da minha mãe tinham sido transformados em cinzas para proteger a mentira do meu pai, para que ninguém pudesse saber que ele queimara um cadáver durante a noite. A única roupa velha que me restava seria aquela que eu levava para a sala da minha mãe, onde tinha dormido as últimas noites. E a camisa de dormir que lá escondera. A menos que isso também já tivesse sido

descoberto e levado!

Cruzei os braços ao peito e abracei-me com força enquanto ia catalogando o que mais faltava. O “livro” gravado das ervas que eu sempre mantivera ao lado da cama. O castiçal da minha mesa de cabeceira. Um terrível medo capturou-me e eu caí de joelhos junto dessa mesa e abri o armário que havia por baixo. Desaparecidas, todas desaparecidas, cada uma das gordas velas odoríferas que a minha mãe fizera. Nunca dormira naquele quarto sem uma a arder enquanto adormecia e não conseguia imaginar mudar-me para um novo quarto sem a sua reconfortante fragrância. Fitei o sombrio vazio do armário e abracei-me com mais força, enterrando as unhas nos braços para me impedir de voar em pedaços. Fechei os olhos com força. Se respirasse lentamente pelo nariz, conseguia captar a evanescente essência das velas que tinham estado ali.

Não tive consciência dele até que se sentou no chão atrás de mim e me envolveu nos braços. O meu pai falou-me ao ouvido. “Abelha. Eu salvei-as. Voltei aqui nessa noite, já tarde. Levei as velas e mais algumas coisas que sabia que quererias. Tenho-as guardadas em segurança para ti.”

Abri os olhos mas não me descontraí nos seus braços. “Devias ter-me dito,” rosnei, de súbito furiosa com ele. Como podia ter-me deixado sentir aquela perda, mesmo que por alguns minutos? “Devias ter deixado que eu viesse aqui buscar as coisas importantes para mim antes de serem queimadas.”

“Pois devia,” concedeu ele e depois apunhalou-me com: “Não pensei nisso nessa altura. E teve de ser feito imediatamente. Era tanto o que estava a acontecer aqui, e tão depressa.”

A minha voz soou fria quando perguntei: “Então o que foi que salvaste? As minhas velas? O meu livro sobre ervas? A estatueta da coruja, o castiçal? Salvaste a minha manta azul? A túnica com as margaridas bordadas na bainha?”

“Não salvei a manta azul,” admitiu ele, rouco. “Não sabia que era importante.”

“Devias ter-me perguntado! Devias ter-me *perguntado*!” Detestei as lágrimas que me inundaram os olhos de repente e o modo como a garganta

se fechou e me sufocou. Não queria estar triste. Queria estar zangada. A zanga doía menos. Virei-me e fiz uma coisa que nunca tinha feito. Bati no meu pai, com o máximo de força possível, dando com o punho nos músculos rígidos do seu peito. Não foi uma chapada de rapariguinha. Bati-lhe com toda a força que consegui reunir, desejando magoá-lo. Voltei a bater-lhe e bati-lhe uma vez mais, até me aperceber de que ele estava a permitir que o fizesse, que me podia ter agarrado os braços e detido a qualquer momento. Que talvez até quisesse que eu o magoasse. Isso fez com que bater-lhe fosse inútil e mais que fútil. Parei e ergui o olhar para ele. Tinha a cara imóvel. Os olhos olhavam para mim, abertos, sem oferecer qualquer defesa contra a minha ira. Aceitava-a como justa.

Isso não despertou em mim nenhuma simpatia. Só me deixou mais zangada. Aquela dor era minha; tinham-me sido roubadas coisas que eu acarinhara. Como se atrevia ele a fitar-me como se fosse ele a sofrer? Voltei a cruzar os braços, desta vez para o repelir. Baixei a cabeça para não ter de olhar para ele. Quando me pôs uma mão na bochecha e a outra no topo da cabeça, só retesei os músculos e me enrolei mais. Ele suspirou.

“Eu faço o melhor possível, Abelha, por fraco que isso às vezes seja. Salvei as coisas que julguei que eram importantes para ti. Quando quiseres, diz-me, e vamos buscá-las e levá-las para o teu novo quarto. Queria que fosse uma surpresa para ti; julguei que gostarias de ficar com os Quartos Amarelos. Foi um erro. Uma mudança demasiado grande e demasiado rápida, e tu devias ter tido mais voto nessa matéria.”

Não descontraí os músculos, mas escutei.

“Bom. Isto não será uma surpresa. Dentro de cinco dias, eu e tu vamos a Margem de Carvalhos. Pândego foi inteligente o suficiente para sugerir que talvez queiras escolher algum do tecido que os tecelões de lá têm disponível para as túnicas pesadas de inverno. E vamos visitar o sapateiro, em vez de esperar que ele faça a sua visita de inverno a Floresta Mirrada. Acho que os teus pés já cresceram mais do que é hábito em um ano. Pândego disse-me que precisavas de sapatos novos e que também precisavas de botas. Para montar.” Aquilo sobressaltou-me o suficiente para olhar para ele. A mágoa ainda enchia os seus olhos, mas ele disse numa voz gentil: “Essa foi uma

surpresa para mim. Uma surpresa muito boa.”

Voltei a olhar para baixo. Não pretendia que aquilo fosse nada para ele. Se bem que, agora que pensava no assunto, ansiava por ele ver que eu era capaz de montar a cavalo, mesmo que nem ele nem Enigma tivessem tido tempo para achar que ensinar-me era suficientemente importante. Apercebi-me então de quão profundamente zangada estava com os dois por parecerem gastar sempre mais tempo com Esquiva do que comigo. Desejei segurar essa ira e torná-la mais profunda e forte. Mas, mais do que isso, desejei os toques da minha mãe no quarto onde dormiria naquela noite.

Falei para o chão. Odiei o nó na minha voz. “Gostaria de ir agora buscar as minhas coisas. E de as pôr em segurança no meu quarto.”

“Então vamos,” disse ele. Levantou-se. Eu não lhe ofereci a mão e ele não tentou pegar nela. Mas segui-o para fora do quarto que tinha sido meu, o quarto onde a mensageira morrera.

CAPÍTULO 25

COISAS A CONSERVAR

Foi na época da Rainha Dextra que foi dado ao escriba-chefe do Castelo de Torre do Cervo o dever adicional de instruir na arte das letras qualquer criança “disposta” a isso que houvesse no castelo. Disse-se que ela o decretou devido à sua grande antipatia pelo Escriba Martim. É certo que muitos dos escribas de Torre do Cervo que sucederam a Martim pareceram achar tal dever mais punição do que honra.

Sobre os Deveres dos Escribas, Escriba Penacarriço

E assim, mais uma vez, eu errara. E muito. Percorri lentamente o corredor, com a minha filhinha a meu lado. Ela não me pegou na mão. Caminhou logo além do alcance do meu braço e eu soube que não foi por casualidade. Se a dor pode irradiar como o calor de um fogo, então era esse o frio que eu sentia vindo da sua hirta silhuetazinha. Tivera tanta certeza de estar a fazer o correto. Que ela ficaria deliciada com o seu novo quarto e a mobília que tinha em conta o seu tamanho. E, na minha ansiedade para enganar o pessoal sobre a “hóspede” que desaparecera, destruíra lembranças preciosas, bocados insubstituíveis da sua infância.

Levei-a para o meu quarto. Era um lugar diferente do que fora da última vez que ela lá estivera. Eu juntara toda a minha roupa de vestir e de cama e mandara vir o lavadeiro. O homem fizera duas viagens com um cesto muito grande, com a reprovação quase a fechar o seu nariz estreito. Nessa noite, quando regressei ao meu quarto, o colchão de penas fora arejado e virado, o pó fora limpo de todas as superfícies e o quarto arrumado. Eu não o autorizara; suspeitei de Pândego. Nessa noite dormi em lençóis limpos do suor do desgosto, em almofadas que não tinham sido ensopadas com as minhas lágrimas. As velas nos meus candelabros eram das simples e brancas, sem perfume, e a camisa de dormir que vesti pareceu-me suave e limpa contra a pele. Senti-me como um viajante chegado a uma estalagem

sem rosto após uma longa e árdua viagem.

Não fiquei surpreso quando Abelha parou logo depois de entrar e fitou consternada o quarto. Podia ser o quarto de qualquer homem. Ou de ninguém. Olhou para o quarto em volta e depois para mim.

“Quero as minhas coisas de volta.” Falou claramente. Não havia qualquer sinal de rouquidão na sua voz, não havia qualquer tensão de lágrimas contidas. Levei-a até uma arca debaixo da janela, destranquei-a e abri-a. Ela olhou para dentro e ficou muito imóvel.

Lá dentro estavam não só as coisas que eu tirara do seu quarto naquela noite cruel e frenética, mas também muitas outras lembranças. Tinha aí a primeira peça de roupa que Abelha vestira na vida e uma fita roubada muitos anos antes ao cabelo de Moli. Tinha a escova e o espelho da mãe dela, bem como o seu cinto favorito, de couro tingido de azul com bolsas a ele atadas. Fora Castro quem lho fizera e a fivela estava desgastada de uso. Ela usara-o até ao dia em que morrera. Havia um pequeno guarda-joias que continha não só as joias da mãe, mas todos os dentes de leite de Abelha.

Abelha encontrou os seus livros e camisas de dormir. “As velas estão no meu gabinete, guardadas só para ti,” fiz-lhe lembrar. Ela encontrou e juntou várias pequenas estatuetas. Não falou mas, pelos lábios cerrados, eu soube que havia outros objetos significativos em falta.

“Desculpa,” disse, quando ela virou costas ao baú com os braços cheios das suas preciosas coisas. “Eu devia ter-te perguntado. Se pudesse trazer de volta as tuas queridas coisas, traria.”

Ela virou-se e, brevemente, o seu olhar cruzou-se com o meu. A ira e a dor ardiam aí num fogo controlado. De repente, pousou a braçada de coisas na minha cama. “Quero a faca de cinto da minha mãe,” anunciou.

Baixei o olhar para a arca. A pequena faca estava presa ao cinto, onde andara durante anos. Tinha um cabo de osso e, em certa altura, Moli, ou talvez Castro, enrolara nele uma faixa de couro para o impedir de escorregar. Tinha uma bainha azul para combinar com o cinto de couro. “O cinto vai ser demasiado grande para ti durante muitos anos,” disse eu. Era uma observação, não uma objeção. Nunca planeara dá-lo a ninguém além de Abelha.

“Agora só preciso da faca e da bainha,” disse ela. Voltou a cruzar aquele relance de viés com o meu olhar. “Para me proteger.”

Respirei fundo e tirei da arca o cinto de Moli. Tive de tirar do cinto várias pequenas bolsas antes de conseguir libertar a bainha que continha a faca. Estendi-a a Abelha, com o cabo para diante mas, quando ela estendeu a mão, puxei-a para trás. “Proteger-te de quê?”, perguntei.

“De assassinos.” Asseverou-o calmamente. “E de pessoas que me odeiam.” Aquelas palavras atingiram-me como pedras. “Ninguém te odeia!”, exclamei. “Odeiam. Aquelas crianças que decidiste que iam ter aulas a meu lado. Pelo menos três delas odeiam-me. E talvez mais.”

Sentei-me à beira da cama, segurando levemente a faca de Moli. “Abelha,” disse num tom racional. “Eles mal te conhecem, como podem odiar-te? E mesmo se não gostarem de ti, duvido que as crianças do solar se atrevessem a...”

“Eles atiraram-me pedras. E perseguiram-me. Ele deu-me uma estalada com tanta força que fiquei a sangrar da boca.”

Uma terrível ira fria cresceu em mim. “Quem fez isso? Quando?”

Ela afastou o olhar de mim. Fitou o canto do quarto. Julgo que combateu lágrimas. Falou muito baixinho. “Foi há anos. E não vou dizer quem. Tu saberes ia piorar as coisas.”

“Duvido,” disse eu com dureza. “Diz-me quem te perseguiu, quem se atreveu a apedrejar-te, e eles desaparecem de Floresta Mirrada nesta mesma noite. Eles e os pais.”

O olhar azul dela deslizou junto a mim como uma andorinha roça um penhasco. “Oh, e isso ia fazer com que os outros criados gostassem muito de mim, não ia? Haveria de ter uma vida agradável, com as outras crianças com medo de mim e os pais a odiar-me.”

Ela tinha razão. Aquilo fez o fel crescer em mim. A minha miudinha tinha sido perseguida e apedrejada e eu nem sequer o soubera. Mesmo sabendo, não conseguia arranjar nenhuma forma de a proteger. Ela tinha razão. O que quer que eu fizesse só pioraria as coisas. Dei por mim a entregar-lhe a faca embainhada. Ela aceitou-a e, por um momento, creio que ficou desapontada por eu ter cedido. Saber que eu estava a admitir que

havia alturas em que não podia protegê-la? Enquanto Abelha libertava a curta faca da bainha, perguntei a mim mesmo o que Moli me teria dito, ou o que teria feito. Era uma lâmina simples, que mostrava o desgaste de muitas amoladelas. Moli usara-a para tudo: cortar caules de flores, cortar zonas bichadas em cenouras ou tirar-me uma pua do polegar. Olhei para a minha mão, lembrando-me de como ela a apertara com força e arrancara implacavelmente o estilhaço irregular de cedro que lá ficara espetado.

Abelha inverteu a pega na faca, segurando-a como se fosse apunhalar para baixo. Golpeou várias vezes o ar, de dentes cerrados.

“Assim não,” ouvi-me dizer. Ela olhou-me de viés, por baixo de sobranceiras descidas. Comecei a tirar-lhe a faca da mão e depois percebi que não serviria. Puxei pela minha faca de cinto. Parecia-se com a de Moli, uma lâmina curta e resistente destinada à dúzia de tarefas que poderiam exigir uma faca ao longo do dia. Segurei-a com pouca força na mão, de palma para cima, com o cabo pousado nela com leveza. Equilibrei-a. “Experimenta fazer isto.” A contragosto, ela inverteu a pega na faca. Equilibrou-a na mão e depois apertou-a com força. Espetou-a no ar, depois abanou a cabeça. “Sou mais forte com ela da outra forma.”

“Talvez. Se tiveres um inimigo atencioso que fique quieto enquanto o apunhalas. Mas vais ter de te aproximar dele. Se eu segurar assim numa faca, ela permite que eu force alguém a ficar longe de mim. Ou então posso esticar o braço e cortar alguém antes de ele se aproximar de mim. Ou posso preferir dar um golpe largo.” Fiz-lhe uma demonstração. “Da forma como tu estavas a segurar a faca, não consegues golpear com eficácia. Nem manter afastado mais de um atacante.”

Vi, nos ombros encurvados dela, quanto queria ter razão. Irritava-a ter de reconhecer que estava errada. Numa vozinha embirrenta, concedeu com: “Mostra-me.” E, ainda mais a contragosto, “Por favor.”

“Muito bem.” Afastei-me bastante dela e adotei uma pose. “Começa com os pés. Tens de estar equilibrada e pronta, com o peso distribuído de tal forma que consigas oscilar para o lado ou dar um súbito passo em frente ou atrás sem perderes o equilíbrio. Os joelhos um pouco dobrados. Vês como eu consigo mover o corpo de um lado para o outro?”

Ela tomou posição na minha frente e imitou-me. Era mais ágil, a minha menininha, e esguia como uma cobra.

Pousei a faca e armei-me com a bainha. “Bom, este é o nosso primeiro jogo. Nenhum de nós pode mexer os pés. Ou dar um passo à frente ou atrás. Vou tentar tocar-te com a ponta desta bainha. Tu tens de te afastar e não deixar que ela te toque.”

Ela olhou para a lâmina nua que tinha na mão e depois para mim.

“Por agora, põe isso de parte. Começa por evitar a minha lâmina.”

E assim dancei com a minha filha, balançando em contraponto um do outro. A princípio toquei-lhe sem esforço, acertando-lhe no braço, no esterno, na barriga, no ombro. “Não observes a faca,” sugeri. “Observa-me inteiro. Quando a faca estiver em movimento na tua direção, já é quase demasiado tarde. Observa todo o meu corpo e vê se consegues perceber quando vou tentar acertar-te e onde.”

Não fui tão duro com ela como Breu fora comigo. Os golpes de Breu tinham deixado pequenas nódoas negras e ele rira de mim sempre que me atingira. Eu não era Breu e ela não era eu. Magoá-la ou troçar dela não obteria dela mais esforço. Se bem me lembrava, isso provocara em mim ira, e levava a erros e a uma derrota mais rápida. E eu não estava, como lembrei a mim mesmo, a tentar ensinar a minha filha a ser uma assassina. Queria apenas ensinar-lhe a evitar uma faca.

Ela melhorou rapidamente, e depressa passei a ser eu a ser atingido por uma bainha. Da primeira vez que a deixei atingir-me, ela parou e depois ficou muito imóvel. “Se não queres ensinar-me, diz,” disse friamente. “Mas não finjas que eu aprendi alguma coisa que não aprendi.”

“Não queria que te sentisses desencorajada,” disse, para desculpar o subterfúgio.

“E eu não quero achar que aprendi alguma coisa que não aprendi. Se alguém quiser matar-me, tenho de ser também capaz de o matar.”

Fiquei calado e lutei por impedir um sorriso de se formar no meu rosto ou olhos. Ela não o acolheria bem. “Então muito bem,” disse e, depois disso, fui honesto com ela. O que quis dizer que não me voltou a tocar nessa tarde, mas também significou que as minhas costas doíam e eu estava a suar

antes de ela conceder que já recebera instrução suficiente para um dia. O cabelo curto estava húmido e espetava-se às mancheias quando se sentou no chão para enfiar a bainha da faca no seu cinto. Quando se levantou, a faca pendia pesadamente do seu corpo de criança. Olhei para ela. Não ergueu os olhos para os meus. De súbito pareceu-me um cachorrinho negligenciado. Moli nunca a teria deixado correr por aí tão desarranjada.

Senti-me como se estivesse a arrancar um bocado ao meu coração quando peguei na escova com cabo de prata e no pente de chifre de Moli e os tirei do meu tesouro. Juntei-os aos outros tesouros de Abelha. Tive de pigarrear antes de falar. “Vamos levar isto para o teu novo quarto. Depois quero que uses a escova da tua mãe para pentear o cabelo. Ainda está demasiado curto para prender atrás. Mas podes vestir uma das túnicas novas.” A cabeça penugenta dela concordou. “Acho que vamos manter as aulas de manejo da faca privadas, sim?”

“Eu gostava de ter mantido todas as minhas aulas privadas,” resmungou, amuada.

“Temos de conversar sobre isso?”

“Tu fazes coisas sem me consultar,” protestou.

Cruzei os braços ao peito e baixei o olhar para ela. “Sou teu pai,” fiz-lhe lembrar. “Não te peço autorização para fazer o que penso estar certo.”

“A questão não é essa! É eu não saber antes de acontecer. É...” Hesitou. Depois ergueu o olhar para mim e lutou por manter os olhos fixos nos meus enquanto me dizia com grande seriedade: “Eles *vão* tentar magoar-me.”

“Tenho a certeza de que o teu tutor vai manter a ordem entre os seus alunos.”

Ela abanou a cabeça com força e soltou um som que fazia lembrar um gato encurralado. “Eles não têm de me bater para me magoar. As raparigas conseguem...” Os punhos cerrados abriram-se de súbito em garras. Agarrou a própria cabeça com mãos crispadas e fechou com força os olhos. “Esquece o que te pedi. Eu trato disto sozinha.”

“Abelha,” comecei, em tom de aviso, mas ela interrompeu-me com: “Já te disse. As raparigas não têm de bater para magoar.”

Não larguei o assunto. “Quero que compreendas por que motivo convidei

as outras crianças para serem também ensinadas.”

“Eu compreendo.”

“Então diz-me porquê.”

“Para mostrar a toda a gente que não és sovina. Ou empedernido.”

“O quê?”

“O Perse... o moço de estrebaria. Ele disse-me que há pessoas que dizem que tens um ar sombrio e que depois de a mãe morrer, tiveram medo que te tornasses duro com os criados. Não tornaste. Mas isto vai mostrar que na verdade és um homem bom.”

“Abelha. Isto não é para eu mostrar nada a ninguém. No Castelo de Torre do Cervo, qualquer criança que queira aprender é autorizada a vir ter aulas na Grande Lareira. Eu, um bastardo, fui autorizado a ir até lá e aprender. Por isso penso que, pela minha vez, vou dar a qualquer criança que queira aprender essa oportunidade.”

Ela não estava a olhar para mim. Respirei fundo e quase acrescentei mais palavras mas depois preferi suspirar. Se ela não compreendera o que lhe dissera, mais palavras só a fatigariam. Ela afastou o olhar de mim quando suspirei.

“É a coisa certa a fazer.”

Quando não respondi, ela acrescentou: “A minha mãe teria querido aprender. E, se estivesse aqui, sei que teria insistido que todas as crianças recebessem a oportunidade. Tens razão.” Começou a recolher o tesouro. Depressa lhe encheu os braços. Não pediu ajuda, limitou-se a baixar o queixo para segurar as coisas contra o peito. Numa voz muito baixa, acrescentou: “Mas eu gostava que não tivesses razão e eu não tivesse de aprender junto deles.” Abri a porta para ela sair e segui-a para o corredor.

Quase tínhamos chegado à porta do quarto dela quando ouvi o ruído de chinelos de sola dura e olhei para trás para ver Esquiva, que vinha direita a mim como um navio a toda a vela. “Depositário Texugo!”, chamou-me num tom imperativo. Abelha estugou o passo. Eu parei e virei-me para enfrentar Esquiva dando à minha filha uma oportunidade de fugir.

“Boa-tarde, Dama Esquiva,” cumprimentei, simulando um sorriso que não sentia.

“Tenho de falar convosco,” gritou ela, sem fôlego, vários passos antes de ter chegado a uma distância própria para conversas. Quando parou, começou sem cumprimentos nem preâmbulos: “E então, quando vão começar as minhas lições de música? E o meu instrutor de dança deverá vir do próprio Castelo de Torre do Cervo, se não de Jamaília. Queria ter a certeza de que compreendíeis isto. Não pretendo ser prejudicada por só conhecer os passos antigos.”

Foi com dificuldade que conservei o sorriso. “Lições de música. Não tenho a certeza se o Escriba FitzVigilante está preparado para ensinar...”

Ela abanou impacientemente a cabeça, fazendo voar os caracóis ruivos. O movimento empurrou o seu odor para cima de mim. Moli sempre usara perfumes de flores e ervas: gengibre e canela, rosa e lírio. A fragrância que me alcançou vinda de Esquiva não tinha nenhuma recordação de um jardim. Uma dor de cabeça assaltou-me quase de imediato. Dei um passo atrás e ela deu um passo à frente enquanto prosseguia. “Eu já falei com ele, há três dias. Concorda convosco quanto a não ser qualificado para me ensinar a tocar um instrumento ou a cantar, mas sugeriu que no caso de o solar albergar alguns menestrelis durante o inverno, é costume eles ficarem felizes por instruir jovens damas nos dotes musicais em troca de um modesto estipêndio.

“Portanto depois interroguei-o sobre dança, e...”

“O Escriba FitzVigilante ainda está a recuperar. Quando falaste com ele?”

“Quando fui aos seus aposentos desejar-lhe as melhoras, claro. Pobre homem, pensei, mandado embora do Castelo de Torre do Cervo e dos prazeres da corte para vir para esta parvónia! Tive a certeza de que se devia sentir solitário e aborrecido na convalescença, portanto fiz-lhe uma visita e tive uma conversa com ele para o animar. Temo que não seja um conversador hábil, mas eu sei bem como colocar questões e fazer um tímido sair da casca. Portanto, quando lhe perguntei se sabia dançar e ele me disse que sim, suficientemente bem, perguntei-lhe se poderia ensinar-me alguns dos passos mais novos e ele disse que temia ficar impedido pela sua saúde de dançar com elegância durante algum tempo. Foi nessa altura que sugeriu

que eu talvez precisasse de um instrutor. Portanto, claro que o disse ao Enigma e... ele não falou convosco, pois não? Para criado, é muito esquecido! Ao ponto de se tornar inútil. É um espanto para mim que o mantenhais ao serviço!”

Eu estava a passar mentalmente em revista as minhas conversas recentes com Enigma, tentando recuperar alguma pista para perceber de que estava ela a falar. Fui distraído com o pensamento de que ela incomodara o pobre FitzVigilante com a sua tagarelice. “Enigma está na verdade ao serviço da Dama Urtiga, e só foi emprestado a Dom Breu para vos manter a salvo. E para ver como está a jovem Dama Abelha, sua irmã.”

“Sua ‘irmã.’” Esquiva sorriu. Inclinou a cabeça para mim e fitou-me com um vestígio de simpatia. “Eu respeito-vos, Depositário Texugo. Respeito, a sério. Por viverdes em casa da vossa enteada e geri-la com tanta diligência. E por dardes abrigo aos bastardos de Torre do Cervo. FitzVigilante, eu e Abelha. Dizei-me. Que nobre é pai dela para ter de estar aqui escondida convosco? Tenho para mim que o pai dela era de Vara. Ouvi dizer que cabelo de trigo e olhos cor de centúria são mais comuns por lá.”

Que vaga de emoções. Se não fosse beneficiado pelos anos de treino de Breu, julgo que pela primeira vez na minha vida teria batido numa mulher desarmada. Fitei-a, ocultando do seu sorriso vazio tudo o que estava a sentir. Ou não seria vazio? Estaria ela a tentar magoar-me? Realmente, Abelha tinha razão. Uma rapariga não precisava de bater para magoar alguém. Não soube dizer se o golpe que me dera fora voluntário ou não. Tinha a cabeça inclinada, sorria-me com confiança, como quem estivesse a pedir um mexericozinho qualquer. Falei lentamente e baixinho. “Abelha é minha filha verdadeira, a filha que a minha querida mulher me deu. Nenhuma mancha de bastardia a toca.”

O olhar dela mudou, aprofundando aparentemente a sua simpatia. “Oh diabos. Peço perdão. Julguei que, certamente, como ela não se parece nada convosco... mas claro, tenho a certeza de que sabeis o que é verdade a esse respeito. Portanto só há três bastardos a procurar santuário em Floresta Mirrada. Eu, FitzVigilante e, claro, vós.”

Imitei na perfeição o tom dela. “Claro.”

Ouvi um passo suave e olhei para trás dela, vendo Enigma a aproximar-se. Os movimentos dele abrandaram como se tivesse visto um lince agachado ou uma serpente preparada para atacar. A incerteza transformou-se em consternação quando aceitou a possibilidade de ter de proteger Esquiva de mim. Quando fora que o homem me ficara a conhecer tão bem? Afastei-me dela, colocando-me fora do alcance de um ataque, e vi os ombros dele descontraírem e depois voltarem a ficar tensos quando Esquiva imitou o meu movimento, voltando a colocar-se em perigo. Os seus olhos encontraram os meus por um momento, e depois ele veio juntar-se-nos com passos ligeiros. Quando tocou Esquiva no ombro, ela deu um salto. Estivera totalmente inconsciente da sua aproximação.

“Arranjei-vos um encontro com Pândego,” mentiu ele depressa. “Acho que é a melhor fonte que podemos ter para vos arranjarmos um instrutor musical apropriado. E talvez também para um mestre de dança.”

Ela irritou-se, talvez ofendida por ter sido tocada e, enquanto ele controlava a sua atenção, eu afastei-me, deixando-o com o problema. Era injusto, talvez, mas mais seguro para todos.

Na segurança do meu gabinete, com a porta fechada, permiti-me finalmente sentir tudo o que ela despertara em mim. A fúria estava em primeiro plano. Como se atrevia ela, uma hóspede na minha casa, a falar assim da minha filha? A mácula no nome de Moli era igualmente imperdoável. Mas a perplexidade seguiu-se à fúria. Porquê? Porque teria Esquiva, que dependia da minha boa vontade, dito aquelas coisas? Seria tão cega para todos os níveis de cortesia que considerasse tal questão aceitável? Estaria deliberadamente a tentar insultar-me ou ferir-me e, se sim, porquê?

Acreditaria ela realmente que Moli me fora infiel? Olhariam outros para o cabelo claro e olhos azuis de Moli e julgar-me-iam um tolo?

Controlei o meu olhar ao sentar-me à secretária, deitando apenas um rapidíssimo relance à parede por cima da mesa de trabalho. Prendera um fio de seda de aranha em frente da vigia de Abelha, prendendo nele um minúsculo bocadinho de excremento de ave. Pendia, imóvel, exceto quando Abelha se encontrava lá. E sacudira-se ligeiramente quando eu atravessara a

sala. Ela estava lá. Perguntei a mim próprio se teria vindo antes de mim até ao gabinete, ou teria usado a sua entrada mal escondida na despensa. Esperei que não estivesse a chorar por causa da forma idiota como o pai lidara com os seus tesouros. Era-me difícil suportar a sua fúria, mas o choro teria sido pior.

Baixei o olhar para o rolo que tinha na secretária. De momento, ele não me despertava nenhum interesse real; estava escrito num estilo arcaico, com tinta desbotada, e era algo que Breu me enviara para ser copiado de novo. Tinha a ver com um exercício de Talento para novos estudantes. Duvidava que interessasse à minha filha. O cabelo que eu deixara pousado num dos cantos não fora perturbado. Bom. Hoje, não andara a remexer nos meus papéis. Conservava a certeza de que antes o fizera. Não sabia bem quando começara a ler papéis deixados no meu gabinete, portanto não podia ter certezas sobre o que vira nos meus escritos pessoais. Suspirei de mim para mim. Sempre que julgava ter passado a ser um pai melhor, descobria uma nova falha. Não a confrontara com as investigações sobre o pai; eu soubera que ela sabia ler e fora descuidado. Na minha juventude, lera mais do que uma missiva ou pergaminho que Breu deixara descuidadamente por aí.

Pelo menos assim julgara. Perguntei a mim próprio se ele fizera nessa altura o que eu fazia agora, isto é, deixar visíveis apenas os textos que julgava poderem intrigar a sua mente ou educá-la. Registava os meus pensamentos privados num livro de registos em que agora só escrevia dentro do meu quarto. Mesmo se ela conhecesse a existência do compartimento deslizante na grande arca aos pés da minha cama, não teria conseguido alcançá-lo.

Pensei em chamá-la para fora do seu esconderijo e decidi não o fazer. Ela que tivesse o seu lugar privativo onde lhe fosse possível entregar-se ao mau humor ou ao desgosto.

Soou uma batida na minha porta. “Enigma,” disse eu e ele entreabriu a porta. Espreitou de trás dela, cauteloso como uma raposa, e depois deslizou para dentro, fechando suavemente a porta atrás de si.

“Lamento imenso,” disse.

“Não há problema,” respondi. Não soube bem se ele estava a pedir

desculpa por Esquiva me abordar a respeito de lições de música, se teria ouvido os comentários dela sobre bastardos e estava a oferecer solidariedade. Fosse como fosse: “Não tenho nenhuma vontade de discutir aquilo agora.”

“Temo que seja necessário,” sugeriu ele. “Pândego ficou deliciado com o pedido da Dama Esquiva. Acha que seria absolutamente maravilhoso que volteis a ter música e dança em Floresta Mirrada. Diz que há um velho em Margem de Carvalhos que já não é capaz de coaxar uma nota mas pode ensinar a Dama Esquiva a fazer sair uma melodia de uma harpa. E Pândego ofereceu-se-lhe como mestre de dança: ‘Só, claro, até conseguirmos descobrir um par mais apropriado para uma dama daquelas.’ Acrescento que a Dama Esquiva não ficou muito contente quando ele sugeriu animadamente que Abelha também poderia beneficiar de instrução em dança e música.”

Vi o brilho no seu olhar e deduzi: “Mas tu aceitaste em nome dela.”

“Temo que não tenha conseguido resistir,” admitiu ele, e eu vi a teia de aranha a agitar-se, como se alguém tivesse suspirado ou sustido a respiração. Espiãzinha. Aquilo que nasce no osso a carne não perde à pancada, supunha eu.

“Bem. Sem dúvida que não lhe fará mal nenhum,” respondi impiedosamente, e a teia de aranha voltou a agitar-se. “Já é mais que tempo de a minha filha receber a educação de uma dama.” Antes música e dança, pensei eu com os meus botões, do que lições sobre pontos de sangue e venenos. Se ela fosse colocada fora da minha influência no que tocava à educação, talvez conseguisse impedir-me de a educar como eu fora educado. A queimar cadáveres ao luar e a combater com facas. *Oh, muito bem, Fitz. Muito bem.* E no entanto, num canto sombrio da minha mente, um velho lobo sábio opinava que a cria mais pequena era aquela que precisava dos dentes mais afiados.

Enigma continuava a observar-me. “Há mais, não há?”, perguntei, com relutância.

Ele fez um aceno tenso. “Sim. Mas com outra origem. Recebi uma mensagem de Breu.”

Aquilo espicou-me o interesse. “Ah, recebeste? E como, vamos lá a ver, te chegou a mensagem?” E atrever-me-ia eu a deixar que ele a transmitisse com Abelha à escuta?

Ele encolheu um ombro. “Pombo.” Estendeu-me um minúsculo rolo. “Podes lê-lo tu, se quiseres.”

“Ele enviou-ta a ti. Queria que ambos soubéssemos o que vem lá escrito?”

“Bem, é uma nota peculiar, especialmente vinda de Breu. Oferece um barril de brande de Orla d’Areia, brande de alperce, se eu descobrir como foi ao certo que deduziste a linhagem materna de FitzVigilante.”

Um arrepio de quase conhecimento percorreu-me a pele. “Tenho a certeza de que não sei o que estamos aqui a discutir.” Por um instante debati sobre se devia silenciá-lo, perguntando a mim mesmo se estaria prestes a ser revelado um segredo que a minha filhinha não tinha o direito de conhecer.

Enigma encolheu os ombros e desenrolou o minúsculo rolo. Aproximou-o da cara para o ler e depois afastou-o até os olhos conseguirem focar as minúsculas letras. Leu alto as palavras. “Caçadora ou jardineira, concluiu ele. E foi mesmo a caçadora. Um barril de brande de alperce se conseguires descobrir por mim como foi que ele reduziu as hipóteses a essas duas...”

Sorri quando a voz de Enigma se silenciou. “E o resto, sem dúvida, é só para os teus olhos?”

Enigma ergueu as sobrancelhas. “Bem, ele talvez pretendesse que fosse, mas não sei como poderei escondê-lo de ti. Ele deseja ardentemente saber por que motivo isto é uma informação tão importante para ti.”

Apoiei-me nos cotovelos e uni os dedos, dando com eles pancadinhas nos lábios enquanto refletia. “Provavelmente não é,” disse-lhe sem rodeios. Iria a pequena ouvinte na parede atrás de mim conseguir juntar os cacos tão depressa como eu? Era muito provável. O enigma não era complicado.

“Eu andava à procura de uma criança dada à luz por qualquer uma dessas mulheres. Mas não gerada por Dom Vigilante. A menos que...” E foi a minha vez de deixar as palavras no ar, quando uma ideia peculiar me ocorreu. Muitos foram os bastardos abençoados com uma mãe enganadora

o suficiente para os proclamar produto da legítima cama nupcial. Estaríamos perante o caso de uma mãe que encontrara uma ilegitimidade mais aceitável para o filho? Poderia Loureira ter concebido com o Bobo e depois afirmado que a criança era fruto de outra ligação? Não. Não só acreditava que a caçadora teria acarinhado qualquer bebé que Dom Dourado tivesse gerado nela, como a idade estava errada. FitzVigilante podia ser filho de Loureira, mas não podia ser do Bobo. E, conhecendo Loureira como conhecera, duvidava que ela tivesse cedido voluntariamente uma criança concebida com amor, por mais bastarda que fosse, aos cuidados únicos do pai. Havia ali mais história do que eu tinha coragem para saber, algo de sombrio. Uma violação? Uma sedução desonesta? Loureira abandonara uma criança para ser criada por um homem que a reconheceu mas que ou era incapaz de a proteger ao crescer, ou não estava disposto a fazê-lo. Porquê? E por que motivo Breu e Urtiga pareciam dar-lhe tanto valor?

Enfrentei o olhar inquisitivo de Enigma. “Na verdade, é uma completa coincidência. Eu andava à procura de outra pessoa, um rebento muito mais velho. Breu não vai acreditar nisso, portanto não vai pagar o seu suborno. É pena. É difícil arranjar brande de alperce de Orla d’Areia. Há anos que não o provo.” Tentei impedir os meus pensamentos de seguir essa memória. Tarde de mais. Ela unira-se à demanda do meu Bobo. Poderia FitzVigilante ser o filho inesperado que ele me pedira para procurar? Só se, sem o conhecimento de mim ou de Breu, Dom Dourado tivesse regressado aos Seis Ducados, tivesse tido uma relação com a Caçadora Loureira, abandonando-a depois. E ela culpara Dom Vigilante pela criança? Não. Não se encontrava aí qualquer sentido.

Enigma ainda estava a observar-me com um ar pensativo. Podia perfeitamente usar a curiosidade dele. “Aquela visitante que acolhemos, a que partiu sem dizer adeus? Trouxe-me uma mensagem de um velho amigo. De Dom Dourado, para ser preciso.”

Uma das sobancelhas dele ergueu-se ligeiramente. Se estava surpreendido por ela ter sido uma mensageira, escondeu-o bem. “Tu e Dom Dourado eram muito próximos, se bem me lembro.”

Disse-o de forma tão neutra que não significou absolutamente nada. Ou talvez significasse tudo. “Éramos próximos,” concordei em voz baixa.

O silêncio prolongou-se mais. Eu não me esquecia da pequena ouvinte atrás da parede. Pigarreei. “Há mais. A mensageira disse que era perseguida. Que os perseguidores vinham perto.”

“Teria ficado mais segura se tivesse ficado aqui.”

“Talvez. Talvez julgasse que não. Eu sei que temia que o perigo a seguisse até minha casa. Mas também me disse que Dom Dourado estava a tentar regressar mas também ele tinha de escapar a perseguidores.” Sopesei os riscos que corria. Perdido por cem, perdido por mil. “Dom Dourado pode ter sido pai de uma criança quando estive nos Seis Ducados. A mensageira veio dizer-me que esse filho pode estar em grande perigo. Que Dom Dourado queria que eu o encontrasse e protegesse.”

Enigma ficou em silêncio, a organizar tudo o que lhe tinha dito. Falou com cautela. “Pensas que FitzVigilante pode ser filho de Dom Dourado?”

Abanei a cabeça. “É da idade errada. A Caçadora Loureira foi uma das mulheres que pensei poder ser uma possível mãe.”

“E, o que é mais relevante, tem o pai errado. Loureira, a caçadora, pode ser sua mãe, segundo diz agora Breu. Mas Vigilante reconheceu-o como filho. A menos que tenha tido dois pais...”

“Ou tenha sido reclamado por alguém que não o gerou,” fiz eu notar. Depois suspirei. “Mas continua a ser demasiado novo. A menos que Dom Dourado tenha feito outra visita a Cervo.”

Ambos nos silenciámos. Teria ele regressado a Cervo sem me contactar? Não me parecia. Porque poderia ter regressado?

“O que sabes tu sobre Dom Vigilante?”, perguntei a Enigma.

“Não muito. É um bocado labrego e as suas propriedades estiveram em desordem durante alguns anos. Quando ouvi pela primeira vez falar de FitzVigilante, fiquei surpreendido por Dom Vigilante ter conseguido convencer alguma mulher a dormir a seu lado, quanto mais que ele, um homem solteiro, reconhecesse um bastardo. Mas é possível que isso faça sentido, se pensasse que o rapaz era a sua única hipótese de ter um herdeiro. No entanto, acabou por pegar nas rédeas e contratar um bom homem para o

ajudar a gerir as propriedades e, quando começou a prosperar, casou. Acho que foi nessa altura que começaram os seus problemas. Que senhora queria que um bastardo nascido antes tivesse precedência sobre os seus filhos nascidos de forma legítima? Não foi muito mais tarde que FitzVigilante foi enviado para Torre do Cervo e acabou ao cuidado de Breu.” Matutou mais um momento. “Não consigo ver nenhuma ligação entre ele e uma possível criança concebida pela mesma senhora muitos anos antes.”

Abanei a cabeça. “Pois não. É só uma coincidência estranha. Abri um saco a contar com um leitão e saiu-me um gato. Mas isso não põe fim à minha busca por esse ‘filho.’ Acho que pode ser sensato da minha parte procurar pela própria Caçadora Loureira.”

Enigma abanou a cabeça. “Isso seria difícil. Ela foi-se há muitos anos, Fitz. Lembro-me de quando partiu do Castelo de Torre do Cervo, para grande desapontamento da Rainha Kettricken. Tinha sido fundamental, até então, nos contactos com a facção do Sangue Antigo. Partiu tão subitamente que houve rumores de ter discutido com alguém numa posição elevada mas, se o fez, isso foi bem abafado. E antes de o ano acabar, chegou-nos a notícia da sua morte.”

Refleti sobre aquilo. Teria Loureira fugido de Torre do Cervo para manter uma gravidez privada e dar à luz um filho secreto? Era um mistério velho de muitos anos e estava bem distante do que me preocupava. Entristeceu-me saber que ela partira. Tinha sido gentil para comigo. Abanei a cabeça e deixei-a ir. “Enigma. Enquanto andares por aí, podes manter um ouvido à escuta de mexericos que possa haver sobre a minha mensageira?”

“Claro. Não ouvi dizer nada sobre os que a perseguiram. Sabes disso. Mas posso conseguir mais se seguir o rasto dela. Achas que fugiu para... onde?”

Para uma pilha de cinza nos currais das ovelhas. “Não sei. Mas estou mais curioso sobre o sítio de onde veio e quem a perseguia. Ficaria tão interessado no que possas descobrir sobre ela e aqueles que a perseguiram antes de cá ter chegado como no que lhe aconteceu depois de partir.”

“Vou manter um ouvido à escuta. Suspeito que teria subido o Rio Cervo. Vou fazer umas perguntas na viagem de regresso a Torre do Cervo.”

“E suponho que isso significa que queres partir em breve.”

“A minha tarefa está feita e ultrapassada. Entreguei-te a encomenda em segurança, como me foi ordenado. Não me importo de ajudar durante algum tempo, mas há coisas para que tenho de voltar.”

Acenei lentamente com a cabeça, sentindo-me vazio. Não me apercebera de quanto me habituara a depender dele até que falara em partir. Enigma era alguém que conhecia o homem que eu fora em tempos, alguém com quem podia falar abertamente; isso fora um conforto. Sentir-lhe-ia a falta. A minha voz não o revelou. “Quando tens de partir?”

“Daqui a três dias.”

Voltei a acenar com a cabeça, sabendo que ele me estava a dar tempo para me adaptar à sua ausência. Acrescentou: “Por essa altura, o Lante já deve andar a pé, portanto terás pelo menos um homem a guardar-te as costas.”

“Ele não guardou lá muito bem as suas próprias costas. Duvido que lhe confie as minhas.”

Enigma fez um aceno e admitiu: “Ele não tem a intensidade que nós os dois temos. Mas isso não o torna completamente incompetente. Ainda é novo. Devias conhecê-lo melhor.”

“Conhecerei. Assim que se sentir melhor. Achei que quisesse ter alguma privacidade para sarar.”

Ele inclinou ligeiramente a cabeça. “Nem toda a gente é tão solitária como tu, Tomé. O Lante consegue ser muito social. Estar longe do Castelo de Torre do Cervo vai ser difícil para ele. Devias saber que ele gostou da visita de Esquiva. E que, quando estiver bom, se ela precisar de um parceiro de dança para praticar, ele é excelente. É um conversador espirituoso, bem-educado e afável. Era muito popular com as damas da corte, apesar do seu baixo nascimento.”

“Devia visitá-lo.”

“Sim, devias. Ele sente uma certa reverência por ti. Não sei o que lhe fizeste da primeira vez que se cruzou contigo, mas o efeito ainda não passou. Precisou de bastante coragem para vir para cá, não só pedir autorização para ensinar a tua filha, mas esperar a tua proteção. Foi um

pouco... humilhante. Mas Breu disse-lhe que era mesmo a sua única saída.”

Ainda não tinha visto a questão sob aquela luz. E era interessante saber que Enigma estava informado sobre o meu primeiro encontro com FitzVigilante. Ainda era homem de Breu, em alguns aspetos. Não disse nada sobre isso, mas observei: “Ele acha que continuo zangado com ele.”

Enigma confirmou com a cabeça. “Está bem o suficiente para vir comer à mesa e para andar por Floresta Mirrada. Mas tem-se comportado como se o tivesses confinado aos seus aposentos.”

“Estou a ver. Vou tratar disso esta tarde.”

“Tomé, ele é jovem mas isso não quer dizer que não possa ser teu amigo. Conhece-o. Acho que vais gostar dele.”

“Tenho a certeza de que sim,” menti. Estava na altura de pôr fim àquela conversa. Abelha já ouvira o suficiente.

A capacidade que Enigma tinha para compreender o que eu não dizia deixava-me por vezes desconfortável. Olhou para mim quase com tristeza. Falou mais baixo. “Tomé. Tu precisas de um amigo. O Lante é novo, bem sei, e o vosso primeiro contacto foi... mal pensado. Começa de novo. Dá-lhe uma oportunidade.”

E assim, naquela tarde, bati à porta dos aposentos de FitzVigilante. Tourém abriu imediatamente a porta. Vi a mão de Pândego no ajuste melhorado da sua libré e no cabelo domado. Observei discretamente o quarto do tutor e achei-o um homem de hábitos metódicos, mas não em demasia. Os unguentos medicinais que Breu lhe preparara estavam bem arrumados na prateleira da lareira. Um cheiro a óleo de arnica perfumava o quarto. O próprio FitzVigilante estava sentado a uma mesa de trabalho, a escrever uma carta. Tinha duas penas a postos, bem como um boião de tinta e um pequeno mata-borrão. Do outro lado da mesa estava estendido um pano de jogo com um quebra-cabeças de Pedras nele disposto. Perguntei a mim mesmo quem lhe teria ensinado o jogo. Depois travei fortemente os pensamentos e mantive-me focado no meu alvo.

Ele pôs-se imediatamente em pé e fez uma vénia, depois ficou em silêncio, fitando-me com ansiedade. Há uma postura que um homem toma

quando não quer parecer agressivo mas está pronto para se defender. FitzVigilante adotou essa postura mas, quando ela era combinada com a expressão derrotada no seu rosto, era quase como se estivesse encolhido. Senti-me doente. Lembrei-me de como era ter perdido toda a confiança no meu corpo. Aquele era um homem já dominado. Perguntei a mim próprio quão quebrado estaria, se alguma vez recuperaria o suficiente para se tornar alguma espécie de homem de armas. Tentei manter a piedade afastada da minha cara.

“Escriba FitzVigilante, estou contente por vos ver a pé e em atividade. Vim perguntar-vos se estais bem o suficiente para começardes a tomar as refeições na nossa companhia.” Ele não me olhou nos olhos enquanto fazia oscilar a cabeça. “Se isso vos aprouver, senhor, começarei a fazê-lo.”

“Gostaríamos de ter a vossa companhia. Isso dará não só a Abelha, mas ao resto do pessoal da casa, uma oportunidade para vos conhecer melhor.”

Ele fez outra vénia. “Se vos aprouver, senhor...”

“Aprazeria,” interrompi. “Mas só se também vos sentirdes confortável.”

Os nossos olhares cruzaram-se por um momento, e ele foi como um rapaz em pé, nu, junto de uma lareira enquanto um assassino treinado lhe rasgava a roupa. Sim. Um pouco de embaraço no início da nossa relação. Um pouco de embaraço que teríamos de ultrapassar. O silêncio prolongou-se e algo mudou nele quando a determinação se instalou na sua cara.

“Sim. Estarei lá, Depositário Texugo.”

CAPÍTULO 26

LIÇÕES

Um sonho de uma noite de inverno quando eu tinha seis anos.

Numa praça de mercado, um pedinte cego estava sentado nos seus farrapos. Ninguém lhe estava a dar nada, pois ele era mais assustador do que patético com a sua cara cruelmente marcada e mãos disformes. Tirou uma pequena marioneta de dentro da roupa esfarrapada; era feita de paus e corda, com uma simples bolota em vez de cabeça, mas ele fê-la dançar como se estivesse viva. Um rapazinho carrancudo observava no meio da multidão. Lentamente, foi atraído para observar a dança da marioneta. Quando chegou perto, o pedinte virou os olhos nublados para o rapaz. Os olhos começaram a limpar-se, como sedimento a assentar no fundo de um charco. De súbito, o pedinte deixou cair a marioneta.

Este sonho termina em sangue e eu tenho medo de o recordar. Será que o rapaz se transforma na marioneta, com cordas presas às suas mãos e pés, aos joelhos e cotovelos e à cabeça oscilante? Ou será que o pedinte agarra no rapaz com mãos duras e ossudas? Talvez aconteçam as duas coisas. Tudo termina em sangue e gritos. É o sonho que mais detesto de todos os sonhos que já tive. É o sonho final para mim. Ou talvez o sonho inicial. Sei que, depois deste acontecimento, o mundo tal como o conheço não voltará a ser o mesmo.

Diário de Sonhos de Abelha Visionário

O meu primeiro jantar com o meu novo tutor foi a pior refeição da minha vida. Estava vestida com uma das minhas novas túnicas. Dava comichão. Ainda não tinha sido apertada para me servir, portanto eu sentia-me a andar por ali metida numa pequena tenda de lã. As meias novas ainda não estavam terminadas, portanto as antigas estavam-me demasiado curtas e largas nos joelhos. Sentia-me como uma peculiar ave

pernalta, com as pernas a espetar-se do fundo da ampla roupa. Disse a mim mesma que assim que estivesse sentada na mesa, ninguém perceberia, mas o meu plano de ser a primeira a chegar falhou.

Esquiva antecederam-me, penetrando na sala de jantar a pavonear-se como uma rainha a entrar na sala do trono. O cabelo tinha-lhe sido preso no topo da cabeça; a sua nova aia tinha jeito para o cabelo, e cada caracol ruivo brilhava. Alfinetes de prata reluziam contra aquele lustroso mogno como estrelas num céu noturno. Estava mais que bela; estava deslumbrante. Até eu tive de o admitir. O vestido era verde e algum truque do corte levantava-lhe os seios, afastando-os do peito como se no-los estivesse a oferecer, exigindo que os víssemos. Pintara os lábios e empoeirara a cara com um pó claro, fazendo com que as pestanas escuras e os olhos verdes nos fitassem como que de uma máscara. Um toque de rouge no topo de cada bochecha fazia-a parecer animada e alegre. Eu estava condenada a odiá-la ainda mais devido à beleza. Segui-a para dentro da sala. Antes de conseguir alcançar o meu lugar, ela virou-se para olhar para mim e fez um sorriso de gata.

Mas o pior estava para vir. O meu tutor estava atrás de mim.

FitzVigilante não conseguia tirar os olhos de Esquiva. A sua bela cara sarara, o inchaço desaparecera e os verdes e púrpuras das suas nódoas negras tinham-se desvanecido. A pele dele não estava gasta pelo tempo como a do meu pai e de Enigma. Tinha a tez de um cavalheiro da corte. Escanhoara a cara de malaras elevados e o queixo forte até os deixar o mais lisos possível, mas a sombra do que sem dúvida seria um grandioso bigode estava visível sobre o lábio superior. Eu temera a possibilidade de ele escarnecer da roupa que me servia mal — um medo inútil. Ele parou à porta, com os olhos a abrir-se mais quando viu Esquiva. Tanto ela como eu o vimos a sustar a respiração. Depois veio lentamente ocupar o seu lugar à mesa. Pediu desculpa ao meu pai por se ter atrasado mas, enquanto falava, olhava para Esquiva.

Nesse momento de cortesia cuidadosamente verbalizada com o seu sotaque cortês, eu apaixonei-me.

As pessoas troçam do primeiro amor de um rapaz ou rapariga, chamando-lhe paixoneta de cachorrinho. Mas porque não haveria uma

pessoa jovem de amar tão profunda ou descontroladamente como qualquer outra? Eu olhei para o meu tutor e soube que ele me devia ver como mera criança, pequena para a minha idade e provinciana, que mal era digna da sua atenção. Mas não vou mentir quanto ao que senti. Ardia por me distinguir na sua companhia. Ansiava por dizer qualquer coisa encantadora ou por o fazer rir. Desejei que acontecesse alguma coisa que o fizesse ver-me como importante.

Mas não havia nada em mim. Era uma rapariguinha, vestida com um traje muito comum, sem nenhuma história excitante para contar. Nem sequer podia entrar na conversa que Esquiva começou e depois guiou tão cuidadosamente para si e para a sua educação sofisticada. Falou da infância na casa dos avós, contando histórias sobre vários menestréis bem conhecidos que tinham aí atuado e sobre nobres que tinham vindo de visita. Com bastante frequência, FitzVigilante exclamava que também ele ouvira esse menestrel atuar, ou que conhecia a Dama Fulana de uma visita ao Castelo de Torre do Cervo. Quando ele mencionou um menestrel chamado Zar, ela pousou o garfo e exclamou que ouvira dizer que ele era o mais divertido dos menestréis, e conhecia todas as canções humorísticas que se podia cantar. Ansiei por abrir a boca e dizer que ele era como um irmão mais velho para mim e que uma vez me tinha dado uma boneca. Mas eles estavam a falar um com o outro, não comigo, e se eu tivesse falado, teria parecido estar a escutá-los. Nesse momento, porém, como ansiei por que Zar aparecesse de repente para uma das suas visitas casuais e me cumprimentasse como família!

Como se isso tivesse aumentado o meu prestígio aos olhos do Escriba FitzVigilante. Não. Para ele, a única pessoa presente à mesa era Esquiva. Ela inclinou a cabeça e sorriu-lhe enquanto bebia um gole de vinho e ele ergueu o copo na sua direção e sorriu de volta. O meu pai conversou com Enigma sobre o seu regresso a Torre do Cervo, sobre quando partiria, sobre mensagens que levaria a Dom Breu e à Dama Urtiga e até ao Rei Respeitador. As uvas de Floresta Mirrada tinham saído boas e havia compotas que queria enviar à Dama Kettricken, bem como uma amostra de vinho com cinco anos de envelhecimento nas caves de Floresta Mirrada que

pensava mostrar grande promessa.

E eu fiquei em silêncio entre eles, a cortar e a comer a minha carne, a pôr manteiga no meu pão e a afastar o olhar sempre que Ulmeira entrava na sala para servir um novo prato ou para levar os antigos. Ela tinha agora idade suficiente para servir à mesa e o avental do verde e amarelo de Floresta Mirrada ficava-lhe muito bem. O cabelo estava alisado contra a cabeça e todo ele fora preso à nuca numa trança bem tecida. Apeteceu-me levar uma mão à minha cabeça para ver se o colmo pálido do meu cabelo continuava bem penteado ou me andava a vaguear pela cabeça como sedas de milho arrancadas. Pus as mãos debaixo da mesa e apertei-as bem.

Quando chegou a altura de nos levantarmos da mesa, o meu tutor avançou rapidamente para fazer deslizar a cadeira de Esquiva para trás e oferecer-lhe o braço. Ela aceitou-o prontamente e agradeceu de uma forma muito linda ao “Lante”. Bom. Ele, para ela, era Lante, e para mim Escriba FitzVigilante. O meu pai ofereceu-me o braço e, quando ergui para ele um olhar surpreso, os seus olhos escuros dançaram com divertimento ao deitar um relance ao jovem casal. Eu olhei para Enigma, o qual revirou os olhos mas também pareceu encantado pelo comportamento deles. Não encontrei aí nada que me divertisse.

“Acho que agora vou para o meu quarto,” disse em voz baixa.

“Estás bem?”, perguntou-me rapidamente o meu pai, com preocupação nos olhos.

“Bastante. Tive simplesmente um dia comprido.”

“Muito bem. Vou bater-te à porta mais tarde para te desejar boa-noite.”

Acenei com a cabeça. Estaria ele a avisar-me para estar onde dissera que estaria? Bem, eu estaria. Nessa altura. Levei uma vela num castiçal para me alumiar o caminho.

A Dama Esquiva e o Escriba FitzVigilante nem sequer repararam que nós tínhamos parado. Tinham saído da sala de jantar e estavam a dirigir-se para uma das salas de estar mais confortáveis. Não queria vê-los sentados juntos e a tagarelar um com o outro. Virei costas a todos e afastei-me, protegendo com a mão a chama da minha vela.

Fora realmente um dia comprido, mas não por causa de alguma coisa que

eu tivesse feito. Pelo contrário, tinha sido o não fazer que havia esticado as horas para mim. Não fora aos estábulos. Ficara durante algum tempo encurralada no meu esconderijo enquanto o meu pai e Enigma conversavam, até me ter esgueirado pela passagem para ir aparecer furtivamente nas cozinhas. Mas não me atrevera a demorar-me aí a observar Amena a amassar o pão ou a virar o espeto. Lea andava agora sempre por lá, a varrer farinha derramada ou a mexer uma panela de farinha de milho que borbulhava lentamente. Os seus olhos escuros eram como facas, a boca horizontal uma bigorna contra a qual me atirava com as suas breves palavras. Por conseguinte, passara a maior parte do meu dia numa das salas de jardinagem de Paciência, com um exemplar das *Histórias do Sangue Antigo*, de Texugo. Sempre que o meu pai me vira com esse livro, oferecera-me outro, o que me levava a crer que havia qualquer coisa nele que não desejava que eu lesse. Contudo, não mo tirara. Por isso, eu estava decidida a ler cada uma das suas páginas, mesmo as partes aborrecidas. Terminara-o hoje e ainda não fazia a mínima ideia de que parte do livro ele temera que eu lesse. Depois vagueara pela sala cheia de plantas, a arrancar a estas bocados mortos. Como a maioria estava dormente por causa do inverno, essa atividade não fora tão interessante como podia ter sido.

Os meus passos abrandaram quando percorri o corredor que levava ao meu quarto. E quando cheguei à porta do meu antigo quarto, abrandei e olhei cautelosamente para trás. Ninguém estava a ver. Abri a porta e enfiei-me lá dentro.

Estava escuro. Não havia nenhum fogo na lareira. As cortinas que cobriam a janela estavam fechadas. Entrei e deixei a porta fechar-se atrás de mim. Fiquei imóvel, a respirar calmamente, à espera que os meus olhos se adaptassem. A vela mal conseguia empurrar a escuridão para trás. Avancei lentamente, às apalpadelas. Descobri a coluna de canto da minha cama. Pelo toque, desloquei-me até à arca vazia aos pés da cama. Só alguns passos e as minhas mãos encontraram a pedra fria da lareira.

A porta que dava para o quarto adjacente para a criada estava fechada, e de súbito isso foi assustador. Um arrepio percorreu-me a espinha. A mensageira morrera ali. Não, na verdade ela morrera na minha cama.

Mesmo atrás de mim. Por um momento não consegui obrigar-me a olhar para lá, e depois tive simplesmente de o fazer. Saber que estava a ser tola não ajudava. Mas estaria mesmo a ser tola? Eu dissera a Esquiva que toda a gente sabia que os fantasmas só se deixavam ficar onde a pessoa morrera. E ela morrera ali. Virei-me lentamente. Tinha as mãos a estremecer e a vela tremia, pondo as sombras aos saltos por todo o quarto.

A cama despida estava vazia. Eu tinha sido tola. Não a fitaria. Não fitaria. Voltei a virar-me para a porta fechada. Desafiei-me e caminhei até lá. Pus a mão na maçaneta. Estava fria. Mais fria do que seria natural? Ficaria o fantasma dela onde a tínhamos abandonado sem saber? Empurrei a maçaneta para baixo e depois empurrei a porta. A aragem vinda do quartinho quase apagou a chama da minha vela. Fiquei parada até a chama se acalmar e espreitei para dentro.

O quarto estava mais vazio do que da última vez que o vira. A velha mesa de cabeceira e o jarro ainda lá se encontravam. E a pesada armação da cama continuava empurrada contra a minha entrada secreta. Sem que eu percebesse bem como, naquela noite a mobília sem uso parecia acocorada e o jarro vazio censurava-me. Falei ao fantasma dela. “Se eu soubesse que ainda aqui estavas, teria cuidado melhor de ti. Julguei que te tinhas ido embora.” Não senti nenhuma mudança na escuridão expectante, mas senti-me um pouco mais corajosa por me ter atrevido a falar-lhe diretamente.

Foi mais difícil empurrar a armação da cama para longe da entrada escondida enquanto segurava a vela, mas consegui. Trepei para cima da cama para acionar a alavanca e depois voltei a descer para entrar. Deixei escorrer cera para o chão da passagem e prendi nela a minha vela antes de arrastar a armação da cama de volta para o seu lugar e fechar a porta. No meu labirinto escondido, senti-me imediatamente melhor. Segurei firmemente a vela e segui as marcas de que já mal precisava até chegar ao meu pequeno refúgio. Parei de súbito mesmo à entrada, confusa. Alguma coisa estava diferente. Um odor? Uma ligeira tepidez no ar? Estudei cuidadosamente a salinha, mas não vi nada de errado. Com cautela, dei um passo em frente, tropecei, e medi a minha altura com o chão. A vela saltou-me da mão, rolou em semicírculo e só pela maior das sortes continuou

acesa. Por azar, foi parar ao lado de um pergaminho enrolado que eu deixara no chão. A borda já começava a carbonizar-se, deitando um fedor a couro a arder, quando me pus de gatas e apanhei a vela. Endireitei-a no castiçal e virei-me para ver aquilo em que tropeçara. Parecera-me um monte de tecido. Tecido quente.

Senti um momento de tontura quando o chão oscilou à frente do meu olhar. Depois, uma pequena e carrancuda cara de gato emergiu do nada. O gato ergueu-se lentamente do chão, espreguiçou-se e dirigiu-me um *Uaur* de censura. Só a mais minúscula das bordas de asa de borboleta enrolada revelava que o manto estava numa pilha no chão. Saltei sobre ele e agarrei-o, apertando-o contra o peito. Estava quente e cheirava a gato preto. “Que estavas tu a fazer?”, perguntei-lhe.

A dormir. Estava quente.

“Isto é meu. Não podes tirar coisas da minha prateleira.” Via agora que o prato que pusera em cima da minha tigela de pão quente fora afastado. Com o manto enrolado numa trouxa e enfiado debaixo do braço, fiz uma rápida inspeção às minhas provisões. O pão fora roído num dos lados e rejeitado. Eu tivera meia salsicha ali. Só restavam uns bocadinhos do revestimento. “Comeste a minha comida! E dormiste no meu manto.”

Não é teu. É dela.

Parei a meio de uma inspiração. “Bem, agora é meu. Ela está morta.”

Pois está. Portanto é meu. Foi-me prometido.

Fitei-o. As minhas recordações daquele dia tinham por cima uma camada de névoa, não nos acontecimentos da noite, mas nos da manhã. Não me conseguia lembrar do motivo por que fora passear até àquela parte dos terrenos da propriedade. Era sombria e gélida, pouco convidativa durante os dias cinzentos e húmidos. Mal me conseguia lembrar de ter visto a asa de borboleta no chão; não saberia dizer se se tratava de uma memória desse dia ou de uma memória do meu sonho. Mas lembrava-me de que quando o meu pai se aproximara, soltara um grito de surpresa. E que alguma coisa recuara para os arbustos. Alguma coisa preta e peluda.

Sim. Eu estava lá.

“Isso não quer dizer que o manto te pertence.”

Ele sentou-se muito direito e enrolou bem a cauda negra em volta das patas brancas. Reparei que tinha olhos amarelos e a luz da vela dançava neles quando declarou: *Ela deu-mo. Foi um negócio justo.*

“Com quê? O que tem um gato para negociar?”

Um brilho dourado surgiu naqueles olhos amarelos e eu compreendi que o insultara. Insultara um gato. Só um gato. Então por que motivo me teria descido um pequeno arrepio de medo pelas costas? Lembrei-me de a minha mãe me ter dito para nunca ter medo de pedir desculpa quando estivesse errada. Ela dissera que se teria poupado a si mesma e ao meu pai muitos sarilhos se tivessem seguido essa regra. Depois suspirara e acrescentara que eu nunca devia pensar que um pedido de desculpa apagaria por completo o que tivesse feito ou dito. Mesmo assim, valia a pena tentar.

“Peço perdão,” disse com sinceridade. “Não sei muito sobre gatos, visto que nunca tive nenhum meu. Acho que te falei da forma errada.”

Sim. Falaste. Duas vezes. A ideia de que um ser humano possa “ter um gato seu” é igualmente ofensiva. Abruptamente, ele ergueu uma das patas de trás, apontou-a para o teto e pôs-se a cuidar do traseiro. Compreendi que estava a ser insultada. Decidi aguentar em silêncio. Ele continuou naquilo durante uma quantidade ridícula de tempo. Comecei a sentir frio. Peguei sub-repticiamente na borda do manto e enrolei-a em volta dos ombros.

Quando ele finalmente terminou, voltou a focar os olhos redondos e fixos em mim. *Eu dei-lhe sonhos. Deitei-me ao lado dela e passei a longa noite fria a ronronar. Ela estava muito ferida. Moribunda. E sabia. Os sonhos eram escuros com bordas aguçadas, cheios das caras daqueles a que falhara. Sonhou com as criaturas que estavam dentro dela, roendo o seu caminho pelas suas tripas. Eu entrei nos seus sonhos e, neles, fui o Gato dos Gatos, inimaginavelmente poderoso. Persegui e matei aqueles que lhe tinham feito mal. Abracei-os com as minhas garras e arranquei-lhes as entranhas dos corpos. Perto da alvorada, quando o frio foi mais forte, prometi que te traria até ela, e ela seria descoberta e a sua mensagem seria entregue. Ela agradeceu-me e eu disse-lhe que tinha gostado do calor do manto. Foi nessa altura que ela disse que eu podia ficar com ele depois de morrer.*

A história ressoava a verdade. Toda menos a última frase. Soube que ele estava a mentir. E ele soube que eu sabia que estava a mentir. Fez um sorriso indolente sem mover a boca nem um bocadinho. Era qualquer coisa na posição das orelhas, talvez. Estava a desafiar-me a contestar a sua história. Nas profundezas do meu coração o Pai-Lobo rosou, um ribombo baixo. Não gostava daquele gato, mas o rosido era tanto para me avisar a mim como ao felino.

“Muito bem. Eu deixo o manto aqui à noite para tu usares.”

Negócio, sugeriu ele.

A-há. Inclinei a cabeça na sua direção. “Que tenho eu que um gato possa querer?”

Os olhos dele estreitaram-se. *O gato que é autorizado a dormir ao lado da lareira da cozinha tem um cesto com uma manta fofa lá dentro. E ervas...*

“Nêveda. E pulicária.” Eu estava ao corrente. Fora a minha mãe a dar início a essa tradição.

Quero o mesmo. E se os vires a perseguir-me com uma vassoura, tens de guinchar e fazer espalhafato e dar-lhes chapadas para que nunca mais se atrevam a fazer o mesmo.

“Posso fazer isso.”

E tens de me trazer coisas deliciosas. Num prato limpo. Todos os dias.

Sem que me tivesse apercebido, ele aproximara-se mais de mim. Lentamente, subiu para o meu colo e instalou-se. “Posso fazer isso,” concordei.

E quando eu pedir para ser afagado, tens de me afagar. Mas só se eu quiser. Transformara-se num pequeno círculo de gato no meu colo. Ergueu uma pata dianteira, estendeu longas e muito aguçadas garras brancas, e pôs-se a puxá-las e a cuidar delas.

“Muito bem.” Com muito cuidado, pus-lhe as mãos em cima. Os meus dedos enterraram-se em viçoso pelo preto. Ele estava tão quente! Movi uma mão cautelosamente ao longo do seu flanco. Encontrei dois nós e uma bola de espinhos. Penteei-lhe o pelo até o livrar deles. A ponta da sua cauda ganhou vida e ergueu-se para se vir enrolar em volta do meu pulso. Foi

completamente encantador. Pus-lhe os dedos sob a cabeça e cocei aí com suavidade. Ele ergueu a cara e uma estranha pálpebra transparente subiu para lhe tapar os olhos meio fechados. Movi a mão para lhe ir massajar as orelhas. O ronronar tornou-se mais intenso. Os olhos transformaram-se em fendas. Ficámos ali algum tempo sentados juntos. Depois, lentamente, ele começou a deitar-se sobre o flanco. Alisei nós que tinha na pelagem da barriga.

Tão repentinamente como um ataque de serpente, envolveu o meu braço com as patas da frente. Deu três malignas patadas cheias de garras no meu braço e depois precipitou-se pela passagem fora, desaparecendo nas trevas. Nem mesmo o fantasma de um pensamento ficou para trás a fim de explicar por que motivo fizera aquilo. Apertei o pulso a sangrar contra o peito e debrucei-me para a frente, suportando em silêncio a dor penetrante. Lágrimas picaram-me os olhos. No meu coração, o Pai-Lobo resmungou a sua concordância. *Os gatos são criaturas malditas em que não se pode confiar; falam com todos e com qualquer um. Espero que tenhas aprendido alguma coisa.*

Aprendera, mas não sabia bem o quê. Levantei-me devagar, de súbito ansiosa com o tempo que passara. Peguei no manto e dobrei-o apressadamente. Devolvi-o ao seu lugar na minha prateleira e voltei a pôr a tampa na tigela do pão. Ladrãozinho sorrateiro!

Podia aprender com ele.

De manhã, sem ser chamada, Cuidadosa veio ajudar-me a levantar, a lavar, a pentear o meu cabelo rebelde e depois a vestir-me. Fui tudo muito penoso para mim. Nunca ninguém, com a exceção da minha mãe, tinha feito essas coisas, e ela fizera-o com uma tagarelice alegre e partilhando os planos para o dia. Cuidadosa, decidi, melhor teria sido batizada como Apressada. Ou talvez Azeda, pois a sua boca estava hoje contraída como se cada objeto do meu guarda-roupa lhe pusesse um sabor amargo na boca. Enfiou-me a combinação pela cabeça e, quase antes de ela ter assentado nos meus ombros, estava a cobri-la com a minha túnica. Puxou-me as mangas até ficarem do mesmo tamanho e depois, sem pedir licença, enfiou-me a mão

debaixo da túnica para me puxar a combinação para baixo até ficar lisa. Perguntou-me por coisas que eu nunca possuía, como alfinetes para o cabelo ou pelo menos uma pomada para o impedir de se espetar. Perguntou-me onde estavam os meus brincos e ficou chocada por eu nem sequer ter buracos nas orelhas para tais adornos. Exclamou uma sonora consternação pelo estado das minhas meias e encontrou um par mais pesado e disse que os meus sapatos eram uma vergonha para a família.

Talvez pretendesse que aquelas coisas exprimissem uma indignação que supunha ser partilhada por mim. Na realidade, só fez com que eu me sentisse maltrapilha e acanhada. Não consegui encontrar palavras para me defender a mim ou à minha roupa. Pus o cinto com a faca da minha mãe, para ganhar coragem. Cuidadosa soltou uma fungadela de reprovação e ajoelhou-se na minha frente. “Não é assim que se usa isso,” disse-me. Guardei silêncio enquanto ela me pegava no cinto e fazia apressadamente um novo furo nele com a sua própria faquinha, pondo-mo em seguida por forma a me rodear a cintura e não as ancas.

Depois de acabar de me puxar pelo cabelo e endireitar a túnica, pôs-me à frente do espelho e vimos o reflexo. Para minha surpresa, o meu aspeto não estava nem de longe tão mau como temera. Sorri ao meu reflexo e disse: “Acho que há meses que não tinha tão bom ar. Obrigada, Menina Cuidadosa.”

Julgo que as minhas palavras a chocaram. Estava acorada a meu lado. Então, balançou para trás sobre os calcanhares e fitou-me, com os grandes olhos castanhos a ficarem realmente muito abertos. “Esperai aí,” disse-me de repente. “Esperai mesmo aí.”

Obedeci-lhe e, antes de ter tempo de perguntar a mim própria por que motivo estava a fazer o que uma criada me tinha dito para fazer, ela regressou. “Bom, eu vou querer isto de volta depois de vos fartardes. Custou-me um belo dinheiro, e usei-os menos de uma dúzia de vezes. Portanto mantende os pulsos bem longe de qualquer coisa peganhenta. Achais que conseguis fazer isso?”

Não esperara resposta nem autorização. Ajustou punhos de renda creme às mangas da minha blusa interior e depois acrescentou um colarinho que

combinava. Estavam-me um pouco grandes, mas ela tirou de baixo do colarinho da camisa uma agulha que já trazia o fio e depressa as apertou. Fitou-me depois de terminar, com a testa enrugada. Depois soltou um pequeno suspiro. “Bem. Gostava que a filha da família, posta aos meus cuidados, estivesse melhor vestida do que as moças de cozinha, mas isto há de servir para hoje, e antes de a hora acabar, hei de dizer a Pândego o que penso! E agora vá, ide pequeno-almoçar, riqueza. Sem dúvida vou ter uma hora de arrumações a fazer no quarto da Dama Esquiva. É todas as manhãs a mesma coisa, uma dúzia de saias e outras tantas lindas blusas atiradas pelo quarto. Agora vós, vós mantendes as vossas coisas arrumadinhas como deve ser. Acho que nunca precisei de mais de dez minutos para arrumar o vosso quarto.”

Guardei para mim que nem sequer soubera que ela devia arrumar-me o quarto. Aceitara sem questionar que alguém se encarregava da bacia, do jarro e do penico, tal como aceitava que os lençóis da minha cama eram lavados uma vez por mês. “Os meus agradecimentos pelo cuidado que tendes comigo,” disse, quando me ocorreu que essas tarefas não eram especialmente agradáveis.

E de novo as bochechas dela ficaram rosadas. “Não tendes de quê, Dama Abelha. E vá, ide lá embora! Espero que as aulas vos corram bem.”

A antecipação guerreou com o temor. Desejei seguir diretamente para a sala de aula. Desejei fugir e ir esconder-me no meu lugar especial. Em vez disso, desci para o pequeno-almoço. O meu pai estava lá à minha espera. Não estava sentado mas a passear pela sala como se também ele estivesse nervoso. Virou-se para mim quando eu entrei e esbugalhou os olhos. Depois sorriu. “Bem. Certamente pareces pronta para dar início aos teus novos estudos.”

“Cuidadosa ajudou-me,” disse-lhe. Toquei na renda que trazia ao pescoço. “O colarinho e os punhos são dela. Ficou surpreendida por eu não ter brincos. E depois disse que não queria deixar que as ajudantes de cozinha brilhassem mais que eu.”

“Não poderiam fazê-lo, mesmo se tu estivesses metida em farrapos e toda suja.”

Eu limitei-me a fitá-lo.

“Não quero dizer que pareces esfarrapada e suja! Não. Não! Simplesmente quis dizer que seja qual for...” Parou e fez um ar tão comicamente aflito que eu tive de me rir.

“Está tudo bem, papi. Não é como se eles não me vissem todos os dias, vestida como ando normalmente. Não vou enganar ninguém.”

O meu pai pareceu levemente alarmado. “Não me parece que o nosso objetivo seja enganar seja quem for, Abelha. Pelo contrário, é vestires-te de uma forma que transmita respeito ao escriba que te ensina.” A fala abrandou quando acrescentou: “E transmitir o estatuto que te cabe na casa.” Parou e apercebi-me de que estava a pensar freneticamente em qualquer coisa. Deixei que o fizesse, pois a minha mente ficou de súbito igualmente ocupada.

Ocorrera-me uma ideia terrível. As aulas seriam algo que eu ia ter quatro dias em cada mancheia. Queria isso dizer que teria de me vestir assim todos os dias? Queria isso dizer que Cuidadosa me ia invadir os aposentos todos os dias para me preparar? Lentamente compreendi que se passariam quatro dias inteiros até poder voltar a fazer o que desejasse com a minha manhã. Lá se iam as cavalgadas matinais. Não que tivesse havido alguma desde que eu tivera aquela discussão com Perseverança. Mas achava que um dia, de alguma forma, acabaria por resolver as coisas com ele. As manhãs serem colocadas fora do meu controlo, contudo, era uma mudança permanente. Seria forçada a lidar quase diariamente na sala de aula com pessoas de quem não gostava. E mesmo à mesa do pequeno-almoço...

“Bem, Abelha, mas que surpresa! Penteaste o cabelo! Hoje pareces quase uma rapariga.”

Virei-me ao ouvir o cumprimento de Esquiva. Enigma seguira-a para dentro da sala. Ela sorria-me. O meu pai fez uma expressão de incerteza, ao passo que as sobranceiras de Enigma tinham subido quase até ao cabelo. Sorri-lhe de volta e fiz uma vénia cuidadosa. “Ora, muito obrigada, Esquiva. Até tu hoje pareces quase uma dama bem-educada.” Mantive a voz suave como creme doce. Teria sido quase cómico ver a expressão do meu pai passar de incerteza ao alarme, se o Escriba FitzVigilante não

tivesse entrado mesmo a tempo de ouvir as minhas palavras. E só as minhas palavras, não o comentário que as provocara. Deitou-me o olhar que uma criança desagradável e desrespeitosa mereceria, após o que cumprimentou calorosamente Esquiva e a acompanhou até ao seu lugar à mesa como se a estivesse a salvar de um animalzinho de mau temperamento.

Quando ocupei o meu lugar à mesa, reparei que Esquiva não começou imediatamente a comer, mas esperou até FitzVigilante ter ocupado o lugar que lhe cabia a seu lado. Mostraram-se convivas muito sociáveis, cumprimentando o meu pai e Enigma, mas sem me dedicarem nem uma palavra, nem um relance. Passaram comida um ao outro e Esquiva serviu a FitzVigilante mais chá. Eu passei a maior parte do tempo com os olhos descidos para o prato e a comer. Sempre que lhes deitava um relance, a beleza combinada que eles apresentavam esgatanhava-me o coração com unhas de ciúme. Eles pareciam verdadeiramente terem sido feitos com o mesmo molde, criados para serem um par. Ambos possuíam os mesmos caracóis reluzentes, os mesmos queixos decididos e os mesmos narizes finos. Admiravam-se um ao outro com o olhar como se estivessem a fitar um espelho de vaidade. E eu voltava a fitar o meu prato e fingia um grande interesse na salsicha.

O meu pai estava a oferecer a Enigma um corte de bom bacon, vinhos da nossa adega e peixe do rio fumado para levar consigo para o Castelo de Torre do Cervo. Se Enigma tivesse aceitado tudo, teria carregado uma carroça e levado emprestada uma parelha de cavalos. Mas ele insistia que tinha de viajar com pouca bagagem e que tentaria voltar de visita em breve.

Então os meus ouvidos captaram um fragmento das palavras de Esquiva. “...fingir que não me incomoda. Mas estou tão contente por estardes bem o suficiente para ensinar. Um dia preenchido com atividades úteis é, penso eu, melhor para as crianças. E disciplina. Parece-vos que tereis uma mão severa?”

A voz de FitzVigilante soou baixa e suave, como o ronronar de um grande gato. “Muito severa para começar. É melhor começar com mão firme, penso eu, do que tentar estabelecê-la mais tarde.”

O coração caiu-me aos pés.

Acabámos o pequeno-almoço e o nosso escriba desejou ao meu pai um bom dia. Quando olhou para mim, não sorriu. “Espero ver-vos prontamente na sala de aula, Dama Abelha.”

A cortesia poderia alterar a opinião que ele tinha de mim. “Seguir-vos-ei até lá, Escriba FitzVigilante.”

Olhou para o meu pai e não para mim quando disse: “Sugiro que os meus alunos me chamem Escriba Lante. É um nome menos complicado para os jovens recordarem.”

“Como quisesdes,” respondeu o meu pai, mas eu sei que partilhou o pensamento que eu tive. Esse nome não o marcava como bastardo sempre que era dito.

Esperei calmamente que o meu professor desejasse bons-dias a Enigma e depois segui-o em silêncio enquanto ele se dirigia na direção da sala de aula. Ainda coxeava ligeiramente, mas procurou manter um passo vivo. Segui-o o mais depressa que pude sem me pôr a trotar. Ele não me disse nada enquanto nos apressávamos na direção da sala de aula e também não olhou para trás para ver se eu conseguia acompanhá-lo. Por tolo que possa parecer, o meu coração ia-se quebrando enquanto a minha antipatia por Esquiva começava a rebentar fervura. Haveria de pôr ratazanas mortas no guarda-roupa dela. Não. Isso só causaria problemas a Pândego e ele tinha sido gentil comigo. Tentei em vão arranjar algum truque desagradável que pudesse fazer sem criar problemas a mais ninguém. Era tão injusto que, só porque era bela e uma mulher feita, pudesse controlar a atenção completa de qualquer homem na casa. Eles eram o *meu* pai, o companheiro da *minha* irmã e o tutor enviado para me ensinar *a mim* mas, com uma sacudidela na cabeça, parecia que Esquiva era capaz de os tornar seus. E eu era impotente para a deter.

Atrasara-me significativamente em relação à pressa pernilonga dele. O meu tutor chegou à porta da sala de aula e parou, olhando para mim com um vago aborrecimento. Manteve-se em silêncio enquanto me esperava e recuou para deixar que entrasse a trote e à sua frente na sala.

Parei espantada assim que entrei. Nunca tinha visto tantas crianças reunidas no mesmo sítio e todas se levantaram quando entrei. Pareceu

estranho e ameaçador, como quando uma árvore se enche de corvos a crocitar ou as abelhas formam um enxame antes de abandonar a colmeia. Fiquei parada, sem fazer ideia de para onde ir. O meu olhar percorreu-os. A alguns conhecia de encontros anteriores, outros tinha vislumbrado de passagem e dois eram completos desconhecidos. Ulmeira e Lea estavam lá, asseadas e arranjadas, vestidas com o verde e amarelo de Floresta Mirrada, por agora livres dos aventais das cozinhas. Táfi estava lá, com um justilho e calças simples. Deitava olhares ameaçadores, com os braços cruzados ao peito, claramente descontente por ali estar. Encontrei Perseverança ao fundo, com a cara tão bem esfregada que parecia em carne viva e o cabelo preso atrás num rabo de cavalo. A roupa que trazia estava arranjada, mas era claro que tivera mais que um dono. Os rapazes que estavam perto dele deviam ser os moços dos estábulos, Lucor, Pronto e Aveilo. Estava lá um rapaz que eu tinha visto a trabalhar nos jardins e dois, um rapaz e uma rapariga, que vira a cuidar de gansos. Tantos! Pelo menos uma dúzia de caras fitavam-me enquanto eu me mantinha ali especada.

Uma voz desaprovadora falou atrás de mim. “Dama Abelha, se fizerdes o favor de sair da porta para eu poder entrar...”

Cambaleei alguns passos para fora do caminho dele e apercebi-me de repente de que as crianças se tinham levantado para o escriba, não para mim. Quando entrei na sala e os olhares deles saltaram de mim para FitzVigilante, isso fez-me sentir um pouco melhor.

“Estou contente por ver tanta prontidão,” disse ele em jeito de cumprimento. Julguei detetar uma nota de consternação na sua voz. Estaria tão espantado como eu com a quantidade de crianças que se tinham reunido? Fez uma curta inspiração. “Chamar-me-eis Escriba Lante. Estou aqui para vos ensinar. A Dama Urtiga foi extremamente generosa por enviar um tutor para instruir as crianças da sua propriedade. Quero que todos estejais conscientes de quão rara é essa generosidade. Espero que vos mostreis adequadamente gratos exibindo um comportamento excelente e aplicando-vos com diligência aos vossos estudos. Começaremos de imediato. Que cada um de vós encontre um lugar e se sente. Creio que a minha primeira tarefa será determinar quanto já sabeis.”

Um banco fornecia lugares para quatro. Ulmeira e Lea rapidamente reclamaram dois desses lugares e os cuidadores de gansos ocuparam os outros. Táfi, outro rapaz grande e Perseverança sentaram-se na lareira, de costas voltadas para o fogo. Os outros olharam em volta e depois sentaram-se de pernas cruzadas no chão. Após um momento de indecisão, sentei-me na periferia do grupo, sobre o tapete, como eles. O jardineiro deitou-me uma olhadela, fez um sorriso tímido e depois afastou o olhar. Dois dos outros afastaram-se de mim. Ambos cheiravam levemente a ovelhas. O Escriba FitzVigilante dirigira-se a uma mesa de trabalho e ocupou uma cadeira que aí havia. “Vou ter de mandar buscar mais tabuinhas,” disse, meio a nós, meio a si próprio. “E pedir a Pândego para trazer mais bancos.”

Depois apontou para as crianças sentadas no banco. “Vou começar convosco. Por favor, venham cá, um de cada vez, e digam-me que aprendizagem já fizeram.” O olhar varreu a sala. “Tenho a certeza de que o resto pode esperar em silêncio enquanto faço isto.”

As crianças trocaram olhares. Ele não optara por falar comigo primeiro. Perguntei a mim própria se julgariam que já sabia tudo sobre mim ou se, tal como eu, saberiam que isso indicava que já me desaprovava. Eu tomara interiormente nota de que atribuíra a generosidade à Dama Urtiga e não ao meu pai, e que falava de vir ensinar as crianças da propriedade. Nenhuma menção a eu estar a partilhar com eles o meu tutor. Não. Ele agrupara-me com todos os outros estudantes. Como eu fizera, compreendi de súbito, quando ocupara um lugar no chão com os outros. Um erro. Como poderia corrigi-lo? E queria corrigi-lo?

Algumas das crianças instalaram-se imediatamente em posições mais confortáveis. Aquilo ia levar algum tempo. Táfi sentou-se, a franzir o sobrolho. Puxou pela faca de cinto e pôs-se a desbastar e a escarafunchar as unhas. Os filhos do jardineiro estavam a olhar em volta, assombrados. Perseverança mantinha-se tão atento como um cão, ao lado de uma mesa.

O Escriba Lante chamou primeiro por Ulmeira. Eu fechei as mãos no regaço, fitei o chão e pus-me à escuta com todo o meu poder. Ela sabia contar, claro, e fazer somas simples desde que não ultrapassassem em muito os dedos que tinha nas mãos. Não sabia nada sobre letras, leitura ou escrita,

exceto o nome. Era capaz de nomear todos os ducados em Cervo e sabia que Calcede era perigoso para nós. O resto da geografia era nebulosa para ela. Bem, eu sabia mais do que isso, mas não tanto que me sentisse segura de mim.

Lea tinha mais ou menos o mesmo nível de conhecimentos de Ulmeira, salvo ser capaz de reconhecer os nomes de algumas especiarias por ir buscar os recipientes às prateleiras. A tratadora de gansos chamava-se Hera. Não sabia ler nem escrever, mas ela e o irmão faziam jogos com aritmética para passar o tempo. O irmão chamava-se Abeto e era tão alto como o nome. Também ele não conhecia as letras mas estava claramente entusiasmado com a oportunidade de as aprender. Era tão rápido com os números como a irmã e o nosso escriba propôs-lhe problemas como “Estavam doze gansos na água e dezassete outros pousaram enquanto cinco levantavam voo. Depois saíram vinte e dois gansinhos dos caniços. Uma grande rã comeu um. Quantos gansos e gansinhos restam?” Abeto respondeu rapidamente à pergunta mas acrescentou, um pouco rosado nas bochechas, que nem todos os números tinham de ser sobre gansos. FitzVigilante elogiou a sua mente rápida e a sua vontade de aprender e chamou a si Perseverança.

Este levantou-se, de cabeça baixa, e respondeu respeitosamente que não sabia ler nem escrever. Sabia contar “bem o suficiente para fazer o meu trabalho”. Sugeriu que era desejo do pai que soubesse mais e acrescentou que respeitava a vontade do pai no que tocava a saber o que era melhor para ele. “Tal como eu,” concordou o escriba. Propôs ao moço de estrebaria alguns problemas aritméticos simples e eu vi os dedos de Perseverança a mover-se enquanto os usava para chegar à resposta. Tinha o topo das bochechas e das orelhas mais vermelhos do que quando o vento os beijava e uma vez, quando tropeçou, deitou um relance na minha direção. Eu fingi estar a endireitar a bainha da túnica.

Com os outros alunos, foi tudo muito semelhante. Reparei que a maior parte parecia ter herdado o nível de conhecimentos que os pais tinham. Aveilo, também dos estábulos, por vezes ajudava a trazer as provisões e a contá-las. Sabia ler um pouco e a mãe queria que aprendesse a ler melhor e

também a escrever para a poder ajudar mais nas suas tarefas. O filho do jardineiro, para minha surpresa, sabia escrever o seu nome e ler palavras simples, mas tinha pouca habilidade com os números. “Mas estou disposto a aprender,” disse, e “Então aprenderás,” respondeu o nosso tutor com um sorriso.

Quando Táfi foi chamado à mesa do escriba, levantou-se preguiçosamente e lá foi, a arrastar os pés. O meio sorriso na sua cara não escapou à atenção de FitzVigilante. O escriba ergueu os olhos para ele e disse: “Endireita-te, por favor. O teu nome?” E colocou a pena a postos sobre o papel.

“Táfi. O meu pai trabalha nas vinhas. A minha mãe vem às vezes ajudar as ovelhas a parir, quando não ‘tá ela a deitar fora um puto.” Olhou em volta para o resto de nós, com um sorrisinho, e acrescentou: “O pai diz que ela é mais feliz com uma barrigona ou com um puto nas tetas.”

“Ah, sim?” O nosso tutor manteve-se sereno. Como Táfi falara para todos ouvirem, perguntou em voz alta: “Sabes ler ou escrever, jovem?”

“Ná.”

“Presumo que quisesse dizer ‘Não, Escriba Lante.’ Tenho a certeza que te sairás melhor da próxima vez que te fizer uma pergunta. Sabes fazer contas? No papel ou de cabeça?”

Táfi passou a língua pelo lábio inferior. “Faço contas de não querer estar cá.”

“E no entanto aqui estás. E, visto que o teu pai o deseja, eu vou ensinar-te. Volta para o teu lugar.”

Táfi afastou-se a pavonear-se. Era a minha vez. Eu era a última. Levantei-me e fui pôr-me à frente da mesa do escriba. Ele ainda estava a tomar notas sobre Táfi. Os seus caracóis escuros formavam espirais perfeitas. Baixei o olhar para a sua letra. Era limpa e forte, mesmo de pernas para o ar. Escrevera “insolente e reticente” ao lado do nome de Táfi.

Ergueu o olhar para mim, e eu arranquei o olhar do papel para o cruzar com o dele. Os seus olhos eram de um suave tom de castanho, com pestanas muito compridas. Voltei a olhar apressadamente para baixo. “Bem, Dama Abelha, é agora a vossa vez.” Falou com suavidade. “É o maior desejo da

Dama Urtiga que aprendais a ler e a escrever, pelo menos um pouco. Ou tanto quanto fordes capaz. Achais que podeis tentar fazer isso, por ela?” O seu sorriso tentava ser gentil, mas era uma falsa gentileza.

Chocou-me e magoou-me que ele me tivesse falado de forma tão condescendente. Foi muito pior do que quando me fitara antes com tanto desdém pelas minhas fracas maneiras. Ergui um relance para ele e depois afastei o olhar. Não falei alto, mas tive o cuidado de formar todas as minhas palavras com toda a clareza de que fui capaz. Sabia que a minha fala continuava por vezes a ser confusa e abafada. Queria assegurar-me de que isso não aconteceria hoje. “Eu já sei ler e escrever, senhor. E consigo trabalhar de cabeça com números até vinte. Para além disso, se tiver paus de contar, consigo chegar à resposta correta. Normalmente. Mas não depressa. Conheço a geografia local e consigo localizar cada um dos ducados no mapa. Conheço *As Doze Ervas Curativas* e outras rimas de aprendizagem.” Este último facto fora uma dádiva da minha mãe. Reparara que nenhuma das crianças falara de rimas de aprendizagem ou de ditados.

O Escriba Lante dirigiu-me um olhar circunspeto como se suspeitasse que eu fizera alguma coisa. “Rimas de aprendizagem.”

Pigarreei. “Sim, senhor. Por exemplo, para a nêveda, a rima começa: ‘Se a plantas, o gato vai comer. Se semeias, o gato não vai saber.’ Portanto a primeira coisa a saber sobre essa erva é que se tentar começar com plantinhas pequeninas no jardim, o gato vai comê-las. Mas, semeando, a erva vai nascer, o gato não reparará tanto nela e as plantas conseguirão vicejar.”

Ele pigarreou. “É uma rimazinha inteligente, mas não é algo que possamos contar aqui como aprendizagem.”

Alguém soltou um risinho. Senti o sangue a subir-me à cara. Odiei a pele clara que mostrava tão claramente a minha humilhação. Desejei não ter escolhido a mais simples das rimas da minha mãe para partilhar. “Conheço outras, senhor, que talvez sejam mais úteis.”

Ele soltou um minúsculo suspiro e fechou os olhos por um momento. “Tenho a certeza que sim, Dama Abelha,” disse, como se não quisesse ferir-me os sentimentos com a minha ignorância. “Mas agora estou mais

interessado em ver a vossa escrita. Podeis fazer algumas letras nisto?” Empurrou para mim um bocado de papel e ofereceu-me um pouco de giz. Julgaria ele que eu não sabia o que era uma pena?

A minha humilhação transbordou em ira. Estendi a mão por cima da dele para pegar na sua pena de boa qualidade. Em traços cuidadosos, escrevi: “O meu nome é Abelha Texugo. Vivo na Propriedade de Floresta Mirrada. A minha irmã é a Dama Urtiga, Mestra do Talento de Sua Majestade, o Rei Respeitador dos Seis Ducados.” Levantei a pena, examinando criticamente o que escrevera, e depois virei o papel para ele o ler.

Ele vira-me escrever com mal escondida surpresa. Depois olhou para o papel por um momento, incrédulo. Depois devolveu-mo. “Escrevei o seguinte: ‘Hoje começo a ter aulas com o Escriba Lante.’”

Obedeci, mas devagar, pois descobri que não sabia bem como se escrevia “Lante.” Voltei a virar o papel para ele. A seguir empurrou na minha direção uma tabuinha de cera preta na qual estivera a escrever palavras. Nunca antes vira uma coisa daquelas e passei levemente com o dedo por cima da grossa camada de cera que cobria a tábua de madeira. Ele escrevera com um estilete, gravando as palavras na cera rápida e elegantemente.

“Então? Sabeis ler ou não?” As palavras eram um desafio. “Em voz alta, por favor,” acrescentou.

Fitei as palavras. Disse-as lentamente. “Fingir ignorância e incapacidade é um ludíbrio maldoso.” Voltei a olhar para ele, confusa.

“Concordais?”

Voltei a olhar para as palavras. “Não sei,” disse, perguntando a mim própria o que pretendia ele dizer com elas.

“Bem. Eu sei que *eu* concordaria. Dama Abelha, devíeis ter vergonha. A Dama Urtiga tem estado cheia de preocupação convosco, julgando-vos tanto simplória como quase muda. Tem sido uma agonia de preocupação com o modo como podereis sobreviver neste mundo, com quem poderia cuidar de vós quando fôsseis mais velha. E agora eu chego cá, julgando que a minha tarefa seria dar-vos uma instrução básica nas coisas mais simples, e encontro-vos inteiramente capaz de ler e escrever. E de ser bastante atrevida com uma dama que merece o vosso respeito. Portanto, Dama Abelha, o que

hei de pensar?”

Eu encontrara um pequeno nó na mesa de madeira. Fitei a voluta escura do grão na madeira e quis desaparecer. Era tudo demasiado complicado para lhe explicar. Tudo o que eu quisera fora não parecer estranha aos outros. Não tinha grandes hipóteses. Era demasiado pequena para a minha idade e demasiado inteligente para os anos que tinha. A primeira parte devia ser óbvia; expressar a segunda em voz alta far-me-ia parecer tão pretensiosa como ele me julgava mal-educada. Senti o calor subir-me à cara. Alguém falou atrás de mim.

“Pois, ela finge que é atrasada mental p’ra poder espiar as pessoas. Costumava seguir-me por todo o lado e depois meteu-me em sarilhos. Toda a gente sabe disso. Gosta de armar sarilhos.”

E agora o sangue abandonava a minha cara e eu senti-me tonta com a sua ausência. Mal consegui respirar. Virei-me para fitar Táfi. Tentei gritar “Isso não é verdade!” As palavras saíram como um sussurro entrecortado. Ele mostrava um sorriso de troça. Ulmeira e Lea acenavam em confirmação, com os olhos a cintilar. Os criadores de gansos continuavam a olhar, com os olhos repletos de assombro. O olhar de Perseverança raspou por mim e foi focar-se no céu cinzento enquadrado pela janela. As outras crianças limitaram-se a fitar-me. Ali não tinha aliados. Antes de ter tempo de me virar e olhar para FitzVigilante, ele ordenou-me severamente: “Sentai-vos. Agora sei onde começar as vossas lições.” Continuou a falar enquanto eu regressava ao meu lugar no chão. Os meus vizinhos deslizaram para longe de mim, como se a reprovção do tutor fosse contagiosa. Ele continuou a falar. “Temo bem que não esperava tantos alunos, e por isso não trouxe provisões suficientes. Tenho seis tabuinhas de cera e seis estiletos para escrever nelas. Vamos ter de os partilhar. Tenho papel, e de certeza que poderemos encontrar uma provisão de boas penas de ganso.” Aqui, os criadores de gansos sorriram e mexeram-se com contentamento.

“Mas não vamos usar penas, tinta e papel até os merecermos. Eu escrevi as letras em tamanho grande e de forma clara em papéis, e cada um de vós vai ficar com um deles para levar convosco. Quero que percorrais as letras todas as noites com os dedos. Hoje vamos treinar as formas de todas as

letras e os sons das primeiras cinco.” Deitou um olhar ao filho do jardineiro e acrescentou: “Como já és bastante capaz, Esporeiro, não te vou aborrecer com estes exercícios. Em vez disso, há aqui vários rolos e livros excelentes sobre jardinagem e plantas. Talvez queiras estudá-los enquanto eu trabalho com os outros.”

Esporeiro ficou radiante com o elogio e depressa se pôs em pé para aceitar um rolo sobre rosas. Era um que eu lera várias vezes, e reconheci que tinha vindo de uma das bibliotecas de Paciência. Cerrei os lábios com força. O meu pai talvez lhe tivesse dito que podia servir-se dos livros de Floresta Mirrada. Quando ele me entregou a folha com as letras, não protestei por também eu já conhecer as letras. Sabia que aquilo era um castigo. Ia ser obrigada a fazer exercícios aborrecidos e inúteis para demonstrar o seu desdém pela minha suposta “falsidade.”

Caminhou entre nós enquanto ia primeiro nomeando cada letra em voz alta e depois a repetia e traçava com um dedo. Depois de traçarmos todas as trinta e três, levou-nos de volta às primeiras cinco e perguntou quem se lembrava dos seus nomes. Quando não me voluntariei, perguntou-me se continuava a fingir ser ignorante. Não fora essa a minha intenção; eu tinha decidido aceitar o meu castigo em silêncio. Não o disse, limitando-me a olhar para os joelhos. Ele soltou um som gutural, um som de impaciência e desagrado comigo. Não ergui o olhar. Apontou para Abeto, que se lembrava de duas das letras. Lea sabia uma. Uma das crianças das ovelhas conhecia outra. Quando o escriba apontou para Táfi, ele fitou a página, franziu o sobrolho e depois anunciou: “Xixi!”, com uma troça muito séria. O nosso professor suspirou. Recomeçou a repetir cada uma das letras como a dissera e desta vez os resultados foram melhores quando chamou um dos criadores de gansos para recitar as letras.

Foi, julgo eu, a manhã mais comprida da minha vida. Quando ele finalmente nos libertou, mesmo antes do meio-dia, doíam-me as costas e as pernas de ter estado tanto tempo sentada sem me mexer. Acabara de desperdiçar uma manhã sem aprender nada. Não. Corrigi essa ideia enquanto me punha em pé sobre pernas hirtas e fazia um rolo com a minha folha de letras. Aprendera que Táfi, Lea e Ulmeira me odiariam sempre.

Aprendera que o meu professor me desprezava e estava mais interessado em punir-me do que em me ensinar. E por último, aprendera como os meus sentimentos podiam mudar depressa. A paixoneta por FitzVigilante, que nutrira e cultivara desde que o vira chegar, fora abruptamente substituída por outra coisa. Não era ódio. Havia demasiada tristeza misturada com esse sentimento para ser ódio. Não tinha uma palavra para ele. O que chamaria eu a um sentimento que me fazia querer nunca mais encontrar essa pessoa, em qualquer situação? De súbito apercebi-me de que não tinha nenhum apetite para um almoço à mesa com ele.

A entrada na despensa para o meu refúgio ficava demasiado próxima das cozinhas. Tinha a certeza de que tanto Ulmeira como Lea estariam lá, a semear mexericos sobre a aula da manhã e depois a servir à mesa. E o Escriba FitzVigilante estaria sentado à mesa. Não. Fui para o meu quarto e despojei-me das rendas de Cuidadosa. Ao pô-las de parte, refleti que ela tinha sido gentil para comigo. E Pândego também. De súbito ocorreu-me pensar no que poderia fazer para lhes mostrar que o apreciara. Bem, dentro de alguns dias o meu pai prometera levar-me ao mercado. Sabia que Cuidadosa admirara as minhas garrafinhas de perfume. Compraria uma para ela. E Pândego? Para ele não sabia bem. O meu pai talvez soubesse.

Pus de parte a túnica nova e as meias grossas e voltei a enfiar-me na túnica curta e nas meias velhas. A sentir-me muito mais eu mesma, introduzi-me no meu antigo quarto e, daí, no labirinto de túneis nas paredes. Desta vez orientei-me pelo tato, sem precisar de nenhuma luz. Quando cheguei ao meu refúgio, cheirou-me ao calor do gato adormecido. Toquei na sua forma descontraída, uma vez mais embrulhada no nosso manto. Depois passei por cima dele e abri caminho até ao verdadeiro gabinete do meu pai. Aí, surripiei uma vela, acendi-a na lareira e escolhi um pergaminho sobre Tomador Visionário, o primeiro Rei dos Seis Ducados. Estava escrito na letra do meu pai, sendo provavelmente uma cópia sua de algum texto mais velho. Perguntei a mim própria por que motivo ele o teria em cima da secretária. No meu covil, pus-me confortável com as minhas almofadas, a vela, a manta, o manto e um gato quente. Pensara apenas em partilhar o calor do manto; nunca me apercebera de quanto calor um gato

era capaz de gerar. Ficámos aí bastante confortáveis e, quando ele acordou, pareceu justo dar-lhe uma porção do pão duro e das salsichas que tinham sido o meu repasto do meio-dia.

Queijo?

“Não tenho nenhum aqui. Mas vou arranjar um pouco para nós. Estou surpreendida por te encontrar aqui. Fechei a porta da despensa da última vez que saíste.”

Esta toca está cheia de buracos. Onde uma ratazana pode entrar, um gato consegue segui-la.

“A sério?”

Normalmente. Há muitas entradas pequenas. E a caça aqui é boa. Ratos, ratazanas. Aves nas zonas mais elevadas.

Ele baixou-se e voltou a enfiar-se sob o manto, onde aconchegou o corpo contra o meu. Recomecei a ler, divertindo-me a tentar separar os elogios dos factos naquele relato sobre o meu velho antepassado. Tomador chegara, despachara os desgraçados dos selvagens que tinham tentado defender-se dele e dos seus homens e, ao longo da vida, fora transformando Torre do Cervo, que começara por construir como uma fortificação tosca de madeira, numa fortaleza de pedra. O castelo propriamente dito levava muitos anos a erguer, tendo sido construído principalmente com as pedras caídas que tão prevaletentes eram na zona. Muitas delas estavam disponíveis como blocos perfeitamente cortados.

O meu pai escrevera algumas notas entre as linhas dessa secção. Parecia interessar-lhe ser evidente que o Castelo de Torre do Cervo fora primeiro construído como um forte de madeira no topo dos alicerces de pedra das ruínas de uma fortificação mais antiga. O castelo fora reconstruído em pedra, mas ele escrevera várias questões sobre quem construíra o forte original de pedra trabalhada e o que fora feito dessas pessoas. E, a um lado, havia um pequeno desenho dos muros de pedra que julgava estarem em pé quando Tomador chegara originalmente. Estudei o desenho. Era claro que o meu pai acreditava que já lá existia bastante castelo e que Tomador só reconstruíra o que outras pessoas tinham derrubado.

O gato sentou-se um momento antes de eu tomar consciência de que o

meu pai estava no gabinete. Quando fechou as portas e depois abriu o trinco na dobradiça, o gato desapareceu numa mancha peluda. Peguei no manto, fiz com ele uma bola e enfiei-o atrás do armário. Não havia tempo para esconder o pergaminho que trouxera do seu gabinete antes de ele percorrer a passagem, dobrado sobre si próprio e trazendo a sua própria vela. Ergui o olhar para ele e ele sorriu-me. “Ora aqui estás tu!”, disse.

“Sim,” concordei.

Ele dobrou as pernas e, sem ser convidado, sentou-se no tapete a meu lado. Esperou um momento e, quando eu não disse nada, começou com: “Senti a tua falta ao meio-dia. Não vieste comer connosco.”

“Não tinha fome,” disse.

“Estou a ver.”

“E depois de uma longa manhã entre tanta gente, queria passar um bocado sozinha.”

Ele respondeu àquilo com um aceno e houve algo na posição da sua boca que me disse que compreendia essa necessidade. Bateu no pergaminho com a parte de trás do indicador. “E o que é isto que estás a ler?”

Enfrenta-o. “Trouxe-o do teu armário dos pergaminhos. É sobre Tomador Visionário e como ele construiu uma fortificação nas falésias por cima da Cidade de Torre do Cervo.”

“Hmm. Muito antes de haver uma Cidade de Torre do Cervo.”

“Então? A quem tinham pertencido as ruínas?”

Ele franziu a testa. “A minha suposição é que era uma fortificação dos Antigos. A pedra é a mesma usada nas pedras verticais que ficam lá perto, as Pedras Testemunha.”

“Mas os Antigos tinham todos os tipos de magia poderosa. Para que precisariam de um forte? Quem eram os inimigos deles? E quem destruiu o castelo da primeira vez?”

“Ora aí está uma ótima pergunta. Não foram muitas as pessoas que a fizeram e, tanto quanto eu saiba, ninguém lhe conseguiu responder.”

A conversa fez uma pausa e, para dizer alguma coisa, saiu-me um: “Um dia gostava de visitar o Castelo de Torre do Cervo.”

“Gostavas? Então visitarás.” Ele voltou a silenciar-se e depois falou

como se as palavras fossem dolorosas. “Hoje, o teu tutor falou da aula da manhã quando estávamos à mesa.”

Não disse nada. Absurdamente, desejei que o gato estivesse comigo.

O meu pai suspirou. “Elogiou os filhos do criador de gansos pelos seus conhecimentos aritméticos. E ficou muito contente por descobrir que Esporeiro sabe ler e escrever.”

Esperei. Ele tossicou e acrescentou: “A Dama Esquiva perguntou-lhe de que serviriam os números a uma criança que ia crescer para lidar com gansos. Ou o que poderia um jardineiro ler na terra ou nas folhas das plantas. Acha que não faz sentido educar os filhos dos criados.”

“Pândego sabe ler, escrever e fazer contas,” fiz eu notar. “A mamã costumava dar-lhe listas, ele levava dinheiro, comprava no mercado as coisas que ela queria e trazia as quantidades certas. Até uma criadora de gansos deve saber números suficientes para contar os ovos num ninho! E Esporeiro vai aprender muito quando ler os pergaminhos da Dama Paciência sobre plantas e jardinagem. A cozinheira Nozmoscada sabe ler e escrever e contar os sacos de farinha ou o peixe salgado de que precisa para o inverno.”

“O teu argumento é bom,” disse o meu pai com aprovação. “Muito semelhante ao que eu apresentei a Esquiva. Depois perguntei a Lante como tinhas estado nas tuas aulas.”

Lante. O meu pai chamava-lhe agora Lante, como se ele fosse meu primo. Baixei o olhar para os pés cobertos pela manta. Estavam mais quentes quando o gato lá estivera. E senti-me levemente nauseada, como se algo de terrível me tivesse caído no estômago, instalando-se aí.

“Não gostei do que ouvi,” disse o meu pai em voz baixa.

Não havia ninguém no mundo que me amasse. Engoli com força. As palavras saíram-me apertadas. “Eu não podia explicar.” Abanei violentamente a cabeça e senti lágrimas voar dos meus olhos. “Não. Ele não queria realmente que eu explicasse. Julgava que sabia o que era verdade e não queria estar errado.”

Abracei apertadamente os joelhos contra o peito, puxando-os com força, desejando poder quebrar as minhas próprias pernas. Desejando poder

destruir-me para conseguir escapar àqueles terríveis sentimentos.

“Eu pus-me do teu lado, claro,” disse o meu pai em voz baixa. “Repreendi-o por não me ter perguntado nada sobre o teu intelecto. Nem ter falado contigo antes de as aulas estarem para começar. Disse-lhe que se tinha enganado a si mesmo sobre ti; tu não lhe tinhas mentido. E disse-lhe que teria mais uma oportunidade para te instruir a um nível que se adeque ao que já aprendeste sozinha. E que, se não o fizesse, poderia continuar a dar instrução às outras crianças mas eu não permitiria que desperdiçasses o teu tempo. Que acharia um prazer instruir-te eu próprio em tudo o que pensasse que precisavas de saber.”

Proferiu aquelas palavras com tanta calma. Fitei-o, incapaz de respirar. Ele inclinou a cabeça para mim. O sorriso parecia abalado. “Imaginavas que eu poderia fazer outra coisa, Abelha?”

Tossi e depois atirei-me para cima das suas pernas. O meu pai apanhou-me e abraçou-me com força. Estava tão contido que não magoou. Mas, apesar disso, eu senti a ira que fervilhava nele como óleo quente dentro de uma panela tapada. Falou com um tal rosnido que me senti como se fosse o Pai-Lobo a falar dentro de mim. “Eu vou tomar sempre o teu partido, Abelha. Estejas certa ou errada. É por isso que deves ter sempre o cuidado de estares certa, para não fazeres do teu pai um tolo.”

Deslizei de cima dele e fitei-o, perguntando a mim própria se estaria a tentar transformar tudo aquilo numa piada. Os seus olhos escuros estavam sérios. Leu a minha dúvida. “Abelha, eu escolherei sempre acreditar primeiro em ti. Portanto, seres correta no que fazes é uma séria responsabilidade que tens. É esse o pacto que tem de existir entre nós.”

Nunca consegui suportar o olhar dele durante muito tempo. Afastei o meu, refletindo naquilo. Pensando nas coisas em que já o enganara. No manto. No gato. Na minha exploração dos túneis. Nas minhas leituras roubadas. Mas não me enganara já também ele? Falei em voz baixa. “Isso é recíproco? Se eu tomar sempre o teu partido, não acabo como uma tola?”

Ele não respondeu de imediato. De uma forma estranha, isso agradou-me, porque compreendi que queria dizer que estava a pensar bem na pergunta. Poderia prometer-me que eu podia acreditar sempre que ele estava a fazer o

correto? Pigarreou. “Farei o meu melhor, Abelha.”

“Então eu também,” concordei.

“Bom. Vais então jantar connosco?”

“Quando chegar o momento,” disse eu devagar.

“Pequena, tu estás aqui há horas. Suspeito que estão à nossa espera para o jantar.”

Aquilo era demasiado súbito. Cerrei os dentes por um momento e depois perguntei-lhe, honestamente: “Tem de ser? Não me sinto ainda pronta a enfrentá-los.”

Ele baixou o olhar para as mãos, e eu senti um terrível fosso a abrir-se-me na barriga. “Precisas de fazer isto, Abelha,” disse em voz baixa. “Quero que penses nas notícias que Enigma tem de levar à tua irmã. Não quero que Esquiva ou FitzVigilante te vejam como insegura ou desajeitada. Portanto, por mais nova que sejas, tens de te dominar, e aos teus sentimentos, e vir esta noite para a mesa. Eu compreendo, muito melhor do que possas imaginar, o que sentes por alguém que troçou de ti e te castigou quando devia estar a ensinar-te. Vai ser difícil acreditares nisto, mas não me parece que ele seja um homem inerentemente cruel. Acho que é só muito novo e tende a aceitar a palavra de outros antes de descobrir as coisas sozinho. Até me atrevo a esperar que se mostre digno da tua consideração e que vocês até possam vir a gostar da companhia um do outro. Embora acrescente que, neste momento, me é difícil fingir que gosto da companhia dele. Algo que suspeito que ele sabe.”

A voz dele caiu num rosnido grave naquelas últimas palavras e eu compreendi naquele momento que o meu pai estava profundamente zangado com FitzVigilante. Observaria as regras da sociedade, mas isso não mitigava a ativa antipatia que o escriba despertara nele. Olhei para as minhas mãos, pousadas fechadas no regaço. Se o meu pai podia fazê-lo, se ele conseguia conter a ira e tratar FitzVigilante de uma forma cortês, então eu talvez também conseguisse. Tentei imaginar-me sentada à mesa. Não tinha de ficar sentada de cabeça baixa como se fosse culpada. E também não tinha de o deixar saber quanto me tinha magoado. Podia ser filha do meu pai. Indiferente ao que ele fizera. Segura do meu valor. Ergui o queixo.

“Acho que talvez tenha fome, afinal.”

A refeição da noite não foi confortável para mim. Estava consciente de que tanto Esquiva como Lante me observavam, mas nunca fui boa a olhar ninguém nos olhos. Portanto olhei para o prato ou para trás do meu pai ou de Enigma. Não me encolhi quando Lea ou Ulmeira passaram perto da minha cadeira, mas também não aceitei nenhuma comida de nenhum prato que elas tenham trazido. Vi-as uma vez a revirar os olhos para os cantos para trocarem um relance ao passarem uma pela outra por trás de Enigma. As bochechas de Ulmeira ficaram muito rosadas e de súbito apercebi-me de que Enigma, por mais velho que fosse, ainda era um homem bonito. O certo é que Ulmeira se pôs muito perto da cadeira dele ao oferecer comida. E compreendi, enquanto sorria triunfantemente de mim para mim, que Enigma não lhe prestou mais atenção do que a uma mosca na parede.

Mantive-me em silêncio durante a primeira parte da refeição. O pai e Enigma estavam mais uma vez a conversar sobre a partida dele para Torre do Cervo. Esquiva e Lante submergiram na sua própria conversa em voz baixa, frequentemente intercalada por gargalhadas. Eu lera um poema sobre uma rapariga com “riso de prata” mas o de Esquiva soava-me como se alguém tivesse caído por uma longa escadaria com um cesto cheio de panelas baratas de estanho. O meu pai, depois de passar algum tempo em conversa com Enigma, virou-se para mim e disse: “Então, o que achaste de Tomador Visionário e da sua invasão desta terra?”

“Não tinha pensado nisso assim,” respondi. E era verdade que não pensara. E na expiração seguinte tive de perguntar: “Então quem estava cá antes de Tomador e os seus homens virem reivindicar para si a terra em volta da foz do Rio Cervo? O pergaminho diz que os ossos da velha fortaleza de pedra estavam desertos. As pessoas que estavam aqui a viver eram as mesmas que antes tinham lá tido uma fortificação? Disseste que pode ter sido originalmente construída por Antigos. Então seriam os Antigos quem ele combateu para tomar esta terra?”

“Bem. Eram principalmente pescadores, agricultores e pastores, creio eu. Dom Breu tentou encontrar mais textos escritos por essas pessoas, mas eles não parecem ter confiado as suas histórias a cartas e pergaminhos. Alguns

dos bardos dizem que as nossas canções mais antigas têm na verdade raízes nas canções deles. Mas não podemos realmente dizer ‘deles’ e ‘eles’ porque na realidade somos o produto de Tomador e dos seus invasores e das pessoas que já cá estavam.”

Teria ele sabido? Estaria a dar-me deliberadamente essa aberta? “Então nesses tempos as pessoas aprendiam coisas com canções? Ou poemas?”

“Claro. Os melhores menestrelis ainda recitam de memória as mais longas genealogias. Elas são também confiadas ao papel, claro, agora que o papel é mais abundante. Mas um menestrel aprende-as da boca do mestre, não de um papel.”

Enigma estava a escutar tão arrebatadamente como eu e, quando o pai fez uma pausa, saltou para a conversa. “Então aquela canção com que o Zar nos deliciou da última vez que o vi, uma canção muito antiga sobre Veto Pelprata, o amigo do dragão?” Os versos seguintes vieram-me à mente e saíram-me da boca antes de poder parar para pensar. “De preciosas coisas não tem ele fim. Uma pedra falante, um tambor brilhante, beijado por bicuende, parece que sim.”

“O que é ser ‘beijado por bicuende’?”, perguntou Enigma ao mesmo tempo que o meu pai dizia: “O Zar ficará orgulhoso por saber que te lembras tão bem da canção dele!” Depois virou-se para Enigma. “‘Beijado por bicuende’ quer dizer sortudo nas zonas mais distantes de Vara. Mas não sei se Pelprata é uma canção do Zar ou muito mais antiga.”

Esquiva interrompeu de repente. “Vós conheceis Zar Ditoso? Ouviste-lo cantar?” Parecia escandalizada. Ou furiosamente invejosa.

O meu pai sorriu. “Claro. Eu criei o Zar quando ele ficou órfão. E nunca me senti tão ditoso como quando ouvi dizer que tinha escolhido esse nome para si. Ditoso.” Voltou a virar-se para Enigma. “Mas estamos a afastar-nos muito da questão de Abelha. Enigma, quem achas tu que construiu originalmente um forte naquela falésia?”

Depressa estávamos os três a especular, com Enigma a fazer comentários sobre coisas em que reparara nas zonas mais baixas do Castelo de Torre do Cervo. Vira o que podiam ser runas, muito erodidas, na parede de uma masmorra. O meu pai falou das Pedras Testemunha e da tradição que havia

em Cervo de realizar lá combates, bem como casamentos. Agora que sabíamos que as Pedras Testemunha eram na realidade portais que os utilizadores de Talento bem treinados podiam usar para cobrir grandes distâncias com um só passo, a especulação sobre como elas tinham acabado por ser conhecidas como Pedras Testemunha dava que pensar.

Foi só quando a refeição chegou quase ao fim que me apercebi de que o meu pai conduzira a nossa conversa tão cuidadosamente como se fosse um contra-ataque contra uma fortificação. Ao falar com ele e com Enigma, eu esquecera-me por completo dos meus sentimentos magoados. Tomei consciência de que a conversa de FitzVigilante com Esquiva se desfizera e ele estava à escuta da nossa. Ela fazia em pedaços um bocado de pão, com a boca franzida de desagrado. Só tomei consciência de tudo aquilo quando o meu pai se mexeu na cadeira e disse descontraidamente: “Bem, Escriba Lante, e o que achais vós da teoria de Enigma? Alguma vez estivestes nas zonas inferiores do Castelo de Torre do Cervo?”

Ele deu um minúsculo salto, como se tivesse ficado desconcertado por ter sido apanhado à escuta. Mas recuperou e admitiu que, quando era mais novo, se aventurara a descer às entranhas da fortaleza com vários dos amigos. Fora um desafio mas, quando se aproximaram demasiado das celas que havia lá em baixo, um guarda mandara-os de volta com um severo aviso e ele nunca mais voltara a lá ir. “Era um sítio deprimente. Frio, escuro e húmido. Quando o guarda ameaçou pôr-nos numa cela e manter-nos lá até que alguém viesse à nossa procura, foi o maior susto da minha jovem vida. Desatámos todos a fugir. Oh, sem dúvida que há pessoas que merecem tal confinamento, mas nunca mais desejei vê-lo.”

“Sem dúvida,” disse o meu pai numa voz afável, mas o Pai-Lobo olhou pelos seus olhos por um momento e havia profundas centelhas de uma ira negra no olhar dele. Fitei-o. O Pai-Lobo vivia no meu outro pai? Aquilo era uma revelação para mim e eu pouco disse, passando o resto da noite a refletir sobre isso.

Quando a refeição terminou, o meu pai ofereceu-me o braço. Consegui não parecer surpreendida quando o aceitei e deixei que me guiasse até à sala de estar onde os homens beberam brande e Esquiva vinho tinto e, para

minha surpresa, havia na bandeja uma caneca de sidra temperada para mim. O meu pai reatou a nossa conversa sobre os Antigos e o Escriba Lante juntou-se-lhe. Fiquei surpreendida com a afabilidade dele; esperara que estivesse carrancudo ou sarcástico, pois o meu pai dissera-me que a repreensão que lhe dera antes fora bastante forte. Contudo, o escriba parecia ter aceitado o corretivo e até falou diretamente comigo por duas vezes de uma forma que não parecia nem condescendente nem trocista. Muito, muito devagar, decidi que ele aceitara o facto de ter estado errado na impressão que de mim tinha e no modo como me tratara, e que agora desejava compensar.

Vi que ele olhava para o meu pai quase com ansiedade, como se a aprovação dele fosse extremamente importante. *Tem medo dele*, pensei para comigo. E depois pensei em como era tola por não me ter apercebido de que o Escriba Lante estava muito vulnerável, não só por ter visto aquilo de que o meu pai era capaz quando era rapaz, mas também por depender da hospitalidade do meu pai para se manter escondido e em segurança. Se o meu pai o expulsasse, para onde poderia ir? Quanto tempo levaria a ser encontrado e morto? Os meus sentimentos ficaram muito dúbios. O aborrecimento nos olhos verdes de Esquiva por ele estar a prestar mais atenção ao meu pai e à conversa do que a ela era muito gratificante. Ao mesmo tempo, senti-me desconfortável por a sua má-educação para comigo ter acabado por o tornar subserviente como um cachorrinho para com o meu pai. Silenciei-me, a observar e a escutar mais do que a falar, e por fim pedi licença, dizendo que estava cansada.

Nessa noite fui para a cama no meu agradável quarto novo. Os meus pensamentos eram complicados e perturbadores. O sono demorou a chegar e, de manhã, lá estava de novo Cuidadosa a puxar por mim e a atarefar-se com o meu cabelo. Agradei-lhe pelo uso da renda mas declinei-a para aquele dia, dizendo temer que tinta e giz pudessem manchá-la. Acho que ela ficou aliviada por salvar o colarinho e os punhos de um desastre potencial como esse, mas sugeriu que, quando o meu pai me levasse ao mercado, eu devia comprar um pouco de renda que me agradasse para que a costureira me fizesse uns colarinhos e punhos meus. Concordei em voz

baixa, mas perguntei a mim mesma se o faria. Descobri que não sentia ser pessoa para usar rendas e brincos. A minha mãe gostara de coisas finas como essas e eu adorara o aspeto dela assim vestida. Mas sentia-me mais atraída para a imitação da roupa modesta e modos simples do meu pai.

Levei comigo o rolo com as letras quando descí para o pequeno-almoço. Pousei-o junto do meu prato, cumprimentei muito educadamente todos os que estavam à mesa e depois prestei atenção à comida. Apesar do apoio do meu pai, senti-me maldisposta quando pensei no período de aula que se aproximava. O meu pai podia ter convencido FitzVigilante de que eu não era uma atrasadinha mental enganadora e era possível que o meu tutor agora temesse tratar-me com desrespeito, mas isso de pouco me serviria com as outras crianças. Pedi licença para sair cedo da mesa e fui diretamente para a sala de aula.

Algumas das outras crianças já tinham chegado. Os criadores de gansos estavam lá, em pé, perto do filho do jardineiro. Esporeiro estava a apontar para as letras no pergaminho deles e a nomear cada uma. Perseverança esperava, vestido com uma libré de moço de estrebaria que lhe servia muito melhor e parecia quase nova. Não sabia bem se gostava tanto de o ver de verde e amarelo como gostara da roupa simples de couro que antes usara. Também ostentava um olho negro e um lábio inferior inchado. O seu aspeto, quando sorriu, foi hediondo e o lábio engrossado esticou dolorosamente. Mas foi o que fez quando me viu: sorriu. Abrandei quando caminhei na direção dele, completamente perplexa. Poderia ser assim tão simples? Fingir simplesmente que nunca tínhamos discutido; voltarmos simplesmente a tratar-nos um ao outro como nos tínhamos tratado antes? Não parecia possível. Mas eu estava determinada a tentar. Respondi-lhe ao sorriso e, por um instante, o dele alargou-se mais. Depois levou as costas da mão à boca magoada e estremeceu. Mas o sorriso permaneceu nos seus olhos.

“Perseverança,” cumprimentei quando cheguei a dois passos de distância.

“Dama Abelha,” respondeu ele gravemente, e chegou mesmo a esboçar uma vénia na minha direção como se eu fosse realmente uma senhora crescida. “Precisamente quem eu esperava encontrar antes de a aula

começar.”

“A sério?” Ergui as sobrancelhas para ele com ceticismo, tentando ocultar o quanto o coração se me animara ao ouvir as suas palavras. Um aliado. Tudo o que eu precisava naquela desgraçada sala de aula era de um aliado, e assim conseguiria aguentá-la.

“A sério. Porque me baralhei completamente com estas duas letras, e nem o meu pai nem a minha mãe conseguiram ajudar-me.” Falara em voz baixa enquanto desenrolava o rolo e eu não lhe perguntei porque não perguntara a Esporeiro. Era a mim que ele podia pedir ajuda sem embaraço. Tal como pudera ensinar-me a montar a cavalo. Sem trocarmos uma palavra sobre isso, afastámo-nos dos outros. Virámos as costas à parede e ambos desenrolámos os rolos das letras como se estivéssemos a compará-los.

Sussurrei os nomes das primeiras cinco letras e, igualmente baixo, Perseverança repetiu-os. Em surdina, acrescentou: “Parecem pegadas de galinha e têm nomes que não passam de sons. Quem é que se consegue lembrar de coisas tão inúteis?”

Nunca vira as letras a uma luz daquelas. Mas vira-as pelos olhos da minha mãe antes de nascer e vira-as pessoalmente quando estava ao seu colo, à noite, e ela me lia em voz alta. Quando refleti nas palavras de Perseverança, compreendi a sua frustração. Tentei arranjar-lhe conexões. “A primeira, vês?, faz o som que está no princípio do nome de Pândego e tem pernas compridas, tal como ele. E esta segunda, que faz o som no princípio de ‘água’ tem aqui uma ondinha, como água a correr por cima de uma pedra.” E assim nomeámos não só as primeiras cinco letras, mas dez. Estávamos tão absorvidos por este novo jogo de olhar para as letras que nenhum de nós teve consciência dos olhares das outras crianças até Ulmeira soltar um risinho muito maldoso. Ambos erguemos o olhar para a ver revirar os olhos para Lea. E ali, a percorrer o corredor na nossa direção, estava o nosso professor.

Ao passar por mim, observou em voz alegre: “Vós, Dama Abelha, não tendes necessidade disso!”, e arrancou o rolo das letras dos meus dedos sobressaltados. Antes de eu conseguir reagir, chamou-nos a todos para nos reunirmos na sala de aula. Entrámos, voltando todos a ocupar o mesmo

lugar do dia anterior. Ele estava muito mais ativo do que estivera na véspera. Organizou-nos em grupos, juntando crianças de idades semelhantes com uma tabuinha de cera. Mandou-me, com Esporeiro, para outro canto da sala. Deu-nos um rolo sobre a geografia e colheitas de cada um dos Seis Ducados, bem como um mapa, e disse-nos para nos familiarizarmos com eles. Sorriu-nos a ambos enquanto nos instruía e a expressão pareceu sincera. Agora que sabia que o medo era a fonte da sua consideração gentil, senti vergonha pelos dois. Depois, ele olhou em volta, aborrecido, e perguntou: “Onde está o Táfi? Não vou tolerar atrasos!”

O silêncio manteve-se entre as crianças. Várias trocaram olhares e tomei consciência de que havia um segredo que eu não conhecia. Perseverança estava concentrado na tabuinha dele. Observei-o enquanto ele copiava cuidadosamente uma letra.

“Então?”, perguntou-nos o Escriba FitzVigilante. “Ninguém sabe onde ele está?”

““Tá em casa,” disse Ulmeira.

Um dos rapazes que cheiravam a ovelhas disse em voz baixa: ““Tá-se a sentir mal. Hoje não vem.” Deitou uma olhadela a Perseverança. Um ligeiríssimo sorriso esticou o lábio inchado do moço de estrebaria. Pareceu estar muito concentrado no rolo das letras.

FitzVigilante expirou pelo nariz. O dia ainda mal começara mas já soava cansado quando disse: “Crianças, eu fui encarregue de vos ensinar. Não foi a minha primeira escolha para o que fazer com os dias da minha vida, mas isso foi-me dado como um dever e vou cumpri-lo. Louvo as vossas famílias por compreenderem a sabedoria de vos enviarem para cá. Estou bem consciente de que vários de vós preferiam estar noutro sítio. Táfi deixou claro ontem que via as nossas aulas como um desperdício do seu tempo. Hoje finge estar doente para me evitar. Pois bem, não vou tolerar tais simulações!”

Várias das crianças trocaram olhares confusos com a palavra desconhecida, mas Perseverança nem ergueu o olhar da letra quando disse baixinho: “O Táfi não ‘tá a fingir.” Conseguiriam todos ouvir a satisfação na voz dele ou seria só eu? Fitei-o, mas ele não ergueu o olhar para o cruzar

com o meu.

O nosso escriba falou. Havia condenação na sua voz. “E será que os teus punhos tiveram alguma coisa a ver com ele se estar ‘a sentir mal’?”

Perseverança levantou o olhar. Cruzou-o com o do escriba. Eu sabia que ele só tinha mais alguns anos do que eu, mas soou como um homem quando disse: “Senhor, os meus punhos não tiveram nenhuma ação até a boca dele ter dito coisas falsas sobre a minha irmã. Depois fiz o que qualquer homem faz quando a família é insultada.” Olhava para FitzVigilante. A testa de Perseverança estava lisa e o olhar aberto. Não havia nele nenhuma culpa pelo que fizera, só honradez.

Um silêncio perdurou na sala de aula. Os meus sentimentos estavam contraditórios. Eu nem sequer sabia que Perseverança tinha uma irmã. Ela não estava ali, portanto era muito mais nova do que ele, ou muito mais velha. Ou talvez os pais não achassem que uma rapariga precisava de ler e escrever. Alguns eram assim, mesmo em Cervo.

Nenhum deles afastou o olhar, mas foi o escriba a falar primeiro. “Voltemos à nossa aula.”

Perseverança baixou imediatamente os olhos para a tabuinha de cera e começou a traçar cuidadosamente a letra que lá gravara. Eu falei em surdina, uma frase que tinha ouvido num sonho sobre um jovem touro. “De cornos ainda não crescidos, ele balança a cabeça num aviso e todos lhe prestam atenção.”

CAPÍTULO 27

UMA E OUTRA VEZ

Floresta Mirrada é um festim de perfeição em todas as estações. No verão, nas colinas arredondadas das terras altas da propriedade, os carvalhos dão uma sombra agradável, enquanto, perto do ribeiro, os salgueiros retorcidos que dão o nome ao lugar fazem cair uma suave chuvinha que é refrescante. Árvores para trepar e um ribeiro onde pescar. Que mais pode desejar um rapaz? No outono qualquer criança ficaria feliz por apanhar bolotas na floresta de carvalhos ou por se servir de uvas maduras apanhadas nas nossas vinhas. No inverno? Profundos montes de folhas caídas dão lugar a ladeiras de neve, perfeitas para escorregar, e uma lareira num salão que suplica que o Festival de Inverno seja celebrado não durante uma noite, mas durante um mês inteiro. A primavera traz novos cordeiros a cabriolar pelas colinas, e gatinhos e cachorros nos estábulos.

Eu sei, eu sei que o rapaz seria aqui feliz. Sei que conseguiria conquistar-lhe o coração e torná-lo meu. Fui tão tola por ficar magoada e amarga quando ouvi falar dele. Concebido anos antes de Cavalaria me ter feito sua, como pude censurá-lo por ser infiel a uma mulher que não tinha? Mas foi o que fiz. Pois desejava, tão desesperadamente, o que um acidente tinha concedido a uma mulher que não o queria, à criança, ao herdeiro que teria sido o meu tesouro. Supliquei-lhe que mandasse vir o rapaz, cheguei mesmo a ajoelhar, mas ele recusa. “Ele não estaria em segurança aqui,” diz-me. “Onde poderá estar mais seguro do que sob o teto do seu pai, protegido pelo braço da espada do pai?”, pergunto-lhe eu. Foi a única discussão séria que já tivemos. Ele é taxativo.

Diário privado da Dama Paciência, descoberto atrás de uma pilha de
vasos

a noite anterior a irmos visitar o mercado, fui para a cama com antecipação.

A princípio o sono fugiu-me e depois chegou com uma saraivada de sonhos. **N**Alguns aproximaram-se do pesadelo, outros foram tão intensos que lutei desesperadamente por me livrar deles. Mas não parecia ser capaz de despertar por completo. O meu quarto parecia cheio de um denso nevoeiro e, sempre que eu julgava ter acordado, formavam-se imagens que me puxavam de volta para um sonho.

Quando a manhã chegou, continuava cansada. O mundo parecia enevoadado e eu não estava convencida de não estar ainda a sonhar. Cuidadosa estava lá, a insistir que tinha de me levantar. Abanou-me as mantas para deixar o ar frio entrar na cama e depois sentou-me num banco à frente da lareira. Eu mal conseguia manter a cabeça erguida. Não resisti enquanto ela fazia passar uma escova pelo meu emaranhado de caracóis em crescimento. “Hoje não quereis mandriar, senhorinha! Oh, como vos invejo por irdes ao mercado comprar lindas coisas novas! Foi o que vosso pai disse a Pândego, e este fez uma listinha para vos dar. Aqui está ela! É um homem letrado, o nosso mordomo, coisa que lamento dizer que não sou, mas ele disse-me o que está aqui escrito. Pândego diz que precisais de botas e sapatos, luvas tanto de lã como de couro, meias de lã em pelo menos três cores, e atreveu-se a sugerir uma costureira na vila, uma costureira que sabe como fazer os vestidinhos que as raparigas usam hoje, em vez dos vossos justilhos e túnicas! Como se fôsseis um rapaz! Não sei o que anda o vosso pai a pensar! Não é para o criticar, claro. Pobre homem, sem mulher para lhe dizer estas coisas!”

Eu mal ouvi as palavras dela. Sentia-me embotada e estupidificada. Cuidadosa puxou-me e afadigou-se com o meu cabelo, tentando desesperadamente fazer com que parecesse mais comprido e feminino. Já havia o suficiente para ter alguma cor e, pelo menos, já não deixava ver o couro cabeludo por baixo. Cuidadosa vestiu-me com pouca ajuda minha. Eu tentei, mas os meus dedos eram gordas e sonolentas salsichas e a minha cabeça um grande peso sobre os ombros. A túnica fê-la suspirar, mas o calor dela por cima da camisa de linho deixou-me contente. Quando me deixou tão embonecada como foi capaz com tela tão insípida, mandou-me pequeno-almoçar prevenindo-me que devia divertir-me e pensar nela se as

mesas de bugigangas já estivessem montadas para o Festival de Inverno.

O Festival de Inverno! Despertei ligeiramente ao pensar nisso. Mal pensara nessa festa, mas ela tinha razão, estava quase a chegar. Nas minhas recordações, era uma altura quente e festiva em Floresta Mirrada. Havia menestréis e bonecreiros e imensos lenhos a arder na lareira e sal marinho para atirar à madeira a arder para fazer as chamas saltar em várias cores. Na véspera do Festival de Inverno, a minha mãe descia sempre para jantar com uma coroa de azevinho na cabeça. Uma vez tinha deixado um bastão de inverno encostado à cadeira do meu pai. Era tão alto como ele e estava decorado com fitas e, por qualquer motivo, isso fizera todos os criados rir desalmadamente e o meu pai ficar muito escarlate. Nunca entendera a piada, só sabia que era um lembrete de algo especial que os dois tinham partilhado. Nessa, entre todas as noites, eles sempre tinham brilhado de amor, e parecia-me que voltavam a ser apenas um rapaz e uma rapariga.

Por isso fiz os possíveis por me animar, pois sabia que aquele ano devia ser um triste lembrete para o meu pai. Tentei banir os meus estranhos sonhos e mostrar-me alegre ao pequeno-almoço de papas com salsichas, bagas secas e chá quente. Quando Enigma chegou e o meu pai o convidou para se juntar a nós, antecipei um dia bom. Mas depois Enigma fez-nos lembrar a ambos de que aquele seria o dia em que daria início à viagem para Torre do Cervo.

“Podes ir connosco até Margem de Carvalhos,” pediu-lhe o meu pai. “Fica-te de caminho e podemos comer juntos lá na taberna antes de partires para o resto da viagem. Ouvi dizer que os mercadores já devem ter começado a exhibir a mercadoria para o Festival de Inverno. Talvez eu e Abelha consigamos encontrar algumas coisinhas para enviar à irmã dela.”

Era o isco perfeito para Enigma. Quase consegui vê-lo a pensar que também podia escolher um ou dois presentes para ela. No Festival de Inverno era frequente os namorados trocarem lembranças para o ano seguinte. Ele querer arranjar um presente para a minha irmã agradou-me. Isso queria dizer que Esquiva não tinha nenhum controlo real sobre ele. Estava a pensar em alguma coisa verde para ela, um lenço verde ou luvas verdes para as suas lindas mãozinhas. Quase conseguia imaginar calçar-lhe

as mãos com elas. Pestanejei. Não sabia que a cor favorita da minha irmã era o verde. Enigma dirigiu um aceno ao meu pai e depois disse: “Com certeza que posso atrasar-me um bocado para isso, desde que parta a tempo para chegar a Capim Lenhoso antes de anoitecer. Não tenho vontade nenhuma de dormir ao relento durante um nevão.”

“Está a nevar?”, perguntei, estupidamente. A minha voz soou entaramelada, mesmo a mim. Tentei fazer a minha mente errante regressar à conversa que estava a desenrolar-se à mesa.

Enigma fitava-me com um ar bondoso, como se julgasse que eu temia que a viagem pudesse ser cancelada. “É uma nevezinha ligeira. Nada que nos deva dissuadir das nossas incumbências.”

Tentei agarrar a conversa. “Eu gosto de neve,” disse baixinho. “Torna tudo novo. Andamos por onde nunca ninguém andou quando caminhamos na neve acabada de cair.”

Ambos me fitaram. Tentei sorrir, mas os meus lábios alargaram-se demasiado. Subia vapor da chaleira. Enrolava-se enquanto subia, retorcendo-se sobre si próprio, voltando a tornar-se ele mesmo sob uma nova forma. Ondulando como uma serpente no mar ou um dragão em voo. Tentei segui-lo enquanto dispersava.

“Ela tem umas ideias tão cativantes,” disse Enigma à distância. Despejou chá na minha chávena. Observei o mel a girar da colher para dentro da chávena e depois mexi-o e o chá e o mel rodopiaram enquanto se fundiam num só. Deixei a mente rodopiar com ele. Os homens conversaram e eu limitei-me a existir durante algum tempo.

“Veste roupa quente, Abelha,” disse o meu pai. Pestanejei. Os pratos deles estavam vazios. Lembrei-me de que íamos cavalgar pela neve até Margem de Carvalhos. O mercado. O Festival de Inverno. Hoje, o meu pai e Enigma iriam ver-me montar *Afetada*. De súbito desejei que Perseverança viesse connosco. Atrever-me-ia a pedir um favor tão estranho?

Estava a ponto de me levantar quando Esquiva e FitzVigilante se nos juntaram como dois tornados. O escriba pareceu espantado por ver os nossos pratos vazios. “Estamos atrasados?”, perguntou, surpreendido, e eu compreendi que o meu pai me chamara cedo para o pequeno-almoço. Sorriu

a ambos e disse animadamente: “Não, nós é que nos adiantámos. Desfrutai da refeição e de um dia de descanso. Hoje vamos ao mercado. Voltamos a ver-nos perto do pôr do sol.”

“O mercado! Que sorte! Estava com receio de passar um dia aborrecido. Vou comer depressa e já vou ter convosco.” Esquiva ficou absolutamente radiante com a ideia.

E como se os pensamentos dela fossem contagiosos, o escriba fez eco dela: “E eu também, se puder! Confesso que, na pressa com que fiz as malas, me esqueci de trazer tantas coisas quentes como ficaria feliz por ter aqui. E pergunto a mim mesmo se o mercado terá tabuinhas de cera. À medida que os meus alunos progredirem, gostaria que todos passassem a ter a sua para fazerem o seu próprio trabalho.”

O coração caiu-me aos pés. Aquele era o nosso dia, o dia que me fora prometido. Certamente que o meu pai o defenderia. Ele olhou para mim mas eu baixei os olhos. Passado um momento, falou. “Claro. Se quiserdes, suponho que podemos atrasar-nos um pouco.”

Atrasámo-nos a manhã inteira. Esquiva comportou-se como se tivesse acabado por acaso de ouvir falar da nossa expedição, mas eu tinha a certeza que a conhecia por intermédio de mexericos dos criados e só decidira fazer-se convidada daquela forma extemporânea. Para começar, chegara ao pequeno-almoço vestida como se fosse um prato para uma mesa de festa. Isso não queria dizer que ficaria pronta a partir depressa. Não. Tinha de se debater com o cabelo e torcê-lo, e experimentar uma dúzia de pares de brincos, e repreender a aia por não ter um certo casaco consertado e pronto para ela usar. Soube estas coisas porque ela deixou a porta dos aposentos aberta e o som do seu estridente descontentamento projetou-se bem pelo corredor até ao meu quarto. Voltei a deitar-me na cama à espera do anúncio de que ela estava pronta e adormeci. Caí imediatamente nos meus sonos discordantes e, quando o meu pai veio à minha procura, senti-me desligada e estranha enquanto procurava os agasalhos e depois o seguia até à pesada carruagem que agora nos transportaria até à vila, pois a Dama Esquiva escolhera saias que certamente ficariam arruinadas se fosse a cavalo.

O meu pai afastou um carroceiro com um gesto de mão e subiu para

tomar ele mesmo as rédeas antes de indicar por gestos que eu me devia juntar a ele no banco. O cavalo de Enigma e o seu bem carregado animal de carga estavam amarrados à parte de trás da carruagem e seguir-nos-iam. Ele subiu para junto de nós. Portanto pelo menos tive a novidade de viajar ao lado do meu pai e de o ver conduzir a parelha, sem ter de ouvir a tagarelice enfadonha de Esquiva. Deitei uma olhadela ao estábulo a tempo de ver Perseverança trazer a *Afetada* para fora, por uma arreata de exercício. Ele acenou-me e eu baixei a cabeça em resposta. Tínhamos conseguido arranjar tempo para exatamente uma aula de equitação desde o início das nossas outras aulas. Eu estivera ansiosa por deixar hoje o meu pai orgulhoso com as minhas técnicas equestres. Podia-se contar com Esquiva para estragar isso!

Mas, apesar de tudo, gostei da viagem à vila. FitzVigilante e Esquiva estavam enfiados na parte de trás da carruagem com um monte de almofadas, cobertores para as pernas e mantas. Ouvi-a a contar-lhe uma história qualquer sobre uma grandiosa carruagem que a avó possuía, toda ela couro e cortinados de veludo. Eu estava quentinha entre o meu pai e Enigma. Eles conversaram por cima da minha cabeça sobre assuntos aborrecidos e masculinos. Eu observei a neve que caía e os cavalos a sacudir as crinas, e escutei a música da carruagem rangente e dos cascos dos animais. Mergulhei numa espécie de sonho acordado relativo a uma luz suave que brilhava sobre nós vinda da neve que caía e nos atraía sem parar. Só despertei do sonho quando nos aproximámos da vila franca. Primeiro, a floresta deu lugar a campos abertos intercalados por pequenos aglomerados de casas de campo. Depois, começámos a ver mais casas em propriedades mais pequenas e, por fim, chegámos à vila propriamente dita, com todos os mercadores, boas casas e estalagens aglomeradas em volta de uma praça aberta. E por cima de tudo, uma reluzente bruma perlada deu-me vontade de esfregar os olhos. A neve que caía difundia a luz de inverno de tal forma que fazia com que me parecesse vir tanto do chão coberto de neve como do céu. Senti que me estava a deixar ir. Era uma sensação tão maravilhosa. Tinha o nariz e as bochechas geladas, bem como as mãos, mas o resto de mim estava quente, encurralado entre os dois homens e as suas vozes

profundas e alegres. Havia grinaldas e lanternas montadas no topo de mastros para o Festival de Inverno que se aproximava, e o vestuário brilhante dos mercadores e das pessoas que vagueavam por entre as lojas somava-se ao ar festivo. Grinaldas verdes envolviam portas e janelas, alegradas por ramos que estariam nus se não fossem as bagas vermelhas, as pinhas castanhas ou as bagas brancas a eles presas. Os estabelecimentos mais prósperos tinham minúsculas campainhas atadas às frondes de cedro, que retiniam baixinho com o vento.

O meu pai fez parar os cavalos perto de um estábulo e atirou uma moeda a um rapaz para cuidar da nossa parelha. Segurou-me para me fazer descer depois dele, enquanto Esquiva e FitzVigilante desciam com dificuldade da parte de trás da carruagem. O meu pai pegou-me na mão, exclamando por a sentir tão fria. Ele tinha a mão quente e as muralhas suficientemente subidas para eu conseguir aguentar o toque de pele com pele. Ergui para ele um sorriso. A neve estava a cair e luz rodeava-nos.

Dirigimo-nos ao terreiro da vila. Margem de Carvalhos tinha três grandes carvalhos no centro do seu terreiro, bem como jovens azevinhos, cujas folhas espinhosas e bagas tinham acabado de ser podadas. Nos espaços abertos do terreiro parecia ter brotado uma nova vila. Vendedores ambulantes e latoeiros tinham estacionado as carroças e vendiam painéis penduradas em fileiras, apitos e pulseiras em bandejas e maçãs e frutos secos em cestos de oito galões. Havia tanto por onde escolher que não conseguíamos olhar para tudo. Passámos por pessoas vestidas de peles e com mantos de cores vivas. Tantas pessoas e eu não conhecia nenhuma! Era tão diferente de Floresta Mirrada. Algumas das raparigas usavam coroas de azevinho. O Festival de Inverno seria só daí a dois dias, mas havia grinaldas e música e um homem a cozinhar e a vender castanhas quentes. “Castanha, castanha, quente e bela! Castanha, castanha, a saltar na panela!”

O meu pai encheu a luva com castanhas para mim. Cingi-a com um braço e afastei as reluzentes cascas castanhas dos miolos untuosos. “As minhas preferidas!”, disse-me Enigma enquanto roubava uma. Ele caminhava a meu lado, a falar sobre os Festivais de Inverno de que se lembrava da infância passada numa pequena vila. Julgo que comeu tantas castanhas

como eu. Passaram por nós duas jovens aos risinhos, com coroas de azevinho nas cabeças. Sorriam-lhe e ele respondeu aos sorrisos mas abanou a cabeça. Elas soltaram gargalhadas, deram as mãos e correram para o meio da multidão.

Começámos por parar num seleiro, onde o meu pai pareceu desencorajado por ouvir dizer que a sua nova sela ainda não estava pronta. Foi só quando o homem veio medir o comprimento das minhas pernas e depois abanou a cabeça e disse que teria de ajustar o trabalho feito que eu percebi que a sela era para mim e para a *Afetadinha*. Mostrou-me as abas, com uma abelha gravada em cada uma. Fitei aquilo, surpreendida, e julgo que isso deixou o meu pai tão feliz como se a sela tivesse estado pronta. Prometeu que voltaríamos na semana seguinte, com o cavalo, e eu mal consegui compreendê-lo. Não fui capaz de dizer palavra até estarmos no exterior. Depois Enigma perguntou-me o que eu tinha achado das abelhas e eu disse honestamente que eram muito bonitas mas preferia ter um cervo em carga. O meu pai pareceu espantado e Enigma soltou uma gargalhada tão sonora que as pessoas se viraram para nos fitar.

Parámos em várias lojas. O meu pai comprou-me um cinto de couro manchado de vermelho e com gravuras de flores e uma pulseira com penduricalhos florais esculpidos em chifre e um bolinho cheio de passas e frutos secos. Comprámos numa loja três bolas de sabão branco perfumado com glicínia e uma com hortelã-pimenta. Muito baixinho, disse ao meu pai que queria levar qualquer coisa para Cuidadosa e para Pândego. Ele pareceu ficar contente com isso. Encontrou botões em formato de bolotas e perguntou se Cuidadosa gostaria deles. Eu não sabia bem, mas ele comprou-os. Pândego foi muito mais difícil mas, quando vi uma mulher a vender lenços de bolso bordados e tingidos de amarelo-açafrão, verde-claro e azul-celeste, perguntei se podia comprar-lhe um de cada. O meu pai ficou surpreendido por eu ter tanta certeza de que ele ficaria contente com um presente como aquele, mas eu não tinha dúvida nenhuma. Desejei ter a coragem para lhe pedir que comprasse um pequeno presente para Perseverança mas acanhei-me até de dizer ao meu pai o seu nome.

Um rapaz tinha uma bandeja cheia de minúsculas conchas. Algumas

tinham sido furadas para servirem de contas. Demorei-me muito tempo, a fitá-las. Algumas eram cones retorcidos, outras minúsculas colherinhas com bordas recortadas. “Abelha,” acabou por dizer o meu pai. “São só conchas comuns; qualquer praia está cheia delas.”

“Eu nunca vi o oceano nem andei por uma praia,” fiz-lhe lembrar. E enquanto ele refletia naquilo, Enigma agarrou à mancheia numa pilha de conchas e afunilou-as para as minhas mãos postas em taça.

“Para ficares com elas até poderes passear por uma praia com a tua irmã e apanhares todas as que quiseses,” disse-me. Depois, ambos se riram do meu deleite e continuámos a vaguear. Numa barraca construída apressadamente, o meu pai comprou-me um saco para o mercado parecido ao que a minha mãe costumava usar. Fora tecido com palha amarela viva, e tinha uma alça resistente que me passava pelo ombro. Pousei-o no chão e pusemos cuidadosamente lá dentro tudo o que tínhamos comprado. O meu pai quis transportá-lo por mim, mas eu estava feliz por sentir o peso dos meus tesouros.

Quando chegámos a uma pequena praça de mercado cheia de vendas de mercadores e latoeiros, o meu pai deu-me seis cobres e disse que podia gastá-los como quisesse. Comprei a Cuidadosa um colar de reluzentes contas pretas e um longo bocado de renda azul: tinha a certeza de que ela se deliciaria com aqueles presentes. Para mim, comprei renda verde em quantidade suficiente para um colarinho e uns punhos, principalmente por saber que Cuidadosa ficaria agradada por ver que eu fizera o que ela sugerira. E por fim comprei uma pequena bolsa porta-moedas para pendurar no meu cinto. Pus na bolsa os últimos dois cobres e o meio cobre que o vendedor me tinha devolvido e senti-me muito crescida. Na rua, uns quantos homens levantaram-se e puseram-se a cantar, misturando as vozes, mesmo ali no meio da neve que caía. Um gordo estava sentado no pequeno espaço entre os edifícios, rodeado por uma luz tão brilhante que a maior parte das pessoas mal conseguia suportá-la e afastava dele o olhar ao passar. Vi um homem a fazer malabarismo com batatas e uma rapariga com três corvos amestrados que faziam truques com aros.

As ruas estavam movimentadas para um dia tão gélido. Numa viela entre

dois edifícios, um bonecreiro ambicioso e os aprendizes montavam uma tenda para espetáculos. Passámos por três músicos, com bochechas vermelhas e narizes ainda mais vermelhos, que tocavam juntos flautas de cana ao abrigo de um dos pinheiros da praça. A neve começou a cair com força, em grandes aglomerados penugentos de flocos. Cobriu os ombros do meu pai. Três pedintes passaram por nós a coxear, com o ar mais miserável que se poderia imaginar. Enigma deu um cobre a cada um e eles desejaram-lhe felicidades em vozes rachadas pelo frio. Eu fitei-os enquanto se afastavam e depois senti o meu olhar a ser atraído para um mendigo patético e solitário acampado à porta de uma loja de chás e especiarias. Abracei-me e estremeci ao ver o seu olhar cego.

“Tens frio?”, perguntou-me o meu pai. Apercebi-me de que tínhamos parado e eu ouvira a sua voz interrogativa. Teria eu frio? Procurei as palavras.

“O frio vem do coração, em vagas de sangue vermelho,” ouvi-me dizer. E tinha frio. Olhei para os meus dedos. Estavam brancos. Tão brancos como os olhos do mendigo. Tê-los-ia ele fitado e tornado brancos? Não. Não me podia ver se eu não olhasse para ele. Olhei para o meu pai. Parecia mover-se para longe de mim sem se mover. Tudo se tinha afastado de mim. Porquê? Seria eu um perigo para eles? Tentei alcançar a mão do meu pai. Ele estendeu a mão para a minha, mas não creio que nos tenhamos tocado. Senti os olhos de Enigma postos em mim mas não consegui olhá-lo nos olhos. Ele estava a olhar para mim mas eu não estava no lugar para onde ele estava a olhar. Passou-se algum tempo, curto ou longo, e depois, de súbito, com um sacão, o mundo recomeçou a movimentar-se à minha volta. Ouvi os sons do mercado, senti o cheiro do cavalo e da carroça que passaram por nós na rua. Apertei com força os dedos do meu pai.

O meu pai falou apressadamente como que para nos distrair um do outro. “Ela só tem frio. Nada mais. Devíamos ir à loja do sapateiro arranjar-lhe umas botas! E depois, Abelha, vamos comprar-te um lenço quente para usares. Enigma, precisas de partir em breve?”

“Acho que vou ficar mais um pouco,” disse ele em voz baixa. “Talvez até passe a noite na estalagem. O nevão está forte; o tempo não é o melhor para

começar uma viagem.”

“Pergunto a mim próprio para onde foram Esquiva e FitzVigilante.” O meu pai olhou em volta, como se estivesse preocupado. Apercebi-me de que esperava que Enigma se oferecesse para ir à procura deles. Estava preocupado comigo e queria que estivéssemos sós.

Enigma não mordeu o isco. “Esses dois pareceram bem contentes por estar na companhia um do outro. Talvez devêssemos levar Abelha para algum lado e arranjar-lhe qualquer coisa quente para beber.”

“Depois do sapateiro,” respondeu obstinadamente o meu pai. Baixou-se de repente e pegou-me ao colo.

“Papá?”, objetei, contorcendo-me para tentar libertar-me.

“As minhas pernas são mais compridas. E as tuas botas estão a deixar a neve entrar. Deixa-me levar-te ao colo até chegarmos à loja do sapateiro.” Apertou-me com força contra o peito e apertou ainda com mais força os seus pensamentos. Passámos por um homem encostado à esquina de um edifício. Ele olhou para mim com olhos que estavam todos errados. O gordo na viela perto dele apontou para mim e sorriu. Um nevoeiro reluzente encapelava-se à sua volta. As pessoas que passavam pela entrada da viela abrandavam e faziam expressões confusas. Depois estugavam o passo. Eu aninhei-me melhor contra o meu pai, fechando os olhos para manter afastados a luz e o nevoeiro, e o Pai-Lobo rosnou-lhes. Três passos mais tarde, abri os olhos e olhei para trás. Não consegui vê-los.

E ali estava a loja do sapateiro, na esquina seguinte. O meu pai pôs-me no chão. Antes de entrar, batemos os pés para fazer cair a neve das botas e sacudimo-la da roupa. A loja tinha um cheiro agradável a couro e óleo e o sapateiro tinha fogo a rugir na lareira. Era um homenzinho ativo chamado Andante. Conhecia-me desde bebé e nunca dera grande relevância às minhas diferenças, fazendo-me os sapatos por forma a servirem aos meus pés peculiarmente pequenos. Agora exclamava de consternação por ver como o seu trabalho deixara de me servir. Fez-me sentar à frente do seu lume e tirou-me as botas antes de eu ter tempo de estender a mão para elas. Mediu-me os pés com um bocado de corda e as suas mãos quentes e prometeu-me novas botas e um conjunto de sapatos para dali a dois dias,

dizendo que o aprendiz os entregaria em Floresta Mirrada.

Não me deixou voltar a calçar as botas velhas, oferecendo-me um par que tinha nas prateleiras. Estavam-me demasiado grandes, mas ele encheu ambas as pontas com lã e prometeu que me serviriam melhor do que as velhas que se estavam a abrir nas costuras. “Eu ficaria com vergonha por vos mandar para a neve com essas botas velhas. Tenho a certeza de que vos deveis sentir melhor com estas.”

Olhei para elas e tentei encontrar palavras. “Sinto-me mais alta por ver os meus pés parecerem maiores,” disse. O meu pai e Enigma riram como se eu tivesse dito a coisa mais inteligente do mundo.

Depois voltámos a sair para a neve e, na porta seguinte, enfiámo-nos na loja de um vendedor de lãs, onde vi meadas de fio tingido de todas as cores imagináveis. Enquanto vagueava pelas prateleiras, a tocar suavemente cada uma das cores e a sorrir de mim para mim, vi Enigma encontrar um par de luvas verdes e um capuz a combinar. Enquanto os pagava e os mandava embrulhar, o meu pai escolheu um xaile grosso de lã, de um vermelho vivo e de um cinzento suave. Surpreendi-me quando o pôs à minha volta. Era grande para mim, cobrindo-me os ombros mesmo quando o puxava para me tapar a cabeça. Mas era tão quentinho, não só por causa da lã mas por ele ter pensado em mim antes de eu ter pedido uma coisa daquelas.

Pensei então que devia mostrar a lista de coisas que, segundo Pândego, me faziam falta, mas o meu pai parecia tão contente por andar a descobrir e a comprar coisas que não o quis deter. E lá fomos outra vez para as ruas movimentadas e entrámos e saímos de todos os tipos de lojinhas e bancas. Depois vi o homem com a carroça de cachorros. Um burro maltratado puxava a pequena carroça de duas rodas pela rua repleta de gente e uma velha mãe trotava ansiosamente atrás dela, pois os seus cachorrinhos estavam em pé na carroça, com as patas da frente apoiadas na borda, a latir-lhe e a ganir. Um homem muito magro com bigodes ruivos conduzia a carroça e fez o burro trotar até um dos carvalhos na praça central do mercado. Pôs-se em pé no banco da carroça e, para minha surpresa, atirou uma corda para cima dos ramos nus e baixos do carvalho.

“Que está ele a fazer, papá?”, perguntei e tanto o meu pai como Enigma

pararam e viraram-se para observar.

“Estes cachorros,” gritou o homem enquanto apanhava a ponta descendente da corda, “são os melhores buldogues que um homem pode ter. Todos sabem que um cachorro obtém a coragem da mãe, e esta minha velha cadela é a mais determinada cadela que algum homem já teve. Agora está velha, e não tem grande ar, mas tem coragem. Acho que esta é a última ninhada que ela me vai parir! Portanto, se querem um cão capaz de dominar um touro, um cão capaz de ferrar o dente na perna dum ladrão ou no focinho dum touro e não largar até lhe dizerem, é este o momento de comprarem um destes cachorros!”

Fitei os cachorrinhos castanhos e brancos que estavam na carroça. Tinham as orelhas debruadas de vermelho. Apercebi-me de que tinham sido cortadas. Alguém lhes aparara as orelhas. Um dos cachorros virou-se de súbito como se tivesse sido mordido por uma pulga, mas eu percebi o que ele estava a fazer. Lambia o toco rapado do que fora uma cauda. A velha cadela tinha apenas as raízes esfarrapadas das orelhas e um vestígio de cauda. O homem puxou a corda enquanto falava e, para meu choque, uma manta na carroça estremeceu e depois saiu de baixo dela uma cabeça de touro ensanguentada. O homem tinha amarrado a corda em volta dos cornos do touro e a cabeça pendia, de focinho para baixo, com os pálidos tubos da garganta a sair do pescoço cortado. O homem içou-a até a cabeça do touro ficar tão alta como ele. Depois amarrou a corda e deu um empurrão à cabeça para a pôr a pendular. Devia ter sido uma coisa que ele já fizera antes, pois a velha cadela fixou os olhos na cabeça.

Era uma velhota já bem gasta, com branco em volta do focinho, tetas pendentes e orelhas rasgadas. Fixou os olhos bordejados de vermelho na cabeça oscilante do touro e foi percorrida por um arrepio. Por toda a praça as pessoas iam-se aproximando. Alguém gritou qualquer coisa junto da porta da taberna e, um momento mais tarde, uma vintena de homens jorrou de lá de dentro. “Ataca, cadela!”, gritou o homem, e a velha cadela correu em frente. Com um tremendo salto, ferrou os dentes no focinho do touro e ficou aí pendurada, suspensa pelos dentes. Os homens que estavam mais perto da carroça rugiram em aprovação. Alguém correu em frente e deu à

cabeça pendurada um forte empurrão. Cabeça cortada e cão oscilaram juntos. O homem na carroça gritou: “Nada fará com que ela largue! Já foi cortada e espezinhada e não largou! Comprem já um cachorro da sua última ninhada!” A multidão em volta da carroça ia crescendo, para meu grande aborrecimento. “Não consigo ver,” protestei junto do meu pai. “Podemos aproximar-nos mais?”

“Não,” disse Enigma de forma taxativa. Ergui o olhar para ver a cara dele sombria de fúria. Olhei para o meu pai, e de súbito quem estava ao meu lado era o Pai-Lobo. Não quero dizer que ele tinha um focinho e pelagem na cara, mas que os seus olhos estavam selvagens e cheios de ferocidade. Enigma pegou-me ao colo para me levar para longe, mas em vez disso permitiu-me ver. O homem da carroça tirara uma grande faca de dentro do casaco. Deu um passo em frente, agarrando na velha cadela pelo cachaço. O cão rosnou de forma audível mas não largou a presa. Ele dirigiu um sorriso à multidão e depois, com um golpe súbito, cortou-lhe uma das orelhas. O rosnido ganhou uma nota de frenesim, mas a cadela não largou a presa. O sangue escorreu-lhe, escarlate, pelos flancos, e derreteu a neve numa chuva de gotas vermelhas.

Depois Enigma virou-se e afastou-se com longos passos. “Vem, Fitz!”, chamou numa voz baixa e áspera, com tanta firmeza como se estivesse a dar ordens a um cão. Mas nenhuma ordem conseguiria controlar o Pai-Lobo. Ele ficou mais um momento parado e eu vi os seus ombros contraírem-se sob o manto de inverno enquanto a faca do homem se erguia, caía e voltava a erguer-se ensanguentada. Não consegui ver mais do que isso, mas a multidão de mirones rugiu e gritou e eu fiquei assim a saber que a cadela continuava de dentes ferrados no focinho do touro. “Só há três cachorros à venda!”, gritou o homem. “Só os três, crias de uma cadela capaz de me deixar esventrá-la e morrer pendurada dos dentes! É a última oportunidade para fazerem uma oferta por estes cachorros!”

Mas ele não ia esperar que alguém oferecesse dinheiro. Poderia escolher entre as ofertas depois de fornecer o banho de sangue por que eles ansiavam. Enigma segurava-me e eu sabia que ansiava por me levar para longe mas temia deixar o meu pai sozinho. “Raios partam, onde estão

Esquiva ou FitzVigilante no momento em que teriam sido mais úteis que irritantes?”, perguntou a ninguém. Olhou para mim, com os olhos escuros cheios de agitação. “Se eu te puser no chão, Abelha, tu ficas... não. É provável que acabes por ser espezinhada. Oh, pequena, o que me vai dizer a tua irmã?” E depois o meu pai saltou subitamente em frente, como se uma corrente que o sustentava se tivesse quebrado, e Enigma saltou atrás dele, tentando agarrar-lhe o manto. A faca ensanguentada do homem ergueu-se; vi-a por cima das cabeças das pessoas enquanto Enigma abria caminho, às pragas e aos empurrões, pela multidão que se reunira para assistir ao fim do cão.

À nossa frente, alguém deu um grito zangado quando o meu pai o derrubou para passar. A faca do homem caiu e a multidão lançou um grito gutural. “Isto é o sangue que eu sonhei?”, perguntei a Enigma, mas ele não me ouviu. Algo rodopiava violentamente à minha volta. O sentir da multidão enlouquecida pelo sangue era como um cheiro que não conseguia afastar das narinas. Sentia-me como se esse sentir me fosse arrancar ao corpo. Enigma fez-me subir para o seu ombro esquerdo e, com a mão direita espetada e hirta, abriu caminho à força atrás do meu pai.

Soube quando o meu pai alcançou o matador do cão. Ouvi um estalo sonoro, como se osso tivesse batido em osso, e depois o rugido da multidão soou numa nota diferente. Enigma abriu caminho ao encontrão até ao começo de um espaço aberto onde o meu pai segurava um homem no ar. Uma das mãos do meu pai agarrava a garganta do homem. A outra mão estava puxada para trás e eu vi-a saltar disparada para a frente como uma seta a abandonar um arco. O punho atingiu a cara do homem e arruinou-a de um único golpe. Depois atirou o homem para o lado, arremessando-o para cima da multidão com um sacão que foi como um lobo a quebrar o pescoço de um coelho. Nunca supusera que o meu pai tinha tal força.

Enigma tentou encostar-me a cara ao ombro mas eu soltei-me para ver. A cadela ainda estava pendurada do focinho do touro, mas as suas entranhas pendiam em riachos de cinzento, branco e vermelho que fumegavam no ar de inverno. O meu pai tinha a faca na mão. Pôs-lhe um braço em volta e cortou-lhe ternamente a garganta. Quando o coração da cadela bombeou o

fim da sua vida e as maxilas soltaram a presa, ele baixou o seu corpo até ao chão. Não falou mas eu ouvi-o prometer-lhe que os cachorrinhos conheceriam uma vida melhor do que a que ela tivera. *Os cachorros não são meus*, disse-lhe a cadela. E depois: *Nunca soube que havia donos como tu*, disse-lhe, absolutamente assombrada por um homem assim poder existir.

E depois ela foi-se. Restou apenas a cabeça do touro morto pendurada do carvalho, um monstruoso ornamento para o Festival de Inverno, e o matador de cães a rolar no chão ensanguentado, agarrado à cara, a fungar sangue e a praguejar. A coisa ensanguentada nos braços do meu pai já não era um cão. O meu pai deixou o corpo cair e levantou-se devagar. Quando o fez, o círculo de homens alargou-se. Homens afastaram-se do meu pai e da expressão negra nos seus olhos. Ele foi até junto do homem caído no chão, levantou o pé e pousou-lho no peito, prendendo-o ao chão. O matador de cães parou com a choraminguice e ficou quieto. Ergueu o olhar para o meu pai como se olhasse para a própria Morte.

O meu pai não disse nada. Depois de o silêncio se prolongar por muito tempo, o homem no chão ergueu as mãos do nariz esmagado. “Não tínheis direito nenhum,” começou.

O meu pai enfiou as mãos na bolsa. Deixou cair uma única moeda no peito do homem. Era uma moeda grande, uma moeda de prata por cortar. A sua voz foi como o som de uma espada a ser desembainhada. “Pelos cachorros.” Olhou para eles e depois para a pobre criatura ossuda atrelada à carroça. “E pela carroça e burro.” O círculo de observadores silenciara-se. Ele olhou lentamente em volta e depois apontou para um jovem quase com a altura de um homem. “Tu. Jerubi. Conduz a carroça com os cachorros até Floresta Mirrada. Leva-os para os estábulos e dá-os a um homem chamado Caçador. Depois vai ter com o meu mordomo, Pândego, e diz-lhe para te dar duas peças de prata.”

Aquilo causou um pequeno suster de respirações. Duas peças de prata por uma tarde de trabalho?

A seguir, ele virou-se e apontou para um velho. “Rube? Uma prata se conseguires tirar daqui aquela cabeça de touro nojenta e puseres neve limpa por cima desta porcaria. Isto não é digno de um Festival de Inverno. Será

que nós aqui somos calcedinos? Queremos que um Círculo do Rei regresse a Margem de Carvalhos?”

Alguns deles talvez quisessem mas, em face da condenação do meu pai, não o admitiriam. A multidão que gritava e aplaudia fora lembrada de que era composta por homens e capaz de melhor. Os espetadores estavam já a começar a dispersar quando o homem caído no chão protestou, enrouquecido. “Estais a enganar-me! Aqueles cachorros valem muito mais do que atirastes para cima de mim!” Agarrou-se à única moeda que o meu pai despejara e ergueu-a com ambas as mãos.

O meu pai virou-se contra ele. “Ela não pariu aqueles cachorros! Era demasiado velha. Já não conseguia aguentar uma luta até ao fim. Tudo o que lhe restava era a força das maxilas. E a coragem. Tu só quiseste ganhar dinheiro com a morte dela.”

O homem caído no chão fitou-o de boca aberta. Depois: “Não podeis provar isso!”, gritou numa voz que o proclamava mentiroso.

O meu pai já o tinha esquecido. Apercebera-se de súbito de que Enigma estava ali e eu o fitava. O sangue da velha cadela ensopara-lhe o manto. Viu-me a fitar o manto e, sem uma palavra, soltou o pregador e deixou-o cair ao chão, abdicando da pesada lã cinzenta sem um pensamento que não fosse o de não querer ensanguentar-me quando viesse tomar-me nos braços. Mas Enigma não abriu mão de mim. Olhei sem palavras para o meu pai. Ele ergueu o olhar para o cruzar com Enigma.

“Julguei que a levarias daqui.”

“E eu julguei que poderias ter uma turba a virar-se contra ti e poderias precisar de alguém que te protegesse.”

“E trazias a minha filha para o meio disso?”

“A partir do momento em que decidiste interferir, todas as minhas opções eram más. Lamento se não gostas da que tomei.”

Nunca ouvira a voz de Enigma tão fria nem o vira, e a meu pai, a fitarem-se um ao outro como se fossem desconhecidos zangados. Tinha de fazer alguma coisa, tinha de dizer alguma coisa. “Tenho frio,” disse para o ar. “E tenho fome.”

Enigma olhou para mim. Um momento tenso e duro passara. O mundo

voltara a respirar. “Eu estou faminto,” disse ele em voz baixa.

O meu pai olhou para os pés. “E eu também,” resmungou. Baixou-se de repente, recolheu um pouco de neve limpa e usou-a para limpar o sangue das mãos. Enigma observou-o.

“Na bochecha esquerda também,” disse este e já não restava qualquer ira na sua voz. Só uma estranha fadiga. O meu pai acenou com a cabeça, ainda sem olhar para ninguém. Caminhou alguns passos até onde neve limpa ainda se prendia na copa de um arbusto. Juntou duas mancheias e lavou a cara com neve. Quando terminou, eu contorci-me para me livrar dos braços de Enigma. Peguei na mão fria e húmida do meu pai. Não disse nada. Limitei-me a olhar para ele. Queria dizer-lhe que o que vira não me magoara. Bem, magoara, mas não as coisas que ele fizera.

“Vamos arranjar comida quente,” disse-me ele.

Fomos até uma taberna, passando pelo homem na viela que ainda brilhava com uma luz que o tornava difícil de ver. Mais adiante na mesma rua, sentado a uma esquina, estava um mendigo cinzento. Virei-me para olhar para ele quando passámos. Ele fitou-me, sem me ver, pois os seus olhos estavam tão vazios e cinzentos como o manto esfarrapado que usava. Não tinha tigela de pedinte, só a mão estendida em cima do joelho. Estava vazia. Ele não estava a pedir-me dinheiro. Eu sabia disso. Conseguia vê-lo mas ele não me via a mim. Não era assim que as coisas deviam ser. Virei-me de repente, enterrando a cara no braço do meu pai enquanto ele abria a porta.

Dentro da taberna tudo era ruído, calor e cheiros. Quando o meu pai entrou, as conversas morreram de repente. Ele parou, olhando para a sala em volta como se fosse o Pai-Lobo a pensar numa armadilha. Devagar, as vozes reataram as conversas e nós seguimos Enigma até uma mesa. Mal nos tínhamos sentado quando apareceu um rapaz com uma bandeja e três pesadas canecas de sidra quente temperada. Pousou-as, *tum, tum, tum*, e depois sorriu ao meu pai. “À conta da casa,” disse-lhe e esboçou uma vénia.

O meu pai endireitou-se no banco e o dono do estabelecimento, que estava em pé junto da lareira com vários outros homens, ergueu a caneca na sua direção. O meu pai respondeu com um aceno grave. Olhou para o

criado. “Que cheiro saboroso é este?”

“É um quarto de vaca, fervido em lume brando até a carne se soltar dos ossos, com três cebolas, quatro galões de cenouras e duas medidas da cevada do ano. Se encomendardes aqui a sopa, senhor, não recebereis uma tigela de água castanha com um bocado de batata no fundo! E o pão acabou de sair do forno e temos manteiga do verão, guardada no frio da cave e amarela como o coração de uma margarida. Mas se preferirdes carneiro, há empadas de carneiro também recheadas com cevada, cenouras e cebola, com umas crostas castanhas tão estaladiças que temos de lhes pôr um prato por baixo, pois são tão tenras que de outra forma podeis acabar vestido com elas! Temos fatias de abóbora cozida com maçãs, manteiga e creme, e...”

“Para, para,” suplicou o meu pai, “senão a minha barriga rebenta só a ouvir-te. O que vamos comer?” Com a pergunta, virou-se para Enigma e para mim. De alguma forma, o meu pai sorria, e eu agradeci de todo o coração ao alegre empregado.

Escolhi a sopa de carne com pão e manteiga, e Enigma e o meu pai também. Ninguém falou enquanto esperávamos mas o silêncio não foi incómodo. Foi cauteloso. Era melhor deixar o espaço vazio de palavras do que escolher as palavras erradas. Quando a comida chegou, era tão boa como o rapaz dissera. Comemos e, sem que eu percebesse como, não falar melhorou as coisas entre Enigma e o meu pai. O fogo na grande lareira crepitou e lançou faúlhas quando alguém lhe acrescentou um grande lenho. A porta foi-se abrindo e fechando à medida que as pessoas entravam e saíam, e as conversas fizeram-me lembrar abelhas a zumbir numa colmeia. Não soubera que um dia gelado, comprar coisas e ver o meu pai salvar a morte de um cão podia deixar-me tão esfomeada. Quando já quase conseguia ver o fundo da tigela, encontrei as palavras de que precisava.

“Obrigada, papá. Por teres feito o que fizeste. Foi correto.”

Ele olhou para mim e falou com cuidado. “É o que os pais devem fazer. Devemos arranjar para os nossos filhos aquilo de que necessitam. Botas e lenços, sim, mas também pulseiras e castanhas, quando podemos.”

Ele não queria recordar o que fizera na praça da vila. Mas eu tinha de o fazer entender que compreendia. “Sim. Os pais fazem isso. E alguns

metem-se no meio de uma multidão para salvar um pobre cão de uma morte lenta. E mandam cachorrinhos e um burro para lugar seguro.” Virei-me para olhar para Enigma. Foi difícil. Nunca olhara diretamente para a cara dele. Pus os meus olhos nos dele e mantive-os lá. “Faz lembrar à minha irmã, quando a vires, que o nosso pai é um homem muito corajoso. Diz-lhe que eu também estou a aprender a ser valente.”

Enigma estava a olhar-me nos olhos. Tentei, mas não consegui fazê-lo durante muito tempo. Baixei o olhar para a tigela e peguei na colher como se ainda estivesse com muita fome. Sabia que o meu pai e Enigma estavam a olhar um para o outro por cima da minha cabeça baixa, mas mantive os olhos postos na comida.

CAPÍTULO 28

COISAS COMPRADAS

Se alguns alunos vierem com relutância para as aulas, deixai-os ir. Se todos os alunos vierem com relutância para as aulas, mandai embora o vosso escriba e arranjai outro. Pois, assim que os alunos aprenderem que aprender é entediante, difícil e inútil, nunca mais aprenderão outra lição.

Sobre a Necessidade da Educação, Escriba Penacarriço

Quão frequente é um homem ficar a saber, inquestionavelmente, que o que fizera fora correto? Não creio que aconteça com frequência na vida seja de quem for e torna-se ainda mais raro após termos um filho. Desde que me tornara pai, questionara todas as decisões que tomara por qualquer criança que estivesse sob a minha responsabilidade, de Urtiga a Zar e até a Respeitador. E certamente que com Abelha parecia tropeçar de um ato desastroso para o seguinte. Nunca desejara que ela visse a faceta de mim que vira matar o cão. Lavara o sangue das mãos e da cara com a neve gelada mas não conseguira limpar a profunda vergonha que sentira enquanto caminhávamos na direção da taberna. Depois a minha filha erguera o olhar para mim e agradecera-me. Não só afirmara compreender, como tentara resolver a minha discussão com Enigma. As palavras dela não me libertaram da culpa; Enigma tivera razão. Eu ignorara por completo a possibilidade de estar a pô-la em perigo quando as vagas da agonia da cadela me tinham atingido. A absoluta fé da velha cadela de que ao fazer exatamente o que o dono ordenasse iria finalmente agradar-lhe fora uma crueldade demasiado grande para eu suportar. Deveria tê-la suportado para proteger a minha filha?

Era claro que Abelha achava que não. Prometi a mim mesmo que em outra oportunidade seria mais sensato. Tentei pensar no que poderia ter feito de diferente e não encontrei respostas. Mas pelo menos desta vez a minha impetuosidade parecia não ter causado nenhum mal à minha filha.

A comida era boa, a minha breve disputa com Enigma parecia assente e a minha filha queria estar precisamente onde estava. Atrás de nós, a porta da estalagem parecia abrir e fechar quase com a mesma regularidade como se fosse um fole a bombear pessoas com fome para dentro da taberna. De súbito, duas dessas pessoas foram Esquiva e FitzVigilante. Os braços dele estavam carregados com embrulhos. Baixou-se e pousou-os cuidadosamente no chão ao nosso lado antes de se nos juntarem abruptamente, sentando-se em ambas as pontas do nosso banco. “Encontrei umas meias verdes que tenho verdadeiramente de ter para o Festival de Inverno. Vamos celebrá-lo em Floresta Mirrada, não vamos? Claro que vamos, e vai haver danças! Há muitos menestréis na vila e tenho a certeza de que podeis contratar alguns para virem a Floresta Mirrada. Mas primeiro, antes de irmos em busca deles, tenho de ir comprar as meias. Tenho a certeza de que, se puderdes emprestar-me o dinheiro, Dom Breu irá pagar-vos!”, anunciou Esquiva sem fôlego.

Antes de eu ter tempo sequer para virar a cabeça na direção dela, FitzVigilante acrescentou na outra ponta: “E eu encontrei tabuinhas de cera, à venda por um mercador especializado nos artigos mais recentes! Tem-nas aos pares, presas por uma dobradiça, de modo que um aluno pode fechá-las e proteger o seu trabalho. Que ideia tão inteligente! Não tem muitas, mas todas as que pudermos comprar vão ajudar os meus alunos.”

Olhei consternado para o meu fervoroso escriba. O seu ânimo e confiança tinham recuperado depressa. Agradava-me ele já não estar tão intimidado pela minha presença mas sentia-me um pouco assombrado por parecer tão avaro de bugigangas desnecessárias como Esquiva. Lembrei-me das minhas primeiras tentativas de escrita. O papel era considerado demasiado valioso para os estudantes mais novos. Eu dera forma às letras com um dedo molhado nas lajes do grande salão. Por vezes usávamos paus queimados. Lembrava-me de tinta feita de fuligem. Não mencionei nada daquilo. Sabia que muitos se espantavam com o atraso de Torre do Cervo e, na realidade, de todos os Seis Ducados, nesses tempos. O isolamento da guerra e vários reis que estavam determinados a isolar-nos dos costumes estrangeiros tinham-nos mantido presos a tradições mais antigas. Kettricken

fora a rainha que nos introduzira pela primeira vez à maneira montanhesa de fazer as coisas e depois nos encorajara a importar não só bens de terras distantes, mas também as suas ideias e técnicas. Eu ainda não tinha a certeza de isso ter sido uma melhoria. Precisariam realmente os alunos de Lante de tabuinhas de cera com dobradiças para aprender as letras? Senti a minha resistência a crescer. Depois lembrei-me de ter ouvido Pândego resmungar, consternado, por eu vestir Abelha como as crianças se vestiam duas vintenas de anos antes. Talvez fosse eu quem se estava agora a agarrar de forma pouco razoável aos costumes antigos. Seria altura de dar lugar à mudança? Seria altura de enfiar a minha filhinha em saias compridas antes de ser mulher?

Deitei-lhe uma olhadela. Adorava vê-la com as suas tunicazinhas e meias castanhas, livre para correr e cair. A meu lado, Abelha torceu-se de aborrecimento. Contive um suspiro e puxei a mente de volta ao presente. “Primeiro as tabuinhas para os estudantes, depois logo vamos ver essas meias que tanto impressionaram Esquiva.”

Peguei no pão e Esquiva lançou-se numa tempestade de argumentos sobre os motivos por que eu devia tratar primeiro daquilo que cobiçava, os quais iam desde temer que o mercador fechasse as portas, passando por outra pessoa poder comprá-las e acabando no medo de eu poder gastar todo o meu dinheiro em tabuinhas e não me restar nenhum para lhe comprar as meias verdes e fosse o que fosse que lhe tivesse captado o olhar além disso. Senti-me como se estivesse a ser interminavelmente atacado com pedrinhas, pois FitzVigilante falou ao mesmo tempo, dizendo que as tabuinhas não eram mesmo assim tão essenciais e que claro que eu devia cuidar primeiro das necessidades da Dama Esquiva.

Falei com firmeza. “Então cuidarei. Assim que me deixarem acabar a minha comida.”

“Não me importaria de comer qualquer coisa,” concordou Esquiva, contente, agora que levava a sua avante. “Mas eles têm alguma coisa melhor que pão e sopa? Um pastel de maçã, talvez? Frango?”

Ergui uma mão para chamar um empregado. Ele veio e Esquiva interrogou-o impiedosamente sobre que alimentos estavam disponíveis.

Atormentou-o até o levar a pedir ao cozinheiro para aquecer uma galinha fria que havia na despensa, e para a trazer com uma tarte de maçãs secas. FitzVigilante contentou-se com pão e sopa. O rapaz mencionou que saíam em breve do forno uns bolinhos de gengibre. Pedi seis e o rapaz foi-se embora.

“Seis?”, exclamou Esquiva espantada. “Seis?”

“Alguns para comer, outros para levar. Eram os meus preferidos quando era rapaz e acho que Abelha vai gostar tanto deles como eu gostava.”

Torci-me para perguntar a Abelha se gostaria de experimentar alguns dos meus bolos preferidos mas ela não estava lá. Ergui o olhar para Enigma. Ele inclinou a cabeça para as traseiras da taberna; a latrina ficava por ali.

Esquiva pegou-me na manga. “Esqueci-me de pedir especiarias para temperar a sidra!”

Ergui a mão para chamar o criado de volta. Ele tinha a cabeça baixa e tive quase a certeza que estava a fingir não me ver. Acenei fatigadamente com a mão. O rapaz correu para outra mesa, onde foi recebido com aclamações roufenhas pelos seis homens que o esperavam. Vi-o adotar a sua pose e dar início ao recital. Os homens estavam a sorrir-lhe. “Ele agora está ocupado,” disse a Esquiva, desculpando-o.

“Está a ignorar-me!”

“Eu vou às cozinhas e digo-lhes para vos temperarem a sidra,” ofereceu-se FitzVigilante.

“Claro que não deveis fazer isso!”, exclamou ela. “Aquele rapaz devia ter voltado para aqui e realizar as suas tarefas. Tomé Texugo! Não podeis obrigar aquele rapaz a fazer o que deve? Porque há ele de poder ignorar os seus superiores para ir levar comida para uma mesa cheia de agricultores plebeus? Chamai-o de volta!”

Respirei fundo. Enigma levantou-se tão repentinamente que quase derrubou o banco. “Eu vou à cozinha. Hoje a estalagem está movimentada. Deixa o rapaz trabalhar em paz.”

Passou a perna por cima do banco, virou-se e atravessou a passos largos a multidão como só Enigma conseguia fazer, deslizando pelo aglomerado de clientes mas, sem que se percebesse como, sem ofender ninguém.

Exceto Esquiva. Fitou as costas dele, de narinas dilatadas e com a boca branca de tanto a apertar. O tom de Enigma não deixara dúvidas sobre a opinião que fazia dela. FitzVigilante fitava-o também, de boca levemente entreaberta. Revirou os olhos para olhar para Esquiva e dizer debilmente: “Não parece dele.”

“Teve um dia complicado,” disse eu. Dirigi o gélido comentário a Esquiva, mas ela pareceu imune à minha tentativa de a envergonhar. Olhei para Enigma de sobrolho franzido, sentindo que me censurava tanto a mim como a Esquiva. Lante tinha razão. Não parecia dele. Suspeitei que a pouca paciência de Enigma tivera muito mais a ver com o meu comportamento do que com o desagrado de Esquiva com os temperos. Fechei os olhos por um momento, saboreando a amargura no fundo da garganta. Aquela pobre cadela. Passara anos a controlar rigorosamente a Manha, recusando-me a estendê-la para o exterior, recusando-me a permitir que alguém me contactasse. Hoje, essas barreiras tinham caído e eu não fora mais capaz de lhe virar as costas do que conseguiria ter ignorado alguém que espancasse Abelha. Aquele carniceiro sádico não era Manhoso; mas eu sentira o que irradiara da velha cadela na sua direção. Não tinham sido as dores no seu corpo danificado e envelhecido enquanto trotava atrás da carroça. Nem sequer fora a aguda agonia que sentira enquanto ele a golpeava. Eu aprendera, ao longo dos anos, a resistir a esse tipo de derrame de dor das criaturas. Não. O que me rachara as muralhas e me enchera de fúria fora outra coisa que a cadela sentira por ele. Lealdade. Confiança de que ele sabia o que era melhor. Fora sua ferramenta e sua arma ao longo de toda a vida, empregue sempre que ele desejava. A vida fora dura, mas tinha sido para aquilo que fora criada. Por aquele homem, ela atacara touros, combatera outros cães, arremetera contra ursos. Fizera qualquer coisa que ele ordenara, e sentira a alegria da arma por fazer aquilo para que fora criada. Quando tivera sucesso e lhe dera uma vitória, por vezes houvera um grito de orgulho, ou uma fatia de carne. Por raros que esses momentos tivessem sido, foram os melhores da sua vida, e ela sempre estivera pronta a fazer qualquer sacrifício para conquistar mais um.

Quando ele a aticara contra a cabeça de touro, obedecera de um salto. E

quando lhe cortara a orelha, mantivera os dentes cerrados, aceitando ao seu modo obstinado que haveria uma razão para a dor que o dono lhe causava.

Não era assim tão diferente de como eu fora quando Breu me empregara inicialmente. Tornara-me naquilo para que ele me criara e treinara. Tal como ele. Não o censurava por aquilo que fizera de mim. Se não me tivesse aceitado como aprendiz, eu provavelmente não teria vivido mais de dez anos. Ele recebera um bastardo — um embaraço e possivelmente um risco para o trono Visionário — e tornara-me útil. Essencial, mesmo.

E assim eu sobreviviera e, tal como a cadela, fizera o que ele me dissera para fazer, sem nunca questionar se seria o melhor. Nunca me esqueceria da primeira vez que compreendera por completo que Breu não era infalível. Durante anos, quando eu sofria de dores de cabeça depois de usar ou tentar usar o Talento, ele dera-me doses de casco-de-elfo. E eu suportara o estado de espírito sombrio e a energia violentamente nervosa a fim de banir a dor. E ele solidarizara-se comigo e incentivara-me a tentar ainda com mais força desenvolver o meu Talento. Passáramos anos sem que nenhum de nós soubesse que o próprio casco-de-elfo estava a desgastar a minha capacidade para usar essa magia. Mas quando eu o descobrira, o que sentira não fora devastação por a minha magia ter sido danificada, mas espanto por Breu ter estado errado.

Começava a suspeitar que voltara a cair na mesma armadilha. Os hábitos de pensamento eram difíceis de quebrar.

Um silêncio notável tinha caído de ambos os lados de mim. Esquiva continuava a ferver, FitzVigilante estava dilacerado. Suspeitei que ele e Enigma se tinham conhecido bem no Castelo de Torre do Cervo e, apesar das diferenças na posição social dos dois, talvez o tivesse até encarado como um amigo. E agora tinha de tomar uma decisão, entre declarar-se em apoio da dama ou defender o amigo. Perguntei a mim mesmo se a sua necessidade de conquistar a minha aprovação poderia ter alguma influência sobre aquilo. Aguardei em silêncio, sabendo que a decisão que ele tomaria determinaria a forma como o avaliaria.

Ele apoiou-se na mesa para olhar para a Dama Esquiva, depois de olhar para mim. “Não devíeis julgar tão severamente o criado,” sugeriu. Durante

algum tempo, o meu coração ganhou uma certa simpatia por ele. Mas depois, arruinou tudo dizendo: “Estamos aqui sentados entre os plebeus e ele não passa de um empregado de uma taberna numa vila provinciana. Seria um espanto se lhe tivesse sido ensinada a habilidade de reconhecer uma senhora bem-nascida e conceder-lhe a prioridade que ela merece.”

Como tinha Breu deixado que ele adquirisse uma opinião tão elevada sobre si próprio? Embora Breu nunca me tivesse rebaixado por causa da ilegitimidade que ambos partilhávamos, tinha-me informado de que o facto de ter nascido de mãe plebeia queria dizer que nunca poderia partir do princípio de que o privilégio da classe nobre me seria concedido. Perguntei a mim mesmo se FitzVigilante saberia que a mãe fora uma caçadora, estimada pela rainha mas sem grande prestígio na corte. Imaginar-se-ia ele algum nobre perdido de muito elevado estatuto? Melhor do que o humilde Tomé Texugo, filho de uma plebeia?

Melhor do que Abelha?

E nesse momento compreendi com grande clareza que FitzVigilante era completamente desadequado para ensinar a minha filha. Como podia eu ter julgado o contrário? E, uma vez mais, dei por mim a abanar a cabeça perante a minha própria estupidez. FitzVigilante falhara como assassino, portanto Breu partira do princípio de que se sairia melhor como escriba e professor. E eu deixara-me ir ao embalo de um bocado de lógica tão retorcido. Porquê? Acreditaria algum de nós que ensinar crianças podia ser mais fácil do que matá-las?

Que se passava comigo para, depois de tantos anos, ainda me achar disposto a aceitar sem questionar as sugestões de Breu? Certamente que por esta altura já era um adulto, não? Mas era esse o poder que o meu velho mentor tinha sobre mim. Já aprendera há muito tempo que ele era falível, mas em momentos de distração recaía sempre na noção original de que as ideias de Breu eram melhores do que as minhas. Raramente questionava as ordens dele; pior, raramente tentava descobrir informação que ele não partilhara comigo. Bem, isso ia agora mudar. Ia ficar a saber, sem qualquer dúvida, quem eram os verdadeiros pais de Lante e exigiria saber exatamente por que motivo Esquiva valia um esforço dedicado para a matar. E

perguntaria por que raios teria ele julgado que qualquer um deles poderia funcionar como guarda-costas ou tutor para a minha filha.

Ou seja, seria eu as duas coisas para ela, professor e guardião. Ela já sabia ler, e parecia-me que a maior parte da minha educação tinha vindo de ler ou de ajudar Breu nas suas estranhas experiências. Houvera o treino físico, claro, mas eu não via grande necessidade de ensinar Abelha a manejar um machado ou uma espada. Pensar na seriedade com que ela continuava a participar nas nossas lições noturnas com a faca fez-me sorrir. Uma rápida lição sobre o manejo da lâmina substituíra uma história ou canção noturna. Ela era rápida; isso tinha de lhe conceder. Depois de me ter cortado duas vezes os nós dos dedos, substituíra a sua faca de cinto por uma lâmina de madeira. Algumas noites antes, ela surpreendera-me esquivando-se à minha lâmina com um truque acrobático digno do Bobo em pessoa. Se a conseguia ensinar a dançar perante uma faca, certamente que poderia ensinar-lhe tudo o resto que precisava de saber. Conseguiria dar-lhe uma educação suficiente. E as coisas que eu não sabia mandaria ensinar-lhas por aqueles que melhor as sabiam. Tínhamos uma excelente curandeira em Mirra; ela poderia basear-se nos alicerces de conhecimentos sobre plantas que Moli dera a Abelha. E sim, a minha filha iria aprender a tocar um instrumento e a dançar e o milhar de outras coisas que eram as armas de uma mulher neste mundo. E línguas. A língua do Reino da Montanha, certamente. E ocorreu-me que havia pouco que ancorasse Abelha e eu a Floresta Mirrada. Podíamos passar um ano nas Montanhas, para ela aprender os generosos costumes deles além da língua. O mesmo para as Ilhas Externas. E para cada um dos Seis Ducados. Decidi de súbito que a minha filha teria viajado até todos os Ducados antes de fazer dezasseis anos. Era como se tivesse vindo a seguir um trilho estreito e de súbito me tivesse apercebido de que em qualquer altura o poderia abandonar e avançar a corta-mato. Podia escolher o que e como lhe era ensinado e, no processo, dar forma a quem se tornaria.

Pois Abelha tivera razão. As raparigas não tinham de bater para magoar. No entanto, queria eu que ela aprendesse esse tipo de luta com o exemplo de Esquiva e a confirmação de Lante?

“...a vós corrigi-lo, não a mim ou a Lante. Não vos incomoda que ele me tenha insultado? E a Lante? Estais a ouvir? Depositário Texugo!”

Quando ela proferiu o meu nome, eu dei um salto e regressei à conversa que prosseguia. Mas não me virei para ela para lhe responder; virei-me para FitzVigilante. A minha mente agarrou-se a um bocadinho de informação que me fazia falta. “Quantas tabuinhas de cera esperavas comprar?”

Atrás de mim, Esquiva fez um som exasperado por ser ignorada. Não me incomodou nem um bocadinho. FitzVigilante pareceu surpreendido pela mudança de rumo na conversa. Tornou-se subitamente vago, e suspeitei que temia haver restrições orçamentais. “O mercador não tinha muitas, claro. Tenho a certeza de que as duplas poderiam ser partilhadas com bastante facilidade, irmanando os alunos e...”

“Compraremos o que ele tiver.” Endireitei-me, afastando-me levemente da mesa. Estava a observar a porta da estalagem à espera do regresso de Abelha. De súbito preocupou-me a quantidade de nozes e doces que ela comera. Estaria bem? “Vou reservar uma para uso de Abelha; vou encarregar-me da educação dela. Não te acho adequado para a ensinares.”

Ele fitou-me e foi um olhar muito demorado. Humilhação e pânico, consternação e choque competiram para controlar a sua cara. Nenhum dos sentimentos triunfou, e ele limitou-se a fitar-me. Se Abelha não estivesse em causa, eu poderia ter sentido pena de ter de lhe fazer aquilo. Precisou de alguns momentos para encontrar a língua. Falou com grande cuidado e precisão. “Se vos ofendi de alguma forma ou falhei segundo a vossa avaliação, senhor, eu...”

“Sim, fizeste-o,” interrompi. Recusei-me a sentir piedade ou remorso. Ter-se-ia ele apiedado de Abelha quando a repreendera e humilhara à frente das outras crianças?

O seu lábio inferior chegou mesmo a tremer. Depois, a cara tornou-se pétrea. Sentou-se muito direito. “Quando regressarmos, esta noite, vou imediatamente fazer as malas para partir de Floresta Mirrada.”

Aquela atitude fatigou-me. “Não. Por mais que vocês os dois me aborreçam, não posso permitir tal coisa. Por pouco que eu o deseje, devem permanecer em Floresta Mirrada. Já vi que nenhum dos dois está pronto

para ensinar ou proteger a minha filha. Assim, como julgam que vos posso achar prontos para se protegerem a si próprios? FitzVigilante, podes continuar a tentar ensinar as outras crianças. E eu serei o teu instrutor tanto no machado como na espada, e em como respeitar qualquer homem que te possa olhar nos olhos honestamente.” Mais do meu tempo reclamado, mas pelo menos aquilo poderia acabar por torná-lo capaz de se defender sozinho. E Esquiva? Olhei para o ultraje régio dela. “Vou pedir ao mordomo Pândego para se assegurar de que és instruída no que for mais capaz de te arranjar um marido. Imagino que não seja dança nem canto, mas a gestão de uma casa dentro de um orçamento.”

Ela fitou-me friamente. “Dom Breu vai saber disto!”

“Vai, de facto. E de mim, antes que a tua mensagem lhe chegue.”

Ela semicerrou os olhos até tomar uma expressão de gata. “Não regressarei a Floresta Mirrada. Vou, esta mesma noite, ocupar um quarto aqui em Margem de Carvalhos e viverei aqui, sozinha. E tereis de responder perante Dom Breu pela minha partida.”

Suspirei. “Esquiva. Estamos quase no Festival de Inverno. As estalagens estão cheias. E tu vais regressar esta noite para minha casa, onde nos prepararemos para o celebrar em prol da minha filha. Não vou ouvir, de nenhum de vós, mais ameaças de partir. Não partireis, pois eu dei a alguém que respeito a palavra de honra de que vos protegeria.” Olhei para Lante e depois para Esquiva.

A boca dela abriu-se literalmente. Fechou-a de repente e depois exigiu saber abruptamente: “Texugo, como vos atreveis a assumir qualquer espécie de autoridade sobre mim? Dom Breu pôs-vos à minha disposição, para minha conveniência e proteção. Mandai a vossa mensagem como e quando quiserdes. Eu assegurar-me-ei de que ele corrija quaisquer ideias erradas que possais ter sobre as nossas posições.”

E ali estava, exposto naquela única frase. Apesar de Breu ter deixado descuidadamente cair o meu nome, ela não juntara as peças. Estava a fitar-me, furiosa, como se esperasse que me afastasse dela aos tropeções, desfazendo-me em vénias e pedidos de desculpa. Embora pudesse ser ilegítima, estava confiante na sua superioridade sobre mim. Lante, apesar de

bastardo, tinha sido reconhecido por um pai nobre e, por conseguinte, era seu igual.

Mas não o criado. Nem eu ou Enigma. Porque, aos seus olhos, eu era tão plebeu como a minha filha.

“Esquiva. Basta.” Foi tudo o que disse. Os olhos dela semicerraram-se e ficaram frios de fúria. Quase me apeteceu rir quando ela decidiu exercer a sua autoridade.

“Não tens autorização para falar comigo assim,” avisou numa voz grave.

Quase arranjava resposta para lhe dar quando Enigma chegou à mesa. Veio trazendo os pratos de comida deles, habilmente equilibrados num braço, e as canecas de sidra na outra mão. Com duas batidas e um floreado, pôs tudo à minha frente. Havia um brilho nos seus olhos, a sua determinação para pôr para trás das costas os acontecimentos do dia e ser alegre. Depois, o sorriso determinado foi subitamente substituído por uma expressão preocupada e pela pergunta: “Onde está a Abelha?”

O alarme trespassou-me. Levantei-me no apertado espaço entre o banco e a mesa. “Não voltou. Já se passou demasiado tempo. Vou à procura dela.”

“A minha sidra mal chega a morna!”, ouvi Esquiva exclamar enquanto eu passava por cima do banco e me ia embora.

CAPÍTULO 29

BRUMA E LUZ

E depois saltou um lobo das brumas brilhantes que nos rodeavam, todo negro e prata. Estava coberto de cicatrizes e a morte agarrava-se-lhe como a água se agarra à pelagem de um cão depois de ter mergulhado num rio. O meu pai estava com ele, e nele, e à volta dele, e eu nunca me tinha apercebido do que ele era. Sangrava de dúzias de ferimentos insaráveis e, no entanto, no seu núcleo, a vida ardia como ouro derretido numa fornalha.

Diário de Sonhos de Abelha Visionário

Ficou tudo estragado quando a porta da taberna se abriu e voltou a fechar-se com estrondo, e de súbito Esquiva e FitzVigilante estavam lá. Pela maneira como FitzVigilante olhou para o meu pai, percebi que já tinha ouvido contar a história do que acontecera no terreiro da vila. Não queria que ele falasse disso ao meu pai. Já tínhamos ultrapassado a questão e, se ele a mencionasse, Enigma teria de voltar a pensar nela. Enigma e o meu pai estavam a comportar-se como se agora tudo estivesse bem, mas eu sabia que o que o meu pai fizera ia corroer o coração de Enigma como um bicho. O meu pai era amigo dele, mas a sua lealdade maior era para com Urtiga, e ele temia contar-lhe aquela história e revelar-lhe o papel que nela desempenhara.

Mas Esquiva, se a conhecia, ignorou-a, limitando-se a tagarelar sem parar porque tem-de-ter-isto, tem-de-ter-aquilo, e se o meu pai tinha dinheiro, e que talvez pudessem ir agora mesmo comprar tudo, ou talvez quisesse comer primeiro. Sentou-se ao lado do meu pai e FitzVigilante sentou-se do outro lado de Enigma, e os dois fizeram-me lembrar pintainhos de bocas vermelhas a piar num ninho enquanto falavam de precisar disto e querer aquilo. O meu pai virou-me as costas para falar com Esquiva. Não consegui aguentar. Senti-me de repente demasiado quente e a pressão da miríade de conversas pareceu-me mãos que me estivessem a tapar os ouvidos. Puxei

pela manga de Enigma. “Tenho de ir até lá fora.”

“O quê? Ah. Fica por trás da estalagem. E volta logo, estás a ouvir?” E virou-se para responder a qualquer coisa que FitzVigilante lhe tinha dito. Era estranho como eu não podia nunca interromper, mas o meu tutor não via motivo nenhum para observar a mesma cortesia para comigo. “É comida do campo, Lante. Diferente do que encontrarias numa taberna da Cidade de Torre do Cervo, mas não é má. Experimenta a sopa.”

Tive de me contorcer para me virar no banco e depois descer dele. Não me parece que o meu pai tenha sequer reparado que eu me estava a ir embora. A caminho da porta, uma grande mulher quase me pisou, mas eu contornei-a a correr. A porta era tão pesada que tive de esperar até alguém entrar para conseguir escapular-me para fora. O ar mais frio saudou-me; parecia que o movimento na rua e a atmosfera alegre tinham aumentado com a aproximação da noite. Afastei-me ligeiramente da porta, o suficiente para não ser atingida se ela se abrisse, e depois tive de voltar a sair do caminho porque um homem precisava de descarregar uma carroça de lenha para a taberna do lado. Portanto atravessei a rua e pus-me a observar um homem que fazia malabarismo com três batatas e uma maçã. Cantava uma cançoneta alegre enquanto o fazia. Quando acabou, torci-me para enfiar profundamente a mão na minha nova bolsinha, atrás do meu novo saco para o mercado. Lá no fundo, encontrei o meu meio cobre. Quando lho dei, ele sorriu e deu-me a maçã.

Já estava declaradamente na altura de voltar para a taberna e encontrar o meu pai, por mais que temesse ser arrastada agora nas compras de Esquiva. Mas o meu pai talvez mandasse Enigma com ela ou se limitasse a dar-lhe dinheiro para desperdiçar. Uma carroça cheia de barris de cerveja puxada por uma equipa de quatro cavalos parara na rua, portanto tive de a contornar. Para voltar para a taberna, teria de passar pelo pedinte cinzento.

Parei para o observar. Estava tão vazio. Não só a mão suplicante em cima do joelho, mas todo ele, como se fosse a pele de uma ameixa pendurada de uma árvore depois de vespas lhe terem roubado toda a polpa doce, deixando apenas um invólucro vazio. Olhei para a mão vazia, mas desejava desesperadamente ficar com os dois cobres. Portanto disse: “Tenho uma

maçã. Queres uma maçã, pedinte?”

Ele virou os olhos para mim como se conseguisse ver-me. Eram terríveis, mortos e nublados. Não queria que ele me olhasse com aqueles olhos. “És gentil,” disse, e eu baixei-me corajosamente para lhe pousar a maçã na mão.

Nesse preciso momento a porta da loja de especiarias abriu-se e a mulherzinha magra que era sua dona saiu. “Tu!”, exclamou. “Continuas aí agachado? Fora! Já te tinha dito, vai-te embora! Uma rua cheia de clientes e a minha loja está vazia porque ninguém quer passar por cima desses ossos e farrapos malcheirosos. Fora! Senão o meu marido vem ensinar-te a dançar com um pau!”

“Eu vou, eu vou,” disse o mendigo em voz baixa. A sua mão cinzenta fechara-se na maçã vermelha. Enfiou o fruto no peito da túnica esfarrapada e começou a debater-se lentamente para se levantar. A mulher fitava-o, furiosa. Baixei-me, encontrei o bordão que ele procurava às apalpadelas e pus-lho na mão. “És gentil,” voltou ele a dizer. Agarrou com força no pau, com uma mão acima da outra, e içou-se até ficar de pé. Oscilou e virou a cara lentamente de um lado para o outro. “A rua está vazia?”, perguntou de uma forma que dava dó. “Se eu sair agora, a rua está vazia?”

“O suficiente. Vai já!” A mulher das especiarias falou com aspereza no momento em que uma parelha de cavalos e uma carroça contornavam a esquina, dirigindo-se para nós, e eu decidi nunca comprar nada na loja dela.

“Não avances,” avisei. “Vais ser esmagado. Espera e eu atravesso contigo.”

“Ora, ora, se não és uma coisinha metedicha!” A mulher dobrou-se pela cintura para trocar de mim. Os seus pesados seios saltaram na minha direção como cães acorrentados. “A tua mãe sabe que andas descontrolada pela rua e a falar com mendigos porcos?”

Quis dizer-lhe qualquer coisa inteligente, mas ela voltou-se para dentro da loja e chamou: “Galino? Galino, aquele mendigo continua a bloquear a nossa porta! Corre com ele, como te pedi há horas!”

A carroça trovejante tinha passado. “Vem agora comigo,” disse eu. Ele cheirava muito mal. Não queria tocar-lhe. Mas sabia que o meu pai não o teria deixado ali à mercê da mulher das especiarias. Já era tempo para me

começar a comportar como filha do meu pai. Peguei no bordão dele por baixo das suas mãos. “Eu guio-te,” disse-lhe. “Anda agora. Vem.”

Foi coisa lenta. Mesmo agarrado ao pau com ambas as mãos, ele mal conseguia manter-se em pé. Deu dois passinhos, empurrou o pau para a frente e deu mais dois passinhos. Enquanto o guiava para a rua, afastando-o da porta da loja das especiarias, apercebi-me subitamente de que não sabia onde o pôr. Ali, estivera abrigado do vento. De ambos os nossos lados, as portas das lojas estavam cheias de clientes a entrar e a sair. À nossa frente ficava apenas o terreiro da vila. Caminhámos lentamente nessa direção. Ninguém regressara ao local onde o cão morrera. Alguém levava o corpo da cadela e a cabeça de touro e, como o meu pai pedira, tinham espalhado ali neve limpa, mas o sangue empapara-a. Neve cor-de-rosa, quase bonita se não se soubesse o que era. Não sei por que motivo o guiei para ali, à parte tratar-se de um espaço aberto. A tela que cobrira a cabeça de touro estava no chão debaixo da árvore. Ele talvez pudesse sentar-se nela.

Deitei uma olhadela à porta da taberna, sabendo que se não regressasse em breve, o meu pai ou Enigma viriam atrás de mim. Talvez ambos.

Ou talvez nenhum dos dois. Esquiva estava lá, e ela era inteiramente capaz de os manter a ambos ocupados ao ponto de se esquecerem de mim. Um sentimento desagradável abafou-me o coração. Ciúme. Finalmente dei-lhe o nome correto. Estava com ciúmes.

O ciúme alimentou o meu desejo de ajudar o mendigo cego. Não voltaria para trás. Eles teriam de vir à minha procura e, quando o fizessem, veriam que eu podia ser tão corajosa e bondosa como o meu pai. Ajudando um mendigo no qual mais ninguém queria tocar. Um homem, parado ao lado da carroça de um latoeiro, estava a fitar-nos com desagrado. Era claro que queria que nos afastássemos mais dele. Reforcei a determinação e desloquei o saco para o pendurar firmemente do ombro. “Dá-me o braço,” disse com ousadia. “Eu posso ajudar-te a andar melhor.”

Ele hesitou, sabendo quão repugnante era. Depois, a fadiga venceu. “És muito bondosa,” disse, quase com tristeza, e estendeu um braço que mais parecia um pau. Peguei nele. Ele oscilou um pouco. Eu era mais baixa do que esperara. A sua mão suja agarrou-me o antebraço.

O mundo rodopiou à nossa volta. O céu transformou-se num arco-íris. Houvera um nevoeiro, mas fora um nevoeiro através do qual eu olhara a vida inteira. Agora, ele abria-se, como se um vento de júbilo o tivesse rasgado. Olhei, assombrada, para a beleza que me dilacerou e escancarou o coração. Todos eles, o latoeiro carrancudo, a rapariga coroada com azevinho que beijava um rapaz atrás de uma árvore, o gato da estalagem ao abrigo de um alpendre, o velho que regateava por um novo chapéu de feltro, todos se projetaram em gloriosas cores que eu nunca imaginara existirem. Os seus defeitos eram dominados pelo potencial para a beleza que havia em todos. Soltei um sonzinho e o mendigo soluçou em voz alta.

“Consigo ver,” gritou. “A visão voltou-me. Consigo ver! Oh, minha luz, meu sol, de onde vieste tu? Onde estiveste?”

Puxou-me para o seu peito e abraçou-me e eu fiquei feliz com isso. A beleza e a possibilidade de glória que rebentou em flor a toda a minha volta fluíam dele através de mim. Era aquilo, era assim que se devia fazer. Não em minúsculos vislumbres, não como sonhos sem ligação. Para todo o lado que olhasse, as possibilidades multiplicavam-se. Fez-me lembrar a primeira vez que o meu pai me erguera até ao ombro e eu compreendera subitamente como ele conseguia ver até tão mais longe do alto da sua altura. Mas agora eu via, não só de um melhor ponto de vista, não só à distância, mas todos os tempos. Era reconfortante ser abraçada, estar em segurança no meio desse vórtice rodopiante. Não tive medo quando permiti que a minha visão seguisse a miríade de fios. Um captou a minha atenção. A rapariga que beijava iria casar com aquele rapaz, coroada com flores de laranjeira, e dar-lhe-ia nove filhos numa quinta num vale. Ou não. Podia namorar com ele durante algum tempo e casar com outro, mas a sua recordação daquele momento somaria doçura a todas as tartes que faria e o amor que conhecera seria partilhado com galinhas e gatos até morrer, estéril, aos setenta e dois anos. Mas não. Eles fugiriam juntos, naquela mesma noite, e dormiriam juntos na floresta, e no dia seguinte, a caminho de Torre do Cervo, morreriam ambos, ele de um ferimento de seta e ela seria violada, dilacerada e abandonada para morrer numa vala. E por causa disso, os irmãos mais velhos juntar-se-iam e formariam a Guarda de Carvalhos.

Enquanto durassem as suas patrulhas, tomariam as vidas de cinquenta e dois salteadores de estrada e salvariam mais de seiscentos viajantes da dor e da morte. Os números eram claros. De súbito era tudo tão, tão simples. Tudo o que tinha de fazer era dar-lhes um minúsculo empurrão. Se lhes sorrisse enquanto eles passeavam pelo relvado da aldeia e lhes dissesse: “Vocês brilham de amor. O amor não deve esperar. Fugam esta noite!”, eles veriam em mim uma anunciadora e seguiriam o meu conselho. A dor dele não duraria mais de um momento e a dela apenas horas. Menos tempo do que passaria a lutar durante o parto do seu primeiro filho. Eu tinha esse poder. Tinha o poder e a escolha. Podia fazer tanto bem no mundo. Tanto bem. Havia tantas decisões que podia tomar para o bem do mundo. Podia começar pela rapariga coroada de azevinho.

Ele apertou-me com mais força e falou-me ao ouvido. “Para. Para. Não podes. Sem grande reflexão, não podes e depois... mesmo assim... há tanto perigo. Tanto perigo!”

Fez os meus olhos virar e os fios estilhaçaram-se num milhar de outros fios. Não era tão simples como eu tinha pensado. Pois cada fio que eu tentava seguir transformava-se numa multiplicidade e, no momento em que escolhia um fio dessa multiplicidade, ele voltava a estilhaçar-se em ainda mais possibilidades. Ela podia dizer-lhe a palavra errada e ele assassiná-la-ia esta tarde. Dizia ao pai que o tinha beijado e o pai abençoá-los-ia. Ou amaldiçoá-los-ia. Ou expulsava-a de casa para o meio da tempestade, para ir morrer de frio durante a noite.

Alguns são muito mais prováveis do que os outros, mas todos têm pelo menos uma possibilidade de ser reais. Portanto cada caminho tem de ser cuidadosamente estudado antes de algum caminho ser escolhido. O caminho que observaste, em que ambos têm de morrer? Se nos dedicássemos a essa criação da Guarda de Carvalhos, teríamos de procurar e procurar. Há sempre outros caminhos pelo tempo que levam ao mesmo fim. Haverá alguns mais destrutivos e feios e outros menos.

Julgara que ele estava a falar comigo em voz alta. Tomei consciência de que os seus pensamentos estavam a derramar-se para dentro de mim através do vínculo que partilhávamos. Ele fez jorrar conhecimentos da sua mente

para a minha como se fosse um jarro e eu o copo. Ou o jardim sedento que, ao longo de todo este tempo, só tinha estado à espera daquela nutrição.

E os caminhos mudam, mudam constantemente. Alguns desaparecem, agora impossíveis, e outros tornam-se mais prováveis. É por isso que o treino demora tantos anos. Tantos anos. Uma pessoa estuda e presta atenção aos sonhos. Porque os sonhos são como postes de sinalização para os momentos mais significativos. Os momentos mais significativos...

Ele afastou a atenção de mim e foi como se alguém me tivesse arrancado um manto quente no meio de uma tempestade de gelo. Fitou com os olhos cegos, com terror e júbilo estampados na cara marcada. “*O lobo vem,*” recitou. “*Os seus dentes são uma faca e as gotas de sangue voadoras são as suas lágrimas.*”

Então, a visão desvaneceu-se até ao mesmo tipo de acuidade que se tem num crepúsculo profundo antes de a última luz do dia se desvanecer. As cores estavam atenuadas e prevaleciam as sombras, escondendo de mim todos os detalhes. Julguei que morreria. Todas as possibilidades estavam escondidas, mascaradas e limitadas a um único instante de tempo. Senti-me incapaz de me mexer. A vida era rígida, limitada e lenta. O tempo fora um oceano sem limites, estendendo-se em todas as direções, e eu fora uma ave marinha, livre para rodopiar e esvoaçar de um momento para um milhar de outras possibilidades. Agora estava atolada numa minúscula poça, lutando por experimentar plenamente nem que fosse um segundo, cega para as consequências futuras de qualquer ação que executasse. Parei e fiquei ali, e deixei a vida acontecer à minha volta.

CAPÍTULO 30

COLISÃO

O meu lobo ensinou-me tanto como eu lhe ensinei a ele. Mas, por mais que tentasse, nunca conseguiu ter completo sucesso a ensinar-me a existir no agora como ele fazia. Quando passámos noites calmas de neve estendidos à frente de um fogo confortável na lareira, o lobo não precisava de conversas ou de um rolo para ler. Simplesmente desfrutava do conforto do calor e do descanso. Quando eu me levantava para andar de um lado para o outro na pequena sala ou puxava um pau queimado de entre as brasas para fazer riscos indolentes nas pedras da lareira, ou pegava em papel e numa pena, ele erguia a cabeça, suspirava e depois voltava a baixá-la para reatar o desfrute da noite.

Quando caçávamos juntos, eu deslocava-me quase tão silenciosamente como ele, a observar, sempre atento ao sacudir de uma orelha ou ao deslocamento de um casco, a esse minúsculo movimento que revelaria um veado imóvel entre a vegetação rasteira a aguardar que passássemos. Iludia-me julgando estar completamente no agora, sintonizado exclusivamente com a caçada. E estava tão atento a essa observação que me sobressaltava quando, com um salto e uma sacudidela, Olhos-de-Noite matava um coelho agachado ou uma galinha-brava aninhada, junto dos quais eu passara sem os ver. Sempre lhe invejara essa capacidade. Ele estava aberto a toda a informação que o mundo lhe oferecia, um odor, um som, um minúsculo movimento, ou simplesmente o roçar da vida pelo seu sentido da Manha. E eu nunca atingira a sua capacidade para se abrir a tudo, para estar consciente em simultâneo de tudo o que estava a acontecer.

Entrada de diário não assinada

ão dera mais que um passo antes de Enigma estar a pé e ao meu lado.

Pegou-me no braço. A sua boca era uma linha plana quando me virei para ele. Falou em voz baixa, quase sem inflexão, como se ele próprio não fizesse ideia do que sentir sobre as suas palavras. “Tenho de dizer isto antes de irmos buscar a Abelha. Fitz, não está a resultar. De facto, é exactamente como Urtiga temia. És um bom homem. E meu amigo. Espero que consigas lembrar-te de que eu sou teu amigo enquanto digo isto. Não és um bom... não és capaz de ser um bom pai. Tenho de a levar para Torre do Cervo comigo. Prometi a Urtiga que veria como as coisas estavam a correr com os dois. Ela não confiava em si mesma para decidir; tinha medo de ser demasiado crítica.”

Repeli a minha súbita explosão de ira. “Enigma. Agora não. E aqui não.” Mais tarde pensaria nas palavras dele e no que queriam dizer. Soltei-me da mão que me pusera no braço. “Tenho de ir à procura de Abelha. Já saiu há demasiado tempo.”

Ele agarrou-me na manga e tive de voltar a virar-me para ele. “Exatamente. Mas, até que eu to fizesse notar, não tinhas reparado. Foi a segunda vez, hoje, que ela foi posta em perigo.”

Esquiva tinha os ouvidos de uma raposa. Estava à escuta da conversa. Atrás de nós, soltou um pequeno som, misto de repugnância e divertimento, e falou para que eu ouvisse. “E diz ele que não sois adequado para ensinar a filha,” observou sarcasticamente para FitzVigilante. Quase me virei para ela, mas o lobo no meu coração saltou para a dianteira. *Encontra a cria. Nada mais importa.*

Enigma também a ouvira. Largou-me a manga e avançou para a porta. Eu estava dois passos atrás dele. Todos os tipos de pensamentos me passaram num ápice pela cabeça. Margem de Carvalhos não era uma grande cidade, mas convergiam para ela todos os tipos de gente durante o Festival de Inverno. Todos os tipos de pessoas, decididas a divertir-se. E, para algumas delas, divertirem-se incluiria fazer mal à minha pequena. Esbarrei com a anca numa mesa e dois homens gritaram quando a cerveja saltou sobre as bordas das canecas. Depois Esquiva foi estúpida o suficiente para me agarrar na manga. Tinha vindo atrás de mim e Lante seguira-a. “O Enigma pode encontrar Abelha. Depositário Texugo, temos de pôr isto em pratos

limpos de uma vez por todas.”

Arranquei-lhe a manga das mãos tão abruptamente que ela soltou um grito e agarrou a mão junto do peito. “Ele magoou-vos?”, exclamou FitzVigilante, horrorizado.

Enigma chegara à porta e estava à espera que dois fregueses muito grandes entrassem antes de poder sair. Inclinou-se para olhar para trás deles. “*Não! Para! Põe-na no chão!*” Enigma rugiu aquelas palavras ao abrir caminho por entre os dois homens que tentavam entrar na taberna e depois saiu porta fora. Eu saltei para longe de Esquiva e atravessei a taberna cheia de gente numa correria cambaleante. A porta estava escancarada e eu atravessei-a de um salto. Percorri descontroladamente com o olhar o movimentado terreiro. Para onde tinha Enigma ido, o que tinha ele visto? As pessoas caminhavam calmamente pela neve, um cão sentou-se a coçar-se, e o condutor da carroça vazia à frente da estalagem chilreou à sua parelha. Captei um vislumbre de Enigma atrás da carroça, a correr por entre passeantes surpreendidos na direção de um mendigo esfarrapado que erguera a minha filhinha nas mãos tortas e sujas e a apertava com força contra o peito. Tinha a boca junto do ouvido dela. Encurralada contra ele, ela não estava a debater-se. Pelo contrário, estava muito, muito imóvel, com os pés pendurados, a cara virada para a dele, as mãos descontraídas, abertas e erguidas como se suplicasse alguma coisa ao céu.

Ultrapassei Enigma e, sem saber como, a faca apareceu nas minhas mãos. Ouvi um som, um rugido animalesco, um rugido aos meus ouvidos. Depois, o meu braço rodeou o pescoço do mendigo, puxando-lhe a cara para longe da minha filha e, enquanto lhe dobrava a cabeça para trás com a cova do cotovelo, mergulhei-lhe a faca no flanco, uma, duas, pelo menos três vezes. Ele gritou enquanto a largava e eu arrastei-o para trás comigo, para longe da minha filha vestida com o seu xaile vermelho e cinzento, caída na neve como uma rosa arrancada.

Enigma chegou lá num instante e foi sensato o suficiente para apanhar a minha filha que estava caída no chão nevado e recuar com ela. O braço direito segurava-a contra o coração enquanto o esquerdo tinha a faca a postos. Olhou a toda a volta, em busca de algum outro inimigo ou alvo.

Depois baixou os olhos para ela, deu dois passos atrás e gritou: “Ela está bem, Tomé. Um bocado atordoada, mas bem. Não há sangue!”

Só então tive consciência dos gritos das pessoas. Algumas estavam a fugir da violência, outras convergiam para um círculo à nossa volta, ávidas como corvos perante uma matança. Eu continuava com o mendigo nos braços. Olhei para a cara do homem que matara. Tinha os olhos abertos, cinzentos e cegos. Filas de cicatrizes cobriam-lhe a cara em linhas infligidas com amor. A boca estava torta. A mão que ainda se agarrava ao braço que o estrangulava era uma garra de ave de dedos sarados incorretamente.

“Fitz,” disse ele baixinho. “Mataste-me. Mas eu compreendo. Eu mereço. Mereço até pior.”

O seu hálito estava fétido e os olhos eram como janelas sujas. Mas a voz não mudara. O mundo balançou sob os meus pés. Tropecei para trás e sentei-me com força no chão, com o Bobo nos braços. Apercebi-me de onde estava, debaixo do carvalho, na neve ensanguentada onde o cão sangrara. Agora era o Bobo a sangrar. Senti o sangue quente dos seus ferimentos a ensopar as minhas coxas. Deixei cair a faca e comprimi com a mão os furos que fizera. “Bobo,” coaxeï, mas não tive fôlego para formar palavras.

Ele moveu uma mão, a apalpar às cegas, a perguntar com infinita esperança: “Para onde foi ele?”

“Estou aqui mesmo. Aqui mesmo. E lamento. Oh, Bobo, não morras. Nos meus braços não. Não conseguiria viver com isso. Não morras, Bobo, não pelas minhas mãos!”

“Ele estava aqui. O meu filho.”

“Não, sou só eu. Só eu. Amado. Não morras. Por favor, não morras.”

“Sonhei?” Lágrimas derramaram-se lentamente dos seus olhos cegos. Eram espessas e amarelas. O hálito do seu sussurro era fétido. “Posso morrer para dentro desse sonho? Por favor?”

“Não. Não morras. Não pelas minhas mãos. Não nos meus braços,” supliquei. Estava dobrado sobre ele, quase tão cego como ele enquanto combatia o negrume na periferia da visão. Viver aquilo era demasiado terrível. Como podia ser? Como podia ser? O meu corpo ansiava pela

inconsciência e a minha mente sabia que só tinha uma hipótese estreita como o fio de uma faca. Não poderia sobreviver àquilo se ele não sobrevivesse.

Ele voltou a falar, e havia sangue na sua língua e lábios ao formar as palavras. “Morrer nos teus braços... é na mesma morrer.” Respirou duas vezes. “E não posso. Não devo.” O sangue transbordou dos lábios e começou a escorrer-lhe pelo queixo. “Por mais que o tenha desejado. Se quiseres. Se conseguires. Mantém-me vivo, Fitz. Qualquer que seja o custo para nós. Para ti. Por favor. Eu tenho de viver.”

Uma cura pelo Talento, mesmo na melhor das circunstâncias, é coisa difícil. É normalmente realizada por um círculo de utilizadores do Talento, familiarizados uns com os outros e capazes de emprestar força uns aos outros. O conhecimento de como um corpo humano é constituído é essencial, pois em casos graves torna-se necessário decidir quais são os mais mortíferos dos ferimentos e lidar com esses primeiro. Idealmente, antes de se tentar esta cura, tudo terá sido feito para alcançar uma cura normal, os ferimentos terão sido limpos e ligados, e o paciente estará repousado e bem alimentado. Idealmente. Ajoelhei na neve, com o Bobo ao colo, rodeado pelas conversas dos mirones, enquanto Enigma segurava nos braços a minha filha aterrorizada. Ergui os olhos para Enigma e falei com clareza. “Cometi um erro terrível. Feri um velho amigo que não queria fazer mal à minha filha. Cuida de Abelha e mantém os outros afastados. Quero fazer uma prece a Eda.”

Era uma desculpa credível, e estavam presentes seguidores de Eda em quantidade suficiente para convencerem os outros a dar-me espaço e sossego. Ninguém gritara pela guarda da cidade: era inteiramente possível que poucos tivessem compreendido que eu apunhalara o pedinte. O olhar espantado de Enigma censurou-me mas, espantosamente, ele obedeceu e de súbito compreendi a profundidade da nossa amizade. Solto um sonoro grito para as pessoas me darem espaço e depois, virando-se, vi-o gritar e chamar com um gesto FitzVigilante para junto de si. Esquiva seguia o escriba, caminhando como uma gata em neve húmida. Vi-o a falar com ambos, muito sério, a assumir o comando, e soube que ele trataria de tudo.

Fechei os olhos e baixei a cabeça como que numa prece.

Mergulhei no corpo do Bobo. Já não tínhamos uma ligação de Talento; as suas barreiras opuseram-se-me por um momento. Eu invoquei força de Talento que mal sabia possuir e rompi-lhe as defesas. Ele soltou um som baixo, de objeção ou de dor. Ignorei-o. Aquele era um corpo que eu conhecia intimamente, pois em tempos usara-o. Era semelhante ao de um homem, e dissemelhante, com diferenças que eram ao mesmo tempo subtis e cruciais. Fechar os ferimentos que eu causara e suster o sangramento não era um feito complicado e eu decidi que essa seria a primeira tarefa. Desfazer os danos que lhe causara. Foi necessária concentração e a minha vontade para obrigar o corpo dele a tornar essa cura uma prioridade digna da queima das suas escassas reservas. Portanto, detive a hemorragia e senti-o a degenerar e enfraquecer enquanto o seu corpo acelerava essa cura. Pois apesar de o Talento ser uma magia poderosa, não é o que opera a cura. É o corpo, sob a direção do Talento, e há sempre um custo para as reservas do corpo.

Compreendi o meu erro quase imediatamente. Desloquei-me pelo corpo dele com o seu sangue, encontrando danos antigos e más reparações e lugares onde o corpo encurralara venenos e os selara num vão esforço para conter a sua disseminação. Uma das minhas facadas perfurara uma dessas bolsas tóxicas e agora ela derramava negrume para o seu sangue e o bombear do coração estava a levar o veneno para todo o corpo. O mal estava a espalhar-se; senti o fatigado alarme físico do corpo, e depois uma peculiar resignação começou a espalhar-se por ele. Não era a mente, mas o corpo, que sabia que a vida estava no fim. Um estranho prazer começou a espalhar-se, um derradeiro conforto que a carne oferecia à mente. Depressa terminaria; para quê passar os últimos momentos em alarme? Essa sedução de paz quase me atraiu também.

“Bobo. Por favor!” Supliquei-lhe em silêncio para voltar ao combate. Abri os olhos para olhar para a sua cara. Por um longo momento, o mundo rodopiou à nossa volta. Não me conseguia concentrar; a cura levava mais de mim do que me apercebera no momento.

Inspirei, trémulo, e abri mais os olhos. Nunca fora fácil olhá-lo nos olhos

quando eles não tinham cor. Mesmo quando tinham adquirido tom e passado de um amarelo-claro a dourado, fora difícil ler o que estava por trás desse olhar. Agora os seus olhos estavam ocluídos, tornados cinzentos por algo que suspeitei ter sido um cegamento deliberado. Eu não era mais capaz de ver o seu âmago do que ele de ver com aqueles olhos. Só me podia orientar pela sua voz. Estava ofegante e cheia de resignação.

“Bem. Teremos um pouco mais de tempo para passar juntos. Mas no fim falharemos, meu Catalisador. Ninguém tentou mais do que nós.” A sua língua, ainda ensanguentada, passou pelos lábios gretados e a pelar. Inspirou e sorriu com dentes escarlates. “E ninguém pagou um preço mais alto por esse falhanço. Desfruta do que de bom resta na tua vida, velho amigo. Tempos malignos cairão em breve sobre ti. Foi bom estar perto de ti. Uma última vez.”

“Não podes morrer. Assim não.”

Um fino sorriso encurvou-lhe os lábios. “Não posso morrer? Não, Fitzinho. Não posso viver. Gostaria de poder, mas não posso.” As pálpebras, tão escuras como se tivessem sido magoadas, fecharam-se inutilmente sobre os seus olhos nublados. Ergui o olhar. Passara-se algum tempo. Não soube dizer quanto, mas a luz mudara. Algumas das pessoas da vila tinham recuado para formarem um círculo curioso mas outras tantas haviam decidido que havia pouco para ver; o início do Festival de Inverno chamava e tinham seguido os respetivos caminhos. Enigma ainda lá estava, com uma atordoada Abelha nos braços, flanqueado por Esquiva e FitzVigilante. Esquiva aninhava-se, a tremer, nos seus agasalhos, com a cara transformada numa máscara de justificada fúria. FitzVigilante parecia completamente confuso. Olhei diretamente para Enigma e falei sem me importar com quem pudesse ouvir ou sentir curiosidade.

“Tenho de o levar para o Castelo de Torre do Cervo. Ao círculo de Talento, para ser curado. Através dos pilares. Ajudas-me?”

Enigma baixou o olhar para Abelha nos seus braços e depois olhou para mim. “Ela está bem,” disse, e eu ouvi a censura por eu nem sequer ter feito essa pergunta. Mas com certeza que, se não estivesse, ele mo teria dito nesse mesmo instante, não? Senti uma pontada de ira contra ele, que se

desvaneceu imediatamente. Não tinha direito a estar zangado com ele nem tempo para estar outra coisa que não fosse desesperado. Fitei-o. Ele abanou a cabeça, numa negativa, mas disse: “Ajudo-te de qualquer forma que puder. Como sempre fiz.”

Pus os pés debaixo de mim e levantei-me com pouco esforço. O Bobo não pesava nada, não pesava absolutamente nada. Ele sempre fora leve e flexível, mas agora estava esquelético e envolto em cicatrizes e farrapos. Os mirones fitavam-me intensamente. Não me podia dar ao luxo de me preocupar com isso. Avancei para Enigma. Ele manteve-se onde estava, mas tanto Esquiva como FitzVigilante recuaram, afastando-se daquilo que julgavam ser o cadáver de um velho mendigo malcheiroso.

O meu olhar saltou para FitzVigilante. “Vai buscar a carruagem e os cavalos. Trá-los para cá.”

Esquiva começou com: “Mas e as meias...”

Limitei-me a fitá-la e ela fechou os lábios. “Vai!”, fiz lembrar a FitzVigilante, e ele foi. Quando chegou a dois passos de distância, Esquiva decidiu ir com ele. Ótimo.

“Abelha. Abelha, olha para mim. Por favor.”

Ela tinha a cara enterrada no pescoço de Enigma. Então, ergueu-a lentamente e fitou-me. Olhos azuis de gelo numa cara pálida; o vermelho no seu xaile era um contraste chocante. “Abelha, este homem não pretendia assustar-te. Eu falei-te dele uma vez. Lembras-te? É um velho amigo meu, alguém que já não via há muitos anos. O Enigma conheceu-o como Dom Dourado. Eu conheci-o como o Bobo quando éramos os dois miúdos. De uma coisa tenho a certeza: ele nunca, nunca faria mal a uma criança. Eu sei que estavas assustada, mas ele não pretendia fazer-te nenhum mal.”

“Eu não estava assustada,” disse ela baixinho. “Só me assustei quando tu o mataste.”

“Ele não está morto, Abelha.” Tive a esperança de que o meu tom parecesse reconfortante. “Mas está ferido, e com gravidade. Tenho de o levar imediatamente para o Castelo de Torre do Cervo. Acho que pode ser curado lá.”

Ouvi o ranger e trovejar da carruagem e os basbaques que restavam

abriram-lhe alas. Iam ser contadas algumas histórias estranhas naquela noite na taberna. Não era possível evitá-lo. Transportei o Bobo para a parte de trás da carruagem. Esquiva já estava anichada no canto da caixa mais próximo do banco. “Traz alguma dessa roupa e faz-lhe uma enxerga.”

Ela fitou-me, sem se mexer.

FitzVigilante acionou o travão, enrolou as rédeas, virou-se e veio para a caixa da carroça passando por cima das costas do banco. Juntou um monte de agasalhos que não estavam a ser usados e atirou-mos. Enigma viera pôr-se a meu lado. Pousou Abelha na caixa da carruagem, agasalhou-a bem e depois dispôs as outras mantas. Eu pousei o Bobo com o maior cuidado que me foi possível. Ele soltou um som arquejante. “Vamos arranjar-te ajuda. Continua a respirar.” Deixei a mão sobre o seu peito enquanto falava, procurando alcançá-lo, tentando prender-lhe a vida ao corpo. Como sempre, não conseguia detetá-lo com a Manha e o vínculo de Talento que ele pusera em mim fora também por ele retirado décadas antes. Mas ainda lá havia qualquer coisa, algo que nos ligava, e eu tentei num desespero alimentá-lo de força. Subi desajeitadamente para a caixa da carruagem, sem nunca interromper o toque. Estendi a mão livre e puxei Abelha para mim, encostando-a ao meu corpo. “Enigma, conduz tu. As pedras na Colina da Força.”

“Conheço-as,” limitou-se ele a dizer. E afastou-se, com um milhar de conversas no seu silêncio. Subiu para o banco e FitzVigilante cedeu-lho, vindo sentar-se junto a Esquiva na parte de trás da carruagem. Estavam ambos a fitar-me como se eu tivesse enfiado um cão raivoso na carruagem com eles. Não me importei. A carruagem arrancou com um solavanco e eu não olhei para as pessoas que observavam a nossa partida. Fechei os olhos e contactei Urtiga. Não havia tempo para a subtileza.

Tenho Dom Dourado. Está gravemente ferido e vou precisar da ajuda do círculo para o manter vivo. Vou levá-lo para o Castelo de Torre do Cervo através da Pedra do Julgamento. Enigma diz que vai tentar ajudar-me.

Um longo silêncio. Não me teria ela sentido? Depois respondeu: *Queres dizer que estás ligado pelo Talento a Dom Dourado?*

Estivemos em tempos. E tenho de tentar fazer isto, por mais tolo que

seja.

Tolo, não. Perigoso. Como podes trazer por um pilar alguém que não tenha Talento ou ligação a ti? Vais pôr-te em risco, e não só a ti mas também a Enigma!

Eu tenho um vínculo com ele, Urtiga. Não o compreendo por completo. Fui capaz de me estender para o seu interior e sará-lo. Acho que tenho uma ligação forte o suficiente para conseguir levá-lo por um pilar. Enigma não tem Talento, mas é capaz de viajar contigo ou com Breu. Não pediria isto se a vida dele não estivesse em causa. Por isso fazes-me o favor de chamar os outros e os deixares a postos?

Hoje? Esta noite? Mas esta noite há um jantar importante, com delegados de Vilamonte, Jamaília e Kelsingra. Destina-se a celebrar a aproximação do Festival de Inverno, mas também a negociar novos acordos comerciais e...

Urtiga. Eu não desejo isto. Preciso disto. Por favor.

Houve uma pausa que durou uma eternidade. Depois, ela disse: Nesse caso reunirei todos os Talentosos que possam ajudar numa cura.

Obrigado. Obrigado. Estou em dívida para contigo. Vamos já a caminho. Vai ter connosco às Pedras Testemunha. Manda uma carroça ou um trenó.

E Abelha? Quem vai ficar a cuidar dela?

Quem podia ficar a cuidar dela? Um abanão descendente no meu ânimo. Teria de depender das duas pessoas que acabara de proclamar inadequadas para estarem perto dela. Duas pessoas que estavam insultadas, ofendidas e, no caso de Esquiva, sem a moralidade necessária para compreender que nada disto era culpa de Abelha. Sabia menos sobre FitzVigilante. Breu parecia tê-lo em grande conta, e Enigma também. E Urtiga. Teria de dar mais peso à avaliação deles do que à minha e esperar que ele fosse um homem grande o suficiente para não fazer cair sobre a minha filha o ressentimento que nutria por mim.

O FitzVigilante leva-a de volta para Floresta Mirrada. Não te preocupes, vai tudo correr bem. Por favor. Oh, como eu esperava que fosse tudo correr bem. Contém bem esse pensamento com uma muralha de Talento apertada! Manda uma carroça ao nosso encontro nas Pedras Testemunha, repeti. Diz-

lhes que a minha vida depende disso. Um exagero, mas não por muito. Pelo menos Breu compreenderia. E Respeitador. Libertei a mente da dela e ergui as muralhas. Não queria usar o Talento naquele momento. Não queria absolutamente nenhuma distração de manter o Bobo vivo. Baixei o olhar para Abelha e senti-me desleal. Aquele devia ter sido o dia que passaríamos juntos; bem, estava condenado desde o início. Ela encostou-se a mim e eu movi-lhe o xaile, aconchegando-a melhor nele. Não tínhamos comprado nem metade das coisas que eu quisera arranjar-lhe. Quando voltasse, compensá-la-ia. Faria uma incursão aos mercados da Cidade de Torre do Cervo e trar-lhe-ia uma braçada de coisas bonitas para compensar. Eu e o Bobo regressaríamos juntos e seria um Festival de Inverno inesquecível para todos nós.

O Bobo voltou a gemer e virei-me para ele. Baixei-me e falei baixinho. “Vamos pelos pilares de Talento, Bobo. Vou levar-te para o Castelo de Torre do Cervo para seres curado pelo círculo. Mas será mais fácil para mim levar-te se estivermos ligados pelo Talento. Portanto...”

Tomei a sua mão na minha. Anos antes, enquanto tratávamos do Rei Veracidade, o Bobo roçara acidentalmente com os dedos nas mãos carregadas de Talento de Veracidade. O Talento prateado queimara e ensopara-lhe as pontas dos dedos. O seu toque no meu pulso deixara em tempos marcas, dedadas prateadas e uma ligação entre nós. Ele tirara-mas, logo antes de eu fazer a minha fatídica viagem pelos pilares de Talento de regresso a Torre do Cervo. Pretendia renovar agora essa ligação, encostar uma vez mais os seus dedos ao meu pulso e obter, planeava eu, uma ligação de Talento suficiente para o levar através das pedras verticais comigo e com Enigma.

Mas quando lhe virei a mão para lhe ver os dedos, o horror e a náusea cresceram em mim. Onde antes a prata delineara os delicados torvelinhos nas pontas dos seus dedos, tecido cicatricial retorcido abafava agora as extremidades da mão. As unhas ainda existiam, como núcleos grossos e amarelecidos, mas as fofas almofadas dos seus dedos tinham desaparecido, substituídos por pele áspera e morta. “Quem te fez tudo isto? E porquê? Onde estiveste tu, Bobo, e como pudeste deixar que isto te acontecesse?” E

depois, a derradeira pergunta que me perseguira durante anos e agora soava mais sonoramente do que nunca no meu coração. “Porque foi que não me mandaste buscar, porque não me enviaste uma mensagem, porque não me contactaste de alguma forma? Eu teria ido. Acontecesse o que acontecesse, eu teria ido.”

Não esperava propriamente obter resposta. Ele podia não estar a perder sangue, mas os venenos que eu libertara no seu corpo estavam a espalhar-se. Roubara-lhe força para selar os cortes que fizera. Fossem quais fossem as reservas de que dispunha, era melhor que as organizasse contra os venenos dentro de si. Mas ele moveu-se ligeiramente e depois falou.

“Os que me tinham amado... tentaram destruir-me.” Moveu os olhos cegos como se tentasse ver os meus. “E tu tiveste sucesso onde eles falharam. Mas eu compreendo, Fitz. Compreendo. Eu mereci.”

Silenciou-se. As suas palavras não fizeram nenhum sentido para mim. “Não queria fazer-te mal. Nunca te magoaria. Confundi-te... julguei que a querias magoar! Bobo, lamento. Lamento tanto! Mas quem te atormentou, quem te quebrou?” Refleti no pouco que sabia. “A escola que te criou... foram eles que te fizeram isto?”

Observei o ligeiro subir e descer do seu peito e censurei-me por lhe fazer perguntas. “Não tens de responder. Agora não. Espera até te termos sarado.” Se conseguíssemos. Tinha a mão na sua camisa esfarrapada. Senti costelas por baixo, costelas nodosas devido a antigas fraturas mal saradas. Como podia ele estar vivo? Como podia ter chegado tão longe, cego, sozinho e aleijado? Em busca do filho? Eu devia ter tentado encontrar o rapaz com muito, muito mais determinação, se a necessidade que o Bobo tinha dele era assim tão grande. Se ao menos soubesse, se tivesse tido alguma indicação do estado desesperado em que ele estava. Falhara-lhe. Por agora. Mas ia ajudá-lo. Ia ajudá-lo.

“Vergonha.” A única palavra cavalgou uma expiração.

Baixei a cabeça, julgando que ele me lera os pensamentos e me censurava. Voltou a falar, muito baixo. “O motivo para não te ter pedido ajuda. A princípio. Envergonhado. Demasiado envergonhado para pedir ajuda. Depois de tudo o que fiz. A ti. Quantas vezes te mergulhei na dor?”

A sua língua cinzenta tentou humedecer os lábios que pelavam. Abri a boca para falar, mas ele apertou-me mais a mão. Estava a reunir forças. Mantive-me em silêncio.

“Quantas vezes vi eu a armadilha fechar-se à tua volta? Teria realmente de ser tão horrível para ti? Teria eu tentado com força suficiente encontrar outro caminho através do tempo? Ou será que simplesmente te usei?”

Esgotou-se-lhe o fôlego. Eu fiquei em silêncio. Ele usara-me. Admitira-o, e por mais de uma vez. Poderia ter alterado o percurso da minha vida? Eu sabia que fora frequente uma ou duas palavras suas me terem levado a reconsiderar os meus atos. Lembrava-me bem de como ele me acautelara a respeito de Galeno e até sugerira que eu me afastasse do treino no Talento. E se o tivesse feito? Nunca teria havido aquele espancamento que quase me cegara e me deixara com anos de latejantes dores de cabeça. Mas quando teria eu aprendido o Talento? Saberia ele essas coisas? Saberia para onde se dirigiria cada caminho não seguido pela minha vida?

Ele soltou um pequeno arquejo. “Quando chegou a hora da minha tortura, da minha dor. Como podia ter-te chamado para me salvares quando eu não te tinha salvado nem te tinha afastado dela?” Este discurso foi estilizado por uma série de tosses tão débeis que foram como se uma ave sufocasse. Levantei a mão do meu peito. Não consegui suportar sentir como ele lutava por obter ar.

“Tu... nunca precisaste de te sentir assim, Bobo. Nunca. Eu nunca vi as coisas assim.”

Um arquejo inspirado. “Eu vi. No fim.” Outro arquejo. “Quando soube por experiência própria o que te tinha pedido. Como um minuto de dor premeditada se transforma numa eternidade.” Voltou a tossir. Baixei a cara para perto da dele e falei muito baixinho.

“Foi há muito tempo. E é tardíssimo para pedires perdão, pois todo o perdão já foi dado há anos. Não que eu julgasse haver alguma coisa que fosse preciso perdoar. E agora para de falar. Conserva as forças. Vais precisar delas para a nossa viagem.”

Teria ele energia suficiente para sobreviver a uma viagem através de um pilar de Talento? Conseguiria eu levá-lo pelo pilar, não estando ele ligado a

mim pelo Talento? Mas eu conseguira alcançar o seu corpo. Isso queria dizer alguma coisa, decerto, queria dizer que ainda havia alguma ligação entre nós. Não valia a pena especular. Eu sabia que ele não sobreviveria, a menos que o levasse para Torre do Cervo naquela noite. Por isso, correria o risco. Passaríamos juntos pelos pilares, e se...

Abelha falou do meu outro lado. A voz dela era pouco mais que um sussurro. “Vais-te embora?”

“Por um bocadinho. Para levar o meu amigo a um curandeiro.” E se eu não regressasse? E se nenhum de nós sobrevivesse, o que lhe aconteceria? Não conseguia pensar nisso, e não queria fazê-lo. Sabia que teria de tentar na mesma. Não me sentia minimamente compungido por arriscar a vida pelo Bobo. Mas e o futuro dela? Levantei ligeiramente a voz. “Esquiva e FitzVigilante levam-te para Floresta Mirrada e cuidam de ti até eu voltar para casa.”

O silêncio dela foi eloquente. Tomei a sua mãozinha na minha e disse em voz baixa: “Prometo que voltarei assim que possa.” Mentiroso. Mentiroso. Mentiroso. Uma promessa que eu não tinha nenhum direito de fazer quando nem sabia se sobreviveria à viagem.

“Seria muito útil para mim e para a Dama Esquiva sabermos exatamente o que se está a passar. Quem é este mendigo, porque foi que o atacastes, para onde vamos agora e porque ides deixar Abelha ao nosso cargo sem absolutamente nenhum aviso ou preparação?” FitzVigilante nem tentou suprimir a pontada de ira na sua voz.

Supunha que ele tinha direito àquele aborrecimento. Tentei temperar a resposta com paciência, para não o levar a uma ira maior do que a que já estava a sentir. Tinha de deixar a minha filha ao seu cuidado. À sua mercê. Levei um momento a organizar o que ia partilhar.

“Ele é um velho amigo. Eu entendi mal os seus atos, não o reconheci e ataquei-o. Precisa de tratamento, de muito mais tratamento do que lhe conseguiríamos dar em Floresta Mirrada. Tenho a certeza de que ouviste falar da magia do Talento. Pretendemos usar o Talento para viajar por um pilar de pedra até ao Castelo de Torre do Cervo. Aí, o meu velho amigo pode obter o tratamento de que necessita. Eu tenho de ir com ele. Espero

não passar mais de um ou dois dias longe.”

Nenhum dos dois disse nada. Mastiguei o orgulho e engoli-o. Teria de lhe pedir isto, pelo menos. Olhei para a minha Abelha. Faria tudo por ela. Falei mais suavemente. “Na taberna disse-te que duvidava das tuas capacidades, não só para ensinares como para protegeres a minha filha. O destino deu-te uma oportunidade para demonstrares que me engano. Se fizeres isto, e o fizeres bem, eu reconsiderarei a opinião que faço de ti. Espero que dês um passo em frente e assumas a responsabilidade que te estou a dar. Protege a minha filha.” Esperei que ele compreendesse o significado que as minhas palavras traziam mas eu não me atrevia a expressar em voz alta. *Protege-a com a tua vida.*

Esquiva falou de repente, com a confiança nascida de uma suprema ignorância. “A magia do Talento só pertence à linhagem real Visionário. Como é possível que vós useis...”

“Silêncio.” Enigma deu a ordem num tom que nunca o ouvira usar. Duvido que Esquiva alguma vez tivesse tido alguém a falar-lhe assim mas, milagrosamente, obedeceu. Sacudindo-se como uma galinha poedeira, instalou-se melhor nos agasalhos ao lado de FitzVigilante. Vi-os trocar um olhar de ultraje partilhado com a forma como estavam a ser tratados. Os cavalos continuaram a avançar. A neve na estrada estava a aprofundar-se, agarrando-se às rodas. Por um momento, senti como os cavalos se esforçavam, senti no ar o cheiro do seu suor. Contive a Manha e pigarreei. Apertei suavemente a mão da minha filha.

“Abelha é uma criança capaz. Confio que reconheças que ela precisa de muito pouca supervisão nas tarefas diárias. As suas aulas irão prosseguir, como suponho que aconteça com todas as crianças da propriedade. Na minha ausência, deixa-a estabelecer a sua própria rotina. Se precisar de ajuda de algum de vós, tenho a certeza de que vos irá procurar. Se não procurar, não têm de se preocupar com ela. Além de vós, tem Cuidadosa e Pândego. Isto deixa-te confortável, Abelha?”

A minha filhinha dirigiu-me um raro olhar direto. “Sim. Obrigada, papá, por confiares em mim para cuidar de mim própria. Farei os possíveis por ser responsável.” A boca dela estava apertada numa linha solene. Apertou-

me a mão em resposta. Estávamos ambos a colocar uma máscara de bravura em face da situação.

“Eu sei que farás.”

“Já estamos quase lá,” gritou-me Enigma. “Eles vão estar a postos?”

“Sim.” Esperei que Urtiga tivesse encarado a minha mensagem com seriedade. Não. Sabia que encarara. Eu não perdera tempo a ocultar as emoções. Ela teria detetado o meu desespero. Eles estariam à nossa espera.

E voltei a ver a Dama Esquiva e FitzVigilante trocarem um olhar de ofensa mútua por serem excluídos daquela conversa críptica. Não me importei nem um pouco. O caminho que subia para a Colina da Força não estava bem cuidado. A carruagem sacudiu-se e escorregou nos sulcos e eu cerrei os dentes ao pensar na dor que isso devia causar ao Bobo. Assim que os cavalos pararam, saltei da carruagem. Cambaleei para o lado, o mundo girou, e depois encontrei o equilíbrio. Apoiei-me na carruagem e apontei para FitzVigilante. “Leva Abelha para casa. E estou a contar contigo para que ela fique segura e contente na minha ausência. Estamos entendidos?” Ainda ele acenava afirmativamente, já eu sabia que aquela não era a melhor forma de lidar com o homem, muito menos com Esquiva. Ambos ficariam ressentidos e confusos. Não era possível evitá-lo. Não havia tempo para fazer melhor.

Tomei as mãos de Abelha nas minhas. Com ela sentada na caixa aberta da carruagem, estávamos quase ao mesmo nível. Ela olhou para mim, com a pele clara mais branca em contraste com o xaile cinzento e vermelho que agora lhe cobria a maior parte do cabelo dourado. Falei em voz baixa, só para ela. “Escuta-me. Dá ouvidos ao FitzVigilante e, se tiveres alguma necessidade, informa-o dela, ou a Dama Esquiva, ou Pândego. Lamento, lamento tanto que o nosso dia tenha sido perturbado. Quando voltar, prometo que vamos ter um dia inteiro, só para nós, e que as coisas vão ficar bem. Consegues confiar nisto que te digo?”

O olhar dela estava agora tranquilo e cheio de aceitação, quase letárgico. “Acho que vou primeiro falar com o mordomo Pândego. Ele conhece-me bem. E eu sei que vais fazer os possíveis por cumprir a promessa,” disse ela baixinho. “Vejo isso.”

“Estou contente por veres.” Beije-lhe o topo da cabeça. “Sê corajosa,” sussurrei.

Enigma estava a descer do banco da carruagem. “Onde ides?”, perguntou-lhe Esquiva.

“Vou com o Fitz,” disse-lhe ele. “Através da pedra, de regresso a Torre do Cervo. Estamos a confiar a pequena irmã da Dama Urtiga aos vossos cuidados.” Mais senti do que vi como ele virou o olhar para FitzVigilante. Estava a fitar a minha filha, perguntando a mim mesmo como podia correr aquele risco e como podia não o fazer. “Lante, já nos conhecemos há muito tempo. Eu sei que homem és capaz de ser. Nunca te confiei mais do que te estou a confiar agora. Protege Abelha com gentileza. Eu e Urtiga vamos considerar-te responsável pelo seu bem-estar.” Ele falou suavemente mas havia dentes nas suas palavras. Se FitzVigilante respondeu, eu não ouvi.

Soltei Abelha e virei-me para o Bobo. Foi como se o visse pela última vez. Sem o nosso momento de violenta intimidade, se ele não tivesse falado enquanto eu mergulhava nele a faca, nunca o teria reconhecido. Só a voz me identificara. Os andrajos que usava estavam mais que sujos: fediam e pendiam em novelos de tecido em putrefação. Dos joelhos para baixo caíam em farrapos húmidos e castanhos. Os pés, compridos e estreitos, estavam envoltos em trapos. Toda a sua graça e elegância tinham desaparecido. A pele da sua cara, coberta de cicatrizes, estava tensa sobre os ossos. Fitava sem ver o céu encoberto, imóvel e resignado a qualquer coisa que lhe pudesse acontecer agora.

“Vou pegar-te ao colo,” avisei. Ele fez o mais ligeiro dos acenos. Envolvi-o numa das mantas como se estivesse a entrouxar uma criança. Enfie os braços debaixo dele e icei-o. O movimento libertou uma nova nuvem de fedor. Segurei-o cuidadosamente e olhei para Enigma. “Como é que fazemos isto?”

Ele já estava a dirigir-se para a pedra. Deitou-me uma olhadela por sobre o ombro. “Se tu não sabes, como hei eu de saber?” O seu sorriso estava ao mesmo tempo resignado e assustado. Ele ia fazer aquilo. Ia arriscar a vida a meu pedido. Ia emprestar-me a sua força para tentar fazer algo que podia matar-nos a todos. Eu não merecia um amigo assim. Com o Bobo ao colo,

segui-o pelo trilho nevado na direção da pedra vertical.

Olhei uma vez para trás, para a carruagem. Ninguém se mexera. O banco do condutor estava vazio. Todos os três estavam a ver-nos subir a última porção de colina rochosa até à Pedra do Julgamento. Baixei a voz. “Como foi que tu e Breu o fizeram, quando ele te trouxe consigo pelas Pedras?”

“Pegou-me no braço. Eu pensei em Urtiga. Quando ele entrou na pedra, segui-o. Conseguia senti-lo a servir-se das minhas forças. Foi como, bem, como uma pessoa gelada aninhada junto a mim na cama. A absorver o meu calor. E depois saímos. Foi muito menos difícil do que descer esta colina no meio daquela tempestade de neve e encontrar o caminho até à estalagem. Foi aí que ele precisou mesmo da minha força. Não para passar pelas pedras.” Inclinou a cabeça para indicar o Bobo. “Esse é mesmo Dom Dourado?”

“Sim.”

Ele fitou-o com ar de dúvida. “Como é que sabes?”

“Sei.”

Deixou as coisas assim, mas depois perguntou: “Como é que o vais levar pela pedra? Estás ligado a ele?”

“Estive, há muito tempo. Espero que continue a ser suficiente.” Abanei a cabeça. “Tenho de tentar.”

Os passos de Enigma tinham abrandado. “Há tanto sobre ti que não sei, mesmo depois de todos estes anos. Mesmo depois de tudo o que Urtiga me contou.” A neve parara e a luz do dia estava a desvanecer-se. “Podemos perder-nos todos, não podemos? Eu e tu nunca antes tentámos fazer isto. E tu esperas trazê-lo connosco. Todos os três podemos...”

“Podemos perder-nos todos.” Tive de concluir a frase por ele, admitindo o que ambos sabíamos. A enormidade do que lhe pedira caiu sobre mim. Era demasiado. Eu não tinha o direito. Era meu amigo mas eu agora sabia, para lá de qualquer dúvida, que era muito mais do que um amigo para Urtiga. Teria o direito de arriscar a vida dele? Não. “Enigma. Tu não tens de fazer isto. Eu posso tentar sozinho. Podes levar Abelha de volta para Floresta Mirrada e protegê-la por mim. Eu envio uma ave assim que chegarmos em segurança ao Castelo de Torre do Cervo.”

Enigma cruzou os braços ao peito e abraçou-se como se tivesse frio. Ou se estivesse a segurar apertadamente os seus medos. Os olhos escuros olharam diretamente para os meus. Nenhum fingimento. Nenhuma indecisão. “Não. Vou contigo. Vi a tua cara, lá atrás. Vi como cambaleaste quando saíste da carroça. Acho que gastaste a maior parte das tuas forças quando tentaste sará-lo. Precisas de força. Eu tenho-a. A Urtiga diz que eu podia facilmente ter sido um Homem do Rei, se quisesse.”

“E, em vez disso, escolheste uma rainha,” disse eu em voz baixa e ele sorriu, concordando sem uma palavra.

Demos por nós a encarar a pedra vertical. Ergui o olhar para o glifo que nos levaria até às Pedras Testemunha, não muito longe do Castelo de Torre do Cervo. Senti o terror crescer em mim. Parei, abraçando ao peito o corpo do Bobo, sentindo o medo e a arrastada fadiga. Teria já eu despendido a força de que necessitaria para aquilo? Baixei o olhar para a cara devastada do Bobo. Ele estava imóvel e, lentamente, essa mesma imobilidade preencheu-me. Olhei uma vez para trás, por cima do ombro, para Abelha. Ela observava-me sem se mover. Dirigi-lhe um aceno. Ela ergueu a mãozinha num vago adeus.

Como se estivesse ao corrente dos meus pensamentos, Enigma agarrou-me o braço. Precisei de um longo momento para tomar consciência dele. O meu velho amigo. Eram melhores do que eu merecia, estes amigos. Movi os pensamentos como a lançadeira de um tecelão, do Bobo para Enigma e para mim e seguindo outra vez o circuito. Lembrei-me das nossas amizades, dos lugares terríveis em que tínhamos estado e de como tínhamos sobrevivido a eles. “Estás pronto?”, perguntei-lhe.

“Estou contigo,” disse ele. E eu senti que era verdade. Era como Breu o descrevera, uma espécie de arnês a que me podia agarrar. Era bastante semelhante a segurar-me a um cavalo poderoso ao longo da travessia de um rio profundo e frio.

Apertei o Bobo ao peito e demos um passo em frente, para uma escuridão pétrea.

CAPÍTULO 31

UM TEMPO DE CURA

Os deveres de um Homem do Rei são simples. Primeiro deve manter-se em excelente saúde física. Isso assegurará que, quando o rei o chamar para lhe emprestar força, ele a tenha. O Homem do Rei deve ter uma afinidade próxima para com aquele que serve; é melhor que sinta uma consideração verdadeira por quem irá obter dele força de Talento, em vez de sentir um simples respeito e sentido de dever.

Esta consideração deverá, idealmente, existir em ambos os sentidos. O utilizador de Talento que chama um Homem do Rei para lhe emprestar força deve manter em primeiro plano, na sua mente, o bem-estar do seu parceiro. Pois uma vez que o Homem do Rei entregue o controlo dos recursos do corpo ao utilizador do Talento, ficará incapaz de recusar. Um Homem do Rei experiente é capaz de informar o parceiro quando sente que se está a aproximar do máximo que pode fornecer. É absolutamente essencial para a confiança que é exigida nesta relação que o utilizador do Talento dê resposta a essa informação.

Sobre o Treino de um Homem do Rei, Mestra do Talento Tinteira

Caímos da face do pilar sobre o cume coberto de neve da colina das Pedras Testemunha. A neve era profunda e fresca, sem rastos, e chegava-nos às coxas. Prendeu-me quando eu tropecei, mas não caí nem deixei cair o Bobo. Enigma continuava agarrado ao meu braço quando saímos para o profundo crepúsculo. Inspirei profundamente o ar frio. “Isto nem esteve perto de ser tão difícil como eu temi que fosse,” arquejei. Estava sem fôlego, como se tivesse subido a correr uma colina íngreme e a minha cabeça latejava com uma dor de Talento. Mas tínhamos chegado intactos. Parecia que só tinham passado momentos e que eu estava a despertar de um longo sono. Apesar da dor de cabeça, sentia-me repousado. Tinha uma memória de negrume estrelado, no qual havia

estrelas tanto por cima como por baixo de nós, tanto à frente como atrás. Saímos dessa infinidade para o flanco nevado da colina perto do Castelo de Torre do Cervo.

Então Enigma caiu sem sentidos na neve a meu lado. Caiu com uma terrível falta de força, tombando como se não tivesse um só osso no corpo. Agarrei-me bem ao Bobo enquanto caía sobre um joelho ao lado dele. “Enigma? Enigma!”, chamei, estupidamente, como se ele se tivesse limitado a esquecer-se de que eu ali estava e decidido cair de borco. Deixei as pernas do Bobo cair sobre o chão nevado e peguei no ombro da camisa de Enigma, tentando virá-lo para cima. Ele não respondeu nem à minha voz, nem ao meu toque. “Enigma!”, voltei a gritar e, com grande alívio, ouvi a resposta de um grito vindo de mais abaixo.

Virei-me e olhei para trás. Um rapaz com um archote na mão avançava com dificuldade pela neve. Atrás dele, uma parelha esforçava-se por puxar um trenó pela íngreme colina acima. À luz oscilante do archote, vi vapor a subir das pelagens dos cavalos. Uma rapariga vinha atrás deles, a cavalo, e depois a rapariga passou subitamente a ser Urtiga e, perante o meu grito, ela instou a montada a trotar pela neve profunda e ultrapassar a lenta parelha. Alcançou-nos antes de qualquer outra pessoa e atirou-se do cavalo para a neve ao lado de Enigma. Ao pôr os braços à volta dele e ao erguê-lo para que a sua cabeça fosse pousar no seu peito, deu resposta a quaisquer questões que eu pudesse ter tido sobre o que ele significava para ela. Mesmo à luz quase apagada do dia, o relâmpago de ira nos seus olhos foi penetrante quando perguntou: “O que foi que lhe fizeste?”

Respondi com honestidade. “Usei-o. E temo que, na minha inexperiência, mais impiedosamente do que pretendia. Jul-julgava que ele me travaria se eu tirasse demasiado.” Senti-me como um rapazinho, a gaguejar perante a sua profunda ira fria. Contive o pedido inútil de desculpa que me preparava para fazer. “Vamos pôr os dois no trenó para voltarmos ao castelo e chamar curandeiros e o Círculo do Rei. Mais tarde podes dizer-me ou fazer-me o que quiseses.”

“Direi,” avisou ela com vivacidade e depois levantou a voz, a dar ordens. Guardas correram a obedecer-lhe, tendo vários exclamado de consternação

quando reconheceram Enigma. Não confiei o Bobo a nenhum, levando-o pessoalmente até ao trenó, após o que o instalei lá, subindo depois para me ir sentar a seu lado.

A neve estava levemente compactada e os grandes cavalos foram mais ligeiros a descer a colina do que tinham sido a subir. Mesmo assim, pareceu passar-se uma eternidade na escuridão e ao frio enquanto nos íamos aproximando das torres iluminadas do Castelo de Torre do Cervo. Urtiga entregara o cavalo a outra pessoa; acompanhava Enigma e, se a relação entre os dois fora um segredo, já não o era. Falou-lhe baixinho e com urgência e, quando ele finalmente despertou e conseguiu dar-lhe uma débil resposta, ela dobrou-se por cima dele para lhe dar um beijo sentido.

O trenó não parou à porta do castelo; dirigiu-se diretamente para a enfermaria. Os curandeiros estavam à nossa espera. Não levantei objeções quando levaram Enigma primeiro e voltei a transportar pessoalmente o Bobo. Urtiga mandou os guardas embora, prometendo-lhes novidades assim que houvesse algumas. A sala era comprida, com um teto baixo, e estava abençoadamente vazia de outros ocupantes. Perguntei a mim próprio se seria a mesma sala onde eu em tempos recuperara do meu azar com o pilar de Talento. Havia fileiras de camas suspensas, o que não a distinguia muito de uma caserna. Enigma já fora estendido numa e eu fiquei tremendamente aliviado quando o ouvi protestar debilmente por estar ali. Pousei cuidadosamente o Bobo numa cama a duas de distância, sabendo bem que Urtiga precisaria de estar afastada de mim durante algum tempo. E, pensei sombriamente, Enigma também. Não me parecia que lhe tivesse causado danos permanentes mas, na minha ignorância e ansiedade com o Bobo, esquecera-me por completo de ter cuidado com a quantidade de força que tirara. Usara-o de uma forma dura e mereceria a sua ira. Fiquei desconcertado com aquilo. Teria precisado de lhe tirar assim tanto para trazer o Bobo através do pilar?

Às ordens de Urtiga, os curandeiros tinham-se aglomerado em volta da cama de Enigma. Eu estava sozinho com o Bobo quando lhe despi a roupa exterior e a deixei cair numa pilha malcheirosa ao lado da cama. O que foi revelado horrorizou-me. Alguém dera grande atenção ao ato de lhe infligir

dor. Avaliei que tinha sido dedicado a isso um grande cuidado e uma boa quantidade de tempo, pois havia ossos com velhas fraturas mal saradas e golpes que tinham sido ligados de forma apressada, ou talvez deliberadamente má, e por isso tinham-se formado cordilheiras retorcidas de tecido cicatricial onde a pele fora reunida de forma irregular. Um padrão de cicatrizes de queimaduras no braço esquerdo talvez formasse uma palavra, mas em nenhum alfabeto ou língua que eu conhecesse. O pé esquerdo mal merecia tal nome. Torcia-se para dentro, uma massa de carne com nós de osso, cujos dedos haviam escurecido.

A sujidade era tão perturbadora como os danos. O Bobo sempre fora um homem limpo, meticuloso com o vestuário, o cabelo e o corpo. A porcaria estava-lhe entranhada na pele, formando padrões onde a chuva lhe caíra em cima. Algumas das peças de roupa estavam tão tesas de sujidade que eu contei que estalassem quando as despi. Ele tinha uma maçã escondida no justilho. Deixei que caísse ao chão com tudo o resto. Em vez de o mover demasiado, peguei na faca, cortei o tecido desgastado e puxei-o suavemente de baixo do seu corpo.

O cheiro era nauseante. Os seus olhos estavam ligeiramente entreabertos e eu julguei que estivesse acordado, mas não se mexeu até que tentei despir-lhe a roupa interior. Então ergueu ambas as mãos cobertas de cicatrizes para a gola da sórdida camiseta de linho e agarrou nela. “Não,” disse com uma voz débil.

“Bobo,” censurei, e tentei afastar-lhe as mãos, mas ele agarrou-se mais à peça de roupa, e com mais força do que eu esperara encontrar. “Por favor,” disse eu baixinho, mas ele abanou lentamente a cabeça andrajosa contra a almofada. Bocados do seu cabelo emaranhado soltaram-se quando o fez, e eu não tive coragem para discutir com ele. Que levasse os segredos para a sepultura, se era isso o que queria. Não o despiria à frente dos curandeiros. Cobri-o com uma manta limpa de lã. Ele suspirou de alívio.

Uma curandeira apareceu a meu lado. “Como foi ele ferido? Está a sangrar?” Estava a fazer os possíveis para controlar o desagrado, mas até eu mal conseguia suportar o cheiro dele.

“Foi torturado e viajou até longe em grande privação. Por favor, trazei-

me água morna e uns panos. Deixai-me limpá-lo um pouco enquanto lhe ides arranjar um bom caldo de carne.”

Vi-a engolir em seco. “Enquanto aprendiz, a primeira limpeza de um homem ferido é uma das minhas tarefas.”

“Enquanto seu amigo, a tarefa é minha. Por favor.”

Ela lutou por ocultar o alívio. “Posso levar estes trapos?”, perguntou, e eu assenti com a cabeça. Ela apertou os lábios, baixou-se para pegar neles e depois apressou-se a sair com a carga.

Enquanto ela saía pela porta na extremidade da sala, Breu entrou. Estava muito bem vestido, em vários tons de verde, e eu compreendi que arranjava alguma desculpa para abandonar a reunião. Trazia Obtuso consigo, vestido com uma libré de Torre do Cervo, e também uma mulher que não reconheci. Talvez fosse aprendiz de Talento. Um momento mais tarde, um guarda abriu a porta e apareceu o Rei Respeitador com a Rainha Kettricken um mero passo atrás de si. Todo o movimento na sala cessou. A antiga rainha fez um gesto impaciente com a mão e passou a passos largos por Breu. Parou ao lado da cama de Enigma. “Enigma também ficou ferido? Não fui informada disto!”

Urtiga pôs-se em pé. Tinha o queixo tenso. A voz soou respeitosa quando conseguiu falar. “Senhora, sugiro que uma cura privada pelo Talento será a melhor alternativa para ambos estes homens. Posso mandar embora os curandeiros?”

A aprendiz acabara de reaparecer com um balde de água fumegante e vários panos limpos sobre o ombro. Olhou em volta, insegura, mas eu tomei a liberdade de a chamar com um gesto. Ela conseguiu fazer uma vénia desajeitada sem derramar o balde quando passou pelo Rei Respeitador e depois veio apressadamente ter comigo. Pousou o balde e pôs os panos dobrados e bem arrumados aos pés da cama. Depois olhou para mim e para a reunião de realeza na enfermaria. Era, claramente, um acontecimento por que nunca antes passara e estava dividida entre fazer vénias e prosseguir com o seu trabalho.

“Meu rei, se vos aprouver, este é o lugar que me cabe, tanto pela experiência como pelos conhecimentos.” O homem que falara devia ser o

mestre curandeiro. Não percebi se estava a objetar a ser mandado embora por pensar que era mais competente para fazer o trabalho necessário, se simplesmente não gostava que alguém lhe usurpasse o lugar. Descobri que não queria saber e descobri também que as delicadezas da corte não significavam nada para mim. O curandeiro que discutisse tudo o que quisesse com o pedido de Urtiga; julgava saber que decisão viria a ser tomada. Mandeí a aprendiz embora com um gesto e ela recuou, sentindo-se grata. Ignorei a elegante disputa enquanto me lançava ao trabalho.

Humedei o pano em água morna e pousei-o suavemente na cara do Bobo. Quando o ergui, vinha castanho e cinzento. Enxaguei-o e voltei a limpar-lhe a cara. As grossas lágrimas amarelas voltaram a subir-lhe aos olhos. Parei. “Estou a magoar-te?”, perguntei baixinho.

“Passou-se tanto tempo desde que alguém me tocou com gentileza.”

“Fecha os olhos,” pedi-lhe, enrouquecido, pois não conseguia suportar o seu olhar cego. Lavei-lhe a cara por uma terceira vez. Havia sujidade presa a cada ruga da sua cara. Muco seco revestia-lhe as pestanas. A pena que ele me causou deu-me vontade de chorar. Em vez disso, voltei a torcer o pano. Atrás de mim, as pessoas altercavam da forma mais cortês possível. A própria educação que mostravam era de enfurecer. Apeteceu-me virar-me e berrar-lhes a todos para se irem embora ou se calarem. A inutilidade do que estava a fazer começava a tornar-se clara para mim. Ele estava mais forte do que eu a princípio julgara, mas o seu corpo estava demasiado quebrado. Não tinha reservas para queimar. Trouxera-o para ali na esperança de operar uma cura pelo Talento mas, enquanto ia lavando primeiro uma mão amarfanhada e depois a outra, a magnitude dos seus padecimentos foi-me cobrindo. Ele não sobreviveria a uma cura, a menos que conseguíssemos reconstituir as suas forças antes de começarmos. E, se não o curássemos em breve, não viveria o suficiente para reconstituir as forças. Os meus pensamentos perseguiam-se, em círculo. Pusera-nos a todos em risco para o trazer para uma cura a que ele não poderia sobreviver.

Kettricken surgiu de súbito a meu lado. Elegante como sempre, agradeceu à boquiaberta curandeira aprendiz antes de a mandar embora. Atrás de mim, a sala acalmara-se e eu apercebi-me de que Urtiga vencera.

Os curandeiros tinham-se ido embora e o seu círculo de Talento estava a reunir-se em volta da cama de Enigma. Breu falava de já ter visto coisas daquelas e assegurava-lhes que Enigma ficaria bem, que só precisava de uma refeição nutritiva e de alguns dias de sono para ficar em condições. Breu argumentava contra a intervenção pelo Talento, favorecendo comida e descanso. Enigma emprestara mais força do que podia, mas era um homem forte, um homem determinado, e Urtiga não precisava de temer por ele.

Uma pequena parte da minha mente interrogou-se sobre como Breu saberia aquilo. Quão implacavelmente teria ele usado Obtuso? Ou seria a Firme que esgotara, e em que atividade? Mais tarde. Chegaria ao fundo disso mais tarde. Sabia, pela minha experiência com o Rei Expectante Veracidade, que era provável ele ter razão. No pânico que sentira pelo Bobo, não dedicara um pensamento à possibilidade de drenar Enigma de tal forma que o deixasse sem juízo e a babar-se. O meu amigo e o parceiro da minha filha. Devia desculpas a ambos. Mais tarde.

Porque agora Urtiga viera para junto da cama do Bobo. Passou os olhos por ele como se fosse um cavalo que estivesse a pensar comprar. Deitou-me um relance e depois afastou o olhar, de uma forma curiosamente semelhante ao modo como Abelha evitava os meus olhos. Falou a uma jovem que tinha vindo pôr-se a seu lado. “O que te parece?”, perguntou-lhe, ao jeito de uma professora a dirigir-se a uma aluna.

A mulher respirou fundo, estendeu as mãos e deslocou-as lentamente por cima do corpo do Bobo sem lhe tocar. O Bobo ficou muito imóvel, como se sentisse e se ressentisse do não toque dela. As mãos da mulher passaram uma segunda vez por cima dele. Depois abanou a cabeça. “Vejo danos antigos que podemos ou não ser capazes de sarar melhor. Ele não parece ter nenhum ferimento fresco que o coloque em perigo imediato de morte. Há muito no seu corpo que é ao mesmo tempo estranho e errado. Mas não julgo que tenha necessidade de intervenção imediata pelo Talento. De facto, magro como está, suspeito que isso faria mais mal que bem.” Depois franziu o nariz e soprou por ele, o primeiro sinal de que o paciente lhe causava algum desagrado. Calou-se, à espera da avaliação de Urtiga sobre as suas palavras.

“Concordo,” disse a Mestra do Talento em voz baixa. “Tu e os outros podem-se ir agora embora. Agradeço-vos por se terem reunido tão depressa.”

“Mestra do Talento,” cumprimentou a mulher com uma vénia. Urtiga afastou-se com ela, regressando para junto da cama de Enigma enquanto o resto do círculo curativo abandonava discretamente a enfermaria.

Kettricken examinava com grande atenção o homem arruinado deitado na cama. As pontas dos dedos cobriram-lhe a boca quando se debruçou sobre ele. Depois endireitou-se e fixou-me com ansiosos olhos azuis. “Não é ele, pois não?”, suplicou. “Não é o Bobo.”

Ele moveu-se levemente e, quando abriu os olhos cegos, ela estremeceu. Ele falou em fragmentos de frases. “Gostaria que *Olhos-de-Noite*... aqui estivesse para... atestar quem sou. Minha rainha.”

“Já não sou rainha. Oh, Bobo.”

Havia um vestígio da antiga troça na voz dele quando disse: “Ainda sois minha rainha. E eu ainda sou... um bobo.”

Ela sentou-se elegantemente num banco baixo do outro lado da cama do Bobo. Não olhou para mim quando começou a arregaçar as elaboradas mangas do vestido. “O que lhes aconteceu?”, perguntou-me. Pegou num dos panos limpos que estavam aos pés da cama, mergulhou-o na água e, sem qualquer sinal de repugnância, ergueu a mão e começou a lavá-lo. Uma recordação há muito enterrada subiu até ao topo da minha mente. A Rainha Kettricken, a lavar os corpos dos Forjados mortos, transformando-os de novo na nossa gente e restaurando-os antes do enterro. Nunca hesitara.

Falei em voz baixa. “Sei pouco sobre o que aconteceu ao Bobo. É óbvio que foi torturado e viajou longamente à nossa procura. O que aconteceu a Enigma fui eu. Estava com pressa e alarmado e usei a força dele para trazer o Bobo através dos pilares de Talento. Nunca tinha retirado força a alguém numa situação como esta. Provavelmente usei mais do que ele podia dar com facilidade, e só posso esperar não lhe ter causado nenhum dano permanente.”

“Culpa minha,” disse o Bobo em voz baixa.

“Não, minha. Como pode ser culpa tua?” Falei quase com rudeza.

“A força. Dele. Através de ti. Para mim.” Inspirou. “Eu devia estar morto. Não estou. Há meses que não me sinto tão forte, apesar... do que aconteceu hoje. Deste-me parte da vida dele.”

Fazia sentido. Enigma não só me dera força para trazer o Bobo através do pilar, como me deixara tirar-lhe vida para dar ao Bobo força em bruto. A gratidão guerreou com a vergonha. Deitei uma olhadela a Enigma. Não estava a olhar para mim. Urtiga estava sentada ao lado da cama dele, num banco baixo, segurando-lhe ambas as mãos nas dela. Haveria alguma maneira de pagar aquela dívida? Julguei que não.

Voltei a virar-me para o Bobo. Estava cego. Não podia ver que enquanto Kettricken trabalhava cuidadosamente para limpar os dedos tortos das suas mãos, lágrimas lhe escorriam pela cara. Aquelas mãos hábeis, com aqueles dedos compridos, a fazer malabarismo com bolas de madeira ou tiras de seda, a fazer uma moeda aparecer, a sacudir-se de forma insultuosa ou a acenar expressivamente para ilustrar alguma história que ele estivesse a contar. Agora reduzidas a nós inchados e a dedos que mais pareciam pauzinhos quebrados. “Não é culpa tua,” disse Kettricken em voz baixa. “Suspeito que Enigma sabia o que estava a dar. Ele é um homem generoso.” Uma longa pausa. “Merece o que conquistou,” disse, mas não deu mais nenhuma indicação do que queria dizer com aquilo. Em vez disso suspirou. “Precisas de mais do que isto. Precisas de um banho quente, Bobo. Continuas obcecado com a privacidade?”

Ele soltou um sonzinho que podia ter sido uma gargalhada. “A tortura despe-nos de toda a dignidade. A dor pode fazer-nos guinchar, suplicar ou sujar-nos. Não há privacidade quando os nossos inimigos são donos de nós e não têm qualquer compunção, não têm absolutamente nenhuma compunção humana por aquilo que nos fazem. Portanto, entre os meus amigos, sim. A privacidade continua a ser uma obsessão. E um presente oferecido por eles. Um pequeno restauro da dignidade que tive em tempos.” Foi um longo discurso e, no fim, a respiração ficou ruidosa.

Kettricken não discutiu nem lhe perguntou se era capaz de se banhar a si mesmo. Limitou-se a perguntar. “Para onde queres ir? Para os antigos

aposentos de Dom Dourado? Para o quarto de infância do Fitz? Para o velho esconderijo de Breu?

“Todos esses quartos estão vazios?”, perguntei, surpreendido.

Ela olhou para mim firmemente. “Por ele, outras pessoas podem ser mudadas.” Pousou-lhe uma mão gentil no ombro. “Ele fez-me chegar às Montanhas. Viva. Nunca o esquecerei.”

Ele ergueu uma mão torta para cobrir a dela. “Vou escolher a discrição. Como raramente fiz antes. Quero ter sossego para recuperar, se for possível. No covil de Breu. E não quero ser conhecido nem como Dom Dourado, nem como o Bobo.” Virou os olhos enevoados e perguntou: “É a comida que me cheira?”

Era. A curandeira aprendiz estava de volta, com um pano enrolado em volta de um fardo composto por uma panela tapada. A tampa agitava-se um pouco enquanto ela caminhava, deixando que pequenos sopros de aroma a carne enchessem a sala. Um criado seguia-a com tigelas, colheres e um cesto de rolos de pão. Ela parou junto da cama de Enigma para o servir, e foi com alívio que o vi recuperado o suficiente para se sentar na cama e receber comida quente. Olhou para trás de Urtiga, cruzou o olhar com o meu, e dirigiu-me um sorriso torto. Perdão imerecido. A definição da amizade. Acenei-lhe lentamente com a cabeça, confiante de que ele compreenderia.

Sabia que seria mais difícil conquistar o perdão de Urtiga.

A aprendiz veio encher uma tigela para o Bobo. “Consegues sentar-te para comer?”, perguntei-lhe.

“É provavelmente a única coisa capaz de me levar a tentar,” disse ele com dificuldade. Enquanto eu e Kettricken o erguíamos e deslocávamos almofadas para o apoiar, acrescentou: “Sou mais rijo do que tu julgas, Fitz. Moribundo, sim. Mas vou manter a morte afastada tanto tempo quanto for capaz.”

Não respondi àquilo até a aprendiz e o ajudante terem acabado de servir a comida. Quando se afastaram, aproximei-me mais e sugeri: “Come o máximo que consigas. Quanto mais força obtiveres e quanto mais depressa a obtiveres, mais cedo poderemos tentar contigo uma cura de Talento. Se a

quiseres.”

Kettricken levou-lhe a colher aos lábios. Ele saboreou, sugou ruidosamente o caldo, quase gemeu de prazer e depois suplicou: “É demasiado lento. Deixai-me beber da tigela. Tenho tanta fome.”

“Está quente,” avisou ela, mas levou-lhe a tigela à boca. As mãos enclavinadas do Bobo guiaram as dela e ele sorveu a sopa a escaldar, pela beira da tigela, a tremer com a necessidade de ingerir algo nutritivo.

“É ele,” disse Breu. Eu ergui o olhar e vi-o parado aos pés da cama do Bobo.

“Pois é,” confirmei.

Ele acenou com a cabeça, de sobrancelhas franzidas. “O Enigma conseguiu fazer um relatório parcial antes de Urtiga correr comigo. Ele vai ficar bem, Fitz, não que te possa agradecer por isso. Este é um exemplo de como a tua ignorância nos pode causar dano. Se tivesses regressado a Torre do Cervo para estudar com o resto do Círculo do Rei, terias tido melhor controlo da forma como o teu Talento o usou.”

Aquilo era a última coisa que eu queria discutir naquela altura. “Tens razão,” disse e acrescentei, no silêncio chocado que se seguiu à minha capitulação: “O Bobo gostaria de ficar alojado no teu antigo estúdio. Pode ser? Pode-se acender a lareira, arranjar lençóis limpos, um roupão lavado, um banho morno e comida simples e quente?”

Ele não se encolheu perante a minha lista. “E unguentos. E ervas para chás reconstituintes. Dá-me algum tempo. Ainda tenho uma noite inteira a fazer a dança da diplomacia e negociações. E tenho de pedir a Kettricken que regresse comigo para lá. Quando enviar o pajem, leva-o para o velho quarto da Dama Timo, através da escada dos criados. Descobrirás que o roupeiro que lá está tem agora um fundo falso. Entra por aí. Temo que tenha de regressar imediatamente à festa de boas-vindas. Mas vemo-nos muito tarde esta noite, ou muito cedo amanhã.”

“Obrigado,” disse eu. Ele acenou gravemente com a cabeça.

Mesmo na minha gratidão, sabia que acabaria por haver um preço a pagar pelos favores de Breu. Havia sempre.

Kettricken pôs-se em pé com um roçar de saias. “Também eu tenho de

regressar ao salão dos banquetes.” Virei a cabeça e, pela primeira vez naquela noite, olhei realmente para ela. Estava vestida com vários tons de seda azul e uma cobertura de renda branca sobre o vestido. Os brincos eram azuis e prateados e a coroa de prata que usava incluía uma rede de topázios claros por cima da testa. O meu espanto deve-se ter visto, pois ela fez um sorriso de despreço. “São nossos parceiros comerciais; satisfá-los verem-me a usar os produtos desse comércio e o elogio a isso inerente facilita as negociações do meu rei com eles.” Sorriu ao acrescentar: “E asseguro-te, Fitz, que os meus adornos são simples quando comparados com o que a nossa jovem rainha está a usar esta noite!”

Sorri-lhe. “Eu sei que preferis trajes mais simples, mas a verdade é que a beleza desse vos faz grande justiça.”

O Bobo falou baixinho. “Como gostaria de vos poder ver.” Agarrou-se à tigela de sopa vazia. Sem uma palavra, Kettricken limpou-lhe caldo do canto da boca.

Quis dizer-lhe que o sararíamos e ele voltaria a ver. Na verdade, sentia um grande desejo de ter dado ouvidos às repetidas ofertas de Breu para aprender mais sobre o Talento. Olhei para o Bobo e perguntei a mim mesmo se seríamos capazes de endireitar ossos que tinham sarado tortos, devolver a luz aos seus olhos e retirar-lhe a palidez cinzenta da pele. Quanta da sua saúde seríamos capazes de restaurar?

“Quero-a,” disse ele de repente. “A cura de Talento. Não a desejo. Temo-a. Mas quero que seja feita. O mais depressa possível.”

Disse a verdade com relutância. “Neste momento, seria tão provável que ela te matasse como que te sarasse. Há tanto... tantos danos. E estás enfraquecido por tudo o que te foi feito. Apesar da força que roubei para ti.” Kettricken estava a olhar para mim, com a pergunta nos olhos. Estava na altura de dizer a ambos que não sabia a resposta. “Não sei até que ponto o Talento é capaz de te restaurar. É uma magia que, no fim de contas, obedece ao teu corpo. Pode incentivar o teu corpo a reparar o que está errado, muito mais depressa do que ele faria se fosse deixado em paz. Mas coisas que o teu corpo já reparou, um osso partido, por exemplo... bem, não sei se o Talento endireitará uma fratura antiga.”

Kettricken falou em voz baixa. “Quando o círculo te sarou, segundo compreendi, muitos males antigos foram também curados. Cicatrizes desapareceram.”

Não quis fazer-lhe lembrar de que essa cura incontida quase me tinha matado. “Julgo que teremos de tratar disto por fases. E não quero que o Bobo nutra demasiada esperança.”

“Preciso de ver,” disse ele de repente. “Acima de tudo o mais, eu preciso de ver, Fitz.”

“Não te posso prometer isso,” disse eu.

Kettricken afastou-se da cama. Tinha os olhos brilhantes de lágrimas mas a voz estava firme quando disse: “Temo que tenha de regressar às negociações comerciais.” Lançou um relance à entrada da enfermaria. Breu aguardava-a aí.

“Pensava que era um banquete, com menestréis a cantar, e depois um baile...”

“Pode parecer isso, mas é tudo uma negociação. E esta noite ainda sou a Rainha do Reino da Montanha e por isso interveniente em tudo o que os Seis Ducados desejam conquistar. Bobo, não sou capaz de te dizer o que sinto. Estou cheia de alegria por voltar a ver-te, e cheia de mágoa por ver tudo o que te aconteceu.”

Ele sorriu, esticando os lábios estalados. “Eu sinto quase o mesmo, minha rainha.” Contraiu tristemente o sorriso e acrescentou: “Exceto a parte de ver.”

Aquilo arrancou à rainha uma gargalhada que foi um meio soluço. “Eu regresso assim que possa.”

“Mas não esta noite,” disse-lhe ele com suavidade. “Já estou tão cansado que mal consigo manter os olhos abertos. Mas em breve, minha rainha. Em breve, se vos aprouver.”

Ela fez-lhe uma vénia e depois fugiu num frufu de saias compridas e saltos de sapatos. Eu fiquei a vê-la partir.

“Ela mudou muito e não mudou nada,” observou ele.

“Pareces muito melhor.”

“Comida. Uma cama quente. A cara e as mãos limpas. A companhia de

amigos. Essas coisas curam muito.” De súbito bocejou e depois acrescentou, agitado: “E a força de Enigma. Este empréstimo de força é uma coisa peculiar, Fitz. Não é muito diferente de como me senti quando introduziste a tua vida em mim. É uma energia imparável, irrequieta dentro de mim, uma vida levada emprestada e não conquistada. O meu coração não gosta disto mas o meu corpo anseia por mais. Se fosse um copo à minha frente, não creio que conseguisse resistir ao desejo de o esvaziar.” Inspirou lentamente e ficou calado. Mas eu quase consegui sentir como saboreava a sensação de vida adicional a fluir pelo seu corpo. Lembrei-me da loucura de batalha que costumava assolar-me, e de como dava por mim a continuar a combater, de forma selvática e jubilosa, continuando a esforçar-me muito depois de saber que o meu corpo estava exausto. Fora entusiasmante. E o colapso que se seguira tinha sido completo. Essa falsa força, depois de gasta, exigia um preço. Senti temor.

O Bobo voltou a falar. “Mesmo assim, não estava a mentir. Por mais que anseie por um banho quente, não me parece que consiga ficar muito mais tempo acordado. Não me consigo lembrar da última vez que estive tão quente ou com a barriga tão cheia.”

“Então talvez deva levar-te para o quarto da Dama Timo.”

“Levas-me ao colo?”

“Já o fiz antes. Não pesas quase nada e parece ser a coisa mais fácil a fazer.”

Ele ficou algum tempo em silêncio. Depois disse: “Acho que consigo andar. Pelo menos parte do caminho.”

Aquilo confundiu-me, mas não discuti com ele. Quase como se as nossas palavras o tivessem invocado, um pajem entrou na enfermaria. Ainda tinha flocos de neve no cabelo e nos ombros e trazia uma lanterna. Olhou em volta e depois chamou: “Tomé Texugo? Venho buscar Tomé Texugo.”

“Estou aqui,” disse-lhe. Quando me virei para ele, Urtiga abandonou de súbito a cabeceira da cama de Enigma. Agarrou-me na manga e puxou-me de lado. Ergueu o olhar para mim, com uma cara tão semelhante à da mãe, naquele momento, que senti que Moli regressara do túmulo para me repreender. “Ele diz que não te devo responsabilizar. Que se ofereceu.”

“Não. Eu pedi-lhe. Ele sabia que se não me ajudasse, eu tentaria fazê-lo sozinho. E sou responsável. E lamento.”

“Tenho a certeza que sim.”

Baixei a cabeça perante aquilo. Passado um momento, ela acrescentou: “As pessoas amam-te muito mais do que mereces, Tomé Texugo. Mas nem sequer acreditas que elas te amam.” Ainda estava a refletir naquilo quando ela acrescentou: “E eu sou uma dessas pessoas.”

“Urtiga, lamen...”

“Se voltares a dizer isso, bato-te. Não me interessa quem esteja a ver. Se pudesse pedir-te uma só coisa, seria nunca mais voltares a dizer essas palavras estúpidas.” Afastou o olhar de mim para o Bobo. “Ele é teu amigo desde a infância.” O seu tom de voz disse que compreendia que ele era uma criatura rara.

“Foi. É.”

“Bom. Então vai cuidar dele. Enigma ficará bem depois de repousar.” Levou as mãos às têmporas e esfregou-as. “E Abelha? A minha irmã?”

“Deixei-a com FitzVigilante. Acho que vai ficar bem. Não tenciono ficar muito tempo longe de casa.” Enquanto dizia aquelas palavras, perguntei a mim mesmo quanto tempo ficaria longe de casa. Ficaria eu ali enquanto o Bobo reconstituía as forças o suficiente para podermos tentar uma cura de Talento completa? Deveria tentar regressar na manhã seguinte, através das pedras, e voltar depois alguns dias mais tarde? Senti-me dividido. Ansiava por estar em ambos os lugares.

“Se ela está com Lante, vai ficar bem.” Eu não tinha nada a certeza de concordar com a avaliação dela, mas o momento parecia muito mau para lhe dizer isso. O alívio na voz de Urtiga fez-me perguntar a mim mesmo se teria avaliado mal o jovem escriba. Depois, ela despertou em mim a culpa acrescentando: “Devíamos enviar-lhes uma ave para lhes dizer que chegaste cá em segurança.”

Deitei uma olhadela ao Bobo. Ele debatera-se para se sentar e envolvera os ombros com a manta. Parecia pateticamente débil e uns cem anos mais velho do que eu.

“Eu trato disso,” prosseguiu Urtiga antes de eu ter oportunidade de lho

pedir. “Queres que peça a um guarda para te ajudar a deslocar o teu amigo?”

“Acho que conseguimos arranjar-nos sozinhos,” disse eu.

Ela fez um aceno silencioso. “Apercebi-me disso. Não queres que muita gente saiba que ele está aqui. Juro pela vida que não percebo porquê. Mas respeitarei o teu amor pelo segredo. Bem, a maior parte dos criados está ocupada com o banquete, portanto, se tiveres cuidado, deves conseguir deslocá-lo sem seres notado.”

E assim levei o Bobo para os velhos aposentos da Dama Timo. Foi um processo demorado, frio e húmido para ambos, pois ele insistiu em coxear sozinho pelo pátio até à porta. Cobriu os ombros com a manta e os pés continuavam envoltos em trapos. O vento e a neve passavam por nós, enquanto íamos manquejando devagar. Usar as passagens dos criados queria dizer que teríamos de seguir pelo caminho mais longo até qualquer sítio. Ele agarrou-me no braço para subir as escadas estreitas e foi-se apoiando mais pesadamente em mim a cada passo. O rapaz que nos guiava não parava de olhar para nós por sobre o ombro, cheio de espanto e desconfiança. A dada altura apercebi-me de que a minha roupa estava manchada com o sangue do Bobo. Não forneci nenhuma explicação.

À porta dos antigos aposentos da Dama Timo, o pajem parou e ofereceu-me uma grande chave num pesado laço de cordão azul. Aceitei-a e à pequena lanterna que ele trazia e disse-lhe para se ir embora. E ele foi, a passo vivo. A “Dama Timo” não existia há décadas, mas o boato de que assombrava aqueles aposentos ainda não se tinha desvanecido. Essa farsa convinha a Breu, e continuava a mantê-la.

O quarto em que entrámos estava mal iluminado e bafiento. Um candelabro pousado sobre uma mesa poeirenta dava uma luz fraca. O quarto cheirava a desuso e a um antigo perfume enjoativo. E a velha. “Vou só sentar-me,” anunciou o Bobo e quase falhou a cadeira que eu puxei para ele. Não se sentou, propriamente; tombou numa pilha. Ficou quieto, a arquejar.

Abri o guarda-fato e confrontei-me com um monte compacto de antigos vestidos e combinações. Fediam como se nunca tivessem sido lavados. A

resmungar contra a idiotice de Breu, deixei-me cair de gatas e enfiei-me por baixo da roupa para tatear ao longo do painel do fundo. Arranhei, empurrei e puxei, até que de repente o painel se abriu. “Vamos ter de rastejar,” disse amargamente ao Bobo. Ele não respondeu.

Adormecera ali mesmo. Foi difícil despertá-lo e depois tive praticamente de o arrastar pela pequena escotilha no guarda-roupa. Ajudei-o a andar até à velha cadeira de Breu em frente da lareira e depois rastejei de volta para trancar por dentro a porta do quarto da Dama Timo e apagar as velas. Quando regressei para junto do Bobo, depois de fechar a entrada, ele estava outra vez a passar pelas brasas. Voltei a acordá-lo e perguntei-lhe: “Banho ou cama?”

A banheira, ainda com um leve vapor a evoluar-se dela, estava a perfumar o ar com alfazema e hissopo. Uma cadeira de espaldar direito encontrava-se ao lado da banheira. Uma mesa baixa continha uma toalha, um pote de sabão, um pano de lavar, uma túnica de algodão e um roupão de lã azul com um corte antigo e meias grossas. Serviriam. O Bobo estava a desenrolar-se como uma marioneta maltratada. “Banho,” murmurou e virou a cara cega para mim.

“É por aqui.” Tomei-lhe na mão o braço magro como um pau e coloquei o meu outro braço à sua volta. Levei-o até à cadeira de espaldar direito. Ele deixou-se cair nela tão pesadamente que quase a derrubou. Ficou imóvel, a arquejar. Sem pedir licença, ajoelhei-me e comecei a desenrolar a longa meda de trapos que lhe envolviam os pés. O cheiro era horrível e os trapos colavam-se tanto uns aos outros que tinha de os descascar. Respirei pela boca quando falei.

“A teu lado está uma mesa com tudo o que precisas para te lavar. E roupa para depois.”

“Roupa limpa?”, perguntou ele, como se eu lhe tivesse dado uma pilha de ouro. Pôs-se a tatear e a sua mão subiu e desceu como uma borboleta enquanto tocava o tesouro que aí se encontrava. Pegou no pote de sabão, cheirou-o e soltou um sonzinho de quebrar o coração. Pousou-o com cuidado. “Oh, Fitz. Não podes imaginar,” disse, numa voz entrecortada. Depois, o seu braço ossudo ergueu-se e a mão torta enxotou-me.

“Chama-me se precisares de mim,” concedi. Peguei numa vela e fui até aos suportes de pergaminhos do outro lado da sala. Ele ficou à escuta dos meus passos e não pareceu contente quando parei na ponta da sala, mas essa era toda a privacidade que eu lhe ia conceder. Não tinha nenhum desejo de o ir descobrir afogado, mas recatado, na banheira. Esquadrinhei os pergaminhos que aí se encontravam e descobri um sobre os Ermos Chuvosos, mas quando o levei para a mesa, descobri que Breu já me tinha arranjado material de leitura. Três pergaminhos sobre a maneira correta de preparar e usar um Homem do Rei estavam a postos para mim. Bem, e ele tinha razão. Era melhor que eu aprendesse. Levei-os para a velha cama de Breu, acendi um castiçal que aí havia, livreimei-me das botas com um pontapé, empilhei as almofadas e instalei-me para ler.

Já lera um terço do primeiro, escrito de forma entediante e demasiado detalhado, versando sobre a seleção de um candidato capaz de partilhar força, quando ouvi o chapinhar de água que o Bobo fez ao introduzir-se na banheira. Durante algum tempo, tudo ficou em silêncio. Eu lia o meu pergaminho e, periodicamente, erguia o olhar para me assegurar de que ele não adormecera e escorregara para dentro da banheira para se afogar. Depois de se ensopar longamente, deu início ao lento processo de se lavar. Soltava pequenos sons de dor e de descontração de músculos. Levou o seu tempo. Eu estava no terceiro pergaminho, um texto mais útil que descrevia os sintomas específicos de que um Homem do Rei podia estar a exceder os seus limites, incluindo informação sobre como devolver força a um homem, se necessário, quando o ouvi soltar um grande suspiro e depois se seguiram os sons de alguém a sair de uma banheira. Não olhei para ele.

“Consegues encontrar as toalhas e o roupão?”

“Cá me arranjo,” disse ele, conciso.

Já acabara de ler o pergaminho e estava a lutar por me manter acordado quando o ouvi dizer: “Desorientei-me. Onde estás tu?”

“Aqui. Na velha cama de Breu.”

Mesmo banhado de fresco e vestido com roupa limpa, ele continuava a ter um aspeto terrível. Estava em pé, com o velho roupão azul a pender dele como uma vela frouxa num navio abandonado, enquanto se apoiava às

costas da cadeira. O cabelo que lhe restava continuava pesado de água; mal lhe ultrapassava as orelhas. Os olhos cegos eram terríveis coisas mortas na sua cara descarnada e viva. A respiração soava como um fole cheio de fugas. Levantei-me e peguei-lhe no braço para o guiar até à cama.

“Alimentado, limpo e quente. Roupa nova. Uma cama fofa. Se não estivesse tão cansado, chorava de gratidão.”

“Em vez disso, vai dormir.” Abri-lhe os lençóis. Ele sentou-se na borda da cama. As mãos apalparam os lençóis limpos, subiram até à rechonchuda almofada. Foi um esforço para ele erguer as pernas até à cama. Quando pousou a cabeça nas almofadas, não esperei, tapando-o como se fosse Abelha. As suas mãos agarraram a borda da colcha.

“Vais passar a noite aqui?” Era uma pergunta, não um pedido.

“Se quiseres.”

“Quero. Se não te importares.”

Fitei-o sem acanhamento. Libertas da sujidade, as linhas de cicatrizes infligidas à sua cara estavam perfeitamente desenhadas. “Não me importo,” disse em voz baixa.

Ele fechou os olhos tapados por uma película. “Lembras-te... de uma altura em que te pedi para passares a noite deitado a meu lado?”

“Na tenda dos Antigos. Em Aslevjal,” recordei. Ficámos ambos em silêncio durante algum tempo e depois o silêncio prolongou-se mais. Pensei que ele adormecera. Senti-me de súbito exausto. Dei a volta até ao outro lado da cama, sentei-me na beira e depois estendi-me a seu lado com tanto cuidado como se ele fosse a Abelha bebé. Dirigi para ela os pensamentos. Que dia lhe dera! Dormiria bem naquela noite, ou combateria pesadelos? Ficaria na cama ou escapar-se-ia para se ir esconder atrás da parede do meu gabinete? Estranha criaturinha. Eu teria de responder melhor às suas necessidades. Queria fazê-lo, queria fazê-lo com cada gota de sangue do meu coração, mas parecia que as coisas se metiam sempre no caminho. E aqui estava, a dias de distância dela, confiando-a aos cuidados de um homem que mal conhecia. E que insultara.

“Nada de perguntas?”, perguntou o Bobo à sala sombria.

Pensei que era ele quem devia ter perguntas. A começar por: *Porque foi*

que me apunhalaste? “Julgava que estavas a dormir.”

“Em breve.” Afastou o peso do mundo com um suspiro. “Tu dás-me tanta fé, Fitz. Passam-se anos, eu regresso à tua vida, e tu matas-me. E depois salvas-me.”

Não queria falar de como o apunhalara. “A tua mensageira chegou até mim.”

“Qual delas?”

“Uma rapariga pálida.”

Ele ficou em silêncio, e depois falou numa voz cheia de mágoa. “Enviei-te sete pares de mensageiros. Enviei-tos ao longo de oito anos. E só uma conseguiu chegar?”

Sete pares. Entre catorze mensageiros, uma chegara até mim. Talvez duas. Uma grande vaga de medo cresceu em mim. De que tinha ele fugido, e o que era que ainda o perseguia? “Ela morreu pouco depois de me alcançar. Os que a perseguiam tinham-na injetado com uma espécie qualquer de parasitas, que estavam a devorá-la de dentro para fora.”

Ele ficou muito tempo em silêncio. “Eles adoram esse tipo de coisa. Uma dor lenta que inevitavelmente piora. Adoram quando aqueles que atormentam anseiam e suplicam pela morte.”

“Quem é que adora?”, perguntei em voz baixa.

“Os Servos.” Toda a vida fugira da sua voz.

“Os servos?”

“Costumavam ser servos. Quando os Brancos existiam, os antepassados deles serviam os Brancos. O povo profético. Os meus antepassados.”

“Tu és um Branco.” Pouco havia escrito sobre eles e aquilo que eu sabia aprendera principalmente com o Bobo. Em tempos, tinham vivido ao lado e no seio da humanidade. Com vidas longas e dotados de profecia e da capacidade para ver todos os futuros. Quando eles se reduziram e misturaram o sangue com os seres humanos, perderam as características que os distinguiam mas, a intervalos de algumas gerações, nascia alguém como ele. Um Branco verdadeiro, como o Bobo, era uma raridade.

Ele soltou um sonzinho gutural de ceticismo. “É o que eles te querem fazer crer. E a mim. A verdade, Fitz, é que eu sou uma criatura com

suficiente sangue Branco em mim para se manifestar quase completamente.” Inspirou profundamente, como que para falar mais, mas em vez disso suspirou.

Eu estava confuso. “Não foi isso que me disseste há anos.”

Ele virou a cabeça na almofada, como se conseguisse olhar para mim.

“Não era nisso que eu acreditava há anos. Não te menti, Fitz. Repeti a mentira que me tinha sido dita, a mentira em que acreditei a vida toda.”

Disse a mim próprio que nunca acreditara naquilo. Mas tive de lhe perguntar: “Então não és um Profeta Branco? E eu não sou o teu Catalisador?”

“O quê? Claro que sou. E que tu és! Mas não sou um Branco completo. Há centenas de anos que nenhum Branco completo caminha por este mundo.”

“Então e... o Homem Negro?”

“O Prilkop? Era muito mais velho do que eu, e provavelmente de sangue mais puro. E, tal como os Brancos de antigamente, foi escurecendo à medida que envelhecia.”

“Julguei que ele escureceu porque foi capaz de realizar a sua missão como Profeta Branco. Que à medida que ia tendo sucesso em colocar o mundo num caminho melhor, ia escurecendo. Não foi assim?”

“Oh, Fitz.” Soou fatigado e triste. Após uma longa pausa disse: “Não sei. Foi isso que os Servos me tiraram. Tudo o que julgava saber, todas as certezas. Alguma vez estiveste numa praia de areia quando a maré está a subir? Já alguma vez sentiste as ondas a rodear-te os pés e a sugar areia de baixo de ti? A minha vida é agora assim. A cada dia que passa, sinto que me afundo mais na incerteza.”

Uma centena de perguntas preencheu-me a mente. E de súbito compreendi que, sim, eu acreditara que ele era um profeta e eu o seu Catalisador. Acreditara nisso e suportara as coisas que ele previra para mim, e confiara. E se tudo fora uma mentira, se fora um engano de que ele fora vítima e, por seu turno, perpetrara sobre mim? Não. Nisso não conseguia acreditar. Nisso não podia acreditar.

“Há mais alguma coisa para comer? De repente estou outra vez com

fome.”

“Vou ver.” Rolei para fora da cama e dirigi-me à lareira. Quem Breu enviara, fosse quem fosse, fora meticoloso. Havia uma panela tapada no gancho, posta sobre o limite das brasas onde ficaria quente mas não queimaria. Puxei-a para cima do lume e espreitei lá para dentro. Um frango fora guisado até se transformar num atoleiro de carne desfiada num grosso caldo castanho. Cebola, aipo e cherovia misturavam-se num molho amigável. “Frango guisado,” disse-lhe. “Queres que te leve um pouco?”

“Eu levanto-me.”

A resposta dele surpreendeu-me. “Há bocado, quando te trouxe para cá tão depressa, julguei que estavas a equilibrar-te no gume da morte. Agora pareces quase tu próprio.”

“Sempre fui mais rijo do que parecia.” Sentou-se devagar e virou as pernas para fora, procurando o chão com os pés. “Mas não te deixes enganar. Eu duvidava que sobreviveria mais de um par de noites ao frio. Mal me lembro dos últimos dias. Frio, fome e dor. Nenhuma diferença entre o dia e a noite, exceto as noites serem mais frias.” Pôs-se em pé e cambaleou. “Não sei onde estás,” protestou, impotente.

“Fica aí,” pedi-lhe, como se ele pudesse fazer outra coisa. Pus uma pequena mesa perto da velha cadeira de Breu e depois guiei o Bobo até lá. Encontrei pratos e talheres numa prateleira; a Dama Rosamaria mantinha aquele refúgio muito mais organizado do que Breu fizera. Trouxe-lhe uma tigela de frango e uma colher e depois encontrei uma garrafa de brande e alguns copos. “Quanta fome tens?”, perguntei, olhando para o que restava na panela. O meu apetite despertara com o cheiro da comida. Transferira para Enigma quase todo o preço pago com a viagem de Talento, mas mesmo assim tinha-se passado um tempo longo e exigente desde a última vez que comera.

“Come qualquer coisa,” respondeu o Bobo, tendo-se apercebido do meu dilema.

Servi comida para mim e sentei-me na cadeira da Dama Rosamaria com a tigela apoiada no joelho. O Bobo levantou a cabeça. “Cheira-me a brande?”

“Está à esquerda da tua tigela.”

Ele pousou a colher e um sorriso trémulo dominou-lhe a boca. “Brande com o Fitz. Junto de uma lareira. Vestido com roupa limpa. Com comida. Uma última vez, e eu quase conseguiria morrer feliz.”

“Vamos evitar a parte de morrer e apreciar o resto.”

O sorriso dele ficou mais forte. “Durante algum tempo, velho amigo. Durante algum tempo. O que quer que me tenhas feito antes de entrarmos nas pedras e o sacrifício de Enigma, e depois comida, calor e descanso, afastaram-me desse precipício. Mas não nos enganemos um ao outro. Eu conheço a podridão que trago em mim. Sei que tu a viste.” Ergueu uma mão enclavinhada para coçar a cara coberta de cicatrizes. “Não é um acaso, Fitz. Eles criaram deliberadamente aquilo dentro de mim, tal como me gravaram cicatrizes na cara e arrancaram o Talento das pontas dos meus dedos. Não imagino que tenha escapado. Eles puseram uma morte lenta em ação dentro de mim e depois perseguiram-me enquanto eu fugia a cambalear, procurando assegurar-se de que me cansava até à exaustão todos os dias, ameaçando sempre os que poderiam ajudar-me. Imagino que viajei mais depressa e até mais longe do que julgaram que faria, mas mesmo isso pode ser uma fantasia. Eles planeiam em convoluções que ultrapassam em muito o que tu ou eu poderemos imaginar, pois têm um mapa do labirinto do tempo, desenhado a partir de cem mil profecias. Não pergunto por que motivo me apunhalaste porque já sei. Foram eles que puseram isso em movimento e esperaram até cumprires a sua maligna vontade. O seu objetivo foi tanto magoar-te como matar-me. Ninguém tem culpa, além deles. E no entanto, tu continuas a ser o Catalisador e transformas a minha morte numa infusão de força.” Suspirou. “Mas é possível que seja vontade deles até isso, que me encontres e me tragas para aqui. Será isto, Fitz, uma pedrinha que desencadeia a avalanche? Não sei. Anseio por ver como via antigamente, anseio por escolher o meu caminho por entre uma rodopiante névoa de possibilidades. Mas isso desapareceu, ficou perdido para mim quando me trouxeste de volta dos mortos.”

Não consegui arranjar nenhuma resposta para dar àquilo. Aprendera há muito tempo que tanto com o Bobo, como com Breu, a maneira mais rápida

de provocar o silêncio era fazer demasiadas perguntas. Deixados em paz, partilhavam sempre mais comigo do que talvez pretendessem. Por isso comi um pouco de frango e bebi o brande de Breu e matutei sobre os Servos e o filho inesperado dele e até os mensageiros que enviara e nunca me tinham alcançado.

Ele acabou com o frango que tinha ficado na panela, fazendo retinir a colher dentro da vasilha para se assegurar de que comera tudo até ao fim. Voltei a encher-lhe o copo de brande. “Há caldo do lado esquerdo da tua boca,” disse-lhe em voz baixa. Causara-me grande dor vê-lo comer de forma tão esfomeada e tão suja. Quando lhe levei a tigela, limpei da mesa os pingos e derrames. Tivera a esperança de não o envergonhar mas, enquanto limpava a cara, ele admitiu: “Como como um cão esfomeado. Como um cão cego e esfomeado. Temo que tenha aprendido a meter o máximo possível de comida dentro do estômago o mais depressa possível. É difícil desaprender algo tão deliberadamente ensinado.” Bebeu um gole de brande e encostou a cabeça ao espaldar da cadeira. Tinha os olhos fechados, mas foi só quando a mão sem força deu uma sacudidela e o copo quase caiu que me apercebi de que começava a adormecer ali mesmo.

“De volta para a cama,” disse-lhe. “Se comeres e descansares durante alguns dias, talvez possamos começar a fazer pequenas curas para te voltar a pôr no caminho que leva à saúde.”

Ele agitou-se e, quando lhe peguei no braço, pôs-se em pé a cambalear. “Assim que pudermos, começa, por favor. Tenho de ficar mais forte, Fitz. Tenho de sobreviver e tenho de os derrotar.”

“Bem. Comecemos por uma noite de sono,” sugeri-lhe.

Guiei-o de volta à cama e assegurei-me de que estava bem tapado. Tentei não fazer barulho a arrumar a sala e acrescentar lenha ao lume. Voltei a encher o meu copo de brande. Era brande de amora silvestre e de muito melhor qualidade do que eu conseguira comprar quando era jovem. Apesar disso, o sabor a bagas e a flores trouxe-me esses dias à memória. Afundei-me na cadeira de Breu, com um suspiro, e estiquei os pés para a lareira.

“Fitz?”

“Estou aqui.”

“Não me perguntaste porque regressei. Porque vim à tua procura.” A sua voz estava ensopada de fadiga.

“A mensageira disse que andavas à procura do teu filho. Do teu filho inesperado.”

“Sem muita esperança, temo bem. Sonhei que o tinha encontrado, ali naquela vila franca.” Abanou a cabeça. A sua voz tornou-se ainda mais baixa. Lutei por ouvir as suas palavras. “É a ele que desejam. Os Servos. Julgaram que eu sabia que ele existia. Interrogaram-me durante bastante tempo, tentando arrancar-me um segredo que eu não conhecia. E quando finalmente me disseram, claramente, o que procuravam, continuei a nada saber sobre ele. Eles não acreditaram, claro. Exigiram saber onde ele estava, uma e outra vez, e quem o tinha dado à luz. Eu insisti durante anos que era impossível. Até lhes perguntei: ‘Se uma criança como essa existisse, acham que eu a abandonaria?’ Mas eles tinham tanta certeza que acabei por acreditar que deviam ter razão.”

Silenciou-se. Perguntei a mim próprio se teria adormecido. Como podia adormecer, no meio de uma história tão pungente? Quando voltou a falar, a voz estava espessa. “Eles julgaram que lhes mentia. Foi então que me... capturaram.” Parou de falar. Ouvi como lutou por obter uma voz estável quando disse: “Quando regressámos, eles honraram-me e a Prilkop. Houve longas noites de festejos e eles encorajaram-nos, uma e outra vez, a contar cada momento do que tínhamos visto e feito. Escribas anotaram tudo. Aquilo... aquilo subiu-me à cabeça, Fitz. Ser assim honrado e elogiado. Prilkop foi mais reservado. Depois, um dia, ele desapareceu. Disseram-me que tinha decidido visitar o lugar do seu nascimento. Mas à medida que os meses foram passando, comecei a suspeitar de que havia algo errado.” Tossiu e pigarreou. “Espero que tenha escapado ou esteja morto. É terrível imaginar que ainda o têm em seu poder. Mas foi nessa altura que começou o meu interminável interrogatório. E depois, quando revelaram o que procuravam e eu continuei a não ter respostas para lhes dar, levaram-me uma noite de minha casa. E o tormento começou. A princípio não foi muito mau. Eles insistiam que eu sabia e que, se jejuasse o suficiente ou suportasse o frio durante algum tempo, acabaria por me lembrar de alguma

coisa, de um sonho ou de um acontecimento. Portanto comecei a acreditar neles. Tentei lembrar-me. Mas foi então que enviei os primeiros mensageiros, para avisar aqueles que pudessem saber para esconderem essa criança até eu a vir buscar.”

Um mistério resolvido. A missiva enviada a Jofron e a sua cautela comigo faziam agora sentido.

“Julgava ter sido tão discreto. Mas eles descobriram.” Fungou. “Levaram-me de volta para onde me tinham tido preso. E levaram-me comida e bebida e não me perguntaram nada. Mas eu conseguia ouvir o que faziam aos que me tinham ajudado. Oh, Fitz. Pouco passavam de crianças!” Ficou de súbito com a voz embargada e depois chorou asperamente. Quis ir ter com ele mas não tinha nenhum conforto para lhe dar. E sabia que ele não desejava naquele momento nem palavras solidárias nem um toque gentil. Não queria nada do que não pudera dar àquelas vítimas. Portanto limpei em silêncio as lágrimas da minha própria cara e esperei.

Finalmente, ele tossiu e disse, numa voz tolhida: “Mesmo assim, houve quem ficasse leal a mim. De vez em quando faziam-me chegar uma mensagem, informando-me de que outros dois tinham escapado e partido para avisar os meus amigos. Queria dizer-lhes para parar, mas não tinha nenhuma forma de responder às mensagens. Os Servos começaram a trabalhar-me a sério durante esses anos. Épocas de dor seguidas por períodos de isolamento. Fome, frio, a luz e calor implacáveis do sol e depois torturas tão inteligentes.”

Parou de falar. Eu sabia que a história não tinha chegado ao fim, mas pensei que ele me tinha dito tudo o que conseguia suportar dizer por agora. Fiquei onde estava, atento ao ruído das chamas, de um lenho a assentar no fogo. Não havia janelas naquela sala, mas ouvi o uivo distante do vento que passava pelo topo da chaminé e soube que a tempestade voltara a aumentar de intensidade.

O Bobo começou a sussurrar. A minha audição precisou de algum tempo para começar a distinguir as palavras dele do vento tempestuoso. “... acreditar neles. Ele existia, algures. Os Servos deixaram de me fazer perguntas sobre ele mas continuaram a magoar-me. Quando pararam...

suspeitei que o tivessem encontrado. Não sabia se ficariam com ele, para o usarem, se o destruiriam para o impedirem de mudar o mundo. Nunca me diriam se o fariam ou não. Engraçado. Foi há tantos anos que te enviei um pedido para encontrares o meu filho por mim. E uma dessas mensageiras foi quem conseguiu passar. Demasiado tarde para salvar o meu filho. Anos demasiado tarde.” A voz dele estava a escoar-se, escorrendo para o sono.

Falei baixinho, sem querer despertá-lo se ele estivesse a dormir mas demasiado curioso para conter a pergunta. “Desististe há anos? A mensageira demorou anos para me alcançar?”

“Anos,” disse ele fatigadamente. “Foi há anos, quando eu ainda tinha esperança. Quando ainda acreditava que era possível mostrar aos Servos uma via melhor. Se conseguisse ser o primeiro a alcançar o rapaz.” A sua voz silenciou-se. Eu fitei as chamas e Abelha veio-me aos pensamentos. Por esta altura já devia estar a dormir na sua cama. Em algum momento, amanhã à tarde, se os pombos voassem depressa, Pândego informá-la-ia de que uma ave chegara e eu estava em segurança em Torre do Cervo. Devia arranjar papel, esta noite, escrever-lhe uma carta e enviá-la por mensageiro. Precisava de lhe explicar por que motivo a abandonara tão subitamente e que podia ficar por longe mais tempo do que esperara a princípio. Brinquei com a ideia de a mandar buscar. Qualquer criança devia passar pela experiência de um Festival de Inverno no Castelo de Torre do Cervo! Mas depois apercebi-me de que ela não teria qualquer possibilidade de chegar a tempo. E também não consegui lembrar-me de ninguém em quem confiasse o suficiente para a trazer na longa viagem invernal de Floresta Mirrada até Torre do Cervo. No próximo ano, prometi a mim mesmo. No próximo ano partiríamos de Floresta Mirrada com tempo de sobra e cavalgaríamos até ao Castelo de Torre do Cervo, só ela e eu.

O plano deu-me muito prazer até que de súbito pensei, nesse contexto, no Bobo e no seu filho inesperado. Ele nunca conhecera o seu filho. Queria isso dizer que nunca sonhara partilhar coisas com ele? Falei para o fogo. “A mensageira não me conseguiu dizer onde procurar pela criança. E eu não fazia ideia de quão velho o rapaz podia ser.”

“Nem eu. Nem onde. Só que havia muitas, muitas profecias que pareciam

falar de uma criança assim. Os Servos tinham tanta certeza de que uma criança como essa tinha de existir. Interrogaram-me de todas as maneiras que conseguiram imaginar. Não queriam acreditar que eu não soubesse de tal criança. Não queriam acreditar que eu já não podia ver onde essa criança podia estar e quem podia ser.” Soltou um súbito gemido e moveu-se abruptamente na cama. “Passou-se tanto tempo... a minha barriga. Oh.” Enrolou-se brevemente e depois rolou até à borda da cama. “Há alguma latrina neste aposento?”, perguntou, num tom desesperado.

O seu estômago soltou uns sons terríveis enquanto eu o guiava até à porta estreita. Ele ficou lá dentro durante tanto tempo que comecei a preocupar-me. Depois, a porta abriu-se e ele saiu às apalpadelas. Peguei-lhe no braço e guiei-o de volta para a cama. Ele gatinhou debilmente para dentro da cama e eu tapei-o. Durante algum tempo, limitou-se a respirar. Depois disse: “Talvez nunca tenha existido um filho assim. É essa a minha esperança desesperada. Que ele nunca tenha existido, e os Servos nunca o encontrem, nunca o destruam, nunca o levem como peça para o seu jogo.” Voltou a gemer e mexeu-se na cama, desassossegado. “Fitz?”

“Estou mesmo aqui. Queres alguma coisa? Brande? Água?”

“Não. Obrigado.”

“Vai dormir. Precisas de descanso. Amanhã seremos ambos mais inteligentes quanto ao que vais comer. Tenho de te reconstituir antes de o círculo tentar uma cura.”

“Eu sou mais forte do que pareço. E estou mais forte agora do que quando me encontraste.”

“Talvez. Mas eu já não corro riscos, a menos que tenha de ser.”

Um longo silêncio. O brande e a comida estavam a afetar-me. O cansaço do dia envolveu-me de repente. Fui até ao outro lado da cama e libertei-me das botas ao pontapé. Despi a roupa de fora e enterrei-me na grande cama ao lado do Bobo. O colchão de penas era grosso e fofo. Enfiei-me mais nele e fechei os olhos.

“Fitz?”

“Quê?”

“Matarias por mim?”

Sobre aquilo não tinha de pensar. “Sim. Se tivesse de ser. Mas aqui estás seguro, Bobo. Estás completamente rodeado pelas muralhas robustas do Castelo de Torre do Cervo. E eu estou a teu lado. Ninguém sabe onde estás. Dorme sem medo.”

“Matarias por mim se eu te pedisse para o fazeres?”

Estaria a mente dele a divagar, para repetir a pergunta? Falei de forma calmante. “Não terias de me pedir. Se alguém estivesse a ameaçar-te, eu matá-lo-ia. Simples como isso.” Não lhe disse para dormir. Não é assim tão simples, depois de termos passado pela tortura. Ainda há noites em que acordo com um sobressalto, julgando-me de volta à masmorra de Majestoso. A mais pequena das coisas é capaz de desencadear um súbito ataque de terror: o cheiro de uma certa espécie de carvão, um rangido parecido ao que uma corda faz ao esticar, um estridor que soasse como a porta de uma cela a bater. Até mesmo o escuro. Simplesmente estar sozinho. Na escuridão, estendi a mão e pousei-lha no ombro. “Estás em segurança. Eu fico de vigia, se quiseres.”

“Não.” Ele estendeu a mão ossuda e pousou-a sobre a minha. Os lenhos na lareira crepitaram suavemente e eu fiquei a ouvi-lo respirar. Depois voltou a falar.

“Não era isso que eu queria dizer. Foi a mensagem que enviei com os últimos quatro mensageiros. O favor que detestei pedir. Envergonhou-me pedi-lo, envergonhou-me pedir-te fosse o que fosse depois de te ter usado tão impiedosamente. Mas não havia mais ninguém, em mais sítio nenhum, a quem pudesse pedi-lo. Tentei fazê-lo eu próprio. Eles tinham deixado de me interrogar. Tinham começado a deixar-me em paz. E um dia foram descuidados. Talvez. Escapei. Julguei ter escapado. Encontrei amigos, obtive refúgio e descansei. Sabia o que tinha de fazer. Sabia o que tinha de ser feito e preparei-me para isso o melhor que pude. E tentei. Mas eles estavam à minha espera. Apanharam-me e àqueles que me tinham dado abrigo e ajuda. Levaram-me de volta e, dessa vez, não perderam tempo com subtilezas ou com perguntas. Foi só brutalidade. Partiram-me os ossos. Roubaram-me a visão.”

“O que tinhas tu feito?” Senti-me sem fôlego.

“Tentei e falhei completamente. Eles troçaram de mim. Disseram-me que falharia sempre. Mas tu não falharias. Tu sabes como fazê-lo. Tiveste todo o treino. E eras bom.”

O calor da cama não conseguiu afastar o gelo que estava a espalhar-se por mim. Afastei-me dele, mas a sua mão agarrou subitamente a minha, forte como a morte. “Em tempos foste bom. A matar pessoas. Breu treinou-te e tu eras bom.”

“Bom a matar pessoas,” disse eu, numa voz inexpressiva. Aquelas palavras não faziam sentido quando as proferia em voz alta. Bom a criar morte. Um silêncio mais espesso que a escuridão separou-nos.

Ele voltou a falar. O desespero enchia-lhe a voz. “Detesto pedi-lo. Sei que tu afastaste isso da tua vida. Mas tem de ser. Quando estiver repousado, quando to explicar, vais entender. Eles têm de ser detidos e só a morte os deterá. Só existes tu entre eles e o que querem fazer. Só tu.”

Não falei. Ele não estava em si. O Bobo nunca me teria pedido aquilo. Estava cego, enfermo e com dores. Vivera num medo terrível. Ainda temia. Mas agora estava em segurança. Quando ficasse melhor, a sua mente clarearia. Voltaria a ser ele próprio. Pediria desculpa. Se sequer se lembrasse desta conversa.

“Por favor, Fitz. Por favor. Eles têm de ser mortos. É a única forma de os deter.” Inspirou, num arquejo doloroso. “Fitz, assassina-los? A todos. Dá-lhes fim e às coisas horríveis que eles estão a fazer. Sim?” Fez uma pausa e acrescentou as palavras que eu temera ouvir: “Por favor. Por mim.”

CAPÍTULO 32

O ATAQUE

De acordo com as pessoas da terra, um verdadeiro Profeta Branco só nasce uma vez em cada geração. Com bastante frequência, a criança nasce numa família que não tinha nenhuma consciência de ter aquele sangue nas veias. Se a família estiver numa região em que os Profetas Brancos são venerados, há júbilo e festa. A criança maravilhosa é criada em casa até ter a idade de dez anos. Nessa altura, a família faz uma peregrinação à Ilha Pálida, que se julga ter sido a terra natal do povo Branco e é agora onde vivem os Servos dos Arquivos, aqueles que se dedicam à preservação dos registos e profecias dos Profetas Brancos. Aí, a criança será acolhida com alegria e colocada sob a responsabilidade deles.

Diz-se que todos os sonhos que a criança relatar serão aí registados. Até ao seu vigésimo ano, é-lhe proibida a leitura de qualquer das profecias preservadas dos outros Profetas Brancos, para que a informação nelas contida não macule a pureza da sua visão. Quando chega ao seu vigésimo aniversário, tem início a sua educação nos Arquivos.

Depois, a este viajante foi contada a triste história de uma criança Branca nascida numa aldeia distante onde as pessoas não tinham nenhum conhecimento sobre os Profetas Brancos. Quando passou o momento de um novo Profeta Branco nascer sem que houvesse notícia de nenhuma criança do género, os Servos dos Arquivos dedicaram-se à leitura de todas as profecias que pudessem ter relação com essa falta. A pesquisa levou-os a enviar mensageiros a essa região remota, em busca da criança. Regressaram com uma história de uma criança pálida considerada aberrante e idiota e deixada à fome no berço.

Viagens de Tremetear, Reple Tremetear

egressámos a Floresta Mirrada na escuridão e no frio. FitzVigilante não era tão bom condutor como o meu pai ou Enigma. Os cavalos conheciam o caminho para casa, mas ele não mantinha as rodas da carruagem nos sulcos como o meu pai fazia, e por isso elas foram roçando nos montes de neve acumulada, subindo-os ou cortando-os. Tenho a certeza de que, na escuridão, e com a estrada escondida sob a neve cada vez mais profunda, conduzir a parelha era mais difícil do que parecia. Aninhei-me debaixo de umas mantas na caixa da carruagem, preocupada com o meu pai, cheia de curiosidade sobre o pedinte e desejando que já estivéssemos em casa. Estava muito cansada e sentia-me bastante infeliz com a rapidez com que tinha sido abandonada. Não ajudava que Esquiva e FitzVigilante tivessem passado toda a viagem até casa sentados juntos no banco da carruagem, bem enrolados em mantas de colo e a conversar em vozes baixas e indignadas sobre tudo o que tinha acontecido na vila. Falaram do meu pai e de Enigma de uma forma que fazia parecer que me julgavam surda, ou consideravam os meus sentimentos tão insignificantes que podiam ignorá-los.

Eles tinham visto o incidente com o cão, mas tinham-se mantido afastados para evitar qualquer tipo de sarilhos que ele lhes pudesse trazer. Esquiva esperava fervorosamente que nenhuns mexericos em Margem de Carvalhos a ligassem ao louco em que Tomé Texugo se transformara por causa de um cão. Já fora humilhada o suficiente com o modo como ele lhe falara na taberna, à frente de toda a gente! FitzVigilante não conseguia tirar nenhum sentido daquilo que o meu pai e Enigma tinham feito a respeito do pedinte, nem do porquê nem do como, e era isso o que parecia ofendê-los mais aos dois. Que tivessem sido deixados à margem de qualquer espécie de explicação detalhada parecia-lhes incrivelmente mal-educado, mas ao longo de toda aquela demorada viagem de regresso da Colina da Forca, não me dirigiram uma palavra. Enquanto íamos seguindo lentamente para casa, aos solavancos, o frio agarrou-me e apertou-me ainda com mais força. Não parava de cair num sono desconfortável e de ser arrancada a ele por mais uma sacudidela.

Quando chegámos à propriedade, eu estava meio enjoada de todos os

saltos e solavancos. Acordei uma última vez quando FitzVigilante fez parar os cavalos à frente das altas portas do solar e saltou para o chão, gritando por um moço de estrebaria. Ajudou cuidadosamente Esquiva a descer e disse-lhe para se apressar para dentro de casa para se aquecer. Ela perguntou em voz alta por que motivo não havia nenhum criado à espera nas escadas com uma lanterna para a guiar. FitzVigilante concordou que o pessoal era realmente muito desleixado e precisava de treino. Eles sabiam que nós regressaríamos naquela noite. Deviam ter estado à espera.

A neve que caíra acrescentara um peso húmido às mantas que me cobriam. Os meus músculos estavam relutantes em mover-se, de ter estado sentada, parada mas não parada devido aos solavancos da carruagem. Estava a debater-me para sair de baixo das mantas quando FitzCavalaria veio até à caixa da carruagem. “Vem cá, Abelha,” disse.

“Estou a tentar,” respondi. Ele bufou com impaciência, agarrou na ponta da manta e puxou-a toda de cima de mim, fazendo o monte de neve fria cair-me em cima numa cascata. O choque fez-me suster a respiração, e tentei em vão impedir que isso se transformasse num soluço. Ele pareceu horrorizado pelo que me fizera, mas falou com severidade. “Vá, não sejas bebé. É só neve. Estamos todos cansados e com frio, mas estamos em casa. Vem cá, que vamos para casa aquecer-nos.”

Não respondi. O movimento brusco da manta derrubara-me o saco das compras. Pus-me a tatear na escuridão, tentando recuperar as minhas preciosas compras da caixa escura da carruagem. Agora estavam espalhadas por todo o lado, debaixo da neve e da confusão de mantas que ele atirara para ali. Era provável que não conseguisse ver o que eu estava a fazer quando disse: “Vem já, Abelha, senão deixo-te aí.”

Encontrei o fôlego e empurrei algumas palavras para fora. “Não me importo. Ide, por favor.”

“Estou a falar a sério!”

Não respondi e, depois de ficar à espera por um momento silencioso, ele virou-se e caminhou a passos largos para casa. Um moço de estrebaria aparecera com uma lanterna e estava a postos para levar a carroça e a parelha para os estábulos, a fim de ser desatrelada. Ele pigarreou.

“Estou a tentar apressar-me,” disse eu, numa voz sufocada.

“Não precisas de te apressar,” disse ele, e de súbito era Perseverança. Ele ergueu mais a lanterna e tanto a luz como as sombras encheram a caixa da carroça.

“Só tenho de encontrar as coisas que o papá me comprou,” disse eu. Havia lágrimas a tentar forçar uma saída de mim, mas eu não queria libertá-las. Ele não disse nada. Limitou-se a subir para cima da roda e para dentro da carruagem, onde se pôs a levantar cuidadosamente mantas e agasalhos. Sacudiu-os um a um, libertando-os de neve, e dobrou-os antes de os pousar no banco e, pouco a pouco, as nossas compras foram sendo reveladas. Juntei-as, devolvendo-as cuidadosamente ao meu cesto.

A porta de Floresta Mirrada abriu e fechou e depois houve mais sombras a saltar e a confundir-me quando Pândego apareceu trazendo uma lanterna maior. “Dama Abelha?”, perguntou ele ao ar e eu respondi, rouca: “Só mais um momento, por favor.” Estava a tentar. Porque queriam todos apressar-me quando eu estava com tanto frio?

Ele veio até à beira da carruagem e observou-me enquanto eu acabava de reunir os meus pacotinhos. Pareceu chocado e reprovador. Mas fez um aceno a Perseverança, de uma maneira que lhe prometia que não esqueceria o serviço prestado, e o moço de estrebaria baixou a cabeça. Depois de eu ter todas as minhas coisas, levantei-me devagar e coxeei, hirta, até à traseira da carroça. “Os pacotes grandes pertencem à Dama Esquiva e ao Escriba FitzVigilante,” disse-lhe enquanto ele erguia as sobancelhas para os cestos e sacos que ainda lá ficavam.

“Estou a ver,” respondeu, gravemente. “Rapaz, eu vou mandar alguém buscar estas coisas. Depois podes levar os cavalos e a carroça para o estábulo.”

“Senhor,” respondeu Perseverança. Para meu completo espanto, Pândego pegou no meu saco e depois ergueu-me da caixa da carruagem e levou-me ao colo para casa. Era um homem alto, mais alto que o meu pai, e levar-me e aos meus embrulhos foi como se não fosse nada. Eu estava cansada e era difícil manter-me direita nos seus braços. A minha testa roçou na cara dele e, para meu espanto, era tão lisa como a minha. E cheirava

maravilhosamente, a rosas, mas com um acrescento de especiarias. Falei sem pensar. “Cheiras tão maravilhosamente!”

Um sorriso substituiu a preocupação na sua cara angulosa. “É tão gentil da vossa parte dizer isso, Dama Abelha. Eu misturo pessoalmente os meus óleos odoríferos. Talvez um dia gostásseis de me ajudar a fazer isso, sim?”

“Gostava!”, declarei, com um entusiasmo sentido.

“Então ajudareis. A vossa mãe ensinou-me muito sobre esses odores quando cá cheguei. É adequado que vos transmita aquilo que ela me ensinou.”

Eu estava empoleirada num dos seus braços, a tremer de frio. Ele abriu a porta com a mão livre e, sem uma pausa, levou-me pelo átrio de entrada e pelo corredor, diretamente para o meu quarto. Cuidadosa tinha acabado de acender a lareira e ele pousou-me à frente do lume.

“Ela está coberta de neve! Dama Abelha! Não estáveis debaixo dos agasalhos na carruagem?”

Eu estava demasiado cansada para explicar. Pândego falou enquanto Cuidadosa começava a livrar-me da roupa húmida. “Está completamente enregelada. Vou dizer à cozinheira Nozmoscada para preparar uma bandeja de comida quente e chá. Podes tratar das outras necessidades dela?”

Ela ergueu para Pândego olhos ansiosos. “A Dama Esquiva pediu-me para ir imediatamente buscar as compras dela. Quer a minha ajuda para...”

“Eu arranjo outra pessoa qualquer para a ajudar,” anunciou Pândego com firmeza. Dirigiu-se para a porta a passos largos, parou e depois disse: “Dama Abelha, não fomos informados a respeito do que aconteceu ao vosso pai e a Enigma e sinto muita preocupação por não terem regressado convosco.”

Ele estava ciente de que não lhe competia pedir informação, mas eu sabia agora que ele era meu aliado e partilhei livremente o pouco que podia acrescentar. “Estava um pedinte no mercado que falou comigo. Quando me abraçou, o meu pai teve medo por mim e atacou-o, ferindo-o com gravidade. Depois apercebeu-se de que o pedinte era na verdade um velho amigo seu. Portanto, ele e Enigma usaram a magia do Talento para levar o pedinte, pela pedra vertical na Colina da Forca, para o Castelo de Torre do

Cervo, onde talvez consigam salvá-lo.”

Os dois criados trocaram um olhar por cima da minha cabeça, e apercebi-me de que era provável que o meu relato factual soasse completamente louco aos ouvidos deles. “Imaginem só!”, disse Cuidadosa em voz baixa.

“Bem. Tenho a certeza de que o vosso pai sabe o que está a fazer e Enigma também. É um homem muito prático, aquele Enigma.” O tom sugeria que o meu pai nem sempre o era. Teria sido estúpido discordar daquilo. Ele escapuliu-se pela porta fora.

Quando Cuidadosa conseguiu enfiar-me na camisa de dormir, toda eu tremia. Era a camisa de dormir vermelha, aquela que a minha mãe tinha feito. Alguém a lavara e trouxera para o meu quarto. Ela foi buscar uma colcha à cama, aqueceu-a à frente da lareira e depois envolveu-me nela. Não protestei, ficando sentada na cadeira que ela trouxe para junto da lareira. Ouviu-se uma batida na porta e um ajudante de cozinha entrou com uma bandeja de comida fumegante. Ela agradeceu-lhe e mandou-o embora. Enquanto dispunha a comida numa mesa baixa para eu comer, disse-lhe: “Eu não me esqueci de ti. Trouxe-te presentes da vila.”

Os olhos dela iluminaram-se de interesse, mas disse: “Amanhã haverá tempo para isso, senhora. Esta noite vamos meter comida quente nessa barriga e depois deitar-nos numa cama quente. Ainda tendes a cara toda vermelha e branca do frio.” Ergueu o meu xaile cinzento e vermelho, sopesou com aprovação a pesada lã e depois pô-lo a secar. Ao guardar as outras coisas que eu trouxera na cesta, encontrou os embrulhos e as bugigangas que eu comprara para ela e apossou-se imediatamente deles, voltando a agradecer-me por ter pensado nela. Pensei nos lenços que tinha comprado para Pândego. Gostaria realmente deles? Pensei no cheiro que ele tinha quando me pegara ao colo. Compreendi que apreciaria uma das velas da minha mãe. O coração doeu-me com a ideia de me separar nem que fosse de uma, mas sabia que o faria. Ele merecia. Cuidadosa ajudou-me a meter-me na cama e depois andou silenciosamente pelo quarto, a arrumá-lo, trauteando enquanto o fazia.

Acho que adormeci antes de ela sair do quarto. Acordei, provavelmente horas mais tarde, num quarto iluminado apenas pela luz da lareira. Tentei

compreender o dia. Tanta maravilha e terror compactados num só dia, e depois ser abandonada no fim! Perguntei a mim mesma por que motivo o meu pai não me tinha levado consigo, e quem seria o pedinte para ser tão importante. O meu pai afirmara que era um seu velho amigo. Como era tal coisa possível? Não havia ninguém a quem pudesse fazer essas perguntas. A toda a minha volta, a casa estava muito silenciosa. Saí da cama e fui até à janela, abrindo as portadas. O céu estava negro e caía um forte nevão. Era muito tarde na noite, ou muito cedo na manhã. E eu estava com fome e já não tinha sono nenhum.

Ainda estava enregelada da longa viagem até casa, com um frio que parecia irradiar-me dos ossos. Dirigi-me ao guarda-roupa em busca de um agasalho e descobri que alguém lhe acrescentara um novo roupão para mim. Tirei-o para fora e descobri que era feito de suave lã vermelha, forrada com pele de lobo. E por baixo de onde o roupão estivera pendurado estavam botas moles feitas precisamente da mesma forma, mas com solas de couro. No momento em que as calcei, senti-me mais quente e mais segura.

Fui primeiro ao quarto do meu pai, para ver se ele já teria regressado. Não encontrei aí nenhum conforto. A cama dele estava vazia e o quarto estava tão rigorosamente arrumado que podia ter pertencido a qualquer pessoa. Ou a ninguém. “Isto não é o verdadeiro refúgio dele,” disse, audivelmente mas em voz baixa. Acenei de mim para mim, sabendo para onde teria de ir para encontrar as respostas que procurava.

Percorri sem fazer barulho os corredores escurecidos. Os meus olhos adaptaram-se depressa à escuridão e dirigi-me ao seu gabinete privativo sem encontrar viva alma. O silêncio na casa era quase sobrenatural, como se eu fosse a única habitante. Ao aproximar-me do gabinete, censurei-me por não ter trazido uma vela, pois precisaria dela se pretendia passar em revista a biblioteca privada dele, em busca de pistas para as minhas dúvidas. Mas quando contornei a esquina, vi que a porta estava ligeiramente entreaberta; a luz quente de uma lareira derramava-se, numa cunha agradável, pelo chão e por uma parede.

Abri a porta e espreitei para dentro. Ninguém estava sentado à secretária, mas um grande fogo ardia alegremente na lareira. Entrei na sala,

perguntando baixinho: “Pai?”

“Estou mesmo aqui,” respondeu ele. “Estou sempre aqui para ti.” O grande lobo cinzento que estivera estendido à frente da lareira sentou-se devagar. Deixou pender a língua por sobre os dentes muito brancos quando bocejou e, quando se espreguiçou, as garras dos dedos das patas traseiras projetaram-se e retraíram-se. Depois olhou para mim com os seus olhos selvagens e castanhos e sorriu.

“Pai-Lobo?”

“Sim.”

Fitei-o. “Não compreendo,” disse, debilmente.

“Não tens de compreender,” respondeu ele num tom reconfortante. “Compreender como ou porquê só muito raramente é tão útil como compreender que as coisas são. Eu sou.”

A voz dele era profunda e calma. Avancei lentamente para ele. Estava sentado, muito direito, com as orelhas arrebitadas, a ver-me ir ter com ele. Quando me aproximei mais, ele captou-me o odor e disse: “Estiveste assustada.”

“Estava um matador de cães no mercado. O meu pai não conseguiu salvar o cão de nada, exceto da dor. Depois matou alguém e desmatou-o e depois foi-se embora com ele. E deixou-me completamente sozinha.”

“Não estás sozinha quando eu estou contigo. Eu sou o pai que está sempre contigo.”

“Como pode um lobo ser meu pai?”

“Há coisas que simplesmente são.” Voltou a espreguiçar-se em frente da lareira. “É possível que eu seja a parte do teu pai que nunca deixa de pensar em ti. Ou talvez seja uma parte de um lobo que não acabou quando o resto de mim acabou.” Ergueu o olhar para a pedra negra esculpida que estava na prateleira da lareira. Olhei-a de relance. Tinha três caras, o meu pai, um lobo, e... fitei a estatueta durante um longo momento.

“Era ele. Mas muito mais velho. E cego e cheio de cicatrizes.”

“O Sem Cheiro. Então compreendo por que motivo o teu pai partiu. Tinha de partir.”

“Ele não era sem cheiro. Era um velho pedinte malcheiroso, que fedia a

sujidade e porcaria.”

“Mas sem nenhum cheiro que fosse dele. Ele e o teu pai são alcateia. Eu também passei muitos dias na companhia dele.” O Pai-Lobo ergueu o olhar para mim. “Há chamamentos que não podemos ignorar, por mais que possam dilacerar-nos o coração.”

Desci lentamente para me sentar ao lado dele. Olhei para os pés, agora cinzentos com pequenas garras negras. O roupão mudara. A pele de lobo que estivera do lado de dentro estava agora por fora. Enrolei-me ao lado dele e pousei o queixo nas minhas patas. “Ele abandonou-me. O Sem Cheiro é mais importante para ele do que eu.”

“Isso não é verdade. A necessidade dele devia ser maior. E é tudo. Chega uma altura em que todas as crias são deixadas sozinhas. Tu vais ficar bem, se não te atolares na autocomiseração. Com autocomiseração, só consegues mais do mesmo. Não percas tempo com isso. O teu pai voltará. Ele volta sempre.”

“Tens a certeza disso?” Eu não tinha.

“Sim,” respondeu ele com firmeza. “E até que ele regresse, eu estou aqui.”

Fechou os olhos. Observei-o. O fogo estava quente nas nossas costas e ele cheirava bem, a sítios limpos e selvagens. Fechei os olhos.

Acordei já a manhã ia avançada, com Cuidadosa a atarefar-se no quarto. “Deixei-vos dormir, visto terdes chegado a casa tão tarde, e o Escriba FitzVigilante também disse que hoje ia começar as aulas tarde. Mas agora deveis acordar e enfrentar o dia, Dama Abelha!”

Usava as suas novas contas e trazia um raminho de azevinho no cabelo. “Já estamos no Festival de Inverno?”, perguntei-lhe e ela sorriu.

“Amanhã à noite. Mas a cozinha já está a cozinhar para o festival e ontem à noite, muito tarde, chegaram uns menestrels, oferecendo-se para nos alegrarem a festa. O mordomo Pândego decidiu deixá-los ficar até poder pedir autorização ao vosso pai. Na ausência do vosso pai, conferenciou com o Escriba FitzVigilante e ele disse que claro que tinham de ficar. E esta manhã, a Dama Esquiva passou algum tempo com Pândego

para criar o menu para a festa! Oh, os pratos que ela encomendou! Vai ser um banquete como há muitos anos não vemos!”

Senti-me dilacerada. Estava entusiasmada por saber que haveria música e danças e um grande banquete, e insultada por pensar que tudo fora combinado na ausência do meu pai e sem a sua autorização. A minha reação confundiu-me. Se ele tivesse estado em casa, tinha a certeza de que o teria aprovado. E no entanto, que fossem aqueles dois a organizar tudo continuava a ofender-me.

Sentei-me na cama e perguntei: “O que aconteceu ao meu roupão de pele?” Pois estava vestida com a camisa de dormir de lã vermelha da minha mãe.

“Um roupão de pele? Comprastes um roupão de pele na vila? Nunca ouvi falar de tal coisa!” Cuidadosa correu ao meu guarda-roupa e abriu a porta, sem revelar nada que se parecesse.

A minha cabeça estava a limpar-se das fantasias da noite. “Foi um sonho,” admiti. “Sonhei que tinha um roupão de pele de lobo forrado de lã vermelha.”

“Imaginaí como isso vos deixaria quentinha! Um bocadinho quente de mais para o meu gosto,” disse Cuidadosa, rindo, e pôs-se à procura de roupa para mim. Ficou desapontada por eu não ter comprado roupa nova enquanto estive na vila. Abanou a cabeça enquanto preparava uma das túnicas demasiado grandes e um novo par de meias de lã. Deixei a tagarelice dela passar por mim enquanto tentava relegar o que experimentara para o estatuto de “só um sonho.” Não era um sonho que se parecesse com os que tivera antes; assemelhava-se muito mais à primeira vez que encontrara o Pai-Lobo nas passagens. Quem era ele? O que era ele? Era o lobo da escultura, tal como o pedinte era o “Sem Cheiro.”

Assim que me vesti, saí do quarto mas, em vez de ir à procura de pequeno-almoço, fui até ao gabinete do meu pai. Abri a porta para uma sala gelada; a lareira fora limpa desde a última vez que fora usada. Toquei nas pedras frias e soube que não houvera ali na noite anterior nenhum fogo ardente. Voltei a olhar para o bloco de pedra esculpida sobre a prateleira. Bem, essa parte do meu sonho fora verdade. O outro homem na escultura

era certamente o pedinte em jovem. Olhei para a cara dele e pensei que nessa época devia ter sido um tipo alegre. Estudei também o lobo; o escultor fizera justiça aos seus olhos escuros e profundos. De súbito invejei o meu pai por ter tido amigos como aqueles quando era apenas rapaz. Quem tinha eu? Disse a mim mesma que tinha Perseverança. Pândego. E um gato que ainda não me dissera o nome. Por um momento senti-me capaz de vomitar solidão e tristeza. Depois endireitei os ombros e abanei a cabeça. Com a autocomiseração, só obteria mais do mesmo.

Havia outra escultura na prateleira da lareira, esta de madeira. Representava apenas o lobo. Peguei nela. Era dura e magoou-me quando a cingi a mim mas mantive-a nos braços durante muito, muito tempo. Desejava-a com grande intensidade, mas voltei a pô-la onde estivera. Decidi que quando o meu pai voltasse para casa, pedi-la-ia.

Fechei as portas do gabinete, tranquei-as e depois abri o painel que dava acesso ao meu refúgio. Subi para o meu esconderijo e verifiquei as provisões de água e pão que aí tinha. Mais velas, decidi. Senti que talvez viesse a passar ali bastante tempo até o meu pai regressar. Isso deixar-me-ia imperturbada, e duvidei que alguém me sentisse a falta. O gato não estava lá, mas deixara o meu manto no chão. Encontrei-o com o pé e depois, quando me baixei para o apanhar, descobri que ele deixara um rato meio devorado em cima do manto. A franzir o nariz de repugnância, apanhei o manto e levei-o comigo para o gabinete do meu pai. Livrei-me do minúsculo meio cadáver na lareira. Farejei cautelosamente o manto; cheirava a gato e a rato morto. Sacudi-o e dobrei-o num minúsculo embrulho. Teria de arranjar um lugar privado onde o pudesse lavar. E depois, decidi, encontraria um novo esconderijo para ele, um esconderijo que não fosse partilhado com um gato. Ele pedira um cesto e uma manta e eu ainda não cumprira essa parte do acordo. Mais tarde, mas ainda hoje, fá-lo-ia. Enfiei a mancheia de manto de borboleta na parte da frente da minha túnica, tranquei o painel secreto e abandonei o refúgio do meu pai depois de deitar um último relance ao lobo.

Pouco encontrei que restasse do pequeno-almoço, mas a mesa não tinha sido levantada, portanto enrolei um pouco de salsicha num bocado de pão e

comi-a com uma chávena de chá morno. Era o suficiente e eu fiquei feliz por me escapular da sala de jantar tão despercebidamente como nela entrara.

Com relutância, dirigi-me para a sala de aula. Os outros alunos estavam lá à espera mas FitzVigilante ainda não chegara. Perseverança veio discretamente pôr-se a meu lado. “Os cachorrinhos estão a instalar-se mas um deles tem uma grande infeção onde o rabo foi cortado. Quem fez aquilo limitou-se a cortar, e nem sequer foi entre os ossos. Foi só *trau!*, provavelmente com uma machadinha. Tivemos de arrancar de lá lascas de osso, e o cachorro uivou tanto que era capaz de rachar as traves do telhado. O homem que fez aquilo mereceu duas vezes o que o teu papi lhe fez. É o que diz o Hasteiro, e ele sabe quase tudo sobre cães. Porque foi que o teu pai decidiu de repente que queria cães? Não tem nenhum há anos.”

“Para os manter vivos, parece-me. Como ao burro.”

“Bem, também tivemos curiosidade por causa disso. Aquele velho burro... vamos alimentá-lo e tratar de lhe arranjar os cascos, mas não percebemos para que irá ele servir.” Olhou para mim. “O que aquele moço da vila contou é verdade?”

Avancei mais pelo corredor, afastando-me dos outros. “Um homem estava a matar um cão no centro da vila quando lá chegámos. Para fazer as pessoas querer comprar os cachorrinhos.” Os olhos de Perseverança esbugalharam-se quando lhe contei a história toda. Quando terminei, ele tinha a boca aberta.

“Eu já tinha ouvido dizer que o Texugo tinha mau génio e nenhuma tolerância pela crueldade. Heh.” Soprou, espantado. “Isso foi bem feito. Mas o que vai ele fazer com aqueles buldogues?”

“O que é que se faz normalmente com eles?”

Ele ergueu as sobrancelhas, como se o surpreendesse que eu não soubesse uma coisa daquelas. “Bem, há homens que os fazem lutar, cão contra cão. Ou então usam-nos em touradas. Sabes como é, atçam-nos contra um touro, para o atormentarem antes do abate. Torna a carne melhor, dizem eles. O mesmo com os porcos. Eh, se calhar podemos usá-los para caçar alguns dos javalis que andam por aqui. Há um par de velhos machos que têm andado a dar cabo dos campos de beterrabas ao longo do último

par de anos.”

“Se calhar,” respondi. Uma ideia tocou-me. “Eu talvez peça um, para ser meu.”

FitzVigilante aproximava-se. Hoje parecia muito fino, com um casaco azul de colarinho branco e meias de um azul mais escuro. Apercebi-me de uma coisa de que não me havia dado conta antes: FitzVigilante vestia-se como um mercador rico, ao passo que o vestuário do meu pai se aproximava mais do dos agricultores que vinham a Margem de Carvalhos para vender os seus produtos. Baixei os olhos para mim. Sim. Mais próxima de uma filha de agricultor do que de uma filha de uma casa nobre. Ou mesmo até de um filho de agricultor. O meu tutor não me deu tempo para matutar naquilo. “Vá, vinde daí, vinde para dentro e instalai-vos! Perdemos uma porção razoável da manhã, portanto hoje vamos ter de ser rápidos com as nossas lições.”

Ninguém pareceu inclinado a fazer-lhe lembrar que fora ele o último a chegar. Pelo contrário, fizemos o que nos foi ordenado, instalando-nos rapidamente. O nosso professor estava distraído e quase irritável, como se nós fôssemos uma tarefa aborrecida que tinha de levar a cabo e de que se tinha de despachar, e não o motivo por que fora trazido para Floresta Mirrada. Tentou ensinar-nos uma longa rima sobre os vários reis dos Seis Ducados e aquilo por que cada um era recordado, mas em vez de no-la ensinar aos bocados, como a minha mãe me ensinara “As Doze Ervas Curativas,” recitou-a inteira e depois andou a pedir a cada um de nós para tentarmos repeti-la. Nem um passou do terceiro rei, muito menos chegou a todos os vinte e três, e ele expressou detalhadamente o seu desapontamento. Voltou a recitar a rima, muito rapidamente. Esporeiro conseguiu repetir quatro dos versos, quase corretamente. Ulmeira desfez-se em soluços quando FitzVigilante a obrigou a pôr-se em pé e a tentar recitá-los. Fixara os olhos em mim, e eu senti a determinação e o medo preencher-me quando me levantei devagar para recitar.

Fui salva por gritos distantes e zangados, seguidos por estrondos, como se alguém estivesse a bater repetidamente com uma porta. FitzVigilante afastou o olhar de mim, franziu o sobrolho e foi até à porta da sala de aula.

Olhou na direção do ruído, ainda carrancudo. Estava a começar a fechar a porta quando todos ouvimos um longo e arrepiante grito.

O escriba pareceu alarmado. “Ficai aqui. Eu volto já.”

E assim nos abandonou, primeiro a passos largos... e depois todos ouvimos os seus passos acelerar até uma corrida. Trocámos olhares. Esporeiro impacientou-se e depois levantou-se. Deu dois passos para a porta. “Ele disse para ficarmos aqui,” fez-lhe lembrar Perseverança. Permanecemos onde estávamos, a ouvir gritos abafados. Perseverança olhou para mim e disse: “Vou ver o que se está a passar.”

“Eu também,” insisti.

“Não,” proibiu ele e depois, quando lhe mostrei os dentes, ele acrescentou num tom mais conciliatório: “Não quereis que o escriba se zangue convosco, Dama Abelha. Eu vou depressa e volto já.”

Inclinei a cabeça para ele e respondi com uma voz agradável: “E eu também.”

“Eles vão meter-se em sarilhos,” confidenciou Lea a Ulmeira numa voz esperançosa.

Deitei às raparigas o olhar mais contundente que consegui arranjar e depois fui com Perseverança espreitar da porta. Não se via ninguém, mas os sons de homens a gritar soavam mais altos. Ouviu-se um som de cozinha, como que de metal a bater em metal. Perseverança olhou para mim e formou com a boca: *Espadas?* A sua expressão estava incrédula.

Julguei-o tolo mas não consegui imaginar que outra coisa poderia ser. “Talvez alguma coisa relacionada com o Festival de Inverno?”, sugeri.

Os seus olhos iluminaram-se de antegosto. “Talvez.” Depois um homem soltou um grito zangado. “Talvez não,” disse ele, com o sorriso a desvanecer-se.

“Fiquem aqui e fiquem calados,” disse eu aos outros que se tinham reunido à porta atrás de mim. Saímos para o corredor. Apalpei para me assegurar de que a faca da minha mãe continuava pendurada do meu cinto. Tinha o coração a trovejar quando segui Perseverança, com passos leves, pelo corredor fora. Quando chegámos à curva no corredor onde ele se ia unir aos corredores da parte principal da casa, senti uma grande vaga de

alívio por ver Pândego a andar apressadamente na nossa direção. Ele trazia qualquer coisa que agarrava a meio do corpo, qualquer coisa muito pesada, avaliando pelo modo como o fazia cambalear. Quando ambos corremos na direção dele, eu gritei ao mordomo da casa: “Passa-se alguma coisa? Ouvimos gritos e o Escriba FitzVigilante abandonou-nos para ir ver...”

Pândego cambaleou para um lado, atingindo a parede com o ombro. Os joelhos dobraram-se-lhe e ele tombou. Erguera uma mão quando atingira a parede, e esta deixara uma longa mancha sangrenta ao longo da queda. O objeto que ele transportava transformou-se numa haste espetada no seu corpo. Ele estivera a agarrá-la enquanto avançava aos tombos. Olhou para nós. A sua boca moveu-se, formando palavras sem nenhum fôlego a sustentá-las. *Fujam. Escondam-se. Desapareçam.*

Depois morreu. Simplesmente assim, num momento: foi-se. Fitei-o, plenamente consciente de que ele estava morto e perguntei a mim própria por que motivo se teria Perseverança baixado e posto uma mão no ombro dele, dizendo: “Mordomo? Mordomo, o que aconteceu?” Pousou uma mão trémula na de Pândego, que se mantinha agarrada à haste projetada do peito. Quando a puxou de volta, vinha vermelha.

“Ele está morto,” disse eu, e agarrei o ombro de Perseverança. “Temos de fazer o que ele disse. Temos de avisar os outros. Temos de fugir e de nos escondermos.”

“De quê?”, quis saber Perseverança em tom de zanga.

Eu estava igualmente furiosa. “Pândego veio até aqui, moribundo, para nos entregar essa mensagem. Não a tornamos inútil agindo estupidamente. Obedecemos. Vem daí!”

Agarrara-lhe a camisa e puxei por ela, arrastando-o comigo. Começámos a caminhar e depois desatámos a correr. Eu mal conseguia acompanhá-lo. Chegámos à sala de aula e precipitámo-nos para dentro. “Fujam! Escondam-se!”, disse-lhes a todos e eles fitaram-me como se eu fosse louca.

“É qualquer coisa má. O mordomo está morto no corredor, com uma seta, ou qualquer coisa do género, espetada no peito. Não voltem para a parte principal da casa. Temos de sair daqui e de fugir.”

Lea olhou-me com olhos inexpressivos. “Ela só está a tentar meter-nos a todos em sarilhos,” disse.

“Não está, não,” quase gritou Perseverança. “Não há tempo. Mesmo antes de morrer, ele disse-nos para fugirmos e nos escondermos.” Espetou a mão, escarlate do sangue de Pândego. Ulmeira soltou um grito e Esporeiro deu um salto para trás e caiu.

A minha mente corria. “Voltamos pela ala sul até à estufa. Depois saímos para o jardim da cozinha e atravessamo-lo até às cozinhas. Conheço aí um sítio onde nos podemos esconder.”

“Devíamos afastar-nos da casa,” disse Perseverança.

“Não. O sítio é bom, ninguém nos vai encontrar lá,” prometi-lhe, e Ulmeira concluiu por nós dizendo: “Quero a minha mãe!”

E isso arrumou o assunto. Fugimos da sala de aula.

Os sons vindos da parte principal da casa eram aterrorizantes, gritos abafados, estrondos e homens aos berros. Algumas das crianças mais novas estavam a guinchar ou a soluçar quando saímos da sala de aula. Demos as mãos uns aos outros e fugimos. Quando chegámos à estufa, eu pensei que talvez nos pudéssemos esconder aí, mas decidi que poucos dos outros, ou nenhum, conseguiriam manter-se em silêncio e escondidos se homens armados entrassem. Não. Só havia um esconderijo onde os soluços deles não seriam ouvidos e, por mais renitente que eu estivesse de o partilhar com eles, não tinha nenhuma alternativa. Fiz lembrar a mim própria que era filha do meu pai e, na ausência dele, era eu a senhora de Floresta Mirrada. Quando ajudara o mendigo na vila, julgara estar a ser corajosa. Mas isso fora para ostentar, para que o meu pai visse. Agora tinha de ser realmente corajosa.

“Para fora e atravessar até às cozinhas,” disse-lhes.

“Mas está a nevar!”, gemeu Ulmeira.

“Devíamos chegar aos estábulos e esconder-nos lá!”, insistiu Perseverança.

“Não. Os rastos na neve iam mostrar para onde tínhamos ido. Os jardins da cozinha já estão pisados. A nossa passagem não se vai ver assim tanto. Venham lá. Por favor!” As últimas palavras foram atiradas em desespero

quando vi a expressão teimosa na cara dele.

“Eu ajudo-te a levá-los para lá mas depois vou até aos estábulos para avisar o meu pai e os colegas.”

Percebi que não valia a pena discutir com ele, portanto sacudi a cabeça num aceno. “Venham lá!”, disse aos outros.

“E não façam barulho!”, ordenou-lhes Perseverança.

Foi ele que seguiu à frente. Os jardins da cozinha estavam em pausa há um mês, e a neve rodeava os canteiros de ruibarbo, endro e funcho, cobertos de palha. O jardim nunca me tinha parecido tão grande. Ulmeira e Lea iam de mãos dadas e soltavam pequenas queixas contra a neve nos seus sapatos de casa. Quando nos aproximámos da porta da cozinha, Perseverança gesticulou furiosamente para que recuássemos. Avançou furtivamente até à soleira coberta de neve, encostou uma orelha à porta, escutou e depois puxou-a contra a neve recém-acumulada.

Só fitei o caos das cozinhas durante um momento. Algo de terrível acontecera ali. Pães acabados de fazer estavam espalhados pelo chão, um quarto de carne queimava ao lume e não estava lá ninguém. Ninguém. As cozinhas nunca estavam vazias, pelo menos durante o dia. Ulmeira susteve a respiração, horrorizada pela ausência da mãe, e Lea surpreendeu-me por ter a presença de espírito para pôr a mão com força sobre a boca da amiga antes de o grito escapar. “Sigam-me!”, sussurrei.

Quando os levei para a despensa, Perseverança disse baixinho: “Aí não pode ser! Não vai haver espaço para todos. Devíamo-nos ter escondido na estufa.”

“Espera,” disse-lhe, e caí de joelhos para gatinhar para trás da pilha de caixas de peixe salgado. Para meu grande alívio, a portinhola estava muito ligeiramente entreaberta, como a deixara para o gato. Enfiei as pontas dos dedos na fenda e abri-a. Voltei a gatinhar para fora. “Há corredores secretos atrás das paredes. Vão lá para dentro. Depressa.”

Esporeiro caiu de gatas e gatinhou lá para trás. Ouvi o seu murmúrio abafado: “Está escuro como breu aqui dentro!”

“Entra! Confia em mim. Eu arranjo-vos uma vela. Têm de entrar aí e esconder-se.”

“Que lugar é este?”, perguntou subitamente Ulmeira.

“Velhos corredores para espiar,” disse-lhe e “Ah,” respondeu ela com ar sabedor. Nem mesmo o perigo era capaz de refrear a língua viperina daquela rapariga.

Então, algures nos quartos mais distantes de Floresta Mirrada, uma mulher gritou. Todos nos imobilizámos, olhando uns para os outros. “Era a minha mamã,” sussurrou Ulmeira. Pensei que me soara mais como Esquiva. Esperámos, mas não nos chegaram mais nenhuns sons. “Vou buscar umas velas,” disse. As crianças agacharam-se e algumas aventuraram-se a enfiar-se atrás da pilha de caixotes.

Precisei de toda a minha coragem para regressar à cozinha. Sabia onde eram guardadas as velas. Acendi uma na lareira e virei-me. Quase soltei um guincho quando descobri Perseverança e Abeto em pé atrás de mim. Hera agarrava-se à manga do irmão. Olhei para Perseverança. Tinha a cara branca de determinação.

“Tenho de ir à procura do meu pai. Tenho de o avisar. Ou de o ajudar. Desculpai.” Baixou-se e deu-me um abraço desajeitado. “Ide esconder-vos, Dama Abelha. Eu volto até aqui e grito por vós quando for seguro sair.”

“Ainda não!”, supliquei-lhe. Depois de ele se ir embora, eu só poderia contar comigo mesma. Era algo que não conseguia enfrentar. Ele tinha de me ajudar a ficar e a esconder os outros.

Mas não me estava a dar ouvidos. Estava a fitar a neve e a humidade que tínhamos deixado pelo chão da cozinha. “Oh, doce Eda! Deixámos rastros por todo o lado. Eles vão encontrar-vos a todos.”

“Não. Não vão!” Empurrei as velas para Abeto e ele aceitou-as sem uma palavra. Baixei-me e recolhi alguns pães. Empurrei-os para as mãos de Hera. “Leva isto. Vai para trás dos caixotes e para dentro da parede com os outros. Não fechem a porta. Eu estou lá dentro de um minuto. Diz a toda a gente para gatinhar ao longo da passagem e para ficar em silêncio. Em silêncio como ratos. Não acendam mais de uma vela!”

Mesmo na cozinha, conseguia ouvir os outros a resmungar e a choramingar atrás da parede. Depois ouvi vozes de homem, distantes mas mesmo assim compreendi que estavam a gritar uns com os outros numa

língua que não conhecia.

“Quem são eles?”, perguntou Abeto numa voz atormentada. “Porque estão aqui? O que estão eles a fazer? O que foram aqueles gritos?”

“Isso não importa. Importa sobreviver. Vai-te embora já!” Empurrei-o fisicamente para a porta. Enquanto Abeto e Hera desapareciam na despensa, agarrei numa pilha de guardanapos que estavam na mesa e baixei-me para começar a espalhar as pegadas aquosas. Perseverança percebeu o que eu pretendia fazer e fez o mesmo. Num instante tínhamos transformado os rastos numa mancha húmida e sinuosa.

“Deixa a porta aberta. Podem pensar que entrámos e voltámos a sair,” sugeriu Perseverança.

Abri-a como ele sugerira. “É melhor ires já,” disse-lhe. Tentei impedir a voz de tremer.

“Primeiro, tu escondes-te. Eu empurro as caixas contra a parede para esconder o sítio para onde foram.”

“Obrigada,” sussurrei. Fugi para a despensa, caí de joelhos e gatinhei para trás dos caixotes.

A entrada estava fechada. Dei pancadinhas na porta e depois bati com mais força. Encostei-lhe um ouvido. Nem um som. Tinham-me obedecido e subido ao longo dos corredores. E a porta trancara-se quando alguém a fechara atrás de si.

Não podia entrar. Perseverança espetou a cabeça de trás dos caixotes. “Despacha-te! Entra!”

“Não posso. Eles fecharam a porta e ela trancou-se. Não consigo abri-la por este lado.”

Fitámo-nos um ao outro durante um longo momento. Depois ele falou baixinho. “Vamos deslocar os caixotes para esconder o sítio para onde eles foram. Depois vens até aos estábulos comigo.”

Concordei com a cabeça, tentando não deixar que lágrimas ou soluços saíssem de mim. Acima de tudo, ansiava por estar escondida e em segurança nas paredes. Era o meu lugar, o meu esconderijo especial e, agora que mais precisava dele, fora-me roubado. De certa forma, a mágoa que sentia por essa injustiça era quase tão grande como o medo. Foi

Perseverança quem encostou bem os caixotes à parede. Fiquei a fitá-los, com o medo a fortalecer-se em mim. Quando tivera um plano, quando tivera um esconderijo para onde fugir, estivera calma e concentrada. Agora só conseguia pensar que Pândego estava morto e que alguma espécie de batalha estava a decorrer na casa. Em Floresta Mirrada. Na agradável e calma Floresta Mirrada. Onde o meu pai não estava. Teria alguma vez sido ali derramado sangue?

Depois, como se eu fosse sua irmã mais nova, Perseverança tomou a minha mão na dele. “Vem daí. O meu pai vai saber o que fazer.”

Não fiz notar que para alcançar os estábulos seria necessário fazer uma longa corrida, nem que eu tinha calçados sapatos baixos, adequados apenas aos corredores de Floresta Mirrada. Segui-o, deixando a porta da cozinha aberta atrás de nós, e saindo para a neve. Corremos pelo jardim a descoberto, pisando os rastos que deixáramos de volta à estufa, mas sem voltar a entrar nela. Em vez disso, segui em silêncio Perseverança enquanto ele avançava encostado à parede do solar. Deslocávamo-nos por trás dos arbustos, tentando não perturbar os montes de neve que se haviam acumulado nos seus ramos.

Ali fora ouvíamos coisas. Um homem estava a gritar com um sotaque que não reconheci, ordenando a alguém: “Senta-te, senta-te, não te mexas!” Sabia que Perseverança o ouvira e compreendia que me estava a levar para mais perto dessa voz. Parecia ser a pior coisa que podíamos fazer, mas mesmo assim segui-o.

Contornámos a extremidade daquela ala e parámos. Aí cresciam azevinhos numa sebe cerrada, com folhas verdes e espinhosas e bagas vermelhas a contrastar vivamente com a neve. A camada de folhas mortas sobre as quais nos agachámos picou-me através dos meus finos sapatos de trazer por casa. Encolhemo-nos como coelhos e fitámos a cena à nossa frente.

Ali se encontravam as pessoas de Floresta Mirrada, reunidas como um rebanho de ovelhas confusas no caminho aberto em frente da porta principal da casa. Estavam no caminho coberto de neve, vestidas com as roupas de dentro, abraçando-se a si mesmas e uns aos outros, a balir como ovelhas

assustadas. A maior parte era gente que eu conhecera toda a vida. A cozinheira Nozmoscada abraçava-se a Tavia e fitava os seus captores com uma expressão de desafio. Reconheci os menestréis pelos trajes garridos. Estavam agachados num grupo, olhando em volta, muito espantados. Cuidadosa abraçava-se, oscilando de trás para a frente com um ar infeliz. A aia de Esquiva estava lá ao lado dela, agarrando-se à parte da frente do vestido rasgado para o fechar. Estava descalça. Três homens corpulentos, a cavalo, olhavam para as pessoas que tinham reunido. Julguei ter visto um deles antes, mas não sabia bem onde. Dois não falavam de todo, mas todos os três tinham nas mãos espadas desembainhadas e ensanguentadas. Um continuava a gritar a toda a gente que se sentasse, que se sentasse. Só alguns lhe obedeciam. A um dos lados, dois corpos jaziam de borco, imóveis, com um líquido vermelho a derreter a neve à sua volta.

Um deles era FitzVigilante. Reconheci o casaco fino, reconheci aquelas calças de corte justo. Vira-as naquela mesma manhã e sabia que era ele, mas a minha mente não quis aceitá-lo.

“Não vejo o meu pai.” Perseverança mal suspirou as palavras. Eu confirmei com a cabeça. Agora reconhecia algumas pessoas dos estábulos, mas o pai dele não se contava entre essas pessoas. Perguntei a mim mesma se estaria morto ou escondido.

Uma mulher saiu de Floresta Mirrada e dirigiu-se para os cativos. Parecia tão comum, só uma mulher rechonchuda de meia-idade, vestida com roupa quente para a neve. Tinha botas de pele, uma capa grossa de lã, e um chapéu de pele enfiado até abaixo das orelhas. A cara redonda e os saltitantes caracóis castanhos faziam-na parecer quase alegre. Foi até junto do homem que estava a gritar às pessoas para se sentarem e olhou para ele. A sua voz chegou-nos claramente quando lhe perguntou qualquer coisa, mas foi numa língua que não reconheci. A negativa dele seria clara em qualquer língua.

Ela ergueu a voz e falou aos cativos. O sotaque era estranho, mas eu compreendi o que ela disse: “Um rapaz foi trazido recentemente para cá. Possivelmente nos últimos cinco anos, mas o mais provável é ter sido nos últimos meses. A pele dele é tão branca como a neve, e o cabelo também.

Entreguem-no e vamo-nos embora. Pode ser tão novo como uma criança ou um homem de meia-idade. Haveremos de o reconhecer quando o virmos. Ele não está aqui, mas têm de saber de quem estamos a falar.” Fez uma pausa, à espera de resposta, e depois acrescentou tranquilizadamente: “Ele não é um de vós; sempre nos pertenceu e só queremos levá-lo para casa. Nenhum mal lhe acontecerá e, se no-lo indicarem, nenhum mal vos acontecerá também.”

As palavras dela eram comedidas e calmas, quase gentis. Vi a gente da minha casa a trocar olhares. Tavia libertou-se do braço da cozinheira e ergueu a voz. “Não há aqui ninguém assim. O único recém-chegado foi o homem que mataram, o escriba. Todos os outros trabalham cá há anos ou então nasceram entre nós, na aldeia. Já viram os menestréis; são os únicos desconhecidos que aqui temos!” As palavras dela tombaram num soluço. Os menestréis, já aterrorizados, encostaram-se mais uns aos outros.

“Estás a mentir!”, acusou o homem que gritava. A cara dela franziu-se de medo e ergueu as mãos para tapar os ouvidos, como se aquelas palavras fossem, em si mesmas, uma ameaça.

O filho inesperado. Soube-o com uma súbita certeza. Aqueles eram os caçadores sobre os quais a mensageira pálida nos havia prevenido. Tinham-na seguido e, por algum motivo, julgavam que encontrariam o rapaz aqui. Talvez pensassem que o meu pai já o tinha encontrado e trazido para obter abrigo cá.

“Ela não está a mentir!”, gritou-lhe a cozinheira e mais alguns tiveram coragem suficiente para gritar: “É verdade!”, “Não está cá ninguém que não tenha nascido aqui!” e outras exclamações do mesmo género.

“Podes ficar aqui escondida sozinha?”, sussurrou-me Perseverança ao ouvido. “Tenho de ir aos estábulos à procura do meu pai. Se não estiver lá... pego num cavalo e vou procurar ajuda em Mirra.”

“Leva-me contigo,” supliquei.

“Não. Tenho de atravessar todo aquele espaço aberto para chegar aos estábulos. Se nos virem...” Abanou a cabeça. “Tens de ficar aqui, Abelha. Esconde-te.” Mordeu o lábio inferior e depois disse: “Se o meu pai... se não conseguir encontrá-lo, venho buscar-te. Vamos procurar ajuda juntos.”

Eu sabia que aquele era um plano tolo para ele. Se conseguisse chegar aos estábulos, devia simplesmente galopar como o vento até Mirra. Mas estava aterrorizada. Concordei com um aceno vigoroso. Ele obrigou-me a baixar-me mais. “Fica aqui,” silvou, como se eu pudesse esquecer-me de o fazer.

Foi até ao limite dos arbustos de azevinho e esperou. A mulher redonda parecia estar a discutir com o homem a cavalo. Apontou para os cadáveres com um ar zangado e gesticulou violentamente. Era claro que não gostava de como ele estava a conduzir as buscas. Ele gesticulava com a espada e gritava. Depois, o homem-nevoeiro saiu da casa. Reconheci-o da viagem à vila. Aí, fora uma luz reluzente na viela, que as pessoas evitavam. Hoje era uma bruma perlada com um homem rechonchudo no centro, branco como um fantasma. Virava a cabeça lentamente de um lado para o outro enquanto caminhava e ou os meus olhos me enganavam ou os seus eram da cor do nevoeiro. Um estranho arrepio percorreu-me e eu encolhi-me o mais que pude, puxando a minha consciência para dentro de mim. O meu pai ter-lhe-ia chamado erguer as muralhas. Senti-me cega mas, se esse era o preço a pagar pela invisibilidade, eu estava disposta a pagá-lo.

“Abelha?”, sussurrou Perseverança, mas eu abanei a cabeça e mantive a cara virada para a barriga. Não sei o que ele percebeu, mas de súbito pegou-me no pulso com uma mão que parecia gelo. “Vem comigo. Vem lá. Vamos embora. Juntos.”

Mas não me levou para os estábulos. Em vez disso esgueirámo-nos de volta para o lugar de onde tínhamos vindo, permanecendo atrás e por baixo dos arbustos que decoravam aquela ala de Floresta Mirrada. Não olhei para cima, limitei-me a seguir para onde ele me arrastou. “Aqui,” acabou ele por arquejar. “Fica mesmo aqui. Eu vou até aos estábulos. Se não conseguir encontrar o meu pai, trago os cavalos para aqui. Vou estar a deslocar-me rapidamente e tu vais ter de correr e saltar para o dorso de *Afetada*. Consegues fazer isso?”

Não sabia. “Sim,” menti.

“Fica aqui,” voltou ele a dizer-me e depois desapareceu.

Fiquei onde estava, atrás de rododendros cujas folhas verdes pendentes

estavam cobertas de gelo e neve. Passado muito tempo, ergui os olhos e olhei em volta. Nada se movia. Já não conseguia ouvir o grupo dos cativos, mas as vozes zangadas ainda me provocavam os limites da audição.

Pândego estava morto. O meu pai tinha desaparecido. Enigma não estava ali. FitzVigilante estava morto. A qualquer momento Perseverança podia morrer.

E, ao ter aquele pensamento, deixei de conseguir ficar imóvel. Tinha terror de ser morta, mas ainda mais terror de o meu único aliado poder ser morto e eu nunca chegar a saber. Quanto tempo ficaria ali sentada debaixo de um arbusto enquanto a vida dele se escoava, algures? Comecei a arquejar, tentando obter ar suficiente para manter o negrume afastado. Tinha frio e sede e estava só. Tentei pensar, tentei não fazer alguma coisa estúpida só porque queria fazer alguma coisa.

Tirei o manto sujo de dentro do justilho. Não o esquecera. Mas conhecia as suas limitações. Precisava de tempo para captar as cores e sombras. Não podia atirá-lo para cima dos ombros e correr, esperando não ser vista. Só que a neve era branca. Não seria uma camuflagem perfeita, pensei com os meus botões enquanto o estendia no chão coberto de neve ao lado dos arbustos. Eu seria mais como um coelho branco ou uma raposa branca; qualquer pessoa com meio olho seria capaz de ver o meu movimento, conseguiria ver os meus pés e os rastos que deixariam. Mas o manto fornecer-me-ia melhores hipóteses de alcançar os estábulos do que tivera antes.

As vozes zangadas vindas do outro lado da casa tornaram-se mais sonoras, com o homem ameaçador, a mulher descontente mas sem suplicar. Insistente, pensei de mim para mim. As coisas seriam como ela queria. Ouvi um grito, desta vez um grito de homem, e perguntei a mim mesma quem teria sido ferido ou morto. O grito foi seguido pelo choro de uma mulher. E mais choro. E, enquanto esses sons soavam, o manto jazia na neve e mudava da cor da escuridão dentro do meu justilho para a cor da neve à sombra e espezinhada. Nunca antes parara para pensar que na verdade nem toda a neve era branca. Agora via que era cinzenta e de um azul-claro e sujo e salpicada de caganitas de ave e bocadinhos de folhas

caídas.

Rastejei para baixo do manto, sem querer puxá-lo para baixo dos arbustos e correr o risco de ele tomar as cores das folhas e ramos. Fora feito para um adulto, portanto havia tecido com fartura para se enrolar à minha volta e envolver a cara. Apertei-o à cintura e ao queixo, deixando um pequeno espaço aberto para os olhos. Olhei a toda a volta e não vi ninguém daquele lado do solar. Corri do meu abrigo até ao aglomerado de arbustos de azevinho onde nos tínhamos abrigado antes, tendo o cuidado de não me aproximar demasiado deles. Imobilizei-me, a matutar sobre o terreno que se abria entre mim e os estábulos. Deveria atravessá-lo lentamente a gatinhar? Deveria fazer uma corrida rápida? Antes, a neve fora um manto liso sobre o relvado curto. Agora via claramente os rastos que significavam que Perseverança conseguira atravessá-lo. De súbito compreendi que ele esperara até os outros se distraírem, talvez pelo grito do homem. Não queria olhar para os cativos. A situação em que se encontravam assustava-me e dificultava-me o pensamento. Mas tinha de analisar as minhas hipóteses. A mulher continuava a chorar. Seria isso distração suficiente? Fiquei perfeitamente imóvel, movendo apenas os olhos para observar o grupo dos prisioneiros.

A mulher que chorava era Esquiva. Estava de cabeça descoberta e o vestido fora rasgado num ombro. Encontrava-se em pé à frente do homem a cavalo e uivava como uma carpideira. Sem palavras, sem soluços, só ganidos agudos. O homem-nevoeiro não estava muito longe dela, e a mulher rechonchuda parecia estar a tentar fazer-lhe perguntas. Não podia ajudá-la de nenhuma forma. Por mais que antipatizasse com Esquiva, tê-la-ia ajudado se pudesse, porque ela me pertencia da mesma forma que o gato preto ou os filhos dos criadores de gansos. Eram todos gente de Floresta Mirrada e, na ausência do meu pai e de Urtiga, eram gente minha. Gente minha, aglomerada e a choramingar de terror.

Um momento antes, eu fora uma criança a fugir do perigo. Algo mudou em mim. Eu ia alcançar os estábulos e, com Perseverança, cavalgaria em busca de auxílio. Precisava de chegar lá depressa, antes que ele se expusesse inutilmente cavalgando um cavalo de regresso ao solar e ao sítio

onde julgava que eu estava escondida. O medo que estivera a manietar-me derreteu e transformou-se numa ferocidade lupina. Agachei-me e, da vez seguinte que a mulher fez uma pergunta a Esquiva, desatei a correr, mantendo a cabeça baixa e seguindo o rasto de Perseverança, na esperança de deixar menos sinais da minha passagem.

Alcansei o canto do estábulo, contornei-o rapidamente e agachei-me, arquejante. E agora, e agora? Ir até à porta das traseiras, decidi, por onde os moços de estrebaria empurravam para o exterior os carrinhos de mão cheios de palha suja. Seria por aí que Perseverança sairia com os cavalos. Era a porta mais distante da casa.

O caminho que segui fez-me passar pelo pombal onde eram mantidas as nossas aves mensageiras. Onde tinham sido mantidas. Penas e cadáveres, com os pescoços torcidos e atirados ao chão dentro do pombal. Não havia tempo para ficar a fitar todas essas pequenas mortes. Estava a aperceber-me de que, fossem aquelas pessoas quem fossem, eram completamente implacáveis e aquele ataque fora planeado. Nenhuma ave levantara voo para informar que estávamos a ser atacados. Os invasores tinham-nas matado primeiro.

Quando cheguei às portas do estábulo, espreitei por elas. Fui confrontada com uma cena nauseante. Teriam os atacantes vindo primeiro até ali, como haviam feito com as aves? Cavalos moviam-se inquietos nas baias, pois o cheiro a sangue chegava até ao meu pobre nariz. Fiquei grata por não terem tratado de matar os cavalos. Possivelmente não tinham querido arriscar o ruído. Alguém estava estatelado na passagem entre as baias. Usava as cores de Floresta Mirrada. Era um dos nossos, caído de borco e sem se mexer. Um dos meus. Retesei a garganta contra um soluço. Não havia tempo para fazer luto. Para que alguém sobrevivesse, eu e Perseverança teríamos de cavalgar em busca de auxílio. Éramos a última esperança da minha gente. Não sabia bem quantas pessoas haveria na pequena aldeia de Mirra, mas existiriam lá aves mensageiras e alguém partiria a galope em busca da Patrulha Real.

Estava a arranjar coragem para passar pelo corpo quando ouvi um som e ergui o olhar para Perseverança, que vinha na minha direção. Estava

montado em pelo num baio resistente, mas tivera o cuidado de selar e arrear *Afetada* para mim. Lágrimas escorriam-lhe pela cara abaixo, mas o queixo era uma saliência dura e adulta na sua cara de rapaz. Susteve a respiração quando me viu e eu deixei apressadamente cair o grande capuz do manto, revelando a cara. “Sou eu!”, sussurrei.

A ira estalou nos seus olhos. “Eu disse-te para ficares onde estavas!”

Escorregou de cima do cavalo, tapou-lhe as narinas e fê-lo passar pelo corpo. Entregou-me as rédeas para que as segurasse e voltou para ir buscar *Afetada*, fazendo o mesmo para a fazer passar. Quando parou a meu lado, pôs-me um braço em volta da cintura e, sem cerimónia, atirou-me para cima do cavalo. Eu instalei-me atabalhoadamente, juntando o manto às mancheias e voltando a enfiá-lo na parte da frente do justilho. Não o queria a esvoaçar e a assustar *Afetada*. Já estava a temer uma cavalgada dura.

Ele não me confiou as rédeas de *Afetada*, conservando-as nas mãos enquanto montava o seu cavalo. Olhou para mim por sobre o ombro e falou em voz baixa. “Vamos partir a galope,” avisou. “É a nossa única hipótese. Cavalgamos a toda a velocidade e não paramos. Não paramos por nada. Compreendes-me?”

“Sim.”

“Se alguém se puser na nossa frente, eu atropelo-o. E tu ficas montada em *Afetada* e segues-me. Compreendes?”

“Sim.”

“E desta vez obedeces-me!”, acrescentou, ferozmente.

Não tive tempo para responder àquilo pois, com um súbito salto, pusemo-nos em movimento. Saímos pelas portas traseiras do estábulo e atravessámos o relvado aberto, mantendo o estábulo entre nós e a casa, dirigindo-nos a galope para o longo caminho sinuoso. A neve virgem acumulada sob as árvores sem folhas abrandou-nos, mas talvez tenha abafado um pouco os sons da nossa passagem. Não foi o suficiente. Ao sairmos da cobertura do estábulo para espaço aberto, ouvi um grito surpreendido. É estranho como um grito sem palavras pode na mesma ser numa língua estrangeira. Perseverança fez alguma coisa e os nossos cavalos aumentaram subitamente de velocidade, estendendo as patas e correndo

como eu nunca antes correria.

Prendi-me com tudo o que tinha, canelas, joelhos e coxas, agarrando com as mãos a parte dianteira da sela como se nunca antes tivesse montado a cavalo. Ouvi-me a guinchar e não consegui parar. Houve gritos vindos de trás de nós e ouvi qualquer coisa, como se uma abelha estival tivesse subitamente passado por mim a zumbir. Depois ouvi mais duas, e compreendi que um arqueiro estava a disparar contra nós. Encolhi-me até não ser mais que uma saliência sobre o dorso do meu cavalo e continuámos a cavalgar. O caminho curvava e senti um momento de alívio por os invasores do solar já não nos conseguirem ver. Continuámos a galopar.

Mas então Perseverança caiu. Tombou do cavalo, atingindo a estrada e rolando depois para dentro da neve profunda, e o cavalo continuou a galopar. Ainda se mantinha agarrado à rédea de *Afetada*, e a égua virou de repente e quase o espezinhou antes de escorregar até uma súbita paragem que me atirou com força para um lado. Um dos meus pés perdeu o estribo e fiquei ali, meio caída, antes de libertar o outro pé e saltar do cavalo para correr para Perseverança. Não havia nenhuma seta a projetar-se dele e pensei por um momento que se limitara a cair e que poderíamos seguir ambos em *Afetada*. Depois vi o sangue. A seta atravessara-o, rasgando-lhe o ombro direito. Sangue estava a ensopá-lo e tinha a cara branca. Rolou até ficar de costas no momento em que eu o alcançava e atirou-me a rédea de *Afetada*. “Levanta-te e monta!”, ordenou. “Foge! Traz ajuda!” Depois, todo ele tremeu e fechou os olhos.

Fiquei imóvel. Ouvi os cascos do seu cavalo em fuga e outros cascos. Eles vinham aí. Os invasores vinham aí. Iam apanhar-nos. Eu sabia que não conseguiria levantá-lo, muito menos fazê-lo subir para *Afetada*. *Esconde-o*. Ele ainda respirava. *Esconde-o e volta para o vires buscar*. Era o melhor que eu podia fazer.

Soltei o manto de borboleta e estendi-o por cima dele, enfiando-o por baixo do seu corpo. As cores estavam a adaptar-se, mas não depressa o suficiente. Pontapeei neve para cima dele e depois, quando os cascos dos perseguidores se tornaram mais altos, levei *Afetada* para o outro lado do caminho. Saltei para cima dela, içando-me à força para a sela enquanto ela

se sacudia e dançava, alarmada. Consegui sentar-me, encontrei os estribos e espetei-lhe os calcanhares com força. “Vai, vai, vai!”, guinchei.

E ela foi, saltando para um trote aterrorizado. Eu debrucei-me, agarrando-me bem, sem usar as rédeas de todo, esperando apenas que ela seguisse a estrada. “Por favor, por favor, por favor,” supliquei ao cavalo, ao mundo, a tudo o que podia existir. E depois vimo-nos a galopar, a galopar tão depressa que eu tive a certeza de que não era possível que eles nos apanhassem.

O vento frio mordeu-me e lágrimas escorreram-me pelos cantos dos olhos. A crina da égua chicoteou-me a cara. Eu só via a estrada aberta à minha frente. Ia escapar. Ia trazer ajuda, de alguma forma tudo ficaria bem...

Mas depois apareceram dois enormes cavalos de ambos os lados de mim. Encostaram-se a *Afetada* e um dos cavaleiros debruçou-se para baixo, pegou-lhe no cabrestante e puxou, fazendo-nos descrever um círculo apertado. Eu comecei a cair de cima dela e o outro cavaleiro agarrou-me pelas costas do justilho. Puxou-me de cima do cavalo com uma mão e deixou-me cair. Atingi o chão e rolei, quase me enfiando sob os cascos do cavalo dele, e alguém soltou um grito zangado enquanto luzes brancas disparavam a toda a minha volta.

Houve um momento em que não soube nada e depois vi-me pendurada, com a boca cheia de neve e a cabeça pendente, enquanto alguém me agarrava a frente do justilho. Julguei que ele me estava a sacudir e depois foi o mundo que se sacudiu à minha volta e depois tudo parou. Pestanejei e voltei a pestanejar e por fim consegui vê-lo, um grande barbudo zangado. Era velho, o cabelo estava entre o grisalho e o branco, e os olhos eram tão azuis como os de um ganso branco. Estava a rugir-me, gritos furiosos numa língua que eu não conhecia. De súbito parou e depois, com um forte sotaque, exigiu saber: “Onde está o outro? Onde foi?”

Descobri a língua e a esperteza para mentir. “Ele deixou-me!”, guinchei e não precisei de fingir aflição. Ergui uma mão trémula e aponte para onde o cavalo de Perseverança fugira. “Fugiu e abandonou-me!”

Depois ouvi uma voz de mulher. Estava a gritar protestos num só fôlego

enquanto corria pelo longo caminho na nossa direção. A alguma distância, atrás dela, o homem-nevoeiro aproximava-se. Caminhava depressa mas sem se apressar. Estavam a bastante distância. Ainda agarrado à minha camisa, o homem grisalho começou a voltar para trás, na direção dela, arrastando-me e trazendo o cavalo pela arreata, enquanto o outro homem nos seguia montado. O barbudo segurava com tanta força na frente do meu justilho que eu mal conseguia respirar. Passámos pelo local onde eu tinha escondido Perseverança. Só reconheci a zona pelas minhas pegadas na neve. Não olhei para o local. Ergui todas as minhas muralhas e nem sequer pensei nele, para evitar que os outros arranjassem alguma forma de ficar a saber da minha mentira. Eu era a única hipótese que ele tinha e a única ajuda que lhe podia dar era ignorá-lo. Debatí-me debilmente e tentei gritar, na esperança de manter a atenção do homem concentrada em mim.

Depois passámos por ele e continuámos a diminuir a distância entre nós e a mulher que se apressava. Ela gritou qualquer coisa por cima do ombro ao homem-nevoeiro. Ele apontou para mim e respondeu-lhe, num chilreio feliz. O homem que me arrastava gritou-lhe qualquer coisa e ela respondeu numa censura. Ele parou de repente e depois mudou a forma como me agarrava, passando a segurar-me pela parte de trás do colarinho do justilho. Ergueu-me no ar, e sacudiu-me na direção dela. Ela soltou um grito de horror e ele deixou-me cair e soltou uma gargalhada. Quando tentei escapulir-me, ele pôs-me um pé em cima e pressionou-me contra a neve. Disse-lhe qualquer coisa, algo de trocista e ameaçador. Os gritos dela transformaram-se em súplicas.

Tentei respirar. Era tudo o que conseguia fazer com o pé dele a fazer pressão sobre mim. Ela chegou junto a nós e as súplicas transformaram-se de súbito em ameaças. Ele voltou a rir e ergueu o pé. Ela ajoelhou na neve a meu lado.

“Oh, meu querido, meu amor!”, exclamou. “Aqui estás tu, finalmente. Pobrezinho! Como devias estar assustado. Mas já acabou tudo. Estás aqui. Agora estás em segurança e nós viemos para te levar para casa.” Ajudou-me a sentar. Olhou para mim com tanta bondade, com a cara redonda cheia de ansiedade e carinho. Cheirava a lilases. Tentei respirar, dizer alguma coisa,

mas em vez disso rebentei em lágrimas.

“Oh, meu pobre rapaz!”, exclamou ela. “Tem calma. Vais ficar bem. Agora estás em segurança connosco. Estás finalmente em segurança.”

O homem-nevoeiro aproximara-se. Apontou para mim e a alegria inundou-lhe a face. “Ali. Aquele!” A sua voz era aguda e arrapazada. “O filho inesperado. O meu irmão.” A sua felicidade por me encontrar cobriu-me, inundou-me e preencheu-me. Não consegui evitar o sorriso que desabrochou na minha cara. O sorriso veio até mim numa vaga de júbilo. Eles tinham-me vindo buscar, aqueles junto dos quais eu devia estar. Estavam aqui e eu ficaria em segurança, nunca mais solitária, nunca mais assustada. O sorriso tolo e descontraído dele e os braços muito abertos acolheram-me. E eu abri-lhe os braços, tão contente por ser finalmente acolhida.

EPÍLOGO

Uma criança é mordida por uma ratazana. O pai corre a reconfortá-la. Mas a mordida na mão fica séptica e a mão da criança tem de ser cortada para lhe preservar a vida. Nesse dia a vida da criança muda para sempre.

Ou uma criança é mordida por uma ratazana. O pai corre a reconfortá-la. A ferida sara bem, sem cicatriz, e tudo fica bem.

Mas não fica. A memória da mordida e da ratazana acompanhará o rapaz durante o resto da vida. Mesmo em adulto, o som de ratos a correr fá-lo-á despertar banhado em suor. Não consegue trabalhar em celeiros ou perto de armazéns de cereais. Quando o cão lhe traz uma ratazana morta, ele dá um salto para trás, aterrorizado.

É esse o poder da memória. É tão forte como a mais febril das infeções e permanece não só durante um período de doença, mas ao longo de todos os dias da vida de um homem. Tal como a tinta embebe as fibras, introduzindo-se nelas para alterar para sempre a sua cor, assim uma memória, seja mordente ou doce, altera a fibra do carácter de um homem.

Anos antes de eu saber que as recordações de um homem podiam ser introduzidas em pedra e despertar como um dragão, já tremia perante o seu poder e já me escondia delas. Oh, as memórias que renegava e escondia de mim próprio, pois estavam demasiado imbuídas de dor para nelas pensar, fosse em criança, fosse em homem. E as memórias que fiz sangrar de mim para dentro de um dragão, pensando ter-me libertado de um veneno que poderia enfraquecer-me. Caminhei pela vida durante anos, insensibilizado, inconsciente daquilo que tinha arrancado de mim. No dia em que o Bobo me devolveu essas memórias foi como o sangue a pulsar num membro adormecido, despertando-o, sim, mas trazendo consigo um formigueiro de dor e câibras debilitantes.

Memórias de alegria gravam-se tão profundamente no coração de um homem como as de dor ou de terror. E também elas embebem e

impregnam a sua consciência do mundo. E assim, as memórias do meu primeiro dia com Moli e da primeira noite que passámos juntos e do dia em que nos prometemos um ao outro deram sabor à minha vida e, nos meus dias mais escuros, forneceram-me uma luz que pudesse recordar. Em épocas de doença, mágoa ou humor sombrio, podia recordar como correra com o lobo pelo lusco-fusco coberto de neve sem nenhum pensamento além da caça que perseguíamos. Há memórias queridas da luz de um fogo e de brande e de um amigo que me conhecia, talvez, melhor do que qualquer outro poderia conhecer. São essas as memórias a partir das quais um homem constrói a fortaleza que lhe protege o coração. São as pedras de toque que lhe dizem que ele merece respeito e que a sua vida tem um significado que ultrapassa a mera existência. Eu ainda possuo todas essas memórias, as de dor, as de conforto e as de exultação. Ainda posso tocar-lhes, mesmo que estejam agora desbotadas como uma tapeçaria abandonada à luz forte e à poeira.

Mas há um dia que trarei comigo como se o núcleo do meu ser tivesse sido tatuado com agulhas aguçadas tanto de prazer como de dor. Há um dia que recordo com cores tão brilhantes e odores tão fortes que só tenho de fechar os olhos para voltar a estar lá. É um dia luminoso de inverno, um dia de céu azul e reluzente neve branca e de mar enrugado e cinzento atrás dos telhados e ruas da Cidade de Torre do Cervo. Esse dia será sempre o dia anterior à véspera do Festival de Inverno. Ouvirei sempre cumprimentos alegres e os chamamentos sedutores de vendedores ambulantes e latoeiros, e as gaivotas, lá no alto, a gritar, a gritar ao vento.

A brisa vivificante traz os odores de alimentos cozinhados e ainda quentes, tanto doces como saborosos, misturados com o iodo e a podridão da maré baixa. Percorro as ruas sozinho, comprando pequenos presentes para a filha que deixara em Floresta Mirrada e coisas necessárias para o meu amigo ferido, ervas para fazer os unguentos que Castro me ensinara e roupa limpa e um manto quente e sapatos para os seus pés aleijados e queimados pelo frio.

As gaivotas rodopiam e gritam, os mercadores imploram-me que compre, o vento sussurra sobre a mudança da maré e lá em baixo, na pequena baía, os navios rangem e puxam nervosamente pelos cabos. É um dia de primeira, um dia de lápis-lazúli engastado em prata.

É o dia em que a minha vida mudou para sempre. É o dia em que a minha filha foi roubada e chamas e fumo e os gritos dos cavalos subiram aos céus sobre Floresta Mirrada, sem serem ouvidos, sem serem vistos por mim. Nem a Manha nem o Talento me falaram de neve derretida e escarlate por lá, de mulheres com caras maltratadas e de homens com corpos trespassados. Nada me avisou, naquele dia brilhante, que a época mais negra da minha vida tinha começado.

DEDICATÓRIA

*Este é para os rapazes.
Para Soren, Felix e Blake.*

BIOGRAFIA



ROBIN HOBBS pseudónimo de Margaret Ogden, nasceu na Califórnia em 1952 e licenciou-se em Comunicação na Universidade de Denver, Colorado. É uma das autoras de fantasia mais aclamadas a nível internacional, tendo alcançado a notoriedade com as sagas Assassino e O Regresso do Assassino. É também autora de livros de fantasia contemporânea sob o pseudónimo Megan Lindholm. Após alguns anos a viver no Alasca, reside atualmente em Tacoma, Washington.

Mais informações em

WWW.SDE.PT

PUBLICIDADE

PODER E VINGANÇA

JON SKOVRON



IMPÉRIO DA TORMENTAS – LIVRO UM
Um procura Poder. O Outro Vingança.

Num império fraturado espalhado por mares selvagens, dois jovens de culturas diferentes encontram um objetivo em comum. Uma rapariga sem nome é a única sobrevivente quando a sua aldeia é massacrada por biomantes, servos místicos do imperador. Após receber o nome da sua aldeia devastada, Esperança Negra é treinada pelo mestre Vinchen como uma guerreira e instrumento de vingança.

Nas ruas da cidade de Nova Laven, um rapaz torna-se órfão e é adotado por uma das criminosas mais afamadas do submundo. Recebe o nome de Ruivo e é treinado como ladrão e vigarista. Quando um acordo é feito entre criminosos e os biomantes para governar as ruelas de Nova Laden, os mundos de Esperança e Ruivo acabam por chocar e eles são forçados a uma aliança inevitável...

Mais informações em

WWW.SDE.PT